

# O MARAVILHOSO MUNDO DE DARWIN

Iba Mendes

Edição Digital



# SUMÁRIO

A "Ida" dos que não foram.....	156
A "lista negra" de Darwin.....	80
A "luta" de Nietzsche e Darwin.....	315
A "mão invisível" de Darwin.....	134
A "Seleção Intencional" de Darwin.....	195
A "seleção natural" de Hitler.....	85
A "suavidade" explicativa da Teoria da Evolução.....	225
A causa profana de Darwin.....	56
A corrida dos fósseis.....	161
A crítica de Gould ao genecentrismo de Dawkins.....	310
A didática do racismo.....	55
A estupenda lógica de Darwin! .....	231
A EVOlatria do EGolucionismo.....	292
A evolução do "feio".....	155
A evolução segundo Futuyama.....	225
A fada protetora das mariposas de Manchester.....	286
A falsa beleza darwiniana.....	274
A grande façanha de Darwin.....	11
A ideologia do DNA ou A mão invisível de Darwin.....	262
A ideologia dos genes.....	275
A linguagem do darwinismo.....	143
A outra face de Darwin.....	30
A reação da igreja às idéias de Darwin.....	295
A Seleção Natural em seu devido contexto.....	241
A síndrome de Darwin.....	66
A síndrome do pavão.....	219
A sobrevivência de uma tautologia.....	221
A taxonomia racista de Henri V. Vallois.....	100
A teologia de Paley e a teleologia de Darwin.....	21
A Tirania do Q.I. .....	61
A vantagem evolutiva do “pé-de-cana” .....	278
Ainda sobre o afastamento de Marc Hauser.....	273
Algumas razões porque não sou darwinista.....	10
Alternativas ao mito gradualista.....	284
Altruísmo: uma pedra no sapato da galera de Darwin.....	269
Ao discípulo, com carinho.....	320
Ao vencedor, as batatas.....	125
Apartheid e darwinismo social.....	78
As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental.....	160
As fontes em que Darwin bebeu.....	44
As incertezas das evidências .....	222
As treze "profecias" de Darwin.....	16
Bárbaros, selvagens e incivilizados.....	64
Bertrand Russell: "o darwinismo aplicado à política" .....	132
Catequização a la Darwin .....	256
Charles Darwin e a "Grande Revolução Ateísta" .....	302
Charles Darwin e Adolf Hitler: confronto ideológico.....	205
Charles Darwin e Boris Casoy: confronto ideológico.....	115
Charles Darwin e Edir Macedo: confronto ideológico.....	103
Charles Darwin e Friederich Engels: confronto ideológico.....	117
Charles Darwin e o capitalismo inglês	128

Charles Darwin e os deficientes mentais.....	77
Charles Darwin e Paul Broca: confronto ideológico.....	119
Charles Darwin: abolicionista e racista.....	99
Chimpanzés e humanos: "de mãos dadas".....	188
Ciência: uma atividade humana, portanto.....	82
Coisas que Darwin não explica: o altruísmo.....	266
Coisas que Darwin não explica: a inteligência.....	267
Como se originou a "microevolução".....	145
Confissões do "VELHO" Darwin.....	39
Crer ou não crer: eis a questão! .....	305
Criacionismo: uma invenção darwinista? .....	290
Da galerinha de Darwin e dos seus êxtases darwinisíacos.....	204
Da galerinha de Darwin e dos seus novos êxtases darwinisíacos.....	205
Da galera de Darwin e de sua eterna ladainha.....	208
Darwin e "o pé no saco" .....	269
Darwin e a "superioridade européia".....	98
Darwin e a evolução dos órgãos sexuais.....	216
Darwin e o "darwinismo criador soviético".....	140
Darwin e os fueguinos.....	76
Darwin e os répteis voadores alados.....	173
Darwin e seu materialismo filosófico.....	229
Darwin e seus "designs" .....	26
Darwin e sua causa nada sagrada.....	91
Darwin e sua obsessão hereditária.....	27
Darwin estava errado.....	193
Darwin na mira de Nietzsche.....	317
Darwin no cinema.....	146
Darwin no divã de Freud.....	324
Darwin por ele mesmo.....	13
Darwin por ele mesmo: Seleção Natural.....	240
Darwin S.A. ....	22
Darwin, a Bíblia e o ateu.....	301
Darwin, dinheiro e fama.....	15
Darwin, Freud e Marx.....	339
Darwin: "o macaco em todos nós".....	180
Darwin: "o quinto elemento" .....	83
Darwin: de bem com os católicos? .....	293
Darwin: falso best-seller .....	43
Darwin: um exercício de interpretação.....	289
Darwinismo e tubos de ensaio.....	218
Darwinismo evangélico.....	121
Darwinismo: "enchendo linguiça".....	204
Darwinismo: entre fatos e boatos.....	245
Darwinismo: idéias perigosas.....	67
Darwinismo: um desvio na direção da seita.....	250
Darwinistas no país das maravilhas.....	288
Das mentiras que Haeckel contou... .....	321
Dawkins: Torquemada às avessas.....	304
Depressão e adaptação.....	278
Desarmaram a pobre Lucy! .....	166
Desnudando Darwin.....	36
Do "homo Habilis" ao "homo Sexualis" .....	271
Do darwinismo e da lógica do Dr. Pangloss.....	200

Dos primórdios do darwinismo em Portugal.....	153
Dos receios de Darwin.....	15
Dúvida sobre as dúvidas.....	172
É tudo um grande mistério! .....	226
Enfeitando o pavão, ou melhor, as vespas.....	279
Engels e a transformação do macaco em homem.....	337
Entre dentes e conveniências.....	175
Era uma vez, um Sacisaurus.....	158
Estórias darwinistas: "o outro lado do suicídio" .....	260
Evolução e "Progresso".....	122
Evolução e depressão.....	281
Evolução e imaginação.....	223
Evolução: "subindo para cima".....	127
Existe uma lei da evolução? .....	209
Fósseis virtuais.....	159
Hipnose darwinista.....	287
Hitler, um darwinista social.....	73
Homem de Piltdown: Relembrando a grande fraude.....	167
Homem e chimpanzé: desconstruindo o mito.....	187
Influência do darwinismo na América Latina.....	81
Karl Marx e Charles Darwin: além das barbas.....	335
Macacos a serviço de Darwin.....	185
Mais cedo do que se pensava.....	162
Mais uma da turminha "evo psy" .....	270
Marc Hauser é afastado de Harvard por má conduta.....	272
Medindo cabeças.....	59
Mendel e os "sanguessugas de Darwin" .....	330
Michael Ruse e o "canto da sereia de Darwin" .....	311
Monstros esperançosos.....	189
Moral darwinista: nova ciência ou velha ideologia? .....	264
Natura non facit saltum? .....	211
Nazismo, Darwinismo e Cristianismo.....	88
Neandertais, a novela continua.....	177
Neandertais, DNA e interesses.....	176
Nem Darwin nem Wallace... .....	229
Newton, Pasteur e Darwin.....	333
Nietzsche, o Anti-Darwin .....	311
Nietzsche contra Darwin.....	314
Nietzsche e Darwin: a "luta" continua.....	318
Nietzsche e sua navalha verbal contra Darwin.....	317
O "alvoroço" dos dentes.....	174
O "darwinismo espiritual" de Allan Kardec.....	322
O "dente de coelho" da evolução.....	162
O "neandertal" em cada um de nós.....	178
O conceito de "raça" em Charles Darwin.....	95
O darwincentrismo.....	255
O darwinismo como doutrina esotérica.....	285
O darwinismo como unanimidade acadêmica.....	248
O darwinismo e a origem da vida.....	216
O darwinismo e o "seu outro" .....	294
O darwinismo e seus Nostradamus.....	221
O darwinismo e sua "cortina de ferro" .....	144
O darwinismo e sua propaganda enganosa.....	252

O darwinismo e suas "Penélopes".....	157
O darwinismo medieval.....	256
O darwinismo no Brasil.....	139
O darwinismo social em Euclides da Cunha.....	332
O darwinista José Sarney.....	132
O dedo promíscuo do Neandertal.....	178
O enigma das espécies.....	201
O Espiritismo de Allan Kardec no seu contexto histórico.....	298
O fim da Evolução Humana.....	287
O grande "insight" de Darwin.....	18
O homem e sua origem confusa.....	165
O machismo sob a ótica da Seleção Sexual.....	280
O polegar do panda e a contradição do Gould.....	309
O primo Pongo.....	189
O problema da hereditariedade em Charles Darwin.....	215
O que é darwinismo.....	148
O Raio X e a Seleção Natural.....	243
O século XIX e a naturalização das diferenças.....	142
O transexual e a Seleção Sexual.....	279
O valor semântico da palavra "evolução" .....	217
O verdadeiro objetivo de Darwin... .....	18
O X-Club de Darwin.....	147
Os beatos de Darwin.....	251
Os falsos embriões de Haeckel.....	320
Os fósseis não falam... .....	163
Os grandes suplícios de Darwin.....	199
Ota Benga e a mácula do darwinismo social.....	54
Panacéia desvairada.....	257
Para entender o Gould... .....	309
Parecidos, "pero no mucho".....	259
Pela "emancipação" do Neandertal.....	180
Platão, Kant e... Trivers... ? .....	271
Por que a África? .....	52
Poupando o Popper mais uma vez.....	330
Poupe o Popper! .....	326
Pra não esquecer o Piltdown.....	170
Psicologia evolucionista: e agora? .....	273
Quando os "genes determinam".....	282
Quando tudo acaba em Darwin.....	254
Quem não tem cão, caça com bactéria.....	190
Questionar também é humano! .....	164
Richard Dawkins: uma estória e nada além.....	303
Richard Leakey e o "berço da humanidade".....	90
Seleção Natural como "Entidade Substitutiva".....	230
Seleção Natural como "peça de museu" .....	244
Seleção Natural como agente aperfeiçoador.....	235
Seleção Natural como sinônimo de "sobrevivência do mais apto".....	233
Seleção Natural, a grande aliada dos ingleses.....	130
Seleção Natural: a falsa "ceguinha".....	240
Seleção Natural: significado e significante.....	231
Sexo...para quê? .....	210
Sobre o lamarckismo de Charles Darwin.....	24
Sobre os "darwinistas de Deus" .....	293

Sobres "ismos" e outras coisas mais.....	131
Stephen Jay Gould e a Sociobiologia.....	308
Tarzan, Darwin e o macaco.....	184
Teoria da Ovulação.....	268
Teoria da sugestão.....	212
Teoria do favorecimento.....	220
Thomas Malthus: a grande inspiração de Darwin.....	331
Transformismo vs Fixismo.....	291
Um Darwin saído da forja.....	12
Uma ciência atrás da cortina de ferro.....	135
Uma questão de "lógica" .....	195
Universo aberto.....	329
Vide os experimentos de Miller.....	191
Wallace, Darwin e os fatos.....	10
Wikipédia como arma darwinista.....	249



Edição Digital Gratuita  
 Iba Mendes  
[www.ibamendes.com](http://www.ibamendes.com)  
 E-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## PREFÁCIO

No prefácio do livro “A Falácia Genética: A ideologia do DNA na imprensa”, Gildo Magalhães, professor de História da Ciência da Universidade de São Paulo, escreve: “*Um bom exemplo de ideologia científica dominante é o darwinismo, certamente a mais conhecida das teorias evolutivas da vida. Nascida no seio do liberalismo econômico e na linhagem do empirismo britânico, a teoria darwinista é hoje amplamente ensinada como um paradigma, após as adaptações advindas dos crescentes conhecimentos da genética. Uma das aplicações atuais mais notórias dela é a sociobiologia, que mais recentemente vem cumprindo o papel antes desempenhado pelo chamado darwinismo social.*”<sup>1</sup> Eis o objetivo deste livro: tratar o darwinismo, não como uma teoria científica, mas essencialmente como ideologia. Para isso, vali-me de uma série de artigos, críticas e citações, compilados de debates e publicações desde 2006, a maioria dos quais publicados em nosso blog Humor Darwinista <sup>2</sup>, todos abordando a temática evolutiva, em seus mais variados aspectos. São textos escritos num estilo simples e bem humorado, sem qualquer pretensão científica, porém, muito bem referenciados em cientistas e pensadores renomados, muitos dos quais oriundos do próprio darwinismo. Esperamos assim dar nossa ínfima contribuição a um debate desproporcional, no qual a unanimidade darwinista, o que envolve grande parte da mídia, tal qual nos antigos tempos do Flogístico, busca por todos os modos calar e desacreditar os que não se deixam guiar pela nomenclatura científica vigente, rotulando-os dos mais variados adjetivos, todos com conotações pejorativamente religiosas, ignorando que, como bem escreveu Rémy Chauvin, em “O Darwinismo ou o Fim do Mito”: “*não há apenas dois partidos, mas três: acreditar em Darwin, acreditar na criação sob a forma mais ingênua, ou o terceiro partido, o mais objetivo: confessar que se sabe demasiadamente pouco para se poder avançar uma conclusão, seja qual for... Esta última conclusão é a que tem a minha preferência, e não sou o único a aderir a ela.*”<sup>3</sup>

É isso!

Iba Mendes.  
São Paulo, 15 de fevereiro de 2013

# INTRODUÇÃO

O que seria da humanidade se não fosse Charles Darwin, a Seleção Natural e a Teoria da Evolução? Seríamos mais desafortunados e infelizes? Sofreríamos menos com a realidade da morte? Estaríamos menos propícios à angústia diante da dor e do sofrimento? Viveríamos de maneira mais digna neste mundo onde impera as contrariedades? Haveria menos preconceitos e mais consciência quanto aos direitos do homem?

O que seria da Natureza e dos animais sem a embriologia, a homologia, a deriva gênica e outros mecanismos darwinianos *ad infinitum*? Haveria menos degradação ao meio ambiente e maiores cuidados para com a preservação das espécies?

Não!

O darwinismo provavelmente deu seu estímulo à Biologia, todavia, o mundo só teria ganhado sem ele. Sem seus ideais de progresso, mui provavelmente não teríamos a eugenio de Galton, Spencer, Huxley, Paul Broca, Lombroso, do próprio Darwin, entre tantos outros destacados evolucionistas, os quais, ao seu tempo, exerceram grande influência nas sociedades e em suas instituições, das quais se inclui a ciência. A calamidade social advinda dos ideais racistas oriundos do conceito de evolução como progresso foi de uma monstruosidade tão grande que deveria causar repulsa a qualquer pessoa com o mínimo senso de humanidade.

"*Imaginem um mundo sem Darwin*", pondera Helena Cronin, em seu "A Formiga e o Pavão", naquele típico tom encomiástico, tão comum aos mais frenéticos admiradores do naturalista inglês. E prossegue: "*Imaginem um mundo onde Charles Darwin e Alfred Russel Wallace não tivessem transformado nosso conhecimento sobre os seres vivos. O que, daquilo que nos é compreensível hoje em dia, nos causaria perplexidade e mistério? O que passaríamos a ver como algo que exige uma urgente explicação?*" E ela mesma responde: "*A resposta é: praticamente tudo sobre os seres vivos—sobre todos os tipos de vida que têm povoado a terra durante toda a sua história (e, como iremos ver, provavelmente também sobre a vida fora da terra). Mas existem dois aspectos dos organismos que, mais do que quaisquer outros, intrigaram-nos e causaram perplexidade antes que Darwin e Wallace surgissem com sua elegante e triunfal solução nos anos de 1850.*"<sup>4</sup>

A partir do deslumbramento de Cronin, fiquei a imaginar então como seria um mundo sem Darwin. O que seria de nós, pobres mortais, sem o notável conhecimento advindo da prodigiosa mente desse extraordinário inglês? O que seria da Medicina sem a riqueza de informações extraída do seu "A Origem das Espécies"? O que seria das ciências biológicas sem a compreensão do maravilhoso mecanismo chamado Seleção Natural? O que seria da sociedade e dos sistemas que a regem se não fora a Teoria da Evolução? Nossa! Só em pensar causa-me um susto incontido. Sim, afinal...

Sem Darwin não teríamos vacinas que nos suscitam reação imunológica contra os microrganismos patogênicos...

Sem Darwin ficaríamos expostos às inúmeras bactérias, uma vez que não haveria antibióticos eficientes para combatê-las...

Sem Darwin não existiriam coquitéis contra AIDS, nem haveria qualquer estímulo para se continuar buscando a cura para esta terrível enfermidade...

Sem Darwin a humanidade há muito teria sido dissipada ou quase conduzida a uma situação de pleno caos epidemológico, em consequência de doenças contagiosas, como a H1N1...

Sem Darwin viveríamos como bárbaros e selvagens, num mundo sem moral e sem leis...

Sem Darwin os sistemas sociais penderiam para a anarquia total, já que cada pessoa exerceria sua própria justiça segundo seus próprios critérios...

Sem Darwin os fracos e oprimidos seriam física e mentalmente pisoteados pelos donos do poder; os marginalizados pela sociedade seriam lançados em campos de extermínios, a fim de não propagarem suas peçonhas morais à “raça superior e civilizada”...

Sem Darwin as espécies raras de animais já teriam sido totalmente extintas, e o anseio pela preservação da Natureza seria uma batalha inglória...

Sem Darwin os nossos conhecimentos sobre a mente e o comportamento humano seriam totalmente insuficientes para produzir qualquer efeito benéfico nos relacionamentos sociais...

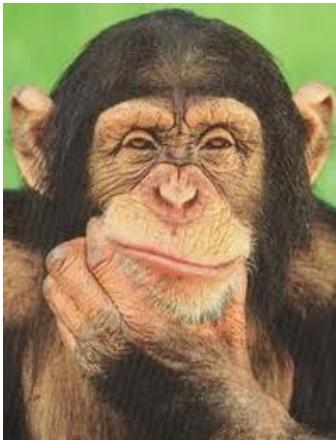
Sem Darwin a religião ainda continuaria como na Idade Média, onde as festas mais animadas envolviam queimas de corpos em praça pública com exaltados gritos de “morra herege”...

Sem Darwin não teríamos qualquer progresso nas ciências, nem usufruímos os maravilhosos benefícios oriundos dos diversos saberes que acompanham a humanidade...

Sem Darwin, enfim, não haveria gênios da música como Pavarotti e Luiz Gonzaga; a arte seria pobre e sem brilho; a literatura não produziria um João Guimarães Rosa ou um Mário Quintana; no cinema não veríamos algo como “E o Vento Levou” ou “Ben-Hur”...

Sem Darwin, meu Deus, o que seria de mim?

É isso!



## Algumas razões porque não sou darwinista...

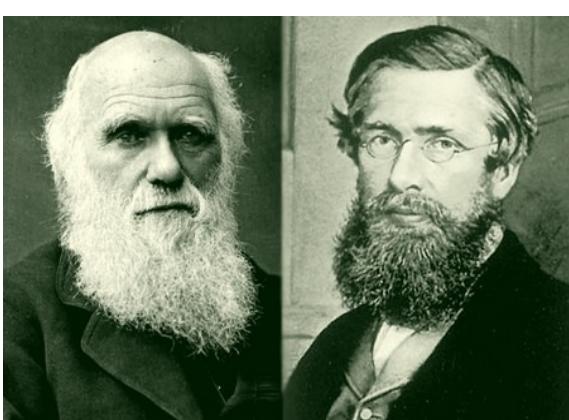
Para Richard Dawkins (e outros que trilham pela mesma vertente dogmática da Teoria da Evolução), ser darwinista não é uma questão de escolha, mas de lógica: “*É absolutamente seguro dizer que, se você encontrar alguém que afirme não acreditar na evolução, esta pessoa é ignorante, imbecil ou insana (ou maligna, mas eu prefiro não considerá-la assim)*”, afirmou ele numa dada entrevista. Para ele, portanto, “acreditar na evolução”, necessariamente implica em acreditar, por exemplo, que a Seleção Natural moldou os seres vivos ao longo do tempo, e que isso se deu conforme todos os dogmas inseridos na Teoria da Evolução. Em outras palavras significa acreditar na “evolução” nos moldes que foram concebidos pelo naturalista inglês Charles Darwin, há mais de 100 anos.

Desta forma, ainda que alguém veja como convincente a idéia de ascendência comum, isto é, que todos os organismos tiveram um mesmo ancestral (o Michael Behe, por exemplo), se tal pessoa não se converter à doutrina darwinista, ou seja, se não rastejar pelo “templo sagrado de Darwin”, ainda assim não escapará de um rótulo qualquer, em geral o de “religioso.” Teoria da Evolução para esses darwinistas está acima de qualquer suspeita e apenas um fundamentalista pode duvidar dela. Assim, a questão deixa o campo científico e passa a ser uma questão de fé. Em outras palavras, um dogma.

O paradoxo é simplesmente jibóico, uma vez que, ao mesmo tempo em que condenam os críticos de serem fundamentalistas religiosos, eles mesmos seguem à risca pelo mesmo atalho dos que criticam. Daí o caráter escancaradamente ideológico do darwinismo. Construíram suas próprias prisões epistemológicas e nelas permanecem presos como se fossem os grandes arautos da racionalidade e do saber. São os “iluminados” pelo brilho da falsa ciência.

Isso explica em partes porque me recuso a beijar os pés de Darwin e rolar pelos falsos tapetes dessa falsa ciência.

É isso!



## Wallace, Darwin e os fatos

*Papagaio come milho, periquito leva a fama!*

Por que, afinal, Alfred Russell Wallace ficou historicamente renegado ao segundo plano quanto à elaboração do famigerado conceito de Seleção Natural? Por quais motivos, afinal, Charles Darwin passou para a história como sendo o grande e original criador desta idéia?

Bem. Para quem acredita que “a propaganda é alma do negócio”, vá lá, não é tão complicado compreender as razões desta incoerência; e, para aqueles que, na onda do “Maria-vai-com-as-outras”, estão sempre propensos a concordar com tudo aquilo corrobora sua crença dogmática, vá lá, também não é tão difícil entender esta contradição; no entanto, para quem estar convencido de que “há algo podre no reino de Shropshire”, bom, neste caso é melhor ir um pouco mais além aos fatos...

Inicialmente, é bom que se diga que Wallace, ao contrário de Darwin, rejeitou a idéia de que a mente humana pudesse ter sido derivada de primatas. Para ele apenas a espiritualidade poderia explicar esse complexo fenômeno. Espiritualidade?

Opa! Então isto comprometeria à ideologia materialista emergente? Eis aí uma boa suspeita!

Em 1855, Wallace publicou um ensaio concernente à distribuição geográfica das espécies que remetia fortemente ao conceito de evolução. Darwin, temendo que sua “originalidade” fosse superada, apressou rapidamente a publicação de seu “A Origem das Espécies”, em 1858. E, com o amplo apoio de Lyell, Hooker e ideólogos positivistas e naturalistas “deixou à vida para entrar na história.”

É isso!



## A grande façanha de Darwin

O grande mérito de Darwin não foi o de ter descoberto a “evolução” (tal conceito já existia remotamente já os antigos gregos); também não foi o de ter trazido à tona o conceito de “seleção Natural” (em 1931 Patrick Matthew já havia publicado sua versão da seleção natural); nem muito menos foi o de ter legado ao mundo uma invenção ou descoberta que culminasse em melhoria na condição humana etc.

A grande façanha de Darwin foi ter oferecido à sociedade inglesa e, consequentemente, à Europa e o resto mundo, uma alternativa ao fixismo bíblico que imperava no âmbito acadêmico até então. Em seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual” o próprio naturalista confessa ter

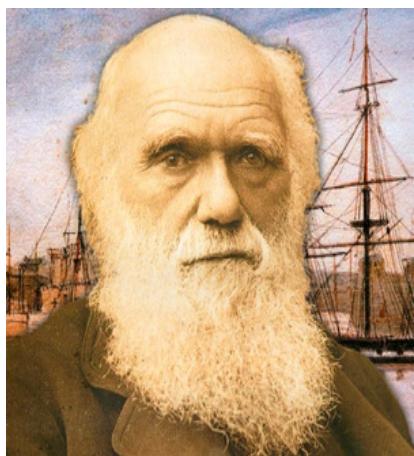
prestado um bom serviço ao “colocar por terra o dogma das criações separadas.” Escreveu ele: *“Alguns daqueles que admitem o princípio da evolução, mas rejeitam a seleção natural, ao tecerem críticas ao meu livro parecem esquecer que eu tinha pelo menos dois objetivos em mente. Com efeito, se me equivoquei ao atribuir à seleção natural uma excessiva importância, a qual hoje estou bem longe de admitir, ou se lhe exagerei o poder que em si mesmo é provável, pelo menos espero ter prestado um bom serviço, ajudando a pôr por terra o dogma das criações separadas.”*<sup>5</sup>

Sobre isso, comenta Bertrand Russel, em “A Perspectiva Científica”: “*Deixando de lado os detalhes científicos, podemos afirmar que a importância de Darwin reside no fato de ele ter levado os biólogos e, através deles, o público em geral, a abandonar a sua crença anterior na imutabilidade das espécies, e a aceitar o ponto de vista de que todas as diferentes espécies de animais se desenvolveram, por variação, a partir de um ancestral comum. Exatamente como qualquer outro inovador dos tempos modernos, Darwin teve de lutar contra a autoridade de Aristóteles. É preciso que se diga que a existência do estagirita constituiu uma das grandes infelicidades da humanidade. Atualmente, o ensino de Lógica em muitas universidades está cheio de incongruências, que são devidas ao sábio grego. Antes de Darwin, os biólogos acreditavam que um gato ideal, um cão ideal etc., tinham sido concebidos no céu, o que significaria que os nossos gatos e cachorros atuais deveriam ser considerados como cópias mais ou menos imperfeitas desses protótipos celestiais. Cada espécie correspondia a uma idéia diferente na mente divina, e, portanto, não poderia haver nenhuma transição de uma espécie a outra, porque cada espécie tinha resultado de um ato de criação separado...*

” (Companhia Editora Nacional, p. 38).

Embora não tenha sido ele o único a contestar a posição religiosa vigente, ao menos foi aquele que buscou aplicar integralmente o materialismo filosófico ao conceito de “evolução.” Em “Darwin e os Grandes Enigmas da Vida”, Gould trata a questão da seguinte forma: “As notas provam que Darwin se interessava por filosofia e que es-tava ciente de suas implicações. Sabia que a principal característica a distinguir sua teoria de todas as outras doutrinas evolucionistas era seu inflexível materialismo filosófico. Outros evolucionistas falavam em força vital, dirigismo histórico, luta orgânica, e na irreduzibilidade essencial da mente — uma armadura de conceitos que a cristandade tradicional podia aceitar como meio termo, já que permitia a um Deus cristão trabalhar pela evolução, e não pela criação. Darwin falava apenas em variação ao acaso e seleção natural. Nas notas, Darwin aplicou resolutamente seu materialismo à teoria da evolução de todos os fenômenos da vida, inclusive ao que ele próprio chamou de "a própria cidadela" — a mente humana...”<sup>7</sup>

É isso!



## Um Darwin saído da forja

Poucos vultos históricos foram tão maquiados como Charles Darwin!

A primeira e mais vigorosa tentativa em transformá-lo no modelo ideal de cientista partiu de Thomas Huxley, que num discurso chegou a compará-lo a Sócrates.

De lá para cá, muitos outros nomes se colocaram na linha de frente evolucionista, agindo como verdadeiros “cosmetólogos” do naturalista inglês. O neto de Thomas Huxley e irmão de Aldous Huxley, Sir Julian Huxley, por exemplo, foi outro que também se empenhou neste processo

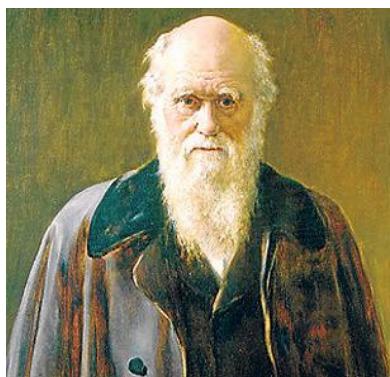
de “encantamento” de Charles Darwin. Sobre isso escreve Nélio Bizzo, em “Revendo alguns temas darwinianos: mitos e verdades no relato de Huxley e Kettlewell”: “Além da imagem da infalibilidade da ciência e do cientista, Huxley e Kettlewell apresentam a “imagem franciscana” de Darwin, alinhada com o perfil traçado desde Francis Darwin, seu filho, isto é, um cientista imune ao meio social, sem hipóteses de trabalho previamente estabelecidas, e com um único objetivo centrado em suas pesquisas no decorrer de toda sua existência”<sup>8</sup>. Um outro nome, e este atual, que da mesma forma assumiu o compromisso em elevar Darwin à posição de “semideus da ciência”, é Daniel Dennet, que escreveu: “se eu tivesse que conceder um prêmio para a melhor idéia única que alguém jamais teve, eu o ofereceria para Darwin na frente de Newton e Einstein e todos os demais.”

E, em todo esse *modus operandi* dos dissimuladores de Darwin, uma das estratégias mais comum diz respeito à tentativa de desvincular a pessoa do naturalista daquilo que ficou conhecido como darwinismo social. Um exemplo pertinente extrair do livro que citei logo acima (“Charles Darwin em um futuro não tão distante”, Instituto Sangari, 2009), que foi publicado como parte da comemoração do bicentenário do nascimento do autor de “A Origem das Espécies.” Especificamente em “Em um futuro não tão distante: Darwin e a ciência do comportamento”, de autoria de César Ades, do Instituto de Psicologia, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, foi omitido intencionalmente um trecho no qual Darwin prever abertamente que num futuro, a psicologia estaria muito mais bem fundamentada, e esta fundamentação, segundo o mesmo Darwin, viria do conhecimento advindo das idéias do darwinista social Herbert Spencer. O texto original de Darwin diz (tradução: André Campos Mesquita, Editora Escala): “No futuro, vejo um

*campo amplo para investigações bem mais interessantes. A psicologia se baseará seguramente sobre os alicerces, bem propostos já por Herbert Spencer, da necessária aquisição gradual de cada uma das faculdades e aptidões mentais. Projetar-se-á muita luz sobre a origem do homem e sobre sua história.”* César Ades, todavia, ao exaltar os conhecimentos do Darwin, ignorou a menção a Spencer, escrevendo: “Mas é no trecho, muito citado, do final de *A origem das espécies* que Darwin coloca de maneira clara e pela primeira vez a previsão do quanto sua teoria poderia influenciar a Psicologia: “num futuro distante, eu vejo campos abertos para pesquisas muito mais importantes. A Psicologia encontrará uma base segura no fundamento [...] da aquisição necessária de cada poder mental e de cada capacidade mental de forma gradativa. Muita luz será lançada sobre a origem do homem e sobre sua história” (Darwin, 1859/1996, p. 394). A frase indica que Darwin não concebia a mente como uma entidade à parte, independente dos princípios que regem a evolução e o desenvolvimento das funções do corpo. Intuía a possibilidade de um programa de pesquisa que forneceria “bases seguras” à Psicologia (ainda as buscamos, hoje). Jogou a realização desse programa num “futuro distante”: mas o tempo histórico é relativo, e eu brinco, no meu título, falando num “futuro não tão distante.”<sup>9</sup>

O [...] deixa claro a intenção do autor em fazer desligar Darwin dos ideais de evolução como progresso defendidos pelo evolucionista Herbert Spencer. Ou seja, o que Darwin tem de bom a gente mostra, o resto enfia-se debaixo do tapete da omissão, e pronto: “eis aí o Darwin que tanto almejamos.”

É isso!



## Darwin por ele mesmo

Acabei de ler uma seleta das cartas de Charles Darwin, do período que vai de 1825 a 1859, editadas por Frederick Burkhardt, prefaciadas por Stephen Jay Gould e publicada em Língua Portuguesa pela Editora Unesp<sup>10</sup>. Embora seja pura ilusão acreditar que essas missivas falem tudo com exatidão, o certo é que, o pouco que elas dizem ao menos nos faz vislumbrar em centelha de luz no maravilhoso mundo de Darwin. Por exemplo, no que se refere às razões que conduziram Darwin a destacar a Seleção Natural como máximo princípio das mudanças evolutivas.

Em carta à Wallace, de 6 de abril de 1859, escreveu ele: “Tendes razão {em presumir} que cheguei à conclusão de que a Seleção era o princípio da mudança a partir do estudo das populações domésticas; & depois, ao fazer a leitura de Malthus, vi imediatamente como aplicar esse princípio. – A Distribuição Geográfica & as relações Geológicas entre os habitantes extintos da América do S. Foram as primeiras a me conduzir a esse assunto. Especialmente o caso das Ilhas Galápagos.”

### Síntese:

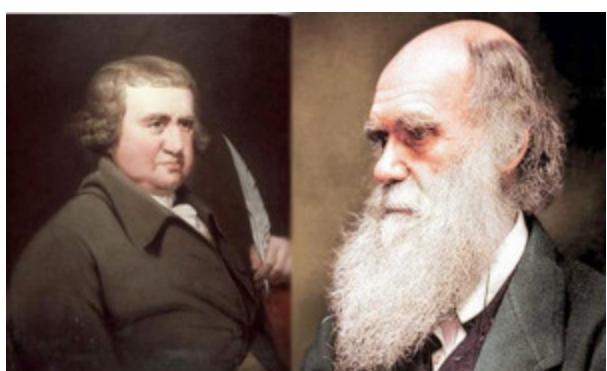
1. Seleção Natural como o primordial fator do “princípio da mudança”: “Estou plenamente convencido que as espécies não são imutáveis; estou convencido que as espécies que pertencem ao que chamamos o mesmo gênero derivam diretamente de qualquer outra espécie ordinariamente distinta, do mesmo modo que as variedades reconhecidas de uma espécie, seja qual for, derivam diretamente desta espécie; estou convencido, enfim, que a seleção natural tem desempenhado o principal papel na modificação das espécies.”
2. Mudanças observadas a partir do estudo das populações domésticas, ou seja, mediante a seleção artificial: “Fiz mesmo um grande número de experiências provando, de acordo

*com a opinião quase universal dos tratadores, que, nos animais e nas plantas, um cruzamento entre variedades diferentes ou entre indivíduos da mesma variedade, mas de uma outra casta, torna a posteridade que nasce mais vigorosa e mais fecunda; e que, por outra parte, as reproduções entre próximos parentes diminuem este vigor e esta fecundidade."*

3. Utilização do "Ensaio sobre o Princípio da População" de Malthus, de onde encontrou respaldo para aplicar na natureza o lema "sobrevivência do mais apto": *"A luta pela existência resulta inevitavelmente da rapidez com que todos os seres organizados tendem a multiplicar-se. Todo o indivíduo que, durante o termo natural da vida, produz muitos ovos ou muitas sementes, deve ser destruído em qualquer período da sua existência, ou durante uma estação qualquer, porque, de outro modo, dando-se o princípio do aumento geométrico, o número dos seus descendentes tornar-se-ia tão considerável, que nenhum país os poderia alimentar. Também, como nascem mais indivíduos que os que podem viver, deve existir, em cada caso, luta pela existência, quer com outro indivíduo da mesma espécie, quer com indivíduos de espécies diferentes, quer com as condições físicas da vida. É a doutrina de Malthus aplicada com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência. Posto que algumas espécies se multiplicam hoje mais ou menos rapidamente, não pode ser o mesmo para todas, porque a terra não as poderia comportar."*

4. Conclusões extrapoladas a partir de fenômenos observados nas ilhas Galápagos: *"Se bem que, nas ilhas oceânicas, as espécies sejam pouco numerosas, a proporção das espécies endêmicas, isto é, as que se não encontram noutra parte do Globo, é muitas vezes muito grande. Pode estabelecer-se a verdade desta asserção comparando, por exemplo, a relação entre a superfície dos terrenos e o número de conchas terrestres especiais à ilha da Madeira, ou o número das aves endêmicas do arquipélago Galápagos com o número das que habitam um continente qualquer. De resto, este fato podia ser teoricamente previsto, porque, como já temos explicado, espécies vindo de longe a longe para um distrito isolado e novo, e tendo de entrar em luta com novos concorrentes, devem estar grandemente sujeitas a modificar-se e devem muitas vezes produzir grupos de descendentes modificados."*

É isso!



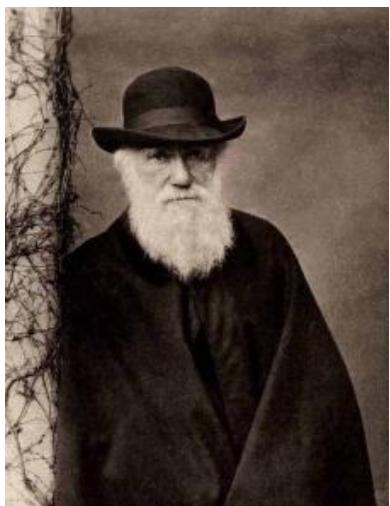
## Erasmus Darwin e sua influência sobre Darwin

Em seu interessante livro "De Arquimedes a Einstein", Pierre Thuillier aborda uma questão muito mal resolvida, no que diz respeito às fontes de Charles Darwin: teria ele sido influenciado de alguma maneira pelo seu avô Erasmus Darwin?

Segundo Thuillier, sim: *"Darwin explicou que não fora influenciado de modo significativo por Lamarck, e que nada devia também a seu avô, Erasmus Darwin, geralmente considerado como um dos "precursores" de Lamarck. Mas talvez essas declarações não devam ser tomadas ao pé da letra. Pois Darwin leu (e até apreciou) a Zoonomia escrita pelo avô, e decerto tirou proveito de algumas idéias ali desenvolvidas. Por exemplo, Erasmus Darwin escreveu: "A causa final da confrontação entre os machos parece ser esta: o animal mais forte e mais ativo deve*

*propagar a espécie, que desta maneira é melhorada." Embora a linguagem seja diferente, encontra-se uma ideia análoga em A origem das espécies. De fato, a objeção principal formulada por Darwin a respeito do avô era de ordem epistemológica: ele o censurava por basear suas vastas especulações evolucionistas em observações insuficientes."*<sup>11</sup>

É isso!

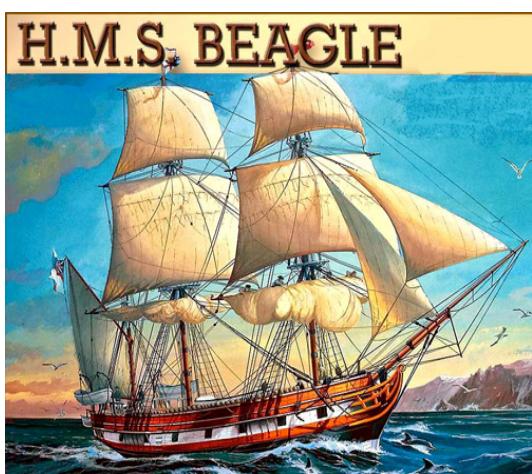


## Dos receios de Darwin

Segundo Stephen Jay Gould, em seu livro “Darwin e os Grandes Enigmas da Vida”: “Charles Darwin desenvolveu uma teoria radical sobre a evolução em 1838 e publicou-a vinte e um anos depois, somente porque A. R. Wallace estava prestes a passar-lhe na frente”<sup>12</sup>. Mas esta parece não ter sido a única ocasião em que Darwin sentiu receio em ser antecipado por alguém. Em uma de suas cartas<sup>13</sup> a Henslow, ele também demonstrou preocupação pelo fato de haver um “concorrente” (Alcide Charles Victor Dessalines d’Orbigny) enviado pelo governo francês ao Rio Negro. Escreveu: “Tenho mais um resmungo a fazer: por infelicidade, o governo francês mandou um de seus Colecionadores ao Rio Negro –

*onde ele esteve trabalhando nos últimos seis meses... Muito egoisticamente, portanto, temo que ele consiga a nata de todas as coisas boas antes de mim...*” Já do Chile escreveu ao mesmo Henslow: “Durante esse período, eu havia esperado fazer uma boa coleta de insetos... mas foi impossível. Não chego a lamentar tanto, porque o Chile tem um enxame considerável de Colecionadores; há mais Naturalistas no país do que Carpinteiros ou sapateiros...”<sup>13</sup>

É isso!

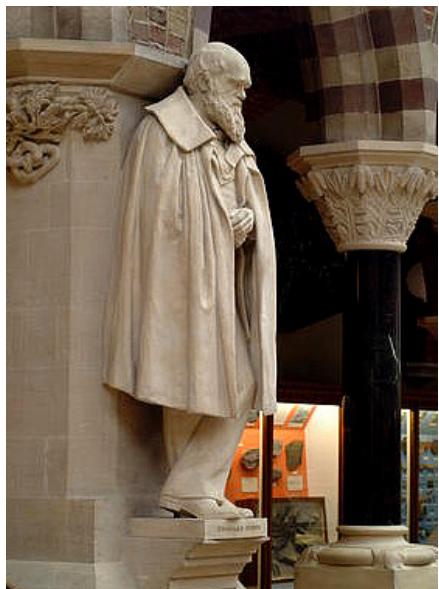


## Darwin, dinheiro e fama

Não resta a menor dúvida de que a posição sócio-econômica de Charles Darwin foi um fator preponderante para a elevação de seu prestígio entre a elite acadêmica de seu tempo. Sem a grana e seu status social ele não teria a mínima condição de realizar a viagem no Beagle da forma com o fez. Em uma de suas cartas a Henslow, por exemplo, datada de novembro de 1834, escreveu de Valparaíso: “Acabo de ter uma pista de uns ossos fossilizados de um Mamute! – o que eles podem ser, não sei, mas, se o ouro ou galopes puderem consegui-los, eles serão meus.” O dinheiro também fora de grande relevância na publicação da suas obras. Naquele dado momento não era qualquer pessoa que tinha cacife para bancar a publicação de livros. Para Darwin, no entanto, isso não foi nenhum problema. Como bem escreveu Nélio Bizzo: “Darwin não entendia nada de herança biológica, mas no outro

*tipo de herança era ‘expert’. Tinha recebido verdadeira fortuna do pai (cerca de 250 mil dólares). Mesmo sem nunca ter trabalhado, conseguiu ampliá-la... A teoria darwinista baseia-se fundamentalmente na suposição de que os organismos evoluem porque se adaptam às condições do ambiente. Pode haver visão mais cômoda para um jovem burguês almofadinha, interessado em manter a disciplina de seus empregados?”<sup>14</sup>*

É isso!



## As treze "profecias" de Darwin

Ao chegar à leitura da parte final do famoso livro “A Origem das Espécies”<sup>15</sup> (tradução: André Campos Mesquita), chamou-me a atenção o grande otimismo de Darwin em relação ao futuro de sua teoria. Tive a impressão de está lendo os prognósticos de algum profeta barbudo do tipo Nostradamus ou os vaticínios de um antigo oráculo grego. Ele até chega a usar a expressão “olhar profético” quando tenta antever o triunfo da teoria evolutiva: “Podemos propor um olhar profético para o futuro, até o ponto de predizer que as espécies comuns e muito difundidas, que pertencem aos grupos maiores e predominantes, serão as que finalmente prevalecerão e procriarão espécies novas e predominantes” (p. 151, Tomo III).

Eu, como descrente de Darwin, selecionei, a seguir, 13 dessas “profecias” darwinianas, para as quais tecerei breves comentários. Ei-las:

1. “Os outros ramos mais gerais da História Natural aumentarão muito em interesse. Os termos afinidade, parentesco, comunidade de tipo, paternidade, morfologia, caracteres de adaptação órgãos rudimentares e atrofiados, etc., empregados pelos naturalistas, cessarão de ser metafóricos e terão o sentido direto.” Aqui Darwin errou principalmente em “caracteres de adaptação” e “órgãos rudimentares e atrofiados.” É bem verdade que os póstumos discípulos de Darwin levaram o adaptacionismo às suas últimas consequências; porém, finda toda a especulação o adaptacionismo revelou-se digno apenas de uma bula do Dr. Pangloss, em outras palavras: puro exagero e imaginação. No que concerne aos tais “órgãos rudimentares”, embora os devotos atuais de Darwin ainda se agarrem neles como “prova da evolução”, sabe-se que muitos desses órgãos nada tem de rudimentar, em vez disso, já revelaram suas devidas funções.
2. “Abrir-se-á um campo de investigação, grande e quase não pisado, sobre as causas e leis da variação e correlação, os efeitos do uso e do desuso, a ação direta das condições externas, e assim sucessivamente.” Não se pode negar que após Darwin as pesquisas científicas proliferaram em várias áreas da ciência, como a Genética, por exemplo. Todavia, as descobertas de Mendel teriam o mesmo sucesso caso Darwin tivesse levado adiante o projeto de seu pai em torná-lo pastor. Não foi a Genética que se apropriou de Darwin, mas “Darwin” (entenda-se os neodarwinistas) que a tomou de assalto, tirando os louros de quem verdadeiramente os mereciam. Nesta “profecia”, Darwin falhou drasticamente também na questão do “uso e desuso.” Se há alguém que ultimamente tem sido lembrado neste âmbito, este não é Darwin, mas sim Lamarck.
3. “O estudo das produções domésticas aumentará imensamente de valor.” Estas “produções” não nasceram com Darwin, nem se aperfeiçoaram por meio das informações

advindas de sua teoria. Em vez disso, cresceu como uma consequencia natural do acúmulo do conhecimento através dos anos.

4. “*Uma nova variedade formada pelo homem será um objeto de estudo mais importante e interessante do que uma espécie mais adicionada à infinidade de espécies já registradas.*” Mesmo porque ainda não se conhece uma nova espécie que se formou aos moldes de Darwin, ou seja, gradualmente através do acúmulo de mutações e com a impecável atuação da sua Seleção Natural.

5. “*Nossas classificações chegarão a ser genealógicas até onde possam fazer-se deste modo e então expressarão verdadeiramente o que se pode chamar o plano de criação.*” A famosa “árvore genealógica” de Darwin há um bom tempo tombou ante sua total incapacidade de se ramificar para cima.

6. “*As regras da classificação, indubitavelmente, se simplificarão quando tenhamos em vista um fim definido. Não possuímos nem genealogias nem escudos de armas, e temos de descobrir e seguir as numerosas linhas genealógicas divergentes.*” O que há de comum entre uma sardinha, uma pirambóia e uma arraia, para serem considerados peixes? E o que dizer das genealogias baseadas em fósseis? Algumas perguntas.

7. “*Os órgãos rudimentares falarão infalivelmente sobre a natureza de conformações perdidas há muito tempo; espécies e grupos de espécies chamadas berrantes e que podem elegantemente chamar-se fósseis vivos, nos ajudarão a formar uma representação das antigas formas orgânicas.*” Aqui o equívoco de Darwin, usando um neologismo que criei, é simplesmente “jibóico.” Os famigerados “órgãos rudimentares” dizem muito pouco e os tais “fósseis vivos” falam muito menos ainda. Que os digam os celacantos.

8. “*A embriologia nos revelará muitas vezes a conformação, em algum grau obscurecido, dos protótipos de cada uma das grandes classes.*” Uma das maiores fraudes pós-Darwin veio exatamente desse âmbito da Biologia, por mãos e obra de um dos maiores discípulos do naturalista inglês, o alemão Ernst Haeckel.

9. “*No futuro, vejo um campo amplo para investigações bem mais interessantes.*” Mais óbvio do que isso, só o óbvio multiplicado por 666. Ora, no futuro sempre haverá um campo mais amplo para quaisquer ramos de pesquisas. Como diria Simão: “o óbvio Lulante.”

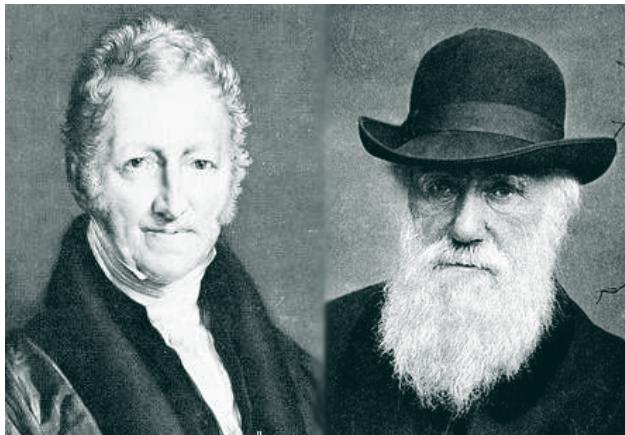
10. “*A psicologia se baseará seguramente sobre os alicerces, bem propostos já por Herbert Spencer, da necessária aquisição gradual de cada uma das faculdades e aptidões mentais.*” Há muito que Spencer fora jogado para a lata de lixo da ciência. Embora a chamada Psicologia Evolutiva busque dar cumprimento a esta “profecia” de Darwin, é notório que seu alicerce está fincado em histórias inverivícáveis e não suscetíveis de experimentações, as quais ainda dependem de hipóteses sobre a função de certos comportamentos há milhões de anos.

11. “*Projetar-se-á muita luz sobre a origem do homem e sobre sua história.*” Aconteceu exatamente o oposto. Nunca houve tantas incertezas sobre a origem do homem como em nossos dias. Para cada “elo” encontrado surge mais uma dúvida no imenso “rosário evolutivo.”

12. “...*as espécies comuns e muito difundidas, que pertencem aos grupos maiores e predominantes, serão as que finalmente prevalecerão e procriarão espécies novas e predominantes.*” Aqui Darwin parece ter depositado toda sua confiança no tautológico lema “sobrevivência do mais apto”, que se mostrou tão útil quanto água em pó: para dissolvê-la acrescente água.

13. “*E como a seleção natural atua somente mediante o bem e para o bem de cada ser, todos os dons intelectuais e corporais tenderão a progredir para a perfeição.*” Com esta “profetada” Darwin deu por encerrada sua carreira de vaticinador, revelando o verdadeiro caráter “progressista” (no sentido “evolução como progresso”) de suas idéias.

É isso!

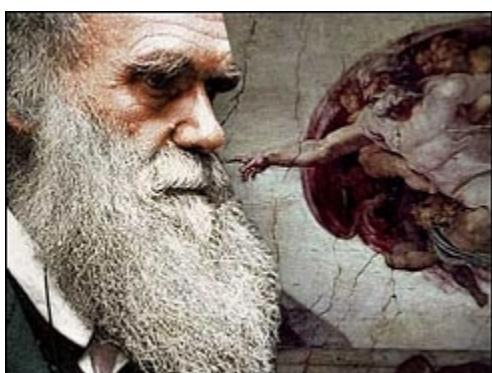


## O grande "insight" de Darwin

Para quem não sabe, a grande “iluminação” ou o grande “estalo” de Darwin para elaboração de sua teoria não veio propriamente do seio da ciência natural. Em vez disso, surgiu da leitura do livro do economista inglês Thomas Malthus, intitulado “Essay on Population de Malthus”, que versava sobre populações. Stephen Jay Gould discorre um pouco sobre isso, em sua obra “Darwin e os Grandes Enigmas da Vida”: “Já então convencido de que a evolução ocorreria, Darwin procurou uma teoria que explicasse seu mecanismo. Depois de muitas especulações preliminares e de algumas hipóteses malsucedidas, teve um insight enquanto lia, por distração, um trabalho aparentemente não relacionado com o assunto. Em sua auto-biografia, Darwin escreveu: “Em outubro de 1838... estava lendo, para me distrair, o *Essay on Population* de Malthus e, estando já bem preparado para compreender a luta pela existência travada em toda parte através de uma observação contínua dos hábitos de animais e plantas, ocorreu-me de súbito que, sob tais circunstâncias, as variações favoráveis tenderiam a ser preservadas, enquanto as desfavoráveis seriam destruídas. O resultado disso seria a formação de novas espécies. [...] Há muito Darwin já tinha percebido a importância da seleção artificial praticada por criadores. Mas só depois que a visão de luta e superpopulação de Malthus catalisou seus pensamentos é que pôde identificar um agente para a seleção natural. Se todas as criaturas produziram mais descendência do que aquela capaz de sobreviver, então a seleção natural teria dirigido a evolução sob o simples pressuposto de que os sobreviventes, em média, estão melhor adaptados às condições de vida dominantes.”<sup>16</sup>

Vida”: “Já então convencido de que a evolução ocorreria, Darwin procurou uma teoria que explicasse seu mecanismo. Depois de muitas especulações preliminares e de algumas hipóteses malsucedidas, teve um insight enquanto lia, por distração, um trabalho aparentemente não relacionado com o assunto. Em sua auto-biografia, Darwin escreveu: “Em outubro de 1838... estava lendo, para me distrair, o *Essay on Population* de Malthus e, estando já bem preparado para compreender a luta pela existência travada em toda parte através de uma observação contínua dos hábitos de animais e plantas, ocorreu-me de súbito que, sob tais circunstâncias, as variações favoráveis tenderiam a ser preservadas, enquanto as desfavoráveis seriam destruídas. O resultado disso seria a formação de novas espécies. [...] Há muito Darwin já tinha percebido a importância da seleção artificial praticada por criadores. Mas só depois que a visão de luta e superpopulação de Malthus catalisou seus pensamentos é que pôde identificar um agente para a seleção natural. Se todas as criaturas produziram mais descendência do que aquela capaz de sobreviver, então a seleção natural teria dirigido a evolução sob o simples pressuposto de que os sobreviventes, em média, estão melhor adaptados às condições de vida dominantes.”<sup>16</sup>

É isso!



## O verdadeiro objetivo de Darwin...

A fragilidade argumentativa da religião na explicação dos eventos naturais foi, sem sombra de dúvida, uma das razões pela qual o Darwinismo prosperou, encontrando solo fértil entre os intelectuais da época. Vários cientistas tentaram, antes de Darwin, derrubar a supremacia religiosa no que dizia respeito ao entendimento sobre a origem da vida e o desenvolvimento dos seres vivos. Todavia, foi a partir de Darwin, especialmente do seu livro “A Origem das Espécies”, de 1859, que a balança passou a ser favorável aos opositores da religião. Na essência dos objetivos de Charles Darwin, estava o combate ao fixismo bíblico, o que ele faz transparecer em toda sua obra. Sobre isso, escreveu Pierre Thuillier: “Darwin repetiu muitas vezes: seu objetivo era demolir a teoria das “criações especiais”, segundo a qual as diversas espécies haviam sido criadas separadamente. Nos nossos dias, por motivos evidentes, os criacionistas têm uma péssima reputação. Mas, na época de Darwin, sua teoria não era uma divagação reservada a marginais ignorantes; numerosos cientistas (e mesmo naturalistas

eminentes como Richard Owen e Louis Agassiz) a encaravam com toda a seriedade. O fato não é tão absurdo como se pode pensar. Pois a crença nas criações separadas não excluía a ideia de uma sucessão de formas vivas segundo séries progressivas." [...] "Assim, a tarefa de Darwin consistia essencialmente em descobrir que mecanismos permitiriam a uma espécie engendrar outra. Somente sob essa condição seria possível acabar com as ilusões dos criacionistas." <sup>17</sup>

É isso!



## O mito da originalidade de Darwin

Impressiona o fato de boa parcela dos devotos de Charles Darwin ignorar os eventos que antecederam à divulgação das teorias deste naturalista. Muitos, por puro deslumbramento, vêem Darwin como o ícone exclusivo da “evolução.” Esquecem-se ou mais acertadamente desconhecem o fato de que o conceito de “evolução”, ou seja, mudanças no decorrer do tempo, não nasceu com o “A Origem

das Espécies.” Em vez disso, porém, refere-se a um fenômeno cultivado inclusive na antiga Grécia.

Muitos estudiosos apontam os gregos Empédocles (que viveu de 490 a 430 a.C.) e Heráclito (que morreu por volta de 480 a.C.) como aqueles que primeiro conceberam a idéia de evolução. Esta questão foi muito bem abordada por José Osvaldo de Meira Penna, em seu interessantíssimo livro “Polemos: uma análise crítica do darwinismo”, publicado pela conceituada editora Universidade de Brasília: <sup>18</sup>

*“A mitologia grega – podemos inicialmente assinalar – registra personagens e episódios que sugerem uma vaga intuição do fenômeno da evolução. Insinuam, pelo menos, a idéia de uma certa comunidade de origem do homem com toda a vida do planeta. Se é verdade que a concepção do mundo helênica comportava, essencialmente, uma crença na degenerescência ou queda da perfeição original, crença implícita no mito da Idade de Ouro, algumas lendas merecem atenção no sentido de induzirem a possibilidade de progresso na espécie humana, ou de um salto do animal para o homem”... “Seres meio-animais, meio-homens, existiam em abundância na mitologia grega: os centauros, as amazonas, as sereias, os sátiros, a Esfinge que procede do Egito, o Minotauro que recorda a civilização de Creta, etc.”*

[...]

*“Na recorrência cíclica das idades que Empédocles parece conceber, de acordo aliás com a crença geralmente dominante em sua época, encontramo-nos, nós homens incompletos, num período de desordem e decadência. Uma conjuntura provocada por neikos. Na fase lamentável do presente é que ocorre a seleção entre os seres monstruosos e os seres adequadamente adaptados. Empédocles chegou a uma espécie de teoria da evolução pelo exercício da experiência e do erro. Infelizmente, nas lutas que também afetaram os documentos históricos e as obras dos grandes gênios da Antiguidade, não sobreviveram em número suficiente fragmentos que nos oferecessem uma descrição pormenorizada do processo por ele sugerido. Eis por que não é de admirar haja sido nosso charlatão-cientista-filósofo-poeta-místico descrito como um precursor da teoria evolucionista de seleção natural.”*

[...]

"No mundo dos opositos regido pelas Parcas, a luta pela vida é responsável pelo desabamento do reino primordial do amor. Como que se descrevendo a si próprio nessa trágica condição, é Empédocles "um fugitivo dos deuses e um peregrino, confiante nessa luta frenética, condenado pelo oráculo da necessidade (anankê) a viver entre bichos que nascem como leões, de atalaia em suas cavernas rochosas." A teologia poética de um discípulo dos pitagóricos concebe urna espécie de carma. Na roda das transmigrações, a alma, fugitiva e aventurosa, encarnou-se "num menino e numa menina, num arbusto e num pássaro e num estúpido peixe do mar" — mas chegará, eventualmente, a ser "um profeta, um bardo, um doutor e um príncipe". Esse trecho é interessante porque sugere o sentido evolutivo da crença pitagórica na metempsicose, sentido também aparente na doutrina hindu e budista, tão essencial ao pensamento oriental. Em Empédocles, as almas evoluem dessas formas vegetais e animais primitivas para as formas humanas superiores, até finalmente se transformarem em seres imortais que compartilham o alimento dos deuses. A visão mística descreve um esforço para fora, no sentido de transcender o real, sublimar-se. Plus ultra!"

[...]

"Na filosofia dialética, da qual foi Heráclito fundador, o fragmento merecidamente mais famoso é o que nos foi transmitido por Hipólito: "Polemos panton men pater ésti, panron de basileus" — "A guerra (polemos) é o pai e rei de todas as coisas; e alguns revela como deuses e outros como homens; e de alguns faz escravos e de outros homens livres". Na verdade, acentuava o filósofo de Éfeso que a vida é um fogo eterno, pyr aeí son — um confronto polêmico de opositos em permanente tensão criadora. O fogo é um símbolo do logos, e o logos o princípio racional para a compreensão do concatenamento de todos os acontecimentos. Heráclito disso deduzia "ser necessário saber que normal é a guerra, a luta é justa, e todas as coisas correm pela luta e a necessidade". A metáfora da guerra e da contenda servem-lhe para enfatizar a importância da mudança e da evolução de todas as coisas nesse mundo."

Mesmo quando saltamos para a evolução mais nos seus moldes atuais, especificamente no período em que viveu Charles Darwin, é unanimidade o fato de que a idéia de evolução não fora exclusividade deste naturalista inglês. Na verdade, o que ele elaborou de novo foi apenas o conceito de "seleção natural", e nem isso fora exclusividade sua, já que se sabe que o Wallace o havia antecedido. Sobre este aspecto, ironiza Tony Rothman, em seu livro "Tudo é Relativo": "Até mesmo algumas crianças de séries escolares elementares sabem que o lento Charles Darwin foi pressionado a completar sua Origem das Espécies ao receber um ensaio escrito pelo naturalista Alfred Russell Wallace, contendo "uma teoria exatamente igual à minha". A julgar por capas de livros recentes, nas quais lemos que a teoria revolucionária pegou de surpresa um público insuspeito em 1859, o fato de que Charles devia muitas de suas idéias a seu próprio avô, Erasmus — que nunca recebeu crédito por elas —, é menos conhecido."<sup>19</sup>

Sobre esta "injustiça" cometida contra seu avô, destaca este mesmo autor: "Provavelmente, apenas os psicólogos poderiam explicar por que Charles Darwin, nascido em 1809, mostrou-se tão relutante em reconhecer as idéias de seu próprio avô".

Hal Hellman, por sua vez, em "Grandes Debates da Ciência", afirma com a mesma convicção: "Darwin, deve-se notar, não foi o primeiro a apresentar uma teoria da evolução. A idéia de que espécies não são inalteráveis, mas podem mudar e adaptar-se ao longo do tempo tinha sido proposta um sem-número de vezes. O próprio avô de Darwin, Erasmus Darwin, já havia defendido a idéia, assim como tinha feito Lamarck (que acreditava que as mudanças causadas pela exposição a influências ambientais poderiam ser transmitidas aos descendentes.)"<sup>20</sup>

Todavia, faz-se mister realçar que, mesmo as idéias atribuídas ao próprio Darwin, ainda estas não foram assim, digamos, tão "originais" como é comum pensar-se. Uma rápida lida em seu já destacado livro, é suficiente para notar que ele fez uma verdadeira

miscelânea de conceitos bastante em voga na época, como aqueles defendidos por Thomas Malthus, Francis Galton, Herbert Spencer, entre muitos outros.

Por várias “coincidências”, entre elas, a posição financeira e o status social de Darwin, foi ele “escolhido” (atente-se para as aspas) como o melhor representante da ideologia naturalista. Darwin por seus próprios méritos de pesquisador não teria uma centelha a mais de prestígio do que Lamarck ou Wallace. O “sangue nobre” dos wedgewoods prevaleceu. Cumpriu-se ali o velho lema “sobrevivência do mais apto.”

É isso!



## A teologia de Paley e a teleologia de Darwin

Isso certamente causará sérios desconfortos nos zeladores de Darwin, contudo, eles vão ter de engolir o fato de que as formulações iniciais de Darwin terem sido inspiradas na teologia natural de William Paley.

Essa conclusão partiu de um conhecido darwinista, o professor da USP Nélio Bizzo. E,

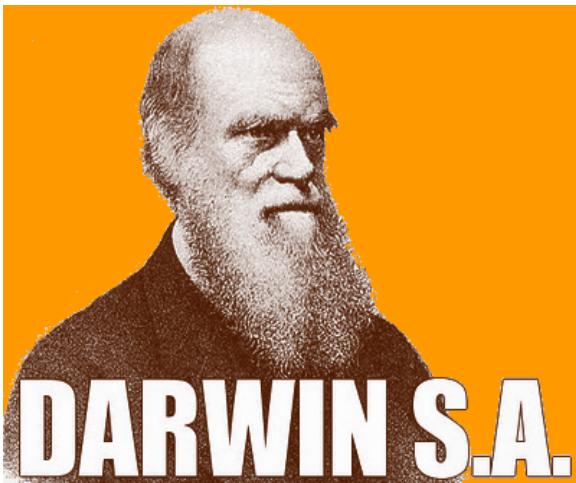
para quem não conhece a afinidade deste autor com o naturalista inglês, vai aqui este seu depoimento, extraído de um de seus ensaios: *“Fui a Shrewsbury, entrei no quarto onde ele nasceu (a casa é uma repartição pública hoje em dia) visitei a escola onde estudou, o castelo medieval que existe diante dela, fui a Edimburgo, conheci a faculdade de Medicina, o estuário do rio Forth, onde ele fazia coletas assistido pelo professor Grant, um lamarckista fanático que depois se tornaria deputado revolucionário em Londres, além de sua escola em Cambridge, o Christís College, seus aposentos, sua segunda casa em Londres (a primeira delas, onde teve a ideia da seleção natural, foi demolida para a construção da garagem de um supermercado), sua casa em Downe, etc. Enfim, um roteiro de uma verdadeira macaca de auditório. Além disso, meu projeto de doutorado me levou a trabalhar com seus manuscritos originais, com sua biblioteca pessoal, seus escritos íntimos e até mesmo os de sua esposa, Emma, em Cambridge, Londres e Downe. Tenho anotadas as datas das menstruações de Emma por um período de mais de dez anos antes dela ter tido seu último filho. Ser um fã não significa ser um adulador, um cego do ponto de vista intelectual. Defendo uma aproximação crítica, procurando compreender o autor dentro do contexto que ele viveu, em sua época, com seus valores.”*

<sup>21</sup>

Agora as conclusões de Bizzo, defendidas há alguns anos num debate sobre ciência e religião, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ei-lo: *“É impossível separar a teoria evolucionista da religião, porque as próprias idéias da evolução e as formulações iniciais de Darwin foram influenciadas pela teologia protestante, em especial de William Paley, que incentivava o estudo da natureza, ou teologia natural, como forma de reverenciar o Criador. Registros manuscritos de Darwin, não destinados a publicação, revelam a evolução de suas idéias e a influência que recebeu dos teólogos até os idos de 1844.*

*Dedicando-se aos estudos da geologia e da botânica, depois de desistir da medicina e ir descartando a idéia de tornar-se presbítero, como a família pretendia, começa a esboçar uma visão evolucionista com base na doutrina de que tudo no mundo é harmonia e pressupõe alguém muito poderoso que o fez...”*<sup>22</sup>

É isso!



## Darwin S.A.

*“ – Ouro!... ouro!... És o rei do mundo, rei absoluto, autocrata de todas as grandezas da terra! Tu, sim, tu reinas e governas, sem lei, sem opinião, sem parlamento, sem ministros responsáveis!... Não tem nenhum desses trambolhos que arrastam os soberanos constitucionais.*

*“Lei?... Que lei é a tua, senão o capricho com que escarneces dos homens? Tu dizes ao pobre, cobiça; ao opulento, gasta; ao pródigo, esbanja; ao avarento, aferrolha; ao mendigo, esmola; ao ladrão, rouba; e a todos, grandes e pequenos, adorai-me...”*

*Opinião?... Quem faz esse rumor que nos atordoa os ouvidos e a que chamam pomposamente opinião pública? Tu, que sustentas os jornais, pagas os jantares, ofereces lindos presentes, estreitas as amizades, e nutres a admiração e o entusiasmo!”* (José de Alencar, em “Sonhos D’Ouro”).

O que de fato mantém o darwinismo como uma teoria quase intocável no âmbito acadêmico? O que torna Darwin um alardeado fenômeno midiático, com direito até a espetáculo do Google? O que realmente faz da Teoria da Evolução um verdadeiro glamour entre os professores de Biologia?

Seriam seus postulados cientificamente abalizados? Sua plena capacidade em explicar a origem e o desenvolvimento da vida? Sua abrangência epistêmica, que abarca dos cascos do cavalo ao celibato? A bem fundamentada Seleção Natural, que passa tranquilamente pelo mais rígido escrutínio da pesquisa científica?

Nada pode ser tão fantasioso quanto o fato de se acreditar que a Teoria da Evolução subsiste no âmbito científico por rações igualmente científicas. Segundo Lewontin, a ciência, assim como qualquer outra atividade produtiva, tais quais a família, o Estado, o esporte e a Igreja, é uma instituição social completamente integrada e influenciada pela estrutura de todas as nossas outras instituições sociais. Portanto, é pura lenda imaginar-se que a ciência seja uma corporação dirigida por homens apenas comprometidos com a verdade e nada além. No que concerne especificamente ao darwinismo, sua persistência como “o mais apto” nos grandes centros universitários, pode ser entendida por três razões básicas:

### 1. COMO IDEOLOGIA

Não é possível entender o darwinismo se não levamos em conta o comprometimento ideológico daqueles que o defendem. Darwin, muito mais do que pesquisar bicos de tentilhões, plantas e pombos, estabeleceu o alicerce para uma verdadeira ideologia, no sentido mais estrito da palavra. Da mesma maneira que Sigmund Freud e Karl Marx, este naturalista inglês elevou o brio dos filósofos materialistas, dando-lhes a “munição” que tanto esperavam para combater o “obscurantismo religioso”, o qual, segundo eles, castrou a “razão” por séculos. Mais à frente, Darwin conseguiu introduzir-se no âmbito religioso, o qual cuidou em ajustá-lo à Bíblia e Deus.

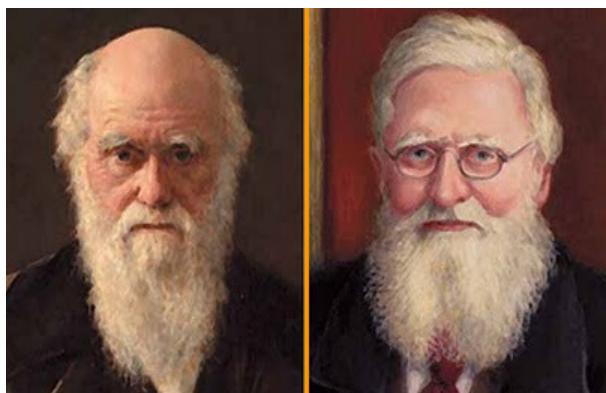
### 2. COMO CIÉNCIA

Embora a ideologia naturalista seja a força motriz que faz girar a Teoria da Evolução entre os acadêmicos, não se pode negar sua importância também no campo da ciência. Em vários aspectos ela estimulou a pesquisa científica e deu impulso à Biologia; todavia, criou em torno de si uma espécie de “cortina de ferro” com a qual impede de todos os modos que outras idéias lhe perpassem.

### 3. COMO UM GRANDE EMPREENDIMENTO FINANCEIRO

Não há a menor dúvida que o darwinismo se tornou numa verdadeira máquina de fazer dinheiro. A Paleontologia, por exemplo, como bem escreveu Gould, tornou-se no “segredo do negócio.” Uma infinidade de pesquisadores, nesta e em outras áreas, tem feito da “evolução” sua única fonte de renda. Não é de hoje que os grandes centros universitários têm investido cada vez mais em pesquisas relacionadas às teorias de Darwin, elevando assim o nível financeiro de muita gente. As editoras também tiraram e continuam tirando sua fatia desse bolo. São milhares de livros relacionados ao assunto, os quais periodicamente são expostos nas estantes das livrarias, como os de Richard Dawkins, que já faturou muita grana com “as coisas da evolução.” O mercado da “evolução” expande-se a cada osso encontrado numa caverna. Portanto, a manutenção do darwinismo como “ciência de fato” não envolve apenas os ideais da razão, como fantasiam muitas pessoas deslumbradas com o “maravilhoso mundo de Darwin.” Seu status como “ciência” necessariamente passa pelo vil metal. Exclua-se o darwinismo das salas de aulas, retire-lhe o brilho e o esplendor de ciência, subestime sua capacidade explicativa, façam desmoronar seus edifícios epistêmicos, arranquem-lhes esse doce encantamento, e verás aluguéis atrasados, nomes arranhados, bolsos esvaziados e muitos avisos: “fechado para balanço.”

É isso!



## Charles Darwin, Alfred Wallace e a Seleção Natural

Pouca importa se quem primeiro idealizou o conceito de Seleção Natural foi Darwin, Wallace ou outro qualquer. No que tange à formação e evolução das espécies este mecanismo (o remédio para todos os males na natureza) há tempo se mostrou frágil e insuficiente. Na realidade, se não fora o comprometimento ideológico dos defensores de Darwin, a Seleção Natural há muito teria o mesmo legado que a antiga flogística ou que a velha e carcomida teoria do éter. Seja como for, o fato é que Charles Darwin aproveitou-se muito bem da Seleção Natural, com a qual aplicou com grande êxito seu famigerado chavão “sobrevivência do mais apto.” A posição sócio-econômica de Darwin na sociedade inglesa foi sem dúvida preponderante e decisiva para que ele, e não Wallace (ou outro qualquer) fosse aclamado como o legítimo “criador da Seleção Natural” ou o “pai da evolução.” Ao Wallace restava o amargo gosto da derrota, que ele por sorte soube camuflar com uma modéstia salvadora. Antes o segundo lugar do que o pleno esquecimento. Seria perda de tempo atacar de frente os poderosos clãs Wedgwoods e Darwins. A assim sobreviveu o “mais apto.”

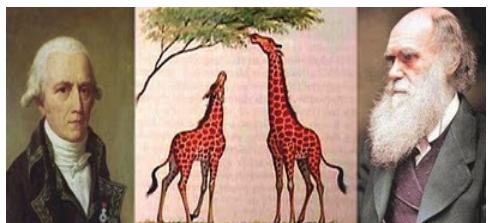
Bom. O famoso “bulldog de Darwin”, Thomas Henry Huxley, foi um dos que, na história do darwinismo, mais colaboraram na criação do mito da “originalidade de Darwin.” Em um de seus ensaios, por exemplo, ele discorre sobre esta questão, pondo-se como sempre na apaixonada defesa de seu grande mestre. Escreveu ele:

*“O crítico que queira atacar o sr. Darwin só precisa ler a sua obra com a vontade de observar os seus defeitos e não os seus méritos, e ele encontrará facilmente mais sugestões adversas do que provavelmente seriam sugeridas pela sua própria argúcia, sem a ajuda da auto-abnegação do sr. Darwin.”*

*“Ora, essa qualidade de sinceridade científica não é tão comum a ponto de ser desencorajada; a meu ver, ela merece um tratamento diferente daquele adotado pelo revisor, que trata o sr. Darwin como um velho advogado trataria um homem contra o*

qual ele procura conseguir uma condenação, per fas aut nefas, e abre o seu caso tentando criar para os jurados um preconceito contra o prisioneiro. Em sua ânsia de realizar esse louvável objetivo, o revisor não pôde nem sequer apresentar a história da doutrina da seleção natural sem uma oblíqua e totalmente injustificada tentativa de de-preciar o sr. Darwin. Suas palavras são: "Para o sr. Darwin e (pela reticência do sr. Wallace) somente para o sr. Darwin, é devido o crédito de ter sido o primeiro a apresentá-la proeminentemente e a demonstrar sua verdade". Ninguém poderia desejar, menos do que eu, apresentar uma dúvida sobre a originalidade do sr. Wallace ou questionar sua reivindicação ao mérito por ser um dos criadores da doutrina da seleção natural, mas a afirmação do sr. Darwin possui o único crédito de originar a doutrina porque a reticência do sr. Wallace é simplesmente ridícula. E a prova disso, em primeiro lugar, é fornecida pelo próprio sr. Wallace, cuja nobre ausência de qualquer ciúme mesquinho nesse assunto muita gente deveria imitar, e que assim escreveu: "Durante toda a minha vida senti, e ainda sinto, a satisfação mais sincera pelo trabalho do sr. Darwin que, muito antes de mim, não deixou a oportunidade de escrever A Origem das Espécies. Há muito tempo, medi a minha força e sei que ela não estaria à altura dessa tarefa". Portanto, se houvesse qualquer reticência a respeito do assunto, seria a do sr. Darwin que, durante esses longos vinte anos de estudo, interviria entre a concepção e a publicação de sua teoria que deu ao sr. Wallace a oportunidade de ser o descobridor independente da importância da seleção natural. E, finalmente, ao lembrar que os ensaios do sr. Darwin e do sr. Wallace foram publicados simultaneamente na Revista da Sociedade Lineana de 1858, é possível que o revisor, ao depreciação indiretamente os esforços do sr. Darwin, na realidade concedeu-lhe uma prioridade que, na estrita legalidade, não existe. O sr. Mivart, cujas opiniões tão frequentemente coincidem com aque-las do revisor da Quarterly Review, coloca o caso de uma maneira que, a meu juízo, eu lamento ter de dizer que também seja incorreta, apesar de a injustiça ser menos berrante. Ele diz que a teoria da seleção natural é, de modo geral, exclusivamente associada ao nome do sr. Darwin "por causa da auto-abnegação do sr. Wallace". Como eu já disse, ninguém poderia honrar o sr. Wallace mais do que eu, tanto pelo que fez quanto pelo que ele não fez em sua relação com o sr. Darwin. E talvez nada possa ser mais creditado a ele do que sua honesta declaração de que não poderia ter escrito uma obra como A Origem das Espécies; e por meio dessa declaração a pessoa mais diretamente interessada no assunto repudia, por antecipação, a sugestão do sr. Mivart de que a eminência do sr. Darwin se deva, mais ou menos, à modéstia do sr. Wallace."<sup>23</sup>

É isso!



## Sobre o lamarckismo de Charles Darwin

Além de Thomas Malthus e Herbert Spencer, outro nome que exerceu forte influência na obra de Darwin diz respeito a Jean-Baptiste Lamarck, um naturalista francês que elaborou o conceito de herança de caracteres adquiridos. Em todo o seu famoso livro "A Origem das Espécies", Darwin remete constantemente à idéia de uso e desuso. Por exemplo:

"Nos animais, o uso ou não uso das partes tem uma influência mais considerável ainda. Assim, proporcionalmente ao resto do esqueleto, os ossos da asa pesam menos e os ossos da coxa pesam mais no canário doméstico que no canário selvagem. Ora, pode incontestavelmente atribuir-se esta alteração a que o canário doméstico voa menos e marcha mais que o canário selvagem. Podemos ainda citar, como um dos efeitos do uso

*das partes, o desenvolvimento considerável, transmissível por hereditariedade, das mamas das vacas e das cabras nos países em que há o hábito de ordenhar estes animais, comparativamente ao estado desses órgãos nos outros países. Todos os animais domésticos têm, em alguns países, as orelhas pendentes; atribui-se esta particularidade ao fato de estes animais, tendo menos causas de alarme, acabarem por se não servir dos músculos da orelha, e esta opinião parece bem fundada”* (p. 24). E mais adiante: “Os fatos citados no primeiro capítulo não permitem, creio eu, dúvida alguma sobre este ponto: que o uso, nos animais domésticos, reforça e desenvolve certas artes, enquanto que o não uso as diminui; e, além disso, que estas modificações são hereditárias. No estado de natureza, não temos termo algum de comparação que nos permita julgar os efeitos de um uso ou de um não uso constante, porque não conhecemos as formas-tipo; mas, muitos animais possuem órgãos de que somente se pode explicar a presença pelos efeitos do não uso.

*Não há, como o professor Owen o fez notar, anomalia maior na natureza do que uma ave que não possa voar; contudo, há muitas neste estado. O ganso de asas curtas da América Meridional deve contentar-se em bater com as asas a superfície da água, e estão elas, para ele, quase nas mesmas condições das do pato doméstico de Ailesbúria; demais, se é necessário acreditar M. Cunningham, estes patos podem voar quando são muito novos, enquanto que são incapazes de o fazer no estado adulto. As grandes aves que se nutrem sobre o solo, apenas voam para fugir ao perigo; é pois provável que a falta das mesmas asas, em muitas das aves que habitam atualmente ou que, ultimamente ainda, habitavam as ilhas oceânicas, onde se não encontrava nenhum animal de presa, provém do não uso das asas. O avestruz, é verdade, habita os continentes e está exposto a muitos perigos aos quais não pode subtrair-se pelo vôo, mas pode, bem como um grande número de quadrúpedes, defender-se dos seus inimigos a coices. Estamos autorizados a acreditar que um antepassado do gênero avestruz tinha hábitos semelhantes aos da betarda, e que, à medida que o tamanho e o peso do corpo desta ave aumentavam durante longas gerações sucessivas, o avestruz se serviu sempre mais das pernas e menos das asas, até que por fim se lhe tornou impossível voar.”* <sup>24</sup>

Sintetizando o lamarckismo de Darwin, conclui-se que:

1. O que Darwin criticava em Lamarck não era sua concepção de hereditariedade, mas a importância que a vontade própria dos animais tinha sobre as mudanças orgânicas.
2. A mudança dos hábitos, segundo Darwin, alterava os órgãos. Por exemplo: mudança na alimentação. Para Darwin, se um determinado animal fosse superalimentado, iria crescer e engordar. E, como consequência disso, seus filhos seriam maiores e mais pesados. Se o tipo de alimentação fosse mudado, o animal poderia até alterar sua cor, de maneira que esta mudança passaria para os seus futuros descendentes.
3. Mudanças no clima também alteravam as características dos animais, segundo Darwin. Por exemplo, se o tempo ficasse mais frio os animais desenvolveriam pelagem mais grossa.
4. Para Darwin toda característica, qualquer que fosse ela, era transmitida por hereditariedade.
5. No conceito de Darwin, se as alterações não fossem hereditárias, não haveria evolução, pois na geração seguinte os descendentes nasceriam todos iguais, de modo que não poderiam em consequência disto continuar ocorrendo competição e as diferenças adquiridas não se acumulariam.
6. Mesmo após vinte anos de publicação de “A Origem das Espécies”, Darwin ainda continuava firmemente convencido dos efeitos hereditários das modificações orgânicas adquiridas durante a vida dos organismos. Finalizando, cito aqui as palavras do darwinista Nélio Bizzo (um profundo conhecedor da pessoa e obra de Darwin): “Apesar de Darwin ter manifestado, como vimos, aversão às idéias de Lamarck, jamais as contestou; pelo menos em seus elementos centrais. Muito pelo contrário: procurou desenvolve-las e sofisticá-las. Isto não pode ser atribuído a uma simples “fase” da vida do mestre. O

*'Origem'* nasceu lamarckista e assim permaneceu. Este é um fato que os seguidores de Darwin omitiram deliberadamente. Algumas pessoas afirmam que Darwin passou a ser lamarckista só no final de sua vida, tentando explicar as variações dos seres vivos. No entanto, a opção não declarada por Lamarck já aparece no rascunho escrito em 1842, assim como no ensaio de 1844. Ele começava o ensaio dizendo: "Nos animais, o tamanho, vigor do corpo, o porte, idade da maturidade, características da mente e do temperamento são modificados ou adquiridos durante a vida do indivíduo e tornam-se características hereditárias. Há razões para crer que o grande desenvolvimento muscular adquirido através de um programa de exercícios, ou por outro lado seu atrofamento pelo desuso, sejam também herdados."<sup>25</sup>

Darwin, pois, "nasceu" lamarckista e morreu lamarckista. Não sei por que seus seguidores tentam suprimir este fato!

É isso!



## Darwin e seus "designs"

Não há menor dúvida de que Darwin (e mesmo seus póstumos discípulos) tinha em mente, com outros fios, a teoria natural de Paley.

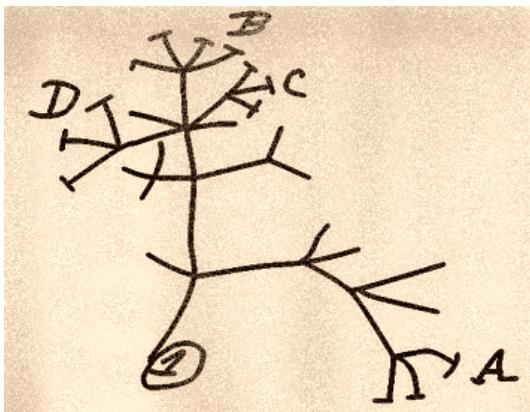
Bom. Pelo menos é isso que diz Stephen Jay Gould: "Em 1802, o arcediago Paley resolveu glorificar Deus, mostrando a notável adaptação dos organismos aos papéis que lhes foram designados. A perfeição mecânica do olho dos vertebrados inspirou um discurso arrebatador sobre a benevolência divina; a estranha semelhança de

certos insetos a excrementos também espicaçou sua admiração, já que Deus deve proteger todas as suas criaturas, ilustres ou humildes. A teoria evolucionista terminou por desfazer o grande emaranhado do arcediago, mas alguns fios de sua teoria natural ainda sobrevivem.

Os evolucionistas modernos citam os mesmos jogos e jogadores; apenas as regras mudaram. Agora somos informados, com igual espanto e admiração, de que o agente de tão rara maravilha é a seleção natural. Como descendente intelectual de Darwin, não ponho em dúvida sua atribuição. Mas minha confiança no poder da seleção natural tem outras raízes: não se baseia em "órgãos de extrema perfeição e complicações", como dizia Darwin.

Na verdade, Darwin via designs verdadeiramente excelentes como um problema para sua teoria. Segundo ele: "Supor-se que o olho, com sua inimitável capacidade de ajustar o foco a diferentes distâncias, de admitir diferentes graduações de luz, e de corrigir aberrações cromáticas e esféricas, pudesse ter sido formado pela seleção natural, parece-me, confesso, um absurdo completo."<sup>26</sup>

É isso!



## Darwin e sua obsessão hereditária

Dos inúmeros assuntos abordados por Charles Darwin em suas obras, um que merece destaque diz respeito à hereditariedade. A questão acarretou um impacto tão forte na vida deste naturalista ao ponto de levá-lo a criar uma teoria própria baseada na herança dos caracteres adquiridos: a estranha Pangênese. Sobre isto, escrevem seus biógrafos Desmond e Moore (os mesmos autores de “A Causa Sagrada de Darwin”):

*"Mas Darwin estava relutante em abandonar a hipótese de que um órgão bem tratado e fortalecido poderia ser herdado. Durante décadas ele tinha acumulado evidências de que o físico dos comerciantes era transmitido — que os filhos dos ferreiros nasciam com o bíceps musculoso ou que marcas paternas reapareciam nos bebês. Mais e mais ele recorria a isso, tomando a pân-gênese essencial. Na Descendência tal herança era apresentada como um poderoso fator da evolução humana."*

*Nada iria induzi-lo a competir com Huxley, sufocando o seu deus-bebê. Portanto ele deixou Pan essencialmente intacto, permitindo literalmente que organismos crescessem de suas gêmeas herdadas. Uma amarga experiência fê-lo pensar que os seus filhos compartilhavam das suas fraquezas. Era reconfortante pensar que dividiam as suas capacidades mentais e que as gêmeas modificadas do seu cérebro jovem e sobrecarregado de trabalho tinham transmitido suas peculiares dâdivas psicológicas.*

*Assim, o peneiramento continuava, talvez menos violentamente mas não menos efetivamente. O trabalho de Galton sobre a hereditariedade mental convencera-o.<sup>27</sup>*

Em seu famoso livro “A Origem das Espécies”, por exemplo, há inclusive um capítulo inteiro dedicado ao assunto: “Efeitos dos hábitos e do uso ou não uso das partes; variação por correlação; hereditariedade.” Destaca Darwin:

*“A mudança dos hábitos produz efeitos hereditários; poderia citar-se, por exemplo, a época da floração das plantas transportadas de um clima para outro. Nos animais, o uso ou não uso das partes tem uma influência mais considerável ainda. Assim, proporcionalmente ao resto do esqueleto, os ossos da asa pesam menos e os ossos da coxa pesam mais no canário doméstico que no canário selvagem. Ora, pode incontestavelmente atribuir-se esta alteração a que o canário doméstico voa menos e marcha mais que o canário selvagem. Podemos ainda citar, como um dos efeitos do uso das partes, o desenvolvimento considerável, transmissível por hereditariedade, das mamas das vacas e das cabras nos países em que há o hábito de ordenhar estes animais, comparativamente ao estado desses órgãos nos outros países. Todos os animais domésticos têm, em alguns países, as orelhas pendentes; atribui-se esta particularidade ao fato de estes animais, tendo menos causas de alarme, acabarem por se não servir dos músculos da orelha, e esta opinião parece bem fundada.”<sup>28</sup>*

Já no seu livro menos conhecido “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, a questão deixa o âmbito específico dos animais e penetra de vez no homem. São inúmeras as passagens com as quais Darwin tenta justificar sua visão eugênica de herança dos caracteres físicos e mentais:

*“Em outro lugar discuti com bastante profundidade o assunto da hereditariedade, pelo que agora não creio necessário acrescentar alguma coisa mais. Quanto à transmissão, seja dos mais irrelevantes como dos mais importantes caracteres, no caso do homem tem sido recolhido um número de dados maior do que para qualquer outro animal inferior, embora os dados sejam bastante copiosos também para estes últimos. Assim, no que toca as faculdades mentais, a sua transmissão se manifesta nos cães, nos cavalos e nos outros animais domésticos. Ademais, seguramente se transmitem gatos e*

*hábitos particulares, a inteligência em geral, a coragem, o bom e o mau temperamento, etc. Com o homem assistimos a fatos semelhantes em quase toda família; e agora, graças às notáveis obras de Galton, sabemos que o génio, que com-preende uma combinação extraordinariamente complexa de faculdades elevadas, tende a ser hereditário; por outro lado é igualmente certo que aloucura e as deficiências psíquicas se transmitem nas famílias.”*

[...]

*“Recentemente o Dr. Beddoe mostrou que morar nas cidades bem como algumas ocupações exercem uma influência negativa sobre a altura dos habitantes da Bretanha; daí se deduz que tal efeito em certa medida é hereditário, como acontece também nos Estados Unidos. Além disso o Dr. Beddoe é de opinião que sempre que “uma raça atinge o seu máximo desenvolvimento físico, aumenta também de energia e de vigor moral.”*

[...]

*“Rengger atribui as pernas magras e os braços robustos dos indígenas paraguaios ao fato de que gerações e mais gerações passaram quase toda a sua existência em canoas, sem movimentar as extremidades inferiores. Outros escritores chegaram a conclusões semelhantes para casos análogos. Segundo Cranz, que viveu muitos anos com os esquimós, “os nativos crêem que a sagacidade e a destreza dos pescadores são hereditárias (a pesca constitui a sua principal arte e virtude); nisto certamente vai algo de verdadeiro, porquanto o filho de um célebre pescador se distingue, embora tenha perdido o pai em pequeno”. Neste caso a atitude mental parece ser hereditária bem como a estrutura física. Está fora de dúvida que as mãos dos trabalhadores ingleses por ocasião do nascimento são maiores do que aquelas dos nobres. Pela relação que existe, ao menos em alguns casos, entre o desenvolvimento das extremidades e aquele das maxilas é possível que nas classes que não trabalham muito com as mãos e com os pés, as dimensões das maxilas sejam reduzidas por esta razão. É certo que as mesmas têm dimensões menores nos homens evoluídos e civilizados do que naqueles que se dedicam a trabalhos pesados ou nos selvagens. Mas entre os selvagens, conforme notou Herbert Spencer, o maior uso das maxilas no mastigar alimentos duros e crus agiria de modo direto sobre os músculos da mastigação e sobre os ossos a que estão unidos. Nas crianças, já muito antes do nascimento, a pele sobre a planta dos pés é mais macia do que em qualquer outra parte do corpo; e é difícil pôr em dúvida que isto seja devido a efeitos hereditários de pressão durante uma longa série de gerações.”*

[...]

*“Todo mundo sabe que os relojoeiros e os escultores são atacados de miopia, enquanto que os homens que vivem mui-to ao ar livre e os selvagens em particular via de regra são presbítas. Miopia e presbiopia seguramente têm a tendência de serem hereditárias. A inferioridade em que os europeus se encontram com relação aos selvagens no que diz respeito à vista e aos outros sentidos é sem dúvida efeito acumulado e transmitido de um uso inferior no decurso de muitas gerações; com efeito Rengger narra que reiteradas vezes observou europeus que se haviam mudado e que passaram toda a vida entre os indígenas selvagens, sem con-tudo igualá-los na agudez dos sentidos. O mesmo naturalista observa que as cavidades do crânio, para receber os órgãos dos sentidos, são mais amplas nos aborígenes americanos do que nos europeus; isto provavelmente vem indicar uma correspondente diferença na dimensão dos próprios órgãos. Blumenbach deteve-se também na cavidade nasal do crânio dos aborígenes americanos e ligou este fato com a sua notável capacidade de olfato. Os mongóis das planícies da Ásia setentrional, segundo Palias, possuem sentidos verdadeiramente perfeitos e Prichard acredita que a considerável largura do seu crânio à altura dos zígomos deve derivar dos seus órgãos sensoriais altamente desenvolvidos.”*

<sup>29</sup>

Já no seu também desconhecido livro “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais”, a hereditariedade norteia toda a obra. E um detalhe interessante refere-se ao

fato de que, quando faz referência da herança relacionada a características mentais, é comum Darwin fazer menção de seu primo Francis Galton, o criador da Eugenia. Referindo-se, por exemplo, à hereditariedade dos gestos e cacoetes, ele faz menção numa nota de rodapé de um caso contado por Galton relacionado à herança de um sentimento de prazer transmitido de pai para filha. Diz: “*A hereditariedade de gestos habituais é para nós tão importante que aproveito a permissão do sr. F. Galton para reproduzir com suas próprias palavras este notável caso: "O presente relato de um hábito encontrado em três indivíduos de gerações consecutivas tem especial interesse por ocorrer somente durante o sono, não podendo, portanto, ocorrer por imitação, mas sim naturalmente. Os dados são plenamente confiáveis, pois levantei-os em abundância e profundidade a partir de fontes independentes. A esposa de um cavalheiro com uma importante posição descobriu que ele tinha o curioso cacoete de, quando dormindo profundamente, levantar o braço direito lentamente sobre o rosto até a testa, e então num espasmo deixá-lo cair com força sobre o nariz. O cacoete não se repetia todas as noites, mas às vezes, e independentemente de qualquer causa determinada. Algumas vezes era repetido por uma hora ou mais. O nariz desse cavalheiro era proeminente e com frequência ficava machucado pelos golpes que recebia. Certa vez um ferimento mais grave foi produzido, que demorou para cicatrizar pela recorrência, noite após noite, dos golpes que o haviam provocado. Sua esposa teve de retirar o botão do punho de sua camisola, pois ele provocava fortes arranhões, e tentou-se uma maneira de amarrar seu braço.*

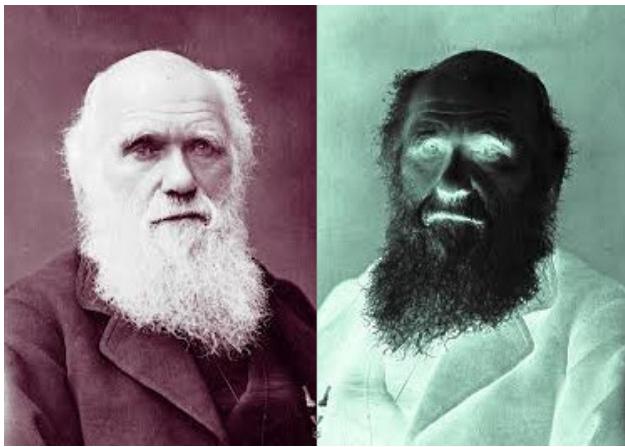
“*Muitos anos depois, seu filho casou-se com uma senhora que nada sabia desse incidente familiar. Ela, no entanto, observou a mesma peculiaridade em seu marido; mas seu nariz, por não ser particularmente proeminente, não sofria com os golpes. O cacoete não acontece quando está meio dormindo, como, por exemplo, quando cochila em sua poltrona, mas assim que ele dorme profundamente, os golpes podem começar. Acontece, como com seu pai, de maneira intermitente; às vezes cessando por muitas noites, outras repetindo-se durante uma parte de todas as noites. O gesto é feito, como acontecia com seu pai, com o braço direito.*

“*Um de seus filhos, uma menina, herdou o mesmo cacoete. Ela o executa igualmente com o braço direito, mas de forma um pouco diferente; pois, depois de levantar o braço, não deixa o punho cair sobre seu nariz, mas a palma da mão meio fechada cai atingindo o nariz com razoável rapidez. Também é muito intermitente nessa criança, cessando por meses, mas por vezes repetindo-se sem parar.*”<sup>30</sup>

Realmente impressiona toda esta obsessão de Darwin pela questão da hereditariedade. Lembrando que, na época, o assunto estava diretamente relacionado à questão de melhoria da “raça” humana.

Um dos argumentos utilizados pelos bajuladores de Darwin para justificar esta crença do naturalista, refere-se ao fato de que as leis da genética ainda eram desconhecidas na época. Sim, isso lá é verdade! Todavia, esses intelectuais servis esquecem-se que, mesmo após as idéias de Mendel terem sido aceitas pela comunidade científica, ainda assim a Eugenia de Galton e de Darwin continuou sob outras formas e cores. Infelizmente...

É isso!



## "A outra face de Darwin"

Passou-se o “ano Darwin”, todavia, certamente não se foram os aplausos solenes, os cortejos servis, as bajulações excessivas e os louvores não fingidos ao “homem que teve a idéia mais brilhante do mundo.” Não me lembro de um vulto histórico que tenha recebido tantas homenagens quanto o naturalista Charles Darwin, em seu 200º aniversário.

Ele não descobriu remédios para curar enfermidades, não criou leis para diminuir as desigualdades sociais entre os homens, não elaborou projetos para o bem estar das sociedades, não se engajou em prol da harmonia entre os povos, não inventou máquinas para ajudar as pessoas nos seus labores diárias, não formulou conceitos a partir dos quais a guerra e a violência fossem suprimidas do convívio humano, não trouxe, enfim, nenhuma contribuição realmente significativa para as práticas médicas, no entanto, ainda assim foi aplaudido como um grande libertador. Por quê?

Simples. Darwin “revolucionou” a moral humana, “destronando” o homem de seu “pedestal divino”, “mostrando” sua “ínfima origem” e aniquilando a pretensão religiosa de um ser maravilhosamente coroadado por Deus. Ou seja, a grande e espetacular contribuição de Charles Darwin ao mundo está pautada essencialmente em questões de natureza filosófica, e não naquilo que se pode testar em tubos de ensaio no laboratório. Daí todo esse interesse por sua vida e obra.

Se as homenagens dadas a Darwin fossem realmente consequências de suas realizações científicas, o mesmo deveria ser feito, por exemplo, em relação a Isaac Newton, Louis Pasteur, Antonine Lavoisier, Albert Sabin entre outros grandes cientistas, esses sim que tornaram o mundo muito melhor com suas descobertas. Aliás, Darwin nada fez que Wallace não tivesse feito. A sua única “vantagem” foi ter nascido num berço de ouro e de ter conquistado a simpatia da Academia mediante seu status social na sociedade inglesa. Não fora isso, o pobre Wallace também teria sua hora vez...

Não tenciono, aqui, desmerecer os feitos filosóficos deste naturalista. Absolutamente. Também seria muita ingenuidade buscar desprestigar a Teoria da Evolução por meio do que se segue. De forma alguma. Meu único objetivo é tentar, ainda que inutilmente, mostrar nesse texto banal a outra face de Darwin, ao menos aquela que a mídia omite descaradamente.

Certa feita, quando debatia acerca das intenções racistas de Darwin, um desses seus apaixonados admiradores, acusou-me de “obsessão religiosa recalcada e iracunda.” Vá lá, todos tem sua própria “obsessão”: futebol, política, religião etc. A minha é descer a lenha em ideologias travestidas de ciência, como é o caso de certa vertente darwinista.

Bom, mas a questão que vou tratar é: **teve Darwin aspiração eugenista? Ou será que apenas nutria de um racismo bem próprio à época?**

Uma das besteiras mais comuns da galera de Darwin quando na sua defesa, diz respeito a falso argumento da “unanimidade.” – Darwin - dizem eles - era tão racista quanto qualquer outro pensador que viveu naquele instante histórico propício aos ideais de superioridade racial. Mas não preciso ir muito longe para desfazer essa falsa retórica. Machado de Assis fora contemporâneo de Darwin e, no entanto, jamais defendeu qualquer postura racista. – Ah, porque ele era mulato! Mas o racismo não se manifesta apenas em relação ao negro. O racismo de Hitler, por exemplo, era contra seu próprio povo considerado “inferior” por ser judeu.

A seguir, farei menção de um texto-base de autoria de Charles Darwin, e a partir dele farei menção de quatro autores, todos abordando o referido texto. Vejamos...

### **Charles Darwin , em “A Origem do Homem”:**

"O homem analisa escrupulosamente o caráter e a ascen-dência dos seus cavalos, do seu gado e dos seus cães antes de acasalá-los; mas, quando chega a época das núpcias, ra-ramente ou nunca toma semelhante cuidado. Ele é levado por motivos quase análogos àqueles dos animais inferiores, quando são entregues à sua livre escolha, embora seja tão superior a eles que pode avaliar altamente as qualidades mentais e as virtudes. Por outro lado, sente forte atração pela simples riqueza ou pela posição. Todavia, mercê da se-leção, ele poderia de algum modo agir não só sobre a estru-tura física e a conformação óssea da sua prole, mas sobre as suas qualidades intelectuais e morais. Ambos os sexos de-veriam abster-se do matrimônio se acentuadamente fracos no corpo e na mente; mas estas esperanças são utópicas e nunca serão concretizadas nem mesmo parcialmente, enquanto as leis da hereditariedade não forem conhecidas amplamente. Todo aquele que prestar alguma ajuda para se colimar este fim estará fazendo obra boa. Quando os princípios da pro-criação e da hereditariedade forem melhor conhecidos, não ouviremos mais alguns membros ignorantes da nossa legisla-tura rejeitar com desprezo um plano que tente a verificar se o matrimônio entre consanguíneos é ou não prejudicial ao homem.

O progresso do bem-estar do gênero humano é um pro-blema mais complexo: todos aqueles que não podem evitar a pobreza para os próprios filhos deveriam evitar o matrimônio; na verdade, a pobreza não só representa um grande mal, mas tende ao próprio incremento, levando à desconsideração do matrimônio. Por outro lado, Galton observou que, se o prudente evita o matrimônio enquanto que o incauto se casa, os membros inferiores tendem a suplantar os membros me-lhores da sociedade. Como qualquer outro animal, o homem sem dúvida chegou à sua atual condição elevada através de uma luta pela existência, devida ao seu rápido progresso; se deve progredir ainda mais, teme-se que deva estar sujeito a uma dura batalha. Se assim não fosse, chafurdaria na indo-lência e os mais dotados não teriam mais êxito na luta pela vida do que os menos dotados. Por isso a nossa natural taxa de aumento, embora leve a muitos prejuízos óbvios, não deve ser de algum modo muito reduzida. Deveria estar aberta a competição para todos os homens; e com as leis e os costu-mes não se deveria impedir que os mais capazes tivessem melhor êxito e que criassem o maior número de filhos. Por mais importante que a luta pela existência tenha sido e ainda continue sendo, contudo no que diz respeito ao desenvolvi-mento das qualidades mais elevadas da natureza humana exis-tem outros fatores mais importantes. Com efeito, as quali-dades morais progrediram, tanto direta como indiretamente, muito mais por efeito do hábito, das faculdades raciocinantes, da instrução, da religião, etc., do que pela seleção natural; muito embora a esta última se possam com segurança atribuir os instintos sociais, que constituíram a base para o desenvol-vimento do senso moral.

A conclusão principal a que se chegou nesta obra, isto é, a de que o homem descendeu de alguma forma menos orga-nizada, nem sequer gosto de pensar, desagradará bastante a muitos. Mas dificilmente podemos duvidar que não tenhamos descendido de bárbaros. Jamais esquecerei o espanto que tive quando pela primeira vez vi uma reunião de fueguinos numa praia selvagem e impérvia, diante da ideia que logo me veio à mente — assim eram os nossos antepassados. Esses homens estavam completamente pelados e tinham o corpo pintado, com os longos cabelos emaranhados, as bocas espu-mavam de excitação e tinham uma expressão selvagem, apa-vorada e cheia de suspeita. Malmente tinham alguma arte e viviam como animais selvagens daquilo que conseguiam capturar e eram impiedosos com o que não fosse da sua tribo. Quem tiver visto um selvagem em sua terra nativa não sentirá muita vergonha se for constrangido a reconhecer que em suas veias corre o sangue das mais humildes criaturas. Quanto a mim, quisera antes ter descendido daquela pequena e heróica

*macaquinha que desafiou o seu terrível inimigo para salvar a vida do próprio guarda; ou daquele velho babuíno que, des-cendo da montanha, levou embora triunfante um companheiro seu jovem, livrando-o de uma matilha de cães estupefatos, ao invés de descender de um selvagem que sente prazer em tor-turar os inimigos, que encara as mulheres como escravas, que não conhece o pudor e que é atormentado por enormes superstições.*

*Releva-se ao homem se sente algum orgulho por ter gal-gado, embora não por méritos próprios, o cume da escala dos viventes; e o fato de ter-se elevado desta maneira, ao invés de ter sido colocado ali desde as origens, pode permitir que se embale na esperança de um destino ainda mais elevado num futuro longínquo. Mas acontece que aqui não nos ocupa-mos de esperanças e de temores e sim apenas da verdade, pois a nossa razão nos permite descobri-la e para tanto apresentei provas dentro do máximo das minhas capacidades.*

*Contudo, cumpre que reconheçamos — pelo menos é o que me parece — que o homem, com todas as suas nobres qualidades, com a "simpatia" que experimenta pelos mais in-fortunados, com a benevolência extensiva, não somente a todos os homens-, mas às mais humildes criaturas viventes, com o seu intelecto quase divino que penetrou nos movimen-tos e na estrutura do sistema solar, com todos estes enorme? poderes — cumpre reconhecer que ele traz ainda na sua es-trutura física a marca indelével da sua ínfima origem." <sup>31</sup>*

Agora vamos aos comentários:

#### **1 – Nélio Bizzo, em "O que é Darwinismo":**

*"A idéia de que o darwinismo era uma doutrina que se aplicava apenas aos seres vivos não-humanos é outra versão absolutamente incorreta. No Origem das Espécies, Darwin passa comodamente ao largo das implicações de sua teoria com o homem. No entanto, no seu Origem do homem, ele penetra na questão e aí, suas opiniões deixam pouca margem de dúvida.*

*Darwin e seu primo Francis Galton, juntamente com uma série de pensadores seus contemporâneos, acreditavam que a "raça" humana poderia ser melhorada se fossem evitados "cruzamentos indesejáveis." A sociedade era vista com uma clara divisão: de um lado, os membros "superiores", sadios, inteligentes, ricos e, obviamente, brancos; do outro lado, os membros "inferiores", mal nutridos, doentes, pobres, de constituição racial duvidosa. Estes deveriam ser impedidos de se reproduzirem, pois acabariam por "rebaixar toda a raça." A evolução biológica do homem poderia ser "acelerada", limitando-se os mesmos rituais de seleção "vistos" na natureza. Os mais aptos, evidentemente, estavam entre os indivíduos das classes dominantes.*

*Darwin chegava até a prever a completa extinção de raças inteiras, consideradas "inferiores." Escreveu pouco antes da morte, numa carta de 1881: "Eu poderia esforçar-me e mostrar o que a seleção natural fez e ainda faz para o progresso da civilização, mais do que aquilo que pareceis admitir. Lembrai-vos do perigo que correram as nações européias, alguns séculos atrás, de serem esmagadas pelos turcos e de quanto este idéia nos parece ridícula hoje em dia. As raças mais civilizadas, que chamamos de caucásicas, bateram os turcos em campo raso na luta pela existência. Fazendo um relance sobre o mundo, sem olhar num porvir muito longínquo, quantas raças inferiores serão em breve eliminadas pelas raças que têm um grau de civilização superior!"*

*Se lebrarmos do jovem naturalista na Austrália, veremos que era exatamente este o raciocínio que utilizou para prever o futuro do canguru: seria dizimado pelos magricelas galgos ingleses. Se esta previsão estava errada, desgraçadamente Darwin acertou com relação aos "civilizados": assassinaram impiedosamente os povos primitivos que não aceitaram a submissão ao seu domínio.*

*No Origem do homem, deixava muita claras suas posições racistas:*

"A seleção permite ao homem agir de modo favorável, não somente na constituição física de seus filhos, mas em suas qualidades intelectuais e morais (sic). Os dois sexos deveriam ser impedidos de desposarem-se quando se encontrassem em estado de inferioridade muito acentuada de corpo ou espírito." E mais adiante: "Todos aqueles que não podem evitar uma abjeta pobreza para seus filhos deveriam evitar de se casar, porque a pobreza não é apenas um grande mal, mas ela tende a aumentar; (...) enquanto os inconscientes se casam e os prudentes evitam o casamento, os membros inferiores da sociedade tendem a suplantar (em número) os membros superiores. Como todos os animais, o homem chegou certamente ao seu alto grau de desenvolvimento atual mediante luta pela existência, que é consequência de sua multiplicação rápida; e, para chegar a um mais alto grau ainda, é preciso que continue a ser mantida uma luta rigorosa (...). Deveria haver concorrência aberta para todos os homens e dever-se-iam fazer desaparecer todas as leis e todos os costumes que impedem os mais capazes de conseguir seus objetivos e criar o maior número possível de crianças."

O grande Charles Darwin não declara expressamente a que grupo pertencia. Mas pelo fato de ter tido dez filhos e de ser uma pessoa rica, deduz-se facilmente...

É comum dizer-se que Darwin não afirmou que o homem descendia do macaco. Darwin dizia coisa muito pior. Seu racismo não o abandonava. Afirma que o homem descendia dos selvagens! E não parava aí. Dizia que preferia descender de um forte e valente macaco, do que ter um desses selvagens como ancestral.

A aplicação de sua teoria ao homem, ou, mais propriamente, e extensão ao organismo humano dos valores burgueses de propriedade privada e acumulação, resultou no que se chamou eugenia. O melhoramento da raça através de recomendações da eugenia eram os ideais do nazismo. O Estado Nazista não era portanto nada mais do que um Estado capitalista onde a melhoria do corpo dos cidadãos fazia parte da estratégia global de aumento da produtividade.

Hitler garantia procriação aos cidadãos alemães e possuíssem cabelos loiros, boa estrutura, queixo bem formado, nariz fino e arrebitado, olhos claros e profundos e pele rosada. Os homens selecionados poderiam ingressar na tropa de elite, a SS, e poderiam ter o número de filhos que desejasse, sem precisar casar. O Estado cuidaria de criar e educar tais crianças, segundo os ideais do nazismo. A trajetória do nazismo é bem conhecida. As Câmaras de gás e os seis milhões de assassinatos, também... O que pouco se fala é que os Estados Unidos também adotavam políticas eugenistas na mesma época..."<sup>32</sup>

## 2 - Marcel Blanc, em "Os Herdeiros de Darwin":

"A eugenia (como vimos no primeiro capítulo) foi uma doutrina fundada em 1883 pelo primo de Darwin, Francis Galton (1822-1911). Tinha como objetivo aperfeiçoar a raça (leia-se raça superior) encorajando a reprodução dos indivíduos mais dotados (leia-se os inventores, os dirigentes, etc.), e desencorajando a dos menos aptos. As ligações do darwinismo social com o racismo científico forammeticulosamente elaborados pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge (1854-1936), que publicou, notadamente, uma obra intitulada *L'Aryen*. Para ele, o sucesso social estava relacionado ao fato de se pertencer a uma raça, e as raças eram desiguais, algumas superiores, como os arianos, outras inferiores (judeus, negros, etc.).

Vacher de Lapouge criticava o darwinismo social e é preciso reconhecer que alguns trabalhos de Darwin caminhavam no sentido do racismo científico.

Um bom número de biólogos atuais dificilmente o aceitam e chegam a negá-lo pura e simplesmente. No entanto, mesmo o título completo da principal obra de Darwin é por demais explícito: Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela existência. E em *The Descent of Man*, algumas passagens são claras.

Darwin escreveu neste livro que existe uma hierarquia das raças, com as inferiores sendo representadas pelos selvagens (os negros da África e da Oceania; os

*índios da América do Sul, etc.); as superiores pelos civilizados, com as nações européias representando o topo da civilização, segundo a expressão do próprio Darwin. E acrescenta: foi a evolução por meio da seleção natural que conduziu imperceptivelmente, por graduações sucessivas, raças inferiores a superiores.*

*Reconhece-se aqui a aplicação dessa teoria evolucionista, por ele estabelecida, ao homem: a transição gradual de um tipo de população a outro, mais evoluído. De acordo com ele, em todos os estágios da evolução da espécie humana, sempre houve duas categorias de seres humanos: os intelectualmente superiores e os inferiores. Desde a pré-história, os primeiros sempre tiveram mais sucesso em todas as atividades e deixaram um número maior de filhos.*

*Foi assim que a inteligência humana progrediu e que as raças superiores foram formadas. Aliás, nessa obra, Darwin reconheceu que seu primo Galton tinha razão: nas nações mais civilizadas, comete-se o erro de contrariar o processo de eliminação pela seleção natural com a instituição de diversas formas de auxílio aos pobres, de hospitais para os doentes, etc. ("nossos médicos vão inclusive fazer o melhor possível para salvar qualquer pessoa", impressiona-se)."*

*E nas últimas páginas de The Descent of Man, Darwin apregoa de modo totalmente explícito sua adesão aos ideais eugenistas de seu primo: "Os membros tanto de um sexo como de outro deveriam abster-se de se casar em caso de inferioridade manifesta no corpo ou no espírito." Alfred Russel Wallace disse, aliás, que em uma de suas últimas conversas com Darwin (antes de sua morte) este teria expresso um ponto de vista pessimista quanto ao futuro da humanidade: Se Darwin foi incontestavelmente um darwinista social, um racista científico e um eugenista convicto, a posteridade dessas doutrinas revelou-se sinistra (e é sem dúvida por isso que muitos cientistas abominam a idéia de associar Darwin a essas correntes). Em nome da eugenia, esterilizou-se nos Estados Unidos, entre 1900 e 1940, quase 36 mil pessoas: doentes mentais, todos os tipos de desviados (marginais, vagabundos, etc.) ou, de modo mais geral, pessoas que tiveram o azar de encontrar-se sem recursos e viram-se internadas em algum hospital psiquiátrico por alguma (má) razão.*

*Mas muitos outros países democráticos também conheceram ondas de esterilização antes da Segunda Guerra Mundial, pela instigação das ligas eugenistas a que se associavam um bom número dos neodarwinistas mais eminentes (como por exemplo, o matemático R. Fisher, da Grã-Bretanha).*

*Sabemos que as teorias de Vacher de Lapouge e de Galton foram especialmente retomadas por Hitler e pelos ideólogos nazistas como bem entenderam (o darwinismo social, por sua vez, foi propagado na Alemanha a partir do final do século XIX pelo discípulo alemão de Darwin: Ernst Haeckel, biólogo ainda de grande renome). Sem dúvida, não é exagerado dizer que o Estado racial desejado por Hitler, assim como sua doutrina da luta das raças, que culminou com o genocídio de judeus e de ciganos, deve uma boa parte de seus fundamentos ao darwinismo social, à eugenia e ao racismo científico.*<sup>33</sup>

### **3 - José Osvaldo de Meira Penna, em “Polemos: Uma Análise Crítica do Darwinismo”:**

*"Em A descendência do homem e a seleção sexual, que apareceu pela primeira vez em 1871, Darwin expressa opiniões similarmente notáveis que resumem sua postura filosófica quanto ao problema da seleção e da contra-seleção, aplicadas ao homem. O eugenismo aí está implícito. O eugenismo e a crítica a certos efeitos anti-seletivos da civilização moderna - argumentos que serão, futuramente, aproveitados de modo peculiar. Vejamos o que diz o biólogo:*

*"Com os selvagens, os indivíduos fracos de corpo e de espírito são prontamente eliminados e os sobreviventes não tardam, ordinariamente, a se fazer notar por sua saúde vigorosa. No que diz respeito a nós, homens civilizados, fazemos pelo contrário todos os esforços para deter a marcha da eliminação; construímos hospitais para os*

*idiotas, os achacados e os doentes; fazemos leis que prestam assistência aos indigentes; nossos médicos esforçam-se com toda a sua ciência para prolongar ao máximo a vida de cada um... Os membros mais débeis podem assim reproduzir-se indefinidamente. Ora, quem quer que se tenha ocupado da reprodução dos animais domésticos sabe, sem dúvida, como essa perpetuação dos seres débeis deve ser prejudicial à raça humana. Nossa instinto de simpatia nos induz a socorrer os infelizes. A compaixão constitui um dos produtos acidentais que adquirimos, no princípio, do mesmo modo como os outros instintos sociais de que faz parte. A simpatia, aliás, tende sempre a tornar-se mais larga e mais universal. Não saberíamos restringir nossa simpatia, mesmo se admitirmos que a razão inflexível disso fizesse uma lei, sem prejudicar a parte mais nobre de nossa natureza...*

*Devemos portanto sofrer, sem nos queixar, os efeitos incontestavelmente perversos que resultam da persistência e da propagação dos seres débeis. Parece, contudo, que existe um freio a essa propagação, no sentido de que os membros malsãos da sociedade se casam menos facilmente do que os membros sãos. Esse freio poderia ter uma eficácia real se os fracos de corpo e de espírito se abstivessem do casamento. Mas é isso uma situação que é mais fácil desejar do que realizar."*

*Em outros trechos, parece Darwin lamentar que o homem civilizado procure anular, graças à medicina, o processo de eliminação dos inferiores. A vacina descoberta por Pasteur e Jenner estava preservando milhares cuja constituição franzina teria sucumbido à varíola ou à peste. "Assim os membros fracos da sociedade civilizada se propagam" e "ninguém duvida que isso é prejudicial à raça do homem." Comparando essa prática com a iniciativa inteligente do próprio homem quando domestica os animais, Darwin estava, sem se dar conta, lançando as bases de uma concepção de eugenismo radical que encontraria sua suprema e mais terrível expressão no racismo nazista."*

*Não seria Hitler darwinista? E Himmler, e Rosenberg, e Mengele e os SS também?*

*Aliás, o próprio Nietzsche, tão infenso ao nacional-socialismo estatizante alemão, também escreveria na coletânea do Wille zur Macht que, para gerar o super-homem, seria necessário "formar o homem futuro pela educação seletiva (Züchtung) e, por outro lado, aniquilar milhões de malogrados."*

*Naquela obra, em seus aforismos 397 e 398, Nietzsche volta repetidamente ao tema eugenista. Sabemos que o eugenismo hitleriano adotou metodicamente o programa e que, mesmo antes do Holocausto e do início da guerra em 1939, já estava esterilizando e, mais tarde, assassinando em massa os imbecis, os mentecaptos, os doentes incuráveis, os homossexuais e os incapacitados de várias espécies.*

*A eugenia justificou o genocídio: os cálculos variam entre 11 e 26 milhões de massacrados das raças ditas "inferiores" - judeus, russos, poloneses, ciganos, iugoslavos, etc."*<sup>34</sup>

#### **4 – Denis Buican, Em “Darwin e o Darwinismo”:**

*"Para Darwin, a jóia da civilização europeia é o mundo anglo-saxão: "A superioridade notável que tiveram, sobre outras nações europeias, os ingleses, como colonizadores, superioridade atestada pela comparação dos progressos realizados pelos canadenses de origem inglesa com os de origem francesa foi atribuída à sua 'energia persistente e à sua audácia'; mas quem poderia dizer como os ingleses adquiriram essa energia? Certamente, há muita verdade na hipótese que atribui à seleção natural os maravilhosos progressos dos Estados Unidos, assim como o caráter de seu povo; os homens mais corajosos, mais enérgicos e mais empreendedores de todas as partes da Europa emigraram durante as dez ou doze últimas gerações, para irem povoar esse grande país e lá prosperaram."*

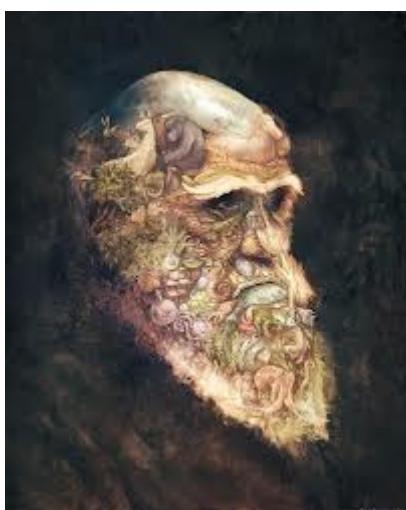
*Assim, Darwin volta à sua teoria da seleção natural, para explicar o progresso da humanidade e dos povos: "Se não tivesse sido submetido à seleção natural durante os tempos primitivos, o homem, certamente, nunca teria atingido a posição que ocupa hoje.*

*Quando vemos, em muitas partes do mundo, regiões extremamente férteis, povoadas por alguns selvagens errantes, enquanto poderiam alimentar numerosas famílias prósperas, inclinamo-nos a pensar que a luta pela existência não foi suficientemente rude para forçar o homem a atingir seu estado mais elevado.*

Falando da ação da seleção natural sobre as nações "civilizadas", Darwin fica muito próximo das ideias de Wallace e Galton, isto é, da eugenia: "Entre os selvagens, os indivíduos fracos de corpo ou de espírito são prontamente eliminados, e os sobreviventes são geralmente notáveis por seu vigoroso estado de saúde. Quanto a nós, homens civilizados, fazemos, ao contrário, todos os esforços para deter a marcha da eliminação; construímos hospitais para os idiotas, os inválidos e os doentes; fazemos leis para ajudar os indigentes; nossos médicos utilizam toda a sua ciência para prolongar, tanto quanto possível, a vida. Podemos crer que a vacina preservou milhares de indivíduos que, fracos de constituição, teriam outrora sucumbido à varíola. Os membros débeis das sociedades civilizadas podem, pois, reproduzir-se indefinidamente. Ora, quem trata de reprodução de animais domésticos sabe perfeitamente quanto essa perpetuação dos seres débeis deve ser nociva à raça humana."

*Apesar desse temor pela descendência do homem, na ausência da seleção natural, Darwin, moderado por uma concepção humanista, não leva seu raciocínio até um eugenismo exacerbado, pois, diz ele, abandonando os fracos e os inválidos, "só poderíamos ter em vista uma vantagem eventual, às custas de um mal presente, considerável e certo. Devemos, pois, suportar sem nos queixarmos os efeitos incontestavelmente maus, que resultam da persistência e da propagação dos seres débeis. Parece, todavia, que existe um freio para essa propagação, pois os membros doentes da sociedade se casam menos facilmente que os membros saudáveis. Esse freio poderia ter uma eficácia real, se os fracos de corpo e de espírito se abstivessem do casamento; mas esse é um estado de coisas que é mais fácil desejar que realizar."* <sup>35</sup>

É isso!



## Desnudando Darwin

Quando se fala em Charles Darwin, normalmente se tem em mente a figura de um célebre cientista inglês que revolucionou o pensamento biológico no fim do século XIX, e o qual se juntou ao navio de pesquisa Beagle, para uma longa viagem ao redor do mundo, da qual coletou inúmeras informações que o levou a escrever a obra que serviu de à Teoria da Evolução. Este é o Darwin solene, o ilustre criador da teoria da evolução, o protótipo perfeito de um grande e neutro cientista. Ou, como diria um outro apaixonado: "um aspirante a herói da ciência."

Mas, será isto verdade? Você acredita realmente nesta bela estorinha? Você crer de verdade que Charles Darwin aplicou o método científico com todo o rigor e imparcialidade? Você é daqueles que acredita que Darwin não tinha idéias pré-concebidas ao escrever o seu "A Origem das Espécies"? Os livros que você lê sobre o assunto lhes têm apresentado esta figura darwinianamente imaculada? Os seus professores lhe têm ensinado esta "versão oficial do darwinismo"?

Em caso afirmativo, lamento dizer-lhe que você não difere muito do garoto que apostou todas as suas moedinhelas na existência do papai Noel! Se não, vamos aos fatos...

*"Na história do darwinismo, os "conceitos essenciais de Darwin" são apresentados de maneira bastante coerente, e numa seqüência gradativa. Não aparecem contradições, hesitações ou falhas graves. O darwinismo parece ser uma teoria que foi "crescendo", amadurecendo lentamente, dentro de um processo que se parece muito com o seu próprio objeto de estudo: a lenta evolução dos seres vivos. A teoria, de uma certa forma, se apresenta como um tipo de produto da natureza, e não do homem. Por outro lado, salta aos olhos o fato de a teoria pretender ser inteiramente independente da influência da sociedade da época. Ela se submeteria apenas à lógica da natureza. No entanto, uma análise um pouco mais cuidadosa da obra de Charles Darwin nos revela uma série de hesitações, contradições e falhas que podem ser consideradas graves. Além disso, traz em seu interior todos os elementos da sociedade na qual foi construída. Assim, passa a ter as feições de um produto do homem, e não da natureza."*<sup>36</sup>

Então as conclusões de Darwin não foram isentas dos dogmas (religiosos, sociológicos e políticos) vigentes na época? Quer dizer que Darwin não fora um observador neutro e imparcial? Então seus trabalhos não foram resultados de seus próprios juízos de valor sem influências externas?

Lastimo decepcioná-lo, mas é exatamente isto!

*"Diz ele em sua autobiografia que, quando começou a estudar o material recolhido em sua viagem, procurou seguir uma metodologia clara: "Inspirei-me para este trabalho nos princípios de Bacon: sem teoria preconcebida, colecionei fatos (muito especialmente aqueles relacionados com as espécies domésticas), distribuí questionários impressos, conversei com hábeis criadores e jardinéiros e li enormemente."*

Nota-se que possuía, ao menos, grande honestidade científica; não pretendia que suas convicções pessoais influenciassem o resultado, que deveria surgir naturalmente, da simples confrontação dos fatos. Seria isto possível?

*Em primeiro lugar, é difícil acreditar que Darwin tenha realmente começado seu trabalho "sem teoria preconcebida". Embora tenha afirmado várias vezes que iniciou seus trabalhos sem acreditar na possibilidade das espécies se transformarem, a leitura de seu diário, escrito durante a viagem do Beagle, revela exatamente o contrário. Quando o Beagle aportou na foz do rio Negro, a algumas centenas de quilômetros ao sul de Buenos Aires, Darwin realizou uma longa expedição a cavalo até a capital da Argentina. Durante a viagem, fez várias observações sobre as mudanças do ambiente e da distribuição dos animais silvestres, em decorrência da ação dos colonizadores. A ema teria sido expulsa das pradarias do Prata pelo cavalo e pelo gado.*

[...]

*"Darwin escreveu em seu diário: "Inúmeras outras alterações também se verificaram (...), o gato comum, transformado em animal grande e feroz, habita as colinas rochosas." Como se vê, pensar na transformação das espécies não era, mesmo naquela época, um crime tão inconfessável assim. A crença na herança dos caracteres adquiridos também parece remontar àquela época. No mesmo diário, quando fala dos habitantes da Terra do Fogo, diz: "A Natureza, que tudo prevê pela onipotência do hábito e dos seus efeitos hereditários, amoldou o fogueano ao clima e aos produtos de sua miseranda pátria." Aqui aparece uma faceta indisfarçável do modo de pensar de Darwin, que é sua visão colonialista, sua óptica estritamente britânica. Diante sua vasta obra, tropeça-se a todo momento nessa sua forma particular de observar, principalmente nas passagens em que se refere aos povos "selvagens."*

*Na Austrália, falou com orgulho do trabalho dos britânicos, fossem homens, fossem cães: "Não havia muitos anos o país regurgitava de animais selvagens; atualmente, porém, o cassoar foi banido a grande distância e tornou-se raro o canguru: a ambos p galgo inglês provou ser grande agente de destruição. Poderá demorar muito tempo a extinção desses animais, mas seu destino está fixado. (...) Os nativos ingênuos, cegados por insignificantes vantagens, regozijam-se com a aproximação do homem branco, que parece predestinado a herdá-la (sic) o território de seus filhos."*

No fim de seu diário escreveu orgulhoso: "Pela contemplação do estado atual é impossível não avançar o olhar esperançoso para o futuro progresso de quase todo o hemisfério sul, graças ao espírito filantrópico da nação britânica. (...) Na mesma região do globo ergue-se a Austrália, ou, com efeito, ergueu-se como um grande centro de civilização, que, numa época não mui distante, dominará como imperadora do hemisfério sul. É impossível a um inglês contemplar essas colônias distantes sem sentir satisfação e orgulho. O arvorar da bandeira britânica parece resultar, como consequência certa, na disseminação da riqueza, da prosperidade, da civilização."

As convicções íntimas de Darwin não deixam de aparecer em sua obra. Não poderia ser impermeável às influências sociais do meio em que viveu. E, por uma série de razões que veremos adiante, o meio social daquela época também não poderia ser impermeável a Darwin" (Bizzo, 1989, p. 38-40).

Dentre os muitos nomes que se pode citar, dos quais Darwin fez uso abundante para chegar às suas conclusões, destacam-se, entre outros os de Wallace, Lamarck, Malthus, Galton, Spencer etc. E, sobre as influências lamarckistas, por exemplo, escreve o mesmo Nélio:

"Apesar de Darwin ter manifestado, como vimos, aversão às ideias de Lamarck, jamais as contestou; pelo menos em seus elementos centrais. Muito pelo contrário: procurou desenvolvê-las e sofisticá-las. Isto não pode ser atribuído a uma simples "fase" da vida do mestre. O Origem nasceu lamarckista e assim permaneceu. Este é um fato que os seguidores de Darwin omitiram deliberadamente.

Algumas pessoas afirmam que Darwin passou a ser lamarckista só no final de sua vida, tentando explicar as variações dos seres vivos. No entanto, a opção não declarada por Lamarck já aparece no seu rascunho escrito em 1842, assim como no ensaio de 1844. Ele começa esse ensaio dizendo: "Nos animais, o tamanho, vigor do corpo, o porte, idade da maturidade, características da mente e do temperamento são modificados ou adquiridos durante a vida do indivíduo e tornam-se características hereditárias. Há razões para crer que o grande desenvolvimento muscular adquirido através de um programa de exercícios, ou por outro lado seu atrofiamento pelo desuso, sejam também herdados."

[...]

"Vinte anos após a publicação do Origem das Espécies, Darwin ainda continuava firmemente convencido dos efeitos hereditários das modificações orgânicas adquiridas durante a vida dos organismos. Por essa época, o poder criativo da seleção natural andava sendo seriamente criticado por cientistas que acreditavam na ocorrência da evolução. A uma dessas críticas Darwin respondeu por carta, publicada na revista científica inglesa *Nature*, em 1880:

"Sir (Charles) Wyville Thompson pode citar alguém que tenha dito depender a evolução das espécies senão da seleção natural? No que me diz respeito, ninguém, creio eu, fez mais observações sobre o uso ou não das partes, do que fiz em meu "Variações dos Animais e das Plantas sob a Influência da Domesticação", e essas observações foram feitas especificamente com esse fim" (Bizzo, 1989, p. 19, 24).

E, continua o biólogo:

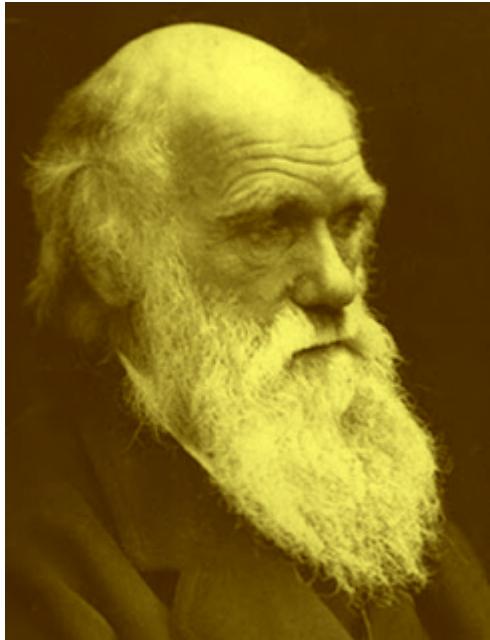
"A defesa da ideia de evolução, mesmo na Inglaterra, não foi exclusividade de Darwin ou seus seguidores. Na verdade, a discussão já tinha sido implantada 15 anos antes do lançamento do Origem das Espécies. Em 1844, aparecia um livro chamado *Vestígios da História Natural da Criação*, de autor anônimo (acredita-se que tenha sido escrito por Robert Chambers). Era um livro cristão porém evolucionista; nele apareciam muitos argumentos básicos que os darwinistas usariam mais tarde. O mais importante deles era o conceito de "recapitulação". A "recapitulação" lançava mão da embriologia para comprovar a ocorrência da evolução. Assim, o embrião de um animal passaria, basicamente, pelas mesmas etapas que o animal teria passado evolutivamente. A

*"metamorfose do sapo nada mais seria dó que um testemunho de que os anfíbios são descendentes de peixes"* (Bizzo, 1989, p. 26).

Outro mito gira em torno do livro "A Origem das Espécies", que, para alguns desinformados, foi um grande bestseller. Nada tão falso. Sobre isto, diz-nos Bizzo:

*"Na verdade, quando o Origem das Espécies foi lançado não houve grande impacto, tendo sido confundido com uma nova versão do Vestígios. O fato de ter-se esgotado no mesmo dia pode ser parcialmente explicado por isso e pelo fato de a tiragem ter sido reduzida (1250 exemplares). Aliás, a informação de que "se esgotou no mesmo dia" parece contar um pouco de exagero. O livro foi lançado em meados de novembro de 1859 e Darwin só soube que estava tendo boa saída dois meses depois, através de uma carta recebida por sua esposa. Escreveu emocionado, a 14 de janeiro de 1860: "Somente hoje eu consigo que ele (meu livro) se difunda largamente; porque, em uma carta que Ema recebeu hoje, a dama que lhe escreveu conta que ouviu que um senhor pediu meu livro na estação da estrada de ferro, na ponte de Waterloo, e o livreiro respondeu que não o teria enquanto não saísse a 2a edição"* (Bizzo, 1989, P. 26).

É isso!



## Confissões do "velho" Darwin

Recentemente, "fuçando" numa conhecida biblioteca de uma conhecida universidade aqui de São Paulo, deparei-me com o título "As Cartas de Charles Darwin" <sup>37</sup>, uma seleta de 1825 a 1859, prefaciado por Stephen Jay Gould, e publicado originalmente pela Cambridge University Press e, no Brasil, pela Editora Unesp.

Claro, para a seleção de tais missivas prevaleceu o critério do "não-comprometimento", ou seja, a não publicação de cartas que pudesse arranhar a imagem do naturalista; todavia, ainda assim é possível extrair destas alguma cousa de reveladora. Vejamos...

### **26 de setembro de 1957, a T.H. HUXLEY:**

*"Há de chegar um momento, creio, ainda que eu não viva para vê-lo, em que disporemos de árvores genealógicas bastante verdadeiras de cada um dos grandes reino da natureza..."*

Como é sabido, Darwin criou seu próprio modelo de árvore genealógica, um tipo de arbusto que obedecia cabalmente ao seu rígido e estrito gradualismo. Porém já é notório que o tipo de árvore criado por Darwin é ilusório, não correspondendo a realidade vivenciada na natureza. Lembrando ainda que foi desse conceito de "árvore" que nasceu a árvore racial de Haeckel, de evolução como progresso.

### **3 de outubro de 1857, a T.H. HUXLEY:**

*"Eu sabia, é claro, da visão que Cuvier tem da Classificação, mas, creio que a maioria dos naturalistas procura algo mais, & busca "o sistema natural",— "o projeto segundo o qual trabalhou o Criador."*

O Termo "projeto", na frase de Darwin, demonstra claramente que ele via a natureza como se fosse desenhada. Na verdade, todos os biólogos (e inclusive o zoólogo Dawkins) admitem o que eles chamam de "desenho aparente" na natureza. Apenas justificam-no mediante a seleção natural e outros "aliados evolutivos coadjuvantes."

**29 de novembro de 1857, a ASA GRAY** (nesta carta, Darwin admite que seu trabalho é meramente indutivo, e que seu erro mais comum é ausência de dados; também justifica o uso do termo Seleção Natural):

*"O que sugeres em linhas gerais é muito, muito verdadeiro, ou seja, que meu trabalho será deploravelmente hipotético & que grandes partes não serão dignas, de modo algum, de serem chamadas de indutivas, consistindo o meu erro mais comum, provavelmente, na indução a partir de um número muito pequeno de dados.— Eu não havia pensado em tua objeção a meu uso do termo "Seleção natural" como agente; utilize-o, na condição de agente, tanto quanto um geólogo emprega a palavra Desnudação para expressar o resultado de várias ações conjuntas. Tomarei o cuidado de explicar, não apenas por inferência, o que pretendo dizer com esse termo, pois preciso utilizá-lo; caso contrário, teria que ampliá-lo reiteradamente em algum tipo de fórmula (aqui precariamente expressa) como a seguinte: "tendência à preservação (graças à severa luta pela vida a que estão expostos todos os seres orgânicos, em algum momento ou geração) de qualquer das variações mais ínfimas, em qualquer lugar, que seja da mais ínfima serventia, ou que seja favorável à vida do indivíduo que sofreu tal variação, juntamente com a tendência à sua herança". Qualquer variação que não tivesse nenhuma utilidade para o indivíduo não seria preservada por esse processo de "seleção natural."*

*Mas não vou cansar-te prosseguindo neste assunto, pois não creio que conseguisse deixar mais claro o que pretendo dizer sem me estender enormemente.— Acresentarei apenas mais uma frase: diversas variedades de Ovelhas foram soltas ao mesmo tempo nas Montanhas de Cumber-land, & o que se verifica é que uma raça em particular sai-se tão melhor do que todas as demais, que praticamente leva as outras a morrerem de inanição: eu diria, nesse caso, que a seleção natural escolheu essa raça, & tendeu a aperfeiçoá-la, ou teria tendido a formá-la primitivamente..."*

Interessante! Darwin admite claramente o emprego do termo Seleção Natural como um agente. Note-se que no fim da carta ele trata da seleção artificial, vendo nela a ação do próprio "agente" seleção natural.

E, na mesma carta:

*"Aliás, um dia desses, encontrei Phillips, o Paleontólogo, & ele me perguntou: "como defines uma espécie?" — Respondi-lhe: "Não consigo." Ao que ele disse: "finalmente descobri a única definição verdadeira: 'qualquer forma que tenha tido, algum dia, um nome específico!'"*

A dificuldade de se definir "espécie" é clara, aqui. Interessante que seus seguidores póstumos não tiveram nenhum problema em elegerem uma definição assim, digamos, mais conveniente segundo seus interesses epistêmicos.

*"Indagastes se discutirei o "homem"; — creio que evitarei todo esse assunto, por ser muito cercado de preconceitos, embora reconheça plenamente que ele é o problema supremo & mais interessante para um naturalista" (p. 270).*

É aquilo que Nélio Bizzo escreve em "O que é Darwinismo":

*"No "A Origem das Espécies", ele "passa comodamente ao largo das implicações de sua teoria com o Homem. No entanto, no seu "Origem do Homem", ele penetra na questão e, aí, suas opiniões deixam pouca margem de dúvida."*<sup>38</sup>

Darwin, ao contrário de Wallace acreditava que a Seleção Natural moldou inclusive a mente humana. Wallace não conseguia atribuir à mente outra realidade senão à metafísica.

**18 de junho de 1858, a CHARLES LYELL:**

*"Disseste isso quando te expliquei aqui, muito sucintamente, minhas ideias sobre o fato de a "Seleção Natural" depender da Luta pela vida.— Nunca vi coincidência mais impressionante. Se Wallace dispusesse do esboço do manuscrito que escrevi em 1842, não poderia ter feito dele um resumo melhor! Até seus termos figuram agora como Títulos de meus Capítulos."*

Discute-se acerca de quem teria elaborado primeiro o conceito de Seleção Natural, se Wallace ou se Darwin. É notório que Wallace já havia antecipado Darwin nesta conclusão. O que deveria ser discutido é se Darwin plagiou ou não o trabalhado dele.

**25 de junho de 1858, ao mesmo LYELL:**

*"Não há nada no esboço de Wallace que não tenha sido escrito com muito mais detalhes em meu esboço transscrito em 1844, & lido por Hooker uns doze anos atrás. Há mais ou menos um ano, enviei um pequeno resumo de minhas ideias, do qual tenho uma cópia, a Asa Gray (em virtude da correspondência quanto a diversos pontos), de modo que poderia, com toda a veracidade, afirmar & provar que não tirei nada de Wallace. Eu ficaria extremamente feliz, neste momento, em publicar um esboço de minhas concepções gerais, com cerca de dez páginas. Mas não consigo convencer-me de que possa fazê-lo de maneira honrada. Wallace não fala nada sobre qualquer publicação, & eu te envio sua carta em anexo.— Mas, visto que eu não tencionava publicar nenhum resumo, será que posso fazê-lo honradamente, pelo fato de Wallace me haver remetido um esboço de sua doutrina?— Eu preferiria, sem termos de comparação, queimar meu livro inteiro a que ele ou qualquer outro homem considerasse que me portei com espírito mesquinho. Não achas que o fato de ele me haver remetido esse resumo deixa-me de mãos atadas? Não creio, minimamente, que ele tenha concebido suas ideias a partir de nada que eu possa ter-lhe escrito."*

Uma coisa é certa. É indiscutível a maior influência de Charles Darwin no âmbito acadêmico da época. Se ele se beneficiou ou não dessa "vantagem adaptativa" é discutível, contudo, o fato é que nesses termos e, também, no pecuniário, Wallace era sem dúvida o "menos apto."

**29 de junho de 1858, a J.D. HOOKER:**

*"Espero em Deus que ele não tenha sofrido tanto quanto parecia. Ele teve uma piora muito súbita. Foi Febre Escarlatina. Foi o mais abençoado alívio ver seu pobre rostinho inocente retomar sua expressão suave, no sono da morte.— Graças a Deus, ele nunca mais sofrerá neste mundo. Recebi tuas cartas."*

É constante a menção de Darwin à Divindade. Talvez por força do hábito. Seja como for, isso demonstra de certa forma o quanto essa questão atormentava o naturalista inglês.

**4 de julho de 1858, a ASA GRAY:**

*"Lyell, que está familiarizado com minhas ideias, conversou com Hooker (que, doze anos atrás, leu um longo rascunho meu, redigido em 1844), e {os dois} insistiram, com muita gentileza, em que eu não deixe que outra pessoa se antecipe a mim..."*

Gould realmente tem razão! Darwin temia ser antecipado por Wallace e recebeu todo o apoio da academia, para não deixar que o "pobre" Wallace publicasse primeiro o trabalho sobre seleção natural.

**13 de julho de 1858, a J.D. HOOKER:**

*"Sempre julguei muito possível que alguém se antecipasse a mim, porém imaginava ter uma alma suficientemente nobre para não me importar; entretanto, descobri-me equivocado & punido; apesar disso, eu estava bastante resignado, &: já escrevera metade de uma carta a Wallace para lhe conceder toda a prioridade, & decerto não a teria modificado, não fosse pela extraordinária bondade tua & de Lyell. Asseguro-te que posso senti-la & que não a esquecerei."*

Aqui, Darwin, ao mesmo tempo em que demonstra uma espécie de sentimento de culpa por não ter permitido que Wallace publicasse primeiro seu trabalho, ele ainda confessa seu desejo de antecipá-lo, coisa que de fato o fez.

**25 de novembro, a HERBERT SPENCER:**

*"Rogo-vos permissão para agradecer sinceramente pela enorme gentileza de me presenteardes com vossos Ensaios.— Já li vários deles com grande interesse. Vossos comentários sobre a tese geral da chamada Teoria do Desenvolvimento parecem-me admiráveis. No momento, estou preparando um resumo de um trabalho maior sobre as mudanças das espécies; porém trato o assunto como um simples naturalista & não de um*

*ponto de vista geral; se assim não fosse, em minha opinião, seria impossível aprimorar vossa tese, & ela poderia ser citada por mim com grande benefício.*

*Vosso artigo sobre a Música também me interessou muito, pois penso frequentemente no assunto & havia chegado praticamente às mesmas conclusões que vós, embora não esteja apto a corroborar essa ideia com detalhes. Além disso, por uma curiosa coincidência, há anos que a Expressão tem sido um de meus temas favoritos na especulação sem compromisso, & concordo inteiramente convosco em que toda expressão tem algum significado biológico.—*

*Espero poder aproveitar vossas críticas sobre o estilo &, com meus melhores agradecimentos, subscrevo-me, | Prezado Senhor, | Mui atenciosamente, C. Darwin.”*

Para quem não sabe, Spencer foi o iniciador do chamado “darwinismo social”, do qual culminou o nazismo, o fachismo e outras ideologias totalitárias, no século passado. Spencer nutria grande estima por Darwin, o qual não nutria menor sentimento por ele. Em quase todas as suas obras Darwin faz menção de Spencer, inclusive no “A Origem das Espécies” (salvo engano umas cinco vezes).

### **30 de março de 1859, a CHARLES LYELL:**

*“Também lamento o termo “Seleção Natural”, mas espero conservá-lo como {uma} Explicação mais ou menos assim: - “Através da Seleção natural ou preservação das raças favorecidas.”*

Originalmente este era o título do livro mais famoso de Darwin. Posteriormente ele fora suprimido de forma estratégica pelos seus admiradores póstumos.

### **6 de abril de 1859, a WALLACE:**

*“Tendes razão {em presumir} que cheguei à conclusão de que a Seleção era o princípio da mudança a partir do estudo das produções domésticas; & depois, ao fazer a leitura de Malthus, vi imediatamente como aplicar esse princípio.— A Distribuição Geográfica & as relações Geológicas entre os habitantes extintos e recentes da América do S. foram as primeiras a me conduzir a esse assunto. Especialmente o caso das Ilhas Galápagos.”*

Isto é para quem acha que Darwin elaborou sua teoria em à base de conceitos originalíssimos! Numa bela poltrona e... tam tam tam! ((rs))

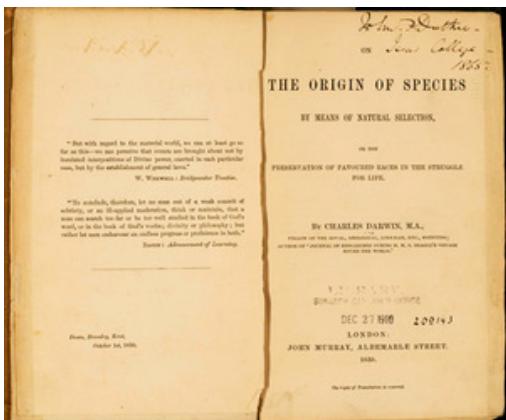
### **12 de abril de 1859, a J.D. HOOKER:**

*“Eu recomendaria que tomes cuidado ao fazeres afirmações muito genéricas (achei que talvez soubesses de casos isolados que não me fossem conhecidos) sobre o fato de as espécies não variarem por muitas gerações &, depois, repentinamente, passarem a variar. Até certo ponto, acredito muito nisso, isto é, em que uma planta não varia em menos de algumas gerações (talvez doze, mais ou menos), & depois começa a viciar, possivelmente de maneira repentina {e}, mais provavelmente, de maneira gradativa. Entretanto, até minha crença nisso é baseada em pouquíssimos dados.— Creio que é possível fornecer uma outra explicação muito diferente de uma espécie de crença corrente na doutrina, qual seja, a de que as variações frequentemente passam despercebidas &, enquanto não são percebidas & não se acumulam, não aparecem.” (*

Essa é boa! O que será que Gould viu nos fósseis que o levou a elaborar a teoria do Equilíbrio Pontuado?

Esse é "velho" Darwin! Na maior cara de pau pedindo segredo a Hooker que evitasse fazer “afirmações muito genéricas” sobre o que mesmo?

É isso!



## Darwin: falso best-seller

Dentre os vários mitos que se criou em torno da figura de Charles Darwin, um diz respeito ao seu livro "A Origem das Espécies." É comum, por exemplo, ler-se que tal obra foi um jibóico best-seller na época de seu lançamento. Todavia, ninguém melhor do que um darwinista e, aliás, um profundo conhecedor dos originais de Darwin, para desfazer esta lenda tão típica de pessoas comprometidas ideologicamente com o naturalista inglês. No seu ensaio "Darwinismo, ciência e ideologia", o professor

da USP, Nélio Bizzo, explica detalhadamente as razões porque este mito não se sustenta à luz dos fatos.

"Poucos cientistas se tornaram autores de best-sellers em seu tempo. E menos ainda ganharam essa fama sem merecê-la. Charles Darwin e seu livro "Origem das espécies", publicado em 1859, é um deles.

É muito difícil saber quando Darwin e "Origem das espécies" ganharam a fama de best-sellers, mas não existem dúvidas de que o próprio Darwin contribuiu, mesmo que involuntariamente, com ela. Muitas biografias apaixonadas foram escritas sobre esse controvertido naturalista inglês, algumas delas procurando mostrar o lado pessoal de Darwin; outras se concentraram no seu lado científico. O grande problema das biografias de pessoas polêmicas é que elas dificilmente são escritas com isenção tal que elimine o risco da criação de fatos novos, por simples distorção, às vezes cumulativa, de biógrafo sobre biógrafo.

O caso do best-seller ilustra muito bem esse ponto. Ao lado da suposta oferta de Marx para que Darwin prefaciasse "O capital" (outra invenção de biógrafos empolgados), a apologia do sucesso popular de Darwin pode ser percebida de forma cristalina numa das mais apaixonadas biografias escritas sobre Darwin. Dois renomados cientistas, Julian Huxley e H. D. Kettlewell, biólogos que trouxeram contribuição inestimável para a compreensão dos mecanismos evolutivos, escreveram "Darwin and his world" em 1965, em edição ricamente ilustrada, que percorreu o mundo em relançamentos e novas edições (o Brasil passou incólume por todas elas). Nesse livro, com uma iconografia inédita para a época, Huxley e Kettlewell reafirmam os mitos que se estabeleceram em torno do grande mestre inglês. Entre eles, se destaca o mito do best-seller. Escreveram eles:

*A primeira edição de 1250 cópias vendidas a quinze shillings foi toda comprada no dia do lançamento. Uma segunda edição foi publicada seis semanas depois e, desde aquela época uma avalanche de novas edições revisadas tiveram que ser preparadas, sendo continuamente vendidas.*

A impressão que temos é que o livro estourou em vendas, desde o dia do lançamento, dando a ideia de que os leitores comuns correram para as livrarias e esgotaram a primeira edição, mantendo o ritmo nas seguintes. Mas a verdade é bem menos dramática do que nos apontam Huxley e Kettlewell. Infelizmente, essa versão tem prevalecido entre biógrafos e mesmo entre cientistas que admiraram a obra não apenas de Darwin, mas também de Huxley e Kettlewell (este último foi um dos autores do conhecido estudo do efeito do melanismo industrial sobre mariposas no noroeste da Inglaterra).

Já em 1959, ano do centenário do lançamento de "Origem das espécies", quando Morse Peckham, cientista da Universidade de Filadélfia, publicava o "Variorum Text", uma extraordinária compilação de todas as modificações introduzidas por Darwin nas sucessivas edições de seu maior livro, ele indicava que essa versão de autor best-seller não se justificava e precisava obrigatoriamente ser revista ("must be revised", escreveu ele). Vamos aos fatos.

*Uma resenha do livro de Darwin apareceu no jornal literário de maior prestígio na época, no sábado de 19 de novembro de 1859. A resenha, é bem verdade, fazia alguma sensação do livro, por exemplo, com a pergunta: "Se um macaco se tornou um homem - o que um homem não poderá vir a se tornar?" No dia 22 foi realizada uma venda por atacado pelo editor, e os livreiros começaram a expor o livro nas prateleiras no dia 26 de novembro. No entanto, a atenção do público estava dirigida para outro lançamento da mesma fornada, a narrativa do Capitão M'Clintock sobre o paradeiro de Sir Franklin.*

*Numa época em que a Inglaterra fazia no mar o que os Estados Unidos fazem hoje no espaço sideral, Sir Franklin chefiara uma expedição que procurava pela "passagem norte", a ligação entre o Atlântico e o Pacífico pelo Ártico. A expedição tinha magnetizado a opinião pública até que, subitamente, deixara de mandar notícias. Os dois navios, os mais modernos que o dinheiro poderia fazer construir à época, tinham desaparecido com toda a tripulação, sem deixar qualquer vestígio. No entanto, o HMS Erebus e o HMS Terror, foram finalmente encontrados pelo Capitão M'Clintock. Ele teria seguido um mapa obtido pela esposa de Sir Franklin numa sessão espírita, psicografado por uma menina irlandesa de quatro anos, Wessey Copin, que morrera em seguida. Os jornais já tinham antecipado as conclusões do capitão, que obtivera o diário de bordo dos dois navios. Após o encalhamento no gelo, 105 sobreviventes marcharam desesperadamente para o sul, até morrerem de frio, escorbuto e inanição. Sir Franklin morrera no dia 11 de junho de 1847. Apenas três corpos congelados foram encontrados.*

*Não restam dúvidas de que havia uma expectativa muito grande quanto ao lançamento do livro do capitão M'Clintock, e é bem possível que o editor, John Murray, tenha condicionado a venda deste livro à compra de outros títulos menos apelativos, como o de Darwin. De fato, foram vendidos todos os 7.600 exemplares de M'Clintock e 1.500 exemplares de Darwin, que corresponderam a 8% do total das vendas da feira. No entanto, Murray tinha apenas 1192 exemplares disponíveis para entrega. A solução foi providenciar uma reimpressão do livro para honrar os negócios feitos no atacado.*

*A terceira edição do "Origem das espécies" teve que esperar dezesseis meses (abril de 1861) e a quarta apareceu apenas seis anos depois, em dezembro de 1866. Nesse período a venda média do livro foi inferior a oitenta exemplares por mês, o que configura, mesmo para a época, um quadro totalmente diferente daquele de best-seller.*

*Neste ponto, alguém poderá dizer que sucesso de vendas nunca foi parâmetro para convencer a comunidade científica desta ou daquela teoria. Bastaria pensar em Newton, que jamais ganhou um centavo em direitos autorais com o seu "Princípios Matemáticos" nem por isso deixou de influenciar a Física de forma jamais vista antes. Estamos todos de acordo. Resta saber como canalizar a paixão intelectual darwinista.*<sup>39</sup>

É isso!



## As fontes em que Darwin bebeu

Uma das fantasias mais escalafobéticas que se observa entre a galera de Darwin, diz respeito à crença ingênua de que o naturalista inglês foi um autor super-original, que escreveu todas suas obras apenas e tão somente a partir das observações realizadas em suas viagens no navio Beagle.

Mas, como bem disse o sábio: "em assuntos de amor são os loucos quem tem mais experiência." Contudo, em se tratando do mundo real, uma rápida olhada em seus livros já é suficiente para fazer desmoronar essa jibóica

ilusão. Darwin bebeu nas mais variadas fontes, inclusive nos ícones do famigerado darwinismo social, como se pode notar nos nomes e nas citações a seguir, extraídas dos seus livros “A Origem do Homem e a Seleção Sexual” e “A Origem das Espécies”, em suas respectivas traduções para a Língua Portuguesa:

#### **FRANCIS GALTON**

Francis Galton, primo de Darwin, foi quem introduziu pela primeira vez o termo “eugenia”, aplicando-o em suas obras, principalmente “Hereditary Genius”, de 1869. Tal qual muitos dos pensadores da época, Galton acreditava que a “raça” humana poderia ser melhorada caso fossem evitados “cruzamentos indesejáveis.” Darwin aproveitou “muito bem” as idéias de Galton, conforme citações a seguir, extraídas da obra referenciada:

*“Em outro lugar discuti com bastante profundidade o assunto da hereditariedade, pelo que agora não creio necessário acrescentar alguma coisa mais. Quanto à transmissão, seja dos mais irrelevantes como dos mais importantes caracteres, no caso do homem tem sido recolhido um número de dados maior do que para qualquer outro animal inferior, embora os dados sejam bastante copiosos também para estes últimos. Assim, no que toca as faculdades mentais, a sua transmissão se manifesta nos cães, nos cavalos e nos outros animais domésticos. Ademais, seguramente se transmitem gostos e hábitos particulares, a inteligência em geral, a coragem, o bom e o mau temperamento, etc. Com o homem assistimos a fatos semelhantes em quase toda família; e agora, graças às notáveis obras de Galton, sabemos que o gênio, que compreende uma combinação extraordinariamente complexa de faculdades elevadas, tende a ser hereditário; por outro lado é igualmente certo que a loucura e as deficiências psíquicas se transmitem nas famílias.”*

[...]

*“Galton, que teve excelentes oportunidades de observar os armênios semi-selvagens do sul da África, diz que os mesmos não podem suportar nem sequer uma separação momentânea do grupo. São essencialmente escravos, não procurando sorte melhor do que aquela de serem dirigidos por um boi qualquer que tenha suficiente confiança em si mesmo para aceitar a posição. Os homens que irrompem entre estes animais para domesticá-los, põem-se a espiar atentamente aqueles que, pastando separados, revelam uma disposição de autoconfiança e estes são adestrados como guias. Galton acrescenta que tais animais são raros e preciosos e, se deles nascessem muitos, seriam imediatamente eliminados, de vez que os leões estão sempre de emboscada contra os chefes que se distanciam do grupo.”*

[...]

*“Como às vezes se pode ver que está se travando uma batalha entre os vários instintos nos animais inferiores, assim não é estranho que exista uma luta no homem entre os seus instintos sociais, com as suas virtudes derivadas e os seus impulsos e desejos inferiores, embora momentaneamente mais incitantes. Conforme observou Galton, isto é tanto me nos surpreendente, porquanto o homem foi imerso por um estado de barbárie num período relativamente recente.”*

[...]

*“Até aqui tenho considerado somente o progresso do homem, saindo de uma condição semi-humana para aquela do moderno selvagem. Merece que se acrescentem algumas referências a propósito da ação da seleção natural nas ações civilizadas. Este tema tem sido discutido com habilidade por W. R. Greg e anteriormente por Wallace e por Galton. Muitas das minhas observações são extraídas destes três autores.”*

*“Pela primogenitura, os homens que são ricos são capazes de selecionar, geração após geração, as mulheres mais lindas e atraentes que em geral gozam de saúde do corpo e são ativas de intelecto. As consequências danosas, que podem existir, de uma contínua conservação da mesma linha de descendência, sem seleção de nenhum gênero, podem ser freadas por homens capazes que desejam sempre incrementar a sua riqueza e o seu poder, o que realizam mediante o casamento com as herdeiras. Mas as filhas únicas,*

conforme demonstrou **Galton**, são elas mesmas levadas a ser estéreis; assim as famílias nobres são continuamente partidas na linha direta e as suas riquezas se extravasam para alguma linha lateral; mas, infelizmente, esta linha não é determinada por uma superioridade de um gênero qualquer."

"Muitas vezes se tem objetado, para ideias semelhantes, que os homens mais eminentes não têm deixado descendentes que herdassem o seu grande intelecto. **Galton** afirma: "Sinto desgosto em ser incapaz de resolver a simples questão sobre até que ponto homens e senhoras, que são muito geniais, são estéreis. Contudo, tenho demonstrado que homens eminentes não são absolutamente assim". Grandes legisladores, fundadores de religiões benéficas, grandes filósofos e gênios da descoberta científica ajudam o progresso do gênero humano em medida mais elevada com as suas obras do que gerando uma numerosa prole. No caso das estruturas corpóreas, o fator que contribui para um progresso de uma espécie é a seleção de indivíduos ligeiramente mais dotados e a eliminação daqueles menos dotados, e não a conservação de anomalias fortemente acentuadas e raras. O mesmo se dará com as faculdades intelectuais, visto que os homens um pouco mais hábeis em qualquer grau da sociedade têm melhor êxito do que os menos hábeis e, consequentemente, progridem em número, quando não são obstaculados de um outro modo. Quando numa nação o nível de inteligência e o número de pessoas inteligentes cresceram, de acordo com a lei do desvio da média, podemos contar com o aparecimento dos gênios com um pouco mais de frequência do que antes."

[...]

"Greg e **Galton** muito têm insistido sobre o obstáculo mais importante, existente nos países civilizados, contra o aumento do número dos homens de classe superior, isto é, sobre o fato de que os mais pobres e os negligentes, que frequentemente são degradados pelo vício, quase invariavelmente se casam antes, enquanto que os prudentes e os frugais, que em geral são virtuosos também em outras maneiras, contraem matrimônio em idade avançada, com a finalidade de poderem ser capazes de permanecer, eles mesmos e os seus filhos, na comodidade."

[...]

"Conforme observou **Galton**, numa época antiga, quase todos os homens nobres, que se dedicavam à meditação ou à cultura, não possuíam nenhum refúgio a não ser no seio da Igreja, que exigia o celibato ; isto dificilmente podia ter deixado de causar uma influência deteriorante nas sucessivas gerações."

[...]

"Baseados na lei do desvio da média, tão bem ilustrada por **Galton** em seu livro *Heredity Genius*, podemos também concluir que, se em muitas disciplinas os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio do homem é superior àquele destas últimas.

[...]

"Por outro lado, **Galton** observou que, se o prudente evita o matrimônio enquanto que o incauto se casa, os membros inferiores tendem a suplantar os membros melhores da sociedade. Como qualquer outro animal, o homem sem dúvida chegou à sua atual condição elevada através de uma luta pela existência, devida ao seu rápido progresso; se deve progredir ainda mais, teme-se que deva estar sujeito a uma dura batalha. Se assim não fosse, chafurdaria na indolência e os mais dotados não teriam mais êxito na luta pela vida do que os menos dotados. Por isso a nossa natural taxa de aumento, embora leve a muitos prejuízos óbvios, não deve ser de algum modo muito reduzida. Deveria estar aberta a competição para todos os homens; e com as leis e os costumes não se deveria impedir que os mais capazes tivessem melhor êxito e que criassem o maior número de filhos. Por mais importante que a luta pela existência tenha sido e ainda continue sendo, contudo no que diz respeito ao desenvolvimento das qualidades mais elevadas da natureza humana existem outros fatores mais importantes. Com efeito, as qualidades morais progrediram, tanto direta como indiretamente, muito mais por efeito

*do hábito, das faculdades raciocinantes, da instrução, da religião, etc., do que pela seleção natural; muito embora a esta última se possam com segurança atribuir os instintos sociais, que constituíram a base para o desenvolvimento do senso moral.*"<sup>40</sup>

## **HERBERT SPENCER**

Além de sua postura racista, Spencer ficou conhecido por cunhar a expressão "sobrevivência do mais apto", da qual Charles Darwin fez uso para justificar o funcionamento de "sua" Seleção Natural:

*"Dei o nome de seleção natural ou de persistência do mais apto à conservação das diferenças e das variações individuais favoráveis e à eliminação das variações nocivas."*

Spencer via sociedade como resultado de uma luta competitiva da qual apenas aqueles de "maior força moral" deveriam sobreviver, do contrário, dizia este ideólogo, a sociedade se debilitaria. Esta idéia, aliás, bem aproveitada pô Darwin, fora estendida para várias esferas da sociedade. Foi, por exemplo, usada para justificar moralmente os atos inescrupulosos dos capitalistas que controlavam as indústrias americanas. John D. Rockefeller, por exemplo, dizia que a riqueza que acumulara por meio da gigantesca Standard Oil Trust era "meramente a sobrevivência do mais forte..."

O nome de Spencer aparece várias vezes nas obras de Darwin, como em seu "A Origem das Espécies"<sup>41</sup>:

*"M. Herbert Spencer, numa memória (publicada pela vez primeira no Leader, Março de 1852, e reproduzida nos seus Essays em 1858), estabeleceu, com um talento e uma habilidade notáveis, a comparação entre a teoria da criação e o desenvolvimento dos seres orgânicos. Tira os argumentos da analogia das produções domésticas, das transformações que sofrem os embriões de muitas espécies, da dificuldade de distinguir espécies e variedades, e do princípio de graduação geral; conclui que as espécies têm sofrido modificações que atribui à mudança de condições. O autor (1855) estudou também a psicologia partindo do princípio da aquisição gradual de cada aptidão e de cada faculdade mental."*

[...]

*"Lorde Spencer e outros demonstraram que o boi inglês aumentou em peso e em precocidade, comparativamente ao antigo boi. Se, com auxílio dos dados que nos fornecem os velhos tratados, compararmos o estado antigo e o atual estado dos Pombos-correios e dos Cambalhotas na Grã-Bretanha, na Índia e na Pérsia, podemos ainda determinar as bases por que têm passado sucessivamente as diferentes raças de pombos, e como vieram a diferir tão prodigiosamente do Torcaz."*

[...]

*"Mas a expressão que M. Herbert Spencer emprega: "a persistência do mais apto", é mais exata e algumas vezes mais cômoda. Vimos que, devido à seleção, o homem pode certamente obter grandes resultados e adaptar os seres organizados às suas necessidades, acumulando as ligeiras mas úteis variações que lhe são fornecidas pela natureza. Mas a seleção natural, como veremos mais adiante, é um poder sempre pronto a atuar; poder tão superior aos fracos esforços do homem como as obras da natureza são superiores às da arte."*

[...]

*"M. Herbert Spencer responderia provavelmente que, desde que um organismo unicelular simples se torna, pelo crescimento ou pela divisão, um composto de muitas células, ou se está fixo a algumas superfícies de apoio, a lei que estabeleceu entra nação e exprime assim esta lei: «As unidades homólogas de toda a força diferenciam-se à medida que as suas relações com as forças incidentes são diversas». Mas, como não conhecemos fato algum que nos possa servir de ponto de comparação, toda a especulação sobre este assunto seria quase inútil."*

[...]

"Este princípio, segundo M. **Herbert Spencer**, é que a vida consiste numa ação e numa reação incessante de forças diversas, ou que delas depende; estas forças, como acontece de contínuo na natureza, tendem sempre a equilibrar-se, mas, desde que, por uma causa qualquer, esta tendência ao equilíbrio é ligeiramente perturbada, as forças vitais ganham em energia."

[...]

"Entrevejo num futuro afastado caminhos abertos a pesquisas muito mais importantes ainda. A psicologia será solidamente estabelecida sobre a base tão bem definida já por M. **Herbert Spencer**, isto é, sobre a aquisição necessariamente gradual de todas as faculdades e de todas as aptidões mentais, o que lançará uma viva luz sobre a origem do homem e sua história."

E, igualmente, no "A Origem do Homem e a Seleção SExual":<sup>42</sup>

"Embora os primeiros vislumbres de inteligência, segundo **Herbert Spencer**, se tenham desenvolvido pela multiplicação e pela coordenação de ações reflexas, tanto assim que dificilmente podem ser distintos, como se dá com o caso de jovens animais que mamam, parece que os mais complexos se originaram independentemente da inteligência. Não obstante isto, bem longe estamos de querer negar que as ações instintivas possam perder o seu caráter inalterável e irracional e ser substituídas por outras construídas com a ajuda da livre vontade."

[...]

"De maneira semelhante **H. Spencer**, em seu trabalho genial publicado em "Fortnightly Review", de 1.º de maio de 1870, pg. 535, explica as primeiras formas da crença religiosa no mundo, mediante o fato de o homem ser levado a considerar-se como urna dúplice essência, física e espiritual, por meio de sonhos, sombras e outras causas."

## ERNEST HAECKEL

Para quem não sabe, Haeckel foi um dos maiores fraudadores de dados científicos no âmbito da Teoria da Evolução. No seu tempo foi grandemente influente na Alemanha de Hitler. Suas idéias foram bem recebidas pelos "cientistas nazistas." A sua "Embriologia" há não muito tempo, entretanto, foi descoberta fraudulenta.

Ele fora amigo de Darwin, que o tinha em grande estima. Por exemplo, em seu "A Origem das Espécies", Charles Darwin faz menção da sua "Morfologia Geral", obra esta na qual Haeckel elaborou sua maior farsa.

O Haeckel, que praticamente idolatrava Darwin, escreveu também um livro intitulado "A Origem do Homem"<sup>43</sup>, que tenho aqui em mãos, e do qual posto o seguinte trecho, onde declara sua satisfação em ter contactado três vezes com Darwin, e no qual discorre sobre o conceito de evolução progressiva, conceito este bem utilizado pelos nazistas:

"Entre os filósofos, ninguém impôs melhor a influência da nossa concepção do mundo que o grande pensador inglês *Herbert Spencer*, um dos raríssimos sábios contemporâneos que sabem igualar os mais vastos conhecimentos em história natural com a especulação filosófica mais profunda.

Spencer pertence àquele antigo grupo de filósofos da natureza que, antes de Darwin, havia encontrado na doutrina evolucionista a chave que deveria permitir a resolução do enigma do universo; ele figura também entre esses evolucionistas que concedem, com razão, a maior importância à herança progressiva, a esta tão discutida transmissão das qualidades adquiridas. Spencer, tal como eu, combateu, desde o primeiro momento, com a maior energia, a teoria do plasma germinal de Weismann, que nega o importantíssimo fator da evolução, procurando se explicar apenas pela "força todo-poderosa da seleção". Na Inglaterra, a teoria de Weismann teve grande êxito, tendo aparecido como "neodarwinismo", opondo-se à nossa concepção de fenômenos evolutivos, caracterizada como "neolamarquismo". Estas afirmações não são de modo algum justificadas; Darwin estava tão convencido do alto teor da herança progressiva,

como o seu grande precursor, Jean Lamarck, e como Herbert Spencer. Tive o prazer de contatar três vezes com Darwin, e sempre verificarmos, sobre esta questão fundamental, critérios completamente conformes. Participo da convicção de H. Spencer, de que a herança progressiva é um fator indispensável da teoria monista da evolução e um dos seus elementos mais importantes. Negando-a, como Weismann, cai-se no misticismo, e, neste caso, melhor seria aceitar o mistério da "criação isolada de cada espécie". A própria antropogenia oferece uma infinidade de provas do que defendo.

Se, entretanto, olharmos de um ponto de vista muito geral o atual estado da antropogenia, e se abarcarmos com um só olhar todas as provas empíricas, teremos indiscutivelmente de afirmar: a descendência do homem, a partir de uma série de primatas terciários extintos, não é uma hipótese vaga, mas um fato histórico. Este processo, naturalmente, não pode ser demonstrado por métodos exatos; como também não podemos provar os números fenômenos físicos e químicos que, no decurso 44 de vários milhões de anos, conduziram progressivamente, desde a forma mais simples e desde o primitivo protozoário, até ao gorila e ao Homem.

Entre os filósofos, ninguém impôs melhor a influência da nossa concepção do mundo que o grande pensador inglês Herbert Spencer, um dos raríssimos sábios contemporâneos que sabem igualar os mais vastos conhecimentos em história natural com a especulação filosófica mais profunda.

Spencer pertence àquele antigo grupo de filósofos da natureza que, antes de Darwin, havia encontrado na doutrina evolucionista a chave que deveria permitir a resolução do enigma do universo; ele figura também entre esses evolucionistas que concedem, com razão, a maior importância à herança progressiva, a esta tão discutida transmissão das qualidades adquiridas. Spencer, tal como eu, combateu, desde o primeiro momento, com a maior energia, a teoria do plasma germinal de Weismann, que nega o importantíssimo fator da evolução, procurando se explicar apenas pela "força todo-poderosa da seleção". Na Inglaterra, a teoria de Weismann teve grande êxito, tendo aparecido como "neodarwinismo", opondo-se à nossa concepção de fenômenos evolutivos, caracterizada como "neolamarquismo". Estas afirmações não são de modo algum justificadas; Darwin estava tão convencido do alto teor da herança progressiva, como o seu grande precursor, Jean Lamarck, e como Herbert Spencer.

O mesmo acontece, porém, com todas as variedades históricas. Todos cremos na existência de Lineu e de Laplace, de Newton e de Lutero, de Malpighio e de Aristóteles, ainda que não se possa demonstrar, de maneira exata, a sua existência, no sentido da história natural moderna. Estamos persuadidos da existência destes gênios e de muitos outros, porque conhecemos as obras que deixaram, e porque vemos a influência que exerceram na história da civilização. E estes argumentos indiretos não valem menos do que aqueles que nos serviram para estabelecer a história dos antepassados do homem.

Dentre todos os mamíferos jurássicos, apenas um osso, o maxilar inferior, chegou até nós; Huxley expôs, com muita oportunidade, as causas deste fenômeno. Todos admitimos que estes animais tinham igualmente uma mandíbula superior, e outros ossos, ainda que não possamos prová-lo diretamente.

A chamada "escola exata" considera a evolução das espécies como uma hipótese não demonstrada, e deveria crer, para ser consequente consigo mesma, que a mandíbula inferior era o único osso que possuíam aqueles estranhos animais. Permitam-me, para terminar, que faça uma rápida concessão, perante o futuro, que se aproxima. Estou firmemente convencido de que não somente a ciência do século XX aceitará, nas suas linhas gerais, a nossa doutrina transformista, como até a considerará como a mais importante conquista do espírito da nossa época. Os seus raios deslumbrantes dissiparam as espessas nuvens da ignorância e da superstição que, até hoje, projetavam uma obscuridade impenetrável no mais importante de todos os problemas: a origem do homem, da sua natureza real, e do seu lugar na natureza. A influência incalculável da antropogenia natural, em relação a todos os ramos da ciência e da civilização, terá os

*mais felizes resultados. Essa grande obra, começada no nosso século por Lamarck e continuada por Darwin, será definitivamente uma das conquistas mais maravilhosas do espírito humano. E a filosofia monista, que baseamos no evolucionismo, favorecerá poderosamente o conhecimento das verdades naturais, ao mesmo tempo que com a sua utilização prática se obterá os melhores resultados. O sólido fundamento empírico deste monismo nos é fornecido pela zoologia filogênica.*

Agora a referência de Darwin a Haeckel, extraída do “A Origem das Espécies”: <sup>44</sup>

*“O professor **Haeckel**, na sua *Morfologia Geral* e noutras obras recentes, ocupou-se com a sua ciência e talento habituais do que se chama a filogenia, ou linhas genealógicas de todos os seres organizados. É sobretudo nos caracteres embriológicos que se apóia para restabelecer as suas diversas séries, mas auxilia-se também dos órgãos rudimentares e homólogos, bem como dos períodos sucessivos em que as diversas formas da vida têm, supõe-se, aparecido pela primeira vez nas nossas formações geológicas. Assim começou um árduo trabalho e mostrou-nos como deve ser tratada a classificação no futuro.”*

E do seu “A Origem do Homem”:

*“Haeckel nos lembra que não somente as medusas mas muitos moluscos flutuantes crustáceos e até pequenos peixes oceânicos compartilham da mesma aparência vítreia, muitas vezes acompanhada de cores prismáticas, dificilmente podemos duvidar que também os pássaros pelágicos e outros inimigos as tenham.”* <sup>46</sup>

## THOMAS MALTHUS

Dentre os cinco “conceitos essenciais de Darwin”, três deles são de autoria do economista inglês Thomas Malthus, a saber:

1 – As populações podem crescer exponencialmente, isto é, numa progressão geométrica do tipo: 2, 4, 8, 16, 32, 64 e assim por diante. Resumindo: se todos os descendentes de um casal de lobos sobrevivessem e se reproduzissem no mesmo ritmo, em poucos anos a terra estaria coberta deles.

2 – As populações não crescem exponencialmente e, aparentemente, a terra não está coberta de lobos.

3 – Por causa do grande número de descendentes e da ausência de espaço e alimento para todos, faz-se mister que exista uma “luta pela existência” (ou seja: uma competição), já que o número de indivíduos deve ser eliminado a cada geração.

Bem. É de conhecimento de todos que o grande “insight” de Darwin veio da leitura de “Essay on Population” (“Ensaio sobre a população”), publicado em 1798 pelo economista inglês Thomas Malthus. Em ”A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin”, Adrian Desmond & James Moore relatam mais ou menos como isso se deu:

*“O homem condenado continuou a ler, ainda interessado em estatísticas humanas. No final do mês, ele pegou a sexta edição do Ensaio sobre o Princípio da População de Malthus — a polêmica descrição da humanidade que ultrapassava seu suprimento de alimento e dos fracos e imprevidentes que sucumbiam na luta pelos recursos disponíveis, Malthus raramente fora mais atual.”* <sup>47</sup>

E isto é confirmado pelo darwinista Nélio Bizzo:

*“No entanto, todas essas observações não eram suficientes para comprovar a ocorrência da evolução. Era necessário encontrar um mecanismo que explicasse como essas modificações ocorrem. Isso era essencial para questionar a idéia, predominante até aquela época, de que as espécies eram imutáveis.”*

*Foi em 1838 que encontrou a chave do intrincado problema, lendo o livro do economista inglês Thomas Malthus sobre populações.”* <sup>48</sup>

Agora vamos às referências do próprio Darwin, do seu “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”: <sup>49</sup>

*“Conforme observou **Malthus**, existe motivo de se suspeitar que atualmente o poder reprodutivo é menor nas raças sem cultura do que naquelas civilizadas. Nada*

*sabemos de positivo sobre este ponto, visto que não se fez nenhum recenseamento dos selvagens; mas, com a ajuda do testemunho de missionários e de outros que têm residido durante muito tempo no meio destes povos, parece que via de regra as suas famílias são exígues e só raramente numerosas.*"

[...]

*"Malthus debateu estes numerosos obstáculos, mas não enfatizou aquele que provavelmente é o mais importante de todos, ou seja o infanticídio, especialmente perpetrado contra os bebês meninas, e o costume de provocar o aborto. Atualmente estas práticas prevalecem em muitas partes do mundo e o infanticídio parece que prevaleceu uma vez em escala ainda mais ampla, conforme demonstrou M'Lennan. Parece que esta prática se originou dos selvagens que se viam a braços com a dificuldade, ou antes a impossibilidade, de manter todos os filhos nascidos. Aos obstáculos supracitados se pode acrescentar a depravação, mas esta deriva da falta de meios de subsistência, embora haja motivo para se crer que em alguns casos (como no Japão) tenha sido encorajada propositalmente como meio para conter a população."*

E, aqui, as referências extraídas do seu "A Origem das Espécies e a Seleção Natural":

50

*"No capítulo seguinte consideraremos a luta pela existência entre os seres organizados em todo o mundo, luta que deve inevitavelmente fluir da progressão geométrica do seu aumento em número. É a doutrina de Malthus aplicada a todo o reino animal e a todo o reino vegetal. Como nascem muitos mais indivíduos de cada espécie, que não podem subsistir; como, por consequência, a luta pela existência se renova a cada instante, segue-se que todo o ser que varia, ainda que pouco, de maneira a tornar-se-lhe aproveitável tal variação, tem maior probabilidade de sobreviver, este ser é também objeto de uma seleção natural. Em virtude do princípio tão poderoso da hereditariedade, toda a variedade objeto da seleção tenderá a propagar a sua nova forma modificada."*

[..]

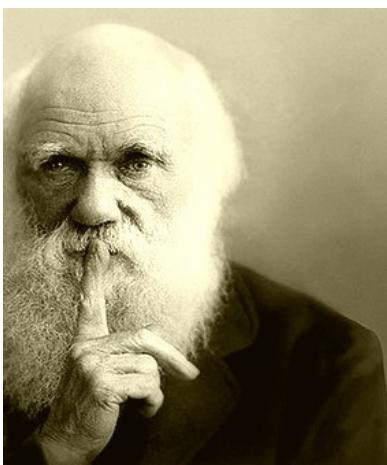
*"A luta pela existência resulta inevitavelmente da rapidez com que todos os seres organizados tendem a multiplicar-se. Todo o indivíduo que, durante o termo natural da vida, produz muitos ovos ou muitas sementes, deve ser destruído em qualquer período da sua existência, ou durante uma estação qualquer, porque, de outro modo, dando-se o princípio do aumento geométrico, o número dos seus descendentes tornar-se-ia tão considerável, que nenhum país os poderia alimentar.*

*Também, como nascem mais indivíduos que os que podem viver, deve existir, em cada caso, luta pela existência, quer com outro indivíduo da mesma espécie, quer com indivíduos de espécies diferentes, quer com as condições físicas da vida.*

*É a doutrina de Malthus aplicada com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência. Posto que algumas espécies se multiplicam hoje mais ou menos rapidamente, não pode ser o mesmo para todas, porque a terra não as poderia comportar.*

*Não há exceção nenhuma à regra que se todo o ser organizado se multiplicasse naturalmente com tanta rapidez, e não fosse destruído, a terra em breve seria coberta pela descendência de um só par. O próprio homem, que se produz tão lentamente, veria o seu número dobrado todos os vinte e cinco anos, e, nesta proporção, em menos de mil anos, não haveria espaço suficiente no Globo onde pudesse conservar-se de pé. Lineu calculou que, se uma planta anual produz somente duas sementes - e não há planta que tão pouco produza - e no ano seguinte cada uma destas sementes desse novas plantas que produzissem outras duas sementes, e assim seguidamente, chegar-se-ia em vinte anos a um milhão de plantas."*

É isso!



## Por que a África?

Num dia desses, perambulando por uma dessas férteis bibliotecas aqui de São Paulo, deparei-me com um livro a que se pode denominar “quase tipicamente darwinista.” O autor é Robert Foley, e o título da obra “Os Humanos antes da Humanidade: Uma perspectiva Evolucionista”, publicado pela Editora Unesp. Porém, o que me prendeu a atenção mesmo foi um capítulo intitulado: “Por que a África?”, onde o autor discorre acerca dos motivos pelos quais a África teria sido a região onde deu origem ao homem. Em sua análise, Foley afirma que o conhecimento sobre a evolução humana seria determinado não pela realidade evolucionária, mas por

acidentes geológicos: “*Talvez, então, a história africana que contamos não passe de uma ilusão.*”<sup>51</sup>

Foi neste contexto que me veio à mente os primeiros conceitos de evolução humana segundo os pioneiros do darwinismo. Lembrei-me então do naturalista alemão Ernst Haeckel e de seu modelo de “árvore da evolução humana”, onde um dos “galhos” era um negro africano.

Recordei-me de outros antigos cientistas contemporâneos de Darwin, tais quais Galton, Spencer, Broca entre outros. E, finalmente, vieram-me à lembrança as próprias idéias do naturalista inglês concernente às “raças humanas.” Assim, somando todo este legado evolucionista, não foi difícil de “hereticamente” hipotear algo sobre o porquê ter sido a África a escolhida como sendo o “berço da humanidade.”

É claro, de acordo com os darwinistas os fósseis foram determinantes para a eleição deste continente. Contudo, o mesmo Foley pede cautela quanto a isso: “*Quando se trata do registro de fósseis, o ceticismo é sempre uma atitude saudável, e muita cautela é decerto necessária quanto à visão de que a área que melhor preserva os fósseis deveria também ser a área que crias as melhores condições para a especiação.*”

Ademais, é necessário levar em conta, também, o fascínio de muitos dos antigos cientistas por formas intermediárias as quais pudesse provar os diversos estágios porque teria passado a evolução, mais exatamente a evolução humana. Gould, em “O Sorriso do Flamingo”, discorrendo, por exemplo, acerca das idéias de Edward Tyson (“Apresentando um macaco”) tece os seguintes comentários:

“*Os cientistas buscavam formas intermediárias com avidez (e inquietude); a descoberta de Tyson produziu uma confirmação bem-vinda de uma teoria estabelecida a cadeia do ser, não um desafio baseado numa idéia radicalmente diferente a evolução, a qual não seria ampla e seriamente discutida por mais um século. A obra de Tyson recebeu poucos comentários porque era confortadora e não polemica.*

“*Alem disso, o uso de Tyson do método comparativo não o caracteriza como um modernista esclarecido, mas surge também do seu compromisso com a cadeia do ser. Quando se deseja colocar um animal entre um macaco e um humano, o que mais se pode fazer além de catalogar a sua semelhança relativa com cada um?*”<sup>52</sup>

Tayson foi um dos que abriram caminho para as perigosas idéias do darwinismo social, em que o africano fora posto por razões ideológicas como o intermediário mais próximo entre o homem e o chimpanzé. Quem não conhece, por exemplo, a história de Ota Benga, negro africano que fora trazido de sua pátria e posto em uma jaula para apreciação pública, a fim de demonstrar uma estreita relação entre os africanos e os macacos?

Darwin, embora fosse abolicionista (o que apenas refletia os próprios interesses da Coroa inglesa), sempre via nos negros uma raça incivilizada e bem inferior aos brancos

europeus na suposta escala evolutiva. Assim, eleger a África como o berço da humanidade, ou seja, o local onde os supostos ancestrais hominídeos se transformaram em bípedes, embora aparentemente façá transparecer uma conotação poética, pode ser, na verdade, apenas o resultado de uma mentalidade arraigada no preconceito, em que o “civilizado branco europeu” encontrava-se no “topo” da evolução. E a história me oferece bons exemplos de que talvez eu não esteja cometendo tão grande heresia. Senão, vejamos alguns:

### **CHARLES DARWIN**

*“O hiato será então mais amplo, porque compreenderá a distância entre o homem, que terá alcançado, como podemos esperar, um estágio de civilização superior ao do caucásico, e um símio como o babuíno, e não como acontece atualmente, a distância entre o negro, ou o australiano, e o gorila”* (Descent of Man).

### **THOMAS HUXLEY**

*“Nenhum homem racional, conhecendo os fatos, acredita que o negro médio é igual, e menos ainda superior, ao homem branco. E, se isto é verdade, é simplesmente inacreditável que, quando todas as suas dificuldades forem removidas e o nosso parente prognata tiver uma oportunidade justa e nenhum favor, assim como nenhum opressor, ele venha a ser apto a competir vantajosamente com seu rival dotado de maior cérebro e menor mandíbula, numa disputa que seja entre pensamentos e não entre mordidas”* (“Lay Sermons”).

### **ERNEST HAECKEL**

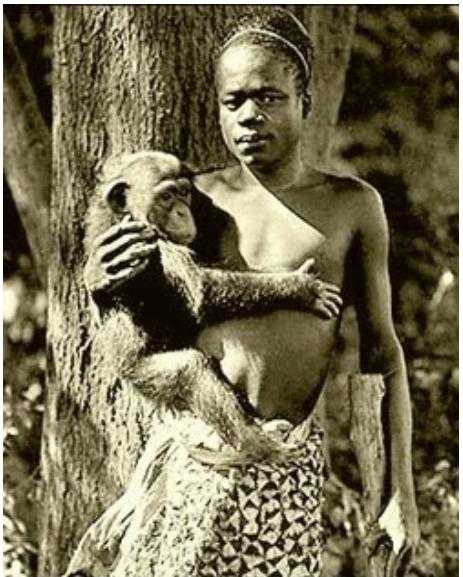
*“Um exame crítico imparcial confirma, igualmente, aqui a lei de Huxley: as diferenças psicológicas entre o homem e os antropóides são menores do que as que existem entre estes e os símios inferiores. Este fator psicológico corresponde exatamente às investigações anatômicas, que nos permitiram conhecer as diferenças de estrutura do córtex cerebral — esse “órgão da alma” —, cuja importância não se pode negar. A elevada significação desta circunstância torna-se mais clara quando se consideram as extraordinárias diferenças da vida psíquica dentro da mesma espécie humana. Vemos no cume um Goethe ou um Shakespeare, um Darwin e um Lamarck, Spinoza e Aristóteles, e, no mais baixo da escala, encontramos os weddas e os akkas, os australianos e os drávidas, os bosquímanos e os patagões. A vida psíquica apresenta diferenças infinitamente maiores, quando se compara, aqueles espíritos geniais e esses representantes degradados da humanidade, do que entre estes e os antropóides”* (“A Origem do Homem”).

### **JAMES WATSON**

*“Não há razão firme para crer que as capacidades intelectuais de pessoas geograficamente separadas evoluam de maneira idêntica. Nossa desejo de considerar poderes iguais de raciocínio como uma herança universal da humanidade não vai se prestar a isso”* (“Avoid Boring People” - “Evite Pessoas Chatas”).

É... Mas como disse o grande poeta indiano Tagore: “É fácil falar com clareza quando não se vai dizer toda a verdade.”

É isso!



## Ota Benga e a mácula do darwinismo social

Segundo Stephen Jay Gould, em “A Falsa Medida do Homem”: “*O conceito de evolução transformou o pensamento durante o decorrer do século XIX. Quase todas as questões referentes às ciências da vida foram reformuladas à luz desse conceito. Até então, nenhuma idéia havia sido objeto de um uso, ou de um abuso, tão generalizado (por exemplo, o "darwinismo social", ou seja, o uso da teoria evolucionista para apresentar a pobreza como algo inevitável). Tanto nos criacionistas (Agassiz e Morton) quanto os evolucionistas (Broca e Galton) puderam explorar os dados a respeito do tamanho do cérebro para estabelecer distinções falsas e ofensivas entre grupos humanos. Mas outros argumentos quantitativos surgiram como apêndices da teoria evolucionista.*”<sup>53</sup>

E uma das conseqüências oriunda do surgimento dos conceitos evolutivos de Charles Darwin refere-se à busca de provas que pudessem demonstrar a ascendência gradual e progressiva do ser humano. Para isso passou a haver entre grupos darwinistas um forte interesse por pesquisar traços simiescos nos selvagens, e mais propriamente nos negros africanos, traços esses que servissem como exemplos de intermediação evolutiva entre os chimpanzés e os brancos.

Não foi á toa que em 1904 um pigmeu chamado Ota Benga fora capturado no Congo por Samuel Verner, sendo levado para os Estados Unidos e em seguida exposto no Museu de História Natural de Nova Iorque e, mais tarde, no Zoológico do Bronx, onde foi apresentado como sendo um representante da evolução homem-macaco (o “mais antigo ancestral do ser humano”) dividindo uma jaula com um orangotango.

Observe o que noticiou o New York Times naquele momento:

“*Domingo no parque havia 40.000 visitantes. Quase todos, homens e mulheres foram até a jaula onde estavam os macacos para ver a principal atração, o homem selvagem da África. O dia todo ele foi importunado com gritos e gracejos. Alguns lhe pressionavam as costelas, outros o derrubava e riam muito dele.*”

E o New York Daily Tribune:

“*A exibição de um pigmeu africano ao lado de um orangotango na mesma jaula em um Zoológico de Nova York, na semana passada, suscitou muitas críticas. Algumas pessoas declararam que a intenção do diretor Hornaday era demonstrar uma estreita relação entre os negros e os macacos. O doutor Hornaday negou: 'Se o pequeno sujeito esta na jaula', disse, 'é porque ali está mais confortável e porque estamos em dúvida a respeito do que fazer com ele.'*<sup>54</sup>

Sim, é bem verdade que o racismo não é um fenômeno exclusivo do darwinismo social. Absolutamente. Bem antes de Darwin, muitas das religiões oficializadas desempenharam seu devido papel neste âmbito deplorável. Porém, como bem escreveu Stephen Jay Gould, em seu livro anteriormente citado:

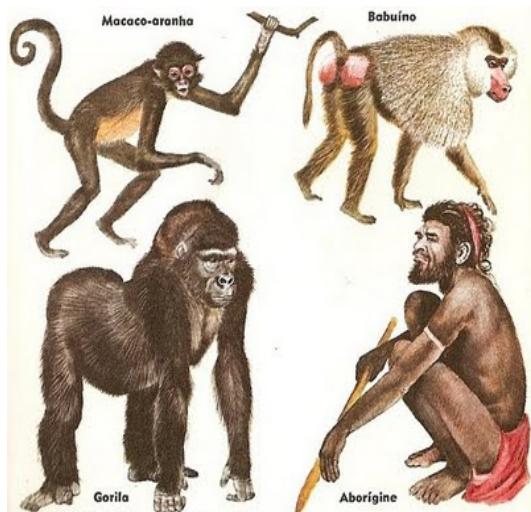
“*A teoria evolucionista eliminou a base criacionista que sustentava o intenso debate entre os monogenistas e os poligenistas, mas satisfez ambas as partes proporcionando-lhes uma justificação ainda melhor para o racismo de que ambas compartilhavam. Os monogenistas continuaram a estabelecer hierarquias lineares das raças segundo seus respectivos valores mentais e morais; os poligenistas tiveram então de admitir a existência de um ancestral comum perdido nas brumas da pré-história, mas afirmavam que as raças haviam estado separadas durante um tempo suficientemente*

prolongado para desenvolver diferenças hereditárias significativas quanto ao talento e à inteligência.

O historiador da antropologia George Stocking escreve (1973, p. 1XX) que "as tensões intelectuais resultantes foram resolvidas depois de 1859 por um evolucionismo amplo que era, ao mesmo tempo, monogenista e racista, e que confirmava a unidade humana mesmo quando relegava o selvagem de pele escura a uma posição muito próxima à do macaco."

A segunda metade do século XIX não foi apenas a era da evolução na antropologia. Outra corrente, igualmente irresistível, contaminou o campo das ciências humanas: a fascinação pelos números, a fé em que as medições rigorosas poderiam garantir uma precisão irrefutável e seriam capazes de marcar a transição entre a especulação subjetiva e uma verdadeira ciência, tão digna quanto a física newtoniana. A evolução e a quantificação formaram uma temível aliança."

É isso!



## A didática do racismo

Afirmar que a Teoria da Evolução apóia o racismo, é uma jibóica besteira; todavia, é inegável o fato de que os pressupostos evolutivos serviram muito bem para fundamentar ideologias raciais, como a Eugenia.

Historicamente, desde os seus primórdios, sempre houve uma vertente darwinista que, mediante a falsificação de dados científicos, fez uso do conceito de evolução com o pregresso a fim de justificar a superioridade de uma "raça", obviamente a "raça" branca.

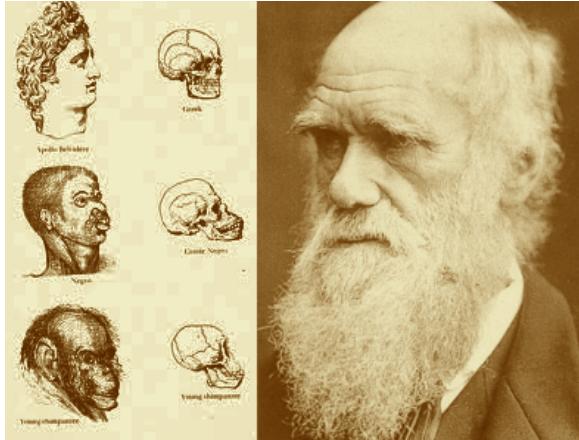
Apesar de o darwinismo social ter sido bem fecundo na Inglaterra vitoriana de Charles Darwin, felizmente ele não encontrou por lá respaldo de um partido político como o nazismo, de Hitler, que colocasse em prática medidas de "purificação racial" como se deu na Alemanha. Mas os ideais de Darwin não ficaram restritos à sua pátria. Em várias partes do mundo o darwinismo social deixou suas marcas, lamentavelmente. Na China, por exemplo, Mao Tse Tung foi fortemente impactado por Darwin na sua "Grande Marcha"; na Rússia o darwinismo foi muito bem aproveitado por Stalin, que não via limites para suas atrocidades; na Alemanha, Ernest Haeckel foi o grande divulgador das idéias de Darwin, e Hitler soube, a seu próprio modo, aproveitar deste legado; na África o governo inglês conseguiu manter uma opressão catastrófica contra a população negra, culminando no Apartheid; na Itália o médico Cesare Lombroso construiu toda uma teoria baseada no conceito de evolução como progresso, e de tal forma que a utilizava em julgamentos daqueles considerados criminosos; nos Estados Unidos a Eugenia se tornou um verdadeiro pesadelo para muitos imigrantes, os quais em muitos casos eram deportados e às vezes submetidos à esterilização forçada. Enfim, o darwinismo superou todas as fronteiras chegando inclusive aqui no Brasil, onde foi criada a Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, com o intuito de "higienizar" a sociedade.

Sim, não se pode negar que muitas dessas teorias raciais foram resultados de uma deturpação das idéias de Darwin; contudo, para todas elas, de algum modo Darwin dava a devida sustentação. A idéia de que o homem ascendeu de uma "raça" africana inferior indo culminar no "puro branco europeu" tem todo respaldo nos ideais do naturalista inglês.

Darwin tinha tanto ódio aos que ele denominava de "selvagens" que chegou a escrever: "Quanto a mim, quisera antes ter descendido daquela pequena e heróica macaqueirinha que desafiou o seu terrível inimigo para salvar a vida do próprio guarda; ou daquele velho babuíno que, descendo da montanha, levou embora triunfante um companheiro seu jovem, livrando-o de uma matilha de cães estupefatos, ao invés de descender de um selvagem que sente prazer em torturar os inimigos, que encara as mulheres como escravas, que não conhece o pudor e que é atormentado por enormes superstições."<sup>55</sup>

É isso!

## A causa profana de Darwin



Dentre os muitos eventos que ocorridos na época em que se comemorou 200 anos do nascimento de Charles Darwin, um deles referiu-se ao lançamento de vários livros referentes à vida e obra do naturalista inglês, dos quais se destaca: "A Causa Sagrada de Darwin" ("Darwin's Sacred Cause"), dos evolucionistas Adrian Desmond e James Moore, conhecidos por seus muitos trabalhos acerca do autor de "A Origem das Espécies." Segundo o site de notícia Reuters:

"Um novo livro sobre Charles Darwin diz que um ódio passional à escravidão foi fundamental para que ele desenvolvesse a sua teoria da evolução. A teoria foi contra a suposição de muitos à época de que negros e brancos eram de diferentes espécies.  
[...]

Os autores do livro, Adrian Desmond e James Moore, também acreditam que ele será um dos mais polêmicos, porque explora o que chamam de humanitarismo de Darwin e contesta a noção de que suas conclusões tenham sido resultado apenas da busca científica.

"Deve haver razões para ele ter chegado a imagens da origem comum da evolução quando não havia precedentes para tanto na zoologia de seu tempo", disse Desmond à Reuters. "Isso vem do antiescravagismo."

"Ninguém duvida que as ilhas Galápagos, os tentilhões, as preguiças gigantes e as tartarugas gigantes tenham sido absolutamente fundamentais para seus pontos de vista e para o que ele estava interessado."

"Mas é preciso observar um certo princípio norteador. Cada navio levava mais de um naturalista naqueles tempos -- por que nenhum deles chegou a essa idéia da origem comum, ainda que a maioria deles tivesse exatamente a mesma evidência?"

Moore disse que o livro não pretendia simplificar o argumento para "sou contra a escravidão, portanto sou evolucionista". E acrescentou: "Esse não é um argumento reducionista. Estamos ressaltando que era preciso que Darwin acreditasse em uma 'ciência da fraternidade' para ver a origem comum. Não podemos descobrir de onde mais ele teria tirado isso."

[...]

Desmond e Moore argumentam que o seu ponto de vista é importante porque mostra que Darwin foi movido por desejos e necessidades humanas, e lança nova luz sobre trabalhos atacados até hoje por serem considerados moralmente subversivos."<sup>56</sup>

Embora a galera de Darwin tenha comemorado com muitos "vivas!" este lançamento, o fato é que, pela simples análise de um de seus livros, "A Origem do Homem", é possível no mínimo desmontar esta ficção. Se não vejamos...

## DARWIN E A ESCRAVIDÃO

Segundo Nélio Bizzo, um profundo conhecedor dos originais do naturalista inglês, "*Darwin era um cidadão orgulhoso de sua nacionalidade*"<sup>57</sup>. O mesmo Darwin constantemente se refere à sua nação, a Inglaterra, como um verdadeiro exemplo civilização. Até aí, nada demais, afinal, não poderia esperar outra postura de um inglês naquela era vitoriana. Todavia, como é amplamente conhecido, os ingleses mantinham uma postura firme contra o tráfico negreiro, obviamente por ser isso um impedimento à sua expansão industrial: "*Para o Brasil, a extinção do tráfico negreiro não foi um fato isolado na sua vida econômica: ao contrário, ela correspondeu às exigências da expansão industrial da Inglaterra.*"<sup>58</sup>

Levando em conta, portanto, o nacionalismo de Darwin e a postura de sua pátria no que concerne à escravidão, seria de esperar que o naturalista se opusesse com naturalidade aos intentos de sua amada nação, isto é, que se colocasse contra a escravidão?

Nélio Bizzo, porém, (um darwinista da USP) vai mais longe a respeito dos objetivos de Darwin, até surpreendendo: "*Sua tarefa parecia consistir em observar, reconhecer os ambientes economicamente importantes para a Coroa Inglesa. Já naquela altura as matérias-primas eram cada vez mais necessárias para um país que passava por uma revolução industrial.*"<sup>59</sup>

Ademais, Darwin, como um amante da natureza, nutria forte interesse por toda forma de ser vivo. Desta forme pode-se especular que sua postura contra os maus tratos aos negros poderia ser apenas uma reação contra o mau trato a um ser vivo. Sim, pois como é sabido, para Darwin o negro estava em posição de inferioridade na escala evolutiva, afirmando inclusive (do livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual"): "*Em algum período futuro não muito distante se medido em séculos, as raças civilizadas do homem exterminarão e substituirão, quase com certeza, as raças selvagens no mundo todo. Ao mesmo tempo, os macacos antropomorfos... serão sem dúvida extermínados. A brecha entre o homem e seus parentes mais próximos será ainda mais larga, pois ela se abrirá entre o homem num estado ainda mais civilizado, esperamos, do que o próprio caucasiano, e algum macaco tão inferior quanto o babuíno, em vez de, como agora, entre o negro ou o australiano e o gorila.*"<sup>60</sup>

Por exemplo, no seu livro anteriormente citado algumas passagens por ele escritas tornam-no bastante comprometido nesta sua "causa sagrada", como:

### 1 - Comparando-os aos símios:

"Num capítulo anterior vimos que as capacidades mentais dos animais superiores não diferem em qualidade, embora sejam de grau muito diverso, das capacidades mentais dos homens, especialmente das raças inferiores e bárbaras; e parece que também o seu senso do belo não é muito diferente daquele dos quadrúmanos. Com efeito, os negros da África transformam o rosto com rugas paralelas "ou cicatrizes sobre a superfície natural, porque estas horrendas deformações são consideradas atrativos pessoais"; do mesmo modo como os negros e os selvagens de muitas partes do mundo pintam o rosto com sinais vermelhos, azuis e brancos, assim parece que o macho do mandril africano adquiriu o seu focinho rugoso e vivamente colorido a fim de se tornar atraente para a fêmea" (p. 625).

"Quando estão excitados os negros africanos começam a cantar: "Outro negro lhe responderá cantando, e os presentes, se tocados por essa onda musical, farão coro uníssono". Também o símio exprime fortes sentimentos em diversos tons: a raiva e a impaciência, com os tons baixos; o medo e a dor, com os altos. As sensações e as ideias que a música desperta em nós, ou expressadas pela cadência oratória, por sua beleza e

*profundidade aparecem quais reminiscências de emoções e pensamentos de uma era remota*" (p. 657).

## **2 - Darwin realçou as diferenças raciais entre grupos humanos, incluindo o negro, colocando-o como "subespécie":**

*"Apliquemos agora estes princípios geralmente admitidos às raças humanas, considerando-os com o mesmo espírito de um naturalista com relação a todo outro animal. Ao considerar o conjunto das diferenças entre as raças devemos ter em devida conta a nossa fraca capacidade de discriminação alcançada com um longo hábito de observarmos a nós mesmos... Assim é que na forma, as mais diferentes raças humanas são muito mais semelhantes entre si do que se poderia supor à primeira vista; certas tribos negras abrem exceção... Não existe, contudo, nenhuma dúvida de que as várias raças, se comparadas e medidas com cuidado, diferem muito... uma da outra – como no tipo dos cabelos, nas proporções relativas de todas as partes do corpo, no volume dos pulmões, na forma e dimensão do crânio e assim também nas circunvoluções do cérebro... As raças diferem também na constituição, na aclimatação, na circunstância de serem suscetíveis a certas doenças. As suas características mentais são igualmente bastante distintas, em primeiro lugar pelo que poderia aparecer nas suas faculdades emocionais, mas em parte por suas faculdades intelectuais... Se um naturalista que antes nunca tivesse visto um negro, um hotentote, um australiano ou então um mongol desse estabelecer um cotejo entre eles, imediatamente veria que diferem por uma multidão de caracteres, alguns de pouca importância, ao passo que outros de importância considerá-vel... O nosso hipotético naturalista, tendo ido tão longe assim em sua investigação, poderia em seguida pesquisar se as raças toda vez em que se cruzam são de alguma maneira estéreis. Poderia consultar a obra do prof. Broca, um prudente e imparcial observador, na qual poderia encontrar uma ótima prova de que algumas raças são completamente férteis, acasalando-se entre si, mas daria também com uma prova de natureza oposta em relação a outras raças... Os aborígenes americanos, os negros e os europeus são tão diferentes entre si intelectualmente quanto o podem ser três raças quaisquer. No entanto, ficava incessantemente surpreso, enquanto convivia com os fueguinos a bordo do "Beagle", diante dos pequenos traços de caráter os quais demonstravam como o seu cérebro era semelhante ao nosso; a mesma coisa vale para um sangue puro, do qual sucedeu outra vez tornar-me amigo íntimo..."*

## **3 – Subestimando seus dotes artísticos:**

*"Vimos que as faculdades musicais, que nunca estão inteiramente ausentes em nenhuma raça, são suscetíveis de um desenvolvimento pronto e eficaz; com efeito os hotentotes e os negros se tornaram excelentes músicos, apesar de nos seus países nativos raramente se praticar algo que possa ser considerado música"* (p. 656).

Para ficar só nisso...

Quanto a Adrian Desmond e James Moore, não vou fazer mais que menção ao fato de que tais autores são ambos darwinistas apaixonados pelo naturalista inglês. Basta lembrar que uma das mais extensas biografias a respeito de Darwin foi escrita por ambos: "Darwin: a vida de um evolucionista atormentado"<sup>61</sup>. Da qual, aliás, é possível extrair algumas passagens que contrastam com a "nova revelação" da "causa sagrada." Por exemplo:

*"Assim, o peneiramento continuava, talvez menos violentamente mas não menos efetivamente. O trabalho de Galton sobre a hereditariedade mental convencera-o. Os membros mais inteligentes dentro da mesma comunidade terão maior sucesso em relação aos menos inteligentes, e deixarão uma prole numerosa, e essa é uma forma de seleção natural.*

*O progresso agora dependia de "uma boa educação durante a juventude, época em que o cérebro é impressionável" combinado com "um alto padrão de excelência, inculcado pelos homens mais aptos e melhores."*

"Ele havia pensado que nasciam apenas indivíduos suficientes para manter uma espécie estável. Agora aceitava que também as populações selvagens procriavam além de seus meios. Como os arquitetos da lei dos pobres, a natureza não exibia caridade; os indivíduos tinham de se restringir e lutar, como as gangues cada vez maiores de pessoas que viviam dos montes de lixo de Londres, com a fome sempre os olhando no rosto."

[...]

"Na natureza de Darwin, os muitos caíam para que os poucos pudessem progredir. A morte adquiria um novo significado — e havia bastante dela por toda a parte: com o aumento no número de desempregados e desabrigados, os estatísticos médicos estavam compilando seus "livros-caixa da morte" (estatísticas de mortalidade) entre os moradores dos bairros pobres."

Os livros-caixa da natureza estavam sempre abertos; o Ceifeiro sentava-se, coberto de negro, com a pena para riscar nomes permanentemente a mão. O progresso não era tanto um hino à beneficência divina quanto um canto fúnebre que acompanhava a luta selvagem. Tanto a ciência darwiniana quanto a sociedade da Lei dos Pobres estavam agora reformadas de acordo com as linhas competitivas de Malthus."

[...]

"Mas Darwin acreditava que a guerra colonial era necessária "para fazer os destruidores se diversificarem" e se adaptarem ao novo terreno. A destruição estava se tornando parte integrante de sua concepção malthusiana da humanidade: Quando duas raças de homens se encontram, elas agem precisamente como duas espécies de animais. — Elas lutam, comem-se uma à outra, trazem doenças uma para a outra etc., mas, depois vem a luta mais mortal, a saber, a que faz a organização mais adequada, ou os instintos (isto é o intelecto no homem), ganhar o dia."

Os "mais fortes estão sempre extirpando os mais fracos" e os britânicos estavam vencendo todos. A expansão imperial encerrou o isolamento das raças indígenas e impediu seu desenvolvimento por outros caminhos. À medida que os brancos se espalhavam a partir do Cabo, as tribos negras eram forçadas a se unir no interior, fundindo raças e pondo fim a seu isolamento criador de espécies. Se isto não houvesse acontecido, especulou Darwin, "em dez mil anos o negro provavelmente teria se tornado uma espécie distinta."

Por tudo isso, portanto, parece clara a intenção de Adrian Desmond e James Moore. Como a propaganda é alma do negócio, nada melhor do que tentar dissolver ou suprimir aquela imagem do darwinismo social, tão atrelada à figura de Darwin. Todavia, essa tentativa há de satisfazer apenas os seus fiéis discípulos, tão carentes de consolo!

É isso!



## Medindo cabeças

Com este título, Stephen Jay Gould introduz um dos capítulos de seu recomendadíssimo livro "A Falsa Medida do Homem", em que trata do fascínio das ciências humanas pelos números, no século XIX: "a fé em que as medições rigorosas poderiam garantir uma precisão irrefutável e seriam capazes de marcar a transição entre a especulação subjetiva e uma verdadeira ciência, tão digna quanto a física

*newtoniana. A evolução e a quantificação formaram uma temível aliança; em certo sentido, sua união forjou a primeira teoria racista "científica" de peso, se definirmos "ciência" erroneamente, como muitos.*

Já de início, Gould (para quem não conhece, um dos mais respeitados darwinistas, que morreu em 1982), faz menção de uma frase de T. H. Huxley, o fiel amigo de Charles Darwin, frase esta na qual aparece a medição como fator para determinar a suposta superioridade do branco em relação ao negro: “*Nenhum homem racional, bem informado, acredita que o negro médio seja igual, e muito menos superior, ao branco médio. E, se isto for verdade, é simplesmente inadmissível que, uma vez eliminadas todas as incapacidades de nosso parente prógnato, este possa competir em condições justas, sem ser favorecido nem oprimido, e esteja habilitado a competir com êxito com seu rival de cérebro maior e mandíbula menor em um confronto em que as armas já não são as dentadas, mas as idéias.*”

Bem, diriam alguns: “esta mentalidade estava restrita a uma época na qual tais conceitos eram amplamente partilhados pela sociedade.

Pois bem. Estando a visitar um conhecido site de notícias (BBC) <sup>63</sup>, deparei-me com uma recente matéria em que de certa forma contradiz tal assertiva. Diz ela:

**Agressão pode estar 'escrita no rosto', diz pesquisa:** “*As tendências agressivas de um homem podem ser identificadas nos traços de seu rosto, segundo um estudo realizado por pesquisadores canadenses.*

“*O formato do rosto foi determinado ao medir a distância entre os ossos acima das bochechas e dividindo essa medida pela distância entre as sobrancelhas e o lábio superior.*

*Pelo estudo, quanto maior a proporção entre a largura e o comprimento do rosto, mais agressivo o jogador era.*”

E, agora, a conclusão:

“*Os resultados sugerem que o formato do rosto pode ter sido moldado pela evolução como uma marca da propensão à agressão.*”

*O próximo passo será analisar se as pessoas podem julgar, pelo formato do rosto, a personalidade de outros seres humanos.*”

Agora, vejamos mais uma a bem abalizada opinião de Gould, em seu referido livro “A Falsa Medida do Homem.”

“*A teoria evolucionista eliminou a base criacionista que sustentava o intenso debate entre os monogenistas e os poligenistas, mas satisfez ambas as partes proporcionando-lhes uma justificação ainda melhor para o racismo de que ambas compartilhavam. Os monogenistas continuaram a estabelecer hierarquias lineares das raças segundo seus respectivos valores mentais e morais; os poligenistas tiveram então de admitir a existência de um ancestral comum perdido nas brumas da pré-história, mas afirmavam que as raças haviam estado separadas durante um tempo suficientemente prolongado para desenvolver diferenças hereditárias significativas quanto ao talento e à inteligência.*”

Esta mesma notícia fez-me voltar, também, à Alemanha de Hitler, onde o processo de medição de cabeças era uma prática rotineira, com a qual se procurava saber se uma pessoa era ou não judia e, portanto, “inferior” do ponto de vista da “ciência” de Hitler.

Como se vê, este fascínio não ficou restrito ao século XIX. Ele perpassou todo o século XX e chegou em pleno século XXI, tendo ainda a reboque a “pecha” da “evolução.”

E, finalizando, resumo aqui, com as palavras do próprio Gould, como pensavam os racistas medidores de cabeças:

1. *Os racistas e sexistas científicos restringem seu rótulo de inferioridade a um único grupo socialmente relegado; mas a raça, o sexo e a classe andam juntos e são permutáveis. Embora os diferentes estudos tenham alcance limitado, a filosofia geral do determinismo biológico é sempre a mesma: as hierarquias existentes entre os grupos mais ou menos favorecidos obedecem aos ditames da natureza; a estratificação social*

*constituíria um reflexo da biologia. Bean estudou as raças, mas estendeu sua conclusão mais importante às mulheres, e também invocou as diferenças de classe social para justificar a tese de que a igualdade dos tamanhos cerebrais de negros e brancos refletiria realmente a inferioridade dos primeiros.*

*2. As conclusões não são ditadas pelo exame de uma documentação numérica copiosa, mas por preconceitos anteriores à investigação. É praticamente indubitável que a afirmação de Bean a respeito da presunção dos negros não constitui uma indução a partir do estudo dos dados sobre as partes anterior e posterior do cérebro, mas o reflexo de uma crença a priori que ele tentou apresentar como uma conclusão objetiva. Quanto à alegação especial no sentido de que a inferioridade dos negros podia ser deduzida da igualdade dos tamanhos dos cérebros, ela nos parece particularmente ridícula quando formulada fora dos limites de uma crença apriorística na inferioridade desse grupo humano.*

*3. A autoridade dos números e dos gráficos não aumenta com o grau de exatidão da medição, com o tamanho da amostragem ou com a complexidade de elaboração dos dados. Projetos experimentais básicos podem ser defeituosos desde o início e a repetição reiterada do experimento não implica a sua ratificação. O compromisso prévio em favor de uma das muitas conclusões possíveis com frequência acarreta graves defeitos na concepção das experiências.*

*4. A craniometria não foi apenas uma distração de acadêmicos, um tema confinado às publicações técnicas. Suas conclusões inundaram a imprensa popular. Quando ganhavam aceitação, muitas vezes adquiriam vida própria e eram copiadas de fontes cada vez mais distanciadas das originais, tornando-se refratárias a qualquer tipo de refutação, já que nenhuma examinava a fragilidade da documentação primitiva. Neste caso, Mall eliminou um dogma potencial, mas não antes que uma publicação importante recomendasse a supressão do direito de voto dos negros por causa da sua estupidez inata.”*

É isso!



## A Tirania do Q.I.

São os testes de Q.I. instrumentos eficazes para medir a inteligência de uma pessoa?

Bom. Pessoalmente, tenho uma posição bem definida sobre Q.I...

Se você vir alguém defendendo testes de Q.I. como ferramenta para avaliar inteligência, tenha em alta conta a possibilidade de estar lidando com uma pessoa de verdadeira índole preconceituosa ou racista. Defesa de Q.I. como fator de inteligência me causa mais náusea do que intoxicação alimentar!

Eu queria ver um destes estúpidos medidores de Q.I. tentarem imitar, por exemplo, a arte santeira de Ibimirim, as figuras esquálidas de Imburana de Sertânia, as carrancas de Petrolina, os bonecos gigantes de Olinda! Aliás, nem precisa tanto! Bastava apenasvê-los laçar de primeira um bezerro, como fazia seu Louro, um simples roceiro analfabeto lá de Capim Grosso, na Bahia!

A professora-doutora Marisa Eugênia Melillo Meira, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), é uma das muitas

pessoas que questionam seriamente os testes de Q.I. como veículo para medição de inteligência. Disse ela (o link na internet desapareceu):

*“Não se mede inteligência. Ela é um processo sempre em construção. O desenvolvimento intelectual vai sendo construído na medida em que se tem condições de desenvolver a intelectualidade e é preciso ter condições para isso. A inteligência é um processo que não termina, dura a vida toda.”*

[...]

*“Se o teste de Q.I. for aplicado em uma criança que teve várias oportunidades de se desenvolver e em outra que não teve nenhuma, o resultado é diferente. E não dá para dizer que uma criança é mais inteligente que a outra”. Então, na verdade o teste acaba traduzindo entre aspas a desigualdade social. Dá uma desculpa para um problema, explica a desigualdade social como sendo natural, o que não é.”*

*Numa reportagem realizada com esta professora, ela cita um dos exemplos mais aplicados de testes de Q.I., que consiste em mostrar, por exemplo, um violino e, em seguida, perguntar de que se trata. Se o examinado não sabe a resposta, perde um ponto. Ela então complementa: “Num teste assim, na verdade está sendo medido quanto cada pessoa teve de acesso a bens culturais. Por que saber o que é violino denota que uma pessoa é mais ou menos inteligente?”<sup>64</sup>*

Já num estudo intitulado “Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência”<sup>65</sup>, Maria Aparecida Affonso Moysés (do Departamento de Pediatria Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP) e Cecília Azevedo Lima Collares (Departamento de Psicologia Educacional Faculdade de Educação da UNICAMP) fazem as seguintes e pertinentes considerações sobre o assunto: *“A barreira imposta, cultural e politicamente, às possibilidades de desenvolvimento de crianças normais é que deve ser objeto de análise, na busca de modos de enfrentamento e superação, e não o seu produto - a diferença construída entre crianças - transformado em mais uma justificativa para a desigualdade social.*

*A desigualdade, as diferenças de possibilidades de pensamento, a barreira imposta enfim, não são fenômenos naturais, não pertencem ao mundo da natureza mas ao mundo dos homens. A naturalização da desigualdade imposta aos homens requer o ocultamento da discriminação racial, social ou de gênero, sob a aparência de conhecimento científico, alicerçado no campo da Biologia, mais especificamente na genética.*

*A transferência de pressupostos da teoria darwinista - o evolucionismo e a seleção natural - para o entendimento de fenômenos que ocorrem nas sociedades humanas constitui o terreno onde se fundam as teorias que tentam justificar a discriminação entre os homens.*

*E neste ponto não podemos esquecer que Galton, o idealizador dos testes de inteligência, tinha por objetivo a seleção dos mais capazes para o aprimoramento da espécie humana, em postura explicitamente eugenista; primo de Darwin, Galton é considerado um dos criadores do darwinismo social e até hoje os testes de inteligência fundam-se no eugenismo e no social-darwinismo.*

*Os testes fundam-se ainda em uma outra concepção, revelada pela necessidade de que a criança faça as tarefas na frente do profissional. Apenas aquela tarefa, elegida pelo pesquisador, e desde que realizada em sua frente, tem valor. Implicitamente, está dito que as informações, da pessoa ou de seus responsáveis, não têm valor para o examinador.*

*Se a criança não me provar que tem equilíbrio suficiente para andar de bicicleta, não deverei levar em consideração que ela saiba andar de bicicleta. Esta desqualificação das informações - e, por conseguinte, do outro - oculta-se sob a necessidade de objetividade, confundindo o próprio sentido da pretensa objetividade. Por outro lado, esta postura revela novamente os alicerces da Psicologia no pensamento clínico.*

*Qualquer teste apenas consegue avaliar se a criança possui uma das infinitamente possíveis formas de expressão de uma mesma capacidade. Isto, se a criança quiser demonstrá-lo em uma situação artificial e estressante como é qualquer situação de prova. Nada mais... Não é mais neutro nem mais objetivo do que qualquer outra forma de avaliação.*

*Mudaram os nomes dos testes, os autores, alteram-se pequenos detalhes e mantém-se a essência: apenas uma forma de expressão é passível de consideração. As demais, bem, são as demais... Neste sentido, não vemos diferenças entre os tradicionais testes de Q.I., os testes de psicomotricidade, as provas piagetianas, o exame neurológico evolutivo (ENE, que se propõe a avaliar a maturidade neurológica) e outros.*

*Ao assumir que as expressões das classes sociais privilegiadas são as superiores, as corretas, o que se está assumindo é uma determinada concepção de sociedade e de homem, fundada na desigualdade e no poder, em que alguns homens são superiores a outros, algumas raças são superiores a outras...*

*Estes são os pressupostos que subsidiavam a elaboração de um instrumento que se pretende neutro, objetivo e, portanto, aplicável a qualquer homem, em qualquer espaço geográfico, temporal e social. Os testes de inteligência, sempre permeados de valores dos grupos sociais dominantes, são divulgados como podendo ser aplicados a qualquer homem, não importa se rico ou pobre, vivendo próximo ao Central Park, em Nova York, ou na zona rural de Sertãozinho.*

*Estudando em colégio de elite em São Paulo ou sendo filho de bôia-fria, e já cortador de cana... Detalhes como esses, para quem quer acreditar, não são relevantes, pois se está avaliando a inteligência, que transcenderia a própria vida.*

*O caráter ideológico dos testes de inteligência (e derivados) é nítido, seja pela análise de seu próprio conteúdo, seja pela história de seus usos e consequências. Historicamente, têm servido como elemento a mais para justificar, por um atestado científico, uma sociedade que se afirma baseada na igualdade, porém se funda na desigualdade entre os homens.*

*Entende-se, assim, que a ênfase seja dada ao que a criança não tem, ao que ela não sabe, àquilo que lhe falta. É um olhar voltado para a carência, para a falha da criança. É quase como se a criança, que está sendo avaliada, precisasse se encaixar nas formas de avaliação que o avaliador, supostamente inteligente, conhece.*

*Daí, os laudos de falta de coordenação motora para quem faz pipa; de falta de raciocínio matemático para feirantes; de falta de ritmo para os que cantam e fazem batucadas... A prova é rígida e previamente estabelecida: se a criança ainda não sabe, não entende a proposta ou não conhece as regras do jogo, é reprovada. A avaliação pode ser vista como uma perseguição ao defeito da criança; sim, pois com certeza o defeito só pode estar localizado nela, já que vivemos em um mundo em que todos pretendem tê-las mesmas oportunidades etc. etc."*

Para finalizar, vai aqui a advertência do próprio criador dos testes de Q.I., Alfred Binet: "Realmente, é muito fácil descobrir sinais de retardamento em um indivíduo quando se foi previamente advertido que ele é retardado. Não foi de outra maneira que procederam os grafólogos que, quando se acreditava na culpabilidade de Dreyfus, descobriram em sua escrita sinais de que era um traidor ou um espião."<sup>66</sup>

É isso!



## Bárbaros, selvagens e incivilizados

Em seu excelente ensaio “Pueblos primitivos, pueblos civilizados: Ideologías subyacentes a los lenguajes documentales”<sup>67</sup>, Edgardo Civallero, da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), trata da importância que a linguagem exerceu sobre o processo de dominação entre os povos ao longo da história, especialmente após o advento do evolucionismo de Herbert Spencer, o qual, segundo o autor, foi uma das primeiras escolas de pensamento em antropologia cultural.

De acordo com Spencer, as sociedades, da mesma maneira que os organismos vivos, progrediram da forma simples para a complexa, seguindo por leis imutáveis. Foi deste conceito que Tylor, Morgan e Lubbock desenvolveram um esquema evolutivo com uma série de etapas, as quais iam desde o “selvagerismo” até à “civilização”, passando pelo “barbarismo.” Tanto Tylor quanto Morgan assinalaram que o “primitivo” seria para o “civilizado” o que o menino seria para o adulto.

Todavia, durante todo o longo processo histórico até os dias de hoje, o conceito de “bárbaro, selvagem, incivilizado, subdesenvolvido” e outros de natureza semelhante, sempre foram utilizados por um determinado grupo para definir o “outro” como “inferior ao mesmo tempo em que logravam para si a posição de “superioridade.” Os antigos romanos, por exemplo, consideravam “bárbaros” todos quantos viviam além das fronteiras do Império e que não possuíam a sua cultura.

Os antigos colonizadores europeus consideravam igualmente tanto o índio quanto o negro como povos selvagens, incivilizados e sem alma. Desta forma justificavam as chacinas em nome da “civilização.” O mesmo fez os imperialistas no século XIX e XX, mas desta feita usando argumentos considerados “científicos”, com os quais afirmavam que as “raças inferiores”, isto é, os povos dominados, estavam abaixo na escala evolutiva e, portanto, deviam submeter-se aos seus senhores “civilizados.”

Na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, o ditador Hitler, por sua vez, rotulava os judeus de “raça degradada”, ao passo que os alemães eram tidos como modelos de desenvolvimento físico, moral e intelectual. A própria natureza, segundo Hitler, incumbia-se de eliminar os “fracos”: *“A própria natureza costuma agir no sentido de limitar o aumento de população de determinadas terras ou raças, em épocas de grandes necessidades ou más condições climáticas, bem como de pobreza do solo; e isso com um método tão sábio quanto inexorável. Ela não impede a capacidade de procriação em si e sim, porém, a conservação dos rebentos, fazendo com que eles fiquem expostos a tão duras provações que o menos resistente é forçado a voltar ao seio do eterno desconhecido, o que ela deixa sobreviver às intempéries está milhares de vezes experimentado e capaz de continuar a produzir, de maneira que a seleção possa recomeçar”* (Hitler, em “Minha Luta” – “Mein Kampf”).

E, para quem imagina que tais deturpações foram cousas do passado, é preciso lembrar que de uma outra maneira esses mesmos conceitos ainda prevalecem sorrateiramente como algo natural e aceitável em nossos dias. As expressões “países subdesenvolvidos” e “terceiro mundo”, por exemplo, são termos que de algum modo remetem aos mesmos conceitos discriminatórios do passado, só que latentemente oficializados como capazes de designar a realidade dos povos atuais.

A realidade, porém, nem sempre reflete a posição dos “donos do saber.” Tomando como exemplo as idéias desenvolvidas pelo naturalista Charles Darwin, é bem comum em suas obras a dualidade entre “raças superiores e civilizadas” e “raças inferiores e selvagens.” Em a “A Origem das Espécies” ele fala claramente de algumas “raças desfavorecidas pela natureza” no processo da evolução. Obviamente que a “raça

favorecida” era o homem branco. Os índios, os africanos e os nativos do resto do planeta constituíam as raças incivilizadas no dito processo evolutivo.

Já em seu livro “A Descendência do Homem”, Darwin fez igualmente muitas suposições a respeito da “óbvia desigualdade entre as raças.” Expressou claramente suas inclinações racistas ao definir os nativos da Terra do Fogo visitados por ele em sua viagem em 1871. Os descreveu como humanos “totalmente nus; submersos em tintas; comendo o que encontravam e iguais aos animais selvagens; descontrolados; cruéis com qualquer que não seja de sua tribo; sentindo prazer nas torturas e seus inimigos; oferecendo sacrifícios cruéis; assassinando os seus filhos e as suas esposas; cheios de superstições (próprias de) ignorantes.” Contudo, segundo relatos, W.P. Snow, que havia estado na dita região uma década antes, descreveu aos mesmos nativos como “elegantes, fortes, orgulhosos de seus filhos, engenhosos inventores de técnicas, com noção á propriedade privada de algumas coisas e respeitosos com a autoridade dos mais velhos e da comunidade.” O motivo porque Darwin aviltou tão exageradamente a este povo se deve ao seu anseio de defini-lo como “uma raça que se havia caído do trem da história no processo evolutivo.”

Como afirmou Nélio Marco: “Escreveu Darwin numa carta a um amigo, W. Graham, em julho de 1881, pouco antes de morrer: “Posso contestar que a seleção natural mais fez para o progresso da civilização do que V. parece inclinado a admitir... As chamadas raças caucasianas mais civilizadas derrotaram o turco falso na luta pela existência. Olhando para o mundo num futuro não muito distante, creio que um número considerável de raças inferiores terão sido eliminadas pelas raças mais altamente civilizadas através do mundo!”

Pelas passagens já reproduzidas e por tantas outras que se encontram em seus escritos, não resta dúvida de que Darwin era um cidadão orgulhoso de sua nacionalidade. Mais que isto, estava convencido de que a sociedade baseada na competição generalizada era a única forma de se atingir o estágio ‘superior’ de ‘civilização’. Ainda jovem, a bordo do Beagle, lamentou as relações igualitárias que os índios da Terra do Fogo mantinham.

Escreveu ele em seu diário: “A perfeita igualdade entre os indivíduos que compõem as tribos da Terra do Fogo deverá retardar-lhes, por muito tempo, a civilização (...) até que algum chefe se levante com poder suficiente para garantir-se a posse de vantagens adquiridas, simples animais domésticos por exemplo, parece quase impossível que o estado político do país possa melhorar. Atualmente, o simples pedaço de tecido que se dá a um índio é rasgado em mil pedaços para contentar a todos, nenhum ficando mais rico do que o outro.

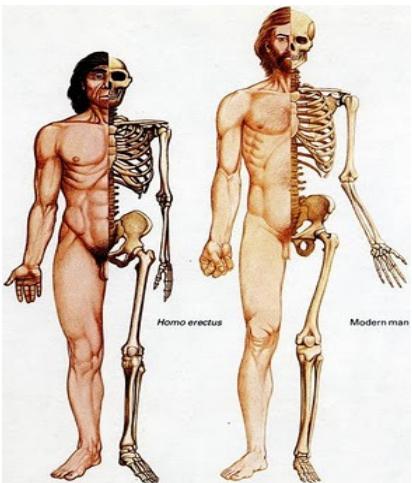
Era com esses olhos que Darwin observava a natureza à sua volta. Vendo uma pradaria sul-americana coberta por uma única espécie vegetal, não tardava a pensar que o lugar tinha sido originalmente ocupado por muitas espécies nativas, que teriam sido extermínadas pela conquistadora. E indo além, adiantava que tal espécie era europeia! Só podia ser mesmo. Europeus massacrando nativos e impondo seu domínio em terras distantes não era nada de incomum naqueles tempos.”<sup>68</sup>

Discorrendo sobre a idéia de superioridade de sua nação, Darwin escreveu no livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”: “O notáveis êxitos dos ingleses como colonizadores, em comparação com outras nações européias, foram atribuídos à sua energia audaz e persistente. Um resultado que ficou evidenciado ao compararmos o progresso dos canadenses de extração inglesa e francesa.”

É bem verdade que essa visão racista era comum naquela era vitoriana. Uma boa parcela da elite inglesa nutria do mesmo sentimento que Charles Darwin. Quiçá por isso o naturalista tenha sua culpa minimizada; no entanto: até que ponto seus ideais ainda não estão vivos e atuantes, hoje, em muitas mentes que o idolatram?

É algo para ser pensado!

É isso!



## A síndrome de Darwin

É amplamente sabido que as idéias de Darwin quando aplicada ao homem deram margem ao florescimento de inúmeras ideologias racistas ao redor do mundo, dentre as quais a mais funesta de todas elas: a Eugenia. O próprio Darwin cultivou a crença no “melhoramento das raças.” Ele e uma série de pensadores da época acreditavam que a “raça” humana poderia ser “melhorada” caso fossem evitados “cruzamentos indesejáveis. Isso deixa bem claro em seu livro “A Origem do Homem”:

*“Os dois sexos deveriam ser impedidos de desposarem-se quando se encontrassem em estado de inferioridade muito acentuada de corpo ou espírito.” E mais adiante: “Todos aqueles que não podem evitar uma abjeta pobreza para seus filhos deveriam evitar de se casar, porque a pobreza não é apenas um grande mal, mas ela tende a aumentar; (...) enquanto os inconscientes se casam e os prudentes evitam o casamento, os membros inferiores da sociedade tendem a suplantar (em número) os membros superiores. Como todos os animais, o homem chegou certamente ao seu alto grau de desenvolvimento atual mediante luta pela existência, que é consequência de sua multiplicação rápida; e, para chegar a um mais alto grau ainda, é preciso que continue a ser mantida uma luta rigorosa (...). Deveria haver concorrência aberta para todos os homens e dever-se-iam fazer desaparecer todas as leis e todos os costumes que impedem os mais capazes de conseguir seus objetivos e criar o maior número possível de crianças.”*

Lembrando também que os ideais de Darwin relacionados à evolução humana não ficaram restritos apenas à Europa. Em praticamente em todo o mundo Ocidental, eles vingaram e deixaram marcas profundas. Aqui mesmo no Brasil o darwinismo social exerceu forte influência entre médicos e escritores, como no autor de “O sítio do pica-pau amarelo”, o conhecido escritor Monteiro Lobato. Nos Estados Unidos a Eugenia chegou ao seu estado mais temível, sendo amparada inclusive por lei. Durante décadas uma quantidade enorme de mulheres americanas consideradas portadoras de alguma patologia hereditária foi violentamente impedida de gerar filhos, tendo como “justificativa” o bem-estar da sociedade. Também na Alemanha o darwinismo social ramificou-se ao modo “peculiar” de Hitler causando a maior catástrofe humana do século XX: o holocausto dos judeus.

Pois bem. Um outro grupo que também fora fortemente atingido pela “síndrome racista de Darwin”, foi o portador da condição tecnicamente conhecida como “trissomia 21” (mais popularmente conhecida como “síndrome de Down”).

Para quem não sabe, a expressão “síndrome de Down” tem esse nome por causa do médico inglês John Angdon Down, que descreveu esse distúrbio genético numa publicação de 1866. Inicialmente o médico Down também fora influenciado pelos estudos de Charles Darwin. Tomando como base o livro “A Origem das Espécies”, Down inferiu que aquelas características sindrômicas eram um retorno a um tipo racial oriental primitivo relacionado ao habitante da Mongólia, daí ter apelidado o termo de “mongolismo” ou “idiotia mongolóide”, o primeiro, aliás, usado até nos dias de hoje. Em “O Polegar do Panda”, Gould faz menção de uma frase com a qual Down tenta classificar os “débeis mentais” num “sistema natural”: “Mantive a minha atenção dirigida por algum tempo para a possibilidade de criar uma classificação dos débeis mentais, organizando-os em torno de vários pa-drões étnicos — em outras palavras, construindo um sistema natural.”<sup>65</sup>

Mais recentemente, sob o rótulo da “Sociobiologia”, o darwinismo social também refloresceu através dos genes. Os sociobiologistas fazem uso da falácia genética para tentar explicar os mais variados tipos de comportamentos humanos, os quais, segundo eles, “necessariamente” apresentam sinais da “evolução.” É o determinismo genético fazendo seu papel. E assim caminha a humanidade e a mediocridade...

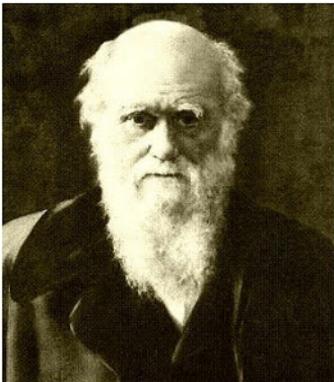
... em nome da ciência

É isso!

## Darwinismo: idéias perigosas

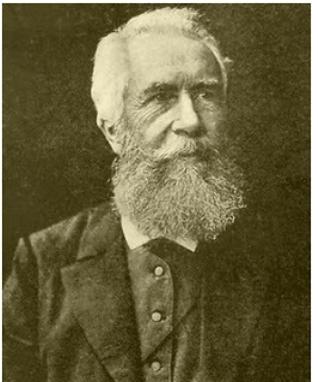
Desde seus primórdios o Darwinismo sempre esteve imerso em conceitos ou propósitos racistas. A idéia de **evolução como progresso**, que é a essência do Darwinismo Social, carrega em si a crença de que a “raça humana” pode ser melhorada ou aperfeiçoada, o que pode ser feito, por exemplo, evitando-se “casamentos indesejáveis.” Daí resultou o conceito de “superioridade” racial do branco europeu. As citações, a seguir, refletem um pouco este pensamento ideológico atrelado ao Darwinismo, e fazem parte sua história ao longo dos anos.

### CHARLES DARWIN



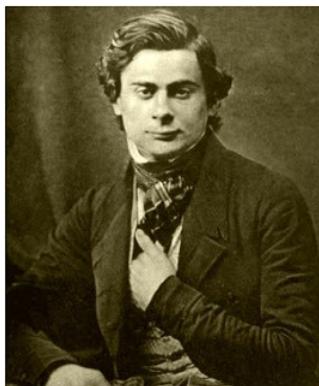
"*Nos selvagens, as fraquezas do corpo e da mente são imediatamente eliminadas; aqueles que sobrevivem, apresentam normalmente um vigoroso estado de saúde. Nós, homens civilizados, por outro lado, envidamos todos os esforços para deter o processo de eliminação; construímos asilos para loucos, aleijados e doentes; instituímos leis para os pobres e os nossos médicos exercitam ao máximo a sua habilidade para salvar a vida de quem quer que seja no último momento. Há motivo para se crer que a vacinação tenha salvo um grande número daqueles que, por sua débil constituição física, não teriam em tempo resistido à varíola. Desta maneira, os membros fracos das sociedades civilizadas propagam o seu gênero. Nenhum daqueles que se têm dedicado à criação dos animais domésticos duvidará que isto pode ser altamente perigoso para a raça humana. É surpreendente ver com que rapidez a falta de cuidados, ou cuidados inapropriados, leva a degeneração de uma raça doméstica; mas, com exceção do homem, é raro que alguém seja tão ignorante a ponto de permitir que os próprios animais piores se reproduzam*" (Em "A Origem do Homem").

### ERNEST HAECKEL



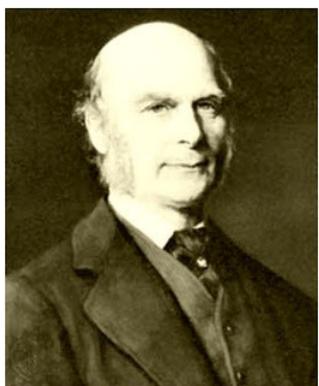
"*Um exame crítico imparcial confirma, igualmente, aqui a lei de Huxley: as diferenças psicológicas entre o homem e os antropóides são menores do que as que existem entre estes e os símios inferiores. Este fator psicológico corresponde exatamente às investigações anatômicas, que nos permitiram conhecer as diferenças de estrutura do córtex cerebral – esse “órgão da alma” –, cuja importância não se pode negar. A elevada significação desta circunstância torna-se mais clara quando se consideram as extraordinárias diferenças da vida psíquica dentro da mesma espécie humana. Vemos no cume um Goethe ou um Shakespeare, um Darwin e um Lamarck, Spinoza e Aristóteles, e, no mais baixo da escala, encontramos os weddas e os akkas, os australianos e os drávidas, os bosquímanos e os patagões. A vida psíquica apresenta diferenças infinitamente maiores, quando se*

*compara , aqueles espíritos geniais e esses representantes degradados da humanidade, do que entre estes e os antropóides”* (Em “A Origem do Homem”).



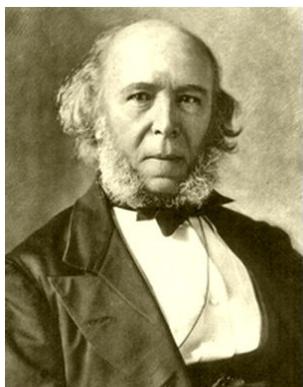
### THOMAS HUXLEY

*“Nenhum homem racional, conhecendo os fatos, acredita que o Negro médio é igual, e menos ainda superior, ao homem branco. E, se isto é verdade, é simplesmente inacreditável que, quando todas as suas dificuldades forem removidas e o nosso parente prognata tiver uma oportunidade justa e nenhum favor, assim como nenhum opressor, ele venha a ser apto a competir vantajosamente com seu rival dotado de maior cérebro e menor mandíbula, numa disputa que seja entre pensamentos e não entre mordidas”* (Em “Lay Sermons”).



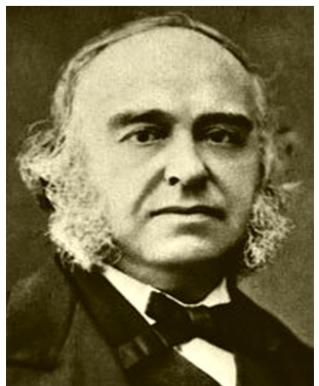
### FRANCIS GALTON (primo de Darwin)

*“As forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro”* (Em “Hereditary Talent and Genius”).



### HERBERT SPENCER

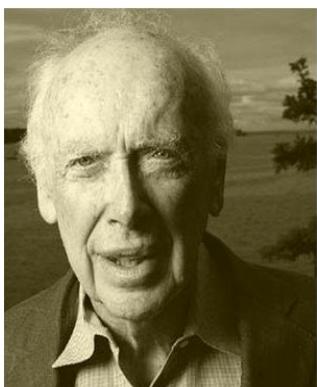
*“Todo o esforço da natureza é para se livrar desses e criar espaço para os melhores... Se eles não são suficientemente completos para viver , morrem, e é melhor que morram... Toda imperfeição deve desaparecer”* (Em “Social Statics”).



### PAUL BROCA

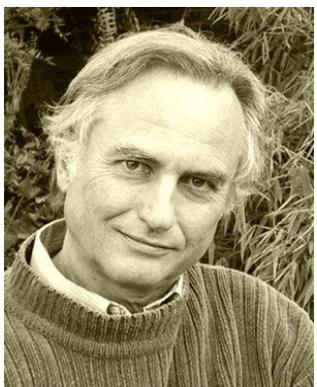
*“Em geral, o cérebro é maior nos adultos que nos anciões, no homem que na mulher, nos homens eminentes que nos homens medíocres, nas raças superiores que nas inferiores [...] Em igualdade de condições, existe uma notável relação entre o desenvolvimento da inteligência e o volume do cérebro.” [...] “O rosto prognático [projeto para a frente], a cor de pele mais ou menos negra, o cabelo crespo e a inferioridade intelectual e social estão frequentemente associados, enquanto a pele mais ou menos branca, o cabelo liso e o rosto ortognático [reto] constituem os atributos normais dos grupos mais elevados na escala humana”*

*[...] Um grupo de pele negra, cabelo crespo e rosto prognático jamais foi capaz de ascender à civilização”* (Citado por Gould em “A Falsa Medida do Homem”).



### JAMES WATSON

"Não há razão firme para crer que as capacidades intelectuais de pessoas geograficamente separadas evoluam de maneira idêntica. Nossa desejo de considerar poderes iguais de raciocínio como uma herança universal da humanidade não vai se prestar a isso" (Em "Avoid Boring People" – "Evite Pessoas Chatas").



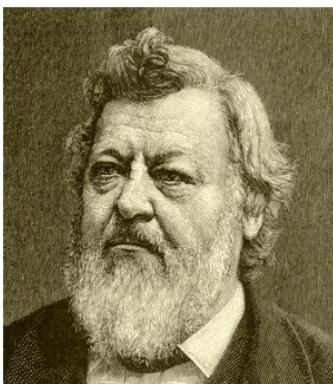
### RICHARD DAWKINS

"Penso que é possível argumentar que a fé é um dos maiores males do mundo, comparável ao vírus da varíola, porém mais difícil de erradicar" (Em entrevista à revista Veja, Brasil).



### R. M. YERKES

"Parece razoável supor que na indústria funciona um mecanismo de seleção através do qual os mentalmente mais hábeis ascendem do estágio de aprendizes ao de oficiais, assim como este último para o de mestres. Os que são mentalmente inferiores permanecem nos níveis de qualificação mais baixos ou seriam eliminados da profissão. Esta hipótese indica a conveniência de se questionar a validade do procedimento empregado nas entrevistas pessoais" (Citado Por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 227).



### CARL VOGT

"Devido ao ápice arredondado e ao lóbulo posterior menos desenvolvido, o cérebro do negro assemelha-se ao de nossas crianças, e, pela protuberância da lóbulo parietal, ao de nossas mulheres... Quanto às suas faculdades intelectuais, o negro adulto partilha da natureza da criança, da mulher e do homem branco senil... Algumas tribos fundaram Estados providos de um tipo característico de organização; mas, quanto ao resto, podemos atrever-nos a afirmar que o conjunto da raça negra, tanto no passado quanto no presente, nada fez para o progresso da humanidade, ou qualquer coisa que seja digna de preservação" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 98).



### LOMBROSO

"À vista do crânio, pareceu-me que, de repente, iluminado como uma vasta planície sob o céu resplandecente, podia ver todo o problema da natureza do criminoso: um ser atávico cuja pessoa reproduz os instintos ferozes da humanidade primitiva e dos animais inferiores. Assim se explicavam anatomicamente as enormes mandíbulas, os pronunciados ossos do rosto, os arcos superciliares proeminentes, as linhas separadas das palmas das mãos, o inusitado tamanho das órbitas, as orelhas em forma de asa que se observam nos criminosos, nos selvagens e nos macacos, a insensibilidade à dor, a extrema agudeza da visão, o gosto pelas tatuagens, pela ociosidade excessiva e pelas orgias, a ânsia irresponsável pela maldade por si mesma, o desejo de não apenas extinguir a vida da vítima mas também de mutilar o cadáver, de rasgar sua carne e beber seu sangue" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", onde se lê: "A teoria de Lombroso não foi apenas uma vaga afirmação do caráter hereditário do crime ... mas também uma teoria evolucionista específica").



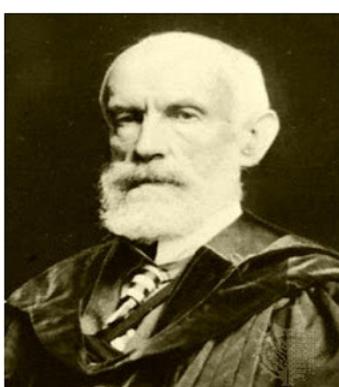
### RENATO KEHL

"A saúde assentar-se-á, então, sobre duas bases a Higiene que afastará as causas dos males e a Eugenia, que selecionará os indivíduos, tornando-as mais sólidas unidades de raça" (Em "A Cura da Fealdade").



### JOSÉ INGENIEROS

"Por acaso, os homens do futuro, educando seus sentimentos dentro de uma moral que reflete os verdadeiros interesses da espécie, possam tender até uma medicina superior, seletiva; o cálculo sereno desvaneceria uma falsa educação sentimental, que contribui para a conservação dos degenerados, com sérios prejuízos para a espécie" (Em "La simulación en la lucha por la vida").



### G. STANLEY HALL

"Isto expressa a existência de uma profunda diferença psíquica entre os sexos. O corpo e a alma da mulher são, em termos filogenéticos, mais antigos e mais primitivos; por outro lado, o homem é mais moderno, mais variável e menos conservador. As mulheres sempre tendem a conservar os velhos costumes e as velhas maneiras de pensar. As mulheres preferem os métodos passivos; [preferem] entregar-se ao poder das forças elementares, como a gravidade, quando se lançam das alturas ou ingerem veneno, métodos de suicídio em que superam o homem. Havelock Ellis acha que o afogamento está

*se tornando mais frequente, o que indica que as mulheres estão se tornando mais femininas.*" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 116).



### H. H. GODDARD

*"Se ambos os pais são débeis mentais, todos os filhos serão débeis mentais. É evidente que se deve impedir esse tipo de acasalamento. É perfeitamente claro que se deve impedir que uma pessoa débil mental se case ou de tenha filhos. Sem dúvida, para que esta regra seja cumprida, ela deve ser imposta pela parte inteligente da sociedade"* (Citado Por Stephen Jay Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 168).



### ENRICO FERRI

*"Parece-me que a pena de morte é prescrita pela natureza, e se aplica continuamente à vida do universo. A lei universal da evolução mostra-nos também que o progresso vital de toda espécie é decorrência da seleção contínua, da morte dos que menos se adaptam à luta pela vida. Ora, tal seleção, tanto nos seres humanos quanto nos animais inferiores, pode ser natural ou artificial. Portanto, estaria de acordo com as leis naturais a humanidade realizar uma seleção artificial através da eliminação dos indivíduos anti-sociais e inadequados"* (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", onde se lê: "O próprio Ferri invocava a teoria darwiniana como justificação cósmica para a pena de morte", p. 139).



### SIR CYRIL BURT

*"...Cada vez acredita-se que as características inatas da família influem mais na evolução que as características adquiridas pelo indivíduo, assim como a compreensão de que o humanitarismo e a filantropia podem impedir a eliminação natural das estirpes inadequadas; dadas estas duas características da sociologia contemporânea, a questão da hereditariedade da aptidão reveste-se de fundamental importância"* (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 290).



### E. D. COPE

*"Não há dúvidas de que, nas raças indo-européias, a maturidade de certos aspectos é mais precoce nas regiões tropicais que nas nórdicas; e, embora sujeito a muitas exceções, esse fenômeno é suficientemente genérico para ser considerado como regra. Assim, nessa raça — pelo menos nas regiões mais quentes da Europa e da América — encontramos uma incidência maior de certas qualidades que são mais frequentes entre as mulheres, como, por exemplo, a maior atividade da natureza emotiva em comparação com a atividade racional... É provável que os indivíduos do tipo mais nórdico tenham superado tudo isso já em sua juventude"* (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 113).



### D. G. BRINTON

"O adulto que conserva traços fetais, infantis ou simiescos mais numerosos é inquestionavelmente inferior ao indivíduo que conseguiu desenvolver esses traços... De acordo com esses critérios, a raça branca, ou europeia, situa-se no topo da lista, enquanto que a negra, ou africana, ocupa sua posição mais inferior... Todas as partes do corpo foram minuciosamente examinadas, medidas e pesadas de forma a se estabelecer uma ciência da anatomia comparada das diferentes raças" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 114).



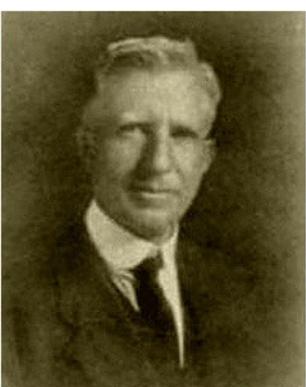
### GUSTAVE LE BON

"Nas raças mais inteligentes, como é o caso dos parisienses, existe um grande número de mulheres cujo cérebro se aproxima mais em tamanho ao do gorila que ao do homem, mais desenvolvido. Essa inferioridade é tão óbvia que ninguém pode jamais contestá-la; apenas seu grau é digno de discussão. .. Elas se destacam por sua inconstância, veleidade, ausência de ideias e de lógica, bem como por sua incapacidade de raciocínio. Sem dúvida, existem algumas mulheres que se destacam, muito superiores ao homem mediano, mas são tão excepcionais quanto o aparecimento de qualquer um gorila com duas cabeças; portanto, podemos deixá-las completamente de lado" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 99).



### LUIS BOLK

"Todas as outras raças podem alcançar o zênite de desenvolvimento que hoje ocupa a raça branca. A única coisa necessária para isso é que nessas raças continue a atuar o princípio biológico da antropogênese [ou seja, a neotenia]. Em seu desenvolvimento fetal, o negro passa por um estágio que no homem branco já se converteu em estágio final. Pois bem, se o retardamento persistir no negro, esse estágio de transição poderá converter-se no estágio final de sua raça." Citado por Gould, que diz: "Bolk, que se considerava "liberal", não quis relegar os negros a um estado de incapacidade permanente: confiava que a evolução seria benevolente para com eles no futuro" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", p. 119).



### ROBERT BENNETT BEAN

"O negro é basicamente afetuoso, imensamente emocional; portanto, sensual e, quando recebe estímulos suficientes, apaixonado em suas respostas. Ama a ostentação, e sua maneira de falar pode ser melodiosa; sua capacidade e seu gosto artístico ainda estão por se desenvolver — os negros são bons artesãos e habilidosos trabalhadores manuais —, e seu caráter apresenta uma tendência à instabilidade ligada a uma falta de domínio de si mesmo, principalmente no que se refere às relações sexuais; também carece de capacidade de orientação ou de aptidão para reconhecer a posição tanto de si mesmo quanto do que o cerca, como se pode observar na peculiar presunção que exibem. Este tipo de caráter é perfeitamente previsível no caso do negro, uma vez que a parte posterior de seu cérebro é

*grande enquanto a porção anterior é pequena*" (Citado por Gould em "A Falsa Medida do Homem", onde se lê: "... proclamou ele: os negros ocupam uma posição entre 'o homem' e o orangotango" p. 71).

É isso!



## Hitler, um darwinista social

*"Minha Luta (Mein Kampf) foi a melhor obra já escrita contra o nazismo. Já se escreveram livros, artigos, crônicas; fizeram-se filmes, peças de teatro. Por mais que demonstrassem o totalitarismo, a残酷和 desfaçatez daquele regime, nada conseguiu superar o original..."*

*Penso que "Minha Luta" deva ser amplamente conhecido, um texto preconceituoso, presunçoso e que traz embutidos neuroses e psicoses indiscutíveis, conhecê-lo talvez seja a melhor forma de impedir que aquelas idéias ressuscitem. Além disso sou contra qualquer forma de censura. Os romanos incendiaram a Biblioteca de Alexandria, Hitler e Stalin queimaram livros, Getúlio Vargas também, os militares de nossa recente ditadura inclusive, e outros tantos, a humanidade só perdeu.*

*Por isso tudo divulgo o livro, uma peça de propaganda bastante eficiente, mas apenas no seu tempo e contexto. Devemos ler, analisar, discutir e produzir vacinas. Como os vírus, as idéias absurdas tendem a retornar fortalecidas e resistentes; só conhecendo poderemos enfrentá-las" - Por: Nélson Jahr Garcia*

Enxertos extraídos do livro de Adolf Hitler, intitulado "Minha Luta" <sup>70</sup>, com o qual este sanguinário ditador alemão destila todo o seu ódio contra o povo judeu, a quem denomina de "raça inferior." Ao seu próprio modo, Hitler faz uso da expressão "seleção natural", com tenta justificar a "superioridade" do alemão. Os termos destacados em **negrito** remetem, de alguma maneira, aos conceitos eugenistas atrelados ao Darwinismo Social. Vejamos...

*"Empregadores e empregados nacional-socialistas são, ambos, encarregados e procuradores da comunidade nacional toda. A elevada medida de liberdade pessoal, que lhes é outorgada em seu agir, é explicável pelo fato de que, de acordo com a experiência, a capacidade do indivíduo é aumentada mais com a concessão de ampla liberdade do que com a coação vinda de cima e é, também, apropriada para impedir que o processo de seleção natural, que deve ser facilitado aos mais hábeis, aos mais capazes e aos mais diligentes, seja entravado" (p. 270).*

[...]

*"Sendo limitada a procriação e diminuído o número dos nascimentos, sobrevem, em lugar da natural **luta pela vida**, que só deixa viverem os **mais fortes** e mais sãos, a natural mania de conservar e "salvar" a todos, mesmo os **mais fracos**, a todo preço. Assim se deixa a semente para uma descendência que será tanto mais lamentável quanto mais prolongado for esse escárnio contra a natureza e suas determinações. O resultado final é que um tal povo um dia perderá o direito à existência neste mundo, pois o homem pode, durante um certo tempo, desafiar as leis eternas da conservação, mas a vingança virá mais cedo ou mais tarde. **Uma geração mais forte expulsará os fracos**, pois a ânsia pela vida, em sua última forma, sempre romperá todas as correntes ridículas do*

chamado espírito de humanidade individualista, para, em seu lugar, deixar aparecer uma humanidade natural, que destrói a debilidade para dar lugar à força" (p. 63).  
[...]

"Se o processo fosse outro, cessaria todo progresso na continuação e na elevação da espécie, sobrevindo mais facilmente o contrário. Dado o fato de que o elemento de menor valor sobrepuja sempre o melhor na quantidade, mesmo que ambos possuam igual capacidade de conservar e reproduzir a vida, o elemento pior muito, mais depressa se multiplicaria, ao ponto de forçar o melhor a passar para um plano secundário. Impõe-se, por conseguinte, uma correção em favor do melhor. **Mas a Natureza disso se encarrega, sujeitando o mais fraco a condições de vida difíceis**, que, só por isso, o número desses elementos se torna reduzido. Não consentindo que os demais se entreguem, sem seleção prévia, a reprodução, ela procede aqui a uma nova e imparcial escolha, baseada no princípio da força e da saúde.

Se, por um lado, ela pouco deseja a associação individual dos **mais fracos** com os **mais fortes**, ainda menos a fusão de uma **raça superior** com uma **inferior**.

Isso se traduziria em um golpe quase mortal dirigido contra todo o seu trabalho ulterior de **aperfeiçoamento**, executado talvez através de centenas de milênios.

Inúmeras provas disso nos fornece a experiência histórica. Com assombrosa clareza ela demonstra, que, em toda mistura de sangue entre o ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador. A América do Norte, cuja população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente, o efeito da fusão de raças. O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue.

Em poucas palavras, o resultado do cruzamento de raças é, portanto, sempre o seguinte:

A) Rebaixamento do n. 1 da raça mais forte;

B) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente. Provocar semelhante coisa não passa então de um atentado à vontade do Criador, o castigo também corresponde ao pecado.

Procurando rebelar-se contra a lógica férrea da Natureza, o homem entra em conflito com os princípios fundamentais, aos quais ele mesmo deve exclusivamente a sua existência no seio da humanidade - Desse modo, esse procedimento de encontro às **leis da Natureza** só pode conduzir à sua própria perda. É oportuno repetir a afirmação do pacifista moderno, tão tola quanto genuinamente judaica, na sua petulância: "O homem vence a própria Natureza!" (p. 132).

[...]

"Em face disso, a concepção "racista" distingue a humanidade em seus primitivos elementos raciais. Ela vê, no Estado, em princípio, apenas um meio para um fim e concebe como fim a conservação da existência racial humana. Consequentemente, não admite, em absoluto, a igualdade das raças, antes reconhece na sua diferença maior ou menor valor e, assim entendendo, sente-se no dever de, conforme à eterna vontade que governa este universo, promover a vitória dos melhores, dos **mais fortes** e exigir a subordinação dos piores, dos **mais fracos**. Admite, assim, em princípios, o pensamento aristocrático fundamental da Natureza e acredita na validade dessa lei, em ordem descendente, até o mais baixo dos seres. Vê não só os diferentes valores das raças, mas também os diferentes valores dos indivíduos. Das massas destaca ela a significação das pessoas, mas, nisso, em face do marxismo desorganizador, age de maneira organizadora. Crê na necessidade de uma idealização da vida humana, pois só nela vê a

*justificação da existência da humanidade. Não pode aprovar, porém, a idéia ética do direito à existência, se essa idéia representa um perigo para a vida racial dos portadores de uma ética superior pois, em um mundo de mestiços e de negros, estariam para sempre perdidos todos os conceitos humanos do belo e do sublime, todas as idéias de um futuro ideal da humanidade" (p. 172).*

[...]

*"A prostituição é uma vergonha para a humanidade, que não pode, porém, ser removida com preleções morais, piedosos sentimentos, etc. A sua diminuição e a sua extinção completa pressupõem a remoção de um número infinito de condições preliminares. A primeira condição, porém, é a criação de um ambiente de facilidades ao casamento dos jovens, o que aliás corresponde a uma exigência da natureza. Referimo-nos sobretudo aos homens, pois nesses assuntos a mulher é sempre passiva.*

*Como os homens de hoje, em parte se acham desviados, pode-se ver no fato de, freqüentemente, as mães, na chamada "melhor" sociedade, darem graças a Deus encontrarem no filho um homem que já se iniciou". Como essa é a hipótese mais freqüente, as pobres raparigas encontrarão um Siegfried "iniciado" e as crianças sofrerão os efeitos desses "ajuizados casamentos."*

*Se refletirmos que uma grande diminuição da procriação é consequência desse estado de coisas e que disso está dependente a **seleção natural** que só pode ter como resultado criaturas infelizes, então é lícito que nos façamos esta pergunta: Por que manter uma tal instituição? Que objetivo preenche ela? Não é ela, porventura, igual à própria prostituição? O dever para com a posteridade não existe mais? Não se comprehende que praga se reserva a futuras gerações através de uma tão criminosa e leviana aplicação de um direito natural que é também o maior dever para com a Natureza?*

*Assim se degeneram os grandes povos e gradualmente são arrastados à ruína. O casamento não deve ser uma finalidade em si, mas ao contrário, deve servir à multiplicação e conservação da espécie e da raça, Esse é o seu significado, essa é a sua finalidade. Assim sendo, a sua razão de ser deve ser medida pela maneira por que é alcançado esse objetivo. Os casamentos entre jovens se justificam ao primeiro exame, porque podem dar produtos mais sadios e mais resistentes. Para facilitar essas uniões tornam-se imprescindíveis várias condições sociais, sem as quais impossível é contar com casamentos entre jovens. A solução desse problema, aparentemente tão fácil, não se encontrará sem medidas decisivas sob o ponto de vista social" (p. 116, 117).*

[...]

*"O primeiro dever de um Estado nacionalista é evitar que o casamento continue a ser uma constante vergonha para a raça e consagrá-lo como uma instituição destinada a reproduzir a imagem de Deus e não **criaturas monstruosas, meio homens meio macacos**. Protestos contra isso estão de acordo com uma época que permite qualquer degenerado reproduzir-se e lançar uma carga de indizíveis sofrimentos sobre os seus contemporâneos e descendentes, enquanto, por outro lado, meios de evitar a procriação são oferecidas à venda em todas as farmácias e até anunciados pelos camelôs, mesmo quando se trata de pais sadios.*

*Neste estado de "paz e ordem" dos dias de hoje, neste mundo de bravos "nacionalistas" burgueses, a proibição da procriação de portadores de sífilis, tuberculose e outras moléstias contagiosas, de mutilados e de cretinos, é Vista como um crime, ao passo que a esterilidade de milhares dos indivíduos mais fortes de nossa raça não é tida como um mal ou ofensa à moral dessa hipócrita sociedade, mas aproveita ao seu comodismo. Se fosse de outra maneira, eles teriam que quebrar a cabeça para arranjar meios de prover à subsistência e à conservação dos elementos sadios da nação, que deveriam prestar esse grande serviço às gerações futuras.*

*Como esse sistema é desprovido de ideal e de honra! Ninguém se preocupa em cultivar o que há de melhor, em benefício da posteridade, mas, ao contrário, deixam-se as coisas continuarem como estão.*

*Até a nossa igreja, que fala sempre no homem como criado à imagem de Deus, peca contra esse princípio, cuidando simplesmente da alma, enquanto deixa o homem descer à posição de degradado proletário. A gente fica transido de vergonha ao ver a atuação da fé cristã, em nosso próprio país, em relação à "impiedade" desses indivíduos pecos de espírito e degradados de corpo, enquanto se procura levar a bênção da igreja a cafres e hotentotes. Enquanto os povos europeus são devastados por uma lepra moral e física, erra o piedoso missionário pela África Central, organiza missões de negros, até conseguir a nossa "elevada cultura" fazer de indivíduos sadios, embora primitivos e atrasados, bastardos, preguiçosos e incapazes. Seria muito mais nobre que ambas as igrejas cristãs, em vez de importunarem os negros com missões, que estes não desejam nem compreendem, ensinassem aos europeus, com gestos bondosos, mas com toda seriedade, que é agradável a Deus que os pais não sadios tenham compaixão das pobres criancinhas sadias e que evitem trazer ao mundo filhos que só trazem infelicidade para si e para os outros" (p. 180, 181).*

É isso!



## Darwin e os fueguinos

Dentre os povos que Darwin considerava os mais selvagens sobressaem os habitantes da Terra do Fogo. Para o naturalista inglês os fueguinos encontravam-se no mais “miserável estado de barbárie.” Os trechos a seguir são uma pequena mostra da ojeriza nutrida por Darwin em relação a este povo, e revelam um pouco a forma como os brancos europeus viam aqueles a quem denominavam de “selvagens”...

*"Os fueguinos encontram-se no mais miserável estado de barbárie, maior do que eu havia imaginado que veria num ser humano."*

[...]

*"É impossível imaginar a diferença que existe entre o homem selvagem e o homem civilizado; é muito maior do que se observa entre um animal silvestre e outro domesticado, pelo que o homem é suscetível de um maior aperfeiçoamento."*

[...]

*"A linguagem destes fueguinos, conforme nossa maneira de pensar, apenas merece ser considerado algo articulado. O capitão Cook a tem comparado ao pigarro como quando alguém faz cócegas, porém posso garantir que nunca ouvir europeu algum que limparia a garganta com sons tão roucos, tão guturais e tão estalados." <sup>71</sup>*

---

*"Jamais esquecerei o espanto que tive quando pela primeira vez vi uma reunião de fueguinos numa praia selvagem e impérvia, diante da ideia que logo me veio à mente — assim eram os nossos antepassados. Esses homens estavam completamente pelados e tinham o corpo pintado, com os longos cabelos emaranhados, as bocas espumavam de excitação e tinham uma expressão selvagem, apavorada e cheia de suspeita. Malmente tinham alguma arte e viviam como animais selvagens daquilo que conseguiam capturar e eram impiedosos com o que não fosse da sua tribo. Quem tiver visto um selvagem em sua terra nativa não sentirá muita vergonha se for constrangido a reconhecer que em*

*suas veias corre o sangue das mais humildes criaturas. Quanto a mim, quisera antes ter descendido daquela pequena e heróica macaquinha que desafiou o seu terrível inimigo para salvar a vida do próprio guarda; ou daquele velho babuíno que, descendo da montanha, levou embora triunfante um companheiro seu jovem, livrando-o de uma matilha de cães estupefatos, ao invés de descender de um selvagem que sente prazer em torturar os inimigos, que encara as mulheres como escravas, que não conhece o pudor e que é atormentado por enormes superstições.*"<sup>72</sup>

É isso!



## Charles Darwin e os deficientes mentais

Quando se estuda os vultos históricos antigos, o bom senso ordena que se levem em conta o contexto histórico em que estavam inseridos. Todavia, isso não significa dizer que se deva renegar às traças o que de ruim eles disseram ou escreveram. Se não se deve enquadrá-los no “politicamente correto”, também não se pode ignorar suas intenções ideológicas. Referindo-se, por exemplo, aos deficientes mentais, Charles Darwin não apenas destilou sua visão preconceituosa, como, a partir dela, tentou aplicar sua teoria no que concerne ao comportamento dos que ele rotulou de “idiotas.” Os enxertos, a seguir,

extraídos de dois de seus livros são uma pequena mostra de como ele lidou com a questão:

*“Neste caso se apresentam várias monstruosidades e algumas, como a abertura do céu da boca, podem ser às vezes hereditárias. Para a nossa finalidade será suficiente ater-nos à sustação do desenvolvimento do cérebro de idiotas microcéfalos, conforme vem descrito nos apontamentos de Vogt. O seu crânio é menor e as pregas do cérebro são menos complexas do que no homem normal. A arcada supraciliar é largamente desenvolvida e as maxilas sobressaem de maneira espantosa, a ponto de dar a impressão que estes idiotas são tipos inferiores do gênero humano. A sua inteligência e muitas das faculdades mentais são extremamente fracas; não chegam a adquirir a faculdade de falar e são total-mente incapazes de fixar prolongadamente a atenção, embora sejam exímios em imitação. São fortes e notavelmente ativos, andam depressa e a passos miúdos, saltitam e fazem trejeitos e denguezes. Sobem as escadas em quatro pernas e têm um estranho desejo de trepar nos móveis e nas árvores. Faz-nos lembrar o prazer que quase todos os rapazes possuem de trepar nas árvores e também o divertimento que a cabra e os cabritos, animais alpinos por origem, experimentam em saltar nas saliências elevadas do terreno, mesmo que estas sejam muito pequenas. Os idiotas fazem lembrar os animais inferiores também em razão de alguma outra característica: citam-se alguns casos relativos à tendência que possuem de cheirar todo bocado de alimento antes de comê-lo. Dizem que um idiota usa muitas vezes a boca para catar os piolhos, ajudando assim as mãos. São frequentemente relaxados no vestir-se e não possuem senso de decência; e conhecem-se muitos casos de pelosidade dos seus corpos.”<sup>73</sup>*

---  
*“O dr. Maudsley, depois de fornecer uma série de detalhes sobre traços animalescos nos idiotas, indaga se eles não se deve-riam ao reaparecimento de instintos*

primitivos – "um apagado eco de um passado distante, atestando um parentesco que o homem já quase deixou para trás". Ele acrescenta que como todo cérebro humano passa, ao longo de seu desenvolvimento, pelos mesmos estágios dos vertebrados inferiores, e como o cérebro de um idiota é retardado, podemos presumir que ele "manifestará suas funções mais primitivas e nenhuma função superior". O dr. Maudsley acredita que essa mesma hipótese pode ser estendida ao cérebro em estado de degeneração de alguns pacientes loucos. E pergunta de onde vêm "o rosnado furioso, a disposição violenta, a linguagem obscena, os uivos selvagens e os hábitos acrevos manifestados por alguns dos loucos? Por que deveria um homem, privado de sua razão, tornar-se de caráter tão brutal, como é o caso de alguns, a não ser que a natureza brutal esteja nele próprio?" A resposta, ao que parece, é afirmativa." <sup>74</sup>

É isso!



## Apartheid e Darwinismo Social

Embora a origem do racismo sul africano remonte ao antigo tempo da colonização (no de 1652 o colonialista fugitivo do Brasil Jan van Riebeek batizou os negros africanos de "swart atinkende Hondon", literalmente: "cachorros negros fedorentos"), é fato que o desenvolvimento do chamado apartheid (em africânder: "separação") deu-se num período que se pode situar entre 1910 e 1950, um momento histórico no qual o darwinismo social deixou profundas marcas nas diversas sociedades ao redor do mundo, principalmente mediante a ideologia eugenista de "purificação" racial. Não é mera coincidência o fato do *apartheid* ter se erguido sob o comando do império neocolonialista inglês, onde nasceu Darwin e a eugenia, esta por obra do primo do naturalista, o antropólogo Francis Galton. Na África os ideais de "superioridade racial" defendidos por Charles Darwin foram postos em prática por meio de um regime de terror, em que prevalecia a máxima darwinista de "sobrevivência do mais apto." O "mais apto", obviamente tinha o poder econômico e bélico.

O apartheid foi um dos regimes raciais que mais durou durante todo o século XX. Seu fim deu-se após inúmeras rebeliões de grupos nativos, cujo principal expoente foi o grande Nelson Mandela, que permaneceu preso por mais de 20 anos, até o fim do regime em 1990. Durante todo esse tempo o branco europeu impôs aos legítimos donos da terra uma série de leis para beneficiá-lo e manter os negros literalmente separados. Joel Rufino dos Santos, em seu livrinho "O que é racismo" nos oferece uma noção de como funcionava este terrível sistema de segregação racial, em vigor desde 1948:

*"Mesmo que resida legalmente numa cidade, nenhum africano possui o direito de ter consigo mulher, filhos, sobrinhos ou netos por período superior a 72 horas.*

*Sempre que julgar oportuno, o presidente do Estado pode declarar uma área propriedade do grupo branco, mesmo que até então ela tenha sido ocupada por não-brancos.*

*Qualquer africano maior de 16 anos é obrigado a carregar um "livro de referência". Se for pego sem ele, será punido com multa e prisão de um mês.*

*Um operário africano que se ausente do trabalho por 24 horas, além de ser demitido, será punido com multa e prisão de três meses.*

*Se um trabalhador branco morre em acidente de trabalho, seus descendentes têm direito a indenização e, ainda, a pensão mensal baseada em seu salário. Os descendentes*

*de um africano que morra por acidente de trabalho não têm direito a pensão mensal, somente a uma indenização fixada pelo comissário do trabalho.*

*Um africano que dirija uma classe de leitura e escrita em sua própria casa, mesmo gratuita, pode ser multado e preso durante seis meses. Aquele que, durante uma reunião, incitar um auditório negro a ação de protestos contra as leis do apartheid será multado e aprisionado por cinco anos.*

*Nenhum africano pode ser membro de um júri formado para um processo penal, mesmo que o acusado seja um africano.*<sup>75</sup>

Em seu livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual", o inglês Charles Darwin fez questão de realçar a superioridade imperialista de sua nação, a Inglaterra. Escreveu ele:

*"Os notáveis êxitos dos ingleses como colonizadores, em comparação com outras nações europeias, foram atribuídos à sua "energia audaz e persistente"; um resultado que ficou bem evidenciado ao comparar o progresso dos canadenses de ex-tração inglesa e francesa; mas, quem pode dizer como é que os ingleses adquiriram a sua energia? Aparentemente existe muita verdade na opinião de que os maravilhosos progressos dos Estados Unidos e o caráter deste povo são o resultado da seleção natural; com efeito, os homens mais enérgicos, irre-quietos e corajosos de todas as parte da Europa emigraram durante as últimas dez ou doze gerações para esse grande país e lá tiveram o melhor êxito. Olhando para o futuro distante, não creio que o Revdo. Zincke sustente uma hipótese exagerada quando afirma: "Todas as outras séries de acontecimentos — como da civilização espiritual da Grécia ou aque-la do Império Romano — parecem ter um significado e um valor somente quando pensadas em conexão ou antes como subsidiárias da grande cheia da emigração anglo-saxônia no ocidente". Por mais obscuro que seja o progresso da ci-vilização, podemos pelo menos ver que uma nação que, durante um período prolongado, produziu o máximo número de homens de maior intelecto, enérgicos, corajosos, patrióticos, generosos, em geral deveria prevalecer sobre as nações menos favorecidas.*

*A seleção natural deriva da luta pela existência e esta de uma rápida taxa de aumento. Não é possível deixar de lamentar a taxa com que o homem tende a aumentar; mas se isto é prudente, é outra questão. Efetivamente, nas tribos bárba-ras isto leva ao infanticídios e a muitos outros males e, nas nações civilizadas, à pobreza abjeta, ao celibato e aos matrimônios mais tardios dos homens prudentes. Mas, dado que o homem está sujeito aos mesmos males físicos dos animais inferiores, ele não tem o direito de esperar por uma imuni-dade contra os males resultantes da luta pela existência. Se nos temos primitivos não tivesse estado sujeito à seleção natural, seguramente não teria atingido a situação atual."*<sup>76</sup>

A "superioridade" dos ingleses, portanto, segundo Darwin, podia ser explicada mediante a seleção natural. A opressão que eles exerceram sobre os povos africanos estava assim devidamente "justificada." Os negros "decaíram" no processo evolucionário, e cabia apenas aos "civilizados" brancos a dominação dessas "raças inferiores." O resultado de tudo isso ainda hoje é percebido no país da Copa, onde os brancos continuam superiores economicamente e onde a maior parte da população mal consegue viver com a mínima dignidade.

Eis aqui mais outra faceta da ideologia darwinista ao longo de sua história.

É isso!

## A "lista negra" de Darwin



Em seu livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual" <sup>77</sup>, Charles Darwin divide a sociedade em dois grupos distintos: os membros superiores e os membros inferiores. Segundo ele, para que uma determinada nação alcance um elevado nível de "progresso", faz-se necessário que se freie o crescimento da "classe degradada." Neste livro, citando o seu primo Francis Galton, o construtor da eugenia, Darwin faz menção de alguns tipos específicos de pessoas as quais deveriam ser impedidas de deixar descendentes, "contribuindo" assim para o progresso da sociedade. Vejamos alguns exemplos:

- 1. Os malfeiteiros:** "No que diz respeito às qualidades morais, a eliminação das piores disposições está sempre aumentando também nas nações mais civilizadas. Os malfeiteiros são justiçados ou lançados na prisão durante longos períodos, a fim de não poderem transmitir livremente as suas más qualidades."
- 2. Os hipocondríacos** (loucos ou doentes mentais): "Os hipocondríacos e os loucos são confinados ou suicidam-se."
- 3. Os violentos (briguentos):** "Os violentos e os briguentos encontram muitas vezes um triste fim."
- 4. Os vadios:** "Os vadios que não têm nenhuma ocupação estável — e este resto de barbárie representa um grande obstáculo para a civilização — emigram para países há pouco colonizados, onde se transformam em úteis pioneiros."
- 5. Os imprudentes (intemperantes):** "A intemperança é tão altamente destrutiva que a perspectiva de vida de um intemperante, por exemplo na idade de trinta anos, é de apenas 13,8 anos; ao passo que para os camponeses ingleses na mesma idade é de 40, 59 anos."
- 6. As prostitutas ("mulheres corrompidas"):** "As mulheres corrompidas geram poucos filhos..."
- 7. Corruptos:** "...e os homens corruptos raramente se ca-sam; tanto elas como eles são vítimas de doenças".
- 8. Os marginalizados (pobres, negligentes, viciados etc.):** "Greg e Galton muito têm insistido sobre o obstáculo mais importante, existente nos países civilizados, contra o aumento do número dos homens de classe superior, isto é, sobre o fato de que os mais pobres e os negligentes, que freqüentemente são degradados pelo vício, quase invariavelmente se casam antes, enquanto que os prudentes e os frugais, que em geral são virtuosos também em outras maneiras, contraem matrimônio em idade avançada, com a finalidade de poderem ser capazes de permanecer, eles mesmos e os seus filhos, na comodidade."
- 9. O irlandês (simbolizando os inimigos da Inglaterra):** "Ademais, os filhos que são gerados da mãe durante os primeiros anos de vida são mais gordos e, provavelmente, mais robustos do que aqueles que nascem em outros períodos. É o que se dá com os membros negligentes da sociedade, degradados e muitas vezes viciados, os quais têm a tendência de aumentar a uma porcentagem mais veloz do que os membros previdentes e em geral virtuosos. Ou, nas palavras de Greg: "O irlandês imprevidente, esquálido, sem ambições, multiplica-se como os coelhos; o escocês frugal, previdente, cheio de auto-respeito, ambicioso, austero na sua moralidade, espiritualista nas suas opiniões, sagaz e disciplinado na sua inteligência, passa os seus melhores anos na luta e no celibato, casa-se tarde, gera poucos filhos" [...] Os notáveis êxitos dos ingleses como colonizadores, em comparação com outras nações europeias, foram atribuídos à sua

"energia audaz e persistente"; um resultado que ficou bem evidenciado ao comparar o progresso dos canadenses de extração inglesa e francesa; mas, quem pode dizer como é que os ingleses adquiriram a sua energia? Aparentemente existe muita verdade na opinião de que os maravilhosos progressos dos Estados Unidos e o caráter deste povo são o resultado da seleção natural; com efeito, os homens mais enérgicos, irrequietos e corajosos de todas as parte da Europa emigraram durante as últimas dez ou doze gerações para esse grande país e lá tiveram o melhor êxito."

É isso!



## Influência do darwinismo na América Latina

O impacto causado pelo surgimento do darwinismo na América Latina, especialmente na América do Sul, foi profundo e imediato. Por exemplo:

### NA ARGENTINA

A primeira cópia do "A Origem das Espécies" chegou à Argentina um mês após sua publicação na Inglaterra, em 1859. A teoria do paleontólogo Florentino Ameghino de que o *Homo sapiens* teve sua origem nesta região do globo converteu-se num poderoso instrumento de política nacional, tornando o debate evolucionista em assunto do dia. O darwinismo social na Argentina, por sua vez, foi muito bem representado por José Ingenieros, o expoente máximo das teorias de Darwin aplicadas à sociedade. Segundo Ingenieros, as sociedades humanas evoluíram conforme as leis biológicas, estando condicionadas ao meio em que estavam inseridas, de onde extraíam sua subsistência. A luta pela vida era, via de regra, a norma pela qual norteavam os problemas sociológicos, em que os "mais aptos", ou seja, a "raça superior" tenderia a prevalecer sobre as "raças degradadas."

### NO PERU

As teses darwinistas aplicadas à sociedade tiveram também forte impacto entre intelectuais e políticos peruanos, sendo corroboradas para justificar, por exemplo, a opressão que brancos e mestiços exerceram sobre os grupos indígenas, negros e chineses. Estas mesmas idéias fizeram parte de um planejamento para a eliminação progressiva das raças consideradas inferiores, mediante a introdução de imigrantes anglo-saxões, tidos como os mais evoluídos de todo o planeta. Por trás de tudo isso residia o conceito de "seleção natural", que proclamava o triunfo dos mais fortes. Em 1891, durante um congresso em que se discutiam questões referentes à imigração, foi posto o seguinte juízo sobre os chineses: "fraco pela ignorância, pusilânime pelo tradicionalismo incásico e sem forças nem ânimo para recorrer com firmeza ao contínuo caminho do progresso." E, sobre os hindus disse Clemente Palma em sua tese sobre "O futuro das raças no Peru": "raça índia é uma ramificação degenerada e antiga do tronco étnico da qual surgiram todas as raças inferiores; tem todas as características de decadência e inércia para a vida civilizada. Sem caráter, dotada de uma vida mental quase nula, apática, sem aspirações, é inadaptável à educação..." (Palma: 1899, p. 15, in: "Reflexiones sobre el darwinismo social. Inmigración e colonización, mitos de los grupos modernizadores peruanos", de Pilar García Jordán, Universidade de Barcelona).

### NO PARAGUAI

A polêmica envolvendo as idéias de Charles Darwin no Paraguai foram bem semelhantes àquelas vivenciadas na Inglaterra por ocasião da publicação do livro "A

Origem das Espécies.” Os conservadores católicos mantiveram acirrados debates com anticlericais, porém, com características próprias da região.

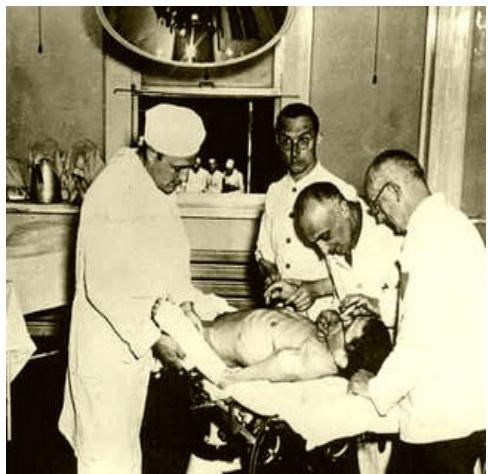
## NO BRASIL

Por se tratar de um país com uma população heterogênea, composta por negros, mestiços, indígenas e brancos, o debate em torno dos ideais darwinistas foram também acalorados na terra Tupiniquim. Nomes como Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Raimundo Nina Rodrigues, entre muitos outros, tentaram implementar leis de higiene social a fim de evitar a proliferação das chamadas “raças degradadas.” Em “Os Sertões”, por exemplo, Euclides da Cunha tentar justificar o comportamento rebelde dos habitantes de Canudos pela sua inferioridade evolutiva. Monteiro Lobato, um escritor muito popular, em seu livro “O Presidente Negro” fez verdadeira apologia à eugenio, realçando a necessidade de um “aperfeiçoamento” da população brasileira.

## NO URUGUAI

Eduardo Acevedo e Martín C. Martínez, ambos os adeptos das teses de Herbert Spencer, buscaram aplicar na sociedade uruguaiana, e da forma mais literal possível, o conceito darwinista de “sobrevivência do mais forte.” A influência desses intelectuais foi de tal monta que contribuíram na formação da ideologia emergente do Partido Nacionalista, também chamado de o “Partido dos Brancos.”

É isso!



## Ciência: uma atividade humana, portanto

Uma atividade totalmente sujeita a erros, a falhas propositais e a todo tipo de influências, inclusive as mais maléficas contra a dignidade humana. Em outras palavras: trata-se de uma instituição social como qualquer outra, tais como a política, a igreja, Estado, a família, o esporte etc., estando assim completamente integrada e influenciada pela estrutura de todas as demais instituições sociais vigentes.

Tanto Hitler quanto Stalin, por exemplo, usaram e abusaram da ciência segundo os objetivos que propuseram em suas ideologias. No que concerne ao ditador alemão em especial, em seu livro “Holocausto: crime contra a humanidade”, Maria Luiz Lucci Carneiro cita uma série de cientistas e suas atividades em prol do regime nazista, provando que a ciência nunca está imune às loucuras dos homens. Por exemplo:

**Prof. Fischer:** Diretor do Instituto Imperador Guilherme de Antropologia, Teoria Hereditária Humana e Eugenia. Responsável pelas aulas científicas e de doutrinação ideológica da RSHA, uma agência da SS. Declarou, em 1938: “se um povo quiser preservar sua espécie, deve rejeitar uma mistura racial estranha, e caso ela se tenha infiltrado, deve desalojá-la e exterminá-la. O judeu é estranho e, por esse motivo, se ele quiser infiltrar-se, deve ser repelido. Trata-se de autodefesa. Com isso não estou qualificando o judaísmo como inferior, como é o caso dos negros, e não subestimo o maior dos inimigos que deve ser combatido, mas eu o rechaço por todos os meios e sem reservas, para proteger a herança genética do meu povo.”

**Carl Clauber:** Aplicava injeções de substâncias cáusticas no útero das mulheres.

**Gustav Wagner:** Dirigente-médico do Reich. Fazia experiências com gêmeos, auxiliado pelo Dr. Ritter. Em 1943 doutorou-se com a tese "Observações Biorraciais em Ciganos e Ciganos Gêmeos." Elaborou uma série de pesquisas sobre famílias com anomalias genéticas nos olhos.

**Von Verschuer:** Como diretor do Instituto Imperador Guilherme, diretor do Instituto de Biogenética e Higiene Racial da Universidade de Frankfurt e reitor dessa universidade em 1937, coordenou várias experiências científicas em Auschwitz. Estudava gêmeos portadores de doenças genéticas raras antes de sua eutanásia; era assistido por Menguele. Mantinha laboratórios em Auschwitz financiados pela Sociedade Alemã de Pesquisa e pelo Conselho de Pesquisa do Reich.

**Horst Schumann:** Desenvolveu experiências empregando raios-X sobre os órgãos genitais de homens e mulheres. Dirigiu o programa de esterilização em Auschwitz.

**Imfried Eberb:** Diretor do Centro Letal de Bernberg, onde foram realizados os primeiros experimentos com câmaras de gás.

**Josef Menguele:** Desenvolveu experiências com gêmeos idênticos de forma a induzir nascimentos múltiplos da raça pura. Realizou estudos sobre os mestiços com a finalidade de confirmar as consequências negativas da mistura das raças. Infectava univitelinos e bivitelinos ciganos e judeus com a mesma quantidade de bactérias de tifo e, por meio da retirada de amostras de sangue, acompanhava a evolução da doença. Fez experiências com famílias de anões e portadores de deficiências físicas cujos órgãos, após sua morte, eram dissecados pelo Dr. Nyiszli.

**Prof. Glauberg:** Diretor do Hospital de mulheres em Koeniggshütte (Alta Silésia), fez experiências de esterilização. Sob os raios-X, aplicava em mulheres uma injeção de um líquido especial, que atravessava o útero até os ovários, provocando uma inflamação. Semanas mais tarde, aplicava outra dose, que confirmava se os ovários estavam definitivamente bloqueados. Atendia às ordens do Reichsführer SS.

**Dr. Eduard:** Médico do campo de Auschwitz, fez experiências com Wirths mulheres portadoras de câncer em primeira fase e as operava em um hospital de Hamburgo. Também executava as pessoas por meio de injeções de ácido prússico.

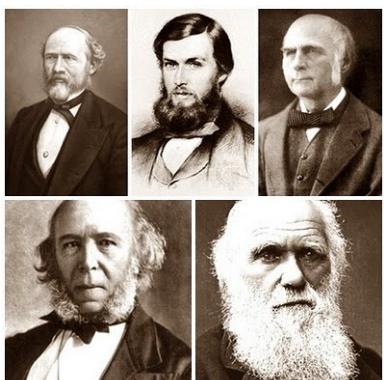
**Dr. Schilling:** O primeiro era de Munique e o segundo, médico do Dr. Rascher Estado-Maior de Luftwaffe. Submetiam os prisioneiros condenados à morte a pressão atmosférica para verificar como os órgãos reagiam. Imergiam as pessoas em água fria para averiguar sua reação.

**Dr. Hooven e Dr. Schiedieusky:** Médicos do campo de Buchenwald, injetavam bacilos Dr. Schiedieusky de tifo e de tifo exantemático nos prisioneiros.

**Prof. Geshard:** Atuou em Rabensbrück, campo de mulheres. Auxilia do pelo SS Hohenlychen, fazia experiências de enxerto de pele nos prisioneiros. Envenenava mulheres por meio de diferentes produtos. O Dr. Lolling era encar-regado de anotar os resultados.

**Dr. Ritter:** Psicólogo e psiquiatra, iniciou, em novembro de 1936, com auxílio da Sociedade Alemã de Pesquisa, o estudo sobre os ciganos no Departamento de Pesquisa sobre Higiene Racial e Política Populacional na Comissão de Saúde do Reino, em Berlim.<sup>78</sup>

É isso!



## Darwin: "o quinto elemento"

O Darwinismo Social como é sabido, foi uma corrente teórica da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, que aplicou na esfera social alguns princípios darwinistas, como a Seleção Natural, o lema "sobrevivência do mais apto" e o conceito de evolução como progresso. Dos muitos nomes que se engajaram em prol dessa ideologia,

quatro deles são bem conhecidos: Herbert Spencer, Francis Galton, Lewis Henry Morgan e Edward Burnett Tylor.

Pois bem. “Coincidentemente” (as aspas são propositais e indispensáveis) os nomes desses quatro evolucionistas aparecem como referências bibliográficas, onde mesmo? Aqui: “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”<sup>79</sup>. De quem mesmo? Charles Darwin, o homem que, segundo andaram dizendo por aí, elaborou sua teoria a favor de “uma causa sagrada.”

## **1. HERBERT SPENCER:**

*“O nosso grande filósofo Herbert Spencer recentemente explicou as suas ideias sobre o senso moral. Diz ele: “Creio que as experiências úteis, organizadas e consolidadas através de todas as gerações humanas passadas, têm vindo produzindo modificações correspondentes que, com a contínua transmissão e acumulação, tornaram-se em nós determinadas faculdades de intuição moral, correspondendo certas emoções, que não têm base aparente na experiência individual de utilidade, à conduta certa ou errada.”*

## **2. FRANCES GALTON:**

*“Baseados na lei do desvio da média, tão bem ilustrada por Galton em seu livro Hereditary Genius, podemos também concluir que, se em muitas disciplinas os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio do homem é superior àquele destas últimas.”*

## **3. LEWIS HENRY MORGAN:**

*“Morgan está convencido, porém, de que tal hipótese deve ser considerada como válida. Segundo este autor, os termos que exprimem vínculo, usados nas várias partes do mundo, dividem-se em duas grandes classes: a classificatória e a descritiva, sendo que esta última é a que nós usamos. É o sistema da classificação que nos leva a concluir que o matrimônio comum e os outros vínculos muito frágeis teriam constituído a união originariamente universal.”*

## **4. EDWARD BURNETT TYLOR:**

*“Conforme mostrou Tylor, é também provável que os sonhos tenham sido os primeiros a dar origem à ideia dos espíritos, visto que os selvagens de fato não distinguem entre as impressões subjetivas e objetivas. Quando um selvagem sonha, crê que as imagens que lhe aparecem provenham de longe para se deterem diante dele; ou então: “o espírito do sonhador divaga durante suas viagens e volta para casa com a lembrança daquilo que viu.” Mas enquanto as faculdades da imaginação, da curiosidade, da razão, etc. não tiverem alcançado um desenvolvimento completo na mente do homem, os seus sonhos não levarão a crer nos espíritos mais do que um cão acredita.”*

Ou seja, se Darwin bebeu nos darwinistas sociais, e se fez uso das premissas que nortearam essa ideologia, pode-se concluir tranquilamente que ele seria, entre estes, o “quinto elemento”:

## **5. CHARLES DARWIN:**

*“Ambos os sexos deveriam abster-se do matrimônio se acentuadamente fracos no corpo e na mente; mas estas esperanças são utópicas e nunca serão concretizadas nem mesmo parcialmente, enquanto as leis da hereditariedade não forem conhecidas amplamente.”*

É isso!



## A "seleção natural" de Hitler

Discorrendo sobre Charles Darwin, mais exatamente acerca de suas idéias aplicadas à sociedade, escreveu o professor e biólogo (darwinista) da Universidade de São Paulo, Nélío Bizzo, em “O que é Darwinismo”<sup>80</sup>: “A aplicação de sua teoria ao homem, ou, mais propriamente, e extensão ao organismo humano dos valores burgueses de propriedade privada e acumulação, resultou no que se chamou eugenio. O

*melhoramento da raça através de recomendações da eugenio eram os ideais do nazismo. O Estado Nazista não era portanto nada mais do que um Estado capitalista onde a melhoria do corpo dos cidadãos fazia parte da estratégia global de aumento do produtividade.*

*Hitler garantia procriação aos cidadãos alemães e possuíssem cabelos loiros, boa estrutura, queixo bem formado, nariz fino a arrebitado, olhos claros e profundos e pele rosado. Os homens selecionados poderiam ingressar na tropa de elite, a SS, e poderiam ter o número de filhos que desejasse, sem precisar casar. O Estado cuidaria de criar e educar tais crianças, segundo os ideais do nazismo.*

*A trajetória do nazismo é bem conhecida. As Câmaras de gás e os seis milhões de assassinatos, também...*

É sabido que, dentre os conceitos pelos quais Charles Darwin se deixou guiar para fundamentar sua teoria sobre evolução, três deles são destaque:

1. Seleção Natural (aleatória e sem a intervenção humana ou divina);
2. Sobrevivência do mais apto ou mais forte (“a lei do mais forte”);
3. Seleção doméstica ou artificial (a melhoria realizada pelo homem no melhoramento das raças domésticas. A Seleção Natural foi extrapolada a partir da Seleção Artificial, com acréscimos de dados adicionais).

Pois bem. Estando a examinar o mais repugnante de todos os livros escritos durante toda a história da Humanidade, o bestial “Minha Luta”<sup>81</sup> (“Mein Kampf”), não tive muita dificuldade em observar que o ditador nazista Hitler também se utilizou, a seu próprio modo, tais conceitos, por exemplo, ao proclamar a “supremacia” dos arianos e a conseqüente extinção das “raças” que ele denominou de “inferiores.” Vejamos os exemplos:

1. **“A própria natureza costuma agir no sentido de limitar o aumento de população de determinadas terras ou raças, em épocas de grandes necessidades ou más condições climáticas, bem como de pobreza do solo; e isso com um método tão sábio quanto inexorável. Ela não impede a capacidade de procriação em si e sim, porém, a conservação dos rebentos, fazendo com que eles fiquem expostos a tão duras provações que o menos resistente é forçado a voltar ao seio do eterno desconhecido, o que ela deixa sobreviver às intempéries está milhares de vezes experimentado e capaz de continuar a produzir, de maneira que a seleção possa recomeçar. Agindo desse modo brutal contra o indivíduo e chamando-o de novo momentaneamente a si, desde que ele não seja capaz de resistir à tempestade da vida, a natureza mantém a raça, a própria espécie, vigorosa e a torna capaz das maiores realizações.”**

[...]

2. **“A natureza terá de prestar auxílio de novo e proceder à seleção entre os escolhidos, destinados a viver; ou então é o próprio homem que a si mesmo se auxilia, lançando mão do impedimento artificial de sua reprodução com todas as graves conseqüências para a raça e para a espécie. Poder-se-á ainda objetar que esse futuro está**

destinado a toda a humanidade, de uma maneira ou de outra, e que, portanto, nenhum povo conseguirá naturalmente escapar a essa fatalidade.”

[...]

3. “Se refletirmos que uma grande diminuição da procriação é consequência desse estado de coisas e que disso está dependente a **seleção natural** que só pode ter como resultado criaturas infelizes, então é lícito que nos façamos esta pergunta: Por que manter uma tal instituição? Que objetivo preenche ela? Não é ela, porventura, igual à própria prostituição? O dever para com a posteridade não existe mais? Não se empreende que praga se reserva a futuras gerações através de uma tão criminosa e leviana **aplicação de um direito natural que é também o maior dever para com a Natureza?**”

[..]

4. “**Mas a Natureza disso se encarrega, sujeitando o mais fraco a condições de vida dificeis, que, só por isso, o número desses elementos se torna reduzido.** Não consentindo que os demais se entreguem, sem **seleção prévia**, a reprodução, ela procede aqui a uma nova e imparcial escolha, baseada no princípio da força e da saúde. Se, por um lado, ela pouco deseja a associação individual dos mais fracos com os mais fortes, ainda menos a fusão de uma raça superior com uma inferior. Isso se traduziria em um golpe quase mortal dirigido contra todo o seu trabalho ulterior de aperfeiçoamento, executado talvez através de centenas de milênios.”

[...]

5. “Isso que, a muitos, parece uma desvantagem, é, na realidade, a condição indispensável para a nossa vitória. Na grandeza e na dificuldade da nossa tarefa, está a possibilidade de que só os melhores Lutadores formarão conosco. **Nessa seleção está a garantia do sucesso.**”

6.“É falsa a suposição de que da fusão de **grupos fracos** possa resultar um fator de energia, pois a maioria, sob toda e qualquer forma e em todas as hipóteses, tem sido sempre a representante da tolice e da covardia. É assim que todas as ligas, dirigidas por muitas cabeças, estão totalmente votadas à covardia e à fraqueza. Acresce ainda que uma tal coesão impede o livre exercício das forças, a **luta pela seleção do melhor elemento, barrando assim a possibilidade da vitória final, que deve coroar o mais sadio e o mais forte.** Semelhantes coalizões são, portanto, contrárias à seleção natural, impedindo, na maior parte das vezes, a solução do problema a resolver.”

[...]

7. “Empregadores e empregados nacionais-socialistas são, ambos, encarregados e procuradores da comunidade nacional toda. A elevada medida de liberdade pessoal, que lhes é outorgada em seu agir, é explicável pelo fato de que, de acordo com a experiência, a capacidade do indivíduo é aumentada mais com a concessão de ampla liberdade do que com a coação vinda de cima e é, também, **apropriada para impedir que o processo de seleção natural, que deve ser facilitado aos mais hábeis, aos mais capazes e aos mais diligentes, seja entravado.**”

[...]

8. “O resultado final é que um tal povo um dia perderá o direito à existência neste mundo, pois o homem pode, durante um certo tempo, desafiar as leis eternas da conservação, mas a vingança virá mais cedo ou mais tarde. **Uma geração mais forte expulsará os fracos**, pois a ânsia pela vida, em sua última forma, sempre romperá todas as correntes ridículas do chamado espírito de humanidade individualista, para, em seu lugar, deixar aparecer uma humanidade natural, que destrói a debilidade para dar lugar à força.”

[...]

9. “A natureza não conhece limites políticos. Preliminarmente, ela coloca os seres neste globo terrestre e fica apreciando o jogo livre das forças. O mais forte em coragem e em diligência recebe o prêmio da existência, sempre atribuído ao mais resistente.”

[...]

10. “**O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria.** Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada. Certo é que, se tal lei não prevalecesse, seria escusado cogitar de todo e qualquer aperfeiçoamento no desenvolvimento dos seres vivos em geral.”

[...]

11. “A razão pela qual todas as grandes culturas do passado pereceram, foi a extinção, por envenenamento de sangue, da primitiva raça criadora. A última causa de semelhante decadência foi sempre o fato de o homem ter esquecido que toda cultura dele depende e não vice-versa; que para conservar uma cultura definida o homem, que a constrói, também precisa ser conservado. Semelhante conservação, porém, se prende à **lei férrea da necessidade e do direito de vitória do melhor e do mais forte.**”

[...]

12. “A grande massa não passa de uma obra da natureza e o seu sentir não comprehende o aperto de mão recíproco entre homens que afirmam pretender o contrário. **O que ela quer é a vitória do mais forte e o aniquilamento do fraco ou a sua rendição incondicional.**”

[...]

13. “**A lei natural de toda evolução não permite a união de dois movimentos diferentes, mas assegura sempre a vitória do mais forte e a criação do poder e da força do vitorioso, o que só se pode conseguir por meio de uma luta incondicional.**”

[...]

14. “Aqui também, pela ordem natural das coisas, certamente será **o mais forte** que será escolhido para cumprir a grande missão; apenas os outros só muito tarde reconhecem o fato de ser este o único eleito. Ao contrário, todos se julgam com os mesmos direitos e predestinados a resolver o problema, sendo que a coletividade geralmente é que menos sabe distinguir quem dentre eles é capaz de realizar a mais alta missão, quem merece o apoio de seus semelhantes.”

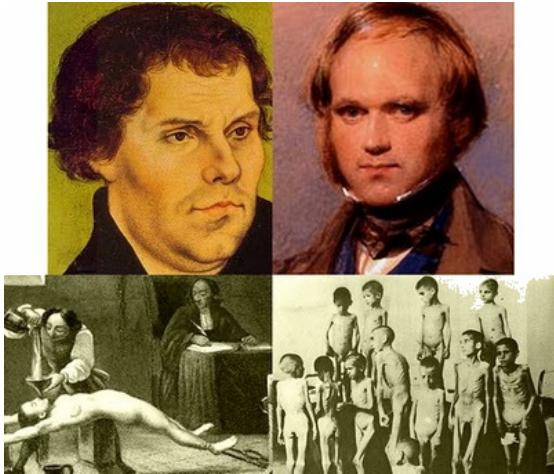
[...]

“*Não se deve, pois, lamentar o fato de diferentes indivíduos se porem em caminho para atingir o mesmo alvo: o mais forte e o mais expedito será sempre o vitorioso.*”

[...]

15. “Neste estado de “paz e ordem” dos dias de hoje, neste mundo de bravos “nacionalistas” burgueses, a proibição da procriação de portadores de sífilis, tuberculose e outras moléstias contagiosas, de mutilados e de cretinos, é vista como um crime, ao passo que a esterilidade de milhares dos **indivíduos mais fortes** de nossa raça não é tida como um mal ou ofensa à moral dessa hipócrita sociedade, mas aproveita ao seu comodismo. Se fosse de outra maneira, eles teriam que quebrar a cabeça para arranjar meios de prover à subsistência e à conservação dos elementos sadios da nação, que deveriam prestar esse grande serviço às gerações futuras.”

É isso!



## Nazismo, Darwinismo e Cristianismo

Quando afirmo que o conteúdo ideológico arraigado nos ideais de evolução como progresso, de Charles Darwin, influenciou na constituição do regime nazista, muitos me acusam de omitir propositalmente a influência da religião na política racista do ditador Adolf Hitler. Sim. Não há dúvidas de que o conceito de evolução como progresso impregnado em Darwin e nos demais darwinistas sociais realmente

exerceu influência nos ideais eugenistas do regime nazista. O fato de Adolf Hitler ter se utilizado da “Teoria da Evolução” ao seu modo, deturpando-a segundo seus próprios critérios racistas e doentios, não exime Darwin de ter dado “munição ideológica” ao ditador alemão. Ambos, segundo seus próprios critérios, acreditavam na existência de uma “classe superior.”

Todavia, Darwin e os demais darwinistas sociais não foram os únicos a exercerem ideologicamente influência sobre o nazismo alemão. Hitler bebeu em muitas fontes, e uma delas veio da própria tradição cristã em que ele estava inserido, especialmente da linha protestante do luteranismo. Em “Minha Luta”<sup>82</sup>, o mesmo Hitler faz menção de Lutero como um dos três grandes reformadores (os outros, escreveu, foram o imperador Frederico o Grande e o músico Richard Wagner). Escreveu ele: “Quanto maiores forem as obras de um homem pelo futuro, tanto menos serão elas compreendidas pelo presente; tanto mais pesada é a luta tanto mais raro é o sucesso. Se em séculos esse sorri a um, é possível que em seus últimos dias o circunde um leve halo da glória vindoura. É verdade que esses grandes homens são os corredores de Maratona da História. A coroa de louros do presente toca mais comumente às temporas do herói moribundo.

*Entre eles se contam os grandes lutadores que, incompreendidos pelo presente, estão decididos a lutar por suas idéias e seus ideais. São eles que, mais tarde, mais de perto, tocarão o coração do povo. Parece até que cada um sente o dever de no passado redimir o pecado cometido pelo presente. Sua vida e sua ação são acompanhadas de perto com admiração comovidamente grata, e conseguem, sobretudo nos dias de tristeza, levantar corações quebrados e almas desesperadas. Pertencem a essa classe não só os grandes estadistas, como também todos os grandes reformadores. Ao lado de Frederico o Grande, figura aqui Martinho Lutero, bem como Ricardo Wagner.*

No que concerne propriamente à influência cristã, a historiadora Maria Luiza Lucci Carneiro, a sintetiza da seguinte forma, em seu livro “Holocausto, Crime contra a humanidade”<sup>83</sup>: “O extermínio dos judeus pelos nazistas deve ser avaliado como uma progressão lógica nas relações entre cristãos e judeus ao longo da história ocidental. Desde que o cristianismo se tornou a religião do Ocidente, o tratamento dado aos judeus tem se caracterizado por três etapas que se alternam: conversão, expulsão e eliminação. O nazismo nada mais fez do que recorrer a esta prática secular, valendo-se de novos conhecimentos científicos e de nova tecnologia. Até mesmo a imagem estereotipada do judeu foi inspirada em textos que remontam ao século XVI. A grande inovação está, realmente, nos argumentos pseudocientíficos e na invenção da Solução Final.

*Se retrocedermos no tempo verificaremos que muitos dos decretos anti-semitas promulgados pelos nazistas têm modelos equivalentes nas decisões de concílios e sínodos cristãos do século IV (quando o cristianismo se tornou, em Roma, a religião do Estado) ao século XV. Por exemplo: as Leis de Nuremberg (1935), que proibiam casamentos e relações sexuais entre judeus e arianos, foram antecipadas por uma interdição semelhante por ocasião do Sínodo de Elvira, no ano 306. Medidas similares foram*

*adotadas na Espanha, a partir do século XV, e, com base nas leis de limpeza de sangue, proibiam os cristãos-novos de exercerem funções públicas, freqüentarem universidades, receberem títulos de honra, ingressarem em corporações profissionais. Em diferentes momentos, os descendentes de judeus foram obrigados a pagar impostos diferenciados dos cristãos e a viver reclusos em guetos. A mesma prática pode ser observada em Portugal, onde, a partir de 1536, os cristãos-novos foram perseguidos e levados à fogueira pelo Tribunal do Santo Ofício.*

*Na Idade Média os judeus foram considerados culpados por terremotos, pela peste negra e pelo envenenamento de poços de água; da mesma forma que, séculos depois, Hitler os responsabilizaria pela Segunda Guerra e pelas epidemias de tifo que atingiam a Alemanha.*

*Em pleno século XIV, judeus foram queimados numa ilha do Reno pelos habitantes de Basileia (Suíça) sob a acusação de terem envenenado a água. Até o século XIX – momento de eclosão das teorias raciais e biológicas que iriam caracterizar o anti-semitismo moderno – persistiu a crença de que os judeus assassinaram Cristo. Esse pensamento deicida pode ser considerado a essência do anti-semitismo tradicional, cujas raízes são identificadas no cristianismo.*

Segundo a autora, embora muitos judeus tivessem se convertido ao catolicismo e ao luteranismo, isso em nada fez diminuir o ódio dos nazistas contra eles: "A partir de 1890 aumentaram as pressões dos grupos de direita (Liga Agrária, Liga dos Empregados de Comércio, Liga Panpermânica, etc.) que identificavam o judeu com o socialismo internacional e o liberalismo. Por outro lado, os judeus apresentavam-se como eminentes nacionalistas procurando se integrar à sociedade alemã, havendo inclusive muitas conversões ao catolicismo e ao luteranismo. Lembramos que a religião luterana (do Estado) constituía, ao lado da língua, um dos elementos da identidade alemã: ser luterano significava ser alemão.

Com a publicação do Tratado de Marr, o anti-semitismo ganhou força, sendo reativado no governo de Otto von Bismarck. Por motivos puramente políticos, o movimento foi deflagrado usando os judeus como "bodes expiatórios". Parte da classe média, sentindo-se atingida pelo alegado poder econômico e financeiro dos judeus, formulou queixas (ao Reichstag (Parlamento).

Adolf Stoecker, agente do governo e capelão protestante da corte imperial, fundou a União Social Cristã dos Trabalhadores Anti-Semitas com o objetivo de combater o "socialismo judaico". O pastor Stoecker, representante do pensamento conservador, foi aplaudido por um público de pequeno-burgueses (lojistas, comerciantes e artífices) interessados em expurgar os judeus que, segundo eles, faziam-lhes concorrência. Com o tempo, esse movimento ganhou adeptos e fanáticos. Na Áustria surgiu um partido com características semelhantes: o Partido Cristão-Social Austríaco, liderado pelo político católico Karl Lueger, eleito prefeito de Viena e por quem Hitler tinha grande admiração."

Especificamente em relação a Martinho Lutero, o grande reformador protestante, é notório que ele nutria de um ódio avassalador pelos judeus. É de autoria dele o tratado "Dos Judeus e de suas Mentiras", com o qual conclama os cristãos a queimar suas sinagogas, tirar-lhes os livros e impedi-los de louvar a Deus sob a pena máxima.

Várias foram, portanto, as motivações ideológicas que exerceram fascínio na mentalidade de Hitler. O cristianismo foi apenas uma entre tantas outros. Esse fato não pode ser negado.

É isso!



## Richard Leakey e o "berço da humanidade"

"Em seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, Charles Darwin especula da seguinte forma acerca das razões pelas quais a África ter sido, em sua opinião, “o berço da humanidade”:

*“Naturalmente somos levados a perguntar-nos onde teria sido o lugar de origem do homem naquela fase da evolução em que os nossos antepassados se diversificam do tronco*

*dos catarríneos. O fato de eles pertencerem a este tronco demonstra claramente que habitavam o velho mundo, mas não a Austrália e tampouco alguma ilha oceânica, como podemos deduzir das leis da distribuição geográfica. Em toda região grande do mundo os mamíferos viventes estão em estreita relação com as espécies extintas da mesma região. Portanto, é provável que a África fosse inicialmente habitada por símios que estão extintos, estreitamente afins ao gorila e ao chimpanzé. Visto que agora estas duas espécies estão mais próximas ao homem, é um tanto quanto mais provável que os nossos primeiros antepassados habitassem o continente africano e não outro lugar.”*<sup>84</sup>

Exatamente sobre isto, escreve Richard Leakey em “A Origem da Espécie Humana”: “Devemos lembrar que, quando Darwin escreveu estas palavras, nenhum fóssil humano primordial tinha sido encontrado em qualquer lugar; sua conclusão era inteiramente baseada em teorias. Na época de Darwin, os únicos fósseis humanos conhecidos eram do homem de Neanderthal, na Europa, e estes representam um estágio relativamente tardio da evolução humana.

*Os antropólogos não gostaram nada da sugestão de Darwin, porque a África tropical era olhada com desdém colonialista: o Continente Negro não era visto como um lugar apropriado para a origem de uma criatura tão nobre como o Homo sapiens. Quando mais fósseis humanos começaram a ser descobertos na Europa e na Ásia na virada do século, mais zombarias foram lançadas sobre a idéia de uma origem africana. Esta atitude prevaleceu por décadas. Em 1931, quando meu pai disse aos seus mentores na Universidade de Cambridge que planejava procurar as origens humanas no leste da África, recebeu uma pressão enorme para em vez disto concentrar sua atenção sobre a Ásia. A convicção de Louis Leakey era parcialmente baseada no argumento de Darwin e parcialmente, sem dúvida alguma, no fato de que ele havia nascido e sido criado no Quênia. Ele ignorou o conselho dos estudiosos de Cambridge e conseguiu estabelecer a África Oriental como uma região vital na história da nossa evolução primordial. A veemência do sentimento anti-África dos antropólogos parece agora estranha para nós, dado o vasto número de fósseis humanos primordiais que tem sido recuperado neste continente nos anos recentes. O episódio é também um lembrete de que os cientistas são muitas vezes levados tanto pela emoção quanto pela razão.”*<sup>85</sup>

A frase de Leakey “*Os antropólogos não gostaram nada da sugestão de Darwin, porque a África tropical era olhada com desdém colonialista: o Continente Negro não era visto como um lugar apropriado para a origem de uma criatura tão nobre como o Homo sapiens*” me parece uma jibóica contradição, isto levando em conta os interesses ideológicos dos antigos darwinistas sociais. Ora, o ideal de “progresso” era marca registrada do pensamento racista dos antropólogos e filósofos evolucionistas nos primórdios do darwinismo. Sendo assim, a idéia de que o homem tivesse sua origem na África, em vez de chocar-se com seus ideais de superioridade racial, favoreceu enormemente esses sentimentos preconceituosos, já que corroborava em cheio com o conceito de “progresso da civilização” ou “evolução cultural dos povos.” O homem, saindo

de sua ínfima origem (a África) ascendia assim – evolutivamente - rumo à plena civilização (a Europa).

Isso me fez lembrar de um antigo documentário passado na TV Cultura sobre o *Apartheid*. Quando perguntado por um repórter sobre a revolta do povo banto, um inglês “branquinho e engomado” obstou-o alegando que sequer ele “havia descido da árvore.” Ou seja, para o pensamento racista, se baseado no ideal de evolução como progresso, é muito mais interessante que o homem tenha sua origem na África, em vez da Ásia ou Caculé.

É isso!



## Darwin e sua causa nada sagrada

O choque cultural pelo qual Darwin teve de passar quando viu pela primeira vez os fueguinos causou-lhe um impacto tão forte que chegou a finalizar seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual” com um relato que sintetiza toda sua visão sobre estes indígenas da Terra do Fogo: “*Jamais esquecerei o*

*espanto que tive quando pela primeira vez vi uma reunião de fueguinos numa praia selvagem e impérvia, diante da ideia que logo me veio à mente – assim eram os nossos antepassados. Esses homens estavam completamente pelados e tinham o corpo pintado, com os longos cabelos emaranhados, as bocas espumavam de excitação e tinham uma expressão selvagem, apa-vorada e cheia de suspeita. Malmente tinham alguma arte e viviam como animais selvagens daquilo que conseguiam capturar e eram impiedosos com o que não fosse da sua tribo. Quem tiver visto um selvagem em sua terra nativa não sentirá muita vergonha se for constrangido a reconhecer que em suas veias corre o sangue das mais humildes criaturas. Quanto a mim, quisera antes ter descendido daquela pequena e heróica macaquinha que desafiou o seu terrível inimigo para salvar a vida do próprio guarda; ou daquele velho babuíno que, des-cendo da montanha, levou embora triunfante um companheiro seu jovem, livrando-o de uma matilha de cães estupefatos, ao invés de descender de um selvagem que sente prazer em torturar os inimigos, que encara as mulheres como escravas, que não conhece o pudor e que é atormentado por enormes superstições.*”<sup>86</sup>

As narrativas, a seguir, todas extraídas do seu diário à bordo do Beagle, intitulado “Viagem de um naturalista ao redor do mundo”<sup>87</sup>, publicado em Língua Portuguesa pela Abril Cultural, parecem vir de encontro à tese de um Darwin que idealizou sua teoria da evolução em prol de uma causa sagrada. Sua repulsa, seu nojo e desprezo por este povo serve como uma pequena mostra de como o “civilizado, cristão e superior homem europeu” via o “incivilizado, pagão e selvagem indígena.”

Sim, é bem verdade que este tipo de mentalidade não foi exclusividade do autor de “A Origem das Espécies.” Em vez disto, refletia a forma de pensar quase generalizada do inglês vitoriano. Vá lá, levemos em conta o contexto cultural da época, mas, por que, afinal, essa tentativa ilógica de atribuir a Darwin uma luta que nunca foi a dele? Ele era abolicionista? Sim, mas, a abolição da escravatura também não era uma necessidade imposta pela coroa inglesa naquele instante histórico?

Ora, se Darwin era um abolicionista por desejar ver o bem dos africanos, por que não nutria ele do mesmo apreço para com os pobres fueguinos? Vejamos, pois, a partir de enxertos do livro anteriormente citado, a forma como o naturalista via os habitantes da Terra do Fogo:

*Pela manhã, o capitão expediu uma embaixada que fosse entender-se com os fueguinos. Logo que chegamos à distância de poder ouvir, um dos quatro aborígenes que se tinham adiantado para nos receber pôs-se a gritar com grande veemência, desejando indicar-nos o local onde poderíamos desembarcar. Quando nos viram em terra, porém, pareceram um tanto alarmados, contudo continuaram a falar e gesticular rapidamente. Era, sem exceção, o espetáculo mais interessante e curioso a que jamais me foi dado assistir: nunca poderia ter acreditado na enormidade da diferença que separa o selvagem do homem civilizado; é maior do que a que existe entre a fera e o animal domesticado, por isso que, no homem, há mais capacidade de aperfeiçoamento..."*

[...]

*"O ancião possuía uma testeira de penas brancas que lhe escondia parcialmente o emaranhado das tranças pretas e rudes. Atravessavam-lhe horizontalmente o rosto duas barras largas: uma, pintada de encarnado brilhante, ia-lhe de uma orelha à outra, abrangendo o lábio superior; a outra, branca como giz, se estendia paralelamente acima da primeira, cobrindo-lhe dessa cor até as pálpebras. Os outros se achavam sarapintados de pó negro, feito de carvão vegetal. O grupo, francamente, mais parecia encarnar os demônios que aparecem no palco em peças do gênero de *Der Freischütz*. A própria atitude já era abjeta, e a expressão que se lhes desenhava no semblante era de surpresa, suspeita e alarma. Recebidos que foram os presentes que lhes levávamos, constando de fazenda escarlate e que se apressaram em amarrar em torno do pescoço, logo se acamaradaram. Isso nos deu a entender o velho, batendo levemente em nosso peito, e fazendo um ruído cacarejante, semelhante ao que se faz quando se dá milho à criação. Caminhei algum tempo em sua companhia, e essa demonstração de amizade se repetiu várias vezes; completavam-na três fortes palmadas que me dava simultaneamente no peito e nas costas. Descobria, depois, o busto para que eu lhe retribuisse o cumprimento, que, uma vez feito, aparentemente o enchia de grande satisfação. A linguagem desse povo, de acordo com a noção que dela fizemos, quase nem merece ser descrita como articulada. Comparou-a o Capitão Cook ao som que um indivíduo produz quando procura desimpedir a laringe; certamente, porém, nenhum europeu jamais desimpediu a garganta fazendo cacarejos tão guturais e roucos como aqueles..."*

[...]

*"Até aqui não falei ainda a respeito dos fueguinos que trazíamos a bordo. Durante a viagem anterior do *Adventure* e do *Beagle*, de 1826 a 1830, o Capitão Fitz Roy prendera um grupo de nativos como reféns contra o roubo de um barco, cuja falta seriamente embaraçou a comissão de vistoria. Estes aborígenes, e mais uma criança que havia comprado por um botão de pérolas, levou-os à Inglaterra, comprometendo-se a educá-los e dar-lhes instrução religiosa por sua própria conta. Um dos principais motivos que induziram o Capitão Fitz Roy a empreender a presente viagem foi restabelecer esses indígenas na sua terra natal..."*

[...]

*"Ao verem um dos nossos braços, pasmaram-se ante a sua brancura, exatamente como fizera um orangotango que eu tinha visto no jardim zoológico."*

[...]

*"Quando descíamos, um dia, próximo à ilha Wollaston, acercamo-nos de uma canoa em que iam seis fueguinos. Eram as criaturas mais abjetas e miserandas que tinha visto onde quer que fosse."*

[...]

*"Em outro ponto não muito afastado, veio para perto do navio uma mulher nua que trazia ao peito um recém-nascido. Sem dar atenção ao granizo que caía e se fundia ao calor do seio e do corpo do seu filhinho, ali permaneceu longo tempo, presa de simples curiosidade! As mísulas criaturas estavam atrofiadas; tinta gordurosa pintava-lhes o semblante horrível, a pele cobria-se de graxa e imundície, os cabelos andavam*

*desgrenhados, a voz era dissonante e os gestos, violentos. Olhando-se para aqueles homens, custava-nos crer que fossem criaturas da nossa espécie e habitassem o mesmo mundo. É assunto comum de conjecturas o prazer que acaso possam ter na vida alguns dos animais inferiores: que dizer-se daqueles bárbaros, tomado-os como objeto de tais meditações! Cinco ou seis criaturas humanas, nuas e mal protegidas contra a inclemência da chuva e do vento desse clima borrascoso, deitam-se sobre o solo úmido para passar a noite, enrolados como pobres irracionais..."*

[...]

*"O depoimento do rapaz que acompanhava Mr. Low, se bem que independente, corrobora as declarações de Jemmy Button, segundo as quais, quando premidos pela fome, no inverno, sacrificam e devoram as mulheres velhas, antes de se decidirem a matar os cães. Interrogado por Mr. Low, o rapaz replicou que "cães apanham lontras; mulheres velhas, não". Descreveu também o modo pelo qual sufocam a vítima na fumaça, imitando-lhe pitorescamente os gritos, e dizendo quais as partes do corpo que se reputavam mais saborosas ao paladar. Horrível como deve ser a morte dessas pobres mulheres, infligida assim pelos próprios parentes e amigos, deve ser ainda mais pungente o medo que as acomete, nas ocasiões em que a fome começa a se fazer sentir. Contam que, muitas vezes, fogem para as montanhas, mas vão buscá-las os homens e são reconduzidas ao altar do sacrifício: a própria lareira!"*

*Nunca pôde o Capitão Fitz Roy certificar-se se os fueguinos possuem alguma crença definida sobre a vida futura. Enterram por vezes os seus mortos em cavernas, ou então nas florestas das montanhas. Não sabemos que ritual celebram. Jemmy Button não se decidia a comer aves terrestres, por isso que elas se alimentam de "homens mortos". Recusam-se até mesmo a fazer menção dos amigos falecidos. Não temos base para crer que pratiquem alguma forma de adoração religiosa, entretanto, poder-se-ia considerar como cerimônia dessa natureza a prece do ancião murmurada sobre a banha que distribuía à família esfomeada..."*

[...]

*"Não podem conhecer a sensação de possuir um lar, e muito menos a dos afetos domésticos, pois o marido é para a mulher o que é para o laborioso escravo um senhor brutal. Que quadro de perpetração mais horrenda-se poderá contemplar do que a cena que Byron presenciara na costa ocidental, quando uma desventurada mãe desceu para erguer o filhinho ensanguentado e moribundo que o marido lançara impiedosamente de encontro às pedras, por ter deixado cair um cesto de ovos marinhos! Quão pouco podem as faculdades mais nobres da mente ser postas em ação: que haverá ali que a imaginação se possa representar, a razão comparar, ou sobre que o julgamento se decidir? Para arrancar um marisco do rochedo, nem sequer astúcia é preciso, essa mais rudimentar faculdade da mente. A sua habilidade em muitos respeitos é comparável ao instinto dos animais, pois não se aperfeiçoa com a experiência. A canoa, o produto máximo do seu engenho, miserável como é, tem, como no-lo informa Drake, permanecido a mesma durante os últimos 250 anos.*

*Quando se contempla esse povo selvagem, pergunta-se, a si mesmo, de onde teria procedido? Que sedução poderia ter atraído esses indivíduos, ou que alterações haveriam forçado essas tribos a deixarem as belas regiões do norte, viajarem através da cordilheira, a espinha dorsal da América, para inventarem e construírem canoas que não se usam nas tribos do Chile, do Peru e do Brasil, e entrarem numa das mais inóspitas regiões no limite dos confins do globo? Conquanto tais reflexões possam a princípio apoderar-se da mente, podemos, entretanto, ter certeza de que são parcialmente errôneas. Não há motivo de se supor que o número dos fueguinos esteja em declínio, de sorte que é lícito acreditar-se que gozam de certa soma de felicidade, seja ela de que natureza for, e que lhes torna a vida digna de ser vivida. A natureza, que tudo prevê pela onipotência do hábito e dos seus efeitos hereditários, amoldou os fueguinos ao clima e aos produtos da sua miseranda pátria..."*

[...]

"Vários deles haviam corrido tanto, que o sangue lhes brotava do nariz, e a boca se enchia de espuma, da pressa com que falavam. E, pela nudez do corpo besuntado de preto, branco e vermelho, mais pareciam demônios que regressavam de encarniçada refrega.

*Na manhã seguinte à nossa chegada (dia 24), começaram os fueguinos a aparecer de todas as direções, vindo também a mãe e os irmãos de Jemmy. Este havia reconhecido, de prodigiosa distância, a voz estentorea de um dos seus irmãos. O encontro foi menos interessante que o de um cavalo que, sendo solto num pasto, ali deparasse com velho camarada seu. Não houve a menor demonstração de afeto. Limitaram-se a fitar-se durante alguns minutos, a mãe logo se afastando, a cuidar da sua canoa. Soubemos, no entanto, por York, que ela tinha ficado inconsolável com a perda de Jemmy; que o havia procurado por toda parte, julgando que tivessem esquecido de levá-lo no navio. As mulheres acolheram Fuegia com muita bondade. Já tínhamos percebido que Jemmy quase não se lembrava mais da língua materna. Acho que não poderia haver outra criatura humana que possuísse menor cabedal de vocábulos, pois o seu inglês era paupérrimo. Se bem que o lamentássemos, não pudemos deixar de achar graça em vê-lo dirigir-se em inglês ao irmão, e, logo a seguir, perguntar-lhe em espanhol: "No sabe?"...*

[...]

"Os três fueguinos, embora tivessem mantido contato de somente três anos com homens civilizados, gostariam, estou certo, de se aterem aos seus novos hábitos, mas via-se que isso seria impossível. Receio até que seja duvidoso se a sua visita à civilização lhes tivesse realmente valido qualquer proveito concreto..."

[...]

"Quando me achava na baleeira, cheguei até a criar ódio pelo mero som da sua voz, tantos dissabores ela nos tinha, a todos, custado. A primeira e a última palavras eram sempre yammerschooner. Entrando em alguma baiazinha sossegada, pensando que fôssemos passar uma noite tranquila, eis que ressoa, inesperadamente, partida de um canto obscuro, a palavra estridente e odiosa, fazendo-se a notícia espalhar pela fumaça do fogo sinaleiro. Sempre que deixávamos um ancoradouro, costumávamos dizer: "Graças aos céus, estamos ficando livres desses míseros mortais!" Contudo, uma derradeira vez, através de prodigiosa distância, se fazia ouvir o eco mortiço de uma palavra na qual ainda reconhecíamos claramente o detestável yammerschooner. Entretanto agora, quanto mais fueguinos encontramos no caminho, tanto mais divertimento nos propiciamos. Tanto eles como nós, rindo-se, admirando-se e pasmando-se uns dos outros; nós, apiedando-nos deles por nos fornecerem tão excelentes peixes e siris a troca de farrapos sem valor; eles, afoitando-se em agarrar a oportunidade de encontrar gente tão maluca que trocava, por um bom almoço, tão esplêndido atavio.

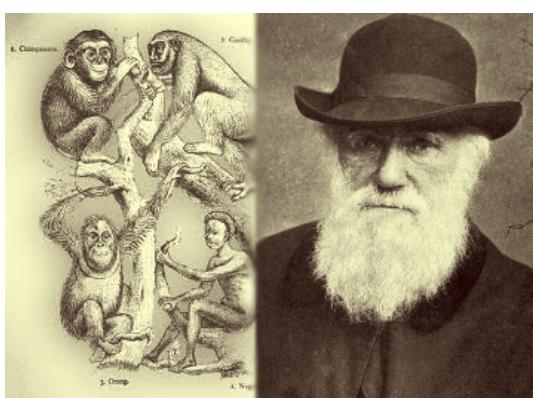
Disse que tinha construído uma canoa, e gabou-se de já poder falar um pouco do seu próprio idioma! O mais curioso é que parecesse ter ensinado um pouco de inglês a toda a sua tribo, pois um ancião, espontaneamente, apresentou-nos a moça, dizendo: "Jemmy Buton's wife". Jemmy perdeu tudo quanto possuía. Disse-nos que York Minster tinha feito uma grande canoa e que, havia vários meses, ele e sua esposa Fuegia tinham voltado à terra natal. Despediu-se perpetrando um gesto da mais consumada vilania. Depois de persuadir Jemmy e sua mãe a acompanhá-lo, desertou-os durante uma noite, roubando-lhes absolutamente toda a bagagem.

A perfeita igualdade entre os indivíduos que compõem as tribos de Terra do Fogo deverá retardar-lhes, por longos anos, a civilização. Como nos animais, cujo instinto os obriga a viverem em sociedade, sob a obediência de um chefe, e que vemos mais capazes de melhoramento, assim também com as raças da humanidade. Onde quer que procuremos a causa ou consequência dos mais civilizados, encontramo-la sob as formas mais artificiais de governo. Por exemplo, os habitantes de Otaheite, que, quando descobertos,

*se faziam governar por reis hereditários, tinham atingido cultura mais alta do que outro ramo da mesma raça, os da Nova Zelândia, que, conquanto beneficiados pela atenção que foram compelidos a dar à agricultura, eram republicanos no mais absoluto sentido da palavra. Na Terra do Fogo, até que algum chefe se levante com poder suficiente para garantir-se a posse de vantagens adquiridas como sejam os animais domésticos, parece quase impossível que o estado político do país possa melhorar. Presentemente, o simples pedaço de tecido que se dá a um índio é rasgado em mil pedaços para contentar a todos, nenhum ficando mais rico do que o outro. De outro lado, difícil é compreender-se como poderia elevar-se um chefe, capaz de manifestar sua superioridade e subir ao poder, senão quando houvesse algum conceito acerca da propriedade, que a isso o ajudasse, distinguindo-o dentre os demais.*

*Creio que nesta parte extrema da América do Sul as condições de melhoramento em que o homem vive são muito inferiores às de qualquer outra parte do mundo. Os ilhéus do mar do Sul, das duas raças que povoam o Pacífico, são comparativamente civilizados. Os esquimós nas suas grutas subterrâneas gozam de algum conforto na vida, e, quando saem completamente equipados em suas canoas, manifestam o domínio de grandes habilidades. Algumas das tribos sul-africanas, perambulando à cata de raízes, e vivendo ocultas nas extensões planas e áridas, são já bastante inditosas. Os australianos, na simplicidade das artes da vida, são os que mais se aproximam dos fueguinos. Podem, entretanto, gabar-se do seu bumerangue, da sua lança, do seu processo de escalar árvores, seguir a pista dos animais e caçar. Pelo fato de o australiano ser superior nas suas aquisições não se deve, contudo, deduzir que seja igualmente superior na sua capacidade mental; muito ao contrário, pelo que observei dos fueguinos, quando a bordo, e pelo que tenho lido sobre os australianos, sinto-me inclinado a pensar que é justamente o contrário que se dá."*

É isso!



## O conceito de "raça" em Charles Darwin

O racismo não é um fenômeno específico das sociedades modernas. Desde os tempos mais remotos, a idéia de "raças inferiores" e "raças superiores" já fazia notar entre os povos, manifestando-se, por exemplo, através da cor da pele, do tipo de cabelo, dos rituais e crenças, dos valores morais, das características culturais etc. Não teve o racismo um único berço ou período de

gestação: durante toda a história humana, ele se fez revelar nas mais variadas formas e pelos mais diversificados meios. Todavia, foi somente a partir do limiar da era moderna, mais precisamente a partir dos anos 1400, que os racistas passaram a enfatizar a questão da cor da pele, o que foi uma consequência da dominação européia sobre os outros povos (asiáticos africanos e americanos).

Com o avanço da ciência, especialmente no século XVIII, com o advento dos conceitos sobre evolução humana, o conceito de "raça" adquiriu "respaldo" biológico, quando se passou "cientificamente" a fazer distinção entre "raças superiores" e "raças inferiores." Dentre os nomes que destacaram na defesa desses ideais, sobressai o de Francis Galton, primo do naturalista Charles Darwin. Segundo este cientista, a "raça humana" poderia ser melhorada caso fossem evitados "casamentos indesejáveis." Na segunda metade do século XIX e primórdios do século XX, esses ideais, a que se

denominou de “Darwinismo Social”, tiveram enorme impacto em várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Com o pretexto de que se defendia “ciência”, a propaganda racista serviu de pretexto para a opressão e aniquilamento de inúmeros povos, principalmente na África e na Ásia.

Outro cientista que muito contribuiu para a aceitação do Darwinismo Social, foi o naturalista e capitalista inglês Charles Darwin. Embora a idéia de que havia diferentes “raças humanas” não fosse originalmente sua, é certo que, na maioria de suas obras, tais conceitos estão sempre presentes, como se pode observar em seu livro pouco conhecido “A expressão das emoções no homem e nos animais”<sup>88</sup>, do qual, a título de exemplos, extrair os seguintes enxertos:

*“Quinto, parecia-me de extrema importância estabelecer se, como se afirmou com freqüência, mas com escassas evidências, encontramos as mesmas expressões e gestos nas diferentes raças humanas, especialmente aquelas que tiveram pouco contato com os europeus. Sempre que determinadas mudanças nas feições e no corpo exprimirem as mesmas emoções nas diferentes raças humanas, poderemos inferir, com grande probabilidade, que estas são expressões verdadeiras, ou seja, que são inatas ou instintivas.”*

[...]

*“As respostas referem-se a muitas das mais selvagens e peculiares raças humanas.”*

[...]

*“Conclui-se, a partir das informações assim adquiridas, que um mesmo estado de espírito exprime-se ao redor do mundo com impressionante uniformidade; e este fato é ele mesmo interessante como evidência da grande similaridade da estrutura corporal e da conformação mental de todas as raças humanas.”*

[...]

*“Todavia, algumas das dúvidas e dificuldades foram afastadas com a observação de crianças, doentes mentais, diferentes raças de homens, obras de arte e, finalmente, dos músculos faciais sob o efeito de correntes galvânicas, como realizado pelo Dr. Duchenne.”*

[...]

*“Isso foi particularmente auspicioso, pois os aborígines australianos estão entre as mais peculiares raças humanas.”*

[...]

*“As várias espécies e gêneros de macacos expressam seus sentimentos de muitas maneiras diferentes; e esse fato é interessante, pois tem alguma relação com a questão sobre como classificar, em espécies ou variedades, as assim chamadas raças humanas; pois, como veremos nos próximos capítulos, as diferentes raças humanas exprimem suas emoções e sensações de maneira notavelmente uniforme ao redor do mundo.”*

[...]

*“O fato de lacrimejar durante o riso é comum a todas as raças humanas, como veremos num capítulo posterior.”*

[...]

*“A expressão de tristeza, gerada pela contração dos músculos da tristeza, de forma alguma se restringe aos europeus, mas parece ser comum a todas as raças humanas.”*

[...]

*“Fiquei ansioso para saber se as lágrimas acompanhavam as gargalhadas na maioria das raças humanas, e soube por meus colaboradores que isso realmente acontece.”*

[...]

*“Em todas as raças humanas a expressão de bom humor parece ser igual e é prontamente reconhecida.”*

[...]

*“No que diz respeito à alegria, sua expressão natural e universal é o riso; e, em todas as raças humanas, o riso exaltado faz os olhos lacrimejarem mais facilmente do que qualquer outra causa, excetuando-se a aflição.”*

[...]

*“Um ajoelhar-se humilde, com as mãos juntas e viradas para o alto, parece-nos, pela força do hábito, um gesto tão apropriado para a devoção que poderíamos pensar que ele é inato. Mas não encontrei nenhuma evidência desse fato nas inúmeras raças humanas fora da Europa.”*

[...]

*“Veremos, porém, num próximo capítulo, que em diversas raças humanas a surpresa algumas vezes provoca discreta protrusão dos lábios; embora surpresa ou espanto intensos costumem exprimir-se por uma grande abertura da boca.”*

[...]

*“A resposta de meus colaboradores foi quase unânime à minha pergunta sobre a possibilidade de se reconhecer as expressões de culpa e dissimulação entre as diferentes raças humanas.”*

[...]

*“Também estava ansioso por saber se o gesto era praticado por outras raças humanas, especialmente aquelas que não tiveram muito contato com os europeus.”*

[...]

*“No geral, percebe-se uma considerável diversidade quanto aos sinais de afirmação e negação nas diferentes raças humanas.”*

[...]

*“Meus colaboradores responderam de forma surpreendentemente unânime no que se refere a essa expressão nas diferentes raças humanas.”*

[...]

*“Não sei se esse gesto é comum a todas as raças humanas, já que deixei de fazer perguntas sobre esse tema.”*

[...]

*“Há ainda um outro pequeno gesto, exprimindo surpresa, para o qual não tenho explicação; a saber, a mão ser colocada à frente da boca ou em alguma parte da cabeça. Isso foi observado em tantas raças humanas que deve ter alguma origem natural.”*

[...]

*“No que diz respeito à manifestação do medo nas várias raças humanas, meus colaboradores concordam que os sinais são os mesmos exibidos pelos europeus.”*

[...]

*“Os pequenos vasos do rosto se enchem de sangue, pela sensação de vergonha, em quase todas as raças humanas, ainda que nas raças muito escuras não seja possível distinguir mudança de cor.”*

[...]

*“Os fatos aqui recolhidos são suficientes para demonstrar que o enrubesimento, com ou sem mudança de cor, é comum à maioria, provavelmente a todas as raças humanas.”*

[...]

*“Entre os europeus, o corpo todo pinica levemente quando o rosto enrubesce intensamente; e nas raças humanas que habitualmente andam quase nuas, o rubor estende-se por uma superfície bem maior do que em nós.”*

[...]

*“Deixei de perguntar em meus questionários impressos se a timidez pode ser detectada nas diferentes raças humanas.”*

[...]

*"Também terão dificuldades para explicar por que negros e outras raças de pele escura enrubesce, já que neles a mudança de cor na pele é quase ou totalmente invisível."*

[...]

*"Há razões para se acreditar, a julgar pelas capacidades de diferentes raças humanas, que os efeitos são hereditários."*

[...]

*"Podemos inferir que esses e alguns outros gestos são hereditários por serem realizados por crianças muito pequenas, pelos nascidos cegos e pelas mais variadas raças humanas."*

[...]

*"Esse é um fato interessante, pois acrescenta um novo argumento a favor da teoria de que as inúmeras raças descendem de um mesmo tronco parental, que deveria ser já quase totalmente humano na estrutura, e em grande medida na mente, antes do período no qual as espécies divergiram."*

[...]

*"Contudo, se considerarmos os numerosos aspectos estruturais que não guardam relação alguma com as expressões, comuns a todas as raças humanas."*

[...]

*"Entretanto, essa teria de ser a explicação se as diferentes raças humanas descendessem de inúmeras espécies aborígenes distintas."*

[...]

*"Parece bem mais provável que os muitos pontos de grande semelhança entre as várias raças devam-se à herança de uma única forma parental, que já havia adquirido um caráter humano."*

[...]

*"De todas as expressões, o rubor parece ser a mais estritamente humana; porém, ele é comum a todas, ou quase todas, as raças humanas, independentemente de se ver ou não alguma mudança de cor na pele."*

É isso!



## Darwin e a "superioridade européia"

Que Darwin era racista, isso é ponto inconteste, todavia, se em alguns casos a "superioridade européia" (sobretudo, a inglesa) é manifestada de forma explícita em suas obras, em muitos outros ela apenas aparece de forma sorrateira, como na nota de rodapé a seguir, extraída do seu livro menos conhecido "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." <sup>89</sup>

Primeiro observamos esta sua afirmativa, extraída da referida obra:

*"A membrana nictitante (membrana interna do olho dos pássaros), ou terceira pálpebra, com os seus músculos acessórios e as suas estruturas, é particularmente bem desenvolvida nos pássaros, e tem uma importância funcional bastante importante para eles, pois que pode estender-se rapidamente sobre toda a pupila. Tem sido encontrada em alguns répteis e anfíbios e em*

*certos peixes, como o peixe-cão. Está muito desenvolvida nas duas classes inferiores da série de mamíferos, isto é, nos monotremos e nos marsupiais, bem como em outros poucos mamíferos superiores, como o cavalo-marinho. Mas no homem, nos quadrúmanos e na maioria dos outros mamíferos, conforme todos os anatomicistas têm admitido, se reconhece como simples rudimento que leva o nome de prega similunar (35)*", p. 28. O grifo é meu.

Agora, vejamos a nota referente à afirmativa acima:

35) Müller, *Elements of Physiology*, trad. inglesa, 1842, vol. II, pg. 1117. Owen, *Anatomy of Vertebrates*, vol. III, pg. 260; *ibidem* sobre o cavalo-marinho, «Proc. Zool. Soc.», 8 de novembro de 1854. Cfr. também E. Knox, *Great Artists and Anatomists*, pg. 106. **Este rudimento é aparentemente um pouco mais extenso nos pretos e nos australianos do que nos europeus;** cfr. Cari Vogt, *Lectures on Man*, tradução inglesa, pg. 129.

Perceberam?

Incialmente ele diz que um determinado traço biológico está muito mais desenvolvido nas classes inferiores da série de mamíferos. Na nota, ele acrescenta que tal característica é um pouco mais extensa nos pretos e nos australianos do que nos europeus. A expressão "mamíferos inferiores" refere-se aos animais considerados os mais antigos na "escala evolutiva." Em outras palavras: são aqueles que – biologicamente - mantêm características mais próximas de seus remotos ancestrais. Os "pretos e australianos", no pensamento de Darwin, são os povos que conservam mais características comuns com os ancestrais humanos. Já os brancos europeus, por supostamente estarem "mais avançados" no processo evolutivo, estão assim mais distantes – biologicamente – desses mesmos ancestrais.

Vale ressaltar que as tais "superioridade e civilidade" dos capitalistas da Europa da época de Darwin culminaram, por exemplo, na exploração econômica e dominação política dos países da Ásia e África, naquilo que ficou conhecido por **Imperialismo**, que ainda hoje faz transparecer suas consequências nefastas em muitas das citadas regiões.

É isso!



## Charles Darwin: abolicionista e racista

Um dos argumentos comumente utilizados pelos darwinistas na defesa de que Charles Darwin não era racista, refere-se ao fato de ser ele um abolicionista, como se a simples adesão ao abolicionismo fosse indício de ojeriza aos ideais de superioridade racial.

Sim, que Darwin fosse abolicionista, não há nenhuma dúvida quanto a isso. Não apenas ele, como boa parcela da população da Inglaterra também era favorável à abolição da escravatura. Isso, no entanto, não impediu que esses mesmos ingleses dominassem, à base de seu poderio bélico, os povos africanos, explorando suas riquezas e dizimando suas vidas.

O argumento de que fazem uso os devotos de Darwin em sua defesa, falha por três razões básicas, a saber:

1. Darwin era um cidadão inglês, e como todo bom inglês vitoriano, era orgulhoso de sua nação. A Inglaterra, como se sabe, era contrária à escravidão, todavia, sua luta contra o sistema escravocrata não tinha qualquer caráter humanitário. José Dantas discorre sobre

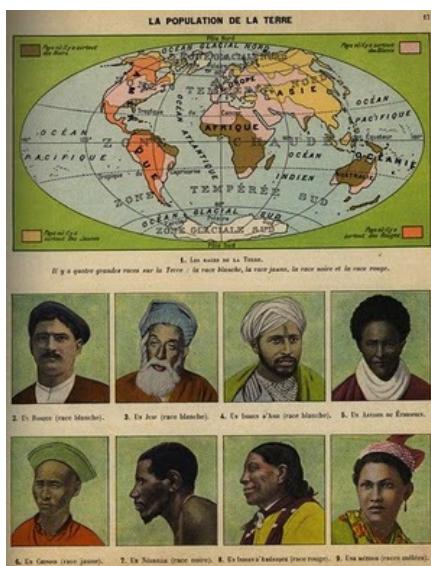
isto em “História do Brasil”<sup>90</sup>: “A luta dos ingleses contra o tráfico de escravos não tinha qualquer caráter humanitário. A Inglaterra preocupava-se primordialmente em defender seus interesses econômicos, pois como nação industrial buscava ampliar o mercado consumidor para seus produtos. Não foi por outra razão que a Inglaterra aboliu a escravidão em suas colônias do Caribe. Porém, naquele momento, a produção agrícola realizada pelo negro livre revelou-se cara do que a feita em regime de escravidão, tornando os produtos caribenhos competitivos no mercado internacional. Assim, ao impor a extinção do tráfico de escravos para o Brasil e defender a adoção trabalho livre, a Inglaterra estava preocupada não só em garantir mercados para seus produtos industriais como também em assegurar a competitividade dos produtos agrícolas de suas colônias. Portanto, a decretação Bill Aberdeen em 1845 representou, na verdade, um poderoso instrumento de defesa acumulação capitalista inglesa.”

2. Para muitos abolicionistas, era preciso acabar com a escravidão para modernizar suas nações. No caso da Inglaterra, o fim da escravidão atrelava-se à emergência da revolução industrial. Escravos não podiam ser consumidores, pois não recebiam remuneração. Darwin era um capitalista extremamente ligado à estrutura econômica de sua nação, daí não ser nenhuma novidade sua adesão a esses ideais abolicionistas.

3. Em “O que é racismo”<sup>91</sup>, Joel Rufino do Santos, referindo-se, especificamente aos abolicionistas brasileiros, afirma que, para estes: “era preciso acabar com a escravidão para aliviar o sofrimento dos pobres pretos.” “Ora”, completa o autor: “compaixão pelos pretos é o mesmo que, por exemplo, compaixão pelos pobres macacos, que estejam sofrendo de alguma forma.”

Não se pode duvidar, também, que Charles Darwin nutria de grande sensibilidade por todos os seres vivos. Tanto é verdade que dedicou boa parte de sua vida pesquisando determinados tipos de crustáceos, entre muitos outros animais. Contudo, o fato dele sentir compaixão por aquele escravo que padecia nas mãos do seu senhor, no Brasil, não diz absolutamente nada sobre seus “sentimentos de igualdade racial.” Assim como ele não suportava o sofrimento de um cão, não achava igualmente tolerável o sofrimento de um negro. Se essa assertiva não tivesse lá sua lógica, não escreveria ele, por exemplo, a seguinte “previsão”: “No futuro, não muito longínquo, se medido em termos de séculos, num determinado ponto as raças humanas civilizadas terão extermínado e substituído quase por completo as raças selvagens em todo o mundo. No mesmo período os símios antropomorfos, conforme tem observado o prof. Schaaffhausen, terão sido sem dúvida extermínados. A fratura entre o homem e os seus mais próximos afins se tornará então ainda mais ampla, visto que será fratura entre o homem, num estágio ainda mais civilizado do que aquele caucásico (é o que esperamos nós) e alguns símios inferiores como o babuíno, ao invés de ser entre o negro ou o australiano e o gorila.”<sup>92</sup>

É isso!



## A taxonomia racista de Henri V. Vallois

Fuçando numa dessas férteis bibliotecas da Universidade de São Paulo, deparei-me com o livro “As Raças Humanas”, de Henry V. Vallois (“Professeur du Muséum National d’Histoire Naturelle - Directeur du Musée de l’Homme et de l’Institut de Paléontologie humaine”), traduzido e publicado no Brasil pela antiga Difusão Européia do Livro, em 1954.

Originalmente o livro (“Les Races humaines”) foi escrito em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, ou

seja, num momento histórico totalmente propício à crença no conceito de “raça humana.” Lembrando que um dos pilares do Nazismo fundamentava-se exatamente na idéia de “raça.” Para Hitler o alemão era o protótipo de “raça superior e civilizada”, daí a necessidade de estigmatizar os judeus como a “raça inferior e corrompida.”

Vallois, “o douto homem da ciência”, não apenas criou uma taxonomia própria para as etnias humanas, como, também, defendeu a tese de que a humanidade evoluiu em estágios, isto é, gradativamente conforme reza a tradição evolucionista. Embora a referida obra não tenha nenhum valor prático para os nossos dias, ela é uma mostra viva de que teorias e conceitos científicos são tão transitórios ou efêmeros quanto doutrinas ou dogmas religiosos: o que hoje é pecado grave, amanhã poderá vir a ser um belo exemplo de virtude.

E, com o objetivo de enfatizar a transitoriedade de teorias tidas como científicas, exponho a seguir alguns pontos abordados por Vallois, todos relacionados ao ultrapassado conceito de “raças humanas.” Vejamos um pouco acerca dos argumentos que um homem da ciência do seu tempo pensava sobre diferenças do tipo: cor da pele, formato do nariz, estatura física, feitio da cabeça etc.

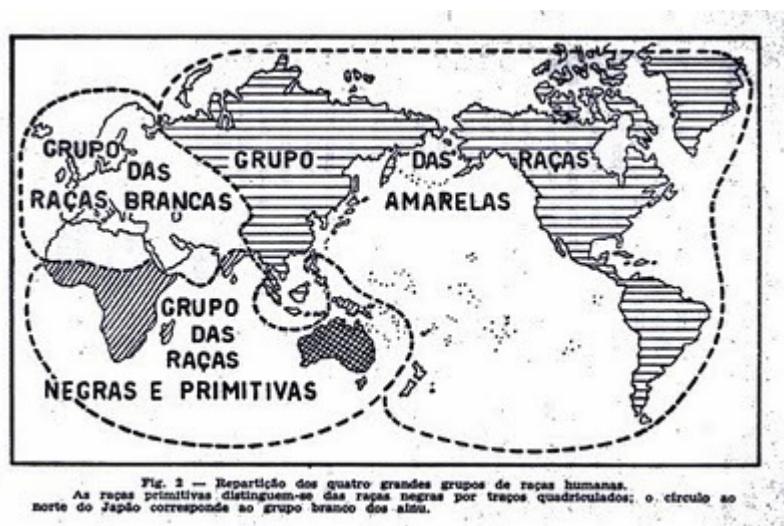


Fig. 2 — Repartição dos quatro grandes grupos de raças humanas.  
As raças primitivas distinguem-se das raças negras por traços quadruplicados; o círculo ao norte do Japão corresponde ao grupo branco das alíns.

### VALLOIS E SUA DEFINIÇÃO DE “RAÇA”

*“Não é preciso ter viajado muito para saber que, levando em conta apenas a cor, os homens podem dividir-se em três categorias pelo menos - brancos, amarelos e negros. Porém, cada uma delas é heterogênea. Em algumas regiões, os brancos têm cabelos loiros e olhos azuis, em outras, cabelos e olhos negros; aqui, têm a cabeça alongada, acolá, arredondada, e assim por diante. As descrições dos viajantes informam-nos que diferenças análogas existem entre os negros e os amarelos: tal grupo de negros, por exemplo, que vive na floresta equatorial, compõe-se de homenzinhos peludos de menos de 1,50 m. de altura, ao passo que, não muito longe, os brejos do Alto-Nilo abrigam tribos de corpo glabro e cuja estatura ultrapassa muitas vezes a 1,80 m. Poder-se-iam multiplicar tais exemplos. Mostram que humanidade divide-se num certo número de grupo se distinguem pelos seus caracteres corporais. É a esses grupos que se dá o nome de raças.”*

### OS CARACTERES RACIAIS SEGUNDO VALLOIS

*“O mais clássico é a cor da pele. Foi nela que assentaram as mais antigas classificações, e os velhos livros sânscritos, como as antigas figurações egípcias, já faziam alusão a isso. Depende da presença, nas camadas profundas do tegumento, de pequenos grãos de uma substância amarela escura chamada pigmento. A sua quantidade é variável. Se houver muito, a pele torna-se muito escura e assume a cor branca ou preta dos negros. Se houver menos, o vermelho do sangue que circula sob a pele aparece por transparência e a mistura da sua cor com a do pigmento dá os matizes amarelo escuro ou amarelo claro de muitos asiáticos. Se faltar o pigmento, a pele toma a*

cor branca rosada dos europeus do norte. Conforme a quantidade da matéria corante e a sua densidade, pode-se ter, pois, uma série completa de cores, mas deve-se notar que nenhuma delas é vermelha: como veremos mais tarde, os chamados peles-vermelhas eram, na realidade, amarelos escuros."

Um caráter muito utilizado, mas cuja apreciação exige um certo treino, é a forma da cabeça: quando se considera a cabeça do alto, verifica-se que ela tem um contorno oval, pode ser no sentido longitudinal ou no sentido transversal. No primeiro caso, diz-se que a cabeça é dolicocéfala (da palavra grega "dolichos", longo), no segundo, é braquicéfala (da palavra grega "brachus", curto). As cabeças de forma intermediária são "mesocéfalas".

A determinação dessas categorias não deve ser feita ao acaso, mas sim, comparando o comprimento da cabeça (da base da testa, à parte mais saliente do occipício) com a sua largura (distância máxima entre as duas têmporas). Uma fórmula fácil permite calcular um algarismo que exprime a largura que teria a largura da cabeça se o comprimento fosse igual a 100; é o índice cefálico. Nos dolicocéfalos, é inferior a 76 (isto a largura não excede os 76% do comprimento; nos mesocéfalos, vai de 76 a 81; nos braquicéfalos, ultrapassa este último algarismo).

A forma do rosto também pode variar: a face é estreita ou larga, oval ou quadrangular, achatada ou abaulada. A modificação mais importante do ponto de vista racial é o grau de desenvolvimento das maxilas: em certas raças, em particular as negras, são salientes: é o prognatismo; se, ao contrário, o perfil é retilíneo, temos o ortognatismo.

O nariz é passível de grandes modificações: fino e proeminente nos europeus, torna-se muito largo e chato em muitas raças de cor. Exprime-se essa modificação pelo índice nasal, cuja fórmula obedece ao mesmo princípio da do índice cefálico."

## A CLASSIFICAÇÃO RACIAL DE VALLOIS

"A classificação aqui adotada admite vinte e sete raças, que podemos reunir em quatro grupos pelo conjunto dos seus caracteres:

1º) Raças primitivas, cujas disposições gerais indicam uma evolução morfológica menos avançada que nas outras; são em número de duas;

2º) Raças negras ou negróides, de pele escura, cabelos em carapinha ou fortemente ondulados, nariz geralmente largo; em número de sete;

3º) Raças brancas, de pele clara ou morena, cabelos encaracolados ou ondulados, nariz geralmente fino; em número de dez;

4º) Raças amarelas, de pele com um fundo amarelado, cabelos lisos ou ligeiramente crespos, nariz de largura variável; em número de oito.

O quadro ao lado dá a enumeração dessas raças e indica a sua distribuição pelas cinco partes

Raças	Europa (raças)	Africa (raças)	Ásia (raças)	Oceania (raças)	América (raças)
Primitivas			védha	australiana	
Negras		etiópica melano- africana negrilho koisan	melano- índio	negrito melanésia	
Brancas	nórdica este-euro- péia dinária alpina mediterrânea		ainu anatólia turânica sul- oriental indo- afgã		
Amarelas			siberiana nor- te-mongólica centro mon- gólica sul- mongólica indonésia	polinésia	esquimó ameríndia

## VALLOIS E O FUTURO DAS “RAÇAS HUMANAS”

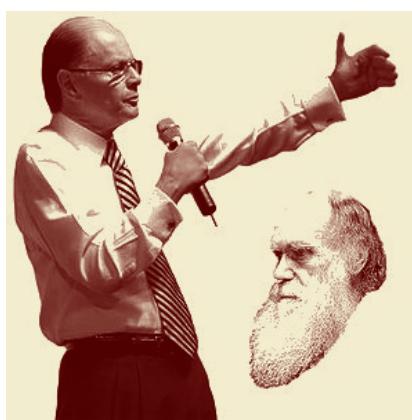
*“Os fenômenos de expansão e regressão que acabamos de descrever estarão no fim? Em outros termos, poder-se-á supor que a distribuição racial chegou hoje a um estado de equilíbrio e já não muda na sua essência, tanto que o mapa das raças atualmente existentes permaneceria válido por muito tempo? A resposta não admite dúvidas. Não só não existe razão alguma para que os processos já em andamento paralisem, mas tudo faz supor que, se nenhum acidente vier bruscamente destruir ou modificar a civilização européia, eles só poderão aumentar. A multiplicação extraordinária das facilidades de transporte, a febre de prospecção e de exploração de todas as riquezas do solo terrestre, a necessidade paradoxal de uma mão-de-obra cada vez mais numerosa, à medida que o maquinismo se desenvolve, são outras tantas causas tendentes a suprimir as últimas barreiras que ainda protegem algumas raças. Que essa multiplicação de contactos entre todos os homens oferece perigo para os grupos antropológica e culturalmente primitivos, o exemplo do passado indica-o eloquentemente.”*

*É de se esperar que o período em que uma raça destruía outra pela violência, está encerrado, — embora exemplos recentes mostrem que, nessa matéria, seria imprudente presumir demasiado — mas, a maioria das causas de extinção mencionadas num dos parágrafos precedentes, nem por isso deixarão de subsistir; a enorme desproporção de número entre as raças invasoras e as invadidas, acarretará a absorção do que restar destas últimas. Não estaremos muito errados prevendo que daqui a um ou dois séculos, e provavelmente menos, os bochimanos, os hotentotes, os ainu, os australianos, os polinésios, os negritos terão terminado sua existência como raças independentes. A sua única possibilidade de salvação seria a criação de “reservas” análogas às já instituídas para as espécies animais em via de extinção Porém, nesse setor, o homem prefere conceder a sua proteção aos bichos, a concedê-la aos seus semelhantes!”*

Qualquer semelhança entre o último parágrafo do texto de Vallois com uma passagem escrita por Darwin em seu “A Origem do Homem”, não é mera coincidência. Os evolucionistas, por suas convicções exageradas no progresso das civilizações, sempre previram a extinção das “raças” que, segundo eles, retrocederam durante o processo evolucionário.

*“Em algum período futuro não muito distante se medido em séculos, as raças civilizadas do homem exterminarão e substituirão, quase com certeza, as raças selvagens em todo o mundo. Ao mesmo tempo, os macacos antropomorfos... serão sem dúvida extermínados. A brecha entre o homem e seus parentes mais próximos será ainda mais larga, pois ela se abrirá entre o homem num estado ainda mais civilizado, esperamos, do que o próprio caucasiano, e algum macaco tão inferior quanto o babuíno, em vez de, como agora, entre o negro ou o australiano e o gorila” (Charles Darwin: “The Descent of Man”, p. 178).*

É isso!



## Charles Darwin e Edir Macedo: confronto ideológico

Não, não pensem que Edir Macedo se inspirou em Darwin para construir seu império financeiro. De forma alguma!

Para um ultradarwinista, colocar Darwin no mesmo paralelo do bispo da Igreja Universal, seria o cúmulo de todas as heresias. Um absurdo!

- "É o desespero criacionista", diriam os mais exaltados!

- "É a obsessão recalcada pseudo-religiosa de sempre", justificaria um ou outro mais apegado ao naturalista.

Bem. Embora não faça sentido algum imaginar que Edir Macedo tenha feito uso do “A Origem das Espécies” para elaborar seu Estatuto Doutrinário, em alguns aspectos é perfeitamente possível fazer um confronto ideológico entre ambos os personagens, pelo menos em âmbitos específicos, como, por exemplo:

## A LÓGICA DO CAPITAL

Em seu livrinho “O que é Darwinismo”, Nélio Bizzo faz uma afirmação sobre Charles Darwin que deixa qualquer ultradarwinista de cabelo em pé:

*“Não era só o mecanismo da seleção natural que reproduzia os elementos essenciais da sociedade inglesa. No darwinismo original, como vimos, as vantagens adquiridas por indivíduo eram herdadas pelos descendentes. Darwin não entendia nada de herança biológica, mas no outro tipo de herança era ‘expert’. Tinha recebido verdadeira fortuna do pai (cerca de 250 mil dólares). Mesmo sem nunca ter trabalhado, conseguiu ampliá-la e seu destino era certo. Seus filhos a herdariam. O conceito de propriedade estava profundamente arraigado em Darwin e na sociedade em que vivia.”*

*“A teoria evolucionista baseia-se fundamentalmente na suposição de que os organismos evoluem porque se adaptam às condições do ambiente. Pode haver visão mãos cômoda para um jovem burguês almofadinha, interessado em manter a disciplina de seus empregados?”*<sup>94</sup>

A lógica de Darwin, segundo este biólogo, era a lógica do capital. Portanto uma lógica nada destoante daquela do bispo Edir Macedo, que, em cerca de 30 anos conseguiu montar um verdadeiro “império econômico”, no qual está incluído um dos maiores conjuntos de empresas de comunicação do país.

No que concerne, por exemplo, à viagem de Darwin no Beagle, o mesmo Bizzo surpreende:

*“Sua tarefa parecia consistir em observar, reconhecer os ambientes economicamente importantes para a Coroa Inglesa. Já naquela altura as matérias-primas eram cada vez mais necessárias para um país que passava por uma revolução industrial.”*

E, de acordo com este autor:

*“A viagem de Charles Darwin ao redor do mundo não era movida por interesses ‘filantrópicos’, como ele próprio pensava. A Coroa inglesa tinha grande interesse no extremo sul da América. Incentivava clandestinamente a independência da Argentina. Tinha conquistado pela força as Ilhas Malvinas, mudando seu nome para Falklands. Explorava a zona litorânea, mapeando cuidadosamente a costa. Tinha interesse em manter relações amistosas e comerciais, com os nativos ou colonos, onde já existiam.”*

Sim, é claro!

Aos que alienadamente imagina que Darwin foi apenas e tão somente “um ilustre cientista inglês que revolucionou o pensamento biológico no fim do século XIX, o qual juntou-se ao navio de pesquisa Beagle, como naturalista e geólogo, para uma longa viagem ao redor do mundo, da qual coletou inúmeras informações que o levou a escrever a obra a qual serviu como base à Teoria da Evolução”, tais ponderações do biólogo Bizzo caem no mesmo âmbito da absurda heresia. Todavia, faz-se mister realçar essa outra pertinente declaração deste professor da USP:

*“Quando proponho uma aproximação crítica de Darwin muitas pessoas são levadas a tomar-me como um mero oportunista, uma vez que ele não está mais aqui para se defender. Acho que esta interpretação é por demais simplista.”*

*Essas mesmas pessoas se espantam em saber que eu fiz uma verdadeira peregrinação jesuítica aos lugares em que Darwin viveu. Fui a Shrewsbury, entrei no quarto onde ele nasceu (a casa é uma repartição pública hoje em dia) visitei a escola onde estudou, o castelo medieval que existe diante dela, fui a Edimburgo, conheci a faculdade de Medicina, o estuário do rio Forth, onde ele fazia coletas assistido pelo professor Grant, um lamarckista fanático que depois se tornaria deputado revolucionário em Londres, além de sua escola em Cambridge, o Christís College, seus aposentos, sua segunda casa em Londres (a primeira delas, onde teve a ideia da seleção natural, foi demolida para a construção da garagem de um supermercado), sua casa em Downe, etc. Enfim, um roteiro de uma verdadeira macaca de auditório.*

*Além disso, meu projeto de doutorado me levou a trabalhar com seus manuscritos originais, com sua biblioteca pessoal, seus escritos íntimos e até mesmo os de sua esposa, Emma, em Cambridge, Londres e Downe.*

*Tenho anotadas as datas das menstruações de Emma por um período de mais de dez anos antes dela ter tido seu último filho. Ser um fã não significa ser um adulador, um cego do ponto de vista intelectual. Defendo uma aproximação crítica, procurando compreender o autor dentro do contexto que ele viveu, em sua época, com seus valores. Isso não significa que eu deva compartilhá-los, à moda de alguns de seus admiradores, como Robert Wright.<sup>95</sup>*

Darwin e Macedo tem, portanto, a mesma ambição pelo vil metal; além, é claro, do interesse em tornar seus objetivos ideológicos "universais." Enquanto o primeiro fincou sua ideologia no materialismo filosófico, sob a égide do conceito de "sobrevivência do mais forte fisicamente", este outro, por sua vez, estabeleceu suas idéias no conceito de "sobrevivência do mais forte espiritualmente."

Os pobres, para Darwin, eram fracos mentalmente, e de tal forma que os ricos, ou seja, os "mais hábeis", deveriam abster-se de contrair matrimônio com os "mais fracos, evitando desta forma que a pobreza se propagasse para seus descendentes. Macedo, por sua vez, enxerga a pobreza não como resultado da desigualdade social e da má distribuição de renda, mas pela falta de fé. Quem, por alguma procela da vida, enfrenta a adversidade financeira, provavelmente tem algum pecado, ou, mais acertadamente na visão do Macedo, "está roubando a Deus." Daí os rituais de chantagem emocional em seus cultos nas suas muitas igrejas. Paralelamente para Macedo, a pobreza é uma maldição hereditária, que, se não quebrada, pode prosseguir e ser transmitida às futuras gerações.

Por tudo isso, metaforicamente pode-se afirmar que, em termos ideológicos Macedo é uma espécie de "darwinista social." É claro, criacionista por convicção!

É isso!



## Charles Darwin e Adolf Hitler: confronto ideológico

Ideologicamente o que haveria de comum entre as idéias do ditador alemão e os conceitos do naturalista inglês?

Seria possível estabelecer um confronto entre ambas as ideologias, e de tal maneira que se encontrem pontos em comuns em suas obras?

Que ligação é possível fazer acerca do conteúdo ideológico de "Minha Luta", de Adolf Hitler, e "A Origem do Homem", de Charles Darwin?

Bem. Não obstante tenha uma opinião firmada sobre a questão, vou apenas transladar para este espaço alguns textos extraídos das obras supramencionadas, de modo que, cada pessoa, caso tenha interesse, faça sua própria análise e chegue à sua própria conclusão.

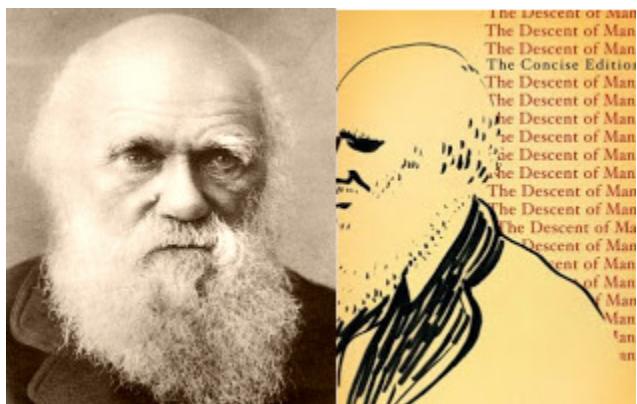
O confronto aqui exposto se dará basicamente de acordo com os seguintes critérios que norteiam à Eugenia:

- 1 - Supremacia de uma “raça” considerada “superior” em detrimento de outra tida como “inferior.”
- 2 - A hereditariedade dos caracteres físicos e mentais: o patrimônio hereditário dos pais.
- 3 - A necessidade de se impedir a união conjugal entre “as raças inferiores” com aquelas consideradas “superiores”: regulamentação do casamento.
- 4 - A sobrevivência da raça considerada “mais apta” ou “mais forte.”
- 5 - A natureza agindo seletivamente em prol da “raça superior” ou “raça civilizada.”

## SÍNTESE

A sociedade vista com uma clara divisão: de um lado, os membros “superiores”, os “mais fortes”, sadios, inteligentes, ricos, civilizados e, obviamente, brancos; do outro lado, os membros “inferiores”, os “mais fracos”, mal nutridos, doentes, pobres, selvagens, incivilizados, de constituição racial duvidosa, os quais deveriam ser impedidos de se reproduzirem, pois acabariam por “rebaixar toda a raça”, e de tal modo que, limitando-se os rituais de seleção “vistos” na natureza, seria possível acelerar o progresso da humanidade. Os “mais aptos”, evidentemente, encontrava-se entre os indivíduos das classes dominantes.

Vamos às fontes:



**Charles Darwin, do seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual.” Tradução: Atílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974.**

*“A seleção permite ao homem agir de modo favorável, não somente na constituição física de seus filhos, mas em suas qualidades intelectuais e morais. Os dois sexos deveriam ser impedidos de desposarem-se quando se encontrassem em estado de inferioridade muito acentuada de corpo ou espírito.*

*Todos aqueles que não podem evitar uma abjeta pobreza para seus filhos deveriam evitar de se casar, porque a pobreza não é apenas um grande mal, mas ela tende a aumentar; (...) enquanto os inconscientes se casam e os prudentes evitam o casamento, os membros inferiores da sociedade tendem a suplantar (em número) os membros superiores.*

*Como todos os animais, o homem chegou certamente ao seu alto grau de desenvolvimento atual mediante luta pela existência, que é consequência de sua multiplicação rápida; e, para chegar a um mais alto grau ainda, é preciso que continue a ser mantida uma luta rigorosa (...).*

*Deveria haver concorrência aberta para todos os homens e dever-se-iam fazer desaparecer todas as leis e todos os costumes que impedem os mais capazes de conseguir seus objetivos e criar o maior número possível de crianças” (p. 710).*

[...]

"Assim, no que toca as faculdades mentais, a sua transmissão se manifesta nos cães, nos cavalos e nos outros animais domésticos. Ademais, seguramente se transmitem gostos e hábitos particulares, a inteligência em geral, a coragem, o bom e o mau temperamento, etc. Com o homem assistimos a fatos semelhantes em quase toda família; e agora, graças às notáveis obras de Galton, sabemos que o gênio, que compreende uma combinação extraordinariamente complexa de faculdades elevadas, tende a ser hereditário; por outro lado é igualmente certo que a loucura e as deficiências psíquicas se transmitem nas famílias" (p. 41).

[...]

"Passaremos agora a considerar as faculdades intelectuais. Se em todo grau da sociedade os membros fossem divididos em dois grupos iguais, um abrangendo os membros intelectualmente superiores e o outro aqueles inferiores, não haveria dúvida alguma de que o primeiro teria o melhor êxito em todas as ocupações e o último teria um maior número de filhos" (p. 189).

[...]

"Também no mais baixo nível de vida, a capacidade e a habilidade podem ser de alguma vantagem, embora em muitas ocupações seja bastante pequena, em virtude da grande divisão do trabalho. Por isso, nas nações civilizadas haverá uma certa tendência para incrementar tanto o número como o nível da capacidade intelectual. Mas não quero afirmar que esta tendência não possa ser mais do que contrabalançada em outras maneiras, por exemplo pela multiplicação dos imprevidentes e dos irquietos; mas também a pessoas como estas a habilidade deve ser de alguma forma vantajosa.

Muitas vezes se tem objetado, para idéias semelhantes, que os homens mais eminentes não têm deixado descendentes que herdassem o seu grande intelecto. Galton afirma:

"Sinto desgosto em ser incapaz de resolver a simples questão sobre até que ponto homens e senhoras, que são muito geniais, são estéreis. Contudo, tenho demonstrado que homens eminentes não são absolutamente assim" (p.163).

[...]

"No caso das estruturas corpóreas, o fator que contribui para um progresso de uma espécie é a seleção de indivíduos ligeiramente mais dotados e a eliminação daqueles menos dotados, e não a conservação de anomalias fortemente acentuadas e raras" (p. 164).

[...]

"O mesmo se dará com as faculdades intelectuais, visto que os homens um pouco mais hábeis em qualquer grau da sociedade têm melhor êxito do que os menos hábeis e, consequentemente, progridem em número, quando não são obstaculados de um outro modo. Quando numa nação o nível de inteligência e o número de pessoas inteligentes cresceram, de acordo com a lei do desvio da média, podemos contar com o aparecimento dos gênios com um pouco mais de frequência do que antes" (p. 164).

[...]

"No que diz respeito às qualidades morais, a eliminação das piores disposições está sempre aumentando também nas nações mais civilizadas. Os malfeiteiros são justiçados ou lançados na prisão durante longos períodos, a fim de não poderem transmitir livremente as suas más qualidades. Os hipocondríacos e os loucos são confinados ou suicidam-se. Os violentos e os briguentos encontram muitas vezes um triste fim. Os vadios que não têm nenhuma ocupação estável — e este resto de barbárie representa um grande obstáculo para a civilização — emigram para países há pouco colonizados, onde se transformam em úteis pioneiros" (p. 164).

[...]

"As mulheres corrompidas geram poucos filhos e os homens corruptos raramente se casam; tanto elas como eles são vítimas de doenças. Na criação de animais domésticos, a eliminação dos indivíduos, embora escassos em número, que de algum

*modo evidente são inferiores, constitui um elemento em nada absolutamente negligenciável para o êxito. Isto é particularmente válido para aqueles caracteres negativos que têm a propensão ao reaparecimento através da reversão, como a cor negra das ovelhas; e no gênero humano, algumas das piores disposições que aparecem nas famílias, sem uma causa determinada, podem constituir talvez um retorno ao estado selvagem, do qual nos temos afastado em não muitíssimas gerações. Esta ideia, na verdade parece ser reconhecida pela expressão popular de que tais homens são as ovelhas negras da família" (p. 164, 165).*

[...]

*"Nas nações civilizadas, enquanto não for atingido um adiantado nível de moralidade e um notável número de homens sinceramente bons, a seleção natural tem efeitos aparentemente escassos, embora os instintos sociais fundamentais sejam originariamente adquiridos por seu intermédio" (p. 165).*

[...]

*"Greg e Galton muito têm insistido sobre o obstáculo mais importante, existente nos países civilizados, contra o aumento do número dos homens de classe superior, isto é, sobre o fato de que os mais pobres e os negligentes, que frequentemente são degradados pelo vício, quase invariavelmente se casam antes, enquanto que os prudentes e os frugais, que em geral são virtuosos também em outras maneiras, contraem matrimônio em idade avançada, com a finalidade de poderem ser capazes de permanecer, eles mesmos e os seus filhos, na comodidade" (p. 166).*

[...]

*"Ou, nas palavras de Greg: "O irlandês imprevidente, esquálido, sem ambições, multiplica-se como os coelhos; o escocês frugal, previdente, cheio de auto-respeito, ambicioso, austero na sua moralidade, espiritualista nas suas opiniões, sagaz e disciplinado na sua inteligência, passa os seus melhores anos na luta e no celibato, casa-se tarde, gera poucos filhos. Supondo um país originariamente povoado por cem saxões e com celtas – e vereis que numa dúzia de gerações os 5/6 da população serão célticos, mas os 5/6 da riqueza, do poder, do intelecto pertencerão à sexta parte de saxões que ficam. Na eterna "luta pela existência", é a raça inferior e menos favorecida que tem prevalecido e não por causa das suas boas qualidades, mas por causa dos seus defeitos" (p. 167).*

[...]

*"Também a mortalidade dos maridos abaixo dos vinte anos é "excessivamente elevada", mas há dúvida sobre qual seria a causa disto. Por fim, se os homens que prudentemente adiam o matrimônio, até que estejam em condições de manter a sua família com conforto, pudesse escolher, como muitas vezes fazem, as mulheres jovens, o percentual de aumento na classe melhor sofreria apenas uma escassa redução" (p. 168).*

[...]

*"Admite, contudo, que os intemperantes, os dissolutos e as classes criminosas, cuja duração de vida é breve, comumente não se casam; deve-se, outrossim, admitir que os homens de constituição fraca, de saúde doentia ou com alguma grande enfermidade mental ou física, muitas vezes não desejam casar-se ou são rejeitados" (p. 168).*

[...]

*"De um modo geral, podemos concluir com o Dr. Farr, quando diz que a menor mortalidade dos casados em relação aos não casados, que parece uma lei geral, "deve-se principalmente à constante eliminação dos tipos imperfeitos e à hábil seleção dos melhores indivíduos em toda geração", enquanto a seleção se refere somente ao estado conjugal, e age sobre todas as qualidades, físicas, intelectuais e morais. Podemos portanto deduzir que os homens sadios e bons, que por medida de prudência permanecem solteiros por um certo tempo, não sofrem uma alta porcentagem de mortalidade" (p. 169).*

[...]

"Se os obstáculos especificados nos últimos dois parágrafos e quiçá outros ainda desconhecidos não podem evitar que os membros da sociedade negligentes, viciados e de vários modos inferiores aumentem numa percentagem mais rápida do que as classes superiores, então a nação retrocederá, conforme infelizmente muitas vezes tem acontecido na história do mundo" (p. 169).

[...]

"Devemos recordar-nos de que o progresso não é uma regra invariável. É muito difícil dizer porque uma nação civilizada tem origens, se torna mais poderosa, estende-se mais do que uma outra; ou porque esta mesma nação progride mais num período do que outro. Podemos tão somente dizer que isto depende do aumento do número atual da população, do número de homens dotados de elevadas faculdades intelectuais e morais e do seu nível de excelência. A estrutura física parece ter escassa influência, exceto para o fato de que o vigor do corpo conduz ao vigor da mente" (p. 170).

[...]

"Os indivíduos e as raças podem ter adquirido certas vantagens indiscutíveis e no entanto ter perecido por causa da fraqueza de outros caracteres. Os gregos podem ter decaído por falta de coesão entre os seus pequenos estados, pela pouca extensão de todo o seu território, pela prática da escravidão ou pela extrema sensualidade.

Com efeito, eles não sucumbiram senão quando "foram desfibrados e corrompidos profundamente". As nações da Europa ocidental, que atualmente em tanto superam os seus primitivos antepassados selvagens, pouco ou nada devem da sua superioridade à direta herança dos antigos gregos, embora muito devam às obras escritas por aquele povo maravilhoso" (p. 170).

[...]

"Os notáveis êxitos dos ingleses como colonizadores, em comparação com outras nações europeias, foram atribuídos à sua "energia audaz e persistente"; um resultado que ficou bem evidenciado ao comparar o progresso dos canadenses de ex-tração inglesa e francesa; mas, quem pode dizer como é que os ingleses adquiriram a sua energia?"(p. 171).

[...]

"Aparentemente existe muita verdade na opinião de que os maravilhosos progressos dos Estados Unidos e o caráter deste povo são o resultado da seleção natural; com efeito, os homens mais enérgicos, irrequietos e corajosos de todas as parte da Europa emigraram durante as últimas dez ou doze gerações para esse grande país e lá tiveram o melhor êxito" " (p. 171).

[...]

"Por mais obscuro que seja o progresso da civilização, podemos pelo menos ver que uma nação que, durante um período prolongado, produziu o máximo número de homens de maior intelecto, enérgicos, corajosos, patrióticos, generosos, em geral deveria prevalecer sobre as nações menos favorecidas" (p. 171).

[...]

"A seleção natural deriva da luta pela existência e esta de uma rápida taxa de aumento. Não é possível deixar de lamentar a taxa com que o homem tende a aumentar; mas se isto é prudente, é outra questão. Efetivamente, nas tribos bárbaras isto leva ao infanticídios e a muitos outros males e, nas nações civilizadas, à pobreza abjeta, ao celibato e aos matrimônios mais tardios dos homens prudentes" (p. 171).

[...]

"Quando em muitas partes do mundo vemos enormes áreas da terra mais fértil, capazes de sustentar muito bem numerosas famílias, mas povoadas somente por alguns selvagens errantes, devemos então deduzir que a luta pela existência não tem sido suficientemente dura para forçar o homem a atingir o seu mais elevado nível" (p. 171).

[...]

"A julgar de tudo o que sabemos do homem e dos animais inferiores, sempre tem havido uma suficiente variabilidade em suas faculdades morais e intelectuais para um progresso seguro através da seleção natural. Sem dúvida, tal progresso requer muitas circunstâncias favoráveis convergentes; mas não é certo que a mais favorável teria sido suficiente, no caso em que a taxa de incremento não tivesse sido rápida e a consequente luta pela existência extremamente dura" (p. 172).

[...]

"Isto se torna evidente também pelo que vemos, por exemplo, nas zonas da América do Sul, onde um povo que pode ser chamado de civilizado, como os colonos espanhóis, está sujeito a tornar-se indolente e a retroceder, quando as condições de vida são muito fáceis. No que toca às nações altamente civilizadas, num nível subordinado,, o contínuo progresso depende da seleção natural: com efeito, tais nações não se sobrepujam e extermíniam mutuamente como fazem as tribos selvagens" (p. 172).

[...]

"Não obstante isto, os membros mais inteligentes, no seio da mesma comunidade, terão mais êxito com o correr do tempo do que os menos inteligentes, e terão prole mais numerosa; e isto não deixa de ser uma forma de seleção natural. As causas mais eficazes do progresso parecem consistir numa boa educação durante a juventude, quando a mente é suscetível de ser formada, e num alto nível de excelência, imposto pelos homens mais capazes e melhores, incorporado nas leis, costumes e tradições da nação e reforçado pela opinião pública". Contudo, deve-se ter presente que a consolidação da opinião pública depende da apreciação que fizermos da aprovação e desaprovação dos outros. Esta apreciação é fundada na nossa simpatia que, indubitavelmente, originariamente se desenvolveu através da seleção natural como um dos mais importantes elementos dos instintos sociais" (p. 172).

[...]

"Os habitantes da Terra do Fogo foram provavelmente forçados por outras hordas de conquistadores a estabelecer-se na sua terra não hospitaleira e podem conseqüentemente ter regredido, mas seria difícil provar que tenham decaído mais do que os botocudos, que habitam a melhor parte do Brasil.

A prova de que todas as nações civilizadas descendem daquelas bárbaras, encontramo-la, de um lado, em traços claros da sua primitiva baixa condição, nos costumes, ideias e língua ainda existentes, e por outro lado, na prova de que os selvagens são independentemente capazes de soerguer-se de qualquer grau na escala da civilização e atualmente efetivamente se ergueram" (p. 173).

[...]

"Em geral se crê que a mulher supera o homem na intuição, na maneira rápida como entende as coisas e talvez na imitação, mas pelo menos algumas dessas faculdades são características das raças inferiores e por conseguinte de um estágio de civilização mais baixo e já ultrapassado" (p. 649).

[...]

"A distinção principal nos poderes mentais dos dois sexos reside no fato de que o homem chega antes que a mulher em toda ação que empreenda, requeira ela um pensamento profundo ou então razão, imaginação, ou simplesmente o uso das mãos e dos sentidos. Se houvesse dois grupos de homens e mulheres que mais sobressaíssem na poesia, na pintura, na escultura, na música (trate-se da composição ou da execução), na história, nas ciências e filosofia, não poderia haver termos de comparação. Baseados na lei do desvio da média, tão bem ilustrada por Galton em seu livro *Heredity Genius*, podemos também concluir que, se em muitas disciplinas os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio do homem é superior àquele destas últimas" (p. 649).

[...]

"Num capítulo anterior vimos que as capacidades mentais dos animais superiores não diferem em qualidade, embora sejam de grau muito diverso, das capacidades mentais dos homens, especialmente das raças inferiores e bárbaras; e parece que também o seu senso do belo não é muito diferente daquele dos quadrúmanos. Com efeito, os negros da África transformam o rosto com rugas paralelas "ou cicatrizes sobre a superfície natural, porque estas horrendas deformações são consideradas atrativos pessoais"; do mesmo modo como os negros e os selvagens de muitas partes do mundo pintam o rosto com sinais vermelhos, azuis e brancos, assim parece que o macho do mandril africano adquiriu o seu focinho rugoso e vivamente colorido a fim de se tornar atraente para a fêmea. Certamente parece-nos estranho que a parte traseira do corpo seja ainda mais colorida do que o focinho, com a finalidade precisa de servir de ornamento, mas, na realidade, isto não causa maior estranheza do que a decoração das caudas de muitos pássaros" (p. 625).

[...]

"O homem acumula riquezas e as transmite aos seus filhos, de modo que os filhos dos ricos levam vantagem sobre aqueles dos pobres na corrida para o êxito, independentemente da superioridade física ou mental.

Por outro lado, os filhos de pais de vida breve e que portanto em média são privados de saúde e vigor, herdam as suas riquezas antes que os outros, provavelmente se casarão antes e farão com que um maior número de descendentes herde a sua fraca constituição.

Mas, a hereditariedade da propriedade, em si mesma está muito longe de constituir um perigo; com efeito, sem acumulação de capital as artes não poderiam progredir e é sobretudo mediante o seu poder que as raças civilizadas estenderam e continuam estendendo por toda parte a sua ordem, de modo a assumir o lugar das raças inferiores. Nem mesmo uma moderada acumulação de riqueza interfere no processo de seleção" (p. 162).

[...]

"Quando um homem pobre se torna modestamente rico, os seus filhos se inserem no exercício de profissões onde há luta à farta, de modo que aquele que é hábil física e mentalmente tem melhor sucesso. A presença de um grupo de homens bem instruídos, que não devam lutar pelo seu pão cotidiano, reveste-se de uma tal importância que, seja como for, não pode ser subvalorizada enquanto todo trabalho intelectual elevado é por eles realizado, pois de tal depende sobretudo o progresso material de todo gênero, para não lembrarmos outras e mais elevadas vantagens.

Sem dúvida, quando a riqueza é grande demais, a mesma tende a converter o homem num ocioso inútil, mas se trata de um número exíguo; e verifica-se um certo grau de eliminação, visto que vemos cotidianamente homens ricos, que são néscios ou dissolutos, esbanjar as suas riquezas" (p. 162).

[...]

"Quem tiver visto um selvagem em sua terra nativa não sentirá muita vergonha se for constrangido a reconhecer que em suas veias corre o sangue das mais humildes criaturas. Quanto a mim, quisera antes ter descendido daquela pequena e heróica macaquinha que desafiou o seu terrível inimigo para salvar a vida do próprio guarda; ou daquele velho babuíno que, descendo da montanha, levou embora triunfante um companheiro seu jovem, livrando-o de uma matilha de cães estupefatos, ao invés de descender de um selvagem que sente prazer em torturar os inimigos, que encara as mulheres como escravas, que não conhece o pudor e que é atormentado por enormes superstições" (p. 712).



## ADOLF HITLER - "Minha Luta". Edição Digitalizada. Apresentação Nélson Jahr Garcia.

"Quem, física ou espiritualmente, não é sadio ou digno, não deve perpetuar os seus defeitos através de seus filhos! Nisso consiste a maior tarefa educativa do Estado nacionalista. Isso será visto, de futuro, como uma obra mais elevada do que as mais vitoriosas guerras do atual século burguês. Educando o indivíduo, o Estado deve ensinar

*que não é uma vergonha, mas uma lamentável infelicidade, ser fraco ou doente, mas é um crime e também uma vergonha que se arrastem, nessa infelicidade, por mero egoísmo, inocentes criaturas. Ao contrário é uma prova de grande nobreza de sentimentos, do mais admirável espírito de humanidade, que o doente renuncie a ter filhos seus e consagre seu amor e sua ternura a alguma criança pobre, cuja saúde dá esperança de vir a ser ela um membro de valor de uma comunidade forte. Nessa obra de educação, o Estado deve coroar os seus esforços tratando também do aspecto intelectual. Deve agir, nesse sentido, sem consideração de qualquer espécie, sem procurar saber se a sua atuação é bem ou mal entendida, popular ou impopular" (p. 181).*

[...]

*"A própria natureza costuma agir no sentido de limitar o aumento de população de determinadas terras ou raças, em épocas de grandes necessidades ou más condições climáticas, bem como de pobreza do solo; e isso com um método tão sábio quanto inexorável. Ela não impede a capacidade de procriação em si e sim, porém, a conservação dos rebentos, fazendo com que eles fiquem expostos a tão duras provações que o menos resistente é forçado a voltar ao seio do eterno desconhecido, o que ela deixa sobreviver às intempéries está milhares de vezes experimentado e capaz de continuar a produzir, de maneira que a seleção possa recomeçar" (p. 62).*

[...]

*"Agindo desse modo brutal contra o indivíduo e chamando-o de novo momentaneamente a si, desde que ele não seja capaz de resistir à tempestade da vida, a natureza mantém a raça, a própria espécie, vigorosa e a torna capaz das maiores realizações. A diminuição do número, por esse processo, redonda em um reforço da capacidade do indivíduo e, por conseguinte, em última análise, em um revigoramento da espécie" (p. 62).*

[...]

*"Sendo limitada a procriação e diminuído o número dos nascimentos, sobrevem, em lugar da natural luta pela vida, que só deixa viverem os mais fortes e mais saudáveis, a natural mania de conservar e "salvar" a todos, mesmo os mais fracos, a todo preço. Assim se deixa a semente para uma descendência que será tanto mais lamentável quanto mais prolongado for esse escárnio contra a natureza e suas determinações.*

*O resultado final é que um dia perderá o direito à existência neste mundo, pois o homem pode, durante um certo tempo, desafiar as leis eternas da conservação, mas a vingança virá mais cedo ou mais tarde. Uma geração mais forte expulsará os fracos, pois a ânsia pela vida, em sua última forma, sempre romperá todas as correntes ridículas do chamado espírito de humanidade individualista, para, em seu lugar, deixar aparecer" (p. 63).*

[...]

*"A grande massa não passa de uma obra da natureza e o seu sentir não comprehende o aperto de mão recíproco entre homens que afirmam pretender o contrário.*

*O que ela quer é a vitória do mais forte e o aniquilamento do fraco ou a sua rendição incondicional*" (p. 156).

[...]

*"A lei natural de toda evolução não permite a união de dois movimentos diferentes, mas assegura sempre a vitória do mais forte e a criação do poder e da força do vitorioso, o que só se pode conseguir por meio de uma luta incondicional"* (p. 161).

[...]

*"Já a observação mais superficial nos mostra, como lei mais ou menos implacável e fundamental, presidindo a todas as inúmeras manifestações expressivas da vontade de viver na Natureza, o processo em si mesmo limitado, pelo qual esta se continua e se multiplica. Cada animal só se associa a um companheiro da mesma espécie. O abelheiro cai com o abelheiro, o tentilhão com o tentilhão, a cegonha com a cegonha, o rato campestre com o rato campestre, o rato caseiro com o rato caseiro, o lobo com a loba etc.*

*Só circunstâncias extraordinárias conseguem alterar essa ordem, entre as quais figura, em primeiro lugar a coerção exercida por prisão do animal ou qualquer outra impossibilidade de união dentro da mesma espécie. Ai, porém, a Natureza começa a defender-se por todos os meios, e seu protesto mais evidente consiste, ou em privar futuramente os bastardos da capacidade de procriação ou em limitar a fecundidade dos descendentes futuros"* (p 131).

[...]

*"Na maior parte dos casos, ela priva-os da faculdade de resistência contra moléstias ou ataques hostis. Isso é um fenômeno perfeitamente natural: todo cruzamento entre dois seres de situação um pouco desigual na escala biológica dá, como produto, um intermediário entre os dois pontos ocupados pelos pais. Significa isto que o filho chegará provavelmente a uma situação mais alta do que a de um de seus pais, o inferior, mas não atingirá entretanto à altura do superior em raça.*

*Mais tarde será, por conseguinte, derrotado na luta com os superiores. Semelhante união está porém em franco desacordo com a vontade da Natureza, que, de um modo geral, visa o aperfeiçoamento da vida na procriação. Essa hipótese não se apóia na ligação de elementos superiores com inferiores mas na vitória incondicional dos primeiros"*(p. 131).

[...]

*"O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada.*

*Esse instinto que vigora em toda a Natureza, essa tendência à purificação racial, tem por consequência não só levantar uma barreira poderosa entre cada raça e o mundo exterior, como também uniformizar as disposições naturais. A raposa é sempre raposa, o ganso, ganso, o tigre, tigre etc. A diferença só poderá residir na medida variável de força, robustez, agilidade, resistência etc., verificada em cada um individualmente. Nunca se achará, porém, uma raposa manifestando a um ganso sentimentos humanitários.*

*Eis porque a luta recíproca surge aqui, motivada, menos por antipatia íntima, por exemplo, do que por impulsos de fome e amor. Em ambos os casos, a Natureza é espectadora, plácida, e satisfeita. A luta pelo pão quotidiano deixa sucumbir tudo que é fraco, doente e menos resoluto, enquanto a luta do macho pela fêmea só ao mais sadio confere o direito ou pelo menos a possibilidade de procriar. Sempre, porém, aparece a luta como um meio de estimular a saúde e a força de resistência na espécie, e, por isso mesmo, um incentivo ao seu aperfeiçoamento.*

*Se o processo fosse outro, cessaria todo progresso na continuação e na elevação da espécie, sobrevindo mais facilmente o contrário. Dado o fato de que o elemento de menor valor sobrepuja sempre o melhor na quantidade, mesmo que ambos possuam igual capacidade de conservar e reproduzir a vida, o elemento pior muito mais depressa se*

*multiplicaria, ao ponto de forçar o melhor a passar para um plano secundário. Impõe-se, por conseguinte, uma correção em favor do melhor. Mas a Natureza disso se encarrega, sujeitando o mais fraco a condições de vida difíceis, que, só por isso, o número desses elementos se torna reduzido" (p. 131, 132).*

[...]

*"Não consentindo que os demais se entreguem, sem seleção prévia, a reprodução, ela procede aqui a uma nova e imparcial escolha, baseada no princípio da força e da saúde.*

*Se, por um lado, ela pouco deseja a associação individual dos mais fracos com os mais fortes, ainda menos a fusão de uma raça superior com uma inferior. Isso se traduziria em um golpe quase mortal dirigido contra todo o seu trabalho ulterior de aperfeiçoamento, executado talvez através de centenas de milênios.*

*Somente, pondo de parte que o homem ainda não superou em coisa alguma a Natureza, não tendo passado de tentativas o levantar, pelo menos, uma ou outra pontinha do gigantesco véu, sob o qual ela encobre os eternos enigmas e segredos, que ele, de fato, nada inventa, somente descobre o que existe, que ele não domina a Natureza, só tendo ascendido ao grau de senhor entre os demais seres vivos, pela ignorância destes e pelo seu próprio conhecimento de algumas leis e de alguns segredos da Natureza, pondo de parte tudo isso, uma idéia não pode dominar as hipóteses sobre a origem e o destino da Humanidade, visto a idéia mesma só depender do homem. Sem o homem não pode haver idéia" (p. 131, 132).*

[...]

*"Naturalmente um ou outro poderá rir dessa afirmação. É preciso que ninguém se esqueça, porém, de que este planeta já percorreu o éter milhões de anos sem ser habitado e poderá, um dia, empreender o mesmo percurso da mesma maneira, se os homens esquecerem que não devem sua existência superior às teorias de uns poucos ideólogos malucos, mas ao reconhecimento e à aplicação incondicional de leis imutáveis da Natureza" (p. 133).*

[...]

*"Quem desejar viver, prepara-se para o combate, e quem não estiver disposto a isso, neste mundo de lutas eternas, não merece a vida. Por mais doloroso que isso seja, é preciso confessá-lo. A sorte mais dura é, sem dúvida alguma, a do homem que julga poder vencer a Natureza e na realidade a Natureza do mesmo escarnece. A réplica da Natureza se resume então em privações, infelicidades e moléstias!*

*O homem que desconhece e menospreza as leis raciais, em verdade, perde, desgraçadamente a ventura que lhe parece reservada, Impede a marcha triunfal da melhor das raças, com isso estreitando também a condição primordial de todo progresso humano. No decorrer dos tempos, vai caminhando para o reino do animal indefeso, embora portador de sentimentos humanos. É uma tentativa ociosa querer discutir qual a raça ou quais as raças que foram os depositários da cultura humana e os verdadeiros fundadores de tudo aquilo que compreendemos sob o termo "Humanidade" (p. 133).*

[...]

*"Se refletirmos que uma grande diminuição da procriação é consequência desse estado de coisas e que disso está dependente a seleção natural que só pode ter como resultado criaturas infelizes, então é lícito que nos façamos esta pergunta: Por que manter uma tal instituição? Que objetivo preenche ela? Não é ela, porventura, igual à própria prostituição? O dever para com a posteridade não existe mais? Não se comprehende que praga se reserva a futuras gerações através de uma tão criminosa e leviana aplicação de um direito natural que é também o maior dever para com a Natureza? Assim se degeneram os grandes povos e gradualmente são arrastados à ruína. O casamento não deve ser uma finalidade em si, mas ao contrário, deve servir à multiplicação e conservação da espécie e da raça, Esse é o seu significado, essa é a sua finalidade.*

*Assim sendo, a sua razão de ser deve ser medida pela maneira por que é alcançado esse objetivo. Os casamentos entre jovens se justificam ao primeiro exame, porque podem dar produtos mais sadios e mais resistentes. Para facilitar essas uniões tornam-se imprescindíveis várias condições sociais, sem as quais impossível é contar com casamentos entre jovens. A solução desse problema, aparentemente tão fácil, não se encontrará sem medidas decisivas sob o ponto de vista social.*

*A importância desse problema ressalta do fato de vivermos em um tempo em que a chamada República "Social", demonstrando a sua incapacidade para resolver o problema das habitações, tornou impossíveis inúmeros casamentos e incrementou, por esse meio, a prostituição.*

*À irracionalidade da nossa maneira de dividir os salários, sem nenhuma atenção ao problema da família e seu sustento, deve-se o fato de muitos casamentos não se realizarem.*

*Só se pode tentar uma verdadeira guerra contra a prostituição se, por uma modificação radical nas atuais condições sociais, se facilitarem as uniões entre jovens, mais do que acontece atualmente. Essa é a primeira condição para que o problema da prostituição possa ser resolvido" (p. 116, 117).*

[...]

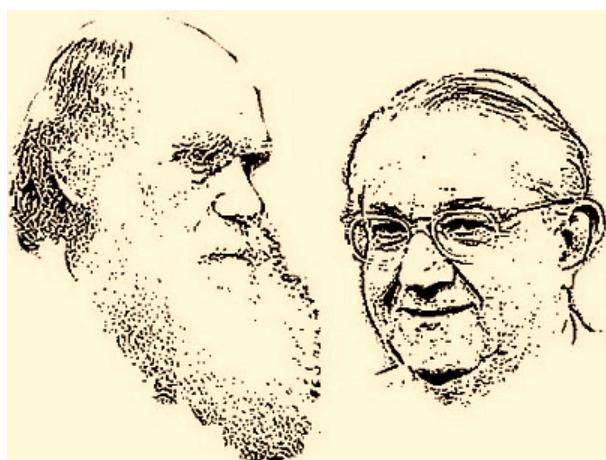
*"É falsa a suposição de que da fusão de grupos fracos possa resultar um fator de energia, pois a maioria, sob toda e qualquer forma e em todas as hipóteses, tem sido sempre a representante da tolice e da covardia. É assim que todas as ligas, dirigidas por muitas cabeças, estão totalmente votadas à covardia e à fraqueza. Acresce ainda que uma tal coesão impede o livre exercício das forças, a luta pela seleção do melhor elemento, barrando assim a possibilidade da vitória final, que deve coroar o mais sadio e o mais forte.*

*Semelhantes coalizões são, portanto, contrárias à seleção natural, impedindo, na maior parte das vezes, a solução do problema a resolver" (p. 231).*

[...]

*"Empregadores e empregados nacionais-socialistas são, ambos, encarregados e procuradores da comunidade nacional toda. A elevada medida de liberdade pessoal, que lhes é outorgada em seu agir, é explicável pelo fato de que, de acordo com a experiência, a capacidade do indivíduo é aumentada mais com a concessão de ampla liberdade do que com a coação vinda de cima e é, também, apropriada para impedir que o processo de seleção natural, que deve ser facilitado aos mais hábeis, aos mais capazes e aos mais diligentes, seja entravado" (p. 270).*

É isso!



## Charles Darwin e Boris Casoy: confronto ideológico

*"Que merda! Dois lixeiros desejando felicidades do alto da suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho" – Boris Casoy (no intervalo da edição de Réveillon do Jornal da Band).*

*"Não obstante é muito difícil encontrar uma explicação para o fato de que uma tribo e não outra teve êxito e subiu na escala da*

*civilização. Muitos selvagens acham-se nas mesmas condições de quando foram descobertos pela primeira vez, faz alguns séculos*”<sup>96</sup>

Um dos muitos efeitos calamitosos do darwinismo social refere-se à prática da medição como ferramenta para distinguir grupos de pessoas. Os eugenistas foram especialistas nesse tipo de experiência. Segundo Stephen Jay Gould (“A Falsa Medida do Homem”<sup>97</sup>) “a evolução e a quantificação formaram uma temível aliança; em certo sentido, sua união forjou a primeira teoria racista “científica” de peso, se definirmos “ciência” erroneamente, como muitos o fazem, como sendo toda a afirmação aparentemente respaldada por cifras abundantes.” Esse respeitadíssimo autor darwinista, menciona ainda o exemplo do primo de Charles Darwin, o fundador de Eugenia, o inglês Francis Galton. Diz Gould citando o próprio Galton:

*“Sua fé na medição apoia-se nas idiossincrasias e na engenho-sidade de seus métodos. Ele se propunha, por exemplo, a construir um “mapa da beleza” das Ilhas Britânicas da seguinte maneira (1909, pp. 315-316): ‘Sempre que tenho a oportunidade de classificar as pessoas que encontro em três classes distintas, “boa, regular e ruim”, utilizo uma agulha montada como se fosse uma pua, com que perfuro, sem ser visto, um pedaço de papel cortado toscamente em forma de cruz alongada. No extremo superior, marco os valores “bons”, nos braços os valores “re-gulares”, e na extremidade inferior os valores “ruins”. As perfurações são bastante distanciadas para permitir uma leitura fácil no momento desejado. Escrevo em cada papel o nome do sujeito, o lugar e a data. Com este método, registrei minhas observações sobre a beleza, classificando as moças que encontrei pelas ruas e em outros locais como atraentes, indiferentes ou repelentes. É claro que esta foi uma avaliação pura-mente individual mas, a julgar pela coincidência dos diferentes intentos realizados com a mesma população, posso afirmar que os resultados são consistentes. Assim, comprovei que Londres ocupa a posição mais elevada na escala da beleza, e Aberdeen a mais baixa.’*

Com bom humor, sugeriu o seguinte método para quantificar o aborrecimento (1909, p. 278):

*“Muitos processos mentais admitem uma medição aproximada. Por exemplo, o grau em que as pessoas se aborrecem pode ser medido pelo número de movimentos de inquietações que realizam. Em mais de uma ocasião apliquei este método durante as reuniões da Royal Geographical Society, pois mesmo lá dissertações bastante tediosas são ocasionalmente lidas. ... Como o uso de um relógio pode chamar a atenção, calculo o tempo pelo número de minhas respirações, que é de 15 por minuto. Não conto mentalmente, mas através de 15 pressões com o dedo sucessivas. Reservo a contagem mental para registrar os movimentos de inquietação. Este tipo de observação deve limitar-se às pessoas de meia-idade. As crianças raramente ficam quietas, enquanto que os velhos filósofos por vezes permanecem rígidos por vários minutos.”*

E para quem imagina que Darwin não tinha nada a ver com isso, afirma o mesmo Gould:

*“Darwin, que abordava com grandes suspeitas os argumentos em favor do caráter hereditário da inteligência, depois de ler Hereditary Genius, escreveu o seguinte: ‘em certo sentido, o senhor transformou um oponente em convertido...’”*

Ao fazer uso do termo “escala”, tanto Darwin quanto Boris estão impondo uma “categoria” ou “graduação” como fator distintivo entre diferentes grupos sociais. Torna-se, pois, óbvia a intenção de fazer prevalecer a superioridade um grupo em detrimento de outro. Darwin acreditava que os brancos europeus estavam no mais alto topo da “escala” evolutiva, ao passo que as diversas comunidades indígenas e os negros africanos permaneciam bem abaixo na escala das civilizações. A infeliz frase do jornalista Boris Casoy escancara a idéia de que os nossos preciosos e batalhadores garis são os “párias” das muitas profissões. É claro, latentemente ele faz transparecer sua “superioridade” de “doutor”, sua marca de perfume, seu status social, seu belo carro, sua magnífica mansão e seu gordo salário. Provavelmente ele “cuspria na própria boca que lhe beija”.

Mas, voltando a Darwin, é interessante como essa questão de “escala” fascinou o grande naturalista. No seu livro inicialmente citado, isso aparece várias vezes. Por exemplo:

#### **1 – Referindo-se às civilizações:**

*“A prova de que todas as nações civilizadas descendem daquelas bárbaras, encontramo-la, de um lado, em traços claros da sua primitiva baixa condição, nos costumes, ideias e língua ainda existentes, e por outro lado, na prova de que os selvagens são independentemente capazes de soerguer-se de qualquer grau na escala da civilização e atualmente efetivamente se ergueram.”*

[...]

*“Algumas tribos pequenas e espalhadas, vestígios de uma raça anterior, sobre-vivem em zonas isoladas e geralmente montanhosas. Na Europa as antigas raças ficavam todas “mais embaixo na escala do que se acham os mais rudes selvagens atuais”, confor-me Schaaffhausen.”*

#### **2 – Referindo-se aos organismos:**

*“Ademais, ignoramos completamente com que rapidez os organismos podem ter-se modificado em circunstâncias fa-voráveis, tanto no alto como embaixo na escala.”*

#### **3 – Referindo-se aos símios:**

*“Destas várias considerações evidencia-se como provável que os simióides se tenham origi-nariamente desenvolvido dos antepassados dos atuais lêmu-res e estes, por sua vez, de formas colocadas muito embaixo na escala dos mamíferos.”*

#### **4 – Referindo-se aos mamíferos:**

*“Tentando traçar a genealogia dos mamíferos e, por con-seguinte, do homem, descendo sempre mais baixo na escala acabamos envolvendo-nos numa obscuridade cada vez maior.”*

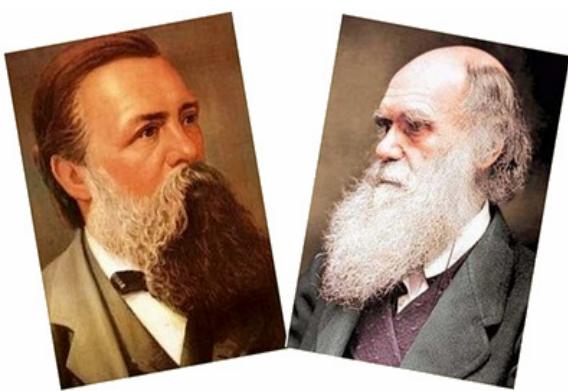
#### **5 – Referindo-se aos animais no geral:**

*“Alguns animais, que se situam extremamente embaixo na escala zoológica, têm passa-do por modificações para esta mesma finalidade.”*

#### **6 - Referindo-se ao homem:**

*“Releva-se ao homem se sente algum orgulho por ter gal-gado, embora não por méritos próprios, o cume da escala dos viventes.”*

É isso!



#### **Charles Darwin e Friederich Engels: confronto ideológico**

Ao ler "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, Karl Marx escreveu para Friederich Engels: "neste livro se encontra o fundamento histórico-natural de nossa idéia." Mas, afinal, o que exatamente Marx e Engels encontraram em Darwin que oferecesse respaldo à ideologia socialista?

Grosso modo, uma poderosa arma contra os dogmas religiosos. Lembrando que, para Marx "a religião era o ópio do povo" e, igualmente, um instrumento a serviço da manipulação capitalista. Ao "transformar" o homem num animal, ou seja, ao lhe tirar o mérito de ter sido uma criação especial divina ("o homem descendeu de alguma forma menos organizada" - "A Origem do Homem"), Charles Darwin abriu as trincheiras para uma nova forma de "pensar" o ser humano, oferecendo como substituição às especulações

metafísicas, o seu mais absoluto materialismo filosófico. Darwin, ao contrário de Alfred Wallece, que não admitia a mente humana como resultado da Seleção Natural, aplicou resolutamente seu materialismo à teoria da evolução de todos os fenômenos da vida, inclusive ao que ele mesmo denominou "a própria cidadela", ou seja: mente humana: "*Muitas de suas declarações mostram que esposava mas temia expor princípios de algo que sabia ser muito mais herético que a própria evolução: o materialismo filosófico – o postulado de que a matéria é tudo na existência e de que todos os fenômenos mentais e espirituais são subprodutos dela. Nenhuma noção poderia ser mais inquietante para as arraigadas convicções do pensamento ocidental do que a declaração de que a mente – por mais complexa e po-derosa que seja – é um simples produto do cérebro.*"<sup>98</sup>

Em suas muitas obras, Engels, especificamente, sempre faz menção de conceitos darwinistas com os quais busca "enfeitar seu pavão socialista."

Em "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", por exemplo, citando as "fases do progresso humano", escreveu:

*"Estado selvagem: Infância do gênero humano. Os homens permaneciam, ainda, nos bosques tropicais ou subtropicais e viviam, pelo menos parcialmente, nas árvores; só isso explica que continuassem a existir, em meio às grandes feras selvagens. Os frutos, as nozes e as raízes serviam de alimento; o principal progresso desse período é a formação da linguagem articulada. Nenhum dos povos conhecidos no período histórico estava nessa fase primitiva de evolução. E, embora esse período tenha durado, provavelmente, muitos milênios, não podemos demonstrar sua existência baseando-nos em testemunhos diretos; mas, se admitirmos que o homem procede do reino animal, devemos aceitar, necessariamente, esse estado transitório."*

E, mais adiante:

*"Talvez a evolução superior dos arianos e dos semitas se deva à abundância de carne e leite em sua alimentação e, particularmente, pela benéfica influência desses alimentos no desenvolvimento das crianças. Com efeito, os índios "pueblos" do Novo México, que se vêem reduzidos a uma alimentação quase exclusivamente vegetal, têm o cérebro menor que o dos índios da fase inferior da barbárie, que comem mais carne e mais peixe. Em todo caso, nessa fase desaparece, pouco a pouco, a antropofagia, que não sobrevive senão como um rito religioso, ou como um sortilégio, o que dá quase no mesmo."*

E, por fim:

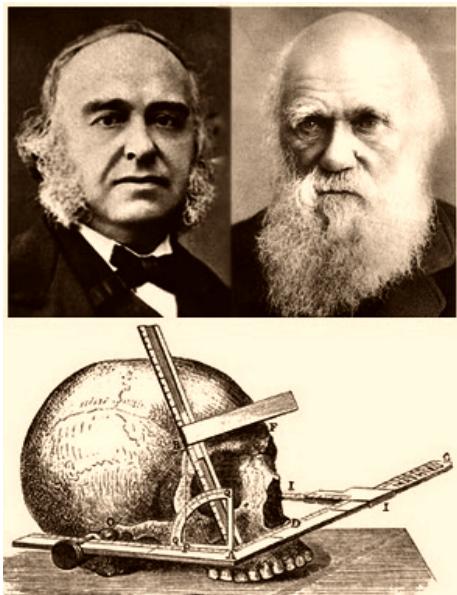
*"Como vimos, há três formas principais de matrimônio, que correspondem aproximadamente aos três estágios fundamentais da evolução humana. Ao estado selvagem corresponde o matrimônio por grupos, à barbárie, o matrimônio sindiásico, e à civilização corresponde a monogamia com seus complementos: o adultério e a prostituição. Entre o matrimônio sindiásico e a monogamia, intercalam-se, na fase superior da barbárie, a sujeição aos homens das mulheres escravas e a poligamia."*

Já em "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem", discorreu: "O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical - talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico - uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas."

E, para finalizar, faço menção ainda deste trecho de "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", com qual pinça superficialmente a razão porque toma de empréstimo a Darwin: "Aqui é necessário citar Darwin, em primeiro lugar, quem, com sua prova de que toda a natureza orgânica existente, plantas e animais, e entre eles, como é lógico, o homem, é o produto de um processo de desenvolvimento de milhões de anos, assestou na concepção metafísica da natureza o mais rude golpe. Até hoje, porém, os naturalistas que souberam pensar dialeticamente podem ser contados com os dedos, e esse conflito entre os resultados descobertos e o método discursivo tradicional põe a nu a ilimitada confusão que reina presentemente na teoria das ciências naturais e que constitui o desespero de mestres e discípulos, de autores e leitores."

Para Engels, portanto, Darwin assestou (assestar: apontar ou dirigir para atirar - com arma) um golpe fulminante nas ideias daqueles que viam na Natureza nada mais do que o resultado da atuação das mãos divinas.

É isso!



## Charles Darwin e Paul Broca: confronto ideológico

Discorrendo acerca da craniometria de Paul Broca, professor de cirurgia Antropológica e fundador da Sociedade Antropológica de Paris (1824-1880), Stephen Jay Gould, em "A Falsa Medida do Homem"<sup>99</sup>, sintetiza a "ciência" deste médico e antropólogo francês, com o seguinte depoimento:

*"Dediquei um mês à leitura das principais obras de Broca, concentrando-me em seus procedimentos estatísticos. Assim, comprovei que seus métodos se ajustavam a uma fórmula definida. A distância entre os fatos e as conclusões era por ele descoberta através de um caminho que poderia ser o habitual, se bem que percorrido em direção contrária. Começando pelas conclusões, Broca chegava às crenças compartilhadas*

*pela maioria dos indivíduos brancos do sexo masculino que triunfaram em sua época: por graça da natureza, estes ocupavam a posição mais elevada, enquanto que as mulheres, os negros e os pobres figuravam em posição inferior. Seus dados eram fidedignos (contrariamente aos de Morton), mas foram recolhidos de maneira seletiva e posteriormente manipulados inconscientemente em favor de conclusões estabelecidas a priori. Tal procedimento permitia atribuir às conclusões a sanção da ciência e também o prestígio dos números. Broca e sua escola não usaram os fatos como documentos irrefutáveis, mas apenas como ilustrações. Começaram pelas conclusões, logo comparando-as com seus dados para, por fim, e através de uma rota circular, voltar a essas mesmas conclusões. Seu exemplo justifica um estudo mais minucioso, pois, ao contrário de Morton (que manipulou os dados, embora inconscientemente), refletiram seus preconceitos através de um outro procedimento, provavelmente mais comum: fazer passar por objetividade o que é apologia."*

E mais adiante: "O corpo humano pode ser medido de mil maneiras. Qualquer investigador convencido de antemão da inferioridade de determinado grupo pode selecionar um pequeno conjunto de medições para ilustrar a maior afinidade do mesmo com os símios. (Tal procedimento, evidentemente, também poderia ser aplacado no caso de indivíduos brancos do sexo masculino, embora ninguém ainda o tenha tentado. Os brancos, por exemplo, têm lábios finos – propriedade que compar-tilham com os

*chimpanzés — enquanto que a maioria dos negros africanos tem lábios mais grossos e, conseqüentemente, mais "humanos.") O preconceito fundamental de Broca consiste em sua crença de que as raças humanas podiam ser hierarquizadas em uma escala linear de valor intelectual. Ao enumerar os objetivos da etnologia, Broca inclui o de "determinar a posição relativa das raças dentro da escala humana" (in Topinard, 1878, p. 660). Não lhe ocorreu que a variação humana pode-se ramificar de forma aleatória, em lugar de linear a hierárquica. E, uma vez que conhecia a ordem de antemão, a antropometria não foi para ele um exercício numérico de empirismo elementar, mas uma busca das características capazes de ilustrar a hierarquia correta."*

Como não haveria de ser de outra forma (Broca teve uma influência instigante no âmbito da ciência ao seu tempo), Charles Darwin também fez uso deste cientista francês como fonte para “fundamentar ainda mais” suas idéias sobre Seleção Natural e Seleção Sexual. Em seu livro menos conhecido “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”<sup>100</sup>, o nome de Broca aparece várias vezes, sendo denominado por Darwin de “prudente e imparcial observador”:

*“Poderia consultar a obra do prof. Broca, um prudente e imparcial observador, na qual poderia encontrar uma ótima prova de que algumas raças são completamente férteis, acasalando-se entre si, mas daria também com uma prova de natu-reza oposta em relação a outras raças. Assim é que se tem afirmado que as mulheres indígenas da Austrália e da Tasmânia raramente concebem filhos com homens europeus; con-tudo foi demonstrado que, sobre este ponto, a prova não tem nenhum valor. Os mulatos são mortos pelos negros puros: recentemente foi publicado um relatório sobre onze jovens mulatos que foram mortos e queimados ao mesmo tempo, cujos restos foram encontrados pela polícia. Tem-se ainda dito com frequência que, ao se casarem entre si, os mulatos geram poucos filhos; sobre este último ponto o Dr. Bachman, de Charleston, afirma que conheceu famílias de mulatos que se casaram entre si durante diversas gerações e em média têm continuado a ser tão férteis quanto os brancos puros e os negros puros.”*

[...]

*“Na Europa as antigas raças ficavam todas "mais embaixo na escala do que se acham os mais rudes selvagens atuais", conforme Schaaffhausen; por conseguinte, devem ter sido em certa medida diferentes de qualquer outra raça existente. Os vestígios de Lês Eyzies descritos pelo prof. Broca indicam uma raça com a mais singular combinação de características baixas ou simiescas e elevadas, embora infelizmente não pareçam ter pertencido a uma única família. Esta raça é "completamente diferente de qualquer outra, antiga ou moderna, da qual sempre temos ouvido falar." Difere pois da raça quaternária das cavernas da Bélgica.”*

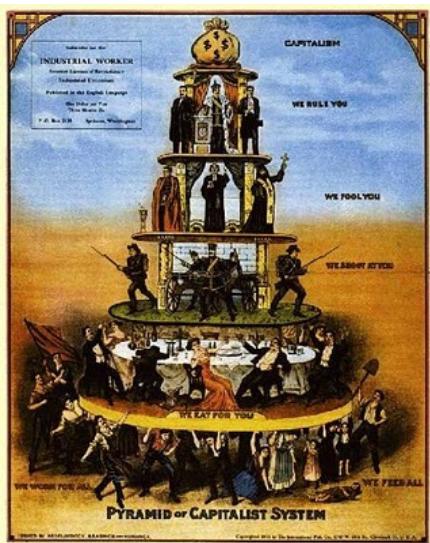
[...]

*“O prof. Broca notou que no século XIX os crânios dos cadáveres em Paris eram mais amplos do que aqueles encontrados nos túmulos do século XII e estavam na relação de 1484 a 1426 (80); e que o aumento de grandeza, como se vê pelas medidas, se dava exclusivamente na parte frontal do crânio, sede das faculdades intelectivas.*

[...]

*No interessante artigo a que fiz agora menção, com acerto Broca observou que nas nações civilizadas a capacidade média do crânio é reduzida pela presença de um considerável número de indivíduos, fracos de intelecto e de corpo, que no estado selvagem teriam sido imediatamente eliminados. Por outro lado, nos selvagens a média abrange somente os indivíduos hábeis, que foram capazes de sobre-viver em condições de vida extremamente árduas. Broca explica assim o fato, que de outra forma não teria explicação, de que a capacidade média do crânio do antigo troglodita de Lozère é maior do que aquela do francês moderno.”*

É isso!



## "Darwinismo evangélico"

Não vou tratar aqui do evolucionismo como fenômeno religioso. Em vez disso, discorrerei sobre uma versão “darwinista” inserida num contexto teológico recente. Contexto teológico, como assim?

Bem. Embora inicialmente pareça contraditório fazer qualquer tipo de associação do darwinismo propriamente dito com espiritualidade, em alguns aspectos é perfeitamente possível fazer esta ligação, pelo menos no que diz respeito a esta nova versão do “darwinismo social.”

Segundo o darwinismo (aqui sem as aspas) há certas características biológicas e sociais que supostamente indicariam que uma pessoa é superior à outra e, que, por isso, as tornariam mais aptas. Nesta ideologia, há uma clara divisão na sociedade: de um lado os membros “mais aptos”, “superiores”, sadios, inteligentes, ricos etc.; do outro lado, os membros “menos aptos”, “inferiores”, mal nutridos, fracos, doentes, pobres etc.

Na nova versão do “darwinismo” esta divisão, embora num contexto totalmente antagônico ao primeiro, é igualmente clara: de um lado os membros espiritualmente “mais fortes”, “cheios de fé”, prósperos, plenos de saúde etc.; do outro, os membros espiritualmente “mais fracos”, “debilitados na fé”, fracassados financeiramente, enfermos etc. Os “mais fortes” espiritualmente não mais podem, suplicam, imploram e rogam a Deus uma bênção. Agora eles exigem, decretam, determinam e reivindicam que os céus os atendam. Já os espiritualmente “mais fracos” esses apenas estão nessas condições porque não têm fé e, caso a tenha, esta fé deve ser muito fraca.

O “verdadeiro cristão”, dizem estes “darwinistas da fé”, não fica doente, não passa por dificuldades financeiras, não trabalha como faxineiro etc.: - “Têm que ser “cabeça” e não cauda”, repetem com certa ostentação, como se fossem a última flor do “jardim de Deus”!

Para muitos que compartilham dessas idéias, Jesus foi um grande milionário e até usava roupas de grife. O apólogista Paulo Romeiro os denominam de “supercrentes”, aqueles que “podem tudo”, que estão sempre “amarrando satanás” e que, aparentemente, estão isentos dos dissabores da vida.

Ainda nesta nova versão do “darwinismo”, a ambição por dinheiro ganhou respaldo bíblico. Fazem uso da Bíblia para justificar suas doutrinas de prosperidade. O “trazei o dízimo” de Malaquias é mais enfatizado do que, por exemplo, o “vinde a mim” de Jesus. A situação chegou a um ponto de a prosperidade financeira ter se transformado numa espécie de “femômetro” (ou “fidemômetro”), capaz de medir o grau da fé de alguém: se prosperou, a fé é grande; se fracassou, é pequena. Mui provavelmente para estes, os somalis, os etíopes, os afegães, os iraquianos, etc. são “darwinianamente” os mais fracassados. Já os suecos, os japoneses, os americanos (principalmente estes, de onde veio tal doutrina) são os “mais fortes”, os “poderosos na fé.” Fazendo um paralelo com as idéias de Darwin, os primeiros seriam os “selvagens africanos”, e os últimos, os “civilizados ingleses.”

Esta é, portanto a nova e metafórica versão do darwinismo social existindo às avessas! ((rs))

É isso!



## Evolução e "Progresso"

Desde seus primórdio o conceito de "evolução" sempre esteve atrelado ao conceito de "progresso." Todos os que, inicialmente (seja no âmbito da ciência, religião ou filosofia) postularam acerca de "evolução" o fizeram mediante conceitos do tipo: "progressão, marcha ou movimento para diante, adiantamento gradativo, melhoramento gradual, crescimento, aumento, desenvolvimento,

bom êxito" e por aí vai... Foram isso que fizeram, por exemplo:

### **ALLAN KARDEC, em "O Céu e o Inferno": Edição Digital**

*"As idéias seguem um curso incessantemente progressivo, e absurdo é querer governar os homens desviando-os desse curso; pretender contê-los, retroceder ou simplesmente parar enquanto ele avança, é condenar-se, é perder-se. Seguir ou deixar de seguir essa evolução é uma questão de vida ou de morte para as religiões como para os governos."*

[...]

*"Presentemente, a Terra é o magno assunto das nossas cogitações. Que movimento entre os Espíritos! Que numerosas falanges aí afluem, a fim de lhe auxiliarem o progresso e a evolução! Dir-se-ia uma nuvem de trabalhadores a destrinçarem uma floresta, sob as ordens de chefes experimentados; abatem uns os troncos seculares, arrancam-lhes as raízes profundas, desbastam outros o terreno; amanham estes a terra, semeando; edificam aqueles a nova cidade sobre as ruínas carunchosas de um velho mundo. Neste comenos reúnem-se os chefes em conferência e transmitem suas ordens por mensageiros, em todas as direções. A Terra deve regenerar-se, em dado tempo - pois importa que os designios da Providência se realizem, e, assim, tem cada qual o seu papel. Não me julgueis simples expectadora desta grande empresa, o que me envergonharia, uma vez que todos nela trabalham. importante missão me é afeta, e grandemente me esforço por cumpri-la, o melhor possível."*

[...]

*"A expressão: "tecer cuidadosamente a toga que há de carregar" é uma figura feliz que retrata a solicitude com que o Espírito em evolução prepara a nova existência conducente a um maior progresso do que o feito. Os Espíritos atrasados são menos meticolosos, e muita vez fazem escolhas desastradas, que os forçam a recomeçar."*

[...]

*"Sendo o progresso condição expressa da Humanidade, as provações tendem a modificar-se, acompanhando a evolução dos séculos. Dia virá em que as provações devam ser todas morais; e quando a Terra, nova ainda, houver preenchido todas as fases da sua existência, então se transformará em morada de felicidade, como se dá com os planetas mais adiantados."*

### **ADOLF HITLER, em "Minha Luta": Edição Digital**

*"Para mais facilmente compreender-se essa verdade, é oportuno, mais uma vez, lançar uma vista sobre as causas primárias da evolução da cultura humana.*

*O primeiro passo que, visivelmente, levou o homem a distinguir-se do resto dos animais foi o que o arrastou a fazer descobertas. Essas descobertas consistiam, no primeiro momento, na astúcia, cujo emprego facilitou a luta pela vida contra os outros animais e o êxito na mesma.*

*Essas descobertas primitivas não se apresentam claramente no espírito das pessoas, porque o observador de hoje as vê apenas em massa. Certos artifícios e espertos*

*expedientes que o homem pode observar nos animais aparecem simplesmente como um fato natural. Não estando, por isso, em condições de determinar ou investigar suas causas primárias, contenta-se em considerar essas qualidades como instintivas.*

[...]

*Quem acredita em uma evolução mais elevada da vida deve admitir que todas as manifestações dessa luta pela existência devem ter tido um começo. Em dado momento, um indivíduo praticou uma determinada ação. Por força da repetição, esse fato se foi tornando cada vez mais geral até, de certo modo, passar para o subconsciente dos indivíduos e ser visto como instintivo.*

*Isso se compreenderá mais facilmente em relação aos homens. Seus primeiros atos de inteligência na luta contra os outros animais foram, com certeza, na sua origem, atos praticados sobretudo pelos indivíduos mais capazes. As qualidades pessoais foram, incontestavelmente, o estímulo para as decisões e realizações que, mais tarde, foram aceitas como naturais por toda a humanidade. Da mesma maneira, a confiança na sua própria força, fundamento atual de toda estratégia, foi, originariamente, devida a uma determinada cabeça e, só com o correr de muitos anos, talvez milhares, passou a ser aceita por toda gente como perfeitamente comprehensível.*

*O homem completou essa primeira descoberta com uma segunda. Aprendeu outras coisas, outros processos, que pôs a serviço da sua luta pela subsistência. Com isso começou a atividade criadora, cujos resultados vemos por toda parte. Essas invenções materiais, que começaram pelo emprego da pedra como arma, que levaram à domesticação dos animais, e, através de criações artificiais, deram ao homem o fogo e, assim por diante, até as múltiplas e espantosas descobertas de nossos dias, são evidentemente devidas à iniciativa individual, o que se torna claro se examinarmos as descobertas de hoje, sobretudo as mais importantes, as que mais impressionam.*

*Todas as invenções que vemos em torno de nós foram o resultado do poder criador e da capacidade do indivíduo e todas elas, em última análise, concorreram para elevar, cada vez mais, o homem acima do nível dos outros animais, distanciando-o dos mesmos em progressão sempre crescente.*

*O que, de começo, era apenas simples artifício para auxiliar os caçadores da floresta na sua luta pela existência, serve agora, sob a forma das brilhantes descobertas científicas dos tempos atuais, a auxiliar a humanidade nas lutas do presente e a forjar as armas para os embates futuros.*

*Todo pensamento humano, todas as invenções, em seus últimos efeitos, servem, em primeiro lugar, para facilitar a luta do homem pela vida neste concepção científica passa despercebida no momento. Enquanto tudo isso auxilia o homem a elevar-se acima do nível das criaturas que o cercam, ele ortifica cada vez mais a sua posição, tornando-se, a todos os respeitos, o rei da criação.*

*Todas as descobertas são, pois, a conseqüência do poder criador do indivíduo. Todos esses inventores constituem, quer se queira quer não, os maiores ou menores benfeiteiros da humanidade. Sua atuação proporciona a milhões de homens, meios de subsistência e recursos posteriores para a facilitação da luta pela vida.*

*Se, na origem da civilização material de hoje, vemos sempre personalidades que se completam umas às outras e sempre realizam novos progressos, o mesmo acontece na execução e aperfeiçoamento das coisas descobertas. Os vários processos de produção, em última análise, são sempre obras de determinados indivíduos. O trabalho puramente teórico que, em relação a cada pessoa, dificilmente se pode medir, e que representa a condição indispensável para todas as descobertas posteriores, até esse trabalho é produto individual. As massas nunca inventam, nunca organizam ou pensam por si. No início de tudo está sempre uma atividade individual.”*

## **CHARLES DARWIN: ("A Origem do Homem" - Hemus Editora, 1974)**

"Galton afirma: "Sinto desgosto em ser incapaz de resolver a simples questão sobre até que ponto homens e senhoras, que são muito geniais, são estéreis. Contudo, tenho demonstrado que homens eminentes não são absolutamente assim". Grandes legisladores, fundadores de religiões benéficas, grandes filósofos e gênios da descoberta científica ajudam o progresso do gênero humano em medida mais elevada com as suas obras do que gerando uma numerosa prole. No caso das estruturas corpóreas, o fator que contribui para um progresso de uma espécie é a seleção de indivíduos ligeiramente mais dotados e a eliminação daqueles menos dotados, e não a conservação de anomalias fortemente acentuadas e raras. O mesmo se dará com as faculdades intelectuais, visto que os homens um pouco mais hábeis em qualquer grau da sociedade têm melhor êxito do que os menos hábeis e, consequentemente, progridem em número, quando não são obstaculados de um outro modo. Quando numa nação o nível de inteligência e o número de pessoas inteligentes cresceram, de acordo com a lei do desvio da média, podemos contar com o aparecimento dos gênios com um pouco mais de frequência do que antes.

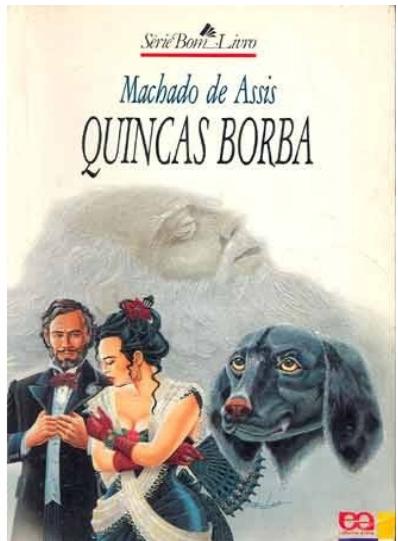
No que diz respeito às qualidades morais, a eliminação das piores disposições está sempre aumentando também nas nações mais civilizadas. Os malfeiteiros são justiçados ou lançados na prisão durante longos períodos, a fim de não poderem transmitir livremente as suas más qualidades. Os hipocondríacos e os loucos são confinados ou suicidam-se. Os violentos e os briguentos encontram muitas vezes um triste fim. Os vadios que não têm nenhuma ocupação estável — e este resto de barbárie representa um grande obstáculo para a civilização — emigram para países há pouco colonizados, onde se transformam em úteis pioneiros. A intemperança é tão altamente destrutiva que a perspectiva de vida de um in-temperante, por exemplo na idade de trinta anos, é de apenas 13,8 anos; ao passo que para os camponeses ingleses na mesma idade é de 40, 59 anos. As mulheres corrompidas geram poucos filhos e os homens corruptos raramente se casam; tanto elas como eles são vítimas de doenças. Na criação de animais domésticos, a eliminação dos indivíduos, embora escassos em número, que de algum modo evidente são inferiores, constitui um elemento em nada absolutamente negligenciável para o êxito. Isto é particularmente válido para aqueles caracteres negativos que têm a propensão ao reaparecimento através da reversão, como a cor negra das ovelhas; e no gênero humano, algumas das piores disposições que aparecem nas famílias, sem uma causa determinada, podem constituir talvez um retorno ao estado selvagem, do qual nos temos afastado em não muitíssimas gerações. Esta ideia, na verdade parece ser reconhecida pela expressão popular de que tais homens são as ovelhas negras da família.

Nas nações civilizadas, enquanto não for atingido um adiantado nível de moralidade e um notável número de homens sinceramente bons, a seleção natural tem efeitos aparentemente escassos, embora os instintos sociais fundamentais sejam originariamente adquiridos por seu intermédio. Quando tratei das raças inferiores, falei suficientemente das causas que levam a um progresso da moralidade, isto é, a aprovação dos nossos semelhantes — o fortalecimento da nossa simpatia pelo hábito — o exemplo e a imitação — a razão — a experiência — e também o interesse pessoal — a educação na juventude e os sentimentos religiosos.

Greg e Galton muito têm insistido sobre o obstáculo mais importante, existente nos países civilizados, contra o aumento do número dos homens de classe superior, isto é, sobre o fato de que os mais pobres e os negligentes, que frequentemente são degradados pelo vício, quase invariavelmente se casam antes, enquanto que os prudentes e os frugais, que em geral são virtuosos também em outras maneiras, contraem matrimônio em idade avançada, com a finalidade de poderem ser capazes de permanecer, eles mesmos e os seus filhos, na comodidade. Os que se casam antes produzem em dado momento não só um maior número de gerações, mas põem no mundo muito mais filhos, conforme tem demonstrado o Dr. Duncan. Ademais, os filhos que são gerados da mãe durante os primeiros anos de vida são mais gordos e, provavelmente, mais robustos do que aqueles

que nascem em outros períodos. É o que se dá com os membros negligentes da sociedade, degradados e muitas vezes viciados, os quais têm a tendência de aumentar a uma porcentagem mais veloz do que os membros previdentes e em geral virtuosos. Ou, nas palavras de Greg: "O irlandês imprevidente, esquálido, sem ambições, multiplica-se como os coelhos; o escocês frugal, previdente, cheio de auto-respeito, ambicioso, austero na sua moralidade, espiritualista nas suas opiniões, sagaz e disciplinado na sua inteligência, passa os seus melhores anos na luta e no celibato, casa-se tarde, gera poucos filhos. Supondo um país originariamente povoado por cem saxões e com céltas — e vereis que numa dúzia de gerações os 5/6 da população serão célicos, mas os 5/6 da riqueza, do poder, do intelecto pertencerão à sexta parte de saxões que ficam. Na eterna "luta pela existência", é a raça inferior e menos favorecida que tem prevalecido e não por causa das suas boas qualidades, mas por causa dos seus defeitos."

É isso!



## “Ao vencedor, as batatas”

Quem já se deu ao trabalho de examinar a obra de Darwin, mais especificamente o seu livro “A Origem do Homem”, não terá muita dificuldade em encontrar ali algum ponto em comum com “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba”, do genial Machado de Assis. Tanto o Humanitismo quanto o Darwinismo atribuíam sentido de evolução até mesmo às tragédias da vida. Machado de Assis, que foi contemporâneo do naturalista inglês, fez uso da filosofia Humanitas como uma espécie de caricatura para exemplificar a teoria evolucionista tão em voga naquele momento.

### **Do livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", do nosso genial Machado de Assis:**

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, por que a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum.

Dai o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação.

Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Dai a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

— Mas a opinião do exterminado?

— Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de continuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

— Bem; a opinião da bolha...

— Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que de vastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares: devemo-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, bolhas ficam na água.

[...]

Daí a pouco demos com uma briga de cães; fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

— Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte.

Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrhou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia.

Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc."

#### **Do livro: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Adrian Desmond & James Moore – Geração Editorial. São Paulo, 1995:**

"Na natureza de Darwin, os muitos caíam para que os poucos pudessem progredir. A morte adquiria um novo significado — e havia bastante dela por toda a parte: com o aumento no número de desempregados e desabrigados, os estatísticos médicos estavam compilando seus "livros-caixa da morte" (estatísticas de mortalidade) entre os moradores dos bairros pobres."

Os livros-caixa da natureza estavam sempre abertos; o ceifeiro sentava-se, coberto de negro, com a pena para riscar nomes permanentemente a mão. O progresso não era tanto um hino à beneficência divina quanto um canto fúnebre que acompanhava a luta selvagem. Tanto a ciência darwiniana quanto a sociedade da Lei dos Pobres estavam agora reformadas de acordo com as linhas competitivas de Malthus.

Mas Darwin acreditava que a guerra colonial era necessária "para fazer os destruidores se diversificarem" e se adaptarem ao novo terreno. A destruição estava se tornando parte integrante de sua concepção malthusiana da humanidade:

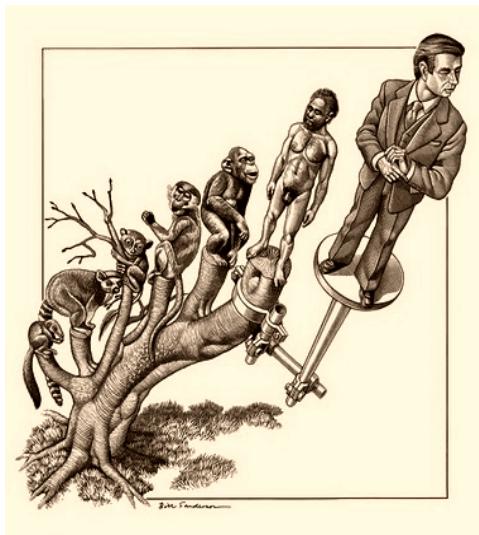
'Quando duas raças de homens se encontram, elas agem precisamente como duas espécies de animais. — Elas lutam, comem-se uma à outra, trazem doenças uma para a outra etc., mas, depois vem a luta mais mortal, a saber, a que faz a organização mais adequada, ou os instintos (isto é o intelecto no homem), ganhar o dia'.

Os "mais fortes estão sempre extirpando os mais fracos" e os britânicos estavam vencendo todos. A expansão imperial encerrou o isolamento das raças indígenas e impediu seu desenvolvimento por outros caminhos.

*Mas a pressão populacional de Darwin empurrava as espécies até seu limite de outras maneiras. A compressão era uma força criativa. O superpovoamento que enviava barcos cheios para as colônias implicava que apenas os animais com uma vantagem competitiva sobreviviam.”*

Em outro romance de Machado de Assis, “Quinas Borba”, a personagem Rubião, que tinha herdado toda a fortuna do “filósofo” Quincas, morre pobre, louco e abandonado; contudo, em contrapartida, como bem pregava a “filosofia” do Humanitismo, Palha e Sofia ficaram ricos à custa de sua desgraça. Sobre isto escreveu Antônio Cândido: “Os fracos e os puros foram sutilmente manipulados como coisas e em seguida são postos de lado pelo próprio mecanismo da narrativa, que os cospe de certo modo e se concentra nos triunfadores.” No livro a personagem Rubião inicia como um simples homem, em seguida perde o juízo e acaba como um pobre bicho, fustigado pela fome e a chuva no mesmo nível que o seu cachorro.

É isso!



## Evolução: "subindo para cima"

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Michaellis, “evolução” significa:

1. *Ato ou efeito de evoluir.*
2. *Progresso paulatino e contínuo a partir de um estado inferior ou simples para um superior, mais complexo ou melhor.*
3. *Transformação lenta, em leves mudanças sucessivas.*
4. *Sociologia: Progresso ou melhoramento social, político e econômico, gradual e relativamente pacífico, em contraste à mudança violenta, à revolução.*
5. *Biologia: Processo pelo qual, através de uma série de alterações gradativas, a partir de um estado rudimentar, todo organismo vivo ou grupo de organismos adquiriu os caracteres morfológicos ou fisiológicos que o distinguem.*

6. *Qualquer movimento destinado a efetuar um novo arranjo, pela passagem de uma posição a outra, dos componentes de um grupo (dançarinos, patinadores etc.).*

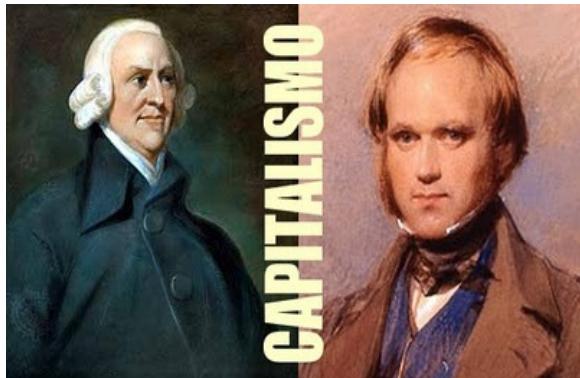
7. *Botânica: Desenvolvimento, crescimento sucessivo dos órgãos vegetais.*

Já de acordo com o Dicionário de Filosofia de J. Ferrater Mora (Edições Loyola, 2001, p. 945, 946), o termo “evolução” vem do latim *evolutio* (do verbo *evolvo*): “designa a ação e o efeito de desenrolar-se, desdobrar-se, desenvolver-se algo. ‘Evo-lução’ é um dos termos em uma numerosa família de vocábulos em cuja raiz encontra-se a ideia ou a imagem de rodar, correr, dar voltas: ‘involução’, ‘devolução’, ‘circunvolução’ e outros similares. A ideia ou imagem que ‘evolução’ suscita é a do desenrolar, do desenvolvimento de algo que estava enrolado, dobrado ou envolvido. Uma vez desenvolvida ou desdobrada, uma realidade pode reenvolver-se ou redobrar-se.” E, mais adiante: “Em vista de tudo isso, cabe concluir que é melhor qualificar os distintos significados de ‘evolução’ (ou de termos cujo significado é próximo do de ‘evolução’). Pode-se falar então de evolução em sentido teológico, metafísico, histórico, biológico etc., ou, como indica-mos anteriormente, de evolução em sentido ‘conceituai’. Todavia, separar excessivamente os significados levaria a esquecer que há elementos comuns no

conceito de evolução. Esses elementos comuns são, inevitavelmente, de caráter muito geral.”

Darwinianamente, isto é, da forma como fora concebida por Charles Darwin, a palavra “evolução” também mantém este mesmo sentido de “progressão contínua” ou, pleonasticamente falando: “subida para cima.” Isso ele deixa bem claro em seus livros, como, por exemplo: “*Crer que o homem, em sua origem, era civilizado e que depois em tan-tas regiões sofreu uma extrema degradação, significa fazer-se uma ideia miseramente baixa da natureza. Aparentemente, é mais verdadeira e mais clara a ideia que diz que o progresso tem sido mais geral do que o retrocesso segundo o qual o ho-mem, ainda que com passos lentos e descontínuos, emergiu de uma condição baixa para um nível altíssimo, ainda conservado, na consciência, na moral, na religião.*”<sup>101</sup>

É isso!



## Charles Darwin e o capitalismo inglês,

Em seu artigo "O capitalismo é selvagem? (Ou: Por que celebrar Darwin?)"<sup>102</sup>, Maurício Abdalla, professor de filosofia das ciências da Universidade Federal do Espírito Santo, autor de "O princípio da cooperação" (Paulus) e "Iara e a Arca da Filosofia" (Mercuryo Jovem), entre outros), traz à tona uma questão deveras

intrigante: o papel da Inglaterra na elaboração dos ideais de competição da teoria darwinista. Ao discorrer sobre a construção do sistema capitalista, escreve ele: "A Inglaterra teve especial destaque na alavanca desse sistema. Não é de se admirar que as teorias relacionadas a esse tipo de atividade predatória tenham surgido exatamente naquele país." A parti daí, o professor Abdalla faz menção de alguns nomes e de suas respectivas teorias, os quais sintetizam muito bem o lema evolucionista de "sobrevivência do mais apto."

### 1. THOMAS HOBBES:

"No século XVII, Thomas Hobbes atribuiu a dinâmica da realidade sob o capitalismo em ascensão a uma essência predatória do ser humano e afirmou que o “homem é o lobo do homem” (*homo homini lupus*) e que a sociedade é uma “guerra de todos contra todos” (*bellum omnium contra omnes*). A sistematização teórica da cosmovisão capitalista estava com suas bases lançadas. A metafísica social da era moderna estabelecia os fundamentos a partir dos quais toda a realidade seria concebida e justificada."

### 2. ADAM SMITH:

"Adam Smith transportou tal metafísica para a sistematização da teoria econômica liberal. Para ele, o interesse próprio, o egoísmo de cada indivíduo, era o que fazia a sociedade funcionar. A mão invisível do mercado era um conceito como a gravitação newtoniana, que entrava em ação quando corpos individuais se colocassem no campo de ação um do outro."

### 3. THOMAS MALTHUS:

"Ainda na Inglaterra, agora no auge do imperialismo do século XIX, Thomas Malthus defendeu que a vida em sociedade era, essencialmente, uma luta pela sobrevivência, dada a escassez de recursos em relação ao crescimento populacional. Herbert Spencer, em consonância com Malthus, pontificou que os vencedores da luta pela sobrevivência eram aqueles mais aptos, que superavam, por suas qualidades intrínsecas, as raças, classes e indivíduos inferiores e menos competentes." E conclui indagando: "Luta pela sobrevivência e sobrevivência dos mais aptos são conceitos advindos da teoria social liberal, elaborada no auge do enriquecimento da elite colonialista inglesa e da exploração e empobrecimento das classes e povos julgados inferiores. O que fez Darwin, a quem se atribui equivocadamente a autoria destas idéias supondo que ele as teria descoberto no estudo da natureza?"

Não há dúvidas de que o fundamento que alavancou inicialmente o darwinismo foi de natureza ideológica, o que refletia a própria cultura expansionista e imperialista da Inglaterra naquele momento. Dessa forma, ao se opor à escravidão, Darwin não o fazia por um ideal humanístico, mas, pelo que tudo indica, apenas por ser esta a posição oficial de sua pátria amada. Lembrando que o fim do tráfico no Brasil deu-se por pressão dos ingleses, os quais visavam com isso aumentar seus lucros entre os tupiniquins: "As pressões inglesas para abolir o tráfico escravo agravaram a situação de escassez de trabalhadores nas fazendas de café. Em troca da intermediação da Inglaterra junto a Portugal para que este reconhecesse a Independência, o governo brasileiro comprometeu-se a extinguir o tráfico em 1831. Entretanto, o decreto regencial proibindo o comércio negreiro não foi respeitado. Em consequência, o Parlamento inglês votou o Bül Aberdeen (1845), que proibia o tráfico de escravos para o Brasil e autorizava a repressão aos infratores da lei inglesa. Em razão dos riscos criados pela repressão ao tráfico, elevou-se a tal ponto o preço do escravo que sua aquisição ficou inviabilizada para muitos fazendeiros. Mesmo assim, o comércio negreiro continuou de forma significativa até 1850.

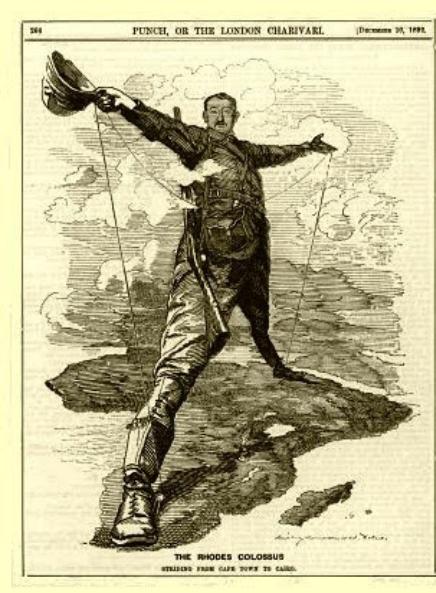
A luta dos ingleses contra o tráfico de escravos não tinha qualquer caráter humanitário. A Inglaterra preocupava-se primordialmente em defender seus interesses econômicos, pois como nação industrial buscava ampliar o mercado consumidor para seus pro-dutos.

Não foi por outra razão que a Inglaterra aboliu a escravidão em suas colônias do Caribe. Porém, naquele momento, a produção agrícola realizada pelo negro livre revelou-se mais cara do que a feita em regime de escravidão, tornando os produtos caribenhos pouco competitivos no mercado internacional.

Assim, ao impor a extinção do tráfico de escravos para o Brasil e defender a adoção do trabalho livre, a Inglaterra estava preocupada não só em garantir mercados para seus produtos industriais como também em assegurar a competitividade dos produtos agrícolas de suas colônias. Portanto, a decretação do Bill Aberdeen em 1845 representou, na verdade, um poderoso instrumento de defesa da acumulação capitalista inglesa.<sup>103</sup>

O título inicial do famoso livro de Darwin ("Sobre a Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida") sintetiza muito bem a premissa capitalista de soberania do "mais forte", refletindo a supremacia econômica dos ingleses e de seus interesses em "trazer café e levar Nescafé."

É isso!



## Seleção Natural, a grande aliada dos ingleses

O que explicaria os "êxitos" dos ingleses em comparação com aqueles de outras nações européias, como a Espanha, por exemplo, no que se refere ao processo de colonização e dominação dos povos?

Segundo Charles Darwin, em seu livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual", alguns fatores colaboraram para que Espanha (e outros povos europeus) ficasse na retaguarda no "despertar da Europa" durante a Idade Média. O fato dos homens nobres terem optado pelo celibato, bem como o fato de muitos deles terem sido queimados no fogo da Santa Inquisição, impediu que propagassem seus "elevados gênios" à posteridade, e desta forma prevaleceu na

Espanha os "caracteres mais frágeis" intelectualmente. A Igreja Católica (Darwin era anglicano), de acordo com o naturalista inglês, colaborou igualmente nesse processo de "degradação cultural espanhola", muito embora, diz Darwin, ela (a Igreja católica) tenha também contrabalançado em "outros aspectos." Para Darwin, portanto, "os notáveis êxitos do ingleses como colonizadores" em comparação com outras nações européias, pode ser explicado pela sua "energia audaz e persistente." Darwin então compara o progresso dos canadenses de origem inglesa em detrimento aos de origem francesa, e conclui que a Seleção Natural fora responsável por dar aos "nobres ingleses" essa energia audaz e persistente, o que culminou no surgimento de uma superpotência como os Estados Unidos. O super-homem, quem diria, é resultado da nossa prestimosa Seleção Natural:

*"Quem pode positivamente afirmar por que a nação espanhola, dominadora num determinado período, ficou tanto na retaguarda na luta? O despertar das nações européias da idade obscura continua sendo um problema incerto. Conforme observou Galton, numa época antiga, quase todos os homens nobres, que se dedicavam à meditação ou à cultura, não possuíam nenhum refúgio a não ser no seio da Igreja, que exigia o celibato; isto dificilmente podia ter deixado de causar uma influência deteriorante nas sucessivas gerações. Durante o mesmo período, a Santa Inquisição escolheu com extremo cuidado os homens mais livres e mais corajosos para queimá-los ou aprisioná-los. Somente na Espanha alguns dos melhores homens — aqueles que duvidavam e levantavam problemas, e sem a dúvida não pode haver progresso — durante três séculos foram eliminados num ritmo de mil por ano. Incalculável é o dano que a Igreja Católica causou desta maneira, embora sem dúvida contrabalançado, até certo ponto e quiçá muito em outros aspectos; não obstante isto, a Europa progrediu num grau incomparável."*

*Os notáveis êxitos dos ingleses como colonizadores, em comparação com outras nações européias, foram atribuídos à sua "energia audaz e persistente"; um resultado que ficou bem evidenciado ao comparar o progresso dos canadenses de extração inglesa e francesa; mas, quem pode dizer como é que os ingleses adquiriram a sua energia? Aparentemente existe muita verdade na opinião de que os maravilhosos progressos dos Estados Unidos e o caráter deste povo são o resultado da seleção natural; com efeito, os homens mais enérgicos, irrequietos e corajosos de todas as parte da Europa emigraram durante as últimas dez ou doze gerações para esse grande país e lá tiveram o melhor êxito."* <sup>104</sup>

É isso!

# "...ismo"

Sobre "ismos" e outras coisas mais...

O sufixo "ismo", como todos sabem, denota: doutrinas, sistemas religiosos, filosóficos, artísticos, políticos, científicos etc. Por exemplo: calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo, criacionismo, darwinismo, evolucionismo, tedeísmo, mendelismo, lamarckismo, pontualismo, entre outros.

Os mais alvoroçados devotos de Darwin costumam implicar com o uso desse sufixo, alegando que é besteira falar em "darwinismo" ou "evolucionismo", uma vez que ninguém diz "gravitacionismo", "terra-redondismo" e outras asneiras de igual teor. Alguns até chegam a acusar os criacionistas de usarem tais termos numa tentativa de desqualificar a teoria evolutiva como lídima ciência. É a velha mania de perseguição.

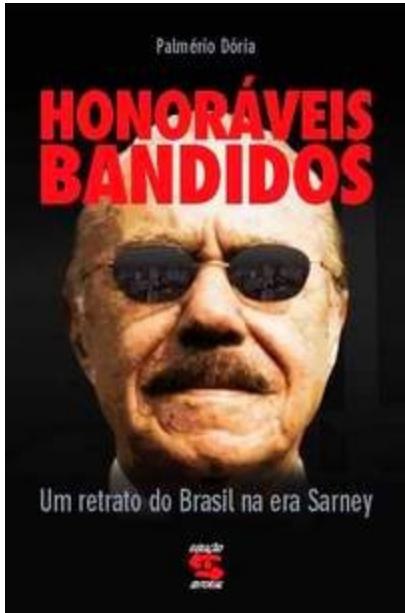
Bom. Segundo o Dicionário Oxford de Filosofia, o termo evolucionismo, por exemplo, significa: "*Doutrina desacreditada do final do século XIX, e início do século XX que associa as mudanças evolutivas a uma concepção progressiva da mudança social, a atitudes positivas perante a competição e a guerra e à justificação das desigualdades de poder*" (p. 132). Já para o Dicionário de Filosofia da Loyola: "*O termo 'evolucionismo' pode ser tomado em um sentido relativamente amplo para designar o lamarckismo, o darwinismo, assim como sistemas filosóficos do tipo de Spencer , ao qual Darwin também se referiu no mencionado "esboço histórico."*"

Certa feita, num desses banais debates de Internet, um darwinista me saiu com essa: "Darwinismo é o modo como a Evolução se processa. Ou seja, por seleção natural (que foi a grande proposta de Darwin). Evolução, os cientistas já sabem que acontece muito antes de Darwin. Lamarck foi uma prova disso. Porém, não só de Seleção Natural vive a Evolução. O Dr. Kimura contestou o darwinismo, não a Evolução. Eldredge e Gould contestaram o darwinismo, não a Evolução. Inclusive Behe contestou o darwinismo, não a Evolução." O problema com este tipo de argumento recai sobre a confusão que se faz entre a Teoria da Evolução com a "evolução" em si. Acreditar que os seres vivos mudaram ao longo do tempo, não pode ser tomado como sinônimo de acreditar que ela (a evolução) tenha ocorrido da maneira como dizem por aí os defensores da teoria evolucionista.

Quanto ao emprego do termo **criacionismo**, até o fim do século XIX não parece ter sido comum o seu uso, embora pelo que me consta, Darwin foi um dos que primeiro se utilizou dele. Alguns críticos afirmam que o movimento criacionista ("Young-Earth Creationism") teve sua origem nas décadas de 1950 e 1960, como consequência da influência das obras do geólogo George Mac Cready Price, o qual escreveu muitos livros criticando o evolucionismo, de 1902 até 1941. Outros afirmam que o "ismo" de criacionismo se justifica devido sua adoção por grupos de pressão política, como a Maioria Moral, nos Estados Unidos. Segundo o professor Eduardo Lütz (da UFRGS), os cientistas criacionistas mais conhecidos foram: Newton, Maxwell, Hamilton e Einstein. Ele acrescenta ainda: Kepler, Pascal, Leibnitz, Davy, Faraday, Ramsay entre outros. Lembrando também que o mesmo termo "criacionismo" designou outrora um movimento vanguardista personalizado por Vicente Huidobro, e instituído pelo manifesto Non Serviam.

É isso!

## O darwinista José Sarney



O lema central do darwinismo resume-se no silogismo “sobrevivência do mais apto.” O nosso “Aurélio” define “apto” como aquele “que tem aptidão inata ou adquirida.”

O coronelismo no Brasil, muito bem tipificado na figura de José Sarney, já se mostrou ser um fenômeno “inato”, ou seja, “passado de pai para filho.” Durante séculos de nossa história, os coronéis ditaram as leis e as impuseram ao povo à base da coerção e do refreamento. Até 1930, o Brasil foi conduzido por presidentes todos oriundos de uma tradição coronelista, por meio da chamada “política do café-com-leite.” Sarney pertence a essa tradição de políticos. E assim como tantos outros coronéis, ele também governou a nação brasileira, não pelo voto do povo, mas por uma dessas coincidências aleatórias bem típicas da teoria de Darwin. Em 1985, com a morte de Tancredo Neves, que tinha sido eleito

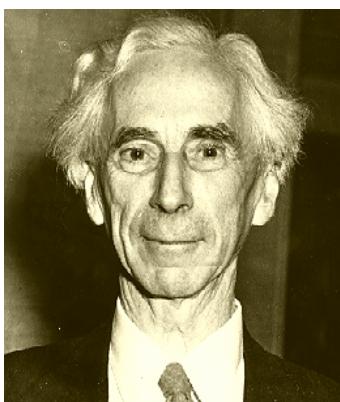
pelo voto indireto, Sarney assumiu a presidência, governando a nação até a eleição de Fernando Collor de Mello. Porém, mesmo sem a “coroa real”, ele continuou interferindoativamente na política nacional, exercendo forte influência no Palácio do Planalto, encontrando inclusive forte apoio do nosso popular “Maquiavel de Garanhuns”, Luis Inácio Lula da Silva.

Há algum tempo, em coluna publicada no Jornal do Brasil<sup>105</sup>, José Sarney escreveu: “Com Khomeini, o estado teocrático se instalou no Irã e passou a ser um dado determinante da política internacional. Com Bush a questão religiosa chegou à política dos países democráticos, levantando as religiões conservadoras americanas como arma para atingir objetivos políticos. Os neoconservadores defendem ideias primitivas, como a do criacionismo, tese que rejeita a evolução das espécies e considera Darwin um demônio.”

Sarney (assim como toda turba dos devotos de Darwin) acredita que questionar a evolução darwiniana significa defender o Criacionismo. Na mente dessas pessoas, contestar certos dogmas da Teoria da Evolução implica necessariamente em tomar o rumo da religiosidade, em ser fundamentalista etc., como se a simples mudança observada na Natureza fosse sinônimo de Seleção Natural e de seus coadjuvantes evolutivos.

José Sarney é o mais evolucionista dos políticos. Sua habilidade em sobreviver à custa do “mais fraco” mereceria até mesmo uma destacada nota de rodapé numa nova edição do “A Origem das Espécies.” Ele é uma demonstração real de que os “mais aptos, os mais fortes, os mais espertos, os mais sorrateiros e os mais matreiros” de alguma maneira sobrevivem...

É isso!



Bertrand Russell: "o darwinismo aplicado à política"

Segundo Bertrand Russel, o grande mérito do darwinismo foi o de ter tirado da religião o “monopólio” sobre os assuntos ligados às origens. Para ele, ao ser estendido para a esfera política, o darwinismo perdeu seu “status” de ciência.

Discorrendo especificamente sobre o uso do dístico evolucionista “sobrevivência do mais apto” na esfera social, escreveu: “A aplicação da ciência às questões sociais é ainda mais recente do que as suas aplicações à Psicologia. É bem verdade que, desde o início do século XIX, já se pode reconhecer nos estudos sociais vários campos em que há indícios de uma atitude científica. A teoria da população de Malthus, seja ela considerada falsa ou verdadeira, é, seguramente, científica. Os argumentos de que ele se serve para sustentá-la não são pontos de vista pessoais, mas baseiam-se em estatísticas demográficas e em dados a respeito dos recursos agrícolas. Adam Smith e Ricardo também demonstraram atitude científica nos seus trabalhos de Economia Política. Não quero, com isto, afirmar que as teorias por eles expostas sejam sempre verdadeiras, mas apenas que os seus pontos de vista e os seus raciocínios apresentam as características do método científico. Influenciado por Malthus, apareceu Darwin e, com Darwin, o darwinismo que, ao ser aplicado à política, perdeu o seu caráter científico. A frase “sobrevivência dos mais aptos” é empregada pelos intelectuais que especulam a respeito de questões sociais, muito mais freqüentemente do que seria justo. Essa expressão “mais aptos” parece ter implicações éticas, seguindo daí que a nação, a raça e a classe a que um escritor pertence deve ser necessariamente “a mais apta”. Assim, sob a égide de uma filosofia pseudo-darwinista chegamos às doutrinas do Perigo Amarelo, da Austrália para os australianos, da superioridade da raça nórdica etc. Por causa dessas implicações éticas, devemos encarar com muita suspeita as aplicações do darwinismo às questões sociais. Isto não se aplica somente às diferenças entre raças, mas também as diferenças entre as classes de uma nação. Todos os escritores darwinistas pertencem às chamadas classes intelectuais, e, por causa disso, a afirmação de que essas classes são as mais desejáveis biologicamente falando constitui um postulado da política darwinista. Segue daí que os filhos dessas classes devem receber, às expensas públicas, uma educação melhor do que a que é dada aos filhos dos assalariados. É impossível reconhecer em todos estes argumentos uma aplicação da ciência às questões práticas. Há, apenas, o emprego de certa linguagem científica, com a finalidade de dar respeitabilidade a um ponto de vista pessoal.”<sup>106</sup>

Russel não foi o primeiro a tecer este tipo de crítica ao darwinismo. Desde seus primórdios a teoria evolucionista esteve constantemente sob a análise das questões sociais, nas quais está seu legítimo alicerce. Por mais que seus defensores ignorem este fato, a literatura que versa sobre Darwin, sempre aponta ligação entre suas idéias e a sociedade. O Darwinismo Social, do qual não se isenta Darwin, sintetiza em si toda esta discussão, e no qual o naturalista “repousa às margens esplêndidas”, especialmente em sua obra menos conhecida “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, da qual extraímos este exemplo: “Nas nações civilizadas, enquanto não for atingido um adiantado nível de moralidade e um notável número de homens sinceramente bons, a seleção natural tem efeitos aparentemente escassos, embora os instintos sociais fundamentais sejam originariamente adquiridos por seu intermédio. Quando tratei das raças inferiores, falei suficientemente das causas que levam a um progresso da moralidade, isto é, a aprovação dos nossos semelhantes — o fortalecimento da nossa simpatia pelo hábito — o exemplo e a imitação — a razão — a experiência — e também o interesse pessoal — a educação na juventude e os sentimentos religiosos. Greg e Galton muito têm insistido sobre o obstáculo mais importante, existente nos países civilizados, contra o aumento do número dos homens de classe superior, isto é, sobre o fato de que os mais pobres e os negligentes, que frequentemente são degradados pelo vício, quase invariavelmente se casam antes, enquanto que os prudentes e os frugais, que em geral são virtuosos também em outras maneiras, contraem matrimônio em idade avançada, com a finalidade de poderem ser capazes de permanecer, eles mesmos e os seus filhos, na comodidade. Os que se casam antes produzem em dado momento não só um maior número de gerações, mas põem no mundo muito mais filhos, conforme tem demonstrado o Dr. Duncan. Ademais, os filhos que são gerados da mãe durante os primeiros anos de vida são mais gordos e,

*provavelmente, mais robustos do que aqueles que nascem em outros períodos. É o que se dá com os membros negligentes da sociedade, degradados e muitas vezes viciados, os quais têm a tendência de aumentar a uma porcentagem mais veloz do que os membros previdentes e em geral virtuosos. Ou, nas palavras de Greg: "O irlandês imprevedente, esquálido, sem ambições, multiplica-se como os coelhos; o escocês frugal, previdente, cheio de auto-respeito, ambicioso, austero na sua moralidade, espiritualista nas suas opiniões, sagaz e disciplinado na sua inteligência, passa os seus melhores anos na luta e no celibato, casa-se tarde, gera poucos filhos. Supondo um país originariamente povoado por cem saxões e com céltas — e vereis que numa dúzia de gerações os 5/6 da população serão célicos, mas os 5/6 da riqueza, do poder, do intelecto pertencerão à sexta parte de saxões que ficam. Na eterna "luta pela existência", é a raça inferior e menos favorecida que tem prevalecido e não por causa das suas boas qualidades, mas por causa dos seus defeitos."* <sup>107</sup>

É isso!



## A "mão invisível" de Darwin

Segundo o “Aurélio”, capitalismo é um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando o lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços.

Discutir se o capitalismo é o pior ou o melhor sistema econômico me parece uma questão superada para o nosso tempo, tendo em vista seu pleno triunfo e levando em conta o histórico fracasso de temível rival, o comunismo. A China, em seu modelo atual, é uma dos mais emblemáticos exemplos da supremacia do dinheiro ou do capital sobre qualquer outro sistema econômico ou social. O capitalismo, enfim, prevaleceu!

Em sua obra “Riqueza das Nações” (“a bíblia do capitalismo”) Adam Smith cunhou a expressão “a mão invisível”, com a qual defendeu a idéia do que o mercado, por si mesmo, é capaz de obter a máxima eficiência econômica. O Estado não deve, pois, interferir no mercado, que se auto-regula mediante esta “mão invisível.”

Charles Darwin, que conhecia muito bem a obra de Adam Smith, aproveitou-se dela, mesclando-a com a obra “Tratado sobre os princípios da população”, de Thomas Malthus, na criação do seu dístico “sobrevivência do mais apto.” Sobre isto, escreveram Adrian Desmond e James Moore, em “A vida de um evolucionista atormentado” <sup>108</sup>: “Mas foram as estatísticas de Malthus que mais impressionaram Darwin em sua vida de abundância. Malthus calculava que, sem controle, a humanidade poderia duplicar sua população em apenas 25 anos. Mas não duplicava; se o fizesse, o planeta seria devastado. A luta pelos recursos desacelerava o crescimento e um catálogo horripilante de mortes, doenças, guerras e fome colocavam a população em cheque.” / “Darwin percebeu que uma luta idêntica ocorria em toda a natureza e compreendeu que essa luta poderia ser transformada em uma força verdadeiramente criativa.”

Esta obra de Malthus foi assim o grande “insight” de Darwin na elaboração de suas idéias sobre Seleção Natural. Isto ele deixa bem explícito em sua obra “A Origem das Espécies.” Escreve ele: “É a doutrina de Malthus aplicada com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência. Posto que algumas espécies se

*multiplicam hoje mais ou menos rapidamente, não pode ser o mesmo para todas, porque a terra não as poderia comportar.”<sup>109</sup>*

A Seleção Natural seria assim a “mão invisível” que faz da “livre concorrência” (“a sobrevivência do mais apto”) entre os seres vivos a sua “auto-regulação” na Natureza. Darwin simplesmente transferiu os conceitos de livre concorrência de Adam Smith para o âmbito dos seres vivos. Ele não criou nada de novo, em vez disso apenas adaptou o que, na sua época, era assunto de acaloradas discussões acadêmicas. O resto ficou por conta das “mãos visíveis” de seus póstumos ideólogos e admiradores.

É isso!



## "Uma ciência atrás da cortina de ferro"

O texto a seguir, é de autoria de um nome atualmente desconhecido, penso eu: Osvaldo Bastos de Menezes, engenheiro agrônomo, biólogo, professor de Genética, Doutor em Ciência pela Universidade de Minnesota. O “desconhecido” talvez se justifique em partes pelo fato de o livro ter sido publicado em 1956, no tenso período da Guerra Fria, um momento bem propício para a proliferação de publicações sobre assuntos relacionados ao regime totalitário russo, daí o título do livro: “Uma Ciência Atrás da Cortina de Ferro.”<sup>110</sup>

A forma como a ciência foi manipulada na antiga União Soviética, sob o comando do temido Lysenko, é mais ou menos exposta nesta obra, da qual extraír um capítulo que versa exatamente sobre a ascensão deste poderoso cientista de Stalin. Encontrei o livro perdido num desses sebos do centro de São Paulo. O assunto, se não é atual, ao menos tem um valor histórico considerável, daí a razão de trazê-lo a público nesta obra:

### **A Ascenção de Lysenko**

*“Lysenko, nascido na Ucrânia em 1898, de família modesta, exerceu sua primeira atividade em 1913 no Instituto de Horticultura, de Poltava, passando em seguida para Umansky, em cujo Instituto de Horticultura trabalhou até 1921. Desempenhou alguma atividade como melhorista de planta (plant-breeder) em Kiev, indo, em seguida, trabalhar em Gandza, Azerbdjão, sobre assuntos relacionados com a propagação de plantas. Desde 1926 que se dedicava, com afinco, a esses problemas, focalizados, mais tarde, em maio de 1929, no “Congresso de Genética e Melhoramento de Plantas e Animais”, presidido por Vavilov. Aí ele faz seu primeiro aparecimento oficial, embora já houvesse publicado um trabalho em 1928, no Boletim N.º 3 da Estação Experimental de Melhoramento de Plantas de Azerbdjão.*

*Vamos nessa ocasião encontrar as primeiras afirmações de Lysenko num processo “novo” de técnica chamado por ele de vernalização, segundo cujos princípios não existem plantas de inverno ou de primavera, como no caso do trigo, mas condições especiais que podem alterar o comportamento intrínseco desses trigos, mudando o hibernal em primaveril, e vice-versa, tão só com processos de tratamento artificial.*

*Em 1932 reúne-se a Conferência Nacional de Planificação para os assuntos de Genética e Seleção, onde o programa oficial encareceu a urgência do aumento de produção agrícola, pois o próprio Stalin determinou que se se substancial melhoria em*

*tempo variável de 4 a 5 anos. Estabeleceu ainda a Conferência que os assuntos de genética deviam orientar-se no sentido do materialismo dialético, decisão esta que veio favorecer Lysenko, no decorrer dos anos.*

*Em 1934 e 1935, Lysenko publica dois outros trabalhos, ainda sobre vernalização, sendo que neste último saiu o livro por ele escrito de parceria com Prezent - sobre "Melhoramento das plantas e teoria física do desenvolvimento", no qual conferem as suas primeiras interpretações dos fenômenos de herança. Até essa altura as aparições nas revistas técnicas, ou nos congressos, guardavam certo recato e ponderação nos ataques à Genética, o que se não deu daí para diante, por lhe parecer necessário um combate mais violento e sistemático.*

*No IV Congresso da Academia Lenine de Ciências Agrícolas (1936) Lysenko e Prezent assumiram o comando apaixonado dos ataques à Genética, e sua argumentação impressionou ao meio oficial e aos não-cientistas presentes. Mostraram eles que a Genética se chocava com os princípios dialéticos, era inconsistente com os postulados de Darwin e despida de fundamentos práticos. O ambiente tornara-se carregado e um grupo relativamente ponderável passou a secundar Lysenko. Nesse grupo se sobressaíram os seguidores do autor da inseminação artificial, Ivanov. Estabelecia-se um cisma bem definido entre os dois grupos, teatralizando os lisenquistas com uma eloquência fogosa, onde mais descobria o conteúdo dialético, político, que o genético ou científico. A Genética fora acusada de idealista, mecanicista e sem fundamentos concretos. Meister, presidente do Congresso, que concordou com alguns dos pontos do ataque, discordou de Lysenko no atinente à teoria física da hereditariedade (cromatossoma), e Serebrovski, com vigor, analisou a argumentação de Lysenko e mostrou a fragilidade de sua obra, baseada num conjunto de conceitos abandonados, por falhas de sustentação científico-experimental, tendo Lamarck pela proa. Müller, presente como convidado, verberou no mesmo tom e apresentou uma vigorosa exposição do Mendelismo, mostrando a correspondência eloquente que a citologia revela com a Genética. Vavilov também defendeu a genética e, embora tenha mostrado o quanto de prático ela trouxe, não deixou de ser censurado por não haver rebatido os pontos essenciais dos lisenquistas.*

*É interessante notar que nessa reunião os geneticistas expuseram francamente suas opiniões, pois havia os verdadeiros mendelista (Vavilov, Müller, Serebrovski, Levitski, Sehurdin, Lisicin, Konstantinov, Navashin, etc.), os mendelistas que encontravam algum conteúdo nas teorias de Michurin (Meister, Pisarev, etc.) e os opositores ferrenhos do mendelismo, capitaneados por Lysenko.*

*Aí por volta de 1937, Zebrak, geneticista, mas ao mesmo tempo dialeta convicto, abriu fogo contra seu colega Vavilov, considerando suas obras como destituídas de conteúdo dialético, embora expusesse com vigor que não havia nenhuma divergência da ciência genética com os princípios dialéticos, alegando que os métodos empregados é que eram responsáveis pelo conflito de princípios não a ciência em si. E no III Congresso Russo de Genética essa onda de certa confusão tomou corpo. Aumentava, para Lysenko, a simpatia dos congressistas. Já nessa altura Vavilov havia sido publicamente atacado de esposar idéias de uma ciência que era a base da teoria fascista de superioridade racial, tema também explorado por Lysenko, embora exposto por Vavilov o absurdo de tal enunciado.*

*Eram já familiares as denúncias de conteúdo nazista no arcabouço genético, e, por uma propensão natural do Estado, parecia necessário encontrar algo que estimulasse a genética russa. O fermento desencadeado por Lysenko e Prezent crescia a olhos vistos, e sua multiplicação ganhava terreno nas camadas leigas. De indústria, ambos publicavam seus trabalhos em revistas ou jornais de cunho menos formal, e, se não atingiam o meio técnico, calavam fundo na opinião dos ignorantes.*

Ganhava adeptos a “nova” genética e pesquisadores jovens avocaram também a si a obra de destruir o mendelismo. Finalmente, em 1940, Vavilov foi deposto dos cargos e substituído por Lysenko.

Estava terminada a primeira fase da controvérsia, aquela que requeria, para triunfo, a liquidação das figuras marcantes do mendelismo. Foi uma batalha vencida com argumentos políticos, habilmente lançados por um grupo que não possuía consistência experimental válida para demonstrar suas conclusões.

O ambiente, “expurgado”, era todo lisenquista. Uns poucos que ainda não haviam aderido foram sendo demitidos e presos, num processo de liquidação que culminou com o Congresso da Academia de Ciências (Agosto, 1948). Aí os últimos reinanescentes se retrataram publicamente, reconhecendo seus erros em defenderem idéias mendelistas, numa autocritica que resume a liberdade” de pensar e de agir que passou a medrar no campo ‘científico’ russo. A confissão do “erro” já não era feita por homens livres: ela era o depoimento de prisioneiros. E, em tal clima, o Presidium da Academia aprovou um ato de “obrigação para as ciências biológicas, biólogistas e todos os naturalistas, reformaram radicalmente seus trabalhos e assumiram um papel de combate decisivo às ciências reacionárias e idealistas”. As resoluções, que traziam o selo do Partido Comunista, estabeleceram, entre outros pontos:

- a) demitir o titular da Academia de Ciências, Prof. Orbeli;
- b) demitir o titular da Academia de Ciências, Pprof. Schmalhausen, do posto de Diretor do Instituto de Evolução Morfológica;
- c) nomear o titular da Academia, Prof. Lysenko, para membro da Divisão de Ciências Biológicas;
- d) suprimir as atividades do Instituto de Citologia, Histologia e Embriologia, do Instituto de Citologia Vegetal do Laboratório de Fenogênese, por seus fundamentos anticientíficos;
- e) obrigar a Divisão de Ciências Biológicas a rever os planos científicos, tendo em mira a difusão dos conceitos de Michurin;
- f) obrigar o Conselho Editorial de Publicações e a Divisão de Ciências Biológicas a publicar uma biografia científica de Michurin;
- g) obrigar os Institutos a demitir todos os adeptos do mendelismo e nomear os representantes da “biologia avançada de Michurin”;
- h) comissionar a Divisão de Filosofia e História nas investigações que evidenciam as correlações práticas do michurismo com seu conteúdo científico;
- i) comissionar a Divisão de Ciências Biológicas para rever os planos de preparação dos candidatos aos dos institutos de pesquisa.

Todo um bloqueio foi, assim, feito em torno dos novos iniciados, exigindo-se uma só manifestação, uma só reação dentro de um único princípio direcional e de uma “ciência”, a Dialética.

E em obediência a isso tudo, dirigiu o Presidium a seguinte carta, cujo original inglês, da autoria da Editora Russa, é aqui traduzido:

“Camarada I.V. Stalin,  
Prezado José Vissarionovich:

Os participantes da sessão da União Federal das Academias de Ciências Agrícolas, acadêmicos, agrônomos, melhoristas, biólogos, engenheiros mecânicos e organizadores da agricultura socialista, enviam-vos cordial saudação bolchevista e votos de felicidade.

Diariamente, e em todas as horas, os cientistas e os trabalhadores da agricultura sentem a ansiedade do Partido Comunista e do Governo Soviético de melhorar a ciência agrícola, bem assim vossa participação constante nos assuntos que a ela se referem para maior desenvolvimento e progresso.

*A vós, grande criador do Comunismo, nossa ciência nacional é devedora dos relevantes esforços com que a enriqueceste e a elevaste perante todo o mundo, da proteção fornecida contra os perigos que a pudessem afastar dos interesses do povo, dos auxílios que destes para vencer as lutas contra os reacionários, e das atenções tributadas para o crescimento contínuo da ciência dos trabalhadores.*

*Continuador da obra de Lenine, vós salvastes, para benefício da biologia materialista, os ensinamentos do grande transformador da Natureza, I.V.. Michurin, elevando o michurinismo perante todas as ciências como o único movimento progressista das ciências biológicas. Graças a isso, as bases naturais do marxismo-leninismo despertaram o orgulho do mundo, pois suas conquistas só confirmadas pelas experiências históricas, e, por isso, estão sendo levadas sempre mais à frente.*

*Vós, nosso prezado chefe e guia, diariamente contribuís para que os cientistas soviéticos elevem nossa ciência progressiva e materialista para poder servir à nação, ciência que exprime o novo anseio do mundo e dos homens da nova sociedade.*

*O sistema de fazendas coletivas, estabelecidos sob vossa aguda visão, abriu tremendas possibilidades para todas as forças criadoras, ao mesmo tempo que provou seu poder invencível. O Partido de Lenine-Staalin guiou combatentes decididos em prol de uma agricultura mais produtiva, e de uma pecuária mais rendosa. O michurinismo, chamado por vós para desenvolver, sob bases mais positivas e revolucionárias, investigações científicas para transformar a natureza das plantas e dos animais, tem fornecido meios aos homens práticos para melhorar a agricultura socialista. Em troca, o povo progressista das fazendas coletivas, inovador da produção em bases competição socialista, enriqueceu nossa ciência com novos métodos e novas conquistas.*

*Asseguramos a vós, prezado José Vissarionovich, que devotaremos todos os nossos esforços para colaborar com as fazendas coletivas e estaduais no aumento da produção de nosso país, que constitui um dos pontos mais importantes da transição do socialismo para o comunismo. Vimos, para isso, possibilidades na cooperação mais estreita entre a, Ciência, a nação e o povo progressista das cidades coletivas, como nos tendes ensinado a nós, bolchevistas ou não, do Partido. Ciência que se distancia do povo e que não é útil, não é ciência.*

*Nossa agrobiologia, desenvolvida por Timirjarzev, Michurin, Williams e Lysenko, é a mais desenvolvida do mundo. Ela não somente é a legítima herdeira dos pensadores avançados da História, como representa uma nova e mais alta conquista do conhecimento humano.*

*A doutrina de Michurin é um degrau a mais no desenvolvimento da biologia materialista. Os michurinistas levarão mais adiante o darwinismo criador, denunciarão as ciências burguesas e libertarão de idéias metafísicas os pesquisadores, pois uma ciência biológica rejeita, e expurga, as idéias viciadas da impossibilidade de dominar a Natureza.*

*Ela, ao contrário, ensina aos investigadores descobrir meios e modos para pô-la a serviço do homem.*

*Nesta cruzada nos inspiramos nos ensinamentos de Marx, Engels, Lenin e Stalin. Invocamos vosso apelo para servir ao povo, servindo à tradição, mas não tememos em pegar das armas para destruir tudo que é obsoleto.*

*Viva a ciência progressista de Michurin!*

*Glória ao grande Stalin, guia do povo, corifeu da ciência.”*

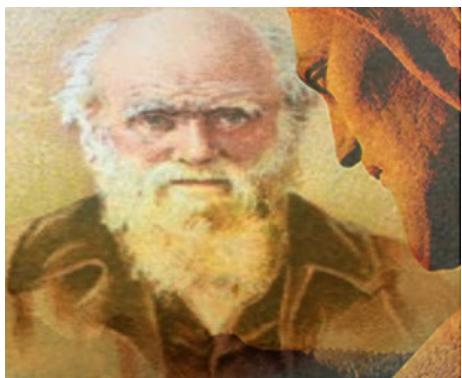
*(Adotado por unanimidade pela sessão da União Federal das Academias de Ciências Agrícolas).*

— Como um documentário para a História, convém que nesse momentoso congresso houve alguém que perguntou à mesa diretora dos trabalhos qual era a opinião do Comitê Central do Partido Comunista Russo nessa controvérsia. E é o próprio Lysenko que, usando da palavra, responde que o Comitê leu suas conferências e aprovou-as

*integralmente. Sucesso esperado, as notas taquigrafadas pelo oficialismo resumem como tendo suas palavras sido recebidas sob tempestuosos aplausos, grandes aplausos, e toda a assembléia de pé!*

*Quem, depois disso, poderia manifestar “outra” opinião se não aquela ditada pelo Partido? De fato ninguém. E a controvérsia, que se desenvolveu até certa altura, foi abafada de chofre. À livre discussão e debate de idéias impôs-se a palavra oficial, dirigida.”*

É isso!



## O darwinismo no Brasil

O texto a seguir, foi extraído do livro “Polemos: Uma análise crítica do darwinismo”, de José Osvaldo de Meira Penna, publicado pela Editora da Universidade de Brasília, e que aborda a questão da influência das idéias de Darwin no solo brasileiro. O texto faz uma associação entre o Humanitismo da personagem Quincas Borba, do romancista brasileiro Machado de Assis, e o darwinismo, do naturalista inglês Charles Darwin. Interessante!

*“Miguel Reale, em A filosofia na obra de Machado de Assis, e Gilberto de Mello Kujawski, apoiando o mesmo ponto de vista, sustentam que nosso maior romancista foi, também, o único que teve uma intuição filosófica verdadeiramente maravilhosa, correta e profunda do pensamento de Darwin. Barreto Filho já propusera, em 1947, a tese de que o “Humanitismo” de Machado constitui uma sátira ao naturalismo evolucionista, mas salientava sobretudo que é uma sátira “ao positivismo que se infiltrava no Brasil” - sem mencionar o darwinismo.*

*O enredo de Quincas Borba pode ser interpretado como abordando um exemplo clamoroso de luta pela vida, no caso sob a forma de seleção sexual. A crueldade da sorte que destrói Rubião é refletida na fina interpretação psicológica de uma neurose depressiva ou de uma paranoíia e me pergunto se, porventura, não tenha Machado de Assis, nessa obra publicada em 1891, sido influenciado pelas notícias que começavam a circular, nos meios cultos da Europa, sobre a recente loucura de Nietzsche - Nietzsche, um filósofo que, em forma aberrante, era por muitos considerado o expoente máximo das ideias de Darwin no modelo do super-homem.*

*E em Memórias póstumas de Brás Cubas (capítulo CXVII) que Machado apresenta a figura de Quincas Borba e de sua filosofia inventada, que chamou “Humanitismo”. Miguel Reale notou perfeitamente que o Humanitismo nada tem a ver com a filosofia de Augusto Comte, a não ser no sentido de debicá-la. No lema “ao vencedor, as batatas” concentra-se, ironicamente, toda a brutalidade da strugglefor lifedarwiniana.*

*É uma noção que também descobrimos em Nietzsche. A Wille ZurMacht comporta o conflito sob suas formas inexoráveis de concorrência profissional, de luta econômica, de seleção sexual na sociedade burguesa, de guerra e criminalidade num drama existencial em que uns vencem e recebem as batatas, ao passo que muitos são vencidos, humilhados e vexados de si mesmos. Machado é sarcástico, é cético e pessimista, porém não cruel. Em Three sad races (Cambridge UP, 1983) o professor David Haberly, da Universidade da Virgínia, acredita que Machado tenha desejado descrever o mau uso que do darwinismo faria a classe dominante brasileira, de cor branca, para justificar sua superioridade e seus preconceitos.*

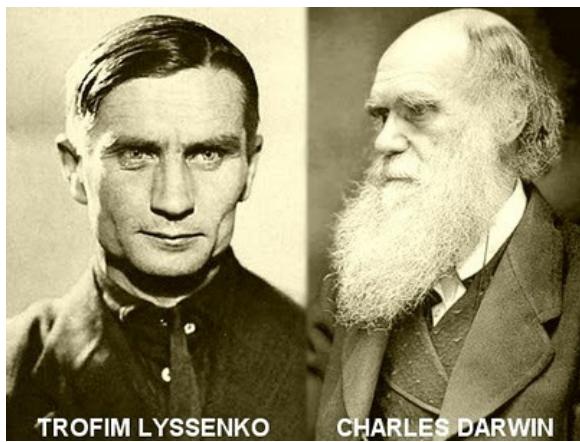
*Para nosso grande romancista, com efeito, não é verdade que a vida consista numa concorrência inexorável em que uns são eliminados e outros, os mais bem-*

*adaptados, levam os proveitos. A vida não tem vencedores. O gênio literário de Machado procurou despertar em nós um sentimento crítico quanto ao absurdo da teoria do Humanitismo de Quincas Borba e, ao correr da leitura do romance, sentimos crescer um sentimento de profunda compaixão pela sorte de Rubião, muito embora o suposto relator pareça concordar com o cinismo da fórmula de Quincas Borba. Identificamo-nos finalmente, sem querer, com a angústia do abandono, da loucura e da morte do anti-herói. Machado não seria, em suma, nietzscheano, mas schopenhaueriano. É a compaixão o nosso único recurso contra a miséria existencial da humana conditio.*

*O processo de seleção espartana, em parceria com o de seleção sexual, pode com certeza ser deduzido da observação da natureza, especialmente nos grupos de macacos superiores. Na hierarquia animal, o domínio do grupo pelo macho mais forte constitui, em si mesmo, um sistema de distinta desigualdade. O animal dominante é mais livre em seus movimentos, come melhor, vive mais tempo, goza de melhor saúde e dispõe de melhores e mais numerosas oportunidade de conjugação sexual.*

*De certo modo, dispõe também de maior segurança, pois são os jovens machos inferiores, expulsos para a periferia do grupo, os primeiros a enfrentar os ataques de serpentes venenosas e carnívoros predatórios. A observação cuidadosa dos primatas demonstra que o mais forte é, psicologicamente, mais equilibrado. O indivíduo hegemonic é, em suma, feliz! A elite dominante é uma elite satisfeita e reprodutora - uma constatação brutal da ciência que nada tem a ver com nossas belas ilusões filantrópicas, igualitaristas, democráticas e solidárias, pois o que prevalece na natureza é o egoísmo mesmo, o egoísmo feroz, a injustiça. Na natureza, não há dúvida, ao vencedor cabem as batatas..."<sup>111</sup>*

É isso!



## Darwin e o "darwinismo criador soviético"

"Culpar Darwin pela eugenia é como condenar Einstein pelas catástrofes em Hiroshima e Nagasaki", justificam os darwinistas com a clara intenção de isentar o naturalista inglês da pecha do darwinismo social, o qual fora responsável por inúmeras ideologias racistas nos primórdios do século XX, sendo a principal delas o nazismo alemão de Adolf Hitler.

É óbvio que a construção do nazismo deu-se mediante uma série de questões: políticas, sociais e até religiosos. A crise alemã decorrente da sua derrota na Primeira Guerra Mundial foi, por exemplo, um fator decisivo que conduziu o povo alemão a apoiar a loucura hitleriana. Todavia, em termos de sustentação ideológica, os ideais darwinistas de "sobrevivência dos mais aptos" foram, sem a menor sombra de dúvidas, preponderantes na criação da doutrina nazista de uma "raça superior", que deveria prevalecer sobre a "raça degradada", os judeus obviamente. Entre as inúmeras acusações que os nazistas faziam em relação aos "filhos de Israel", uma referia-se ao fato deles "não terem superado a fase primitiva da evolução humana."

O conceito eugenista nasceu e se desenvolveu a partir do princípio da Seleção Natural, da forma como Darwin defendeu em seu livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual": "A seleção permite ao homem agir de modo favorável, não somente na

*constituição física de seus filhos, mas em suas qualidades intelectuais e morais. Os dois sexos deveriam ser impedidos de desposarem-se quando se encontrassem em estado de inferioridade muito acentuada de corpo ou espírito". E mais à frente: "Todos aqueles que não podem evitar uma abjeta pobreza para seus filhos deveriam evitar de se casar, porque a pobreza não é apenas um grande mal, mas ela tende a aumentar; (...) enquanto os inconscientes se casam e os prudentes evitam o casamento, os membros inferiores da sociedade tendem a suplantar (em número) os membros superiores. Como todos os animais, o homem chegou certamente ao seu alto grau de desenvolvimento atual mediante luta pela existência, que é consequência de sua multiplicação rápida; e, para chegar a um mais alto grau ainda, é preciso que continue a ser mantida uma luta rigorosa (...). Deveria haver concorrência aberta para todos os homens e dever-se-iam fazer desaparecer todas as leis e todos os costumes que impedem os mais capazes de conseguir seus objetivos e criar o maior número possível de crianças."*

Seguindo esta linha ideológica, aliás aceita pelo mesmo Darwin como científica, os nazistas criaram as chamadas “granjas de reprodução” com jovens saudáveis de ambos os sexos, os quais fossem possuidores das características da “raça ariana.” Mediante uma lei aprovada em 1933, castraram 350 mil pacientes com problemas mentais, meninos negros entre outros.

Conforme escreveu Maria Luiza Carneiro, no já mencionado “Holocausto: crime contra a Humanidade”: “...Hitler defende a tese de que existe na natureza uma tendência à purificação racial. Condena o cruzamento entre as raças humanas pelo fato de este rebaixar o nível da raça mais forte induzindo-a a um retrocesso físico e mental. Com base nessa lógica propõe o extermínio dos judeus, considerados “raça inferior.”<sup>112</sup>

E, segundo Nélia Marco V. Bizzo, em seu livro “O que é Darwinismo”<sup>113</sup>: “A idéia de que o darwinismo era uma doutrina que se aplicava apenas aos seres vivos não-humanos é outra versão absolutamente incorreta. No “Origem das Espécies”, Darwin passa comodamente ao largo das implicações de sua teoria com o homem. No entanto, no seu “A Origem do homem”, ele penetra na questão e aí, suas opiniões deixam pouca margem de dúvida.

*Darwin e seu primo Francis Galton, juntamente com uma série de pensadores seus contemporâneos, acreditavam que a “raça” humana poderia ser melhorada se fossem evitados “cruzamentos indesejáveis.” A sociedade era vista com uma clara divisão: de um lado, os membros “superiores”, sadios, inteligentes, ricos e, obviamente, brancos; do outro lado, os membros “inferiores”, mal nutridos, doentes, pobres, de constituição racial duvidosa. Estes deveriam ser impedidos de se reproduzirem, pois acabariam por “rebaixar toda a raça.” A evolução biológica do homem poderia ser “acelerada”, limitando-se os mesmos rituais de seleção “vistos” na natureza. Os mais aptos, evidentemente, estavam entre os indivíduos das classes dominantes.*

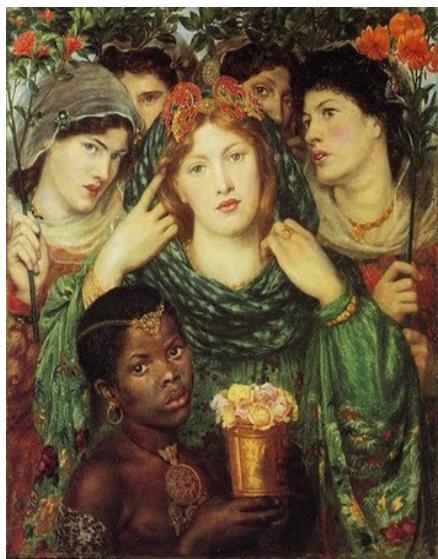
*Darwin chegava até a prever a completa extinção de raças inteiras, consideradas “inferiores.” Escreveu pouco antes da morte, numa carta de 1881: “Eu poderia esforçar-me e mostrar o que a seleção natural fez e ainda faz para os progressos da civilização, mais do que aquilo que pareceis admitir...”*

E no caso do comunismo soviético, em que aspecto é possível afirmar que Darwin se fez presente nele?

Bem. É sabido que o darwinismo soviético, não obstante ter tido sua base fincada no lamarckismo (tendo como pano de fundo o dogma da hereditariedade, e no seu comando o poderoso “Torquemada da ciência”, o terrível Lyssenko), sabe-se também que este manipulador marxista-leninista bebeu abundantemente em Charles Darwin (a teoria dos caracteres adquiridos deste naturalista também sustenta o lamarckismo), basicamente no seu conceito de Seleção Natural, com o qual massacrou os odiosos “inimigos do regime”: “Na doutrina de Darwin”, escreveu Marx, “aceito a teoria da evolução, mas só admito seu método de demonstração (*struggle for life, natural selection* - luta pela vida, seleção natural) como primeira expressão, provisória e imperfeita, de uma realidade recentemente

descoberta.” E, como bem observa Wilma George, em “As Idéias de Darwin”: <sup>114</sup>: “A hereditariedade dos caracteres adquiridos também tinha os seus partidários políticos, o socialismo em geral e, em particular, o marxismo apropriaram-se da idéia de forma grandiosa, embora fosse difícil saber se de Darwin ou de Lamarck.” E continua: “O próprio Marx, pregando, por um lado, a revolução, defendia, de outro, uma forma de evolução: que os sistemas sociais mutáveis mudavam os sistemas político e econômico e que estes, em contrapartida, mudavam os sistemas sociais, e assim por diante. Isso se devia mais à dialética hegeliana do que ao darwinismo, mas Marx tinha em grande consideração a Origem: “o livro de Darwin é muito importante” – escreveu ele – “e me convém que sustente a luta de classes na história do ponto de vista da ciência natural. Tem-se, é claro, que tolerar o tosco método inglês de discurso.” Foi uma teoria materialista que incorporou a idéia da mudança num dado período de tempo, selecionada a partir de variações motivadas pelo meio ambiente. Mas isso estava muito longe de fornecer um argumento para o marxismo, como Engels foi o primeiro a perceber. O materialismo dialético foi mudança e movimento durante um período de tempo, mas estava longe do gradualismo. Adaptação lenta seguir-se-ia a uma rápida mudança – a revolução – não apenas para produzir uma nova espécie de sociedade, mas para produzir uma sociedade antitética à anterior. Essa dialética hegeliana não seria encontrada na teoria darwiniana. Mas o darwinismo não estaria no programa do ensino marxista na Rússia. O gradualismo e a variação individual seriam ignorados, a mudança, o materialismo e a hereditariedade dos caracteres adquiridos foram aceitos. Mas a rejeição pela Rússia da teoria mendeliana na herança – que se tornou parte do neodarwinismo do século XX – levaria à bizarra catástrofe da política agrícola de Lysenkoist.”

É isso!



## O século XIX e a naturalização das diferenças

Em sua interessante tese “Racismo & Racistas: Trajetória do Pensamento Racista o Brasil” <sup>115</sup>, Eni de Mesquita Sâmara, tratando do florescimento da Antropologia, destaca o ano de 1859, quando se publicou o livro “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, como o período em que se estabeleceram as bases para a afirmação de uma espécie de paradigma de época, com o surgimento do conceito de evolução. Especificamente no que diz respeito ao naturalista inglês, destaca a autora que autores como Gobineau e Le Bon recuperavam suas máximas, e os quais passaram a qualificar as diferenças e as transformá-las em objeto de estudo, em objeto de ciência. Sobre a questão,

escreve a autora:

*“Sobretudo a partir de 1859, com a publicação de A origem das espécies, de Charles Darwin, colocava-se um ponto final na disputa entre monogenistas e poligenistas, além de se estabelecerem as bases para a afirmação de uma espécie de paradigma de época, com o estabelecimento do conceito de evolução. A novidade não estava tanto na tese anunciada, como no modo de explicação e na terminologia acessível utilizada pelo naturalista inglês. Dessa maneira, rapidamente, expressões como*

“sobrevivência do mais apto”, “adaptação”, “luta pela sobrevivência” escapavam do terreno preciso da biologia e ganhavam espaço nas demais ciências.

No que se refere às humanidades, a penetração desse tipo de discurso foi não só ligeira como vigorosa. Herbert Spencer, em *Princípios de sociologia* (1876), definia que o que valia para a vida servia para o homem e suas produções. O passo seguinte era determinar que, assim como a natureza, a sociedade era regida por leis rígidas e o progresso humano era único, linear e inquebrantável.

Paralelamente, tomava força a escola “evolucionista social”, que marcava, nesse contexto, os primórdios e o nascimento de uma disciplina chamada Antropologia. Representada por teóricos como Morgan (1877), Frazer e Tylor essa escola concebia o desenvolvimento humano a partir de etapas fixas e pré-determinadas e vinculava de maneira mecânica elementos culturais, tecnológicos e sociais. Dessa forma, tendo a tecnologia como índice fundamental de análise e comparação, para os evolucionistas, a humanidade aparecia representada tal qual uma imensa pirâmide – dividida em estágios distintos, que iam da selvageria para a barbárie e desta para a civilização –, na qual a Europa aparecia destacada no topo e povos como os Botocudos na base, a representar a infância de nossa civilização. Apresentando uma forma de saber comparativa, os evolucionistas sociais pareciam dialogar com seu contexto, enquanto imperialistas, como Cecil Rhodes, afirmavam que pretendiam tudo dominar – de países a planetas –, a utopia desses etnólogos sociais era tudo classificar.

Como dizíamos, a partir da afirmação de uma visão evolucionista tão majoritária, até no campo da religião e da filosofia as influências são evidentes. Esta é a época do positivismo francês de Auguste Comte, o qual pretendia uma subordinação da filosofia à ciência da imutabilidade. Com efeito, a partir dos três métodos de filosofar – teológico, metafísico e positivo – assumia-se que a humanidade evoluía de formas pré-determinadas de pensar, revelando-se, assim, uma clara correlação com as teorias hegemônicas da época.

No entanto, se por um lado é possível visualizar a afirmação do evolucionismo como um paradigma de época, de outro é necessário reiterar que essas escolas reafirmavam a noção iluminista da humanidade una e inquebrantável. Muito diferente eram, no entanto, as teorias que, seguindo as pistas de detração – deixadas por C. de Pauw e pelo conde Buffon –, passaram a utilizar a idéia da diferença entre os homens, dessa feita com a respeitabilidade de uma ciência positiva e determinista.

Longe de estar esgotada, a corrente poligenista tomava, nesse contexto, uma nova força. Autores como Gobineau e Le Bon recuperavam as máximas de Darwin, porém destacando que a antiguidade na formação das raças era tal que possibilitava estudá-las como uma realidade ontológica. Partindo da afirmação do caráter essencial das raças – o qual as fariam diferir assim como as espécies –, uma série de teóricos, mais conhecidos como “darwinistas sociais”, passam a qualificar a diferença e a transformá-la em objeto de estudo, em objeto de ciência.” (p. 16-18).

É isso!

## A linguagem do darwinismo

“Um golpe com a língua pode até quebrar os ossos”  
Provérbio chinês

“Língua é poder”, diz a máxima popular, em referência ao uso da língua como instrumento ideológico. E neste âmbito específico, o darwinismo nos oferece



incontestáveis lições, como aquelas que se pode extrair da mídia de um modo geral. Por exemplo, passando hoje pela seção de ciência do jornal Folha de São Paulo deparo-me com a seguinte manchete: “Perda de gene explica evolução de barbatana de peixe para membro.”<sup>116</sup>

Note-se que o verbo **explicar**, da forma como foi usado aqui está explicitando uma um fato que é dado como certo ou que realmente aconteceu. Não se usou o modo subjuntivo, que expressa incerteza e dúvida; mas o indicativo, que denota algo do qual não se pode duvidar. Todavia, mais adiante o “fato real” vem à tona, como demonstração do uso tendencioso da língua. Analisemos por partes:

1. “*Descobrimos que não havia genes equivalentes em animais com membros, o que sugere que esses genes podem ter sido perdidos durante a evolução*”, explicou Akimenko à “BBC News.” Perceba que o resultado da pesquisa apenas **sugere**, ou seja, dar a entender de forma sutil, que tal hipótese pode ser verdadeira.

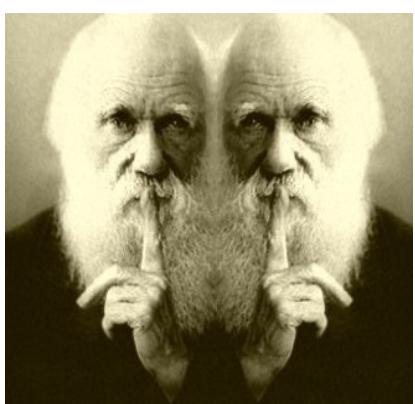
2. “*Os cientistas sugerem, em estudo publicado na revista “Nature”, que a família antiga de genes persistiu em peixes ósseos e foi perdida quando eles evoluíram para animais de quatro patas.*” Novamente o verbo **sugerir** (provocar a imaginação de, inspirar, fazer uma sugestão etc.) utilizado sorrateiramente, uma vez que o estudo realizado não pode ser testado empiricamente, já que dependeria do conhecimento dos supostos animais transicionais extintos.

3. “*O desenvolvimento de embriões pode fornecer importantes pistas genéticas sobre a evolução, pois muitas mudanças que ocorrem cedo no desenvolvimento de um animal se parecem com mudanças que se acredita terem ocorrido cedo na evolução.*” Observe que a locução verbal **pode fornecer** não oferece margem a certezas, mas tão somente a hipóteses, que podem ou não serem verdadeiras. O “se parecem” e o “se acredita” mais uma vez remetem à esfera de um fato ou ação que podem vir a ocorrer ou não.

4. “*A perda desses raios, segundo os cientistas, foi o passo principal no processo que transformou barbatanas de peixes em membros de animais.*” A expressão “foi o passo principal”, embora contradiga o “sugere” ou o “se acredita”, foi utilizada como desfecho da matéria, remetendo à manchete inicial na qual a “certeza” parece tão certa quanto o resultado de  $2 + 2 = 4$ .

Eis aí mais uma faceta dessa ideologia altamente manipuladora, que nos tenta vender gato por lebre, ou melhor, peixe por réptil.

É isso!



## O darwinismo e sua “cortina de ferro”

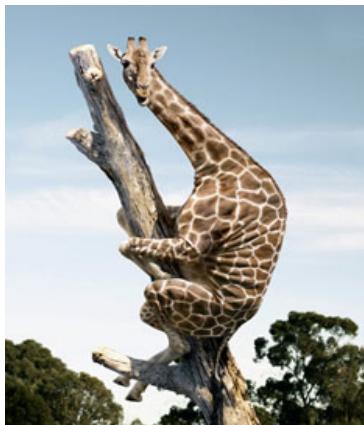
Metaforicamente o darwinismo, em seus moldes atuais, assemelha-se tanto ao radicalismo religioso da Idade Média, quanto ao autoritarismo político do século XX, como aquele vivenciado na União Soviética, onde sempre deveria prevalecer um pensamento só. Durante a Inquisição, contradizer os dogmas da religião oficializada era como assinar a própria sentença de morte numa praça pública sob os exaltados gritos de “morra herege!”

O darwinismo, por translação de sentido, mesclou a intolerância do Santo Ofício com o despotismo do regime de Stalin, Mao Tse Tung, Francisco Franco, António Salazar, Costa e Silva e Augusto Pinochet. Hoje, especialmente para aqueles que vivem da ciência, duvidar da Teoria da Evolução (não da “evolução” em si), é como optar a contragosto pelo ostracismo acadêmico quase absoluto. Basta lembrar, por exemplo, o conhecido caso de Mortimer J. Adler, um ilustre pensador, o qual após ter

definido a evolução como um “mito popular”, fora incluído por Martin Gardner em seu livro sobre charlatanismos e fraudes (“Fads and Fallacies in the Name of Science”).

Nas grandes universidades, especialmente no âmbito das ciências biológicas, expressar dúvidas sobre Darwin é correr o risco, por exemplo, de perder a tão almejada Bolsa de Iniciação Científica ou, se professor, ser demitido até mesmo por justa causa. Tal qual aos antigos defensores da Teoria do Flogístico, os atuais discípulos de Darwin chega a impor, até sob às raias do psicoterror, a reverência absoluta ao ilustre naturalista inglês. Daí ser comum a rejeição de teses de estudantes as quais confrontem o dogma científico estabelecido. O darwinismo, tal qual o velho e carcomido regime comunista russo, criou em torno de si uma espécie de cortina de ferro, com a qual busca blindar a Teoria da Evolução contra os “ferozes” ataques daqueles a quem rotulam pejorativamente de “fundamentalistas”, ou seja, qualquer um que ousa levantar a voz contra o “grande imperador das ciências.” Todavia, os gritos sufocantes dos “oprimidos”, tais quais àqueles das antigas “bruxas” e “hereges”, se não produzem nenhum resultado imediato, com o tempo às vezes costumam produzir algum sentimento de humanidade na humanidade.

É isso!



## Como se originou a "microevolução"

Embora muitos não saibam, quem primeiro cunhou o termo “microevolução” foi um darwinista, e não os criacionistas como erroneamente se supõe. Seu uso partiu do etimologista russo, Yuri Filipchenko, em 1927. Com isso Filipchenko buscava conciliar a Teoria da Evolução com a genética mendeliana. Logo em seguida, seu dedicado aluno, Theodosius Dobzhansky, afirmou em “Origin of Species”: “nós fomos compelidos ao presente nível de relutante conhecimento a conceber um significado entre a eqüideade dos mecanismos macro e microevolutivos” (1937, p. 12). Foi este cientista quem introduziu tais termos aos biólogos ingleses.

Stephen Jay Gould foi outro que também se utilizou deste conceito. Segundo ele, não é possível conceber à macroevolução como sendo uma extensão da microevolução: *“Muitos evolucionistas encaram a continuidade estrita entre a micro e a macroevolução como um ingrediente essencial do darwinismo e um corolário necessário da seleção natural. No entanto, como rela-to no ensaio 17, Thomas Henry Huxley separou os dois tópicos da seleção natural e do gradualismo e advertiu Darwin de que sua ade-são estrita e injustificável ao gradualismo poderia minar todo o seu sistema. O registro fóssil, com suas transições abruptas, não ofere-ceu nenhum suporte à mudança gradual, nem o princípio da seleção natural a requer — a seleção pode atuar rapidamente. No entanto, a ligação desnecessária forjada por Darwin tornou-se um dogma cen-tral da teoria sintética.”*<sup>117</sup>

Em termos simplificados, a microevolução diz respeito às pequenas variações no interior de uma mesma espécie, e que podem ser empiricamente comprovadas; já a macroevolução refere-se às mudanças maiores, como quando uma nova espécie ou filo é originado, voltando-se a eventos passados, os quais não podem ser postos à prova a partir da microevolução.

É isso!



## Sinceros, porém...

É o óbvio concluir-se que nem sempre o mais sincero é o mais verdadeiro. A história nos tem legado inúmeros exemplos de pessoas sinceras e honestas que fracassaram no intento de provar que estavam com a razão naquilo pelo qual tanto lutavam. A noção do que seja "verdade", portanto, é relativa a cada pessoa ou grupo que a defende. No âmbito da ciência, a maioria dos antigos estudiosos da craniometria, por exemplo, era sincera naquilo

que acreditava como "verdade", contudo, a sinceridade de seus ideais era direcionada a objetivos ideológicos específicos, e de tal modo que os resultados de suas pesquisas sempre pendiam para "provar" essas suas próprias verdades.

No início do século passado, em defesa de suas "verdades", os darwinistas se opuseram cabalmente ao modelo mendeliano, chegando mesmo a considerá-lo antdarwiniano e até hereticamente perigoso. Segundo Albert Jacquard ("Elogio das Diferenças"), uma das principais revistas inglesas de biologia, Biometrika, recusou até 1937 todo e qualquer artigo mendeliano. Algum tempo depois, entretanto, a genética mendeliana fora apossada pelos mesmos defensores de Darwin, que trataram de incluí-la no bojo de suas "verdades", que passaram a denominar de neodarwinismo: um novo rótulo para uma velha embalagem!

É isso!



## Darwin no cinema

As idéias do naturalista Charles Darwin não influenciaram apenas os ramos da ciência. Também encontrou solo fértil na esfera social e, inclusive nas artes. No caso do cinema, são muitas as produções onde algum aspecto de sua teoria se faz presente, como nos exemplos a seguir:

1. **"Criação"** ("Creation"), de Jon Amiel. Trata-se de uma produção biográfica de Charles Darwin, e que foi produzida pela BBC, 2009.

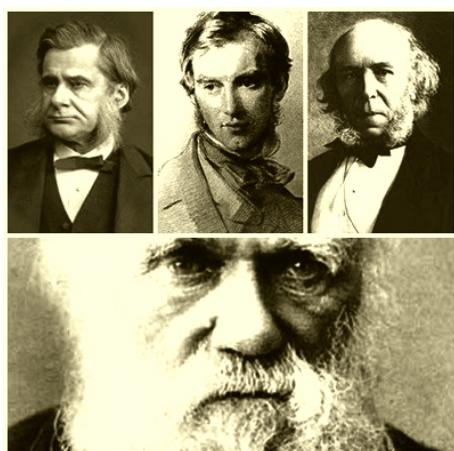
2 . **"O Mundo Perdido"**, de Harry Hoyt, baseado na obra de Arthur Conan Doyle. No seu próprio livro, Doyle faz menção de Darwin como "homem de cérebro superior": "Os tambores indígenas soaram assim durante toda a noite e, diante dos indígenas e mestiços evidentemente apavorados, pude notar que Challenger e Summerlee possuíam a singular coragem científica, do mesmo tipo daquela que sustentou o ânimo de Darwin, entre os gaúchos argentinos, e o de Wallace, entre os degoladores da Malásia. A natureza misericordiosa deu a esses homens de cérebro superior uma espécie de inconsciência do perigo, que lhes permite afrontar o desconhecido em busca da verdade."

3. **"Tarzan, o homem-macaco."** Baseado no romance "Tarzan of the Apes", de Edgar Rice Burroughs. O filme conta a história de um menino, filho de um inglês abastardo, o qual, nos moldes de Rômulo e Remo, foi criado por um grupo de macacos selvagens.

4. “**King Kong**”. A última das versões é de 2005, de Peter Jackson. O clássico do cinema conta a história de um gorila gigante chamado Kong, que foi capturado e conduzido à cidade de Nova York onde deveria participar de um grandioso espetáculo.
5. “**O Monstro da Lagoa Azul**”, de Jack Arnold. O filme é de 1954 e se passa na Amazônia, onde cientistas descobrem uma estranha criatura, uma mistura de homem com anfíbio, que passa a ser considerada a maior descoberta de todos os tempos.
6. “**Jurassic Park**”, um famoso filme americano dirigido por Steven Spielberg, de 1993, que narra o retorno dos dinossauros realizado por meio do processo de clonagem.
7. “**The Darwin Adventure**”, de 1972, dirigido por Jack Couffer. O filme aborda a vida e a obra do naturalista Charles Darwin, o qual é apresentado como um verdadeiro exemplo de cientista.
8. “**O Vento será tua Herança**”(“Scopes Monkey Trial”), de Stanley Kramer, produção de 1960, inspirado no famoso caso “Processo do Macaco de Scopes”, uma história verídica acontecida no Estado do Tennessee, EUA, onde um professor John Thomas Scopes foi julgado por ensinar a teoria da evolução em sala de aula.

Os títulos citados são apenas alguns exemplos os quais, ao seu próprio modo, tiveram como referência a Teoria da Evolução de Charles Darwin. A atração do tema tornou-se objeto de consumo cultural mesmo entre aqueles que sequer tem noção do debate existente em torno do assunto. Como bem disse um crítico de cinema, de todos os fatores da evolução, a Seleção Natural é o mais cinematográfico.

É isso!



## O X-Club de Darwin

Quais foram as pessoas que verdadeiramente mais contribuíram na construção do darwinismo e na sua imposição como uma “teoria científica”? Será realmente que se pode atribuir a Darwin o principal mérito em idealizar o conceito de Seleção Natural como uma força onipotente capaz de reger os destinos dos seres vivos? O que leva muita gente a comparar a Teoria da Evolução com a Teoria da Relatividade ou com a Lei da Gravitação Universal? Como explicar que Darwin seja considerado um gênio da ciência e sua obra “A Origem das Espécies” a maior contribuição científica da história

da humanidade?

Para R. M. Young e Bernard Shaw, o êxito do darwinismo poderia ser atribuído às funestas idéias de Thomas Malthus e Herbert Spencer, as quais serviram para justificar as condições coloniais e sociais da época. Todavia, como bem o disse Maximo Sandin, em uma de suas entrevistas, tal constatação apenas corrobora seu êxito social, porém não explica sua ascensão como uma "teoria científica".

É aqui que entram outros nomes, e o principal deles diz respeito a Thomas Huxley, o famoso “Bulldog de Darwin”. Ele, Joseph Dalton Hooker, John Tindall, entre outros, controlaram durante décadas a Royal Society. Huxley foi presidente da Geological Society, da Ethnological Society, da British Association for the Advancement of Science, da Marine Biological Association e da própria Royal Society.

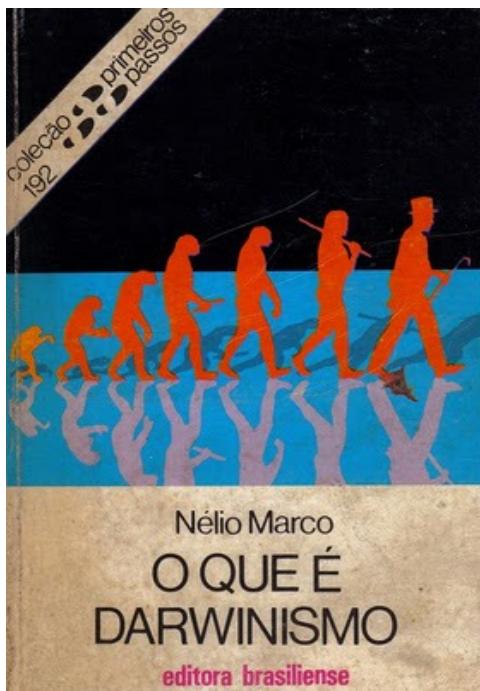
Este grupo, também chamado “X-Club”, deliberavam sobre tudo, de pescarias a enfermidades, e tinha por objetivo “promover o darwinismo e o liberalismo científico”. A revista Nature também surgiu por obra de Huxley e Hooker, o que explica a postura ideológica deste periódico nos dias de hoje, favorecendo sempre à Teoria Evolucionista.

Tudo isso combinado dá sentido às razões pelas quais o zoólogo evolucionista St. George Mivart, um crítico contundente da Seleção Natural, ter sido silenciado.

Foi com a dedicada colaboração do “X-Club” que Darwin tornou-se membro da mais importante das sociedades científicas. E já com seu nome ideologicamente erigido, foi ele sepultado com todas as pompas na Abadia de Westmister, onde apenas cinco pessoas pertencentes à nobreza foram enterradas.

Tais fatos levam-nos a concluir que o darwinismo não foi assim obra direta de Darwin. Em vez disso, originou-se de um conjunto de objetivos idealizados e postos em prática pelas classes dominantes, a elite inglesa, que, ostentada de grande poder e influência social, fez de Darwin seu grande motivo e pretexto. Não fora isso, seria difícil compreender como uma ideologia assim tão escancarada se fez passar por legítima ciência, e dessa forma permanecer até os dias de hoje.

É isso!



## O que é darwinismo

Certa feita, ao fazer menção de um antigo livrinho do biólogo Nélio Marco Vicenzo Bizzo, alguns darwinistas chagaram a duvidar da veracidade das críticas ali expostas.

O livrinho, que tem por título “O que é Darwinismo”<sup>118</sup>, foi publicado em 1987 pela antiga Editora Brasiliense, sendo parte da conhecida Coleção Primeiros Passos. Como já se passaram mais de vinte anos, talvez o autor tenha atenuado suas críticas ao darwinismo ou, quiçá, abjurado de tudo o que escreveu. Vá lá, mudar faz parte da natureza humana, inclusive dos mestres e doutores.

Seja como for, transcrevo a seguir alguns pontos abordados no referido livro, pontos estes que se chocam frontalmente com a visão predominante no âmbito do “darwinismo oficial”, que pinta um Darwin com cores as quais não parecem corresponder com a

realidade. Vejamos:

*Copyright © Nélio Marco Vicenzo Bizzo*

*Capa:*

George Thomaz

*Revisão:*

Bolívar A. Silva  
Mário A. Vilela



**editora brasiliense s.a.**  
rua da consolação, 2697  
01416 - são paulo - sp.  
fone (011) 852-4013  
telex: 11 33271 DBLM BR



### BIOGRAFIA

Comecei meus estudos sobre Biologia na Universidade de São Paulo em 1977, quando ingressei no curso de Ciências Biológicas. Completei a licenciatura e o bacharelado em 1981. No ano seguinte, iniciei os estudos de pós-graduação no mesmo Instituto de Biociências, desenvolvendo trabalhos sobre genética, ecologia e evolução de uma espécie sul-americana de inseto (*Drosophila*). Apresentei minha tese de mestrado em 1983.

## A HISTÓRIA OFICIAL

“Atualmente reconhece-se que Darwin tenha sido o primeiro cientista a fazer uma tentativa séria de resentar os fatos evolutivos como sendo devidos a um equilíbrio de forças em conflito. A teoria evolutiva atual deve mais a Darwin do que a qualquer outro evolucionista e foi construída em torno dos conceitos essenciais contidos no seu genial *Origem das Espécies*.

Você acredita mesmo nesta bela estorinha? Seus livros escolares, seus professores, os vestibulares, acreditam. Se você já está satisfeito, feche o livro. Mas, por outro lado, se você quer saber de uma série de fatos que não estão de acordo com a versão oficial do darwinismo, então vá adiante!” (p. 17).

## A OUTRA HISTÓRIA

“Na história do darwinismo, os “conceitos essenciais de Darwin” são apresentados de maneira bastante coerente, e numa seqüência gradativa. Não aparecem contradições, hesitações ou falhas graves. O darwinismo parece ser uma teoria que foi “crescendo”, amadurecendo lentamente, dentro de um processo que se parece muito com o seu próprio objeto de estudo: a lenta evolução dos seres vivos. A teoria, de uma certa forma, se apresenta como um tipo de produto da natureza, e não do homem.

Por outro lado, salta aos olhos o fato de a teoria pretender ser inteiramente independente da influência da sociedade da época. Ela se submeteria apenas à lógica da natureza.

No entanto, uma análise um pouco mais cuidadosa da obra de Charles Darwin nos revela uma série de hesitações, contradições e falhas que podem ser consideradas graves. Além disso, traz em seu interior todos os elementos da sociedade na qual foi construída. Assim, passa a ter as feições de um produto do homem, e não da natureza” (p. 19).

## DARWIN E O Lamarckismo

“Apesar de Darwin ter manifestado, como vimos, aversão às idéias de Lamarck, jamais as contestou; pelo menos em seus elementos centrais. Muito pelo contrário: procurou desenvolvê-las e sofisticá-las. Isto não pode ser atribuído a uma simples “fase” da vida do mestre. O *Origem* nasceu lamarckista e assim permaneceu. Este é um fato que os seguidores de Darwin omitiram deliberadamente” (p. 19).

## “A ORIGEM DAS ESPÉCIES”, O FALSO BEST-SELLER

“Na verdade, quando o *Origem das Espécies* foi lançado no houve grande impacto, tendo sido confundido com uma nova versão do *Vestígios*. O fato de ter-se esgotado no mesmo dia pode ser parcialmente explicado por isso e pelo fato de a tiragem ter sido reduzida (1250 exemplares). Aliás, a informação de que “se esgotou no mesmo dia” parece conter um pouco de exagero.

O livro foi lançado em meados de novembro de 1859 e Darwin só soube que estava tendo boa saída dois meses depois, através de uma carta recebida por sua esposa...

De qualquer forma, o livro de Darwin não foi propriamente um best-seller. De 1859 a 1876, foram vendidos 16 mil exemplares na Inglaterra, ou seja, uma média inferior a um milhar por ano.

Talvez isto se deva ao fato de o *Origem das Espécies* não conter, rigorosamente, nenhuma grande novidade. A defesa da idéia da evolução, como vimos, não era um fato original. Os mecanismos evolutivos, absolutamente todos, também já tinham sido apresentados anteriormente” (p. 26, 27).

## O MITO DA NEUTRALIDADE

“Finalmente, é necessário abordar um aspecto da teoria darwinista que talvez seja justamente o mais importante. Diz-se que Darwin aplicou o método científico com todo o rigor e imparcialidade. Assim, suas conclusões seriam independentes não apenas dos

*dogmas religiosos vigentes na época, mas de seus próprios juízos de valor e de quaisquer influências sociais. Em outras palavras, Darwin teria sido um observador neutro e imparcial.*

Diz ele em sua autobiografia que, quando começou a estudar o material recolhido em sua viagem, procurou seguir uma metodologia clara: “Inspirei-me para este trabalho nos princípios de Bacon: sem teoria preconcebida, colecionei fatos (muito especialmente aqueles relacionados com as espécies domésticas), distribuí questionários impressos, conversei com hábeis criadores e jardineiros e li enormemente”. Nota-se que possuía, ao menos, grande honestidade científica; não pretendia que suas convicções pessoais influenciassem o resultado, que deveria surgir naturalmente, da simples confrontação dos fatos. Seria isto possível?” (p. 39)

“A crença na herança dos caracteres adquiridos também parece remontar àquela época. No mesmo diário, quando fala dos habitantes da Terra do Fogo, diz: “A Natureza, que tudo prevê pela onipotência do hábito e dos seus efeitos hereditários, amoldou o fogueano ao clima e aos produtos de sua miseranda pátria.”

Aqui aparece uma faceta indisfarçável do modo de pensar de Darwin, que é sua visão colonialista, sua óptica estritamente britânica. Diante de sua vasta obra, tropeçase a todo momento nessa sua forma particular de observar, principalmente nas passagens em que se refere aos povos “selvagens”...

As convicções íntimas de Darwin não deixam de aparecer em sua obra. Não poderia ser impermeável às influências sociais do meio em que viveu. E, por uma série de razões que veremos adiante, o meio social daquela época também não poderia ser impermeável a Darwin” (p. 40, 41).

## VISÃO COLONIALISTA

“A Coroa inglesa tinha tomado consciência de que, para lucrar no estrangeiro, não era suficiente apenas ter dinheiro, mas, acima de tudo, conhecer o ambiente que vai ser explorado. Portanto, informações de todo tipo eram fundamentais. O trabalho de naturalistas, como Darwin, era essencial para as pretensões coloniais das grandes potências, como a Inglaterra. Os Estados Unidos precisaram passar pela guerra do Vietnã para dar a devida importância ao trabalho dos naturalistas (p. 52).

“É muito provável que a tarefa de Darwin no fosse de encontrar minas, visto que nisso no tinha nenhuma experiência. Sua tarefa parecia consistir em observar, reconhecer os ambientes economicamente importantes para a Coroa Inglesa. Já naquela altura as matérias-primas eram cada vez mais necessárias para um país que passava por uma revolução industrial” (p. 53).

“A tarefa do Beagle e de sua tripulação, inclusive Darwin, era muito parecida com a dos satélites de sensoreamento remoto de hoje. É muito difícil saber com precisão quais os planos que o Almirantado e a Coroa tinham para a região. O próprio Darwin não fala em seu diário se devia seguir um roteiro predeterminado, mas pode-se inferir que a coincidência entre sua rota e as minas não seja casual. O que espanta é que ele não tenha desconfiado dos interesses do governo nas suas informações. Até o fim da vida falava do caráter filantrópico da expedição. Essa falta de percepção não parece ser um atributo comum aos maiores cientistas de todos os tempos...” (p. 54).

## A LÓGICA DO CAPITAL

“Pelas passagens já reproduzidas e por tantas outras que se encontram em seus escritos, não resta dúvida de que Darwin era um cidadão orgulhoso de sua nacionalidade. Mais do que isto, estava convicto de que a sociedade baseada na competição generalizada era a única forma de se atingir o estágio “superior” de “civilização”. Ainda jovem, a bordo do Beagle, lamentou as relações igualitárias que os índios da Terra do Fogo mantinham. Escreveu ele em seu diário: “A perfeita igualdade

*entre os indivíduos que compõem as tribos da Terra do Fogo deverá retardar-lhes, por muito tempo, a civilização..."* (p. 55).

"Não era só o mecanismo da seleção natural que reproduzia os elementos essenciais da sociedade inglesa. No darwinismo original, como vimos, as vantagens adquiridas por um indivíduo eram herdadas pelos descendentes. Darwin não entendia nada de herança biológica, mas no outro tipo de herança era "expert". Tinha recebido verdadeira fortuna do pai (cerca de 250 mil dólares). Mesmo sem nunca ter trabalhado, conseguiu ampliá-la e seu destino era certo. Seus filhos a herdariam. O conceito de propriedade estava profundamente arraigado em Darwin e na sociedade em que vivia.

A teoria darwinista baseia-se fundamentalmente na suposição de que os organismos evoluem porque se adaptam às condições do ambiente. Pode haver visão mais cômoda para um jovem burguês almofadinha, interessado em manter a disciplina de seus empregados?" (p. 56).

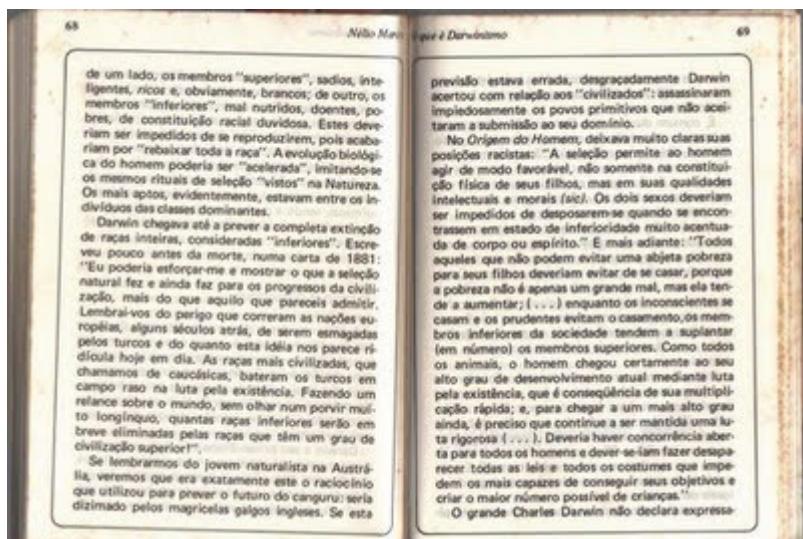
## O IMPACTO DO DARWINISMO

"A lógica darwinista trazia todos os elementos essenciais da sociedade inglesa. Não tinha intrinsecamente nenhum componente destoante, muito pelo contrário. Pessoas satisfeitas com a sociedade inglesa só podiam ver coerência na teoria. De cima a baixo" (p. 58).

## O DARWINISMO E A BURGUESIA LIBERAL

"Se é verdade que o darwinismo é uma espécie de síntese da sociedade capitalista, é de se esperar que tenha tido grande aceitação em países que assim se organizavam. Essa organização facilitava o entendimento da lógica do mecanismo evolutivo proposto. Igualmente provável é que fosse propagandeado com mais força nos países onde a contradição Igreja X burguesia se aprofundava.

O testemunho da História é inequívoco. A apresentação da recente tradução para o português do *Origem do Homem*, um dos últimos livros escritos por Darwin, nos diz (...) a necessidade de traduzir pela primeira vez para a língua portuguesa uma obra que tem merecido lugar de destaque e aprovação de todo país civilizado (...) "De fato, o darwinismo alastrou-se como fogo em palha seca nos países que tomaram a Inglaterra como modelo" (p. 62).

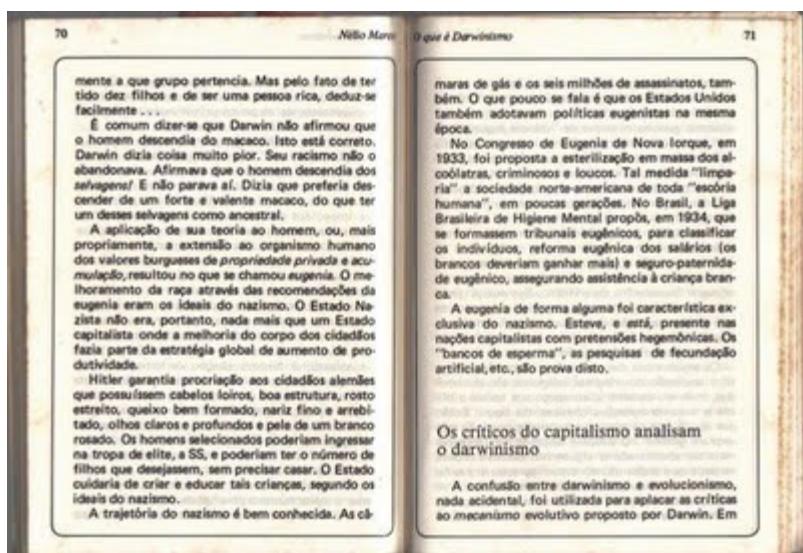


## DARWIN E O HOMEM

*“A idéia de que o darwinismo era uma doutrina que se aplicava apenas aos seres vivos não-humanos é outra versão absolutamente incorreta. No Origem das Espécies, Darwin passa comodamente ao largo das implicações de sua teoria com o homem. No entanto, no seu Origem do Homem, ele penetra na questão e, aí, suas opiniões deixam pouca margem de dúvida.*

*Darwin e seu primo Francis Galton, juntamente com uma série de pensadores seus contemporâneos, acreditavam que a “raça” humana poderia ser melhorada se fossem evitados “cruzamentos indesejáveis”. A sociedade era vista com uma clara divisão: de um lado, os membros “superiores”, sadios, inteligentes, ricos e, obviamente, brancos de outro, os membros “inferiores”, mal nutridos, doentes, pobres, de constituição racial duvidosa. Estes deveriam ser impedidos de se reproduzirem, pois acabariam por “rebaixar toda a raça”. A evolução biológica do homem poderia ser “acelerada”, imitando-se os mesmos rituais de seleção “vistos” na Natureza. Os mais aptos, evidentemente, estavam entre os indivíduos das classes dominantes.*

*Darwin chegava até a prever a completa extinção de raças inteiras, consideradas “inferiores”. Escreveu pouco antes da morte, numa carta de 1881: “Eu poderia esforçar-me e mostrar o que a seleção natural fez e ainda faz para os progressos da civilização, mais do que aquilo que pareceis admitir. Lembrai-vos do perigo que correram as nações européias, alguns séculos atrás, de serem esmagadas pelos turcos e do quanto esta idéia nos parece ridícula hoje em dia. As raças mais civilizadas, que chamamos de caucásicas, bateram os turcos em campo raso na luta pela existência. Fazendo um relance sobre o mundo, sem olhar num porvir muito longínquo, quantas raças inferiores serão em breve eliminadas pelas raças que têm um grau de civilização superior!” (p. 68).*



*“E comum dizer-se que Darwin no afirmou que o homem descendia do macaco. Isto está correto. Darwin dizia coisa muito pior. Seu racismo não o abandonava. Afirmava que o homem descendia dos selvagens! E não parava aí. Dizia que preferia descender de um forte e valente macaco, do que ter um desses selvagens como ancestral.*

*A aplicação de sua teoria ao homem, ou, mais propriamente, a extensão ao organismo humano dos valores burgueses de propriedade privada e acumulação, resultou no que se chamou eugenia. O melhoramento da raça através das recomendações da eugenia eram os ideais do nazismo. O Estado Nazista não era, portanto, nada mais que um Estado capitalista onde a melhoria do corpo dos cidadãos fazia parte da estratégia global de aumento de produtividade.*

*Hitler garantia procriação aos cidadãos alemães que possuissem cabelos loiros, boa estrutura, rosto estreito, queixo bem formado, nariz fino e arrebitado, olhos claros e profundos e pele de um branco rosado. Os homens selecionados poderiam ingressar na tropa de elite, a SS, e poderiam ter o número de filhos que desejassem, sem precisar casar. O Estado cuidaria de criar e educar tais crianças, segundo os ideais do nazismo.*

*A trajetória do nazismo é bem conhecida. As cí-*

*maras de gás e os seis milhões de assassinatos, também. O que pouco se fala é que os Estados Unidos também adotaram políticas eugenistas na mesma época.*

*No Congresso de Eugenia de Nova Iorque, em 1933, foi proposta a esterilização em massa dos alcoólatras, criminosos e loucos. Tal medida “limparia” a sociedade norte-americana de toda “escória humana”, em poucas gerações. No Brasil, a Liga Brasileira de Higiene Mental propôs, em 1934, que se formassem tribunais eugenéticos, para classificar os indivíduos, reforma eugénica dos salários (os brancos deveriam ganhar mais) e seguro-paternidade eugenico, assegurando assistência à criança branca.*

*A eugenia de forma alguma foi característica exclusiva do nazismo. Esteve, e está, presente nas nações capitalistas com pretensões hegemónicas. Os “bancos de esperma”, as pesquisas de fecundação artificial, etc., são prova disto.*

*Os críticos do capitalismo analisam o darwinismo*

*A confusão entre darwinismo e evolucionismo, nada acidental, foi utilizada para aplacar as críticas ao mecanismo evolutivo proposto por Darwin. Em*

*Hitler garantia procriação aos cidadãos alemães que possuíssem cabelos loiros, boa estrutura, rosto estreito, queixo bem formado, nariz fino e arrebitado, olhos claros e profundos e pele de um branco rosado. Os homens selecionados poderiam ingressar na tropa de elite, a SS, e poderiam ter o número de filhos que desejassem, sem precisar casar. O Estado cuidaria de criar e educar tais crianças, segundo os ideais do nazismo.”* (p 70).

É isso!



## Dos primórdios do darwinismo em Portugal

O texto a seguir (“O homem e a theoria de Darwin”<sup>119</sup>), escrito em 1906 (24 anos após a morte de Darwin) pelo português Antonio de Carvalho, muito mais do que refletir a ortografia vigente em Portugal naquele dado momento, revela a influência e o crescimento dos ideais darwinistas nos círculos acadêmicos em todo o

mundo nos primórdios do século XX. Por suas características ideológicas, cuja essência era o materialismo filosófico, o darwinismo logrou enorme influência entre os intelectuais da época, os quais viam nas idéias de Darwin, muito mais do que o reflexo daquilo que ocorria na Natureza, um poderoso aliado no combate ao “obscurantismo religioso” vigente.

Se atentarmos bem para o conteúdo da tese, não será difícil notar que muitos dos conceitos defendidos pelo autor ainda permanecem, mesmo em pleno século XXI, bem atuais no âmbito da teoria evolucionista. Dentre tais conceitos, destacam-se:

1. Exaltação exagerada ao gênio de Charles Darwin;
2. O transformismo como uma doutrina inabalável;
3. A Seleção Natural como principal veículo no processo de transformação das espécies;
4. A persistência do lema darwiniano: “strugle for life”, “luta pela vida”, “bellum omnium contra omnes” etc.

Um outro aspecto que também prende a atenção no texto, diz respeito à crença na hereditariedade dos caracteres, da forma como pensava Lamarck e o próprio Darwin. Lembrando que o autor de “A Origem das Espécies” elaborou sua própria teoria da hereditariedade (chamada Pangênese), no mesmo instante histórico em que o monge Gregor Johann Mendel trazia à tona as leis fundamentais da genética.

Mas, vejamos o que andou escrevendo o “nossa irmão” Antonio Carvalho: “Embora antes de Charles-Robert Darwin, alguns biologistas tivessem já amontoado factos em abono d'esta these, é certo que foi Darwin, celebre biologista inglez, a intelligencia lúcida que reunindo todos os factos conhecidos, organisou com bases scientificas seguras e com um critério inabalável, a hypothèse das transformações, dos individuos ou antes, das espécies.

*Como se chegava a estas transformações? Era em primeiro logar, por meio da selecção natural, consequência forçada do meio, do regimen e de varias outras causas: em segundo logar, por meio da hereditariedade das modificações produzidas que era de resto, o principal sustentáculo da selecção.*

*Mas façamos em poucas palavras, um resumo da hypothèse de Darwin. As leis fundamentaes, leis claramente d'observação que lhe servem de base, são as seguintes: a lei da reprodução, lei geral que depende sobretudo da grandeza do animal e do seu género de vida; a lei da hereditariedade, exarando a hereditariedade dos caracteres adquiridos e a hereditariedade na epocha correspondente; a lei das correlações de*

crescimento, admittindo que as modificações de um órgão arrastam parallelamente a modificação d'outros órgãos; a lei do augmento das espécies e dos alimentos, mostrando-nos que a primeira se faz em progressão geométrica quando a segunda se faz em progressão arithmetica; a lei da constância das formas na razão directa da simplicidade de estruetura que diz que quanto mais simples é a estruetura de um ser, mais constante é a sua forma e a sua organização.

Tendo sempre em vista estas leis e observando o que se passa na natureza, vê-se que a vida é uma lueta constante que Darwin chama com uma admirável penetração, strugle for life, lueta pela vida, concorrência vital, bellum omnium contra omnes.

N'esta lueta, combate-se contra o clima, para a acquisição dos alimentos, para a acquisição das fêmeas.

Alguns seres morrem na lueta, outros emigram, outros sobrevivem, bastando para isto qualquer causa ou circunstancia vantajosa na lucta.

Esta circumstamcia poderá então exagerar-se e o sér adapta-se ao meio.

D'aqui resulta portanto uma escolha dos melhor adaptados ao. meio correspondente: é a «selecção natural».

Da selecção natural resulta de um lado, a desapparição de certas espécies, do outro a formação de espécies novas, ficando assim explicada a existência de órgãos rudimentares, umas vezes de grande importânciia, outras vezes sem qualquer valor physiologico.

Eis ahi o resumo da hypothèse de Darwin.

Porém Darwin admittindo as transformações dos individuos e das espécies, fundado em numerosas experiências feitas sobre pombos, via-se forçado a considerar como sua causa muitas vezes única, a apparição de uma espécie de monstruosidade, no corpo do sér que depois por hereditariedade, com o concurso da selecção natural ou artificial, originava um órgão novo na espécie. E' certo que elle deixa bem patente na sua sublime obra intitulada «Origem das Espécies» que muitas vezes a simples influencia do meio exterior, na lucta pela vida, é sufficiente para produzir qualquer modificação orgânica, essência da adaptação, que depois se accumula nos descendentes, dando logar a elementos novos na espécie correspondente.

Darwin diz mais que o lançar mão d'aquellas verdadeiras monstruosidades, é um meio de encobrir em geral a ignorânciia do verdadeiro inicio de uma certa modificação. Falo por necessidade e não por convicção.

Segundo o meu modo de vêr, é esta a interpretação que na verdade se deve dar do facto. O inicio seguro das causas minimas escapa-nos desgraçamente em geral.

Mas é lógico imputar á influencia do meio, na mais lata acepção do termo, a producção d'estas variações quantitativas ou qualitativas que mais tarde se podem transmittir por hereditariedade.

Desde já fica então dito que Darwin admittia assim a transmissão dos caracteres adquiridos sob a influencia do meio e outrossim que essa transmissão, era a principal causa da selecção que assim os fixava.

E' certo que recentemente, uma escola nova, a dos Neodarwinistas, assenta arraiaes exclusivamente no domínio do acaso, das monstruosidades, sendo assim o organismo, o único elemento activo das variações.

E' a phalange á frente da qual se encontrou Weissman, Huxley e tantos outros biólogistas distintos.

Em relação com esta maneira de vêr, surgiu uma theoria da hereditariedade, a theoria do Plasma germinal de Weissman que vendo o plasma germinativo, parte reproductora do sér, como um noli me tangere, em face do soma, parte constitutiva do corpo do sér, não concorda com a transmissão dos caracteres adquiridos. Transportada para a hypothèse do transformismo, a influencia do meio exterior nas variações orgânicas, é assim posta á margem por aquelles biólogistas.

A theoria das «Causas actuaes» de Delage, encontra-se no mesmo campo.

*Com effeito, ella admitté que as variações que se vão produzindo n'um individuo, são um effeito de causas actuaes que o vão modificantem successivamente.*

*Mas que mysterio é esse que faz com que as mesmas causas se ordenem sempre do mesmo modo, para produzirem os mesmos effeitos?!"*

É isso!



## A evolução do "feio"

Quem se prestar a analisar, ainda que por simples curiosidade, as diversas reconstituições artísticas feitas dos supostos ancestrais humanos não terá dificuldade em notar a existência de um esforço com o objetivo de se construir um gradual evolutivo, no qual o homem, vindo de uma ínfima origem ascende rumo ao progresso.

E essa idéia de evolução como progresso não se dá apenas em termos puramente físicos e naturais, mas prossegue também na esfera social. O europeu “civilizado” seria o assim, digamos, o coroamento desse processo evolucionário. O negro africano, ao contrário, estaria num estágio inferior de evolução e, portanto, muito distante daquele vivenciado pelo branco europeu.

Uma característica interessante que se nota ainda nessas reconstituições diz respeito à evolução da estética ou de "belo". O conceito de progresso nesse âmbito não é apenas claro, óbvio e tangente. Muito mais que isso, é ideológico. A beleza, como não deveria ser diferente pela lógica da ortodoxia gradualista, aumenta de acordo com o grau de progresso evolutivo da espécie. A mais “feia, rude e selvagem” é a que mais se distancia da modernidade ou da civilização. Quanto mais "civilizada" e moderna for a espécie, mais bela ela será. O europeu encontra-se assim no ponto culminante da estética evolucionária.

Nas gravuras ao lado é possível se ter uma noção dessa quase impalpável ideologia darwinizada. A seqüência das ilustrações representam a cronologia mostrada amiúde nos livros didáticos e nos “vade mecum” darwinistas on-line”, do tipo Wikipédia. Veja-se:

Meu vizinho é um Neardental

Se seu vizinho é de estatura baixa; se tem a testa estreita, queixo fino, dentes grandes e tronco robusto; se anda de modo peculiar e possui uma cabeleira parecida com a da belíssima Julia Roberts, atenção, seu vizinho é um forte candidato a Neardental! Pelo menos é o que faz transparecer as últimas notícias sobre este antigo morador do Vale de Neander. Em uma delas, por exemplo, afirmava-se que ele dançava, aplaudia e cantava sua própria música, aliás, bem semelhante ao RAP atual. Por tudo isso dizem as “más línguas” que, caso lhe desse banho, lhe fizesse a barba, o vestisse à moda atual e o colocasse em qualquer cidade do hemisférico ocidental, não atrairia mais as atenções do que qualquer outro indivíduo!

Deveras!

Um fato que chama atenção no darwinismo diz respeito à evolução do feio. Concernente à evolução humana, por exemplo, quanto mais recente for a espécie ancestral, mais “bonita” ela se torna. O Neardental fica assim a apenas um passo da “suprema beleza evolutiva”, o *Homo*

*sapiens*. Recentes pesquisas afirmam que ele compartilha 99,95% do seu DNA com o homem moderno. Numa dessas investigações chegou-se a afirmar que ele acasalou e até teve filhos com o homem moderno. Por tudo isso não duvido nem um pouco que meu vizinho, ou quiçá eu próprio, seja também um neardental, é claro, com um novo rótulo evolutivo. ((rs))

Mas, “para não dizer que não falei de flores”, a título de curiosidade selecionei algumas das inúmeras reconstituições artísticas dessa beldade evolutiva, com as quais você poderá concluir se seu vizinho é ou não é um verdadeiro neardental. ((rs)) Vejamos...

É isso!



## A "Ida" dos que não foram

“Respeitável público!

Preparem os seus corações para o inusitado, o insigne, o esplendoroso e o deslumbrantemente admirável. Mais impressionante que a viagem do homem à Lua, mais formoso que a Mona Lisa e mais raro que o Cálice Sagrado (rufam os tambores), lhes apresento o magnífico... (suspiros, espanto e concentração)...

Darwinius masillae! A descoberta que irá revolucionar tudo o que se sabia até aqui sobre a evolução do Homem (aplausos, delírios e desmaios).

Parece um tanto exagerado, mas quem acompanhou os noticiários no dia em que foi apresentado o fóssil “Ida”, não terá dificuldade em confessar o excesso, ou, no mínimo, abster-se de opinar. Nem mesmo o Google escapou à incrível histeria. A impressão que se tinha é que o próprio fóssil andava e soletrava Dar-win. Faltou apenas o lançamento de uma superprodução de Hollywood sob a direção de Steven Spielberg.

Mas, afinal, por que todo esse exagerado alarde? Como explicar este espetáculo orquestrado a favor do lançamento de um simples fóssil até então completamente desconhecido?

Bem. Todo mundo sabe que o maior problema do darwinismo residiu exatamente nos fósseis. O próprio Darwin havia reconhecido isso em seu livro “A Origem das Espécies”. Desde então tem havido um esforço faraônico com o intuito de encontrar fósseis que pudessem sustentar a veracidade do gradualismo. Nesta aventura inglória, muitos absurdos foram cometidos, por exemplo, inúmeras falsificações, das quais a mais conhecida, a do homem de Piltdown.

Em consequência disso, qualquer ossinho encontrado em algum lugar remoto, já é motivo de se fazer rolhas, de chamar de maravilhoso, espocar em laboratórios em todo o mundo. E, quando a descoberta vai além de um dente ou de uma mandíbula, nesse caso arrancam-se gritos de “Eureka!” de cem mil gargantas. Assim, não é tão difícil descobrir os motivos pelos quais o fóssil “Ida” se tornou mais popular que muitas estrelas do cinema e da televisão. E o fato de acreditar que tal fóssil seja o elo que mais explicaria a evolução humana, realmente teve um peso enorme em todo esse show. No entanto, quem já bebeu um bom vinho e já leu Shakespeare, sabe que a vida é feita também de ilusão. Todo este espetáculo hollywoodiano, como uma verdade, passará como o vento e evaporará como a neblina...

...mas ainda restará a esperança, que, para um “bom darwinista” sempre é a última que morre.

É isso!



## O darwinismo e suas "Penélopes"

Para quem já leu “Odisséia” de Homero ou já ouvir falar dela, deve lembrar-se da personagem Penélope, filha de Icário e mulher do herói grego Ulisses. Segundo a narrativa mitológica, por acreditar que Ulisses não estava mais no mundo dos vivos, o pai de Penélope aconselhou-lhe que contraísse novas núpcias.

Inicialmente ela retrucou em seguir o conselho, no entanto, decidiu-se por acatá-lo depois de muita insistência por parte do velho. Porém impôs a condição de que isso acontecesse somente depois de terminar de tecer uma colcha de tricô. Contudo, enquanto durante o dia ela tecia a colcha à vista de todos, à noite, sozinha, ela a desmanchava.

O darwinismo é como uma grande Odisséia com suas muitas “Penélopes”. Enquanto durante o “dia” chegam algumas delas para tecer cuidadosamente a enorme “colcha da evolução”, na “calada da noite” vêm outras e a desfaz, talvez por simples ciúmes ou mesmo por birra de não terem sido as primeiras a terem iniciado o belo trabalho em honra do grande herói. É simplesmente espetacular o “sobe-e-desce” no mundo fossilizado de Darwin. No vaivém de “elos” o darwinismo formou uma “colcha” muito imprecisa e cheia de furos. A vontade exagerada de “virar manchete” ou de ser “a nova estrela de Darwin” tem conduzido um bom número de paleontólogos a manipular tendenciosamente os dados fósseis a fim de provar que o rígido e estrito gradualismo de Darwin é a expressão da mais pura verdade. E quando os fatos vêm à tona, junto com eles aparece também o velho e massacrado pretexto “de que é assim mesmo que se faz ciência”. E logo a história se repete como numa infinita Odisséia a la inglesa, na qual o herói em sua “superioridade natural” permanece sempre incólume a qualquer que seja a mácula.

Um caso recente, diz respeito ao famigerado *Ardipithecus ramidus*, apelidado carinhosamente de “Ardi”, que agora faz arder o inferno astral da galerinha de Darwin. Embora as pesquisas ainda não estejam conclusivas, tudo parece conduzir ao rebaixamento de mais um ancestral humano. Pelo menos é o que andam noticiando por aí, por exemplo, o jornal Folha de São Paulo:

**Estudo diz que Ardi, de 4,4 milhões de anos, não é ancestral do homem:**

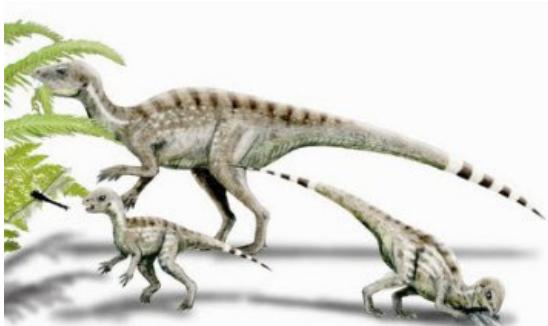
120

“Ironicamente, o “rebaixamento” da espécie de Ardi está sendo proposto nas páginas da prestigiosa revista especializada “Science”, a mesma que alçou a suposta fêmea de hominídeo (ancestral humano) à categoria de descoberta do ano em 2009.” E mais adiante: “Paleoantropólogos ouvidos pela Folha disseram que a crítica tem fundamento.

“Embora o Dr. White e seus colegas tenham descoberto um fóssil fabuloso de grande macaco, tentaram forçar a mão e transformá-lo num hominídeo, coisa para a qual não há base nenhuma”, diz o americano Lee Berger, da Universidade do Witwatersrand (África do Sul).”

É como costumo dizer: “darwinista é como corintiano: sofre muito mas ainda assim continua vestindo a camisa”.

É isso!



## Era uma vez, um Sacisaurus...

Como na conhecida lenda do folclore brasileiro (aquele do menino negro de uma perna só, o saci-pererê, que pita um cachimbo e usa um barrete vermelho, e que faz travessuras tais como amedrontar os viajantes nas matas), mais um elo de transição entra para os anais dos contos de fadas darwinistas. Em 2006 quando foi alardeado

pela imprensa, o *Sacisaurus agudoensis* foi considerado de grande relevância para explicar a origem dos dinossauros. Uma manchete do jornal Folha de São Paulo dizia: "Dino "saci" encontrado no Brasil preenche lacuna na evolução" <sup>121</sup>. Nesta mesma matéria, Farish Jenkins, da Universidade Harvard (EUA), afirmou que "o trabalho é boa ciência... Esse animal é uma bonita transição para uma característica que aparece depois em todos os ornitísquios". O estudo descrevendo a nova espécie foi publicado on-line na revista científica "Historical Biology" e recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo:

### Abstract

*The South American Late Triassic offers the most comprehensive window to the early radiation of dinosaurs. This is enhanced by the discovery of *Sacisaurus agudoensis*, a new dinosauriform from the Caturrita Formation of Brazil. Various morphological features suggest its close phylogenetic affinity to *Silesaurus*, and both may be basal ornithischian dinosaurs. *Sacisaurus* has a pair of elements forming the tip of its lower jaw, hypothesized to be equivalent to the ornithischian predentary. This suggests that during an initial stage of their evolution, those dinosaurs had a paired predentary, which later fused into a single structure. As an originally paired bone, the predentary is comparable to elements that more often form the vertebrate mandible, such as the mentomeckelian bone. Although synapomorphic for ornithischians, the predentary does not seem neomorphic for the group, but primarily homologous to parts of the symphyseal region of the lower jaw of other vertebrates.* <sup>122</sup>

Todavia, o mesmo jornal que proclamou o *Sacisaurus* como algo que "preenche lacuna na evolução", publicou esta semana que: "Um estudo realizado na USP Ribeirão Preto pode inspirar uma tragicomédia em dois atos: "Ascensão e queda de um dinossauro". Ou melhor, de um *Sacisaurus* ("Dinossauro brasileiro descoberto em 2006 sofre rebaixamento" <sup>123</sup>): "Para a minha infelicidade, vou ter de assumir que não dá mais", diz Max Langer, um dos "pais" do Dino".

É por essas e outras que eu me divirto quando a imprensa alardeia esses elos preenchedores de lacunas. Mas, dizem eles: "é assim que se faz ciência".

Enquanto isso, fiquemos na espera dos *Iarasaurus*, *Lobisomesaurus*, *Botosauros*, *Curupirasaurus* e outros tantos "sauros" que porventura aparecerem neste fértil folclore darwinista.

É isso!



## Parecidos, "pero no mucho"...

Há muitos anos li e guardei um artigo de Alexander Cockburn, escrito para o “The Nation” e que fora traduzido para o português pelo jornal o Estado de São Paulo. Nele o autor discorria sobre “um novo embuste científico”, afirmando que: “*Quando as pessoas realmente querem acreditar, elas põem fé em qualquer coisa...*”

No que dizia respeito à credulidade humana, escreveu Cockburn: “*vale lembrar que não estamos tão distantes no tempo dos diários fraudulentos de Hitler, rabiscados por um falsificador com uma tentativa apenas superficial de imitar a letra do Führer*”. O colunista do “The Nation” tratava da questão das falsificações no âmbito da ciência, especialmente no que se referia à busca desesperada pelos fósseis de transição. Sobre a Arqueologia, por exemplo, escreveu: “*Os falsificadores no campo da arqueologia tiram proveito do desejo profundo que temos de conhecer as origens de nossa espécie*”.

Abordou então o autor o já conhecido episódio do famigerado Homem de Piltdown: “*O caso do Homem de Piltdown envolveu um osso maxilar, que supostamente indicava a existência do “elo perdido”. Dos três suspeitos que poderiam haver colocado o osso maxilar de macaco (moderno) na cascalheira e depois tê-lo pego com um grito de surpresa, um era o respeitável professor Arthur Smith Woodward e o outro, um coletor do Museu Britânico, Charles Dawson*”. E continuou: “*Boa parte da análise paleontológica se baseia em especulações completamente infundadas e as técnicas de determinação de idade, incluindo aquele feito com carbono, são muito mais especulativas do que comumente se supõe.*” Agora, a declaração mais “bombástica”: “*Imagino que metade dos ossos desencavados na África oriental e saudados como resquícios da aurora da humanidade tenham sido colocados em seus lugares por lavradores revoltados ou seus patrões ambiciosos, no decorrer dos últimos 50 anos*”.

É isso!

NOVA  
**escola**

Maio 2009

Qual a importância da descoberta do fóssil Ida para o estudo da evolução humana?

sujeita a erros e influências ideológicas diversas.

No que concerne ao darwinismo, é curioso a forma como lidam com a ciência. Geralmente para muitos deles a ciência é uma entidade acima de todas as outras, e que, em alguns aspectos, pode perfeitamente até substituir e suprir a lacuna de uma divindade. No entanto, quando alguma das suas especulações se transforma em fracasso, dizem: “É assim que se faz ciência”. Frases deste teor já se tornaram comum, principalmente quando um glamoroso “elo” é rebaixado à condição de simples fóssil.

Quando se divulgou, por exemplo, o caso do famosíssimo Darwinius masillae, foi um verdadeiro espetáculo mundial. Teve-se a impressão de que um extraterrestre fincou uma bandeira marciana na terra ou que se descobriu a pílula da eterna felicidade. No entanto, assim que a mesma imprensa que o elevou às nuvens fora “obrigada” a trazê-lo de volta a terra, disseram: “É assim que faz ciência...”.

## “Fósseis virtuais”

Pelo o pouco que se conhece de ciência, sabe que não se trata de uma atividade acima de qualquer suspeita, e na qual é possível depositar inteira confiança. Muito pelo contrário, como toda atividade produtiva, a ciência está sempre

Vá lá, que seja assim que se faça ciência, todavia, é preocupante o fato de um estudante realizar uma pesquisa no Google e encontrar uma matéria como a que segue, a qual, além de ter sido publicada num site sobre educação, ainda está repleta de afirmações tendenciosas.

Embora o fiasco evolutivo "Ida" tenha se tornado público, tudo aquilo que foi escrito anteriormente sobre ele ainda continua na Internet e, provavelmente em livros didáticos, podendo tornar-se fonte confiável para muitos estudantes desprevenidos. Penso que seria o caso de editor postar algum alerta em situações como essas, algo do tipo: "Esta informação está desatualizada", ou: "Este elo não é lá uma Mona Lisa" e por aí vai... O importante é que o aluno, ao deparar com um texto deste viés, saiba que a notícia não corresponde à verdade. No caso do livro didático a coisa é um pouco mais complexa, pois, embora possa haver reedições das obras, é fato que as edições anteriores permanecerão nas estantes das bibliotecas por tempo indeterminado e para livre consulta.

É isso!



## "As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental"

Esta famosa frase de Vinícius de Moraes, embora politicamente incorreta, é excelente para explicar a evolução do homem sob a lógica do gradualismo ortodoxo darwinista. E para isso sirvo-me das diversas gravuras, as quais abundantemente povoam o fértil imaginário dos devotos de Darwin.

Se atentarmos bem a árvore genealógica humana, como aquela divulgada na Wikipédia, notamos que a evolução seguiu-se num movimento ou marcha para adiante, sempre progressivamente. O homem, saindo de uma forma menos organizada, avança rumo ao ápice de sua evolução, muito bem refletido no branco europeu, preferencialmente os ingleses com o cérebro superior a 1.500 gramas.

Nos primórdios da Teoria da Evolução, o conceito de "mais evoluído" estava sempre associado à idéia de progresso e civilização. Darwin ao ver pela primeira vez os fueguinos, considerados por eles como selvagens e incivilizados, escreveu: *"Jamais esquecerei o espanto que tive quando pela primeira vez vi uma reunião de fueguinos numa praia selvagem e impérvia, diante da ideia que logo me veio à mente – assim eram os nossos antepassados. Esses homens estavam completamente pelados e tinham o corpo pintado, com os longos cabelos emaranhados, as bocas espumavam de excitação e tinham uma expressão selvagem, apavorada e cheia de suspeita. Malmente tinham alguma arte e viviam como animais selvagens daquilo que conseguiam capturar e eram impiedosos com o que não fosse da sua tribo. Quem tiver visto um selvagem em sua terra nativa não sentirá muita vergonha se for constrangido a reconhecer que em suas veias corre o sangue das mais humildes criaturas"* ("A Origem do Homem e a Seleção Sexual.")<sup>124</sup>

Outro aspecto interessante sobre esta questão, refere-se à evolução em termos de estética. A beleza vai progredindo segundo o aumento da inteligência e o desenvolvimento do cérebro (na época de Darwin, por exemplo, era muito comum ligar-se o tamanho do cérebro ao nível de inteligência da pessoa. Paul Broca e Francis Galton sabiam que alguém era civilizado baseando-se no peso e na dimensão de sua cachola).

De Lucy até Emma, a beleza passou por pequenos e variados estágios. Quanto mais antiga é a espécie de hominídeo, mais esteticamente feia ela vai se representar nas gravuras. À medida que se aproxima a civilização, as feições vão ganhando contornos mais harmoniosos, ao mesmo tempo em que se distanciam de suas primitivas características simiescas. Até que o homem, por fim, consegue chegar ao topo da civilização, ao cimo da evolução: Inglaterra e Charles Darwin!

É isso!



## "A corrida dos fósseis"

Segundo matéria do jornal Folha de São Paulo <sup>125</sup>, a casa de leilões Sotheby's negociou, em Paris, 11 lotes de fósseis brasileiros que, de acordo com o órgão do governo federal que autoriza as extrações, saíram de forma ilegal do país. Além de insetos, peixes e plantas, o conjunto tinha um valioso crânio completo do pterossauro *Ludodactylus sibbicki*, o único conhecido com cristas e dentes. O valor estimado do crânio do pterossauro, segundo o jornal, estava, na época, entre 50 mil e 70 euros, algo em torno de R\$ 115 mil e R\$ 161 mil.

Lendo tal notícia, imediatamente me veio à mente a famosa fraude do dinossauro-pássaro <sup>126</sup> (o Archaeoraptor), que se tornou pública em 2001. Um fóssil retirado ilegalmente da China foi vendido por US\$ 80 mil ao artista plástico americano Stephen Czerkas, que conseguiu a “proeza” de fazê-lo capa da até então prestigiada revista “National Geographic”, em novembro de 1999: “O caso era sensacional: um fóssil de dinossauro descoberto na China apresentava uma “combinação dramática” de características de pássaro e de dromeossauro, um dino carnívoro. Era, definitivamente, o elo perdido entre aves e répteis. Em outubro do ano passado, no entanto, a revista foi forçada a admitir que havia comprado gato por lebre. Descobriu-se que a tal “combinação dramática” não fora moldada pela evolução, e sim por contrabandistas de fósseis chineses. Para elevar o valor de mercado da peça, eles juntaram metade do corpo de um pássaro fóssil com a cauda e as patas traseiras de um dromeossauro.”

A “corrida dos fósseis” (parafraseando a famosa “corrida do ouro”) há muito se transformou num verdadeiro negócio da China. Recentemente descobriu-se que das 41 espécies de vertebrados terrestres extintos já descobertas no Araripe, 21 têm seus exemplares de referência armazenados em museus do exterior, consequência do comércio ilegal de fósseis <sup>127</sup>. Em maio deste ano, uma empresa goiana extraiu e comercializou <sup>128</sup>, segundo o Ministério Público Federal, centenas de toneladas de fósseis de uma unidade de conservação que é considerada por paleontólogos uma das mais importantes do mundo.

Muitos outros casos podem ser citados. Por exemplo, em 2007, a alfândega francesa apreendeu no aeroporto Charles de Gaulle <sup>129</sup>, em Paris, um carregamento de oito fósseis de mesossauro - um réptil marinho de 250 milhões de anos - extraídos ilegalmente do Brasil. As peças estavam em um carregamento de bíblias e foram avaliadas em 100 mil euros (cerca de R\$ 295 mil). Em 2004, cerca de dois mil fósseis de plantas e animais foram apreendidos pela Polícia Federal dentro do Museu de Paleontologia “Força da Terra”, em São Paulo. De acordo com a Polícia, dentre os fósseis apreendidos <sup>130</sup>, alguns custavam em torno R\$ 100 mil no mercado. Um fóssil de pterossauro do Araripe, no Japão, pode custar até US\$ 80 mil.

Até pessoas que não são do “ramo” também se aventuram nesta “prodigiosa corrida”. Este foi o caso de um advogado paranaense que, em 2003 passou a vender pela Internet ovos fossilizados de hadrossauro<sup>131</sup>. Ele conseguiu vender para um chinês quatro ovos, com preços entre R\$ 990 e R\$ 1.100.

Por tudo isso e muito mais, conclui-se que a corrida dos fósseis, além de um negócio da China, é também, como diria um saudoso darwinista, “o segredo do negócio da paleontologia.” Um mercado, sem dúvida, muito “promissor”!

É isso!



## O "dente de coelho" da evolução

Ora, vejam só!

Alguns simples dentes de macacos, datados de 38 milhões de anos, trouxeram novos questionamentos acerca da verdadeira origem do homem: África ou Ásia?

As recentes pesquisas realizadas na Birmânia e na Tailândia por Jean-Jacques Jaeger, da Universidade de Poitiers (França),

colocaram em xeque as tradicionais explicações sobre a origem africana do homem<sup>132</sup>.

Bem. Levando em conta a história pregressa da paleontologia, não se deve dar muito crédito a este tipo de especulação, afinal já é notório o famigerado caso do *Hesperopithecus*, cujo “personagem” principal foi exatamente um dente!

Se o homem se originou na Ásia ou na Bahia, isso não me parece relevante. O fato, porém, é que a origem do homem na África serviu muito bem aos interesses ideológicos dos antigos defensores da eugenia. A avançada Europa dos brancos contrastava com a “incivilizada” África dos negros, o que, na mentalidade daqueles intelectuais racistas, significava que o africano ainda precisava “evoluir muito” para alcançar o “grandioso” progresso do “civilizado europeu.” O *apartheid* tipifica um pouco esta lógica baseada no diferencial de “raça.” Aqui cabem algumas perguntas: que mudanças haveria na estrutura social dos povos africanos, caso se encontrasse uma prova definitiva de que aurora da humanidade teve seu início na África? Isso acarretaria em algum benefício prático para os etíopes, por exemplo? Haveria um movimento mundial a favor do perdão da dívida para os países daquele continente? As grandes nações traçariam um plano para completa extinção da miséria entre seus habitantes?

Definitivamente, não!

A questão é puramente especulativa, servindo para consolidar alguns de velhos dogmas evolutivos, além, é claro, de ser útil para manter a boa vida daqueles que fazem da “evolução” o seu “pão-nosso-de-cada-dia.”

É isso!



## “Mais cedo do que se pensava”

Foi publicado um estudo na revista “Science” com descobertas relacionadas ao domínio das técnicas de afiar pedras por parte dos homens pré-históricos do sul da África. O estudo realizado na caverna de Blombos, África do Sul, chegou à inusitada conclusão de que este importante evento deu-

se há pelo menos 75 mil anos, ou seja, “50 mil anos mais cedo do que se pensava até o momento.”

Segundo a curadora do Museu de História natural da Universidade de Colorado<sup>133</sup>, Paola Villa, a descoberta é importante porque mostra que os humanos modernos daquela região tinham um repertório sofisticado de técnicas para afiar ferramentas de pedras desde bem cedo. Para a realização do estudo, os pesquisadores analisaram 159 pontas e fragmentos de silcreto, além de 179 peças trabalhadas e 700 escamas (placas) esculpidas por amolação.

As oscilações observadas neste tipo de estudo são simplesmente fantásticas. Um dente, uma mandíbula, um fio de cabelo etc. podem ser decisivos para mudar o rumo da história da evolução humana. Com isso, ganham as editoras, que terão de reeditar os livros com as novas estimativas, e os professores de Darwin, que terão muito mais assunto para continuar enchendo suas “línguiças evolutivas.”

É isso!



## Os fósseis não falam...

As grandes agências de propaganda têm muito que aprender com os marqueteiros darwinistas. Isso fica bem evidenciado quando trazem ao público qualquer descoberta de fóssil, que logo é convertida numa epopéia digna de uma grande produção de Hollywood!

Houve uma época em que alguns deles conseguiram a proeza de transformar um simples dente de uma espécie de porco já desaparecida num “perfeito” elo de transição! E, já há um bom tempo, a propaganda darwinista exibiu com grande ostentação o famigerado celacanto (uma espécie de peixe), apresentando-o como uma forma transicional pelo fato de ter nadadeiras ósseas, porém quando foi descoberto um espécime vivo, constatou-se que o peixe não usava tais nadadeiras para andar ou levantar-se. Especulações semelhantes ainda giram em torno de outro “garoto-propaganda”, o *Tiktaalik roseae*!

A busca por fósseis que pudessem fornecer os indícios necessários para provar as teses de Darwin sempre foi uma das grandes utopias da “linha de frente evolucionista.” Daí as muitas alterações de dados e crassas falsificações, como a do Homem de Piltdown, o homem do Nebraska, o Archaeoraptor, entre outras...

A realidade, no entanto, é que até o momento nenhum dos fósseis apresentados pelos darwinistas foi suficiente para demonstrar uma sucessão evolutiva gradual nos estratos uniformes nos diversos períodos e eras geológicas. Todos os registros fósseis trazidos à tona até o momento foram imperfeitos (o que é de praxe dos fósseis). Eles são o que dizem ser, fundamentalmente pelas interpretações dadas por aqueles que os “interpretam.”

Aqui cabe um dado de extrema importância. Em seu livro “A Falsa Medida do Homem”, Stephen Jay Gould apresenta inúmeros exemplos de como a subjetividade orientada para a obtenção de resultados preconcebidos foram importantes para que muitas teorias raciais fossem tidas como à prova de qualquer refutação. Neste caso não se tratavam de falsificações, mas de interpretações que justificavam as conclusões pretendidas. Ou seja, quando se quer a todo custo encontrar “provas” que corroborem o que se busca, de algum modo tais “provas” serão “encontradas.”

Entre outros exemplos, Gould faz menção de Paul Broca, que, através da medição de crânios de diversos povos chegou à “conclusão irrefutável” de que os negros, os índios, as mulheres etc., entre outros grupos, eram “comprovadamente” inferiores ao homem branco europeu. Sobre ele, escreve esse autor: “*Broca acreditava, presumo, que com sinceridade, que só obedecia aos fatos, e que seu êxito na confirmação das hierarquias tradicionalmente aceitas era o resultado da precisão de suas medições e do cuidado com que estabeleceria procedimentos passíveis de repetição.*”<sup>134</sup>

Por tudo isso, pode-se aventar que situação semelhante tem grande probabilidade de estar ocorrendo, hoje, no âmbito da teoria darwinista, especialmente no que concerne às interpretações dadas aos muitos fósseis que se nos apresentam. Diante disso, pergunto: até que ponto idéias preconcebidas não foram preponderantes para que se chegasse à conclusão de que o homem de Neanderthal não seja de fato um homem moderno? Até que ponto a diferença genética de 0,5% que diziam nos separar dele não é, na sua essência, fruto da vontade de se querer ajustar as coisas a um determinado ponto de vista ideológico. Sim, porque, afinal, os fósseis não falam!

É isso!



## Questionar também é humano!

“Cada macaco no seu galho”, diz o provérbio popular. Mas, como “macaco velho não mete a mão em cumbuca”, reservo-me assim no pleno direito de questionar as “verdades” estabelecidas, bem como exercer minha total liberdade de desconfiar das novidades que rotineiramente são divulgadas pela mídia sob o reforço da autoridade de um cientista.

Segundo o site *Live Science*<sup>135</sup>, pegadas de um bebê brontossauro (dinossauro saurópode) foram encontradas nas proximidades da cidade de Morrison, no Colorado (EUA).

Bom. Até aí sem grandes dilemas. O que me intriga mesmo neste tipo de pesquisa são algumas das deduções que se extraem a partir de dados tão claramente imprecisos. Mesmo levando em conta que se utilizou o método científico na realização do trabalho, ainda assim o resultado parece apontar para uma grande “forçação de barra.” Por exemplo:

1. O bebê brontossauro pisou ali há 148 milhões de anos;
2. Tinha ele o tamanho de um cachorro pequeno, do tipo *pug*;
3. Mui provavelmente ele estaria correndo em baixa velocidade naquele momento;
4. As pegadas apontam ainda para um brontossauro adulto, possivelmente pai ou mãe do bebê.

Ora, se errar é humano, questionar não seria menos que isso. Pesquisas deste viés sempre deveriam vir acompanhadas de um alerta, do tipo daquele utilizado pelo Ministério da Saúde nas embalagens de cigarros. Sim, afinal, se já é complicado detalhar o que aconteceu ontem, que se dirá de eventos que vão muito além de Matusalém!

É isso!



## O homem e sua origem confusa

O texto, a seguir, de autoria de Yves Coppens, escritor, paleontólogo e professor do Collège de France, autor de "Prémices", foi compilado por mim do jornal "O Estado de São Paulo", edição de 10 de setembro de 1995. A

franqueza do autor no que tange às dificuldades para se entender a origem do homem, chama atenção pelo fato de ser ele um darwinista, pois como é notório, grande parte dos defensores da Teoria da Evolução são incapazes de admitir sequer uma única falha em seus postulados, os quais parecem estar à prova de qualquer refutação. No darwinismo as "certezas" costumam ser tão "óbvias", tão "verdadeiras" e tão "reais" que a atitude deste paleontólogo, pelo menos neste caso específico, é um exemplo que merece ser divulgado. Eis o texto:

### ***O homem e sua origem confusa***

Por: Yves Coppens

*"A origem do ser humano é uma verdadeira confusão. Graças às descobertas da paleontologia, hoje se sabe que os ancestrais do homem são os australopithecus, um tipo de "primata" hominídeo que já se comporta em alguns aspectos como humano, mas ainda possui características de macaco. Entretanto, quanto mais fósseis são encontrados, mais confrontamos com primatas diferentes: Australopithecus afarensis, ramidus, ethiopicus, boisei, africanus e agora um novo, o mais jovem da família, descoberto graças a uma de nossas escavações, e que data de mais de 3 milhões de anos. Gente demais.*

*O mesmo acontece com os primeiros homens, os verdadeiros. Em 1964, considerávamos o mais antigo de nossos ancestrais o Homo habilis. Depois foi encontrado outro, Homo rudolfensis, que não é idêntico ao primeiro. Em seguida ainda outro, Homo ergaster, distinto dos dois precedentes... Hoje estamos diante de uma multidão de personagens e não sabemos como estabelecer a relação entre eles. Já que os primeiros seres humanos surgiram na mesma região dos australopithecus, deduzimos que são descendentes dos mesmos. Mas qual australopithecus corresponde a qual homem? Quem dá origem a quem? Lancemos uma nova questão: os últimos australopithecus são contemporâneos dos primeiros homens. A árvore genealógica das espécies não pára de se ramificar e nossa filiação torna-se um verdadeiro quebra-cabeça.*

*E esse mistério que nos leva a investigar o mecanismo da evolução. Constatamos que num ambiente idêntico todas as espécies evoluem no mesmo sentido – precisamente em direção à adaptação a esse meio. Segundo a teoria darwinista – que até hoje é de certa forma aceita – alguns sofreriam mutações genéticas que se produziriam por acaso e muitas delas lhes proporcionariam alguma vantagem para que a sua sobrevivência fosse possível nesse novo ambiente. Com o passar das gerações e gerações, essa nova espécie se imporia, selecionada pelo próprio meio em que vive.*

*Mutações – Particularmente, essa teoria não me convence muito. No entanto, o fato de tais mutações vantajosas acontecerem sempre no momento mais oportuno chama a atenção. Correndo o risco de causar controvérsias entre os biólogos, e sem retornar à teoria de Lamarck, acho que é preciso levantar algumas questões sobre o mecanismo de registro genético de algumas transformações ambientais.*

*De qualquer forma, o acaso é responsável por transformações oportunas demais para se acreditar...*

*Grande mistério – O surgimento de um primata que utiliza as pedras para fabricar utensílios, primeiro ocasionalmente, depois com mais freqüência, até formar uma cultura própria, ou melhor, desenvolver a consciência que termina por criar um ambiente cultural, também é, a meu ver, um grande mistério. Partimos de um ser instintivo, sem liberdade individual, e obtemos um homem que conquista a liberdade de*

*ação e um livre arbítrio graças ao conhecimento adquirido e transmitido... O desenvolvimento técnico e cultural ultrapassa o desenvolvimento biológico... Como é possível? Por quê? Os artistas da arte parietal utilizavam linhas sutis para que as pinturas pudessem durar, o que significa que eles eram dotados, por exemplo, da capacidade de pensar no futuro.*

*Ao observarmos a história da vida no decorrer de milhares de anos, essa organização do mundo que se torna a cada dia mais complexa, com o homem habitando seu planeta no meio de uma pequena galáxia, é difícil imaginar que tudo isso seja vazio de significado. E isso deveria nos estimular a olhar o mundo a uma certa distância, se é que podemos nos pôr assim, no espaço, no tempo e na mente.*"<sup>136</sup>

É isso!



## Desarmaram a pobre Lucy!

Tempos atrás o site “Ciência Hoje” divulgou uma matéria que tinha por título: “Lucy e suas ferramentas.” Observe o que diz o texto:

*“Eram dois ossos fossilizados de grandes mamíferos: um pedaço de costela e um trecho de um fêmur. Os depósitos vulcânicos onde foram encontrados em Dikika, na Etiópia, indicam que são de 3,42 a 3,24 milhões de anos atrás. Mas o fator decisivo para a descoberta foram as falhas em suas superfícies: marcas de cortes, talhos e golpes, que não poderiam ter sido feitos por outros animal nem pelas mãos humanas.*

*A conclusão dos pesquisadores – liderados por Shannon McPherron, do Instituto de Antropologia Evolutiva Max Planck, na Alemanha, e Zeresenay Alemseged, da Academia de Ciências da Califórnia – é que estavam diante de ossos de animais que serviram de jantar aos Australopithecus afarensis.*

*As marcas teriam sido deixadas por instrumentos de pedra, usados para raspar a carne do osso e tirar a medula de seu interior, também para a alimentação. De acordo com o estudo, é a primeira evidência de que os australopitecos usavam ferramentas, e também que comiam carne.”<sup>137</sup>*

E ênfase para:

*“Agora, quando imaginamos a Lucy caminhando pela paisagem do leste africano em busca de comida, pela primeira vez podemos imaginá-la com uma ferramenta de pedra na mão, e procurando carne”, disse o arqueólogo Shannon McPherron, em comunicado do Instituto Max Planck.”*

Pois bem. Alguns meses se passaram e, pobre Lucy, tiraram-lhe sua preciosa arma.

Segundo matéria publicada no jornal espanhol “El Mundo”<sup>138</sup>, sob o título: “La 'Australopithecus' Lucy pierde su cuchillo para la carne”, é afirmado que a espécie Australopithecus afarensis, conhecida por Lucy, perdeu sua capacidade de fazer ferramentas. Um estudo realizado por um arqueólogo espanhol levou à bancarrota uma pesquisa publicada na revista Science, a qual assegurava que tais hominídeos, os quais teriam vivido há 3,5 milhões de anos, eram capazes de usar pedras como ferramentas para obter carne.

O novo trabalho liderado por Manuel Domínguez-Rodrigo, diretor do projeto espanhol paleoantropológico em Olduvai (Tanzânia), concluiu que as marcas dos ossos nada mais eram do que pisoteios de animais, em vez de uma atividade para obtenção de carne.

E enfase para:

*"Vistas por el microscopio, encajan a la perfección con otros huesos pisoteados, hasta el punto que cualquier alumno mío puede verlo. Así que, de momento, no podemos retrasar un millón de años la capacidad humana de hacer herramientas. Sigue estando relacionada con la necesidad de consumir más carne debido a que el cerebro era más grande, y eso se sabe que ocurrió hace 2,5 millones de años», explica el científico."*

Pois é. O que seria dos bolsos e das contas-correntes de muitos desses cientistas do ramo da paleontologia se não fosse esse tipo de especulação? Teoria da conspiração? Vá lá, que seja, porém, não há dúvidas de que o negócio realmente dá dinheiro.

É isso!



## Homem de Piltdown: Relembrando a grande fraude

Quem já não leu alguma cousa sobre este famigerado "ser"?

Entre todas as fraudes perpetuadas no âmbito da Teoria da Evolução, ele é o mais citado, o mais discutido e, talvez, o mais controvertido de todos eles. Em qualquer acalorado debate do tipo Criacionista vs Evolucionista, o Piltdown será sempre peça-chave. Na "galeria" de fraudes apresentadas pelos criacionistas contra a Teoria da Evolução, ele figura como o primeiro e o mais representativo entre todos. Ao mesmo tempo em que ergue o brio dos religiosos na

"luta contra Darwin", também suscita grande ódio por parte daqueles que professam uma crença arraigada nas idéias do naturalista inglês.

E, para discorrer sobre o assunto, selecionei duas obras de dois autores darwinistas, ambos de grande influência no meio acadêmico. O primeiro, Stephen Jay Gould, o outro, o brasileiro Newton Freire-Maia.

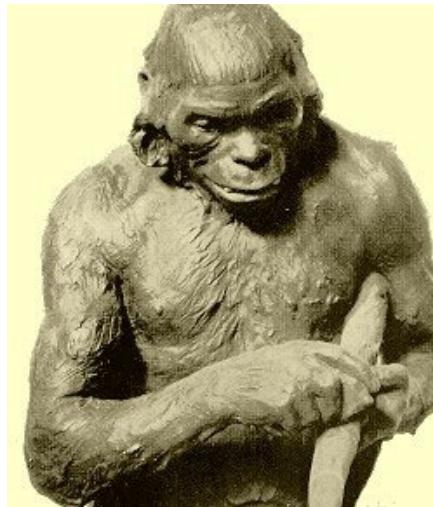
Vejamos então o que cada um desses autores tem a dizer sobre o famigerado "Homem de Piltdown"...

Primeiro uma síntese da visão de Gould sobre a questão, no "pós-escrito" do capítulo "Piltdown revisitado" ("O Polegar do Panda"):



*"Acredito agora que o exame das provas implica clara mente Teilhard como cúmplice de Dawson no conluio de Piltdown... Teilhard inicia a carta exprimindo satisfação. "Felicitó-o sinceramente pela solução do problema de Piltdown... fundamentalmente suas conclusões me agradam, embora, sentimentalmente falando, destruam uma das minhas mais brilhantes e recentes memórias paleontológicas."*

Teilhard prossegue com suas ideias sobre o "enigma psicológico" (ou quem-fez-isso). Concorda, como todos os outros, em descartar Smith Woodward, mas também recusa implicar Dawson, escudando-se no seu conhecimento do caráter e das capacidades deste último: "Era um sujeito metódico e entusiástico ... Além disso, sua profunda amizade para com Sir Arthur torna quase impensável que ele tenha sistematicamente enganado seu sócio durante vários anos. Quando estávamos no campo, nunca reparei nada de suspeito no seu comportamento." Teilhard termina sugerindo, indiferentemente à sua própria confissão, que o caso poderia não ter passado de um acidente, originado por um colecionador amador que teria lançado fora alguns ossos de macaco num fosso que também continha alguns fragmentos de crânio humano (embora Teilhard não nos diga de que maneira uma hipótese dessas poderia explicar a mesma associação, a duas milhas de distância, no segundo sítio de Piltdown)." <sup>139</sup>



E agora o caso contado por Newton Freire-Maia:

"A história toda começou em meados de 1912, quando um advogado que, como amador, também era arqueólogo e geólogo (Charles Dawson), levou a um reputado cientista do Museu de História Natural, em Londres (A. Smith Woodward), alguns fragmentos de crânio humano de cor marrom, dentes fossilizados de hipopótamo e elefante, e grosseiros artefatos de pedra. Tinham sido encontrados, segundo informação do geólogo amador, por operários que faziam escavações com o fim de obter cascalho para a construção de estradas em Piltdown.

[...]

Em dezembro do mesmo ano, o primeiro trabalho sobre o assunto atingiu a comunidade científica: foi apresentado em co-autoria dos dois ingleses, durante uma reunião da Geological Society de Londres.

[...]

Nos anos subsequentes, Dawson continuou a escavar nas vizinhanças do local, tendo encontrado mais fósseis e implementos semelhantes. Apesar do suposto predecessor do Homem moderno ter características que destoavam totalmente dos demais fósseis até então conhecidos, o fato de apresentar grande desenvolvimento craniano ao lado de uma mandíbula evolutivamente atrasada atendia a aspirações de um grupo de cientistas: a evolução humana teria se dado, inicialmente, pelo cérebro, só mais tarde tendo atingido o maxilar inferior. Se bem que, para outros cientistas, a associação, num mesmo indivíduo, de um crânio "humano" com uma mandíbula simiesca não parecesse absurda, surgia, no entanto, como muito pouco provável. O mais razoável seria aceitar como artificial a reunião estranha que levou à criação do "Homem de Piltdown"; ali deveria haver parte de Homo e parte de um macaco antropóide. O mais célebre defensor dessa posição, já em 1915, foi o grande paleontologista francês Marcellin Boule.

[...]

Com a descoberta de fósseis mais antigos, verificou-se que o Homem de Piltdown era mesmo uma excrescência: não cabia em lugar algum. Esses novos fósseis mostravam crânios menos humanizados e mandíbulas mais humanizadas. A única hipótese cabível seria admitir duas (ou mais) linhas evolutivas para que, numa delas, se pudesse encaixar aquele estranho fóssil.

[...]

Por volta de 1949 havia sido desenvolvido um método de datação baseado no fato de que ossos enterrados absorvem flúor do solo e que a quantidade absorvida aumenta com o tempo durante o qual permaneceram sotterrados. Esse método é de tal forma seguro que, quando numerosos ossos são encontrados juntos, o teste do flúor diz claramente quais são os mais velhos. Aplicado o método aos ossos de Piltdown, verificou-se algo extraordinário: tanto o crânio como o maxilar inferior do suposto *Eoanthropus* continham apenas traços de flúor, enquanto que os demais fósseis (de elefante e hipopótamo) possuíam grandes quantidades. A redução da idade do suposto fóssil de 500.000 anos para talvez não mais de 50.000 tornou-se um absurdo evolutivo: não tinha ancestrais, não produzia descendentes, não podia representar um animal pré-humano (pois *Homo sapiens* já existia naquela época), não poderia ser um macaco (seu crânio era humano e nunca houve macacos por ali) e não poderia ser um Homem (sua mandíbula era de macaco)!

O assunto voltou a ser reconsiderado em 1953. Sabia-se que havia uma importante característica humana nos dentes supostamente de macaco e esse fato sustentava a hipótese de que fósseis que apresentassem traços de ambos só poderiam ser restos de formas intermediárias. Mas havia ainda a possibilidade de que as características "humanas" tivessem sido deliberadamente dadas a dentes de macacos atuais. Essas características representavam apenas uma forma especial de desgaste — e, obviamente, desgastar um dente de um modo especial é tarefa que um especialista pode fazer com facilidade. E o aspecto de "fósseis" que as peças apresentavam? A única explicação seria que elas teriam sido artificialmente pintadas com uma cor especial. Análises químicas revelaram que a mandíbula e os dentes continham uma quantidade de nitrogênio e de carbono orgânico igual à de materiais modernos. A calota craniana continha muito menos. Outras análises químicas e a microscopia eletrônica confirmaram que o maxilar inferior era moderno e havia sido colorido artificialmente para se parecer com a calota craniana. Examinou-se o material sob o aspecto anatômico e suas conclusões superpuseram-se às da Química e da Microscopia.

Em 1913, um exame radiográfico da mandíbula parecia revelar que as raízes dentárias eram curtas demais para serem de macaco. Em 1953, novas radiografias mostraram que elas se mostravam muito mais longas do que se pensou — exatamente como acontece nos macacos modernos. Além disto, um estudo mais profundo revelou, sem sombras de dúvida, o que já se suspeitava: o desgaste encontrado nos dentes tinha uma posição que não é natural e, por isto, deveria ter sido artificialmente produzido, isto é, não era resultante da mastigação. O microscópio ainda revelou que esse desgaste compunha-se de "arranhões" que só poderiam ter sido provocados por algum abrasivo. Mais ainda: material plástico tinha sido posto no canal do canino para diminuir-lhe o tamanho. Esse fato, não revelado pela radiografia antiga, tornou-se claro com radiografias de 1953, realizadas num ângulo mais conveniente.

Verificou-se, então, que a mandíbula, já sabidamente de macaco moderno, deveria ter vindo de um orangotango. Experiências de simulação foram feitas com dentes desse animal e eles se mostraram iguais aos supostos "fósseis". Com esses artifícios, foram reproduzidos o maxilar inferior e um canino do suposto *Eoanthropus*. Chegou-se até a suspeitar de que o "Homem" de Piltdown era, pela mandíbula, um orangotango fêmea e jovem. Faltava desmascarar os implementos e os fósseis de animais encontrados junto a *Eoanthropus*. Os instrumentos de silex representavam lascas grosseiras que poderiam

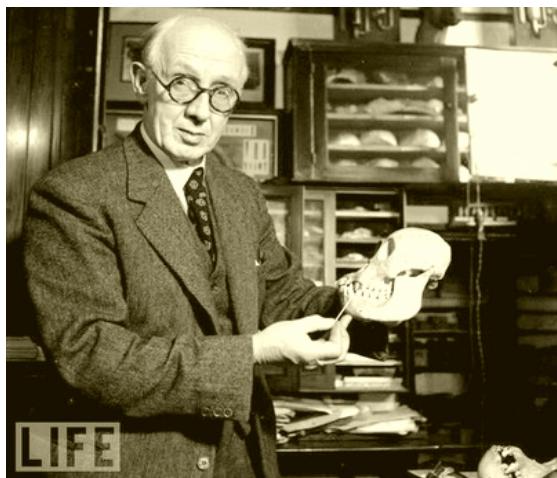
*ter qualquer idade, mas possuíam cor avermelhada tal como a pedregulho do local; haviam sido tingidos artificialmente tal como revelaram a análise espectrográfica e os testes químicos. Aliás, a cor dos implementos era apenas superficial, bem diferente das pedras do local que têm a mesma cor mas não apenas na superfície. Havia também, junto aos “fósseis”, um implemento feito com ossos de elefante e dotado de uma extremidade em ponta. Verificou-se que essa ponta só poderia ter sido preparada com uma moderna faca de aço; com algo de pedra, teria sido impossível. O teste do flúor revelara que o osso era realmente um fóssil, mas a análise acima referida havia mostrado que quem o havia trabalhado (com uma faca de aço) deveria ter sido um Homem moderno.*

*O estudo sobre os restos de outros animais encontrados perto de *Eoanthropus* revelou que eram realmente fósseis mas tinham sido igualmente tingidos e deveriam ter sido trazidos de outro local para compor a cena da presença de *Eoanthropus* no mesmo Sítio. De que local? A resposta mais segura é que deveriam ter vindo de alguma coleção de fósseis estrangeiros. Finalmente, os crânios (isto é, os fragmentos deles). O primeiro parece ser um “espécime patológico” talvez obtido em algum túmulo antigo. O segundo é possivelmente um pedaço do primeiro (guardado para ser usado mais tarde). Ambos teriam sido devidamente tingidos para simular pertencerem ao local.*

[...]

*E assim termina a triste história. A descoberta da fraude se deve a três cientistas – Kenneth P. Oaley, Weiner e Sir Wilfrid Le Gros Clark.*"<sup>140</sup>

É isso!



## Pra não esquecer o Piltdown

A famigerada farsa do Homem de Piltdown teve seu enlace em 1953, quando descobriram que o deslumbrante “elo” era apenas uma montagem feita a partir de uma mandíbula de um símio com partes do crânio de um homem.

Tenho aqui em mãos um “fóssil literário”, uma raridade intitulada “A Gênese da Humanidade”<sup>141</sup>, de C. Arambourg (professor no Museu de História Natural de Paris), publicado em Língua Portuguesa no ano de 1950, pela antiga Publicações Europa-América (e na França, em 1948). Ou seja, 5 anos antes da farsa vir a público.

O trecho a seguir, não obstante traga em si indícios de suspeita sobre a veracidade do fóssil, está incluso no livro com objetivo de explicar como se deu o surgimento do homem. Não deixa também de ser interessante pelos nomes envolvidos na trama, sobretudo para aqueles interessados na história da ciência:

### **Os fósseis de Piltdown (*Eoanthropus dawsoni*)**

*“Trata-se de diversos restos ósseos descobertos na Inglaterra, no condado de Sussex, ao norte de Newhaven, em dois pontos diferentes de uma mesma formação geológica. Numa primeira jazida encontraram-se alguns fragmentos de caixa craniana, um fragmento de mandíbula com dois pré-molares no seu lugar e um canino inferior isolado; todos estes vestígios foram sucessivamente recolhidos por C. Dawson e Smith Woodward com intervalos de meses ou anos, mas na vizinhança uns dos outros. Uma*

segunda jazida afastada alguns quilômetros da primeira forneceu mais tarde outros fragmentos de um segundo crânio com um molar isolado.

A formação geológica que contém todos estes restos é uma mistura de areia e cascalho pouco espessa, cobrindo uma superfície topográfica situada a cerca de 25 metros acima do talweg dos vales correspondentes. Esta camada de cascalho e areia encerra uma fauna onde os calhaus rolados atestam o desmantelamento de formações mais antigas da idade pliocênica, assim como na indústria de lascas do tipo clactonense-levalloisense. Mesmo que se admita que estas camadas não sofreram modificações posteriormente à sua formação (o que não é absolutamente seguro), a sua idade continua ainda incerta porque tem sido, conforme, os autores, atribuída ao 1º, 2º ou 3º interglaciares; a indústria que contém apoia tipologicamente a segunda opinião.

Os vestígios ósseos humanóides, que daí provêm, apresentam uma associação de caracteres bastante paradoxal: enquanto que a caixa craniana reconstituída se aproxima da dos homens atuais, a mandíbula e a dentição são perfeitamente simiescas. As controvérsias, que desde as primeiras descobertas opuseram entre si os mais eminentes antropologistas, diziam, também, respeito à contemporaneidade de todas estas peças, à sua antiguidade e idade real e sobretudo à atribuição a um mesmo indivíduo e a uma mesma espécie do crânio e da mandíbula encontrados na primeira jazida. No seu livro sobre Os Homens Fósseis, Boule discutia longamente estes diversos pontos de vista; não tendo surgido depois dessa obra recomendamos esse trabalho para quem queira mais amplos esclarecimentos.

Foram tentadas várias reconstituições do primeiro crânio por diversos autores: Smith Woodward, E. Smith, A. Keith, Weinert. Todos diferem entre si sobre vários pontos, mas todos estão de acordo em revelar que se trata de um crânio que se assemelha em muitos pontos de vista ao do *Homo sapiens* atual: pela forma geral, pela capacidade de 1.350 c. c. pelo perfil frontal e occipital pela ausência de tórus circum-orbital e estrutura da região temporal e mastóidea, etc. Em contrapartida, a moldagem endocraniana revela, segundo Elliot-Smith, caracteres primitivos e simiescos absolutamente surpreendentes. Enfim, todos os ossos são particularmente espessos e maciços como nos antropóides e nos homíneos primitivos.

A mandíbula apresenta um enorme canino saliente, urna região sinfisária longa e fortemente inclinada para trás, assim como uma série dental retilínea, formada por molares alongados, idênticos, na sua estrutura, aos dos chimpanzés; o aspecto geral desta mandíbula é nitidamente antropóide e, como o fez notar Boule, se tivesse sido encontrada isolada, ninguém teria discutido a sua atribuição a um antropóide do Quaternário. Há, também, autores que pensam que esta mandíbula não pertence ao crânio com o qual foi encontrada; foi a primeira opinião de Boule; é a de Miller, de Gregory e este propôs o nome de *Pan vetus* para designar o chimpanzé fóssil a que teria pertencido. Mas não é essa a opinião de Smith Woodward, de Keith, nem, também, de Boule, para os quais crânio e mandíbula pertencem a um único e mesmo ser de caracteres mistos.

Os restos do segundo crânio, descobertos a alguns quilômetros do primeiro, compreendem em particular um fragmento de frontal que (partindo do princípio que é da mesma idade que o outro), confirma a ausência de viseira supra-orbital já observada no anterior. Um pré-molar encontrado ao mesmo tempo é do mesmo tipo que os da primeira mandíbula, o que favoreceria a opinião de Smith Woodward.

Seja como for, as diversas tentativas de reconstituição, de que se tratou, fizeram salientar, conforme as tendências dos seus autores, ou os caracteres "humanos" do fóssil de Piltdown ou, pelo contrário, os seus caracteres «primitivos». A atribuição da mandíbula chimpanzóide continua a ser a grande dificuldade; dois pontos de vista se apresentam irreconciliáveis: 1º o ponto de vista que, fazendo abstração da mandíbula, quer ver no "Homem de Piltdown" um precursor direto do *Homo sapiens* representando um ramo distinto dos Pithecantropídeos e dos Neandertalenses; 2º o ponto de vista para o

*qual a associação de uma morfologia craniana humana com dentição e cérebro humanos pertence à mesma ordem dos factos observados nos Pithecantropídeos onde uma morfologia craniana primitiva se alia a uma dentição e membros humanos.*

*Por agora, o enigma de Piltdown continua, a controvérsia prossegue e durará, talvez, muito tempo ainda, até à descoberta de documentos mais completos e datados com mais certeza*” (p. 103-105).

É isso!



## Dúvida sobre as dúvidas

O texto a seguir, de autoria de Alexander Cockburn, foi traduzido e publicado pelo Jornal Folha de São Paulo em 02 de abril de 1995. O texto publicado inicialmente no “The Nation” colocava em dúvida a veracidade das pinturas pré-históricas encontradas na França em 1994. Embora passados muitos anos, alguns temas relacionados ao texto continuam bem atuais, por exemplo: as dúvidas sobre as descobertas e as dúvidas sobre aqueles que duvidam delas.

Leiamos o texto:

### **Um novo embuste científico?**

*Há indícios de que pinturas pré-históricas encontradas na França, em dezembro, sejam falsificações.*

*Quando as pessoas realmente querem acreditar, elas põem fé em qualquer coisa. Isso não quer dizer que as pinturas rupestres recentemente encontradas na região francesa de Ardèche sejam falsificações já comprovadas, mas os indícios que apontam para isso estão lá, sem dúvida.*

*No que diz respeito à credulidade humana, vale lembrar que não estamos tão distantes no tempo dos diários fraudulentos de Hitler, rabiscados por um falsificador com uma tentativa apenas superficial de imitar a letra do Führer.*

*Peritos solenemente atestaram a veracidade de documentos que já estavam imbuídos da “autenticidade” conferida pelo fato de haverem trocado de mãos por enormes somas de dinheiro.*

*Lord Dacre (nome verdadeiro é Hugh Trevor-Roper, professor de Oxford e autor de "The Last Days of Hitler") virtualmente destruiu sua reputação ao desempenhar o papel de perito consultor para os interesses dos Murdoch, que estavam adquirindo os direitos mundiais sobre os diários.*

*Dacre descreveu como entrou na sala onde estavam expostos os cadernos (decorada com artigos da época de Hitler), olhou para a pilha de cadernos, os examinou brevemente e “minhas dúvidas pouco a pouco se desfizeram.”*

*Os falsificadores no campo da arqueologia tiram proveito do desejo profundo que temos de conhecer as origens de nossa espécie. O caso do Homem de Piltdown envolveu um osso maxilar, que supostamente indicava a existência do “elo perdido.”*

*Dos três suspeitos que poderiam haver colocado o osso maxilar de macaco (moderno) na cascalheira e depois tê-lo pego com um grito de surpresa, um era o respeitável professor Arthur Smith Woodward e o outro, um coletor do Museu Britânico, Charles Dawson.*

*Boa parte da análise paleontológica se baseia em especulações completamente infundadas e as técnicas de determinação de idade, incluindo aquele feito com carbono, são muito mais especulativas do que comumente se supõe.*

*Imagino que metade dos ossos desencavados na África oriental e saudados como resquícios da aurora da humanidade tenham sido colocados em seus lugares por lavradores revoltados ou seus patrões ambiciosos no decorrer dos últimos 50 anos.*

*Quanto ao novo tesouro descoberto em Ardèche, testemunhamos a sequência já normal de aclamação extasiada por parte de “especialistas”, devidamente reportado pela imprensa.*

*“Temos aqui um sítio arqueológico virgem”, diz Jean Clottes, descrito pelo “The New York Times” como o maior especialista francês em arte rupestre.*

*“Ele pode muito bem vir a modificar nossas idéias sobre os objetivos e usos da arte rupestre.”*

*Os três descobridores, um dos quais era Jean-Marie Chauvet, guarda público de sítios pré-históricos, disseram que no dia 18 de dezembro sentiram uma ventania saindo do chão e que então descobriram as imensas cavernas, contendo cerca de 300 pinturas.*

*Alguns aspectos suspeitos da descoberta são os seguintes:*

- *Uma caverna “intocada há milênios”*
- *Pinturas de animais em movimento – cavalos correndo, rinocerontes dando chifradas – fato aparentemente único na arte pré-histórica.*
- *Imagens diversificadas e incomuns, incluindo um painel com apenas um rinoceronte gigantesco e boa perspectiva, além de “a única representação de uma pantera que temos na arte pré-histórica”, segundo Clottes, que estimou a idade das pinturas em 17 mil a 20 mil anos.*

*• Uma cena de altar, com uma caveira de urso colocada sobre uma grande pedra no meio de um área, com pinturas de ursos formando um pano de fundo, tudo isto suscitando muitos comentários de que essas cavernas seriam locais sagrados de algum tipo de “culto.”*

*• Questões não respondidas: a região de Lascaux e a de Ardèche tinham faunas semelhantes no paleolítico, mas nas cavernas de Lascaux, segundo Clottes (citado pelo “Times”), “as imagens eram quase todas de cavalo e bisões, enquanto nesta caverna predominavam os ursos e os rinocerontes, animais que os homens geralmente não caçavam nem comiam.*

*Além disso, por que as imagens de uma coruja, uma pantera e uma hiena foram encontradas nesta caverna, mas não em outras da região mediterrânea?*<sup>142</sup>

É isso!



## Darwin e os répteis voadores alados

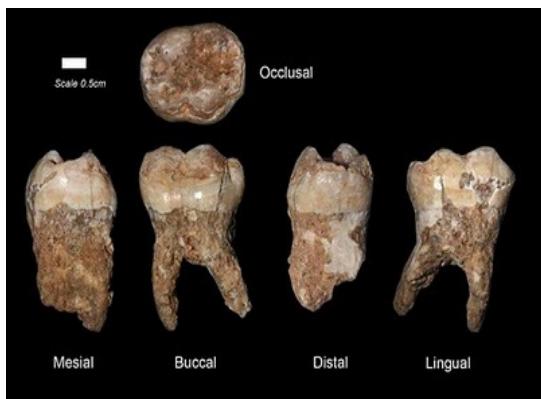
Uma parceria entre paleontólogos brasileiros e chineses levou à descoberta de duas novas espécies de pterossauros (“répteis voadores alados”). Todavia, em vez de ajudar na elucidação do intrincado dilema que envolve a evolução desses bichos, o achado veio confundir ainda mais a questão. Pelo menos é o

- que fez transparecer a notícia publicada pelo jornal Folha de São Paulo <sup>143</sup>. Por exemplo nos seguintes pontos: 1. “Os bichos têm um estranho mosaico de características, embolando ainda mais as tentativas de entender a evolução de seu grupo”; 2. “Eles abrem uma nova janela para a diversidade de pterossauros e mostram que, de fato, a gente ainda não entende bem as relações entre eles”; 3. “Os paleontólogos admitem a dificuldade de classificar os novos bichos, bem como seus parentes mais próximos”; 4. “Por serem pterossauros de cauda longa, eles estariam entre os répteis voadores mais primitivos. Mas a coisa parece ser bem mais complicada.”

Quanto aos nomes dados aos fósseis, não pensem que a homenagem foi para aquele que é considerado o “pai da Paleontologia”, Georges Cuvier (1769-1832). O ato de cortesia foi obviamente dirigido: a Charles Darwin, que não foi paleontólogo, e também a algo que se liga diretamente a ele: a mitologia (Darwinopterus linglongtaensis e Kunpengopterus sinensis): “Além da homenagem óbvia a Charles Darwin, o “pai” da teoria da evolução, há também um tributo a Kun Peng, criatura voadora da mitologia chinesa (e antigo nome de uma empresa aérea da região norte da China).”

A frase “homenagem óbvia a Charles Darwin” é o óbvio ideológico multiplicado por 666 dinossauros. É como afirmar que a “homenagem óbvia” da descoberta da pasteurização deveria ser concedida, não a Pasteur, mas a Isaac Newton. Quanta coerência!

É isso!



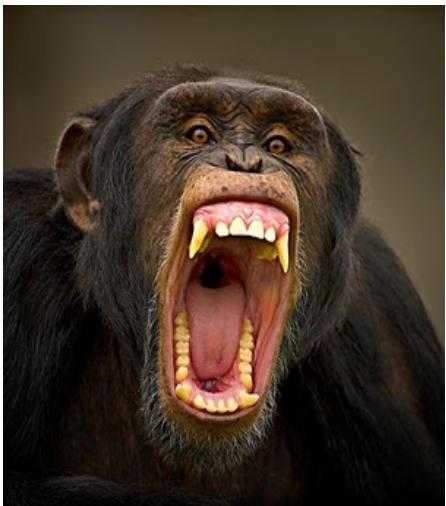
## O "alvoroço" dos dentes

Alguns fósseis dentários têm causado um verdadeiro alvoroço tanto para darwinistas quanto para seus “inimigos mortais”, ou seja, os criacionistas. Do “lado de cá” o ânimo justifica-se pelo fato de ser a Ásia a região apontada pela Bíblia como aquela onde teria se originado o homem; do “lado de lá” o desânimo é corroborado pela possibilidade de declive de mais um alicerçado dogma evolutivo.

Segundo pesquisas publicadas no “American Journal of Physical Anthropology” e realizadas por pesquisadores da Universidade de Tel Aviv <sup>144</sup>, foram encontrados na caverna de Qesem, em Israel, dentes humanos datados de aproximadamente 400.000 anos. Até o momento, os restos de homo sapiens mais antigos de que se tinham notícia datavam de 200.000 anos e haviam sido descobertos na África. O Site BBC deu a seguinte manchete <sup>145</sup>: **“Fóssil de dentes em Israel pode mudar teoria da evolução humana”**, afirmando que: “*Esta conclusão pode ser de grande importância, porque pode ser a primeira evidência para mudar alguns dos paradigmas que usamos em termos da evolução humana.*”

Bom. Como não sou darwinista nem faço uso de livros sagrados como “um manual de ciências exatas”, só posso rir um pouco de tudo isso. Sim, afinal, pouco me importa se o homem se originou na África, se teve seu “berço” na Ásia ou se em Itapipoca. Este tipo de especulação, embora interessante e lucrativa, não é essencial para me sentir gente, e isso em si me basta!

É isso!



## Entre dentes e conveniências

A Teoria da Evolução é, por sua própria lógica e estrutura, a teoria das incertezas. Evolutivamente falando, um “fato” nunca é, na acepção cabal da palavra, realmente um “fato conclusivo.” Os “fatos evolutivos” geralmente costumam se esvair por entre as nuvens de um novo “fato”, numa eterna e inconclusiva secessão de “fatos”, como numa história sem.

Recentemente divulgou-se que um fóssil de dentes em Israel poderia mudar a teoria da evolução humana. Embora o achado em si não seja uma ameaça à base gradualista da teoria, ao menos lançaria por terra um “fato”, que durante décadas fora proclamado como fiel e digno de toda aceitação: a origem africana do *homo sapiens*.

Obviamente que tal notícia desagradou a muitos dos devotos de Darwin. Um deles, por exemplo, expressou-se da seguinte forma: “*Morfologia dos dentes pode não ser lá muito segura pra indicar que se trata de H. sapiens - ainda mais que há características distintas.*”

Ora, se morfologicamente um fóssil de dente não é lá muito confiável, por que então ele já foi utilizado, em muitas outras ocasiões, para corroborar outros “fatos evolutivos”? Nos exemplos a seguir, que extraír de uma ligeira pesquisa feita na Internet, concluímos que um dente (ou seja lá qual for o fóssil) só tem importância quando for conveniente para corroborar “o fato da evolução”; se não tem esta finalidade, como parece ser o caso do “dente de Israel”, renegado-se sua relevância ao desdém. Vejamos, pois, os exemplos dos “dentes convenientes”:

1. “*O fóssil de ancestral humano mais controverso do mundo volta a causar polêmica. Um estudo publicado hoje afirma que o Orrorin tugenensis já andava sobre dois pés há 6 milhões de anos. Se confirmada, a descoberta recuará em 1,5 milhão de anos a origem da família humana. Mas há cientistas que duvidem dela. [...] A espécie, representada por fragmentos de dente, ossos da perna e mandíbulas, seria o ascendente mais antigo da humanidade.*

<sup>146</sup>
2. “*Cientistas australianos anunciaram hoje a descoberta do fóssil de um dente de tubarão gigante, animal que desapareceu há vários milhões de anos e media 15 metros de comprimento. O dente foi recuperado por cientistas australianos e neo-zelandeses durante uma expedição no mar da Tasmânia [...] “O dente está num notável estado de conservação e tem um importante valor científico para compreender melhor a população e a idade destes antigos tubarões”, disse Williams.*

<sup>147</sup>
3. “*Um conjunto de dentes pertencente a um réptil pré-histórico indica uma possibilidade sobre como as presas venenosas das cobras evoluíram.*

<sup>148</sup>
4. “*Paleontólogos espanhóis anunciaram nesta sexta-feira (29) a descoberta de um dente que teria pertencido ao hominídeo mais antigo descoberto na Europa ocidental, há mais de um milhão de anos [...] Este dente, um pré-molar inferior um pouco gasto, pertencia provavelmente a um indivíduo de entre 20 e 25 anos, segundo José María Bermúdez de Castro, um dos três paleontólogos que dirigem os trabalhos.*

<sup>149</sup>
5. “*Nunca é tarde para ir ao dentista pela primeira vez. Que o digam os mamíferos de 60 milhões de anos da bacia de Itaboraí (RJ), cujo esmalte passou por um check-up completo nas mãos de um dentista e de uma paleontóloga. O diagnóstico: os bichos criaram um sistema eficiente para comer plantas, permitindo que eles começassem a ocupar o papel de grandes herbívoros, vago por causa da extinção dos dinossauros.*

<sup>150</sup>
6. “*Um dente de 40 mil anos encontrado na Grécia sugere que os neandertais eram mais móveis do que se imaginava. A composição química do fóssil, estudada por cientistas da*

Sociedade Max Planck (Alemanha), mostra que o indivíduo passou ao menos parte da sua vida longe de onde morreu.”<sup>151</sup>

7. “Pesquisadores costarriquenhos descobriram um pequeno dente fossilizado de um mamífero marinho que viveu há mais de cinco milhões de anos, o *Desmostylus hesperus*. Segundo um dos especialistas responsáveis pelo trabalho, o animal é o vertebrado terrestre mais antigo já descrito na Costa Rica [...] O dente do *Desmostylus hesperus* surpreendeu os geólogos porque, pela primeira vez, restos deste animal foram encontrados em uma região tropical. Os poucos fósseis do mamífero achados até agora no mundo estavam no Japão, na Rússia, nos Estados Unidos e no México.”<sup>152</sup>

8. “Um punhado de fragmentos fossilizados, vindos do Acre, podem ajudar a quebrar uma estranha escrita: o Brasil, país com maior número de espécies de macacos do mundo, não tem praticamente nenhum registro da evolução desses bichos. A simples descrição dos caquinhos acaba de revelar dois novos símios fósseis, os mais antigos já descobertos em território brasileiro [...] Pode parecer exagerado designar uma nova espécie com base em tão poucos restos, mas a anatomia dos dentes e do maxilar (no caso do *Solimoea*, um molar e dois pré-molares encravados num caco da parte da frente da bochecha direita) costuma ser específica o suficiente para trazer um caminhão de informações.”<sup>153</sup>

9. “Nós achamos restos de dente e osso de um recém-nascido num dos coprólitos”, conta Souto. “Aparentemente, quem cuidava dos diferentes ninhos competia entre si comendo os filhotes do outro -um comportamento que existe ainda hoje entre crocodilos”, afirma o pesquisador.”<sup>154</sup>

10. “Um fóssil contrabandeado do Ceará para a França deu a um grupo de paleontólogos europeus a oportunidade rara de flagrar um momento da vida privada dos dinossauros: a hora do almoço. Os ossos indicam que uma espécie de dino que habitou a chapada do Araripe há 100 milhões de anos incluía répteis alados na sua dieta [...] Enterrado em uma delas está um dente quebrado que a equipe liderada por Eric Buffetaut, do CNRS (Centro Nacional para a Pesquisa Científica), em Paris, identificou como pertencente a um espinossauro. E aí está a surpresa: achava-se que esse tipo de dinossauro fosse um inveterado comedor de peixes.”<sup>155</sup>

11. “Os dinossauros cuspidores de veneno do filme “Parque dos Dinossauros” eram pura invenção de Hollywood, mas alguns desses animais podem realmente ter tido uma mordida venenosa. A revelação vem de um dente de dois centímetros encontrado no México que tinha um canal como os existentes nos dentes de algumas cobras. É a primeira evidência de que um dinossauro possa ter sido venenoso.”<sup>156</sup>

E por aí vai...

É isso!



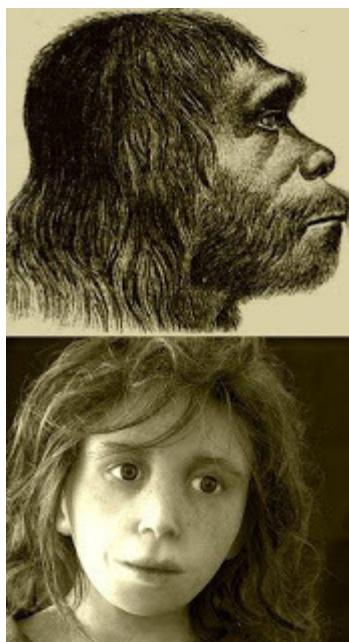
## Neandertais, DNA e interesses

Segundo recente e alardeada divulgação da mídia, todos os humanos, com exceção daqueles de ancestralidade puramente africana, tem em seu DNA uma contribuição de 1% a 4% de elementos genéticos dos chamados neandertais, o que indicaria que ambos os grupos mantiveram relação sexual entre si e geraram descendentes comuns. Ao que parece, o estudo realizado pelo instituto alemão Max Planck apenas chega ao termo de algo que há um bom

tempo já se havia plantado e que aos poucos fora sendo regado cuidadosamente sob inúmeros interesses. As amostras com pequenas quantidades de DNA de neandertais, misturados com DNA de bactérias e colônias de fungos que se instalaram nelas ao longo do tempo, não parece ter sido a única e exclusiva ação motivadora dos envolvidos com tais pesquisas. A conclusão que se chegou, muito além das razões biológicas, foi motivada, também, pelo incansável interesse dos darwinistas em se provar algum tipo de transição evolutiva do homem e seus antecessores. Se essa especulação genética fora realmente um fato consumado, o certo é que ainda não é possível, a partir somente desse estudo, considerá-la um evento 100% indubitável. Qualquer inferência baseada em dados assim tão confusos e complexos, no mínimo, deveria vir com o tradicional uso do verbo latim *suggerere* (**sugerir**), que é bem diferente do *concludere* (*concluir*).

Outra questão que intriga nesse estudo refere-se à estranha conclusão de que os subsaarianos (pertencente ao Sul do deserto do Saara, na África do Norte) não tiveram em seus genes traço algum de neandertal. É claro, já tentaram contornar o problema com mais um velho axioma “adaptativo” (vide aspas), do tipo tão comum nas conclusivas certezas dos zeladores de Darwin. Como uma forma de se evitar interpretações racistas, afirmou um deles que os poucos genes neandertais não conferem diferença funcional, mas apenas fornece uma pista para o que se passou há milhares de anos.

É isso!



## Neandertais, a novela continua

De todos os seres que compõem a imensa lista dos ancestrais humanos elencados pelos darwinistas, os Neandertais são assim um caso à parte. Nas antigas gravuras, eles eram representados com feições mais próximas às dos macacos; de alguns tempos para cá, porém, seus traços se modernizaram, assemelhando-se cada vez mais a um lorde inglês ou a um *gentleman* francês. Supondo que esta seja a nova tendência, não demora muito e logo os veremos à moda tupiniquim, numa dessas badaladas novelas da Globo, com Tony Ramos e Glória Pires num adocicado romance ao estilo de José de Alencar.

Como parte da rotina midiática, tempos atrás duas notícias sobre os Neandertais vieram complementar esta novela sem fim. A primeira delas afirma que, ao contrário do que se pensava, os Neandertais eram capazes de inovações: “*Até hoje, achava-se que os ornamentos e ferramentas usados pelos Neandertais teriam aparecido graças ao contato com a espécie que os substituiu. Mas Riel-Salvatore afirma que seu artigo, publicado em "Journal of Archaeological Method and Theory", defende outro aspecto. "[O estudo] reage à persistente ideia a respeito dos Neandertais e mostra que eles eram realmente capazes de inovar.*”<sup>157</sup>

A outra notícia é sobre a misteriosa extinção desses seres não menos misteriosos. Uma pesquisa recente sugere que as mudanças climáticas, depois de repetidas erupções vulcânicas, foram a causa da extinção dos Neandertais. A pesquisa comandada por Liubov Vitaliena Golovanova e Vladimir Borisovich Doronichev, do Laboratório de Pré-história em São Petersburgo, Rússia, foi publicada no periódico “Current Anthropology”: “*Aventamos a hipótese de que o desaparecimento do Neandertal deu-se abruptamente (em uma escala de tempo geológico) ... após a mais potente atividade vulcânica registrada no oeste da Eurásia durante o período da história evolutiva do Neandertal... Esta catástrofe não*

*apenas destruiu drasticamente os nichos ecológicos das populações Neandertais, como, também, causou uma despovoação física massiva”, afirmaram os pesquisadores.”* <sup>158</sup>

É isso!



## O dedo promíscuo do Neandertal

Impressiona a quantidade de pesquisas relacionadas aos mais vanguardistas dos hominídeos, o Neandertal!

Já se sabe que ele cantava, dançava e era capaz de avançadas inovações. Agora, num estudo realizado sob a liderança de Emma Nelson, da Universidade Liverpool, e publicado no “Journal Proceedings of the British Royal Society”, descobriu-se que esse “cara” também era dado à prática da promiscuidade e da devassidão. Resumindo: um grande e indecoroso libertino.

A nova pesquisa <sup>159</sup>, acreitem, tomou por base o comprimento dos dedos. Elevado índice de andrógenos no útero faz aumentar o tamanho do dedo anelar. Ao comparar-se este dedo com o indicador, a diferença foi notória. O Neandertal apresentava, pois, o anelar sensivelmente avantajado, do que se conclui que o danado era realmente promíscuo e devasso. O estudo entra no imenso baú de especulações sobre esses enigmáticos seres. Para os especuladores darwinistas, o neandertal de alguma maneira precisa ser - concomitantemente - similar e dissimilar ao homo sapiens. É isso que faz manter aceso todo um leque de pesquisas, cujos interesses vão muito além da simples “busca da verdade.” Por trás de tudo isso, status, diplomas e boa vida, andam de mãos dadas.

É isso!



## O “neandertal” em cada um de nós

E, voltando mais uma vez ao nosso neandertal, como já havia discorrido anteriormente, essa tentativa de aproximalo do Homo sapiens, já vem se desenhando há um bom tempo. Desde que se iniciaram as pesquisas na sociedade Max Planck (Alemanha) foi se revelando periodicamente traços comuns entre ambos os grupos. Selecionei alguns, apenas para dar dimensão à questão. Vejamos:

1. ELES CAÇAVAM TÃO BEM QUANTO O HOMO SAPIENS: “*O estudo de uma caverna usada por neandertais e depois por Homo sapiens na França sugere que não havia diferenças na habilidade de caça das espécies.*” <sup>160</sup>
2. ELES USARAM COLA PARA FERRAMENTAS: “*Uma impressão digital grudenta encontrada em um pedaço de madeira fossilizada iniciou um debate sobre o grau de*

*inteligência dos neandertais. A descoberta dá a entender que eles teriam usado algum tipo de cola para grudar pedras ao cabo de ferramentas de madeira.”*<sup>161</sup>

**3. ELES VIAJAVAM MUITO:** “*Um dente de 40 mil anos encontrado na Grécia sugere que os neandertais eram mais móveis do que se imaginava. A composição química do fóssil, estudada por cientistas da Sociedade Max Planck (Alemanha), mostra que o indivíduo passou ao menos parte da sua vida longe de onde morreu.*”<sup>162</sup>

**4. ELES USAVAM PINTURA CORPORAL E BIJUTERIA:** “*Uma equipe de pesquisadores disse que encontrou as primeiras evidências convincentes de que o homem de Neandertal pintava o corpo e usava bijuteria há 50 mil anos.*”<sup>163</sup>

**5. ELES TINHAM UMA VASTA CABELEIRA RUIVA COMO A JULIA ROBERTS:** “*A temporada de caça aos genes dos neandertais acaba de produzir um fruto, digamos, fashion: ao que tudo indica, pelo menos alguns desses hominídeos troncudos tinham em comum com Julia Roberts uma vasta cabeleira ruiva. O mais curioso é que, ao contrário do que se especulava, essa característica parece ter surgido de forma independente -- uma espécie de evolução convergente do cabelo avermelhado e da pele muito clara.*”<sup>164</sup>

**6. ELES CANTAVAM "RAP" E DANÇAVAM:** “*Os neandertais, "parentes" próximos do homem moderno que desapareceram há cerca de 30 mil anos, tinham a sua própria música e dança, afirmam cientistas da Universidade de Reading, na Inglaterra. Steven Mithen, o autor da teoria, acredita também que os "homens das cavernas" gostariam de um tipo de música hoje parecida com o rap.*”<sup>165</sup>

**7. ELES FAZIAM ESCULTURA:** “*Um objeto feito de pedra lascada que traz formas semelhantes às de um rosto humano pode ser um exemplo de arte feita pelo homem de Neandertal. "Essa descoberta deve finalmente pôr fim à idéia de que os Neandertais não tinham arte. É um objeto de grande importância", disse em entrevista à BBC o especialista em rochas Paul Bahn.*”<sup>166</sup>

**8. ELES TINHAM O MESMO GENE DA LINGUAGEM QUE O HOMEM MODERNO:** “*O homem de Neandertal, antigo parente do ser humano moderno, extinto misteriosamente há pelo menos 30.000 anos, também era dotado do gene-chave necessário para desenvolver a linguagem. A informação é de um estudo europeu publicado nesta quinta-feira (18) nos Estados Unidos.*”<sup>167</sup>

**9. ELES TINHAM BRAÇOS MALHADOS COMO OS DE POPEYE:** “*A líder da pesquisa, Maria Mednikova, afirma que os Neandertais caçavam em condições extremas, o que ajudava a fortalecer seus braços. "O método comum para matar animais era o contato direto com a vítima", diz Mednikova. Ao invés de lançar flechas a distância, eles se encontravam frente a frente com a presa (um mamute, por exemplo) e os atingiam com lanças, diretamente na carne do animal. A maior diferença, afirmam os pesquisadores, estava no braço direito, que era bem mais forte que o esquerdo, ao estilo Popeye.*”<sup>168</sup>

**10. E, FINALMENTE, ELES FIZERAM AMOR E TIVERAM FILHOS COM OS HUMANOS:** “*O professor Chris Stringer, do Museu de História Natural de Londres, disse que "o que realmente nos surpreendeu foram as evidências de que ocorreu algum tipo de cruzamento entre neandertais e humanos modernos.*”<sup>169</sup>

O interesse dos darwinistas pelos fósseis dos neandertais é de tal monta que chegaram inclusive a realizar um parto virtual com tais seres: “O nascimento, claro, não foi documentado ao vivo. Ele foi simulado nos computadores da Universidade de Zurique, na

Suíça, com base em reconstituições virtuais de fósseis de um recém-nascido e de uma mulher neandertais.”<sup>170</sup>

Da mesma forma, conseguiram de maneira inédita reconstruir a voz (som) emitido por esses moradores do Vale de Neander: “Um antropólogo criou com um computador um modelo que reconstitui o aparelho vocal do Homem de Neandertal para simular sua voz. O trabalho foi divulgado nesta semana pela revista científica *New Scientist*.<sup>171</sup>

Infelizmente, como num desses crimes passionais tão comuns aqui no Brasil, segundo andaram falando as línguas midiáticas, o malandro sapiens, após aproveitar-se leviana e promiscuamente da inocente Neandertalazinha em seu leito virginal primitivo, levou a cabo o extermínio de sua espécie: “Uma pesquisa da Universidade de Duke, da cidade de Durham, no Estado americano da Carolina do Norte, indica que um homem de Neandertal pode ter sido morto por humanos modernos em um confronto ocorrido há mais de 50 mil anos.”<sup>172</sup>

É isso!



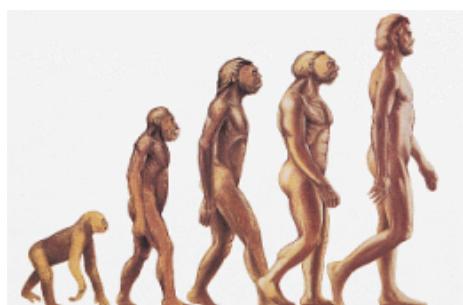
## Pela “emancipação” do Neandertal

Eles já tiveram filhos com os humanos, usavam bijuterias, sabiam dançar, entoavam cânticos, tinham noção de arte, caçavam e até empreenderam inovações. A novidade agora vem de um estudo realizado pelo jornal *Current Biology*<sup>173</sup>. Segundo Philipp Gunz, do Instituto Max Planck de Antropologia da Evolução na Alemanha, os Neandertais tem, pelo menos até o nascimento, um cérebro igual ao dos humanos: “No homem moderno, as conexões entre as diversas regiões do cérebro são estabelecidas durante o primeiro ano de vida e são importantes para um grau avançado de socialização, emoção e funções de comunicação”, afirmou o pesquisador.

Sei não, mas com um pouco mais de “vontade” (as aspas indicam duplo sentido) e com menos envolvimento emocional e ideológico com a causa da evolução, já há um bom tempo o nosso Neandertal teria se libertado desse seu estado letárgico de eterno hominídeo.

Por amor de Darwin, emancipem logo o Neandertal!

É isso!



## Darwin: "o macaco em todos nós"

Das inúmeras ideologias oriundas a partir das idéias do naturalista inglês Charles Darwin, uma delas diz respeito à Antropologia Criminal do médico italiano Cesare Lombroso, autor de “L'homme criminel.” Este famoso criminalista buscava não apenas reconhecer a presença de sinais atávicos simiescos nos criminosos, mas, também, tentar encontrar neles indícios de uma inclinação natural à

criminalidade. A partir daí levou a cabo seus julgamentos atrozes, todos "devidamente embasadas na ciência" e nos ideais de evolução, como aqueles defendidos por Darwin em "A Origem do Homem."

Recentemente terminei a leitura de "A expressão das emoções no homem e nos animais"<sup>174</sup>, de Charles Darwin, publicado pela Companhia da Letras. Dentre alguns assuntos que me chamou a atenção no livro, um refere-se exatamente a esta vontade desvairada em se encontrar traços físicos e emocionais similares tanto no homem como nos símios. Os trechos a seguir, todos extraídos deste referido livro, oferecem uma pequena mostra desta louca obsessão do naturalista por "nos tornar parecidos" com o macaco. Ei-los:

*"Nos humanos, algumas expressões, como o arrepiar dos cabelos sob a influência de terror extremo, ou mostrar os dentes quando furioso ao extremo, dificilmente podem ser compreendidas sem a crença de que o homem existiu um dia numa forma mais inferior e animalesca. A partilha de certas expressões por espécies diferentes ainda que próximas, como na contração dos mesmos músculos faciais durante o riso pelo homem e por vários grupos de macacos, torna-se mais inteligível se acreditarmos que ambos descendem de um ancestral comum. Aquele que admitir que, no geral, a estrutura e os hábitos de todos os animais evoluíram gradualmente, abordará toda a questão da Expressão a partir de uma perspectiva nova e interessante"* (p. 19).

[...]

*"As várias espécies e gêneros de macacos expressam seus sentimentos de muitas maneiras diferentes; e esse fato é interessante, pois tem alguma relação com a questão sobre como classificar, em espécies ou variedades, as assim chamadas raças humanas; pois, como veremos nos próximos capítulos, as diferentes raças humanas exprimem suas emoções e sensações de maneira notavelmente uniforme ao redor do mundo. Algumas das formas de expressão dos macacos são interessantes também por sua semelhança com as expressões do homem. Como não tive oportunidade de observar nenhuma das espécies em todas as circunstâncias possíveis, dividirei minhas descrições pelos diferentes estados de espírito que exprimiam"* (p. 116).

[...]

*"Se fazemos cócegas num chimpanzé jovem — e as axilas são particularmente sensíveis às cócegas, como em nossas crianças —, um som mais nítido de cacarejo ou risada é produzido; embora a risada muitas vezes seja silenciosa faz"* (p. 116).

[...]

*"Ou seja, uma expressão de satisfação, da mesma natureza que um sorriso incipiente, e semelhante àquela tantas vezes vista no rosto do homem, podia ser nitidamente reconhecida nesse animal"* (p.116).

[...]

*"Com o babuíno-anúbis (*Cynocephalus anubis*), seu tratador primeiro o insultou e enfureceu com facilidade, depois os dois se reconciliaram e se apertaram as mãos. No momento da reconciliação, o babuíno mexia a boca e os lábios para cima e para baixo com rapidez, e parecia satisfeito. Quando rímos com gosto, um movimento — ou tremor — similar pode ser visto mais ou menos distintamente em nossa mandíbula. Mas no homem os músculos do tórax são mais acionados, enquanto nesse babuíno, e em alguns outros macacos, os músculos da mandíbula e dos lábios é que são espasmódicamente contraídos"* (p.118).

[...]

*"A aparência de desânimo nos orangotangos e chimpanzés jovens quando doentes é tão evidente e quase tão patética quanto em nossas crianças. Esse estado de espírito e do corpo é demonstrado pelos seus gestos lânguidos, semblante abatido, olhar sombrio e compleição alterada"*(p.120).

[...]

"Os babuínos também demonstram sua raiva de uma outra forma, como observou Brehm naqueles que manteve em cativeiro na Abissínia. Eles batiam no chão com uma das mãos, "como um homem furioso batendo na mesa com o punho." Vi esse gesto em babuínos do jardim zoológico; algumas vezes, contudo, eles parecem estar apenas procurando uma pedra ou algum outro objeto em suas camas de palha" (p.121).

[...]

"O sr. Sutton viu diversas vezes a face do *Macacus rhesus*, quando muito enfurecido, ficar vermelha. Enquanto ele me contava isso, um macaco atacou o *rhesus* e eu pude ver seu rosto enrubescer tão claramente como o de um homem sob violenta emoção. Alguns minutos depois da briga, o rosto desse macaco recuperou a sua cor natural. Ao mesmo tempo que o rosto ficava vermelho, a parte sem pelos do traseiro do animal, que está sempre vermelha, parecia mais vermelha ainda; mas não posso afirmar isso com certeza. Quando o mandril está de alguma forma excitado, as coloridas e brilhantes partes sem pelo de sua pele tornam-se ainda mais vivamente coloridas" (p. 121).

[...]

"Como normalmente associamos os movimentos das sobrancelhas no homem a esta dos de espírito bem definidos, os movimentos quase incessantes das sobrancelhas nos macacos tiram dessa expressão qual quer significado. Certa vez encontrei um homem que tinha o hábito de repetidamente levantar as sobrancelhas, sem que o gesto estivesse relacionado a qualquer emoção; e isso lhe conferia uma aparência tola. E assim também ocorre com as pessoas que mantêm os cantos da boca levemente puxados para trás e para cima, como num sorriso incipiente, apesar de não estarem contentes ou se divertindo" (p. 122).

[...]

"Tanto os orangotangos quanto os chimpanzés, quando um pouco mais irritados, protraem os lábios e soltam um guincho áspero. Uma jovem chimpanzé, bastante transtornada, comportava-se de uma maneira curiosamente semelhante a uma criança no mesmo estado. Ela gritava alto com a boca bem aberta, os lábios retraídos deixando os dentes expostos. Balançava violentamente os braços, por vezes segurando com eles a cabeça. Rolava no chão de costas e de barriga, mordendo tudo que estivesse ao seu alcance. Um jovem gibão (*Hylobates syndactylus*) irritado foi descrito como se comportando praticamente da mesma maneira" (p.122)

[...]

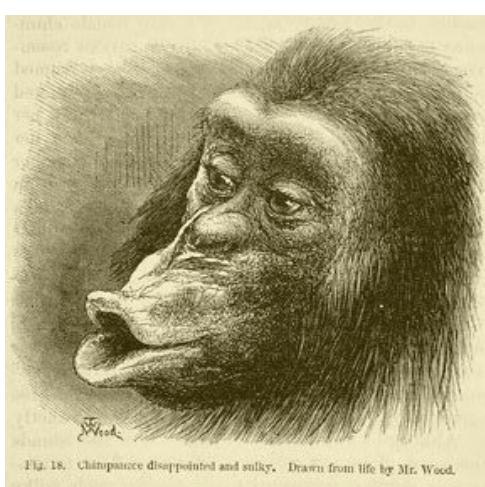


Fig. 18. Chimpanzee disappointed and sulky. Drawn from life by Mr. Wood.

"A ilustração (fig. 18) representa um chimpanzé zangado porque lhe foi retirada uma laranja anteriormente oferecida. Uma protrusão semelhante dos lábios, ainda que menor, pode ser observada em crianças zangadas" (p.123).

[...]

"Quando tentamos desempenhar alguma tarefa que, pela sua dificuldade, requer precisão, como passar uma linha numa agulha, geralmente apertamos os lábios com força, na tentativa, imagino, de não atrapalhar os movimentos com nossa respiração. Percebi a mesma atitude num orangotango. O pobrezinho estava doente e se distraía tentando matar moscas nas vidraças com os dedos. Era difícil, pois as moscas voavam para todos os lados, e a cada tentativa, ele apertava os lábios com força fazendo bico" (p. 124).

[...]

"Todavia, quando levantam as sobrancelhas, rugas transversais formam-se na testa, como acontece com os homens. Mas em comparação conosco, seu rosto é

*inexpressivo, pois eles não franzem o cenho por alguma emoção especial – pelo menos até onde pude observar, e eu o fiz cuidadosamente. Franzimos o cenho, uma das mais importantes expressões para o homem, contraindo os corrugadores, ou seja, abaixando e unindo as sobrancelhas, o que forma os vincos verticais na testa" (p. 124).*

[...]

*"A grande capacidade que o gorila, vários babuínos e alguns outros macacos têm de mexer o escalpo merece atenção com relação à capacidade, atávica ou adquirida, que alguns poucos homens têm de mover voluntariamente seu escalpo" (p.125).*

[...]

*"Nunca fui capaz de perceber se as sobrancelhas de macacos espantados permaneciam erguidas, apesar de mexerem-se incessantemente para cima e para baixo. A atenção, que precede o espanto, é expressa pelo homem com um discreto levantar das sobrancelhas" (p. 126).*

[...]

*"O sr. Sutton observou para mim um jovem orangotango e um chimpanzé durante um considerável período de tempo; e por mais que ficassem espantados, ou enquanto ouvissem atentamente algum ruído estranho, eles não abriam a boca. É um fato surpreendente, pois no homem não há expressão mais difundida do que ficar boquiaberto quando espantado. Até onde pude observar, os macacos respiram mais facilmente pelo nariz do que o homem; e isso pode explicar por que não abrem a boca quando espantados. Como veremos num próximo capítulo, o homem age dessa maneira, quando sobressaltado, a princípio para fazer uma inspiração mais profunda, e em seguida, para respirar tão silenciosamente quanto possível" (p. 126).*

[...]

*"Dizemos que às vezes uma ideia engraçada faz cócegas na imaginação; e essas assim chamadas cócegas da mente são curiosamente parecidas com as do corpo. Todos sabem como as crianças riem desenfreadamente e seus corpos se contorcem quando sentem cócegas. Os macacos antropóides, como vimos, também soltam um som reiterado, que corresponde ao nosso riso quando sentem cócegas, especialmente nas axilas" (p.171).*

[...]

*"Orangotangos e chimpanzés jovens protraem os lábios num grau extraordinário, como descrevemos em capítulo anterior, quando estão descontentes, um tanto irritados, ou amuados; também quando estão surpresos, um pouco assustados e mesmo quando sentem certa satisfação. Aparentemente, sua boca se protraí com a finalidade de produzir os diversos sons correspondentes a cada um desses estados de espírito; e sua forma, como pude observar no chimpanzé, difere um pouco no momento de emitir os gritos de prazer ou de raiva. Tão logo esses animais ficam furiosos, a forma de suas bocas se modifica inteiramente, e os dentes são expostos. Dizem que o orangotango adulto, quando ferido, emite "um grito singular, que se inicia com notas agudas que vão se transformando em ronco grave. Enquanto solta as notas agudas, ele protraí os lábios em forma de funil, mas nas notas graves deixa a boca bem aberta." No gorila, aparentemente o lábio inferior é capaz de se alongar muito. Portanto, se nossos ancestrais semi-humanos protraíam os lábios quando amuados ou um pouco irritados – da mesma maneira como o fazem os atuais macacos antropóides –, não é um fato anômalo, ainda que curioso, nossas crianças exibirem resquícios da mesma expressão quando no mesmo estado de espírito, juntamente com certa tendência a produzir ruído" (p. 198).*

[...]

*"A fúria manifesta-se das mais variadas maneiras. O coração e a circulação sempre são atingidos; o rosto fica vermelho ou roxo, com as veias da testa e pescoço dilatadas. O enrubes cimento foi observado entre os índios de pele cor de cobre da América do Sul, 'e mesmo, como dizem, nas cicatrizes brancas de ferimentos antigos em*

*'negros.' Os macacos também ficam vermelhos quando emocionados. Em um de meus próprios bebês, com menos de quatro meses de idade, diversas vezes pude perceber que o primeiro sinal de uma emoção era o aumento do fluxo de sangue para sua cabeça pelada'* (p. 204).

[...]

*"Os lábios por vezes se protraem durante o enfurecimento de uma maneira que não posso entender, a não ser que isso esteja condicionado a nossa descendência de um animal semelhante ao macaco"* (p. 206).

[...]

*"Embora a boca esteja geralmente aberta quando somos dessa maneira afetados, os lábios frequentemente ficam um pouco protraídos. Esse fato nos lembra da mesma atitude, ainda que em bem maior grau, nos chimpanzés e orangotangos quando assustados"* (p.244).

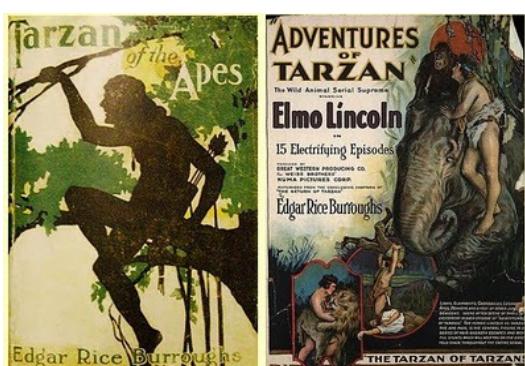
[...]

*"Podemos estar certos de que o riso, como um sinal de prazer ou satisfação, já era praticado por nossos ancestrais bem antes de merecerem ser chamados de humanos, pois muitos tipos de macacos, quando satisfeitos, soltam um som repetitivo claramente análogo ao nosso riso, muitas vezes acompanhado de movimentos vibratórios dos maxilares ou dos lábios, com os cantos da boca sendo repuxados para cima e para trás, pelo franzir das bochechas, e até mesmo de um brilho no olhar"* (p.306).

[...]

*"O derramar de lágrimas parece ter se origina do por ação reflexa da contração espasmódica das pálpebras, talvez juntamente com o ingurgitamento dos globos oculares com sangue durante o choro. Por isso, é provável que as lágrimas tenham chegado relativamente tarde na linha de nossa descendência; e essa conclusão está de acordo com o fato de que os nossos mais próximos parentes, os macacos antropomorfos, não choram. Mas devemos ser cuidadosos, pois como certos macacos, que não são próximos do homem, choram, esse hábito pode ter se desenvolvido muito tempo atrás, numa subdivisão do grupo do qual deriva o homem. Nossos primeiros ancestrais, quando sofrendo por tristeza ou ansiedade, não deixariam suas sobrancelhas oblíquas, ou encurvariam para baixo os cantos da boca, até que tivessem adquirido o hábito de lutar para conter o choro. Portanto, a expressão de tristeza e ansiedade é eminentemente humana"* (p. 307).

É isso!



## Tarzan, Darwin e o macaco

O famoso homem-macaco, Tarzan, quem diria, foi também inspirado no evolucionismo de Charles Darwin e de outros darwinistas sociais como Francis Galton e Herbert Spencer!

Criado em 1912 pelo escritor americano Edgar Rice Burroughs, a personagem Tazan, que na ficção é filho de um aristocrata inglês, tem sua origem nos ideais do darwinismo social, uma ideologia que serviu de inspiração para muitos autores populares no fim do século XIX e primórdios do século XX, como o próprio Burrouhgs e outros, por exemplo, Jack London e Robert E. Howard.

Segundo especialistas, o romance expressava o discurso colonialista daquele período, fazendo sobressair o domínio do homem branco sobre outras etnias e culturas. A

grande amizade entre Tarzan e os macacos fazia externar que ambos tinham um ancestral comum. De uma ou outra maneira, eram eles da mesma “família.” Tarzan de certa forma simbolizava a “superioridade” do homem branco, sua supremacia e seu domínio sobre os “selvagens.”

É isso!



## Macacos a serviço de Darwin

Não é de hoje que venho denunciado o “simiofilismo” praticado pelos devotos de Darwin. Com “simiofilismo” refiro-me ao jibóico esforço desse pessoal em querer transformar os macacos nos bichos que mais se aproximam do homem no que se refere à maneira de se comportarem.

Basta uma ligeira pesquisa com notícias relacionadas ao assunto, para comprovar que o neologismo “simiofilia”, com o sentido de apego

exagerado aos símios, já há um bom tempo deveria ter ocupado seu espaço no “Aurélio.” No fim eles sempre arrumam um jeito de tornar os macacos nossos parentes. Vejamos alguns exemplos:

**Vídeo mostra chimpanzés reagindo como humanos à morte:** “Segundo os cientistas que realizaram ambos os estudos, os resultados mostram que outras espécies, principalmente os macacos, são mais parecidos com os humanos do que se pensava. Chimpanzés e seres humanos dividem 99% de DNA e são tão similares que alguns acadêmicos já sugeriram que os animais deveriam receber direitos semelhantes aos direitos humanos.”<sup>175</sup>

**Pesquisa mostra cooperação entre chimpanzés:** “Segundo o professor Shinya Yamamoto, coordenador do estudo, o comportamento dos chimpanzés é um exemplo clássico de cooperação. Ele diz que o traço humano de ajudar outros voluntariamente pode ter evoluído a partir do mesmo comportamento observado nos primatas.”<sup>176</sup>

**Chimpanzés trocam comida por sexo, sugere estudo:** “Gomes acredita que a descoberta pode até fornecer pistas sobre a evolução humana. A especialista sugere que este estudo pode lançar as bases para outros, sobre os seres humanos, que explorem a ligação entre “a habilidade para caçar e o sucesso na reprodução.”<sup>177</sup>

**Estudo indica que chimpanzés são capazes de apreciar música:** “Uma pesquisa realizada por cientistas japoneses indica que os chimpanzés podem ter uma capacidade inata de apreciar música agradável – algo que se acreditava que fosse exclusivo dos humanos. A descoberta pode ter implicações importantes sobre como a capacidade de apreciar música evoluiu.”<sup>178</sup>

**Macacos criam frases para se comunicar, diz estudo:** “Um estudo da Universidade de St. Andrews, na Escócia, revelou que macacos combinam sons para passar mensagens específicas, da mesma forma que humanos combinam palavras para criar frases. Com a descoberta, os pesquisadores esperam encontrar novas pistas sobre a evolução da linguagem humana. Segundo Klaus Zuberbühler, da Escola de Psicologia da

universidade, “a pesquisa revelou alguns paralelos interessantes no comportamento vocal dos macacos da floresta e esta característica crucial da linguagem humana.”<sup>179</sup>

**Chimpanzés também gostam de 'ombro amigo', diz pesquisa:** "Os seres humanos não são a única espécie a se beneficiar da atenção ou do abraço de um amigo próximo. Segundo uma pesquisa da Universidade John Moores, de Liverpool, no zoológico de Chester, na Inglaterra, os chimpanzés também se consolam uns aos outros, diminuindo o nível de estresse entre os membros."<sup>180</sup>

**Chimpanzés superam universitários em teste de memória; assista:** "Uma nova pesquisa da Universidade de Kyoto, no Japão, demonstrou que chimpanzés têm uma memória fotográfica superior à dos humanos. Para Lisa Parr, que trabalha com chimpanzés no Centro Yerkes para Primatas na Universidade Emory de Atlanta, Estados Unidos, esta descoberta é "revolucionária" e, pelo fato de os chimpanzés serem nossos "parentes mais próximos", pode ajudar a entender a memória humana."<sup>181</sup>

**Ativistas pedem direitos 'humanos' para primatas:** "Um movimento internacional para dar aos primatas direitos iguais aos garantidos a seres humanos está ganhando força. "Os primatas são especiais porque são parentes muito próximos de nós", diz Redmond. "Os chimpanzés e os bonobos são nossos parentes mais próximos ainda vivos. Se diferenciam de nós em apenas 1% do seu DNA." "É tão próximo que nós poderíamos receber uma transfusão de sangue ou um rim deles. Gorilas são os próximos, depois os orangotangos", acrescenta."<sup>182</sup>

**Orangotangos são bons atores, sugere estudo observacional:** Orangotangos podem atuar. Eles foram flagrados fazendo pantomimas nas quais expressavam intenções por meio de encenações. A descoberta desafia a visão que esse tipo de comportamento é exclusivamente humano. "A pantomima é considerada unicamente humana", diz Anne Russon, da Universidade York, em Toronto, Canadá. "É baseada na imitação, recriando comportamentos vistos em algum outro lugar, considerados complexos e fora da capacidade de compreensão da maioria das espécies." Muitos desses casos são da pesquisa de Russo. Alguns foram filmados, como o caso de Siti, que fingiu ser incapaz de abrir um coco, fingiu uma expressão de derrota e imitou a ação humana de abrir o coco com um facão."<sup>183</sup>

**Macaco primitivo aprende conceitos de matemática:** "A compreensão de princípios básicos de matemática não é exclusividade de humanos e seus "parentes" evolutivos mais próximos, como o chimpanzé. Cientistas alemães descobriram que o macaco reso, espécie asiática que divergiu do homem há 25 milhões de anos, é capaz de reter conceitos simples, como "mais" e "menos." "Os resultados dos macacos, de certa forma, lembram o estágio inicial das capacidades cognitivas em crianças pequenas", disse à Folha Andreas Nieder, neurocientista da Universidade de Tübingen que liderou a pesquisa. "Gene presente em macacos e humanos condiciona comportamento social, diz estudo" "Os humanos e os macacos são os únicos membros da família primata que têm este traço genético, que influencia nos transtornos experimentados no âmbito das recompensas sociais. Para chegar a esta conclusão, os cientistas estudaram o comportamento e a ansiedade social em dois grupos de macacos que apresentavam variações no gene transportador da serotonina."<sup>184</sup>

**Gene presente em macacos e humanos condiciona comportamento social, diz estudo:** "Os humanos e os macacos são os únicos membros da família primata que têm este traço genético, que influencia nos transtornos experimentados no âmbito das recompensas sociais. Para chegar a esta conclusão, os cientistas estudaram o

*comportamento e a ansiedade social em dois grupos de macacos que apresentavam variações no gene transportador da serotonina.*"<sup>185</sup>

**Macacos também pagam por sexo, diz estudo:** "Um estudo realizado em Cingapura aponta que pagar por sexo não é uma prática exclusiva dos humanos. De acordo com os pesquisadores, macacos machos também pagam para ter relações sexuais, utilizando uma espécie de trabalho manual de limpeza como moeda de troca."<sup>186</sup>

**Macacos raciocinam em razão de probabilidade de sucesso, diz estudo:** Uma equipe americana de cientistas descobriu que não são apenas os humanos que pensam em alternativas em razão das probabilidades de sucesso. Os macacos também são capazes de tomar decisões em razão do que eles calculam que ajudará a obter uma recompensa maior. Segundo os autores, os macacos têm capacidades, embora em estágio primitivo, de dedução probabilística, faculdade que também é encontrada nos humanos, e que se baseia na extração e combinação de uma série de símbolos visuais."<sup>187</sup>

**Atividades feitas por macacos podem manifestar cultura:** "Não é de hoje que a ciência se pergunta quais são, afinal, as diferenças estruturais entre os cérebros de homens e os de macacos que tornam únicos os primeiros. Para alguns primatologistas, porém, essa é a pergunta errada. Descobertas recentes sobre a inteligência de símios tidos como menos evoluídos - como o macaco-prego - podem dar rumos novos às pesquisas sobre semelhanças e diferenças entre os humanos e os outros primatas. A procura de estruturas cerebrais que sejam exclusivas do homem cada vez mais esbarra em coincidências, enquanto a habilidade dos macacos de mostrar comportamento social complexo ataca a visão antropocêntrica pelo outro lado."<sup>188</sup>

**Mãe chimpanzé pode cuidar de filhote morto por meses, diz pesquisa:** "Enquanto pesquisadores do Reino Unido mostraram que, em cativeiro, chimpanzés são capazes de comportamentos muito parecidos com o luto humano diante da morte de um companheiro, outro estudo, também na revista científica "Current Biology", revelou mais um detalhe pungente da relação dos primos mais próximos do homem com a morte. Num grupo da Guiné, as mães são capazes de carregar seus bebês mortos por meses, de maneira que o cadáver fica até naturalmente mumificado."<sup>189</sup>

Que os macacos sejam até consanguíneos dos humanos, isso pouco me importa. Apenas me recuso a aceitar como verdade uma mentira contada e repetida várias vezes.

É isso!



## Homem e chimpanzé: desconstruindo o mito

Em seu visitadíssimo blog "Desafiando a Nomenclatura Científica"<sup>190</sup>, o incansável Enézio apresentou um esclarecedor artigo do geneticista e pesquisador da Universidade da Flórida, Richard Buggs, o qual contesta, com novos dados, o famoso mito do 1% de semelhança genética entre o homem e o chimpanzé.

Segundo esse cientista, o número 98.5% de semelhança entre chimpanzés e humanos, quando comparados à luz do estudo do genoma, é muito enganador. E explica o por quê:

"Para compararmos os dois genomas, a primeira coisa que nós devemos fazer é alinhar as partes de cada genoma que são semelhantes. Quando nós fazemos este alinhamento, nós descobrimos que somente 2.400 milhões das 3.164 milhões de letras do genoma humano se alinham com o genoma do chimpanzé — isto é, 76% do genoma humano. Alguns cientistas argumentaram que os 24% do genoma humano que não se alinha com o genoma do chimpanzé é o inútil DNA "lixo." Todavia, parece que agora este DNA pode conter 600 genes que codificam proteínas, e codificam também moléculas de RNA funcionais.

Olhando detalhadamente a semelhança do chimpanzé em 76% do genoma humano, nós descobrimos que para fazermos um alinhamento exato, freqüentemente nós temos que introduzir lacunas artificiais ou no genoma humano ou no genoma do chimpanzé. Essas lacunas dão outros 3% de diferença. De modo que agora, nós temos uma semelhança de 73% entre os dois genomas.

Nas sequências bem alinhadas nós agora descobrimos outra forma de diferença, onde uma única 'letra' é diferente entre os genomas humano e do chimpanzé. Essas letras fornecem outro 1.23% de diferença entre os dois genomas. Assim, o percentual de diferença está agora em torno de 72%.

Nós também encontramos locais onde os dois pedaços de genoma humano se alinham com apenas um pedaço do genoma do chimpanzé, ou dois pedaços do genoma do chimpanzé se alinham com um pedaço do genoma humano. Esta "variação de número de cópia" causa outra diferença de 2.7% entre as duas espécies. Portanto, a semelhança total dos genomas pode ser abaixo dos 70%."

É isso!



## Chimpanzés e humanos: "de mãos dadas"

E dando continuidade ao processo de humanização do macaco, divulgou-se recentemente mais uma pesquisa<sup>191</sup>, cujo objetivo é reforçar a velha tese de semelhança entre os chimpanzés e o homem.

O estudo realizado por cientistas da "Fundación Mona", "Universitat Rovira i Virgili", "Institut Català de Paleoecologia Humana i Evolució Social" e "Universitat de Barcelona" revelou que tanto os chimpanzés como os humanos compartilham da mesma preferência pelo uso da mão direita. O resultado, como sempre, mostrou que ambas as espécies possuem "um funcionamento cerebral parecido."

O trabalho, que foi publicada na revista "American Journal of Primatology", baseou-se na observação de 114 chimpanzés alocados nos Centros de Recuperação de Primatas da Fundação Mona (em Girona e Zambia). O experimento centrou-se em tarefas que exigiam o emprego das duas mãos. Na observação constatou-se que os chimpanzés deram preferência pela mão direita ao pegar comida dentro de um tubo: "*Sapiens e chimpanzés possuem um funcionamento cerebral parecido, e tem sido sobre esta base que os humanos construíram uma tecnologia altamente complexa, e um sistema de comunicação flexível e potente*", afirmou a equipe de cientistas.

Pois bem. O fascínio dos devotos de Darwin pelos macacos tem sido de tal monta, que não vai demorar muito, e logo encontrarão também alguma semelhança entre o pum dos chimpanzés e o pum dos humanos.

Este tipo de estudo me faz lembrar do craniometrista Paul Broca, que, na busca de traços que corroborassem a "superioridade" dos europeus, sempre direcionava suas

pesquisas ao fim pretendido, e de tal modo que obtinha o resultado desejado. Uma prova de que não estou exagerando, vem de Harvard, do cientista Marc Hauser, que sempre foi referência para um elevado número de cientistas, sendo um dos mais citados no que se refere aos estudos com chimpanzés. Recentemente ele foi denunciado por seu ex-assistente de pesquisa, que apontou erros intencionais nas suas pesquisas, especificamente aquelas que tentavam aproximar a linguagem dos macacos com os humanos. Ou seja: não se deve dar demasiada importância a estudos, cujos envolvidos estão, de algum modo, comprometidos ideologicamente com a causa pesquisada.

É isso!



## O primo Pongo

Segundo matéria publicada no jornal espanhol “El Mundo”<sup>192</sup>, um grupo de pesquisadores do Instituto de Biologia Evolutiva da Universitat Pompeu Fabra (UPF-CSIC) comprovou por meio do sequenciamento do genoma do chamado “homem da floresta” que os orangotangos compartilham 97% de seus genes com os seres humanos. Depois dos chimpanzés, o grande macaco *Pongo pygmaeus* seria assim aquele que mais se aproxima geneticamente - do homem.

Bem. Uma pergunta que deveria ser feita em relação a este tipo de notícia seria: em que exatamente pesquisas desse viés serão de alguma utilidade para o ser humano e para a própria espécie arborícola?

Segundo os mesmos pesquisadores, o novo empreendimento científico culminará nos seguintes benefícios práticos para ambos os “bichos”:

1. Ajudará o homem a conhecer melhor sua evolução;
2. Trará novos conhecimentos para as pesquisas relacionadas a doenças genéticas;
3. Contribuirá para um conhecimento mais amplo dos grandes símios, os quais estão em grande perigo de extinção, o que ajudaria na sua conservação.

Bom. Levando em conta que o genoma dos chimpanzés começou a ser sequenciado e decifrado nos primórdios do século XXI, e que até o momento isso não resultou em nenhuma mudança relevante para os humanos e para os macacos, pode-se concluir folgadamente que os grandes beneficiários de tais pesquisas ainda serão os próprios pesquisadores. O resto fica nas entrelinhas...

É isso!

## "Monstros esperançosos"



Um dos mais dramáticos dilemas do darwinismo ortodoxo refere-se à completa incapacidade de citar sequer um único e inequívoco exemplo de formação de uma nova espécie pelo acúmulo de mutações. Como bem escreveu Behe: “O neodarwinismo que insiste em pequenas mutações cumulativas está completamente aterrorizado.”

Daí a ênfase que dão à mosca denominada *drosophila* (o seu bichinho de estimação preferido). Eles acreditam, por exemplo, que diferenças nas enzimas digestivas de tais moscas são indícios capazes de mostrar que houve o surgimento de uma nova espécie. Todavia, na melhor das hipóteses pode-se apenas apontar que houve pequenas mudanças no dito bichinho. E nada além disso.

Ou seja: para quem almeja atingir o cume do Everest, não é suficiente escalar o Pico do Jaraguá. Em outras palavras: para quem pretende provar que uma bananeira tem o mesmo ancestral que o homem, tal exemplo é tão cômico quanto às criadas do hotel, fazendo uso do grande Fernando Pessoa. Sim, afinal, por que uma mosca e não um cavalo?

Bom... mas... nem tudo é procela e agitação de ânimos. Entre os espinhosos cactos sempre pode existir uma bela rosa a ostentar sua beleza! Por isso, apresento aos “desesperançosos” darwinistas, alvissaras fresquinhas. Trago em primeira mão alguns belíssimos exemplos de novas espécies, seres deveras esquisitos, é verdade, porém fantasticamente formados a partir da acumulação gradual de mutações ao acaso, ao longo dos anos.

E viva Goldschmidt! ((rs))

É isso!



## "Quem não tem cão, caça com bactéria"

A resistência das bactérias aos antibióticos transformou-se numa espécie de “arma fatal” capaz de “provar” de uma vez por toda que a Teoria da Evolução, em seus modos darwinianamente estritos, é a expressão da mais pura verdade! Constantemente a garotada de Darwin toma este fato como o que melhor explica a Teoria da Evolução, hoje.

Bom, para quem almeja as alturas do Everest, não é suficiente escalar o Pico do Jaraguá. Em outras palavras, para quem busca provar que uma ameba se transformou num *Australopithecus* e, em seguida, num australiano, isso, como diria no popular, é “estória-pra-boi-dormir.” Sim, pois:

- 1 - A microbiologia diz que as populações bacterianas são todas heterogêneas.
- 2 - A biologia molecular nos afirma que certas bactérias têm mecanismos moleculares com os quais podem sobreviver aos antibióticos.
- 3 - A genética molecular mostra que tais mecanismos de resistência são passados para outras bactérias mediante gerações de bactérias.
- 4 - A farmacologia ajuda formular novos antibióticos que tiram vantagens das defesas bacterianas.

E o darwinismo? O que ele acrescenta à microbiologia, biologia molecular, genética molecular e farmacologia?

Bem. Apenas isso:

Que as bactérias resistentes a antibióticos sobrevivem à exposição aos antibióticos como consequência da seleção natural. Em outras palavras: que as bactérias sobrevivem aos antibióticos aos quais elas não são sensíveis, de modo que as bactérias que não morreram eventualmente superarão as bactérias que morreram.

Haja tautologia!!!

Trocando em miúdo, a contribuição do darwinismo é tão útil para a microbiologia, a biologia molecular, a genética molecular e a farmacologia quanto água em pó, para fazer uso dela, acrescente água. Mas que belo argumento! ((rs))

É bom lembrar que muitas bactérias se tornam resistentes mediante a aquisição de genes plasmídeos ou de transposones por meio de transferência horizontal de genes. Contudo, a transferência horizontal não explica a origem dos genes de resistência, mas só sua difusão entre as bactérias. As mutações, por sua vez, podem explicar o surgimento da resistência aos antibióticos dentro do universo bacteriano, porém, implicam processos mutacionais que são contrários a predições da teoria da evolução.

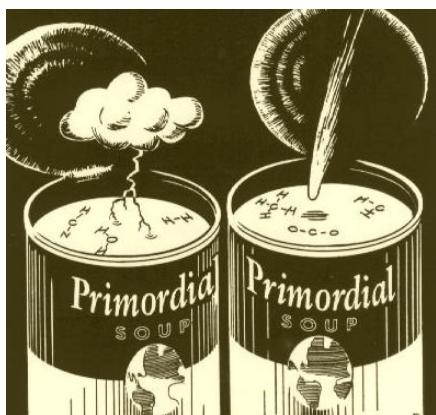
As mudanças genéticas que reduzem ou eliminam alguns dos sistemas celulares não proporcionam um mecanismo genético para uma “descendência comum com modificação.” Muito pelo contrario, tais mudanças são na realidade contrárias a tal descendência, ao reduzir ou eliminar um sistema preexistente de complexidade biológica. Estas mudanças, portanto, não servem como exemplo de um mecanismo genético para a aquisição “evolutiva” do vôo por parte de organismos não voadores, de fotossíntese por parte de organismos não fotossintetizadores etc.

### Resumindo:

A análise dos fenômenos genéticos que causa a resistência das bactérias aos antibióticos nos mostra que eles não são congruentes com os fenômenos genéticos necessários para a evolução (definida como “descendência comum com modificação”). Em vez disto, a resistência que resulta da transferência horizontal de genes proporciona meramente um mecanismo para a transferência de genes de resistência previamente existentes. A transferência horizontal não proporciona um mecanismo para tais genes. Todos os exemplos conhecidos de aquisição de resistência aos antibióticos em consequência de mutações não se harmonizam com os requisitos genéticos exigidos no conceito darwinista de descendência comum com modificação.

Mas, entende-se o jibóico interesse darwinista pela questão. É que, como disse um colega: “Quem não tem cão, caça com bactéria.”

É isso!



### “Vide os experimentos de Miller...”

- “*Vide os experimentos de Miller... diz que isso é crença Iba... refute...*”

Esta frase, dita por um darwinista num desses banais debates de Internet, reflete o desejo da galerinha de Darwin em “criar condições favoráveis” para o mito da abiogênese. Abiogênese?

- Não, biopoiense, diria outro mais animado!

Sim, pois, embora o experimento de Miller tenha sido um verdadeiro fiasco científico, ele ainda é comemorado por muitos, principalmente darwinistas deslumbrados com o maravilhoso mundo de Darwin, como se fosse a orgástica descoberta do “ponto G da ciência.” Mas por trás dessa veneração abiogenética, há toda uma paixão secreta, já que oficialmente tenta-se separar a geração espontânea da teoria evolucionista. Todavia, todo darwinista comprometido com o materialismo filosófico nutre, ainda que latentemente, uma atração arrebatadora pela abiogênese. Se ele não declara isso a plenos pulmões é porque tal experiência revelou-se um jibóico delírio. Do contrário, júbilos se fariam ouvir internet afora. ((rs))

Já havia discorrido acerca disso numa outra ocasião, mas penso ser relevante trazê-lo à tona mais uma vez. Vejamos, pois, porque a experiência de Miller não merece crédito, e porque a crença da galerinha de Darwin nesse experimento não difere muito daquela expressada pelos fiéis da Santa Vó Rosa.

## DEIXANDO CLARO QUE...

1 - Fabricar as moléculas da vida através de processos químicos fora da célula é, na realidade, muito fácil. Qualquer químico competente pode comprar alguns elementos químicos em uma fornecedora comercial, pesá-los na proporção correta, dissolvê-los em um solvente apropriado, aquecê-los em um frasco durante um período predeterminado de tempo e purificar o produto químico desejado, separando os elementos químicos que não quer e que são produzidos por reações colaterais.

2 - O químico pode não somente fabricar aminoácidos e nucleotídeos—os blocos de armar—mas também usá-los e construir os próprios edifícios: proteínas e ácidos nucléicos. Na verdade, o processo para se conseguir isso foi automatizado e máquinas que misturam e fazem com que elementos químicos reajam para gerar proteínas e ácidos nucléicos são vendidas por várias empresas.

3 - Qualquer estudante de graduação pode ler o manual de instruções e produzir em um ou dois dias uma longa peça de ADN — talvez o gene que codifica uma proteína conhecida.

Agora vamos aos fatos, segundo Behe, do seu livro “A Caixa Preta de Darwin”, de 1997, publicado pela Zahar Editora:

1 - Não havia químicos há quatro bilhões de anos.

2 - Tampouco havia fornecedores de produtos químicos, retortas, nem muitos dos outros aparelhos que o químico moderno usa diariamente em seu laboratório e que são necessários para se obter bons resultados.

3 - Um cenário convincente da origem da vida requer que a direção inteligente das reações químicas seja minimizada tanto quanto possível.

4 - Ainda assim, a participação de algum tipo de inteligência é inevitável.

5 - Se as condições na Terra primitiva se parecessem de fato com as malsucedidas tentativas de Miller, então, na realidade, nenhum aminoácido poderia ter sido produzido.

6 - Além do mais, ligar muitos aminoácidos para formar uma proteína dotada de atividade biológica útil constitui um problema químico muito mais difícil do que fabricar aminoácidos.

7 - A grande dificuldade em encadear aminoácidos é que, quimicamente, isso envolve a remoção de uma molécula de água em cada aminoácido ligado à cadeia em crescimento da proteína. De modo oposto, a presença de água cria enorme dificuldade ao aminoácido para formar a proteína.

8 - Uma vez que a água é tão abundante na Terra, e tendo em vista que os aminoácidos nela se dissolvem facilmente, os pesquisadores da origem da vida foram obrigados a propor cenários incomuns para contornar esse problema.

9 - Um cientista chamado Sidney Fox, por exemplo, sugeriu que talvez alguns aminoácidos tivessem sido jogados do oceano primordial sobre uma superfície muito quente, tal como a borda de um vulcão em atividade. Nessa altura, continua a história, eles seriam aquecidos acima do ponto de ebulação da água; desaparecida a água, os aminoácidos poderiam se interligar.

10 - Infelizmente, outros pesquisadores haviam mostrado antes que aquecer aminoácidos produz um alcatrão marrom escuro, malcheiroso, e não proteínas detectáveis.

11 - A circunstância especial necessária para produzi-los — condições quentes, secas (supostamente representando locais raros como bordas de vulcão), com volumes exatos de aminoácidos já purificados, pesados de antemão — lança uma escura nuvem sobre a importância desses experimentos.

12 - Pior ainda, uma vez que proteinóides não são proteínas de fato, o grande problema de formar proteínas autênticas permanece insolúvel.

13 - Embora um químico possa produzir com facilidade nucleotídeos em laboratório, sintetizando os componentes em separado, purificando-os e, em seguida, recombinando-os, reações químicas não dirigidas geram, esmagadoramente, produtos indesejáveis e uma massa amorfa no fundo do tubo de ensaio.

14 - O cianeto de hidrogênio e a amônia não são usados na biossíntese do AMP. Mesmo que existissem na antiga Terra, e ainda que isso tivesse algo a ver com a origem da vida (o que é problemático por algumas outras razões), a síntese da adenina a partir de moléculas simples no frasco do químico não nos fornece informação nenhuma sobre como surgiu o caminho para fabricar a molécula na célula.

15 - Na verdade, se dissolvêssemos em água (usando os nomes químicos formais) ribose-5-fosfato, glutamina, ácido aspártico, glicina, n10-formil-THF, dióxido de carbono e pacotes de energia de ATP e GTP — todas as pequenas moléculas que são usadas pela célula para construir o AMP e as deixássemos em repouso por um longo tempo (digamos, mil ou um milhão de anos), não conseguiríamos qualquer AMP.

### RESUMO DA ÓPERA, OU MELHOR, DO DRAMA

"Sapatos podem ser tudo de que necessitamos para ir de Milão a Roma, mas precisaremos de mais do que isso para ir de Roma à Sicília; vamos precisar de um barco." Ademais, as probabilidades da formação da vida por geração espontânea são tão pequenas que exigem um 'milagre' abiogenético equivalente a um argumento teológico.

É isso!



### Darwin estava errado

"Têm-se representado algumas vezes sob a figura de uma grande árvore as afinidades de todos os seres da mesma classe, e creio que esta imagem é assaz justa sob muitas relações.

Os ramos e os gomos representam as espécies existentes; os ramos produzidos durante os anos precedentes representam a longa sucessão das espécies extintas. A cada período de crescimento, todas as ramificações tendem a estender os ramos por toda a parte, a exceder e destruir as ramificações e os ramos circunvizinhos, da mesma forma que as espécies e os grupos de espécies têm, em todos os tempos, vencido outras espécies na grande luta pela existência.

As bifurcações do tronco, divididas em grossos ramos, e estes em ramos menos grossos e mais numerosos, tinham outrora, quando a árvore era nova, apenas pequenas ramificações com rebentos; ora, esta relação entre os velhos rebentos e os novos no meio dos ramos ramificados representa bem a classificação de todas as espécies extintas e vivas em grupos subordinados a outros grupos.

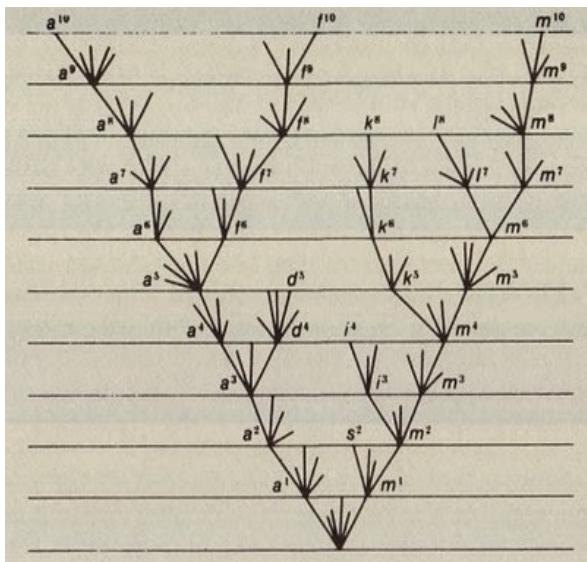
Sobre as numerosas ramificações que prosperavam quando a árvore era apenas um arbusto, duas ou três unicamente, transformadas hoje em grossos ramos, têm sobrevivido, e sustentam as ramificações subsequentes; da mesma maneira, sobre as numerosas espécies que viviam durante os períodos geológicos afastados desde longo tempo, muito poucas deixaram descendentes vivos e modificados.

Desde o primeiro crescimento da árvore, mais de um ramo deve ter perecido e caído; ora, estes ramos caídos, de grossura diferente, podem representar as ordens, as famílias e os gêneros inteiros, que não têm representantes vivos e que apenas conhecemos no estado fóssil.

Da mesma forma que vemos de onde aonde sobre a árvore um ramo delicado, abandonado, que surgiu de qualquer bifurcação inferior, e, em consequência de felizes circunstâncias, está ainda vivo, e, atinge o cume da árvore, da mesma forma encontramos accidentalmente algum animal, como o ornitorrinco ou a lepidossercia, que, pelas suas afinidades, liga, sob quaisquer relações, duas grandes artérias da

organização, e que deve provavelmente a uma situação isolada ter escapado a uma concorrência fatal.

Da mesma forma que os gomos produzem novos gomos, e que estes, se são vigorosos, formam ramos que eliminaram de todos os lados os ramos mais fracos, da mesma forma creio eu que a geração atua igualmente para a grande árvore da vida, cujos ramos mortos e quebrados são sepultados nas camadas da crosta terrestre, enquanto que as suas magníficas ramificações, sempre vivas e renovadas incessantemente, cobrem a superfície.”<sup>193</sup>



194

**Why Darwin was wrong about the tree of life:** "For much of the past 150 years, biology has largely concerned itself with filling in the details of the tree. "For a long time the holy grail was to build a tree of life," says Eric Baptiste, an evolutionary biologist at the Pierre and Marie Curie University in Paris, France. A few years ago it looked as though the grail was within reach. But today the project lies in tatters, torn to pieces by an onslaught of negative evidence. Many biologists now argue that the tree concept is obsolete and needs to be discarded. "We have no evidence at all that the tree of life is a reality," says Baptiste. That bombshell has even persuaded some that our fundamental view of biology needs to change."

**Evolution: Charles Darwin was wrong about the tree of life:** "Evolutionary biologists say crossbreeding between species is far more common than previously thought, making a nonsense of the idea of discrete evolutionary branches..."<sup>195</sup>

**Cientista diz que modelo da árvore da vida de Darwin é equivocado:** "A árvore da vida do naturalista britânico Charles Darwin, que mostra como as espécies estão inter-relacionadas ao longo da história da evolução, é equivocada e deveria ser substituída por um símbolo melhor, diz um biólogo do principal centro científico da França.

"Não temos provas de que a árvore da vida seja uma realidade", afirma Eric Baptiste, biólogo da Universidade Pierre e Marie Curie, de Paris, em declarações à revista "New Scientist."

Darwin projetou em 1837 uma árvore imaginária para mostrar como as espécies podiam ter evoluído, árvore que veio rapidamente a simbolizar a teoria da evolução por meio da seleção natural.

No entanto, a genética moderna demonstrou que representar a história da evolução em forma de árvore pode confundir, e muitos cientistas argumentam que seria mais realista usar uma espécie de bosque impenetrável para representar as inter-relações entre as espécies.

Os testes genéticos realizados com bactérias, plantas e animais revelam que as espécies se inter-relacionam entre elas muito mais do que se pensava, com o que os genes não passam apenas para a descendência pelos galhos da árvore da vida, mas se transferem também de algumas espécies para outras.

Os micróbios trocam material genético de forma tão promiscua que é difícil distinguir alguns tipos de outros, mas também as plantas e os animais se cruzam com muita regularidade, e os híbridos resultantes podem ser férteis.

*Segundo alguns cálculos, 10% dos animais criam regularmente híbridos por meio do cruzamento com outras espécies.”<sup>196</sup>*

É isso!



## Uma questão de "lógica"

Em seu interessante artigo “El evolucionismo y sus ramificaciones: ciencia y religión”, o professor de ética social da Universidade da Califórnia”, Juan A. Herrero Brasas, toca numa ferida há muito exposta no darwinismo: a extrema incapacidade de mecanismos cegos e aleatórios terem originado a sofisticação do organismo humano. Ele faz menção, por exemplo, da famosa especulação do astrônomo Arthur Edington. Em 1929 este cientista afirmou que, dado o tempo suficiente, um batalhão de chimpanzés teclando ao acaso acabariam escrevendo todas as obras existentes no museu britânico. Todavia, segundo Brasas, as diversas ramificações da matemática e a probabilística, valendo-se dos últimos avanços da informática, demonstraram o completo fracasso dessa predição, transformando a questão num enorme desafio para os evolucionistas.

Um exemplo concreto, cita Brasas, refere-se à análise das probabilidades realizada por Michael Starbird, da Universidade de Texas, acerca da possibilidade de se construir a frase shakespeareiana *to be or not to be* a partir de uma combinação de 18 caracteres e espaços digitados ao acaso. De acordo com esta análise matemática, caso tivéssemos um bilhão de chimpanzés teclando uma vez por segundo, ao acaso, uma combinação de 18 letras e espaços (os que ocupam a referida frase), desde o início do Universo, durante aproximadamente 13.700 milhões de anos, a probabilidade de que para o instante atual algumas dessas teclas, ao acaso, tenham originado *to be or not to be* é UMA entre um MIL MILHÕES. Em outras palavras, o aparecimento de tal frase ao acaso é infinitamente mais improvável do que ganhar a mais difícil das loterias comprando apenas um único bilhete.

Portanto, imaginar que milhões de coincidências fortuitas, mutações e combinações de mutações ao acaso, durante milhões e milhões de anos, tenham dado origem à extrema sofisticação do organismo humano e todo o restante da natureza implica numa lógica nada diferente daquela em que uma princesa fez levantar o príncipe encantado com seu doce e molhado beijo.

Mas tudo é questão de fé. E fé não se pesa ou se dimensiona: apenas se crer, e pronto!

É isso!



## A "Seleção Intencional" de Darwin

Citando o livro “What is darwinism?”, de Charles Hodge (Princeton, 1870), o cientista espanhol Emilio de Cervantes discorre (“La ambigüedad, característica fundamental en Darwin. Ejemplo: significado de la palabra Natural”<sup>197</sup>) sobre o caráter ambíguo da Seleção Natural de Charles Darwin.

Segundo ele, o naturalista inglês fez uso deste termo pelo menos com nove ou dez significados diferentes. Hodge, porém, destaca apenas dois sentidos para Seleção Natural, os quais sintetizam muito bem os ideais de Darwin ao difundir tal conceito:

- 1 – “Natural” como antagônico à “artificial”, ou seja, um tipo de “seleção” realizada por intermédio da ação humana com o intuito de se alcançar um determinado objetivo.
- 2 – “Natural” como oposto a “sobrenatural”, isto é, algo originado a partir de um poder superior agindo na natureza.

Desta forma, resume Hodge: “Al fazer uso da expressão “seleção natural”, o Sr. Darwin tenciona excluir a possibilidade de um desenho ou de causas finais.” E, também assim, sintetiza Cervantes: “Por meio da construção denominada “Seleção Natural”, o objetivo dos textos de Darwin consiste em excluir desenhos e causas finais de sua descrição da natureza. Ao menos é assim para uma mente sincera do século XIX como à de Charles Hodge.”

Bem. Foi seguindo por este atalho, que me embrenhei em Darwin a fim de encontrar alguma pista que realmente pudesse confirmar tais suspeitas. E, não foi assim tão difícil. Se não, vejamos nas próprias palavras deste naturalista como este confronto (“natural” vs “sobrenatural” ou “aleatoriedade vs propósito”) se faz tão nítido quanto a luz no pino do meio dia. Note-se, nos textos a seguir, como Charles Darwin realça esta “oposição”, demonstrando assim seu objetivo ideológico em afirmar sua filosófica posição naturalista.

1 - Do livro: “A expressão das emoções no homem e nos animais.” Charles Darwin. Companhia da Letras. São Paulo, 2009: *“A crença de que o rubor foi especialmente designado pelo Criador opõe-se à teoria geral da evolução, hoje em dia ampla mente aceita; mas não é minha tarefa aqui discutir a questão geral. Aqueles que acreditam no desígnio terão dificuldades para explicar por que a timidez é a mais comum e eficiente das causas de rubor, se faz sofrer quem enrubesce e constrange quem observa, sem ter a menor utilidade para qualquer um dos dois. Também terão dificuldades para explicar por que negros e outras raças de pele escura enrubescem, já que neles a mudança de cor na pele é quase ou totalmente invisível”* (p. 287).

2 - Do livro: “A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza.” Charles Darwin. Tradução do doutor Mesquita Paul. Lello & Irmão – Editores. Porto, 2003: *“Ora, posto que numerosos pontos sejam ainda muito obscuros, se bem que devem ficar, sem dúvida, inexplicáveis por bastante tempo ainda, vejo-me, contudo, após os estudos mais profundos e uma apreciação fria e imparcial, forçado a sustentar que a opinião defendida até a pouco pela maior parte dos naturalistas, opinião que eu próprio partilhei, isto é, que cada espécie foi objeto de uma criação independente, é absolutamente errônea. Estou plenamente convencido que as espécies não são imutáveis; estou convencido que as espécies que pertencem ao que chamamos o mesmo gênero derivam diretamente de qualquer outra espécie ordinariamente distinta, do mesmo modo que as variedades reconhecidas de uma espécie, seja qual for, derivam diretamente desta espécie; estou convencido, enfim, que a seleção natural tem desempenhado o principal papel na modificação das espécies, posto que outros agentes tenham nela partilhado igualmente”* (p. 18).

[...]

*“A seleção natural opera apenas pela conservação e acumulação de pequenas modificações hereditárias de que cada uma é proveitosa ao indivíduo conservado; ora, da mesma forma que a geologia moderna, quando se trata de explicar a escavação de um profundo vale, renuncia a invocar a hipótese de uma só grande vaga diluviana, da mesma forma a seleção natural tende a fazer desaparecer a crença na criação contínua de novos seres organizados, ou nas grandes e inopinadas modificações da sua estrutura”* (p. 110).

[...]

*“Quem acredita nos atos numerosos e separados da criação, pode dizer que, nos casos desta natureza, aprouve ao Criador substituir um indivíduo pertencendo a um tipo*

*por um outro pertencendo a um outro tipo, o que me parece ser o enunciado do mesmo fato numa forma aperfeiçoada. Quem, pelo contrário, crê na luta pela existência ou no princípio da seleção natural, reconhece que cada ser organizado tenta constantemente multiplicar-se em número; sabe-se, além disso, que se um ser varia por pouco que seja nos hábitos e na conformação, e obtém assim uma vantagem sobre qualquer outro habitante da mesma localidade, se apodera do lugar deste último, por mais diferente que seja do que ele ocupava primeiramente.*

*Também se não experimenta surpresa alguma vendo gansos e fragatas com os pés palmados, posto que estas aves habitam a terra e se coloquem raramente sobre a água; codornizões de dedos alongados vivendo nos prados em lugar de viver nas lagoas; picanços habitando lugares desprovidos de árvores; e, enfim, melros ou himenópteros mergulhadores e alcatrazes tendo os costumes dos pingüins" (p. 197).*

[...]

*"A comparação entre o olho e o telescópio apresenta-se naturalmente ao espírito. Sabemos que este último instrumento foi aperfeiçoado pelos esforços contínuos e prolongados das mais altas inteligências humanas, e concluímos daí naturalmente que o olho se formou por um processo análogo. Será esta conclusão presunçosa? Temos o direito de supor que o Criador põe em jogo forças inteligentes análogas às do homem? Se quisermos comparar o olho a um instrumento óptico, devemos imaginar uma camada espessa de um tecido transparente, embebido de líquido, em contato com um nervo sensível à luz; devemos supor também que as diferentes partes desta camada mudam constantemente e lentamente de densidade, de forma a separar-se em zonas, tendo uma espessura e uma densidade diferentes, desigualmente distantes entre si e mudando gradualmente de forma à superfície. Devemos supor, além disso, que uma força representada pela seleção natural, ou a persistência do mais apto, está constantemente espiando todas as ligeiras modificações que afetem camadas transparentes, para conservar todas as que, em diversas circunstâncias, em todos os sentidos e em todos os graus, tendem a permitir a perfeição de uma imagem mais distinta. Devemos supor que cada novo estado do instrumento se multiplica por milhões, para se conservar até que se produza um melhor que substitua e anule os precedentes. Nos corpos vivos, a variação causa as ligeiras modificações, a reprodução multiplica quase ao infinito, e a seleção natural apodera-se de cada melhoramento com uma segurança infalível. Admitamos, enfim, que esta marcha se continua durante milhões de anos e se aplica durante cada um a milhões de indivíduos; poderemos nós admitir então que se possa ter formado assim um instrumento óptico vivo, tão superior a um aparelho de vidro como as obras do Criador são superiores às do homem?" (p. 200-201).*

[...]

*"As observações precedentes levam-me a dizer algumas palavras sobre o protesto que fizeram alguns naturalistas contra a doutrina utilitária, após a qual cada particularidade de conformação se produziu para vantagem do seu possuidor. Sustentam que muitas conformações foram criadas por simples amor da beleza, para encantar os olhos do homem ou os do Criador (este último ponto, contudo, está fora da discussão científica), ou por mero amor da variedade, ponto que já discutimos. Se estas doutrinas fossem fundadas, seriam absolutamente fatais à minha teoria" (218).*

[...]

*"Este sistema é incontestavelmente engenhoso e útil. Mas muitos naturalistas julgam que o sistema natural comporta alguma coisa mais; crêem que contêm a revelação do plano do Criador; mas a menos que se não precise se esta expressão significa por si mesma a ordem no tempo ou no espaço, ou ambas, ou enfim o que se entende por plano de criação, parece-me que isto nada acrescenta aos nossos conhecimentos" (p. 474).*

[...]

"Não há tentativa mais vã do que querer explicar esta semelhança do tipo entre os membros de uma classe pela utilidade ou pela doutrina das causas finais. Owen admitiu expressamente a impossibilidade de chegar a este ponto no seu interessante trabalho sobre a Natureza dos Membros. Na hipótese da criação independente de cada ser, podemos apenas notar este fato, juntando que aprovou ao Criador construir todos os animais e todas as plantas de cada grande classe sobre um plano uniforme; mas não é explicação científica. A explicação apresenta-se, pelo contrário, por si mesma, por assim dizer, na teoria da seleção das modificações ligeiras e sucessivas, sendo cada modificação de qualquer maneira vantajosa à forma modificada e afetando muitas vezes por correlação outras partes do organismo. Nas alterações desta natureza, não poderia haver mais que uma fraca tendência a modificar o plano primitivo, e nenhuma em transpor as partes" (p. 497).

3 - Do livro: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Charles Darwin. Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus — Livraria Editora Ltda. São Paulo, 1974: "Seja-me permitido dizer, como justificativa, que tinha em mente dois assuntos distintos: o primeiro, o de que as espécies não haviam sido criadas separadamente; e o segundo, o de que a seleção natural tinha sido o agente principal das mudanças, embora largamente coadjuvado pelos efeitos hereditários dos hábitos e claramente pela ação direta das condições ambientais. Contudo, não tenho sido capaz de neutralizar a influência da minha primitiva opinião, então quase universal, de que cada espécie fora criada intencionalmente e isto levou ao tácito assentimento de que todo particular da estrutura, com exceção dos rudimentos, tivesse uma determinada utilidade, embora desconhecida. Todo aquele que assim pensasse, naturalmente poderia estender em muito a ação da seleção natural, tanto no passado como no presente. Alguns daqueles que admitem o princípio da evolução, mas rejeitam a seleção natural, ao tecerem críticas ao meu livro parecem esquecer que eu tinha pelo menos dois objetivos em mente. Com efeito, se me equivoquei ao atribuir à seleção natural uma excessiva importância, a qual hoje estou bem longe de admitir, ou se lhe exagerei o poder que em si mesmo é provável, pelo menos espero ter prestado um bom serviço, ajudando a pôr por terra o dogma das criações separadas" (p. 77).

[...]

"Nos últimos anos os antropólogos — que se dividiram nas duas escolas de monogenistas e poligonistas — muito têm discutido a questão se o gênero humano consiste de uma ou mais espécies. Aqueles que não admitem o princípio da evolução devem considerar as espécies como criações separadas ou, de certo modo, como entidades distintas e devem estabelecer quais formas do homem considerar como espécies pela analogia de método comumente seguida ao classificar outros seres orgânicos como espécies. Mas é uma tarefa insana decidir sobre este assunto, até que se aceitem algumas definições do termo "espécie" e a definição não deve incluir um elemento indeterminado como um ato de criação" (p. 209).

[...]

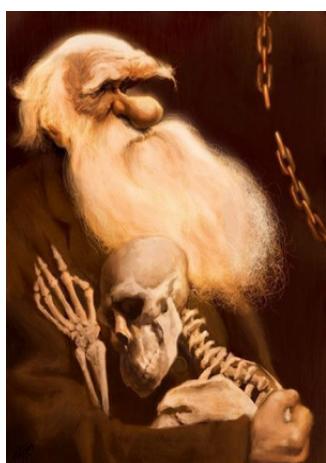
"Quem não se contenta com olhar, como fazem os selvagens, os fenômenos da natureza com um espírito desligado, já não pode mais pensar que o homem seja um ato separado da criação. Ele seria forçado a reconhecer que a estreita semelhança de um embrião humano com aquele, por exemplo, de um cão — a estrutura do crânio, dos membros e de todo o esqueleto sobre uma base igual àquela dos outros mamíferos, independentemente do uso a que estão destinados — o reaparecimento ocasional de diversas estruturas, por exemplo de alguns músculos, que o homem normalmente não possui, mas que são comuns aos quadrúmanos — e uma série de fatos análogos — da maneira mais evidente levam todos à conclusão de que o homem, juntamente com os outros mamíferos, descende de um antepassado comum" (p. 698).

[...]

"A ideia de um Criador universal e benigno não parece que só surgiu na mente humana quando o homem se elevou mediante uma longa cultura. Quem acredita na procedência do homem de alguma forma inferior organizada, naturalmente perguntará como é que isto tem relação com a crença da imortalidade da alma. Conforme J. Lubbock demonstrou, as raças humanas bárbaras não possuem uma ideia clara desse tipo, mas já viram que os argumentos deduzidos das crenças primitivas dos selvagens são de pouca ou nenhuma utilidade. Alguns indivíduos sentem-se inquietos diante da impossibilidade de determinar em que momento preciso do desenvolvimento do indivíduo, desde o primeiro vestígio e uma minúscula bexiga germinal, o homem se tornou um ente imortal; e haja visto que não deve haver nenhuma causa de maior ansiedade pelo fato de que não é possível determinar este momento na gradual ascensão da escala orgânica.

Estou perfeitamente cônscio do fato de que as conclusões a que chegamos nesta obra serão denunciadas por alguém como sendo bastante irreverentes; mas essa pessoa deverá então demonstrar por que razão é um ato irreligioso explicar a origem do homem como espécie distinta mediante a derivação de alguma forma inferior, por meio das leis da variação e da seleção natural, do que explicar o nascimento do indivíduo através das leis da reprodução normal. O nascimento, tanto da espécie como do indivíduo, faz igualmente parte daquela grande sequência de eventos, que a nossa mente se recusa a considerar como consequências da cegueira do acaso. O intelecto se rebela diante de tal conclusão de queせjamos capazes ou menos capazes de crer que toda ligeira variação da estrutura — a união de todo casal, a disseminação de todo sêmen — e outros acontecimentos semelhantes tenham sido todos dispostos para qualquer fim particular" (p. 704-705).

É isso!



## Os grandes suplícios de Darwin

De todas as objeções à teoria de Charles Darwin, duas delas transformaram-se em verdadeiros suplícios para esse naturalista. Ambas, aliás, perpassando diretamente pelo seu rígido e estrito gradualismo. Embora confessasse abertamente tais dificuldades, ele não olvida aplicar, ao seu próprio modo, muletas as quais ainda hoje arrastam ao mesmo suplício os fanáticos defensores da doutrina gradualista. Vamos aos suplícios:

### PRIMEIRO GRANDE SUPLÍCIO DE DARWIN: OS ÓRGÃOS COMPLEXOS

"Se se chegasse a demonstrar que existe um órgão complexo que se não possa formar por uma série de numerosas modificações graduais e ligeiras, a minha teoria não poderia certamente defender-se. Mas não posso encontrar caso algum semelhante."

### SEGUNDO GRANDE SUPLÍCIO DE DARWIN: OS FÓSSEIS INTERMEDIÁRIOS

"A geologia não revela seguramente uma série orgânica bem graduada, e nisto é, talvez, que consiste a objeção mais séria que pode fazer-se à minha teoria. Creio que a explicação se encontra na extrema insuficiência dos documentos geológicos." <sup>198</sup>

É isso!



## Do darwinismo e da lógica do Dr. Pangloss

Terminei há algum tempo a leitura de “Cândido”, do genial François-Marie Arouet ou simplesmente Voltaire. Dentre as muitas personagens do romance, destaca-se o Doutor Pangloss, uma caricata figura que me fez lembrar a versão igualmente caricata do darwinismo, também denominada ultradarwinismo. Tal qual o Doutor Pangloss, os ultradarwinistas são exímios na capacidade de criar estórias aparentemente plausíveis porém não fundamentadas na realidade. Mas, vamos ao “Cândido”:

*“Está demonstrado, dizia ele, que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Queiram notar que os narizes foram feitos para usar óculos, e por isso nós temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para as calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e edificar castelos, e por isso Monsenhor tem um lindo castelo; o mais considerável barão da província deve ser o mais bem alojado; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, nós comemos porco o ano inteiro: por conseguinte, aqueles que asseveravam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível.”*

No mundo do Doutor Pangloss nada acontecia sem um propósito determinado. Para tal personagem voltaireana não havia efeito sem causa, e este mundo era o melhor possível dos mundos: “o castelo do senhor barão era o mais belo possível dos castelos e a senhora a melhor das baronesas possíveis.”

Assim, não é lá muito diferente o mundo panglossiano daquele em que vivem deslumbradamente os ultradarwinistas. Neste “mundo” darwiniano, por exemplo, o naturalista inglês fora um homem à prova de qualquer suspeita, um cidadão dedicado ao bem da humanidade, o protótipo ideal de um lídimo e verdadeiro cientista. E, tal qual o Doutor Pangloss, os ultradarwinistas vêem o darwinismo como o melhor de todos os “mundos”, o lugar perfeito onde a verdade finca-se como um estandarte iluminando as trevas do “obscurantismo religioso e retrógrado.” Em função disso, são peritos em criar estórias aparentemente verossímeis, a maior parte das quais fundamentadas na velha e ultrapassada muleta do adaptacionismo. Para eles, cada característica de um ser vivo necessariamente tem sua razão de ser.

Suas conclusões normalmente estão baseadas em inferências acerca “daquilo que poderiam ter sido” ou “naquilo que desejariam que fosse.” No caso do chimpanzé, por exemplo, não obstante façam uso da “justificativa genética”, a proximidade entre este animal e o homem norteia-se preponderantemente pela semelhança morfológica entre ambos: “O homem parece como o macaco, logo o homem tem uma relação evolutiva com ele.” Coincidencialmente, há uma passagem hilária em “Cândido”, na qual se narra que as mulheres mantinham um relacionamento conjugal com esses bichinhos.

*“Ia continuar, mas o espanto lhe paralisou a língua ao ver aquelas duas raparigas beijarem ternamente os dois macacos, desatando em pranto sobre os seus corpos e enchendo o ar com os gritos mais pungentes.”*

— Eu não esperava tanta bondade de alma — disse afinal a Cacambo, o qual replicou:

— Bela coisa fez o patrão! Acaba de matar os amantes dessas moças.

— Seus amantes! Será possível? Estás zombando de mim, Cacambo. Como vou acreditar numa coisa dessas?

— O senhor, meu caro patrão, anda sempre a espantar-se de tudo; por que acha tão estranho que alguns países haja macacos que obtém favores femininos? Eles têm um quarto de homens, como eu tenho um quarto de espanhol.

— Ah! — disse Cândido, — lembro-me de ter ouvido a Pangloss que outrora aconteciam tais acidentes, e que tal mescla produzira egipãs, faunos, sátiros; que várias personagens da antigüidade os haviam visto; mas eu tomava tudo isso por fábulas.” ((rs))

Além disso, proliferaram as conclusões fundamentadas em lacunas. Por exemplo, no caso do registro fóssil, justificam as ausências pelo fato de ser ele imperfeito, uma vez que, quando um animal morre, há uma possibilidade muito reduzida de ele vir a ser fossilizado, o que explicaria tais lacunas nas genealogias fósseis.

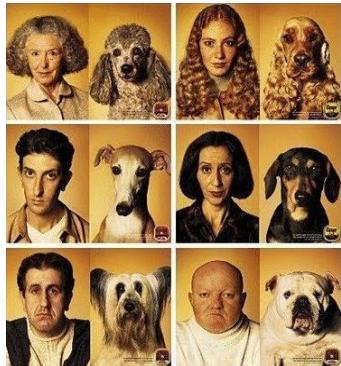
Outra característica do panglossianismo darwinista, e esta ainda mais irônica, refere-se ao fato de acreditar que a Teoria da Evolução tenha alguma utilidade prática para a humanidade. O que me remete novamente ao “Cândido”, a uma passagem em que outra personagem, Pococurante, um nobre veneziano, desdenha da teoria científica livresca:

— Ah! — exclamou Martinho. — Eis aqui oitenta volumes dos anais de uma academia de ciências; deve haver nisso tudo alguma coisa de bom.

— Haveria — disse Pococurante — se um só dos autores dessa moxinifada tivesse inventado ao menos a arte de fabricar alfinetes; mas em todos esses volumes não há mais que inócuos sistemas e nenhuma coisa útil. ((rs))

Não há dúvidas da plausibilidade em se discutir muitos aspectos do darwinismo pelo viés científico, todavia, sua essência, ainda que à ojeriza de seus ferrenhos adeptos, fundamenta-se no ponto de vista filosófico. As inúmeras extrações feita a partir da realidade vivenciada, tem sua origem no naturalismo filosófico, no cientificismo e na profunda vontade de que as coisas fossem de um determinado modo, o que novamente remete à mesma filosofia. “Mas a ciência é materialista” diriam ao modo peculiar do Doutor Pangloss, confundindo a praticidade da ciência com a abstração materialista e ideológica.

É isso!



## O enigma das espécies

“Espécie é um grupo de organismos que se cruzam entre si, mas que estão sexualmente isolados de grupos semelhantes (Mayr), diriam os darwinistas, como se tal definição fosse suficiente para abranger a questão como um todo. Obviamente que, para seus interesses, é esta a melhor definição, daí essa mania de sempre querer “simplificar” as coisas quando lhe são convenientes. Mas, e as espécies assexuadas, como encaixá-las dentro desta definição? E nos casos de hibridação, como enquadrá-la nesse mesmo conceito?

Bom. Esta dificuldade em se definir espécie é tão velha quanto o interesse do homem por estudar os bichos. Cito, aqui, por exemplo, as opiniões do próprio Charles Darwin e de Thomas Huxley, os quais reconhecem este dilema, embora buscando facilitar as coisas conforme suas crenças gradualistas. Vejamos:

### Charles Darwin:

“Antes de aplicar aos seres organizados vivendo no estado selvagem os princípios que expusemos no capítulo precedente, importa examinar rapidamente se estes últimos estão sujeitos a variações. Para tratar este assunto com a atenção que merece, seria necessário apresentar um longo e árido catálogo de fatos; reservo-os, porém, para uma obra próxima. Nem tampouco discutirei aqui as diferentes definições dadas do termo espécie. Nenhuma destas definições tem satisfeito completamente todos os naturalistas, e, contudo, cada um deles sabe vagamente o que quer dizer quando fala de uma espécie. Ordinariamente o termo espécie implica o elemento desconhecido de um ato criador

*distinto. É igualmente difícil definir o termo variedade; todavia, este termo implica quase sempre uma comunidade de descendência, posto que possam raramente fornecer-se provas. Temos, igualmente, o que se designa sob o nome de monstruosidades; porém estas confundem-se com as variedades. Quando se emprega o termo monstruosidade, quer-se exprimir, penso eu, um desvio considerável de conformação, ordinariamente nocivo ou pelo menos pouco útil à espécie. Alguns autores empregam o termo variação, no sentido técnico, isto é, como fazendo supor uma modificação que deriva diretamente das condições físicas da vida; ora neste sentido as variações não são susceptíveis de ser transmitidas por hereditariedade."*

[...]

*"Alguns naturalistas sustentam que os animais nunca apresentam variedades; do mesmo modo atribuem um valor específico à menor diferença, e, quando encontram uma mesma forma idêntica em dois países afastados, ou em duas formações geológicas, afirmam que duas espécies distintas estão ocultas sob o mesmo invólucro. O termo espécie torna-se, neste caso, uma simples abstração inútil, implicando e afirmando um ato separado do poder criador. É certo que muitas formas, consideradas como variedades por críticos muito competentes, têm caracteres que as fazem assemelhar tão bem às espécies, que outros críticos, não menos competentes, as consideram como tais. Mas discutir se é necessário chamá-las espécies ou variedades, antes de ter encontrado uma definição destes termos e que esta definição seja geralmente aceite, é trabalhar em vão."*

[...]

*"Compreender-se-á depois destas notas, que, segundo a minha opinião, se tem, por comodidade, aplicado arbitrariamente o termo espécie a certos indivíduos que se parecem de perto, e que este termo não difere essencialmente do termo variedade dado às formas menos distintas e mais variáveis. É necessário acrescentar, por outro lado, que o termo variedade, comparativamente ao de simples diferenças individuais, é também aplicado arbitrariamente com o fim de ser mais cômodo."*

[...]

*"Seremos, mais tarde, obrigados a reconhecer que a única distinção a estabelecer entre as espécies e as variedades bem caracterizadas consiste somente em que se sabe ou se supõe que estas últimas estão atualmente ligadas entre si por graduações intermediárias, enquanto que as espécies deviam tê-lo sido outrora. Por conseguinte, sem deixar de tomar em consideração a existência presente de graus intermediários entre duas formas quaisquer, seremos levados a pesar com mais cuidado a extensão real das diferenças que as separam, e atribuir-lhes um maior valor. É muito possível que formas, hoje reconhecidas como simples variedades, sejam mais tarde julgadas dignas de um nome específico; nesse caso, a linguagem científica e a linguagem ordinária encontram-se de acordo. Em breve, teremos de tratar a espécie da mesma maneira como os naturalistas tratam atualmente os gêneros, isto é, como simples combinações artificiais, inventadas para maior comodidade. Esta perspectiva não é talvez consoladora, mas desembaraçar-nos-emos, pelo menos, de pesquisas inúteis às quais dá lugar a explicação absoluta, ainda não encontrada e encontrável, do termo espécie."<sup>199</sup>*

### **Thomas h. Huxley:**

*"A hipótese da qual a presente obra do sr. Darwin é tão-somente um perfil preliminar pode ser declarada em sua própria linguagem, conforme segue: "As espécies se originaram por meio da seleção natural: ou da preservação das raças favorecidas na luta pela vida."*

*Para tornar essa tese inteligível, é preciso interpretar os seus termos: em primeiro lugar, o que é uma espécie? A pergunta é simples, mas a res-posta correta é difícil de ser encontrada, mesmo que apelássemos para aqueles que sabem mais sobre o assunto. A espécie diz respeito a todos os animais ou plantas que descendem de um único par de*

*país. É o menor e distintamente definível grupo de organismos vivos; uma entidade eterna e imutável; uma mera abstração do intelecto humano sem nenhuma existência na natureza. Esses são alguns dos significados ligados a essa simples palavra que podem ser obtidos de fontes fidedignas, e nada de útil conseguiremos se deixarmos de lado os termos e as sutilezas teóricas para nos voltarmos aos fatos e procurarmos um sentido para nós mesmos, estudan-do as coisas as quais, na prática, a palavra "espécie" é aplicada, pois a prática varia tanto quanto a teoria. Peça que dois botânicos ou dois zoólogos examinem e descrevam as produções de um país e, certamente, um discordará do outro quanto ao número, limites e definições das espécies junto as quais eles agrupam as mesmas coisas. Nessas ilhas temos o costume de considerar a humanidade pertencendo a uma espécie. Mas, eventualmente, em um período curtíssimo, podemos nos encontrar em um país no qual teólogos e sábios, pela primeira vez concordando, rivalizam entre si com alto e bom som a afirmação, senão com a convicção de comprovação, de que os homens são de uma espécie diferente e, mais particularmente, que a espécie negra é tão distinta de nossa própria espécie que, na realidade, os Dez Mandamentos não têm nenhuma referência a ela. Até na calma região da etimologia, em que, como se isso existisse em qualquer parte deste mundo pecador, a paixão e o preconceito não deveriam afetar a mente, um especialista em coleópteros preencheria dez volumes atraentes com des-crições de espécies suas, das quais nove décimos são imediatamente declaradas por seu colega como sendo absolutamente nenhuma espécie.*

*A verdade é que o número distinguível de criaturas viventes supera quase a imaginação. No mínimo, unicamente 100 mil desses tipos de insetos foram descritos e podem ser identificados em coleções, e o número de tipos separáveis de coisas existentes é subestimado em meio milhão. Vendo que a maioria desses tipos óbvios possui suas variedades acidentais e que frequentemente se diferenciam das outras por graus imperceptíveis, pode muito bem ser imaginado que a tarefa de distinguir entre o que seja permanente e o que seja variável, o que seja uma espécie ou uma mera variedade, é suficientemente formidável.*

*Mas não seria possível aplicar um teste por meio do qual uma verdadeira espécie possa ser diferenciada de uma mera variedade? Será que não existe um critério para as espécies? Grandes autoridades afirmam que sim - que as uniões de membros da mesma espécie são sempre férteis, enquanto aquelas de diferentes espécies são estéreis ou suas crias, chama-das híbridas, são inferíeis. Afirma-se que este seja um fato experimental, mas que é uma provisão para a preservação da pureza da espécie. Esse critério seria inestimável, porém, infelizmente, não só não é óbvio como aplicá-lo na grande maioria dos casos em que sua ajuda é solicitada, mas também sua validade em geral é decisivamente negada. O Honorable e Reverendo Senhor Herbert, uma confiável autoridade, não apenas afirma, como resultado de suas próprias observações e experiências, que muitos híbridos são tão férteis quanto suas espécies aparentadas, mas também que a específica planta *Crinum capense* é muito mais fértil quando cruzada com uma diferente espécie do que quando fertilizada por seu próprio pólen! Por outro lado, o famoso Gaertner, apesar de tomar todos os cuidados no cruzamento de duas espécies de Prímula (*Primrose* e *Cowslip*), somente foi bem-sucedido uma ou duas vezes em vários anos. No entanto, é um fato bem determinado, essas duas espécies são tão somente variedades de um mesmo tipo de planta. Casos como o seguinte são bem estabelecidos: a fêmea da espécie A, se cruzada com o macho da espécie B, é fértil; mas se a fêmea da espécie B é cruzada com o macho da espécie A, ela permanece estéril. Fatos desse tipo destroem o valor do suposto critério.<sup>200</sup>*

É isso!



## Darwinismo: "enchendo linguiça"

Se não fora as aspirações ideológicas envolvendo a Teoria da Evolução, seria realmente complicado entender as razões pelas quais uma teoria tão fragilizada do ponto de vista científico conseguiu ser assimilada tão intensamente por boa parcela da "elite" acadêmica como sendo a expressão da mais "pura verdade"!

Desde seus primórdios, o darwinismo viveu apenas de "encher lingüiça", sem acrescentar algo que fosse verdadeiramente relevante para a ciência, no seu sentido prático e estrito, por exemplo: para a microbiologia, a biologia molecular, a genética molecular, a farmacologia, enfim, a medicina como um todo. Neste âmbito o darwinismo é tão útil quanto um "aparelho para desentortar bananas." O seu maior impacto deu-se apenas na esfera social, como no caso da eugenia. De resto, apenas perambulou pelas "beiradas" da ciência, bancando uma falsa imagem de ciência e nada além de uma grande ilusão.

O famigerado adaptacionismo e os chamados órgãos vestigiais, por exemplo, nada mais foram do que tentativas para preencher as velhas lacunas, servindo ainda hoje como panacéias evolutivas, a fim de justificar um dogma há muito superado pela realidade dos fatos. E assim caminha a mediocridade...

É isso!

## Da galerinha de Darwin e dos seus êxtases darwinisíacos...



O darwinismo há muito se transformou numa espécie de seita fundamentalista. É uma característica comum entre grupos sectários radicais, diz respeito à extrema recusa em aceitar outra "verdade" além da sua própria. No darwinismo, por exemplo, duvidar do poder da Seleção Natural, da sua capacidade em gerar mudanças entre os seres vivos e na sua habilidade em construir perfeitos *designs* na Natureza, traduzindo para o mundo religioso, é como duvidar da virgindade perpétua de Maria ou como se recusar a rezar em Meca no feriado de Ramadã. Em outras palavras: uma verdadeira heresia.

Quando solicitado, por exemplo, a definir de maneira clara sobre o que seria a Teoria da Evolução, um desses ultradarwinistas deslumbrado com o maravilhoso mundo de Darwin, sintetizou sua crença da seguinte maneira:

*"A teoria da evolução é uma teoria científica (portanto testada e aprovada) que explica a origem das espécies e suas características a partir de espécies e características anteriores, por meio de mecanismos de herança diferencial em populações, sendo o principal deles a seleção natural. Esta teoria é a ortodoxia da ciência moderna para explicar a origem do próprio ser humano. Mais claro que isso, só lendo Dawkins."*

### ERROS BÁSICOS:

1. **"A teoria da evolução é uma teoria científica (portanto testada e aprovada)"**:

Não pode ser científica, e menos ainda testada e aprovada, uma teoria que tem como lema "a sobrevivência do que sobrevive." O darwinismo como ciência é tão útil quanto "aparelho para desentortar bananas." Em outras palavras: acrescenta muito pouco à

ciência, e menos ainda à ciência prática. Ou seja, algo que se possa traduzir em algum benefício para a sociedade em geral. Seu impacto recai essencialmente sobre questões sociais, daí o surgimento de vertentes como a sociobiologia.

## 2. "...explica a origem das espécies e suas características a partir de espécies e características anteriores..."

Explica cousa nenhuma! Diz apenas que a Seleção Natural e mecanismos coadjuvantes aturam entre os seres vivos, moldando-os evolutivamente ao longo de milhões de anos. Com outras palavras, é como dizer que a vida é bela porque é bela. Não explica o básico, por exemplo, acerca de que maneira surge uma nova espécie. Trata-se, pois, de um emaranhado de especulações e inferências as quais jamais poderão ser postas em um tubo de ensaio para serem pesadas, testadas, medidas e aprovadas.

## 3. "...por meio de mecanismos de herança diferencial em populações, sendo o principal deles a seleção natural."

Viram só? No fim tudo recai sobre esta entidade substitutiva chamada Seleção Natural, que funciona como uma alternativa a uma divindade criadora, que organiza, escolhe, seleciona, dirige e leva adiante seus elevados projetos.

## 4. "Esta teoria é a ortodoxia da ciência moderna para explicar a origem do próprio ser humano."

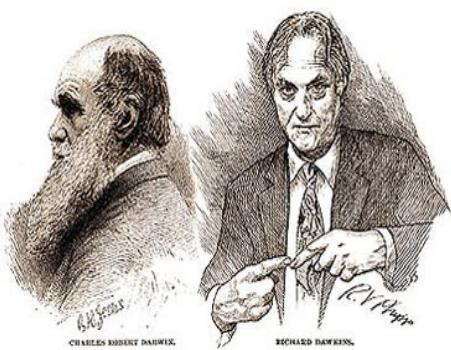
A unanimidade acadêmica do darwinismo não está fundamentada em aspectos científicos. A "ciência" neste caso serve apenas como camuflagem para uma ideologia que, no fundo, apenas se rivaliza com o espiritualismo. Esta teoria é tão "panacéica" e "muleteira" que não se conforma em apenas tentar explicar a origem do ser humano, mas, também, em dizer por que este gosta de chocolate, porque ama e odeia.

## 5. "Mais claro que isso, só lendo Dawkins."

Richard Dawkins sintetiza em si todo o este "êxtase darwinisíaco", essa alienação acadêmica em nome de uma suposta racionalidade, cuja essência nada mais é do que a descrença em Deus. Daí ser comum entre a galerinha de Darwin fazer uso constante desse zoólogo inglês como referência científica. Sem dúvida uma passo para o nirvana darwiniano, em que extático e estático se dirá: "Ave Darwin"! ((rs))

Haja!

É isso!



## Da galerinha de Darwin e dos seus novos êxtases darwinisíacos...

O texto a seguir vai como resposta a um visitante do blog Humor Darwinista, o qual teceu suas ponderações acerca do meu texto "Da galerinha de Darwin e dos seus êxtases darwinisíacos". As expressões em destaque refletem, *ipsis litteris*, o conteúdo postado em "Comentários" pelo pseudônimo "Ateu Próximo". Vejamos.

**"A teoria da evolução é científica, pode ser e foi provada por inúmeros cientistas usando métodos completamente independentes, e acrescenta imenso à ciência".**

Tenho aqui em mãos o livro "A Miséria do Historicismo", do filósofo da ciência Karl Popper. Este respeitado epistemólogo austríaco, toda vez que fez menção (em suas obras) da Teoria da Evolução, sempre lhe atribuiu apenas o status de um "enunciado histórico", a que bondosamente apelidou de "Programa Metafísico de Pesquisa". E se justificou da seguinte forma: "*É metafísico por não ser suscetível de prova*" ("Autobiografia Intelectual"<sup>201</sup>). Para Popper, portanto, a Teoria da Evolução tem o mesmo valor do tipo de enunciado: "*Charles Darwin e Francis Galton possuíam um mesmo ancestral - ambos eram netos de uma dada pessoa.*"<sup>202</sup>

Em relação à "contribuição" do darwinismo para a ciência, embora teve lá ele sua relevância (deu impulso à Biologia, por exemplo), em termos "práticos", isto é, no aspecto de "utilidade, serventia ou proveito", não apresentou nenhum benefício que tornasse melhor a vida das pessoas em geral (com exceção dos *experts*, que "vivem" do darwinismo). Muito pelo contrário, trouxe grandes calamidades. Haja vista, por exemplo, a aplicação das leis biológicas à sociedade, como àquelas defendidas por Galton, Spencer, Haeckel, Darwin e outros eugenistas. Lembrando que estas mesmas "leis" foram postas em práticas por Hitler, Stalin, Mao Tse Tung, os políticos americanos e defendidas inclusive por alguns conhecidos nomes tupiniquins, como Monteiro Lobato e Euclides da Cunha.

**"E não apenas para o estudo evolutivo de espécies ancestrais. O estudo da imunologia e do fabrico de vacinas e antibióticos está inteiramente ligado à evolução. Se não acredita, não devia tome antibióticos - entra num conflito de interesses".**

Como assim "estudo evolutivo de espécies ancestrais"? Ora, quantos destas "espécies" foram devidamente catalogados? Aliás, qual foi o método utilizado para "provar" a existência de cada uma dessas "espécies"? Em relação ao homem, por exemplo, como foi possível provar a existência de cada um de seus ancestrais extintos? E mais: qual teria sido o "elo" direto entre o primeiro "oceânico serzinho" e aquele que pela primeira vez ousou colocar suas "patinhas de fora"? ((rs))

No que concerne à vacina, por exemplo, sabe-se que a primeira delas foi criada pelo britânico Edward Jenner, em 1798, quando Darwin sequer havia nascido. Ademais, nem mesmo nos banais Almanaques consta que Jenner se utilizou da "evolução" a fim de formular sua maravilhosa descoberta. O mesmo não fizeram Alexander Fleming (penicilina), Louis Pasteur (vacina anti-rábica), Albert Sabin (poliomielite) e tantos outros cientistas de verdade. Esses sim contribuíram em muito para melhorar o mundo. A única aplicação verdadeiramente "prática" do darwinismo deu-se na esfera social, como no caso do nazismo, que aplicou ao seu modo "o melhoramento das raças" seguindo critérios anteriormente expostos por Darwin em seu livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual".

**"Pelo contrário, explica detalhadamente de que forma surgem novas espécies. E podem ser postas em tubo de ensaio. E provadas. Nenhum biólogo (sério) da atualidade duvida que a evolução exista".**

Ora, como, afinal, surge uma espécie? Como se deu exatamente a transição dos invertebrados para vertebrados? De que maneira um cientista darwinista pode botar no tubo de ensaio a imensa galeria de ancestrais extintos, começando por aquele que primeiro "deu o pontapé inicial"? Como provar a ancestralidade comum num tubo de ensaio ou de que modo é possível testar a seleção natural por meio de retortas ou outros aparelhos utilizados nos modernos laboratórios?

Não apenas um biólogo sério, mas, também, qualquer pessoa séria duvida da "evolução". A questão é: que "evolução"? Verdadeiramente "evolução", isto é, mudanças

nos seres vivos ao longo do tempo, nunca foi sinônimo de Teoria da Evolução. O buraco, como se diz na gíria, é muito mais embaixo.

**"Essa entidade chamada Seleção Natural explica, da forma mais simples possível, como é possível formarem-se espécies diferentes".**

Sim, mas, de que maneira? Porventura essa "simplificada explicação" tem que ver com a "sobrevivência dos mais aptos"? Em caso afirmativo, em que isso se diferencia de um "aparelho para desentortar bananas"?

**"É a melhor e mais simples teoria que tempos hoje em dia. E até agora provou estar carreta".**

Ela até pode ser boa, muito boa, todavia, como ciência é semelhante ao esdrúxulo programa do Faustão: só serve para encher lingüiça. Em outras palavras: não explica nada, a não ser que os "sobreviventes são aqueles que sobrevivem". Sem dúvida uma estupenda lógica!

**"A uniformidade entre espécies permite traçar árvores genealógicas precisas".**

O velho conceito de "árvore genealógica" já foi superado inclusive por muitos darwinistas.<sup>203</sup>

**"A hipótese "Deus" é a hipótese mais elaborada e rebuscada que pode haver, e infinitamente mais complexa. E que ninguém conseguiu provar".**

Nem muito menos eu tenciono fazer isto. A questão aqui não é Darwin vs Deus, mas especulações vs fatos.

**"Ao contrário do espiritualismo, o evolucionismo utiliza o método científico. Assenta em provas para testar as teorias, e as provas são mais que muitas".**

Como de praxe, o darwinismo sempre necessitando do "espiritualismo" para manter-se. Essa dualidade apenas mantém Darwin numa posição privilegiada na Academia. De resto, pouca ciência e muita conversa fiada.

**"Além do extenso registro fóssil encontrado, das características comuns entre espécies, do aparecimento de espécies locais adaptadas, há ainda casos de evolução a surgir mesmo à frente dos nossos olhos. Tanto em laboratório, com drosófilas (moscas da fruta), como as célebres borboletas que mudaram de cor quando surgiu a revolução industrial em Inglaterra, até aos cães, às vacas domésticas, aos porcos domésticos, às galinhas, etc. etc. Está APENAS fundamentada em métodos científicos - não estamos a falar de Teologia".**

REGISTRO FÓSSIL - por ser tão contínuo como a lista dos presidentes norte-americanos é que levou Stephen Jay Gould a criar a Teoria do Equilíbrio Pontuado. ((rs))

HOMOLOGIA - o fato dos membros serem homólogos não implica que sua origem seja a mesma. Simples!

ADAPTAÇÃO - existe alguma espécie que não esteja devidamente adaptada ao seu ambiente? O que seria o caso das mariposas além de mera adaptação?

**"Nesse caso não leia Dawkins, leia qualquer livro de biologia, de química, de física, de genética, de engenharia, de astronomia... de ciência vá. Leia o Wikipedia."**

Entre Dawkins e a Wikipédia, ainda opto pelos maravilhosos contos dos irmãos Grimm. ((rs))

**"Na minha opinião penso que você se encontra num estado de negação, em que não quer ver as provas, ou simplesmente faz por ignorá-las, pois estas entram em conflito com as suas crenças."**

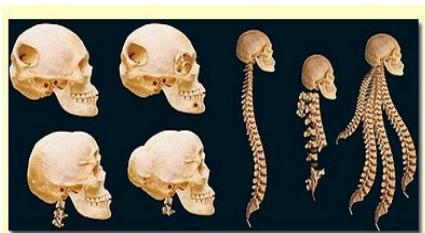
Na verdade, não teria problema algum em ser darwinista, desde, é claro, que "ser darwinista" significasse "ser sincero e verdadeiro." Não, definitivamente não preciso dessa ideologia pra viver!

**"Tudo na teoria da evolução e nas provas apresentadas faz perfeito sentido. Tudo no criacionismo é impingido como dogma e é impossível de provar."**

Não sei até que ponto o darwinismo existiria sem o criacionismo! Na verdade, um dos grandes tentáculos do darwinismo reside exatamente nessa "guerrinha tom-jerryana", que o mantém privilegiado, como se fosse uma árdua batalha entre ciência e razão contra trevas e ignorância.

Haja!

É isso!



## Da galera de Darwin e de sua eterna ladainha

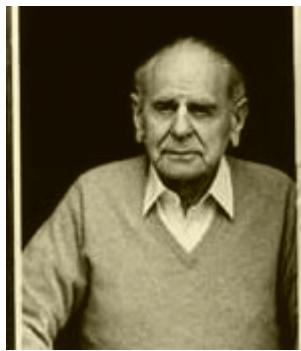
Ladainha, entre outras coisas, significa: enumeração, relação fastidiosa, lengalenga.

É comum, quando instada a apresentar evidências a favor da teoria da evolução, a garotada de Darwin fazer uso do mesmo e enfadonho lengalenga de sempre. Segundo Enézio de Almeida ("Desafiando a Nomenclatura Científica" <sup>204</sup>) isto se dá porque todos eles aprenderam biologia dos mesmos e poucos livros-texto. E explica fazendo menção dos exemplos mais corriqueiros de ladainhas (respostas) usadas pelos darwinistas ao serem questionados acerca das "evidências" ou do "fato da evolução." São elas:

- 1 - As mariposas de Manchester (*Biston betularia*) em troncos de árvores, mostrando como a camuflagem e as aves predatórias produziram o exemplo mais famoso de evolução por seleção natural.
- 2 - A árvore da vida, reconstruída de um amplo e crescente corpo de evidência fóssil e molecular.
- 3 - Estruturas ósseas semelhantes em asa de morcego, nadadeira de golfinho, a perna de um cavalo e uma mão humana que indicam a sua origem evolutiva num ancestral comum.
- 4 - Figuras ou fotografias de embriões mostrando que os anfíbios, répteis, aves e seres humanos são todos descendentes de um animal tipo peixe.
- 5 - *Archaeopteryx*, um fóssil de ave com dentes nas suas mandíbulas e garras nas suas asas, o elo perdido entre os répteis antigos e as aves modernas.
- 6 - Os tentilhões de Darwin nas ilhas Galápagos, treze espécies separadas de uma quando a seleção natural produziu diferenças nos seus bicos, e que inspirou Darwin a formular a sua teoria da evolução.
- 7 - Moscas de frutas com um par extra de asas, mostrando que as mutações genéticas podem fornecer a matéria-prima para a evolução.
- 8 - Desenhos de criaturas tipo macacos-antropóides evoluindo em humanos, mostrando que nós somos apenas animais e que a nossa existência é um subproduto de causas naturais sem propósitos.

9 - Um balão de vidro de laboratório contendo uma simulação da atmosfera primitiva da Terra, no qual descargas elétricas produzem os tijolos construtores químicos das células vivas.

É isso!



## Existe uma lei da evolução?

O deslumbramento de boa parcela dos darwinistas pela Teoria da Evolução é de tal monta que muitos deles, vez ou outra, aventam a possibilidade de se conceder à teoria o pomposo status de Lei, como se os duvidosos enunciados evolutivos de Charles Darwin pudessem ser comparados, por exemplo, às bem-alicerçadas bases da Lei Gravitacional, de Issac Newton. Em seu reconhecido livro "A Miséria do Historicismo"<sup>205</sup>, o filósofo da ciência Karl Popper, trata da questão e dá as razões pelas quais essa vã pretensão darwinista não faz o menor sentido. Vejamos:

*"As doutrinas do historicismo que denominei “naturalísticas” têm muito em comum com as doutrinas antinaturalísticas. Exemplificativamente, elas estão sob a influência do pensamento holístico e nascem de inadequada interpretação atribuída ao papel dos métodos empregados pelas Ciências Naturais. Uma vez que as doutrinas representam esforço mal orientado de imitação desses métodos, elas podem ser descritas como doutrinas “científicas” (para adotar a terminologia de Hayek). São típicas do historicismo, exatamente como as doutrinas antinaturalísticas – mas talvez se revistam de importância maior. Mais especificamente, a crença de que compete às Ciências Sociais exibir, em toda sua nudez, a lei da evolução da sociedade, com o propósito de determinar-lhe o futuro (idéia já examinada nas seções 14 a 17, acima), poderia ser dada, possivelmente, como a doutrina historicista por excelência. Com efeito, essa concepção de uma sociedade que se move através de sucessivos períodos é a concepção que gera, de um lado, o contraste entre um mundo social em mutação e um mundo físico imutável; de outro lado, é a mesma concepção que gera a crença naturalística (e científica) em “leis naturais de sucessão” – crença que podia reclamar apoio das previsões a longo prazo, próprias da Astronomia, nos tempos de Comte e Mill, e reclamar apoio do darwinismo, em dias mais recentes. Na verdade, a voga do historicismo pode ser vista como simples reflexo da voga do evolucionismo – uma filosofia que deve sua influência, em grande parte, ao choque violento entre uma brilhante hipótese científica, relativa à história de várias espécies de animais e plantas que vivem na Terra, e uma antiga teoria metafísica que, por sinal, fazia parte de uma crença religiosa bem-estabelecida."*

A chamada hipótese evolutiva é uma explicação de numerosas observações biológicas e paleontológicas (e.g., de certas similaridades entre vários gêneros e várias espécies), feita com base no pressuposto de uma ancestralidade comum de formas relacionadas. Essa hipótese não tem o status de lei universal, embora algumas leis universais da natureza, como as leis de hereditariedade, segregação e mutação, acompanhem a hipótese, na explicação em que se traduz. A hipótese tem, melhor dizendo, o caráter de um enunciado histórico particular (singular, ou específico). (Tem, a rigor, o mesmo status do enunciado histórico “Charles Darwin e Francis Galton possuíam um mesmo ancestral” – ambos eram netos de uma dada pessoa.) O fato de a hipótese evolutiva não ser uma lei natural universal, mas um enunciado histórico particular (ou, mais precisamente, um enunciado histórico singular) acerca dos antepassados de vários animais e de várias plantas terrestres, vê-se freqüentemente obscurecido pelo fato de o termo “hipótese” ser usualmente utilizado para caracterizar o status de leis universais da natureza. Não olvidemos, porém, que o termo também é empregado, com freqüência, em

*sentido diverso. Exemplificando, seria perfeitamente correto descrever como hipótese um diagnóstico médico, embora essa hipótese tenha caráter histórico e singular, e não caráter de lei universal. Dito de outra maneira: o fato de que todas as leis da natureza são hipóteses não deve contribuir para que ojamos que nem todas as hipóteses são leis – e que, em particular, as hipóteses históricas são, em geral, enunciados singulares (não universais) a respeito de um evento individualizado ou de um grupo de eventos individualizados.*

*Existe uma lei de evolução? Pode haver uma lei científica no sentido pretendido por T. H. Huxley quando ele escreveu: “(...) deve ser apenas meio filósofo aquele que (...) duvida de a ciência, mais cedo ou mais tarde, (...) vir a englobar a lei da evolução das formas orgânicas – a ordem invariável da grande cadeia de causas e efeitos (...) cujos elos são todas as formas orgânicas, passadas e presentes (...)?”*

*Creio que a resposta a essa pergunta deve ser “Não” e que a busca da lei da ordem invariável, na evolução, está impossibilitada de ver-se abrangida pelo escopo do método científico, seja em Biologia, seja em Sociologia. As razões que sustentam minha crença são muito simples. A evolução da vida na Terra (como a evolução da sociedade humana) é um processo histórico peculiar. Esse processo – podemos admiti-lo tem lugar em consonância com todos os tipos de leis causais, como, digamos, as leis da mecânica, da Química, da hereditariedade e da segregação, da seleção natural, e assim por diante. Sua descrição, entretanto, não é uma lei, mas apenas um enunciado histórico singular. As leis universais fazem afirmações a propósito de alguma ordem invariável, como sugere Huxley, ou seja, fazem afirmações a propósito de todos os processos de determinado tipo. Não há razão, é claro, que nos impeça, a partir de um caso particular único, de formular uma lei universal; também não há razão para supor que não possamos, se tivermos sorte, atingir uma verdade. Contudo, é óbvio que qualquer lei – seja qual for o modo que conduziu à sua formulação – deve ser submetida a testes, perante novos casos, antes de ver-se admitida no reino da ciência. Mas não podemos esperar submeter a testes uma hipótese universal, como não podemos encontrar uma lei natural aceitável, se nos confinarmos à observação de um processo peculiar e único. A observação de um processo peculiar e único também não pode ajudar-nos a prever seu futuro desenvolvimento.”*

É isso!



## Sexo...para quê?

Embora raro, às vezes acontece de um darwinista manifestar publicamente suas dúvidas ante o “fato inconteste” da Teoria da Evolução. Muitos deles são especialistas em esconder suas mazelas epistêmicas sob a falsa máscara da ciência, concentrando em Darwin toda explicação possível para os mais diversos fenômenos observados na natureza. Num desses fóruns populares da Internet, por exemplo, numa comunidade exclusivamente darwinista denominada “Evolução”<sup>206</sup> (com mais de dez mil membros, a maioria com formação na área de Biologia, e um reduto quase absoluto de bajuladores submissos ao naturalista inglês), um estudante da ciência biológica manifestou sua “angústia evolutiva” num âmbito no qual o darwinismo leva de goleada: o sexo:

*“Desde que eu entrei no curso de biologia e desde que estudo as teorias de Darwin nada me intriga mais do que a questão do sexo. Sempre entendi que os animais fazem relações sexuais para que haja a perpetuação da espécie, mas nunca entendi como isso ocorre, por exemplo, um grupo de cachorros que persegue uma cadela no cio estaria*

*pensando apenas em perpetuar a espécie? Penso que quase todos os seres vivos sentem prazer nas relações, assim como nós seres humanos; a perpetuação da espécie é uma consequência natural..."*

O sexo sempre foi uma tormenta para os ortodoxos discípulos de Darwin. Para começar, basta saber que na definição de espécie preferida dos darwinistas, a reprodução assexuada entra em cena para "chutar a barraca" dessa galera. Ademais, questões como às que seguem permanecem como um desafio aos "tarados" por Darwin:

1. Como exatamente surgiram os órgãos sexuais dos seres vivos machos e fêmeas?
2. Por que tudo ocorreu de maneira tão singularmente parecida em todos os grupos de seres vivos?
3. Como pôde em grupos diferentes e em locais igualmente diferentes a evolução sexual ter ocorrido exatamente da mesma forma?
4. Por que exatamente o sexo foi uma alternativa da Seleção Natural?
5. Por que a Seleção Natural não optou pela reprodução assexuada, uma vez que a reprodução sexuada é incontestavelmente mais dispendiosa em termos biológicos?

É isso!



## Natura non facit saltum?

A frase latina *Natura non facit saltum* ("a natureza não dá saltos") sintetiza com maestria a crença de Darwin no gradualismo rígido e estrito. Em seu mais conhecido livro "A Origem das Espécies e a Seleção Natural" ele justifica o seu exagerado o apego a este axioma latino da seguinte forma:

*"Como a seleção natural atua somente acumulando variações ligeiras, sucessivas e favoráveis, não pode produzir modificações consideráveis ou súbitas; só pode agir a passos lentos e curtos. Esta teoria torna fácil de compreender o axioma: Natura non facit saltum, que cada nova conquista da ciência mostra logo todos os dias ser verdadeiro. Vemos ainda como, em toda a natureza, o mesmo fim geral é atingido por uma variedade quase infinita de meios; porque toda a particularidade, uma vez adquirida, é por muito tempo hereditária, e conformações diversificadas por muitos modos diferentes têm que adaptar-se ao mesmo fim geral."*<sup>207</sup>

Embora fosse o mais leal defensor do naturalista inglês, Thomas Huxley chegou a se opor textualmente à incondicional aceitação do *Natura non facit saltum*. Em "Darwiniana: a origem das espécies em debate", argumenta: "Acreditamos que a posição do Sr. Darwin poderia ter sido mais forte se ele não tivesse se preocupado com o aforismo Natura non facit saltum (a natureza não dá saltos) que tantas vezes aparece em suas páginas. Também acreditamos, como já dissemos, que a Natureza, de vez em quando, faz saltos e o reconhecimento do fato não é de pequena importância na disposição de muitas objeções do fato à doutrina da transmutação."<sup>208</sup> E mais adiante: "Realmente, sempre pensamos que o sr. Darwin criou um empecilho desnecessário ao aderir tão estreitamente à sua citação favorita: *Natura non facit saltum*. Em nossa opinião, suspeitamos que, algumas vezes, ela faça saltos consideráveis com respeito à variação e que esses saltos dêem origem a alguns dos lapsos que parecem existir na série de formas conhecidas."

"Stephen Jay Gould, em "O Polegar do Panda" faz referências a ambas as situações: o apego de Darwin ao aforismo latino e a suposta descrença de Huxley nele. Escreve: "Em

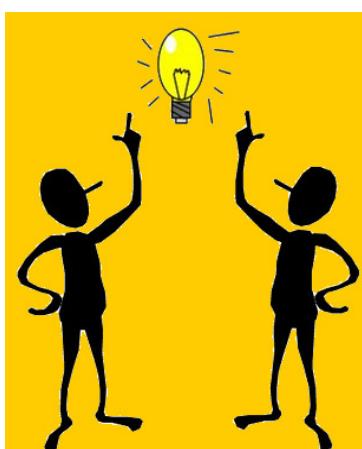
23 de novembro de 1859, dia anterior ao da publicação do seu livro revolucionário, Charles Darwin recebeu uma carta extraordinária do seu amigo Thomas Henry Huxley, oferecendo-lhe caloroso apoio no conflito que se aguardava e até mesmo o sacrifício supre mo: "Estou preparado para me expor, se necessário ... estou afiando minhas garras em prontidão." Mas a carta continha também um aviso: "Você arcou com uma dificuldade desnecessária ao adotar tão sem reservas o princípio de que *Natura non facit saltum*.

A frase latina, usualmente atribuída a Linneu, afirma que "a natureza não dá saltos." Darwin era um adepto estrito a esse velho mote. Como discípulo de Charles Lyell, o apóstolo do gradualismo na geologia, Darwin concebia a evolução como um processo solene e ordeiro, trabalhando a uma velocidade tão lenta que ninguém poderia ter esperança de observá-lo no espaço de uma vida. Antepassados e descendentes, argumentava Darwin, devem ser ligados por "elos de transição infinitamente numerosos" formando "os mais refinados passos graduados." Só um imenso intervalo de tempo permitira a um processo tão moroso realizar tanto.

Huxley sentia que Darwin estava cavando uma sepultura para sua própria teoria. A seleção natural não requeria qualquer postula do quanto às taxas: podia operar igualmente bem se a evolução prosseguisse com rapidez." E mais à frente: "Como acentuam vários outros ensaios, defendo a posição de que a ciência não é uma máquina objetiva e dirigida para a verdade, mas uma atividade quintessencialmente humana, afetada por paixões, esperanças e preconceitos culturais. Tradições culturais de pensamento influenciam fortemente as teorias científicas, dirigindo com frequência as linhas de especulação, em especial (como neste caso) quando virtualmente não existem informações para constranger a imaginação ou preconceito. No meu próprio trabalho (ver os ensaios 17 e 8) fiquei muito impressionado pela poderosa e infeliz influência que o gradualismo exerceu sobre a paleontologia por meio do velho mote *natura non facit saltum* (a natureza não dá saltos). O gradualismo, a ideia de que toda a mudança deve ser suave, lenta e contínua, nunca foi lido a partir das rochas. Constituiu um preconceito cultural comum, em parte uma resposta do liberalismo do século XIX a um mundo em revolução. Mas continua a colorir nossa supostamente objetiva interpretação da história da vida."<sup>209</sup>

Parece claro que os esporádicos "saltos" defendidos por Huxley e os "equilíbrios pontuados" de Gould, nada mais foram do que tentativas para salvar Darwin do caos epistêmicos. O gradualismo rígido e seu mantra *natura non facit saltum* se mostraram fracassados diante da extrema raridade das formas de transição no registro fóssil. A Natureza não apenas "dá saltos" como, em alguns casos, até chega a suplantar os "grandes saltos."

É isso!



## Teoria da sugestão

A evolução é um fato, repetem enjoativamente os zeladores de Darwin, confundindo a simples "evolução" (mudanças no decorrer dos tempos) com a Teoria da Evolução. Todavia, quem se prestar a analisar, por exemplo, a maciça divulgação que se faz dos "fatos" relacionados a tal "fato", notará logo de cara a utilização da linguagem de maneira tendenciosa. Normalmente aquilo que apenas SUGERE, nos títulos aparece como algo concretizado e empiricamente comprado, logo, factual. A par disto, selecionei a esmo uns 20

noticiários publicados numa seção de ciência de um conhecido jornal (Folha de São Paulo), com os quais é possível perceber a forma sorrateira como usam as palavras com o intuito de "provar o "grande fato." Note-se que em todos eles o verbo SUGERIR aparece como demonstração, não que as pesquisas estejam erradas ou que tais eventos não ocorreram, mas que não se trata realmente de um FATO no sentido de serem suscetíveis de experimentações, mas apenas e tão somente inferências, que podem ou não terem sido factuais. Veja-se:

**Perda de gene explica evolução de barbatana de peixe para membro:** "Descobrimos que não havia genes equivalentes em animais com membros, o que **sugere** que esses genes podem ter sido perdidos durante a evolução", explicou Akimenko à "BBC News." <sup>210</sup>

**Fóssil de pelicano apresenta enigma evolutivo:** "A falta de mudanças **sugere** que o bico atingiu um pico evolutivo para voo ou para alimentação. Mas Louchart acredita que algo mais pode estar envolvido." <sup>211</sup>

**Evolução ocorre mais rápido na periferia de recife de corais:** "Um novo estudo mostra que corais do Caribe vivendo na periferia de recifes podem evoluir novas características mais rápido do que corais vivendo no centro dos recifes. O estudo, publicado na revista "Science", **sugere** novas formas de preservar esses organismos." <sup>212</sup>

**Moluscos são mais antigos do que se pensava, diz estudo:** "A descoberta indica que os ancestrais de lulas e polvos são 30 milhões de anos mais antigos do que anteriormente estimado e **sugere** que, nesse curto espaço de tempo, houve uma rápida evolução no grupo dos moluscos." <sup>213</sup>

**Hominídeos caminhavam sobre 2 pés há menos 3,6 milhões de anos:** "Este estudo **sugere** que, em um momento em que nossos ancestrais tinham uma anatomia adaptada para viver nas árvores por grande parte do tempo, também tinham desenvolvido uma forma eficiente de bipedalismo", manifestou Gordon." <sup>214</sup>

**Paleontólogos descobrem mais antigo ancestral dos dino:** "Essa nova evidência **sugere** que (os dinossauros) foram realmente apenas um dos diversos grandes e distintos grupos de animais que explodiram em diversidade durante o período Triássico", disse Sterling Nesbitt, pesquisador da Universidade do Texas e líder do estudo." <sup>215</sup>

**Ossos mostram divergência inicial entre linhagens de dinossauros:** "O tawa compartilha algumas características com um antigo dinossauro da América do Sul, o herrerassauro, o que representou uma fonte de confusão para os paleontólogos. O tawa, na verdade, mostra que o herrerassauro era um terópode. Como ele foi encontrado próximo de alguns antigos saurópodes e ornitísqueos, a nova descoberta **sugere** fortemente que as três linhagens principais divergiram bem no início." <sup>216</sup>

**Brasileiro e equipe chinesa descobrem novo réptil voador:** "Batizado de *Wukongopterus lii*, o animal apresenta outro detalhe significativo, afirma o paleontólogo. Trata-se da forte curvatura do quinto dedo das patas do pterossauro, o que provavelmente **sugere** que esse dedo servia para ancorar um pedaço misterioso da membrana voadora da espécie." <sup>217</sup>

**Pássaros inteligentes atraem mais fêmeas, diz estudo:** "Outra possibilidade, **sugere** Keagy, é que os machos usem seus cérebros para convencer as fêmeas a não

*deixá-los. Eles podem fazê-lo ao responder efetivamente aos sinais das fêmeas, já conhecidos na espécie.*"<sup>218</sup>

**Análise do pé distancia "Hobbit" da espécie humana:** "Entretanto, pesquisadores do Museu de História Natural do Reino Unido afirmam que a razão para o tamanho diminuto do indivíduo é o ambiente em que ele habitava. Eles **sugerem** que o corpo do *H. floresiensis* é resultado."<sup>219</sup>

**Rato dos EUA consegue mudar cor dos pelos sem ter genes ancestrais:** "O total de variação genética na nova versão do Agouti **sugere** que a mutação ocorreu há menos de 10 mil anos, diz Linnen --depois da formação sinuosa das colinas em Sand Hills."<sup>220</sup>

**Descoberta na Etiópia dá pistas sobre origens do homem:** "O estudo genético **sugere** que os humanos e nossos parentes mais próximos, os chimpanzés, diferenciaram-se há 6 milhões ou 7 milhões de anos, embora algumas pesquisas sugiram que isso pode ter ocorrido há 4 milhões de anos."<sup>221</sup>

**Europa acha fóssil de ancestral humano mais antigo:** "Um pequeno fragmento de mandíbula desenterrado em uma caverna da Espanha é o fóssil mais antigo de um ancestral humano na Europa Ocidental e **sugere** que o continente foi povoado muito mais cedo do que se imaginava, dizem cientistas."<sup>222</sup>

**Ancestral de elefantes vivia na água, diz análise química:** "Que os elefantes e os peixes-boi são parentes próximos os cientistas já sabiam. O que ainda era motivo de debate era a origem dos dois grupos. Um estudo publicado nesta terça-feira **sugere** que o ancestral comum de ambos tenha vivido há cerca de 37 milhões de anos e tinha um estilo de vida anfíbio --ou seja, os elefantes ganharam a terra e os peixes-boi se mudaram de vez para a água em sua evolução."<sup>223</sup>

**Neandertal viajava muito, sugere fóssil:** "Um dente de 40 mil anos encontrado na Grécia **sugere** que os neandertais eram mais móveis do que se imaginava. A composição química do fóssil, estudada por cientistas da Sociedade Max Planck (Alemanha), mostra que o indivíduo passou ao menos parte da sua vida longe de onde morreu."<sup>224</sup>

**Dinossauros tinham gravidez precoce, afirma estudo:** "Neste aspecto, os dinossauros são mais próximos de alguns mamíferos do que de seus descendentes, **sugere** o estudo. Os mamíferos medianos e grandes, inclusive os humanos, também podem se reproduzir antes de terminarem seu processo de crescimento."<sup>225</sup>

**Insetos contribuíram para fim de dinossauros, diz estudo:** "Uma nova teoria sobre a causa da extinção dos dinossauros **sugere** que os insetos podem ter tido "papel importante" na extinção dos grandes répteis pré-históricos."<sup>226</sup>

**Cientistas encontram garra de escorpião pré-histórico gigante:** "Segundo os cientistas, o tamanho do escorpião **sugere** que outros animais, como aranhas, insetos, caranguejos e criaturas similares podem ter sido muito maiores no passado do que se pensava."<sup>227</sup>

**Grupo "acorda" bactéria congelada há 500 mil anos:** "O estudo **sugere** que o permafrost possa abrigar um conjunto de bactérias desconhecidas que resistiram às mudanças climáticas do passado. Para Vivian Pellizari, da Universidade de São Paulo, que estuda microorganismos da Antártida, as aplicações são variadas. "Essas bactérias

*podem representar um elo importante para o conhecimento da evolução da vida no planeta", diz. E também em outros mundos.*"<sup>228</sup>

**Estudo indica que humanos têm "evolução acelerada":** "A espécie humana evoluiu em uma taxa cem vezes mais alta nos últimos cinco mil anos que em qualquer outro período, e como consequência, os seres humanos estão geneticamente mais diferentes uns dos outros, **sugere** um estudo realizado por cientistas americanos e publicado nesta segunda-feira."<sup>229</sup>

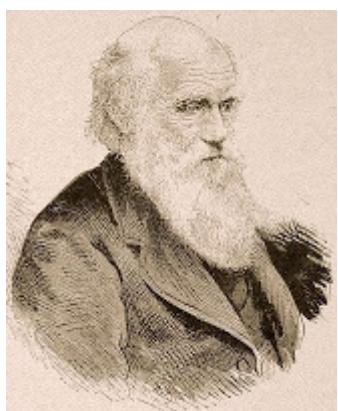
**Gorila ancestral de 10 milhões de anos recua origem humana:** "A falta de fósseis de grandes macacos na África também levou alguns cientistas a propor que os ancestrais comuns de gorilas, seres humanos e chimpanzés não evoluíram na África, mas sim foram imigrantes da Eurásia. "O Chororapithecus **sugere**, mais uma vez, que a África é o local de origem tanto dos humanos quanto dos grandes macacos modernos", afirmam Suwa e seus colegas."<sup>230</sup>

Boas sugestões! ((rs))

É isso!

**Nota:**

**SUGERIR** (latim *suggerere*): Dar a entender de forma sutil; insinuar; provocar a imaginação de; inspirar; fazer uma sugestão; aconselhar ou recomendar; fazer com que uma ideia ou pensamento surja na mente; gerar por associação de ideias; despertar, provocar (Aulete).

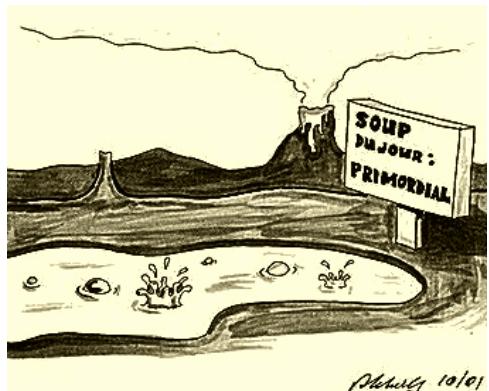


## O problema da hereditariedade em Charles Darwin

O problema da hereditariedade foi, digamos, a grande pedra no sapato de Darwin. Numa tentativa de explicar a herança genética, ele elaborou a bizarra teoria denominada Pangênese. Durante toda sua vida, o problema o perseguiu, e, conforme relato de seus biógrafos, causou-lhes profundos tormentos: "*Charles acreditava que o principal problema era de hereditariedade: que sua própria debilidade foi passada para os filhos, acentuada pelo sangue dos Wedgwoods de Emma. A luta pela vida já começara e ele esperava que alguma coisa de ruim acontecesse com a saúde dos filhos a qualquer momento. Os nove anos, mais ou menos, era uma idade crítica; foi quando Annie ficou muito mal. Desde a sua morte, a lembrança trazia-lhe sofrimento e aguardava que a natureza revelasse a imperfeição fatal. Todos eles menos William, que já tinha quase dezessete, eram vítimas potenciais.*"<sup>231</sup>

É isso!

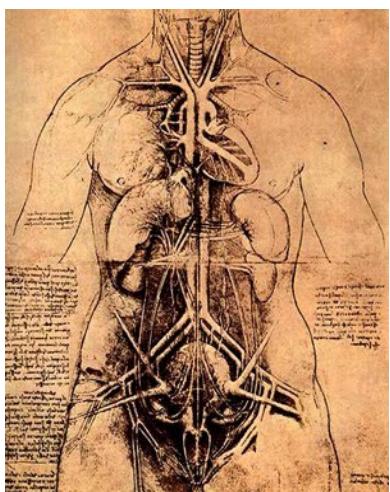
## O darwinismo e a origem da vida



mesmo as “outras ciências”?

Esta atitude ridiculamente imponderada dos defensores de Darwin apenas escancara seus bestiais anseios em querer firmar uma ideologia niilista, cuja essência nada mais é do que o velho materialismo filosófico, e nada além de uma grande ilusão. Talvez desconheçam exemplos como esse do paleontólogo Marc Godinot, o qual, com humildade declarou que a origem da vida não é uma questão que a ciência possa responder: "*Temos que desvendar isso, mas é um trabalho para filósofos e teólogos.*"<sup>232</sup>

É isso!



## Darwin e a evolução dos órgãos sexuais

No seu controverso “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”<sup>233</sup> (“The Descent of Man and Selection in Relation to Sex”) Darwin, um tanto hesitante, busca iluminar a questão acerca da evolução dos órgãos性uais da forma mais típica aos defensores da teoria evolutiva, ou seja: através das simples inferências. Obviamente despontaram, entre outras conhecidas muletas, a velha embriologia e os tais órgãos rudimentares. Vejamos:

*“Os antigos antepassados do homem deviam estar antigamente cobertos de pelo, sendo que ambos os sexos tinham barba; as suas orelhas provavelmente tinham pontas e eram capazes de movimento; o seu corpo tinha cauda com músculos próprios. Os seus membros e corpo eram, ademais, postos em movimento por muitos músculos que agora só ocasionalmente aparecem, mas estão normalmente presentes nos quadrúmanos. Neste período ou em algum outro anterior, a grande artéria e o nervo do útero corriam através de um furo supercondilóide... Num período muito recuado o útero era duplo; os excrementos eram evacuados através de uma cloaca...”*

[...]

*“Sabe-se há muito tempo que, no gênero dos vertebrados, um sexo apresenta rudimentos de muitas partes acessórias que pertencem ao sistema reprodutivo mais propriamente característico do outro sexo e agora foi constatado que numa fase embrionária, ambos os sexos possuem verdadeiras e autênticas glândulas masculinas e femininas.”*

[...]

*“Por isso parece que alguns antepassados de todo o gênero dos vertebrados foram hermafroditas ou andróginos. Aqui temos, pois, um ponto que merece a nossa maior*

atenção. Na classe dos mamíferos, os machos possuem rudimentos de um útero com o canal adjacente na vesícula prostática; apresentam além disto alguns rudimentos de tetas e alguns machos dos marsupiais possuem traços do saco marsupial.”

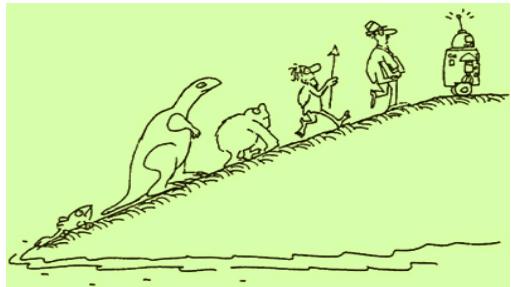
[...]

“Devemos então supor que alguns mamíferos muitíssimo antigos continuaram a ter caracteres andróginos, depois de terem adquirido as principais diferenciações da sua classe e por conseguinte depois de se terem diferenciado das classes inferiores do gênero dos vertebrados? Parece muito improvável, porque devemos chegar aos peixes, a classe mais baixa, para encontrar alguma forma androgina ainda existente.”

[...]

“O fato de que diversas partes acessórias, próprias de cada um dos sexos, se encontrem em rude condição no sexo oposto, pode ser explicado com o fato de que tais órgãos têm sido gradualmente adquiridos por um sexo e depois transmitidos ao outro em condição mais ou menos imperfeita.”

É isso!



## O valor semântico da palavra “evolução”

O embaraço dos darwinistas com a palavra “evolução” é simplesmente jibóico. Por mais que tentem desassociá-la do conceito de “progresso”, esbarram-se diante do fato de que seu uso inicial tinha exatamente esta finalidade, ou seja, a de

denotar a ação ou resultado de progredir, a marcha ou movimento para diante, o desenvolvimento ou continuidade de uma ação, e por aí vai. O dilema é de tal monta que alguns professores de Biologia, constrangidos com a realidade semântica atrelada ao uso deste termo, já sugerem algo como “Teoria da Transmutação”, “Teoria da Adaptação”, “Teoria da Transformação” etc.

A palavra “evolução”, portanto, parece não fazer sentido sem seu vínculo com “progresso”, uma vez que foi exatamente dessa maneira que se utilizou Darwin ao escrever todas suas obras e estabelecer sua teoria. Em “A Origem das Espécies e a Seleção Natural” ele deixa isso bem claro: “A seleção natural atua exclusivamente no meio da conservação e acumulação das variações que são úteis a cada indivíduo nas condições orgânicas e inorgânicas em que pode encontrar-se colocado em todos os períodos da vida. Cada ser, e é este o ponto final do progresso, tende a aperfeiçoar-se cada vez mais relativamente a estas condições. Este aperfeiçoamento conduz inevitavelmente ao progresso gradual da organização do maior número de seres vivos em todo o mundo. Mas referimo-nos aqui a um assunto muito complicado, porque os naturalistas ainda não definiram, de uma forma satisfatória para todos, o que deve compreender-se por ‘um progresso de organização’. Para os vertebrados, trata-se claramente de um progresso intelectual e de uma conformação que se aproxime da do homem. Poder-se-ia pensar que a soma das alterações que se produzem nas diferentes partes e nos diferentes órgãos, por meio de desenvolvimentos sucessivos desde o embrião até à maternidade, basta como termo de comparação...”<sup>234</sup>

No que diz respeito ao homem em especial, o conceito de evolução como progresso constitui-se a própria essência da doutrina; do contrário, não seria possível explicar o desenvolvimento moral e intelectual do homem a partir de sua condição semi-humana. Em “A Origem das expressões no homem e nos animais”, isso fica patente: “Nos humanos,

algumas expressões, como o arrepiar dos cabelos sob a influência de terror extremo, ou mostrar os dentes quando furioso ao extremo, dificilmente podem ser compreendidas sem a crença de que o homem existiu um dia numa forma mais inferior e ani-malesca. A partilha de certas expressões por espécies diferentes ainda que próximas, como na contração dos mesmos músculos faciais durante o riso pelo homem e por vários grupos de ma-cacos, torna-se mais inteligível se acreditarmos que ambos descendem de um ancestral comum. Aquele que admitir que, no geral, a estrutura e os hábitos de todos os animais evoluíram gradualmente, abordará toda a questão da Expressão a partir de uma perspectiva nova e interessante.”<sup>235</sup>

Já no seu “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, esse entendimento torna-se ainda mais evidente: “Até aqui tenho considerado somente o progresso do homem, saindo de uma condição semi-humana para aquela do moderno selva-gem. Merece que se acrescentem algumas referências a propó-sito da ação da seleção natural nas ações civilizadas. Este tema tem sido discutido com habilidade por W. R. Greg e anteriormente por Wallace e por Galton. Muitas das minhas observações são extraídas destes três autores. Nos selvagens, as fraquezas do corpo e da mente são imediatamente eliminadas; aqueles que sobrevivem, apresentam normalmente um vigoroso estado de saúde.” E mais adiante: “No caso das estruturas corpóreas, o fator que contribui para um progresso de uma espécie é a seleção de indivíduos ligeiramente mais dotados e a eliminação daqueles menos dotados, e não a conservação de anomalias fortemente acentuadas e raras. O mesmo se dará com as faculdades intelectuais, visto que os homens um pouco mais hábeis em qualquer grau da sociedade têm melhor êxito do que os menos hábeis e, consequentemente, progridem em número, quando não são obstaculados de um outro modo. Quando numa nação o nível de inteligência e o número de pessoas inteligentes cresceram, de acordo com a lei do desvio da média, podemos contar com o aparecimento dos gênios com um pouco mais de frequência do que antes” (p. 164). E, para completar: “A julgar de tudo o que sabemos do homem e dos animais inferiores, sempre tem havido uma suficiente variabilidade em suas faculdades morais e intelectuais para um progresso seguro através da seleção natural.”<sup>236</sup>

É isso!



## Darwinismo e tubos de ensaio

São simplesmente absurdos os erros que a imprensa comete quando se põe na defesa de Charles Darwin. Num artigo recente (“Design Inteligente ganha espaço no Brasil”) de autoria de Isis Nobile Diniz, publicado no portal IG, na sua seção de ciência, algo chama a atenção, e que talvez possa explicar porque “os engomadinhos” da mídia colocam-se contra aqueles que se opõem à cadeia de força imposta pelo darwinismo. Lá pelas tantas,

escreveu a autora: “Pesquisas feitas no mundo inteiro constatam que, quanto maior a renda e o grau de instrução das pessoas, mais elas acreditam no darwinismo.”<sup>237</sup>

O primeiro erro é básico, e diz respeito às fontes das pesquisas as quais atestariam que as pessoas mais ricas e mais instruídas optam pelo darwinismo: onde estão elas? O segundo erro advém deste, ou seja, imaginar que o darwinismo, por ser aceito pelos “mais instruídos” e “mais ricos” seja a expressão da verdade. Mesmo que essas supostas pesquisas existam e reflitam a realidade, isso em nada nos diz que a Seleção Natural possa

ser posta num tubo de ensaio por um estudante de Biologia num laboratório da Universidade de Harvard.

Agora uma pergunta que não quer se calar: até que ponto muitos desses “engomadinhos” (“chiques e perfumados”, como diria Enézio de Almeida) não aderiram a Darwin pelo simples fato de acreditarem que isso implica em ser “mais instruído” e “mais erudito”?

O que vem a seguir escancara o ridículo de se defender algo pelo fato de parecer ser “mais intelectualmente correto”:

*“Na ciência, para uma teoria ser dada como verdadeira, ela precisa ser testada várias vezes e, a cada repetição, apresentar o mesmo resultado. E ser aplicável em tudo o que se relaciona com ela. No caso, a Teoria da Evolução, escrita por Darwin em quase 500 páginas após décadas de experimentos, explica porque os seres vivos mudam ao longo do tempo. Segundo a teoria, a partir de um ancestral em comum, os seres vivos se diferenciaram, por mutações aleatórias que permitiram que eles se adaptassem ao ambiente e deixassem descendentes. Existem evidências indiscutíveis sobre a Teoria da Evolução, é como afirmar que a Terra gira em torno do Sol. O fato de haverem lacunas não significa que ela esteja errada”, explica Paprocki.”*

### Vejamos por partes:

1. “*Na ciência, para uma teoria ser dada como verdadeira, ela precisa ser testada várias vezes e, a cada repetição, apresentar o mesmo resultado.*” Sim, é o que acontece, por exemplo, com a Medicina. Daí as vacinas, os antibióticos, as cirurgias, os transplantes etc.

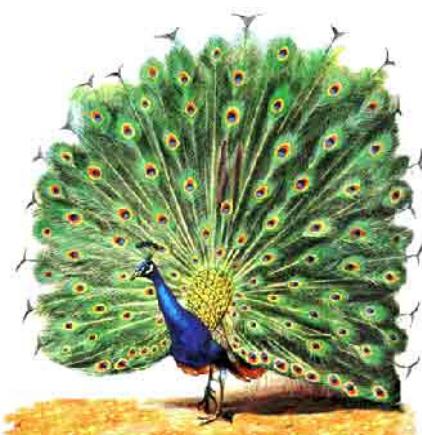
2. “*No caso, a Teoria da Evolução, escrita por Darwin em quase 500 páginas após décadas de experimentos, explica porque os seres vivos mudam ao longo do tempo.*” Meu Deus! Quer dizer então que a Teoria da Evolução de Darwin fora o resultado de décadas de experimentos? Será que a autora se referiu à seleção artificial feita por Darwin com pombos e plantas? Sim, afinal, como exatamente Darwin testou suas conclusões evolutivas antes de publicar seu livro de quase 500 páginas? Ou seja, na concepção da autora, foi Darwin quem inventou o conceito de “evolução”, e o fez à base de retortas, centrífugas, muflas e gobolés.

3. “*Existem evidências indiscutíveis sobre a Teoria da Evolução, é como afirmar que a Terra gira em torno do Sol.*” Por essa Galileu se revirou em seu túmulo. Ao que parece, para os deslumbrados zeladores de Darwin, a simples resistência bacteriana e os bicos de tentilhões são suficientes para tornar testável a velha tautologia denominada “sobrevivência do mais apto.”

Se não fora eles “mais instruídos”, confesso que ficaria atônito! ((rs))

É isso!

## A síndrome do pavão



A capacidade de alguns darwinistas em criar estórias é simplesmente de causar inveja ao mais imaginativo autor de ficção!

Uma vez que a Seleção Natural guiou o processo de evolução, acaba-se inventando todo tipo de especulação a fim de não ficarem sem uma resposta. Se se pergunta, por exemplo, sobre quais as vantagens de possuir orelhas, respondem que homens sem orelhas teriam uma capacidade auditiva muito reduzida, de maneira que estariam sujeitos a serem exterminados pelos predadores, ou talvez usem a velha muleta da “raridade do registro fóssil”, que no caso da orelha é

muito mais problemático, já que é feita de cartilagem (um tecido que se decompõe facilmente).

A mesma situação, que eu chamaria de síndrome, ocorre no caso da cauda do pavão. Se se perguntá, por exemplo, por que se atrapalharia um animal com uma estrutura desse tipo, a qual o põe a mercê de predadores e ainda torna mais difícil outras funções, lepidamente empurram a seleção sexual como alternativa. Ou seja, se a Seleção Natural é insuficiente como explicação, não tem problema, tem-se a seleção sexual que a tira do sufoco.

É isso!



## "Teoria do favorecimento"

Estando a fuçar, hoje, num desses preciosos “sebos” de São Paulo, aqui na Lapa, um antigo bairro da capital, atualmente “em fase de aburguesamento”, deparei-me com o livro “A Origem da Espécie Humana”, de Richard Leakey, que comprei “a preço de banana.” Não o li ainda, no entanto, como faço de costume, antes observo para só depois “deglutir.” Um dos capítulos o qual

superficialmente dei uma espiada foi “A arte da linguagem”, onde se lê: *“A questão é: quais eram as pressões da seleção natural que favoreceram a evolução da linguagem falada? Presumivelmente, esta habilidade não surgiu de um momento para o outro já plena-mente desenvolvida, assim temos que nos perguntar que vanta-gens uma linguagem menos desenvolvida conferia aos nossos ancestrais. A resposta mais óbvia é que ela oferecia um modo eficiente de comunicação. Esta habilidade, certamente, teria sido benéfica para os nossos ancestrais quando estes adotaram pela primeira vez a caça rudimentar e a coleta de alimentos, que é um modo de subsistência mais desafiador que o dos macacos. À medida que seu modo de vida tornava-se mais complexo, a necessidade de coordenação social e econômica também crescia. Nessas circunstâncias, a comunicação efetiva tomava-se cada vez mais valiosa. A seleção natural portanto teria reforçado firmemente a capacidade de linguagem. Em consequência, o repertório básico de sons dos símios primitivos – presumivelmente similares às arfadas, apupos e grunhidos dos macacos modernos – teria se expandido e sua expressão se tornado mais estruturada. A língua-gem, como a conhecemos hoje, emergiu como um produto das exigências da caça e da coleta. Ou pelo menos assim parece. Há outras hipóteses para a evolução da linguagem.”*<sup>238</sup>

Agora aquelas perguntinhas capciosas de um não-iniciado em evolução:

Por que cargas d’água a Seleção Natural favoreceu com o “dom da linguagem” apenas o ancestral humano? Sim, a aquisição da linguagem tornava a comunicação dele mais eficiente, mas, e daí? Esse benefício evolutivo, ou melhor, adaptativo, não tornaria muito mais eficiente a comunicação também dos insetos, dos répteis, das aves e de outros mamíferos? Por que as circunstâncias seletivas favoreceram tão somente o homem, em vez, por exemplo, da formiga, do sapo, da tartaruga e da baleia? Quem nos garante que a linguagem não era uma necessidade dos peixes e dos répteis? Qual a base para se afirmar que este tipo de comunicação não era necessária e importante para a águia ou para o rato?

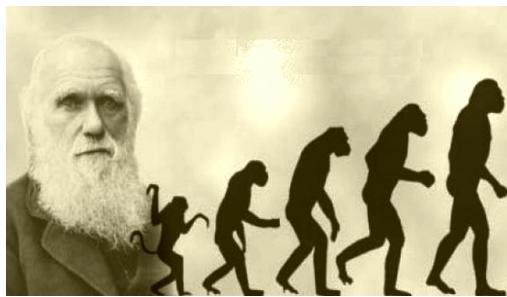
*“Pegue, junte tudo*

*Passe vaselina*

*Enfie, soque, meta*

*No tanque de gasolina.”* (Tom Zé)

É isso!



## A sobrevivência de uma tautologia

Tempos atrás alguns jornais espanhóis noticiaram que o Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) obteve provas que confirmariam a máxima darwinista “sobrevivência do mais apto” como um fato suscetível de experimentação<sup>239</sup>. A pesquisa baseou-se em observações realizadas a

partir das gaivotas de Mallorca, e dizia que os gaviões e os urubus escolhiam como vítimas os pássaros com deformações corporais e com sérias patologias internas, ou seja, os “menos aptos.”

Já aqui no Brasil foi noticiado um estudo que, na contramão do outro, questionava o velho dístico “sobrevivência do mais apto” de Herbert Spencer, o qual fora aplicado por Darwin em sua teoria sobre evolução. Segundo o jornal Estado de São Paulo (a matéria é da BBC), uma pesquisa conduzida pelo estudante de pós-doutorado Sarda Sahney e outros colegas da Universidade de Bristol contesta o conceito darwinista de que uma intensa competição por recursos em ambientes altamente populosos é a grande força por trás da evolução: “Por exemplo, apesar de os mamíferos viverem junto com os dinossauros há 60 milhões de anos, eles não conseguiam vencer os répteis na competição. Mas quando os dinossauros foram extintos, os mamíferos rapidamente preencheram os nichos vazios deixados por eles e hoje os mamíferos dominam a terra” (vide: “Estudo questiona ‘sobrevivência do mais forte’ de Darwin.”<sup>240</sup>

Não creio que este último estudo seja mais apurado do que o outro. Ambos trilham pelo mesmo atalho da especulação e parecem refletir a repetida estratégia darwinista em fazer uso de determinados fenômenos naturais para provar o “fato” da evolução. Ou seja, no fim de tudo a causa desemboca para interesses ideológicos. O fato é que o famigerado lema “sobrevivência do mais apto” tem sido de grande importância para a sobrevivência financeira de muita gente. Haja vista o dinheiro gasto neste tipo de pesquisa.

É isso!



## O darwinismo e seus Nostradamus

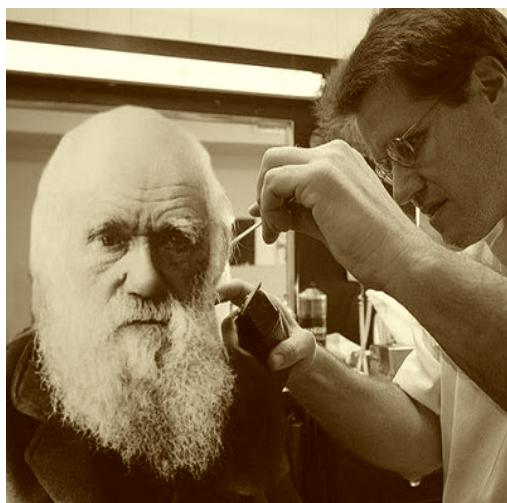
Há mais de 150 anos, desde que Darwin publicou seu livro “A Origem das Espécies”, não há nenhum órgão ou ideia, nenhum sentido ou pensamento, que não tenha sido objeto das elucubrações evolutivas dos devotos do naturalista. Um caso curioso e não tão antigo (2006) refere-se às previsões feita pelo teórico da evolução Oliver Curry, da London School of Economics<sup>241</sup>. São deles as seguintes previsões:

1. Dentro de 100.000 anos a humanidade sofrerá variações genéticas que poderão dividi-la em duas subespécies.
2. Uma dessas espécies será composta de pessoas altas, sadias, atraentes, criativas e inteligentes; a outra, por sua vez, será formada por pessoas bobas, feias e parecidas com duendes.
3. Os humanos serão mais seletivos e exigentes na escolha de seus parceiros.
4. As pessoas assemelhá-se-ão aos Eloi e Morlocks na ficção criada por H. G. Wells em seu romance “A Máquina do Tempo.”

5. Daqui a 1.000 anos os humanos se transformarão em gigantes com mais de dois metros de altura, enquanto sua expectativa de vida aumentará para 120 anos.
6. Em consequência de seu excelente estado de saúde, as pessoas terão melhor aparência e se mostraram mais jovens e férteis.
7. Os traços faciais nos homens serão bem distribuídos, e eles adquirirão porte atlético e mandíbulas mais quadradas, ao mesmo tempo em que seus pênis aumentarão em tamanho.
8. Já as mulheres terão uma pele mais clara, sedosa e com ausência de pêlos; terão igualmente olhos claros, cabelos brilhantes, seios mais avolumados e feições mais harmoniosas.
9. As diferenças raciais serão amenizadas pela misturas das raças, que se tornarão uniformes na tonalidade semelhante ao café.
10. Daqui a 10.000 anos os seres humanos pagarão um preço muito alto por depender da tecnologia.
11. Acostumados a artifícios que saciam suas necessidades, as pessoas ficarão parecidas a animais domésticos.
12. Os humanos se tornarão menos românticos, simpáticos e respeitosos; também terão sua capacidade de interação com outros reduzida, e terão também menos espírito de equipe.

É pagar pra ver! ((rs))

É isso!



## As incertezas das evidências

Quem já travou algum tipo de debate com os devotos de Darwin, deve ter notado a obstinação de muito deles em sempre confundir “evolução” com a Teoria da Evolução em si. Daí aquela enfadonha pergunta: “Em que isso invalida a evolução?”, como se uma coisa fosse obrigatoriamente sinônima da outra.

Embora a Teoria da Evolução se paute também na “evolução”, o seu conteúdo epistêmico vai muito além da simples constatação de que os seres vivos mudam ao longo do tempo. Em seu bojo incluem-se aspirações e crenças que extrapolam

qualquer observação da Natureza. Obviamente que uma afirmação desse tipo sempre vai ser recebida como sendo fruto da ignorância e do desconhecimento do que seja “evolução.” Mas essa é uma maneira que eles encontraram de se sentirem cada vez mais os donos da verdade e mais próximos da ciência. Cada louco com sua mania, diz o dito popular.

Isso me remete a um texto de James George Frazer, um antropólogo evolucionista, autor de “O Ramo de Ouro”, escrito em 1890, no período em que o darwinismo fincava sua base também na esfera social.

Defendendo a tese de que a sociedade humana desenvolveu-se em estágios sucessivos e obrigatórios, numa trajetória unilinear e ascendente rumo à civilização, escreveu ele: “*Em suma, a definição pressupõe que a civilização, sempre e em toda parte, tem evoluído a partir da selvageria. A massa de evidências sobre a qual se baseia esse pressuposto é, em minha opinião, tão grande que torna indiscutível este raciocínio indutivo. Pelo menos, penso que, se alguém discorda disso, não vale a pena discutir com ele. Ainda existem, creio, na sociedade civilizada, pessoas que sustentam que a terra é*

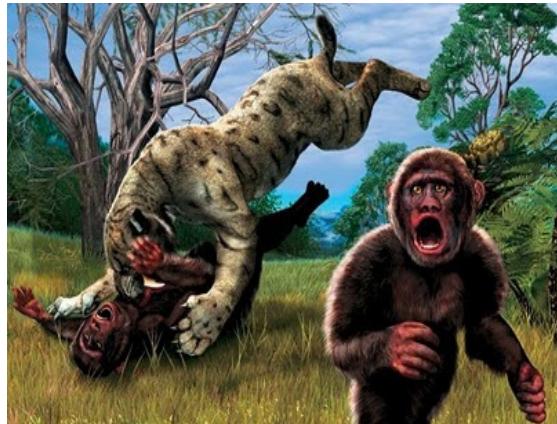
*plana e que o sol gira ao seu redor; mas nenhum homem sensato perderá seu tempo na vã tentativa de convencer tais pessoas de seu erro, muito embora esses aplanadores da terra e giradores do sol apelem, com perfeita justiça, para a evidência de seus sentidos em apoio a sua alucinação, algo que os oponentes da primitiva selvageria do homem não são capazes de fazer.”*

Segundo Frazer: “em comparação com o homem civilizado, o selvagem representa um estágio estacionado, ou melhor, retardado do desenvolvimento social, e, portanto, um exame de seus costumes e crenças fornece o mesmo tipo de evidência da evolução da mente humana que o exame de um embrião fornece da evolução do corpo humano. Em outras palavras, um selvagem está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto.”<sup>242</sup>

Já há bom tempo que esses ideais de evolução como progresso foram devidamente superados. Todavia, fica aqui a lição da interinidade das evidências. O que hoje é tão claro como o Sol, amanhã pode tornar-se mais sombrio que o abismo de Dante.

Para Frazer suas teses eram tão óbvias que desmereceria qualquer discussão. Isso me remete mais uma vez aos devotos atuais de Darwin, os quais, da mesma forma que o citado antropólogo, acreditam que seus amontoados de “evidências” sejam o óbvio multiplicado por mil. Mas, como já dizia J. Bailey: “A primeira e pior de todas as fraudes é enganar-se a si mesmo. Depois disto, todo o pecado é fácil.”

É isso!



## Evolução e imaginação

Até que ponto a paixão exacerbada por uma causa não é decisiva na obtenção de “provas” que a confirme como verdadeira? Especificamente no âmbito das pesquisas paleontológicas, até que ponto a obsessão pela causa da evolução não é preponderante para se chegar a um resultado favorável ao termo de uma dada pesquisa?

Não me refiro à manipulação intencional dos dados, embora isso também possa ocorrer, mas sim a um esforço orientado emocional e ideologicamente para um determinado propósito. Os antigos craniometristas, por exemplo, acreditavam de tal maneira que os europeus tinham um cérebro maior e mais sofisticado do que os negros e os índios, que ao fim de suas investigações acabavam por encontrar as “provas” de que tanto necessitavam para atestar suas “verdades.”

Isso me veio à mente ao ler o livro “A Origem da Espécie Humana”, do prestigiado Richard Leakey. Lá pelas tantas, ao fazer menção do sítio 50, o autor tenta recriar a partir de indícios arqueológicos o modo de vida do chamado *Homo erectus*, há 1,5 milhões de anos. A forma como Leakey fantasia a rotina diária desses misteriosos seres, remete-nos de algum modo ao maravilhoso mundo dos mitos, das lendas, das fábulas e dos contos populares. Se não, vejamos:

*“Embora nunca possamos ter certeza de como era a vida diária nos primeiros tempos do *Homo erectus*, podemos utilizar o rico indício arqueológico do sítio 50, e nossa imaginação, para recriar tal cenário, há 1,5 milhão de anos:*

*Uma corrente sazonal segue seu leito gentilmente através da planície aluvial no lado leste do gigantesco lago. Acácias altas alinharam-se ao longo das margens da corrente sinuosa, projetando sombras bem-vindas que protegem do sol tropical. Na maior parte*

*do ano o leito da corrente permanece seco, mas chuvas recentes nas colinas ao norte estão abrindo seu caminho em direção ao lago, fazendo a corrente aumentar de volume lentamente. Por umas poucas semanas, a planície aluvial tem estado flamejante por causa das cores, com ervas florescentes formando manchas amarelas e roxas contra a terra alaranjada e baixos arbustos de acácia parecendo nuvens revoltas. A estação chuvosa é iminente.*

*Aqui, em uma curva da corrente, vemos um pequeno agrupamento humano, cinco fêmeas adultas e um aglomerado de crianças e jovens. Eles são de estatura atlética e fortes. Estão conversando alto, alguns deles trocam observações sociais óbvias, alguns discutem os planos para o dia. Mais cedo, antes do nascer do Sol, quatro machos adultos do grupo haviam partido em busca de carne. O papel das fêmeas é coletar alimentos vegetais, que todos percebem ser o principal produto econômico em suas vidas. Os machos caçam, as fêmeas coletam; é um sistema que funciona espetacularmente bem para o nosso grupo e por tanto tempo quanto qualquer um é capaz de lembrar-se.*

*Três das fêmeas agora estão prontas para partir nuas exceto por uma pele de animal jogada sobre os ombros que tem o papel dual de servir para transportar o bebê, e mais tarde para transportar o alimento. Elas levam consigo bastões curtos e pontiagudos, que uma das fêmeas preparara antes usando lascas de pedra afiadas para aparar galhos fortes...*

*Para trás junto à corrente, as duas fêmeas restantes repousam tranqüilamente sobre a areia macia sob uma acácia alta, observando os trejeitos de três jovens. Muito velhos para serem carregados na pele de animal, muito jovens para caçar ou coletar, estes fazem o que todos os jovens fazem: eles fazem brincadeiras que prenunciam sua vida adulta...*

*Obter lascas afiadas é mais difícil do que parece, e a habilidade é ensinada principalmente por meio do exemplo, e não pela instrução verbal. A garota tenta novamente, desta vez sua ação é sutilmente diferente. Uma lasca afiada destaca-se do seixo, e a garota deixa escapar um grito de triunfo. Ela apodera-se da lasca, mostra-a para a mulher sorridente e então corre para exibi-la aos seus colegas de folguedos. Eles prosseguem juntos com a brincadeira, armados agora de um implemento da maturidade. Eles encontram um pau, que a aprendiz de britadeira desbasta até obter uma ponta aguçada, e então eles formam grupo de caça, em busca de um peixe para matá-lo com a lança...*

*Em breve, o som distante de vozes que se aproximam avisa às mulheres que os homens estão retornando. E, a julgar pelo tom de excitação na conversação destes, eles estão retornando após terem sido bem-sucedidos. Na maior parte do dia os homens estiveram silenciosamente tocando um pequeno rebanho de antílopes, observando que um dos animais parecia coxejar ligeiramente. Repetidamente, este indivíduo era deixado para trás pelo rebanho e tinha que fazer tremendos esforços para juntar-se a ele...*

*Finalmente, uma oportunidade apresentou-se e, sem dizer uma palavra, de comum acordo, os três homens moveram-se para posições estratégicas. Um deles atirou uma pedra com força e precisão, obtendo um impacto estonteante; os outros dois correram para imobilizar a presa. Uma estocada rápida com um pau curto e pontiagudo fez correr uma torrente de sangue da jugular do animal. O animal lutou mas em pouco tempo estava morto...*

*Mais tarde, naquela noite, há quase um sentido de ritual no consumo da carne. O homem que conduziu o grupo de caça corta os pedaços e os entrega para as mulheres que sentam em torno dele e para os outros homens. As mulheres dão pedaços para as suas crianças, que os trocam alegremente entre si. Os homens oferecem pedaços para seus colegas, que oferecem outros pedaços em troca. O ato de comer carne é mais do que o sustento; é uma atividade de comunhão social.*

*A excitação do triunfo na caça agora evanesce, os homens e mulheres trocam relatos de seus dias separados. Há uma compreensão de que eles em breve terão que*

*deixar este acampamento agradável, pois as chuvas crescentes nas montanhas distantes em breve farão com que a corrente inunde suas margens. Por agora, eles estão contentes....”<sup>243</sup>*

É isso!



## A "suavidade" explicativa da Teoria da Evolução

Jeremy Atkinson e seus colaboradores da Universidade de Albany (Nova York) realizaram um estudo com 60 estudantes universitários por meio do chamado “morphings” (modificações ou distorções de fotografias feita no computador), com o qual “comprovaram”, entre outras coisas, que os homens preferem mulheres com pés pequenos.

O estudo foi apresentado há algum tempo num congresso sobre comportamento humano e evolução social, em Eugene (Oregon, EUA). Segundo Atkins o gosto masculino pelas formas “suaves” da mulher também pode ter uma explicação evolutiva, ligando-se a eventos relacionados à Seleção Sexual.

As proezas do darwinismo não tem limites. Como, afinal, uma teoria com tamanha abrangência explicativa pode ser considerada cientificamente legítima? Ou seja, na ausência de uma explicação razoável ou lógica, bota-se a “evolução” no meio, e pronto, acabaram-se todos os problemas!

É isso!



## A evolução segundo Futuyama

Em seu livro “Evolução, Ciência e Sociedade”, Douglas J. Futuyama define “evolução” da seguinte forma: “*A evolução biológica consiste na mudança das características hereditárias de grupos de organismos ao longo das gerações. Grupos de organismos, denominados populações e espécies, são formados pela divisão de populações ou espécies ancestrais; posteriormente, os grupos descendentes passam a modificar-se de forma independente. Portanto, numa perspectiva de longo prazo, a Evolução é a descendência, com modificações, de diferentes linhagens a partir de ancestrais comuns. Desta forma, a História da Evolução tem dois componentes principais: a ramificação das linhagens e as mudanças dentro das linhagens (incluindo a extinção). Espécies inicialmente similares tornam-se cada vez mais diferentes, de modo que, decorrido o tempo suficiente, elas podem chegar a apresentar diferenças profundas.*”<sup>244</sup>

Vejamos ligeiramente por partes:

1. A evolução biológica consiste na mudança das características hereditárias de grupos de organismos ao longo das gerações;

2. Grupos de organismos, denominados populações e espécies, são formados pela divisão de populações ou espécies ancestrais; posteriormente, os grupos descendentes passam a modificar-se de forma independente;
3. Numa perspectiva de longo prazo, a Evolução é a descendência, com modificações, de diferentes linhagens a partir de ancestrais comuns;
4. Espécies inicialmente similares tornam-se cada vez mais diferentes, de modo que, decorrido o tempo suficiente, elas podem chegar a apresentar diferenças profundas.

Quanto à assertiva 1, não há o que discutir sobre este ponto, uma vez que não existem dados para sustentar o fixismo das espécies desde o seu surgimento. Pode-se discutir a forma e o tempo necessários para a ocorrência das mudanças, porém, que elas ocorreram, isto realmente parece um fato mais do óbvio!

Em relação à parte inicial da assertiva 2, entendendo-a como Descendência Comum Limitada (DCL), ou seja, o conjunto de mudanças morfológicas observadas no interior (intra-espécies) de um grupo de seres vivos da mesma espécie ao longo do tempo, não há também o que contestar quanto a isso. Os tentilhões são exemplares como demonstração da mudança por este viés. Ao que tudo indica, as mudanças observadas entre os seres vivos favorecem uma visão polifilética da vida, na qual muitas linhagens de animais ou plantas se desenvolveram separadamente, isto é, sem conexões genealógicas.

Já as assertivas 3 e 4 apontam para o que se denomina de Ancestralidade Comum Universal, ou seja, a idéia de que todos os organismos estão relacionados por ascendência comum. Por estas assertivas, vírus, bactérias, plantas e todos os seres vivos estão relacionados entre si. A hipótese, embora tenha lá ampla aceitação no âmbito científico, carece ainda de provas factuais. Mudanças microevolutivas na freqüência dos genes não foram vistas como capazes de converter, por exemplo, um réptil em um mamífero ou de transformar um peixe num anfíbio etc. A aceitação desta tese só pode ser sustentada mediante um conjunto de esforços direcionados a um objetivo que extrapola a observação factual e à própria ciência, no seu sentido “prático”, ou seja, mensurado e medido. De resto, pairam as incertezas, ou as certezas, como queiram os darwinistas!

É isso!



## É tudo um grande mistério!

Segundo Richard Leakey (“A Origem da Espécie Humana”), três grandes revoluções marcaram a história da vida na Terra, a saber:

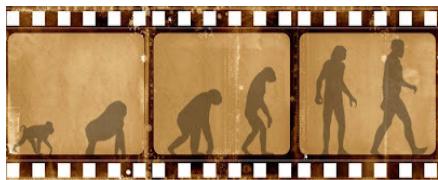
1. “A primeira foi a origem da vida propriamente dita, em alguma época situada antes dos 3,5 bilhões de anos atrás. A vida, na forma de microorganismos, tornou-se uma força poderosa em um mundo onde anteriormente apenas a química e a física haviam operado”;
2. “A segunda revolução foi a origem dos organismos multicelulares, há cerca de meio milhão de anos. A vida tornou-se complexa, as plantas e os animais em miríades de formas e tamanhos evoluíram e interagiram em ecossistemas férteis”;
3. “A origem da consciência humana, em alguma época nos últimos 2,5 milhões de anos, foi o terceiro evento. A vida tornou-se ciente de si própria, e começou a transformar o mundo da natureza com seus objetivos próprios.”

Antes, porém, confessa Leakey: “Embora não possamos ter certeza sobre o processo pelo qual os seres humanos evoluíram, com certeza sabemos que ele envolveu a emergência do tipo de mundo mental que experimentamos hoje.”<sup>245</sup>

Se do ponto de vista evolutivo não se pode ter certeza acerca de como se deu o processo que culminou na evolução do ser humano, o que se dirá então das três revoluções citadas pelo paleontólogo!

Concernente à origem da vida, embora os devotos de Darwin estejam sempre papagaiando que não se trata de um assunto do escopo da especulação evolutiva, estão eles sempre prontos para atacar com voracidade toda argumentação filosófica que não se enquadre em sua visão restritamente materialista. No que diz respeito à evolução propriamente dita, as explicações quase sempre carecem de fundamentos precisos, sendo normalmente elaboradas a partir de conjecturas não factuais, tomando por base aquilo que poderia ter sido, a partir daquilo que é. Já em relação à consciência humana, as especulações neste âmbito se avolumam estrondosamente, culminando quase sempre em teorias excêntricas e desprovidas de elementos factíveis que as confirmem, como é o caso dos pressupostos da Psicologia Evolutiva, que sempre ficam no "acredite se quiser." Resumindo: é tudo um grande mistério.

É isso!



## Os darwinistas e seus telhados de vidro

É comum, entre os devotos de Darwin, rotular de maneira tendenciosa o Tedeísmo (Teoria do Desenho Inteligente) de pseudociência, como se a Teoria que defendem fosse a síntese da excelência científica. Todavia,

dentro dos critérios comumente utilizados para se definir uma teoria como experimentalmente testável, a Teoria da Evolução entra no mesmo bojo do freudismo e do marxismo, os quais, por suas especulações ideológicas, não se enquadram nos cinco requisitos básicos para que uma teoria seja de fato considerada científica, a saber:

1. Terminologia definida de forma clara (o sentido de "evolução", por exemplo, é tão amplo e diversificado quanto seus enunciados);
2. Quantificabilidade (não se pode avaliar com precisão os grandes eventos macroevolutivos);
3. Condições experimentais rigorosamente controladas (não é possível fazer experimentos inter-espécies, mas apenas intra-espécies, que são as mudanças morfológicas que se dá no interior de um grupo de seres vivos da mesma espécie. Por exemplo, os tentilhões);
4. Reprodutibilidade (não é possível reproduzir os eventos macroevolutivos);
5. Testabilidade e previsibilidade (não é possível organizar uma confrontação verdadeiramente definitiva com os diversos "dados" que norteiam a Teoria, por exemplo: dados decorrentes da classificação, da paleontologia, da anatomia comparada, da genética, da embriologia, da biogeografia etc.)

É isso!



## "Hoje pavão, amanhã espanador!"

Segundo um trabalho publicado na revista "Science" <sup>246</sup>, uma equipe de pesquisadores liderada por Hans-Peter Uerpmann, da Universidade Eberhard Karls, em Tübingen, na Alemanha, encontrou indícios em ferramentas que poderão fazer

recuar em quase 50.000 anos a chegada dos humanos modernos na península árabe.

Até agora, pensava-se que os primeiros “sapiens”, ao deixar a África o fizeram pelo chamado “corredor do Nilo”, após cruzarem pelo estreito de Bab-el-Mandeb, que separa o continente asiático do africano. Este trabalho, entretanto, defendeu a existência de uma rota de saída pelo sul do Golfo Pérsico, levando em conta que as ferramentas encontradas no sítio arqueológico de Jebel Faya possuem a mesma “tecnologia” de que se utilizavam os “sapiens” primitivos que habitavam o leste da África.

Bem. Picuinhas evolutivas à parte, o fato é que a Teoria da Evolução revela-se uma verdadeira “colcha de Penélope.” Durante o “dia”, tece-se aos olhos dos deslumbrados darwinistas o imenso “lençol evolutivo”, enquanto que, na “calada da noite”, cuida-se em desfazê-lo sob novos argumentos e pretextos.

Ora, se as “verdades” darwinistas são assim tão vulneráveis; se os “laços evolutivos” que as prendem mostram-se tão fáceis de serem rompidos, por que então tanta certeza, tanta jactância, tanta ostentação e altivez?

É como dizia Hermógenes: “Hoje pavão, amanhã espanador!”

É isso!



## Dos cientistas e suas hipocrisias...

Não duvido que o ganhador de um prêmio Nobel seja realmente merecedor dessa insígnia; todavia é preciso que se distinga o cientista e sua descoberta do homem e seu caráter.

No prefácio do livro “A expressão das emoções no homem e nos animais”, de Charles Darwin<sup>247</sup>, o ganhador do prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1973, Konrad Lorenz, num típico gesto de fervor ideológico tenta isentar Darwin de ter superestimado sua teoria. Diz ele: “*Quando Jacques Loeb descobriu o princípio do tropismo, chegou a acreditar, e esperar, que todo comportamento humano e animal pudesse ser explicado com base na interação dos tropismos. Quando I. P. Pavlov descobriu a resposta condicionada, pensava aproxi-madamente o mesmo de seu princípio explicativo. Os escritos de Sigmund Freud estão cheios de generalizações semelhantes.*

[...]

*Entretanto, o maior dos descobridores no campo da biolo-gia não cometeu esse erro: quando Charles Darwin descobriu a seleção natural – o princípio explicativo que estaria destinado a mudar nossa concepção do homem e do mundo mais do que qualquer outro antes dele – decididamente não superesti-mou a quantidade de fenômenos que poderiam ser explicados por seu intermédio. Se errou, foi ao não completar sua teoria.*” E, numa clara tentativa de eximir Darwin da pecha do darwinismo social, bajula-o: “*Por essa razão, incomoda-me profundamente o termo “darwinismo.” É uma calúnia injusta que acusa o grande homem de um pecado que, mais do que qualquer outro, ele abominaria.*

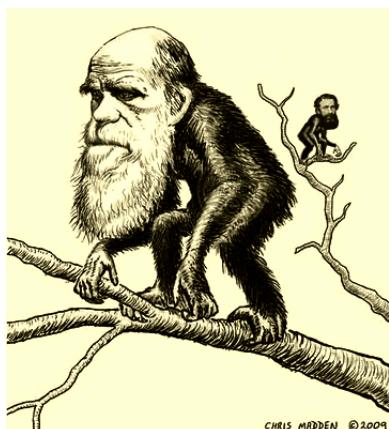
*Os biólogos modernos são muito mais “darwinistas” do que Darwin, e com razão.”*

Agora, vejam só o que afirmou este biólogo de grande reputação, no ano de 1940, na Alemanha, quando os campos de extermínio já estavam funcionando a todo “vapor”:

*“Para preservar a raça, seria necessário estar atento à eliminação, ainda mais severa do que é hoje, dos seres moralmente inferiores [...] Devemos – e temos o direito de – confiar nos melhores dentre nós e encarregá-los de efetuar a seleção que determinará a prosperidade ou o aniquilamento do nosso povo”* (citado por Albert Jacquard, em “Elogio da Diferença”, Martins Fontes, 1988, p. 90, 91).

Que maravilha, um darwinista social isentando outro de não ser darwinista!  
Qual, afinal, a diferença entre um hipócrita e um ator?  
Bom, deixemos esta questão para a etimologia grega. De resto, permaneçamos atentos às fingidas manifestações de virtudes...

É isso!



## Nem Darwin nem Wallace...

"A originalidade pura é uma ilusão", escreve Stephen Jay Gould em "O Sorriso do Flamingo"<sup>248</sup>, acrescentando que "todas as grandes idéias foram pensadas e expressadas antes que um descobridor convencional as proclamas. Copérnico não inverteu o movimento celeste sozinho, e Darwin não inventou a evolução." Sobre quem foi Gould, isso dispensa comentários.

E, para decepção das "viúvas de Darwin" (refiro-me àqueles que, mesmo após 100 anos da morte do naturalista, ainda não tornaram a contrair "novas núpcias", isto é, ainda mantêm-se apegados ao "velho" Darwin, em "luto" perene), continua Gould: "*Todos os especialistas sabem que vários cientistas destacados — Lamarck, em particular — desenvolveram elaborados sistemas de pensamento evolutivo antes de Darwin. Muitos supõem, no entanto, que Darwin foi o verdadeiro criador da sua própria teoria específica de como a evolução ocorreu — a teoria da seleção natural. No entanto, segundo a sua própria e tardia confissão (no prefácio histórico acrescentado a edições posteriores da Origem das espécies), Darwin admitiu que dois autores o haviam precedido na formulação do princípio da seleção natural.*"

1º Predecessor de Darwin:

### **PATRICK MATTHEW**

Um dos predecessores de Darwin, de acordo com Gould, foi o naturalista e fruticultor escocês Patrick Matthew, que, em 1831 publicou a sua versão da seleção natural, denominada "Naval Timber and Arboriculture."

O mesmo Gould faz menção de uma carta na qual o próprio Darwin reconhece que Matthew o havia antecipado em vários pontos. Eis-la: "*Fiquei muito interessado no comunicado do sr. Patrick Matthew, no número do seu jornal datado de 7 de abril. Reconheço francamente que o sr. Matthew antecipou em vários anos a explicação que ofereci da origem das espécies sob o nome de seleção natural. Acho que não será motivo de surpresa para ninguém que nem eu, nem, aparentemente, qualquer outro naturalista, tenha ouvido falar dos pareceres do sr. Matthew, considerando-se a brevidade com que são expostos e o fato de terem surgido no apêndice de uma obra sobre madeira para construção naval e arboricultura. Nada mais posso fazer, além de oferecer as minhas desculpas ao sr. Matthew pela minha completa ignorância a respeito da sua publicação. Se for pedida outra edição da minha obra, publicarei uma nota com tal propósito.*"

2º Predecessor de Darwin:

### **WILLIAM CHARLES WELLS**

E conforme Gould ("O Sorriso do Flamingo"), outro nome que antecedeu Darwin no que tange à seleção natural, foi o do médico escocês William Charles Wells: "Wells invoca

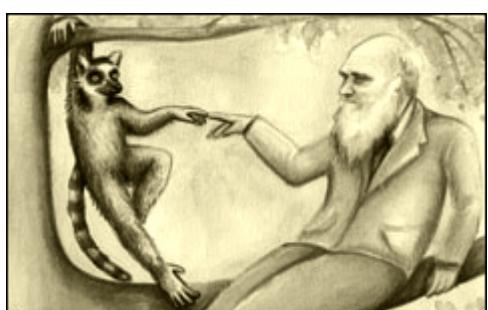
*a seleção natural para explicar o sucesso dos negros em climas quentes. Partindo do costumeiro e inconfessado pressuposto racista de que a pele branca é adequada e primordial, Wells imagina que os habitantes originais da África eram mais claros do que os seus descendentes atuais. Ele explica a mudança por meio da seleção natural e até mesmo invoca o argumento favorito de Darwin, o da analogia com a seleção artificial, tal como praticada por criadores de animais: "Aqueles que se dedicam à melhoria de animais domésticos, quando encontram indivíduos que possuem, num grau maior que o comum, as qualidades que eles desejam, cruzam um macho e uma fêmea destes, tomam então os melhores da sua prole como novo plantei e desse modo prosseguem, até chegarem tão perto do resultado em vista quanto permite a natureza das coisas. Mas o que é feito aqui pela arte, parece ser feito, com igual eficácia, embora mais lentamente, pela natureza, na formação das variedades do gênero humano, adaptadas ao território que elas habitam."*

[...]

*"Talvez os darwinistas mais apaixonados sintam-se frustrados por saber que seu ídolo não fora assim, digamos, tão maravilhosamente original. Darwin não elaborou sua teoria à bordo do Beagle. Na verdade, como diz Gould, ele embarcou criacionista e voltou como tal. Seu livro "A Origem das Espécies" não foi fruto de uma originalidade pleonasticamente singular ou de uma inspiração psicografada pela natureza, como sonham a galerinha ouriçada de Darwin. Na verdade, o conceito de "evolução" já era utilizado inclusive na antiga Grécia. Muitos estudiosos, por exemplo, apontam os gregos Empédocles (que viveu de 490 a 430 a.C.) e Heráclito (que morreu por volta de 480 a.C.) como aqueles que primeiro conceberam a idéia de evolução. Portanto, como diz o sábio Salomão: "Nada há de novo sobre a terra!"*

Sim, é bem verdade que, quando se abandona a “paixão desvairada”, o movimento impetuoso da alma, o gosto muito vivo e a acentuada predileção pelo grande ídolo, um sentimento de frustração e decepção pode ferir o coração. Não sei como os sociobiologistas explicariam isto, mas, talvez Freud enfeie aí o seu “Edipo”, ou quiçá, Darwin bote nisso “sua” seleção natural, e pronto! ((rs))

É isso!



## Seleção Natural como "Entidade Substitutiva"

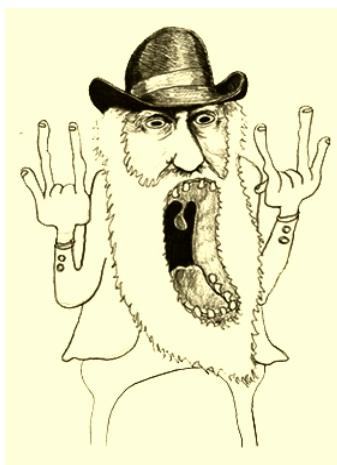
Para o “evo psy” Daniel Dennett, a Seleção Natural “foi simplesmente a idéia mais brilhante que a humanidade já teve”!

Quando examinamos os tradicionais livros sobre teoria da evolução, dos mais variados autores, notamos com facilidade que de todos os mecanismos evolutivos *ad infinitum*, a Seleção Natural sobressai majestosamente como a “senhora absoluta da natureza.”

Em geral atribui-se à Seleção Natural o “poder de escolha.” Na verdade, no próprio termo “seleção” já está inserido o sentido de “escolha.” Segundo o dicionário que faço uso, seleção é o ato ou efeito de selecionar; escolha criteriosa e fundamentada. Nada tão contraditório, afinal, desde que instante causas naturais têm necessariamente “poder de escolha”? Se o processo é cego, não guiado e não inteligente, como pode ele escolher ou selecionar alguma coisa? Ou seja, por este critério a Seleção Natural tem as mesmas características de um “agente selecionador.”

Na prática, portanto, (especificamente para os ultra-darwinistas) a Seleção Natural funciona como uma espécie de Entidade Substitutiva a um deus ou ao sobrenatural. Ela tem assim uma existência quase que independente, separada e autônoma, constituindo a natureza fundamental ou a essência de uma coisa, que é a própria Teoria da Evolução. Por este viés, portanto, ela seria a “causa final” de todas as coisas, o motivo de tudo existir, apesar de não lhe ser atribuído nenhum propósito. Em relação ao homem, por exemplo, seu poder ultrapassa os limites físicos, atingindo territórios até então explorados apenas pela teologia e a filosofia. Nada tão paradoxal...

É isso!



## A estupenda lógica de Darwin!

Charles Darwin ao explicar a seleção natural fez uso da definição "a preservação das variedades favoráveis e a destruição das desfavoráveis." Mas, afinal, quem são os "favoráveis" e os "desfavoráveis" nesta estória?

Bem. Um darwinista assim, digamos, um tanto deslumbrado poderia responder que os "favoráveis" são os que sobrevivem, ao passo que os "desfavoráveis" são os que não deixam sobreviver. Mas, como diria José Osvaldo Penna, "a lógica é estupenda!" Ou seja: numa última análise, a seleção natural não significa a sobrevivência do "mais apto", e sim a sobrevivência daquele que sobrevive.

Ainda sobre a "lógica" darwiniana, acerca das explicações sobre a "seleção sexual", dizem que o macho seleciona a fêmea em consequência de seus aspectos mais atraentes, e a fêmea escolhe o macho em consequência de sua força física (e mental). Mas, afinal, por que os encantos das fêmeas e a força do macho são as características mais seletivas? A "lógica" aqui é igualmente "estupenda"! Sim, porque o fato de uma fêmea ser considerada a mais encantadora ou a mais bela é algo que está essencialmente restrito ao subjetivo. Em outras palavras, ela é a mais linda porque a maioria dos machos pensa assim, o que não prova absolutamente nada sobre a veracidade deste fato!

É isso!



## Seleção Natural: significado e significante

Segundo Ferdinand de Saussure, o pai da lingüística moderna, um signo lingüístico é composto de significante + significado. Diz ele: "O que o signo lingüístico une não é uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica" (Saussure, 1972).

A imagem acústica não é o som material, ou seja, a coisa meramente física, mas o seu correlato psíquico, isto é, aquilo que transmite um conceito ou uma idéia. Para ele, uma coisa necessariamente liga-se à outra. O signo seria, por esta definição, o conjunto: conceito + imagem acústica vinculada. O conceito, portanto, seria o significado, e a imagem acústica o

significante. O significado de “boi”, por exemplo, dependendo da língua, possui diferentes significantes. Ele não é igual aqui e na Índia.

Mas, afinal, o que esta história de signo linguístico tem que ver com a Seleção Natural de Darwin e Wallace?

Bom. A expressão Seleção Natural, como é sabido, foi formulada para explicar certos fenômenos ocorridos na natureza entre os seres vivos. Grosso Modo, as mudanças porque as espécies passaram ao longo do tempo: “Devido a esta luta, as variações, por mais fracas que sejam e seja qual for a causa de onde provenham, tendem a preservar os indivíduos de uma espécie e transmitem-se ordinariamente à descendência logo que sejam úteis a esses indivíduos nas suas relações infinitamente complexas com os outros seres organizados e com as condições físicas da vida. Os descendentes terão, por si mesmo, em virtude deste fato, maior probabilidade em persistir; porque, dos indivíduos de uma espécie nascidos periodicamente, um pequeno número pode sobreviver. Dei a este princípio, em virtude do qual uma variação, por insignificante que seja, se conserva e se perpetua, se for útil, o nome de seleção natural, para indicar as relações desta seleção com a que o homem pode operar. Mas a expressão que M. Herbert Spencer emprega: «a persistência do mais apto», é mais exata e algumas vezes mais cômoda (*"A Origem das Espécies"*, p. 76, edição brasileira).

Vamos agora colocar “ordem na casa”:

- 1 - Os seres vivos mudam ao longo do tempo. Isso é um fato incontestável;
- 2 - Se Darwin e Wallace não tivessem imaginado a expressão Seleção Natural os seres vivos continuariam mudando da mesma forma. Isso também é um fato incontestável.

Ordem posta, vejamos...

A expressão Seleção Natural, portanto, nada mais é do que um simples significante, em que, a partir de uma imagem criou-se um conceito, isto é, um significado. Se em vez da expressão Seleção Natural e se no lugar de Charles Darwin e Alfred Wallace um Zé da Silva qualquer tivesse empregado outra expressão para se referir a estas mudanças, o significado não mudaria em nada, mas mudaria a imagem acústica. Por exemplo, se no lugar de Seleção Natural o nosso Zé da Silva usasse em substituição o termo “metamorfose”, o significante certamente sofreria algum tipo de mudança.

Um índio, por exemplo, sabe que a natureza muda, no entanto, ele não tem a mínima noção do que seja Seleção Natural. Todavia, se se começasse a divulgar em sua língua que tais mudanças deveriam ser chamadas de “beno-beno”, com o passar do tempo a imagem acústica seria assimilada segundo o que se queria denotar com o uso de tal termo. Agora, se se atrelasse a esta expressão “beno-beno”, além do significado de mudança física, o sentido de “mudança espiritual”, a imagem acústica, isto é, o significante, no decorrer do tempo também mudaria. E, se ainda se desse a esta fictícia expressão, além dos significados de mudança física e mudança espiritual, outro significado qualquer, a imagem acústica, ou seja, o significante, continuaria mudando “gradualmente” de acordo com o que se queira dizer com ele.

Assim se deu com a expressão Seleção Natural. Muito mais do que expressar a simples mudança física ocorrida nos seres vivos ao longo do tempo, foi atrelada a ela outro significante além daquele referente e essas mudanças. Tais significantes variam muito dependendo, inclusive, da postura filosófica de cada um daquelas que nela acredita. Um evolucionista teísta, por exemplo, não vê a Seleção Natural da mesma forma que um evolucionista ateísta. De algum modo o teísta vai, ainda que latentemente, empurrar Deus em algum lugar e em algum momento no suposto processo evolucionário, em que a Seleção Natural fora determinante. O criacionista, por sua vez, não duvida que exista Seleção Natural, mas a imagem acústica que tem dela é bem distinta daquela nutrita pelo evolucionista teísta e pelo evolucionista ateísta e assim por diante...

Para a natureza, portanto, a expressão Seleção Natural é rótulo neutro. Em outras palavras, não tem valor algum. Se em vez de Seleção Natural, Darwin ou Wallace chamassem seus conceitos de “bala de estalo”, “amplo horizonte”, “tutti-frutti”, “tico-tico” etc., os

darwinistas defenderiam tal conceito da mesma forma como defendem, hoje, o emprego da expressão “Seleção Natural”, uma vez que tal expressão, seria, neste jargão específico, consagrada com o mesmo sentido.

Sintetizando: a expressão “Seleção Natural”, muito mais do que indicar as mudanças entre os seres vivos, carrega em si um grande emaranhado de posições ideológicas, tendo como pano de fundo o naturalismo filosófico.

É isso!



## Seleção Natural como sinônimo de "sobrevivência do mais apto"

As definições para Seleção Natural são tão variadas quanto os interesses de seus defensores; todavia, Charles Darwin a sintetizou no famoso dístico de Herbert Spencer, denominado "sobrevivência do mais apto." Nos enxertos, a seguir, extraídos de seu livro "A Origem das Espécies e a Seleção Natural"<sup>249</sup> isso fica patente. Se não, vejamos:

"Pode ainda perguntar-se como é que as variedades, que eu chamo espécies nascentes, acabaram por se converter em espécies verdadeiras e distintas, as quais, na maior parte dos casos, diferem evidentemente muito mais umas das outras que as variedades de uma mesma espécie; como se formam estes grupos de espécies, que constituem o que se chamam gêneros distintos, e que diferem mais uns dos outros que as espécies do mesmo gênero? Todos estes efeitos, como explicaremos de maneira mais minuciosa no capítulo seguinte, dimanam de uma causa: a luta pela existência. Devido a esta luta, as variações, por mais fracas que sejam e seja qual for a causa de onde provenham, tendem a preservar os indivíduos de uma espécie e transmitem-se ordinariamente à descendência logo que sejam úteis a esses indivíduos nas suas relações infinitamente complexas com os outros seres organizados e com as condições físicas da vida. Os descendentes terão, por si mesmo, em virtude deste fato, maior probabilidade em persistir; porque, dos indivíduos de uma espécie nascidos periodicamente, um pequeno número pode sobreviver. Dei a este princípio, em virtude do qual uma variação, por insignificante que seja, se conserva e se perpetua, se for útil, o nome de **seleção natural**, para indicar as relações desta seleção com a que o homem pode operar. Mas a expressão que M. Herbert Spencer emprega: «a **persistência do mais apto**», é mais exata e algumas vezes mais cômoda. Vimos que, devido à seleção, o homem pode certamente obter grandes resultados e adaptar os seres organizados às suas necessidades, acumulando as ligeiras mas úteis variações que lhe são fornecidas pela natureza. Mas a seleção natural, como veremos mais adiante, é um poder sempre pronto a atuar; poder tão superior aos fracos esforços do homem como as obras da natureza são superiores às da arte" (p. 76).

[...]

"Se se admite este fato, poderemos duvidar (é preciso lembrar que nascem mais indivíduos do que aqueles que podem viver) que os indivíduos possuindo uma vantagem qualquer, por mais ligeira que seja, tenham probabilidade de viver e de reproduzir-se? Podemos estar certos, por outro lado, que toda a variação, por menos nociva que seja ao indivíduo, traz forçosamente o desaparecimento deste. Dei o nome de **seleção natural** ou de **persistência do mais apto** à conservação das diferenças e das variações individuais favoráveis e à eliminação das variações nocivas. As variações insignificantes, isto é, que não são nem úteis nem nocivas ao indivíduo, não são certamente afetadas pela

seleção natural e permanecem no estado de elementos variáveis, como as que podemos observar em certas espécies polimorfas, ou terminando por se fixar, graças à natureza do organismo e às das condições de existência" (p.94).

[...]

"Desde que o homem pode obter e certamente obteve grandes resultados por meios metódicos e inconscientes de seleção, onde pára a ação da **seleção natural**? O homem pode apenas agir sobre os caracteres exteriores e visíveis. A natureza, se me permitem personificar com este nome a conservação natural ou a **persistência do mais apto**, não se ocupa de modo algum das aparências, a não ser que a aparência tenha qualquer utilidade para os seres vivos. A natureza pode atuar sobre todos os órgãos interiores, sobre a menor diferença de organização, sobre todo o mecanismo vital. O homem tem apenas um fim: escolher para vantagem de si próprio; a natureza, ao contrário, escolhe para vantagem do próprio ser. Dá pleno exercício aos caracteres que escolhe, o que implica o fato único da sua seleção" (p.97).

[...]

"Mas, se as variações úteis a um ser organizado qualquer se apresentam algumas vezes, seguramente os indivíduos que disso são o objeto têm a melhor probabilidade de vencer na luta pela existência; pois, em virtude do princípio tão poderoso da hereditariedade, estes indivíduos tendem a deixar os descendentes tendo o mesmo caráter que eles. Dei o nome de **seleção natural** a este princípio de conservação ou de **persistência do mais apto**. Este princípio conduz ao aperfeiçoamento de cada criatura relativamente às condições orgânicas e inorgânicas da sua existência; e, por conseguinte, na maior parte dos casos, ao que podemos considerar como um progresso de organização. Todavia, as formas simples e inferiores persistem muito tempo quando são bem adaptadas às condições pouco complexas da sua existência" (p.145).

[...]

"Se quisermos comparar o olho a um instrumento óptico, devemos imaginar uma camada espessa de um tecido transparente, embebido de líquido, em contato com um nervo sensível à luz; devemos supor também que as diferentes partes desta camada mudam constantemente e lentamente de densidade, de forma a separar-se em zonas, tendo uma espessura e uma densidade diferentes, desigualmente distantes entre si e mudando gradualmente de forma à superfície. Devemos supor, além disso, que uma força representada pela **seleção natural**, ou a **persistência do mais apto**, está constantemente espiando todas as ligeiras modificações que afetem camadas transparentes, para conservar todas as que, em diversas circunstâncias, em todos os sentidos e em todos os graus, tendem a permitir a perfeição de uma imagem mais distinta" (p.201).

[...]

"A **seleção natural** atuando somente pela vida e pela morte, pela **persistência do mais apto** e pela eliminação dos indivíduos menos aperfeiçoados, experimentei algumas vezes grandes dificuldades para me explicar a origem ou a formação de partes pouco importantes; as dificuldades são tão grandes, neste caso, como quando se trata dos órgãos mais perfeitos e mais complexos, porém são de uma natureza diferente" (p. 214).

[...]

"O fato de poucas ou nenhuma modificações se produzirem depois do período glaciário teria algum valor contra os que crêem numa lei inata e necessária de desenvolvimento; mas é impotente contra a doutrina da **seleção natural**, ou da **persistência do mais apto**, porque esta implica a conservação de todas as variações e de todas as diferenças individuais e vantajosas que surjam, o que somente pode acontecer em circunstâncias favoráveis" (p. 229).

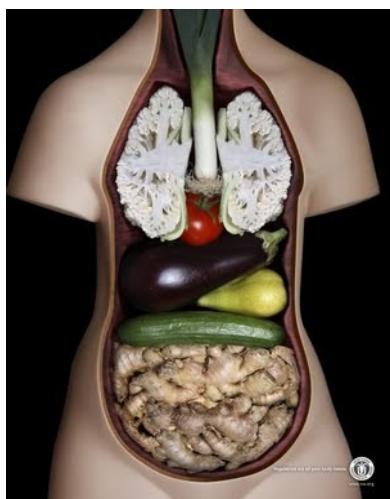
[...]

"Ora pois, se as plantas e os animais variam tão lentamente e tão pouco, porque colocaremos nós em dúvida que as variações ou as diferenças individuais, que são de qualquer forma proveitosas, não possam ser conservadas e acumuladas pela **seleção natural**, ou **persistência do mais apto**? Se o homem pode, com paciência, separar as variações que lhe são úteis, porque razão, nas condições complexas e alteradoras da existência, não hão de surgir variações vantajosas para as produções vivas da natureza susceptíveis de ser conservadas por seleção? Que limite pode fixar-se a esta causa que atua continuamente durante séculos, e vigiando rigorosamente e sem descanso a constituição, a conformação e os hábitos de cada ser vivo, para favorecer o que é bom e rejeitar o que é mau?" (p. 533).

[...]

E há que diga que a Seleção Natural foi a idéia mais brilhante que existiu no mundo. Eta mundo besta, meu Deus! ((rs))

É isso!



## Seleção Natural como agente aperfeiçoador

Não obstante os póstumos discípulos de Darwin ignorem o fato taxativamente, é certo que, para este naturalista inglês, o mecanismo de Seleção Natural deveria funcionar como um agente aperfeiçoador do processo evolutivo, atuando pela vida e pela morte, pela sobrevivência do "mais apto" e pela eliminação dos "menos aperfeiçoados." A Seleção Natural, pois, de certa forma teria às mesmas credenciais de uma divindade onipotente, que, como um exímio oleiro, molda e dar forma à sua arte com extrema habilidade e perfeição. Em todo o livro "A Origem das Espécies e a Seleção Natural<sup>250</sup>", Darwin faz menção do processo evolucionário como um evento de progressão contínua do "inferior" para o "superior", do "menos apto" para o "mais apto" e do "imperfeito" para o "verdadeiro modelo de perfeição." Os trechos a seguir, todos extraídos desse referido livro, se não confirmam com perfeição, ao menos apontam com algum primor para esta tese "herética e antidarwinianamente suspeita."

"Neste caso, ligeiras modificações, favoráveis em qualquer grau que seja aos indivíduos de uma espécie, adaptando-as melhor a novas condições ambientes, tenderiam a perpetuar-se, e a **seleção natural** teria assim materiais disponíveis para começar a sua obra de **aperfeiçoamento**" (p. 96).

[...]

"Se é vantajoso a uma planta que as suas sementes sejam mais facilmente disseminadas pelo vento, é tão fácil à **seleção natural** produzir este **aperfeiçoamento** como é fácil ao agricultor, pela seleção metódica, aumentar e melhorar a penugem contida nas cascas dos seus algodoeiros" (p. 100).

[...]

"Enfim, o isolamento assegura a uma nova variedade todo o tempo que lhe é necessário para se **aperfeiçoar** lentamente, e é este algumas vezes um ponto importante. Contudo, se a região isolada é muito pequena, ou porque seja cercada de barreiras, ou porque as condições físicas sejam todas particulares, o número total dos seus habitantes será também muito pouco considerável, o que retarda a ação da **seleção natural**, no ponto de vista da seleção de novas espécies, porque as probabilidades da aparição de variedades vantajosas são diminutas" (p. 119).

[...]

"Depois das alterações físicas, de qualquer natureza, toda a emigração deve ter cessado, de maneira que os antigos habitantes modificados devem ter ocupado todos os novos lugares na economia natural de cada ilha; enfim, o lapso de tempo decorrido permitiu às variedades, que habitavam cada ilha, modificar-se completamente e **aperfeiçoar-se**. Quando, após os elevamentos, as ilhas se transformaram de novo num continente, uma luta muito viva deve ter recomeçado; as variedades mais favorecidas ou mais aperfeiçoadas puderam então estender-se; as formas menos aperfeiçoadas foram extermínadas, e o continente estaurado mudou de aspecto com respeito ao número relativo dos habitantes. Aí, enfim, abre-se um novo campo à **seleção natural**, que tende a aperfeiçoar ainda mais os habitantes e a produzir novas espécies" (p. 122).

[...]

"Resulta daí que as espécies raras se modificam ou se **aperfeiçoam** menos rapidamente num tempo dado; por consequência, são vencidas, na luta pela existência, pelos descendentes modificados ou aperfeiçoados das espécies comuns" (p. 123).

[...]

"Os descendentes modificados dos ramos mais recentes e mais **aperfeiçoados** tendem a tomar o lugar dos ramos mais antigos e menos aperfeiçoados, e por isso a eliminá-los; os ramos inferiores do diagrama, que não chegam até às linhas horizontais superiores, indicam este fato" (p. 132).

[...]

"Mas, durante a marcha das modificações, representadas no diagrama, um outro dos nossos princípios, o da extinção, deve ter gozado um papel importante. Como, em cada país bem provido de habitantes, a **seleção natural** atua necessariamente, dando a uma forma, que faz o objeto da sua ação, algumas vantagens sobre outras formas na luta pela existência, produz-se uma tendência constante entre os descendentes **aperfeiçoados** de uma espécie qualquer para suplantar e exterminar os seus predecessores e a sua origem primitiva. É preciso lembrar, com efeito, que a luta mais viva se produz ordinariamente entre as formas que estão mais próximas umas das outras, em relação aos hábitos, constituição e estrutura. Por consequência, todas as formas intermediárias entre a forma mais antiga e a forma mais moderna, isto é, entre as formas mais ou menos **aperfeiçoadas** da mesma espécie, assim como a espécie origem própria, tendem ordinariamente a extinguir-se. É provavelmente da mesma maneira para muitas das linhas colaterais completas, vencidas por formas mais recentes e mais **aperfeiçoadas**" (p. 33).

[...]

"As espécies representativas, em número de catorze para a décima quarta geração, têm provavelmente herdado algumas destas vantagens; e são, além disso, modificadas, **aperfeiçoadas** de diversas maneiras, em cada geração sucessiva, de forma a melhor adaptar-se aos numerosos lugares vagos na economia natural do país que habitam" (p. 34).

[...]

"Também a luta para a produção de descendentes novos e modificados se estabelece principalmente entre os grupos mais ricos que tentam multiplicar-se. Um grupo numeroso prevalece sobre um outro grupo considerável, reduzindo-o em número e diminuindo assim as suas probabilidades de variação e **aperfeiçoamento**. Num mesmo grupo considerável, os subgrupos mais recentes e mais **aperfeiçoados**, aumentando sem cessar, apoderando-se a cada instante de novos lugares na economia da natureza, tendem constantemente também a suplantar e destruir os subgrupos mais antigos e menos **aperfeiçoados**. Enfim, os grupos e os subgrupos pouco numerosos e vencidos acabam por desaparecer" (p. 137).

[...]

"Cada ser, e é este o ponto final do progresso, tende a **aperfeiçoar-se** cada vez mais relativamente a estas condições. Este **aperfeiçoamento** conduz inevitavelmente ao progresso gradual da organização do maior número de seres vivos em todo o mundo. Mas referimo-nos aqui a um assunto muito complicado, porque os naturalistas ainda não definiram, de uma forma satisfatória para todos, o que deve compreender-se por «um progresso de organização». Para os vertebrados, trata-se claramente de um progresso intelectual e de uma conformação que se aproxime da do homem" (p. 138).

[...]

"Se adotamos, como critério de uma alta organização, a soma das diferenciações e de especializações dos diversos órgãos em cada indivíduo adulto, o que compreende o **aperfeiçoamento** intelectual do cérebro, a **seleção natural** conduz claramente a esse fim" (p. 139).

[...]

"Dei o nome de **seleção natural** a este princípio de conservação ou de persistência do mais apto. Este princípio conduz ao **aperfeiçoamento** de cada criatura relativamente às condições orgânicas e inorgânicas da sua existência; e, por conseguinte, na maior parte dos casos, ao que podemos considerar como um progresso de organização. Todavia, as formas simples e inferiores persistem muito tempo quando são bem adaptadas às condições pouco complexas da sua existência" (p. 145).

[...]

"A **seleção natural**, como acabamos de fazer observar, conduz à divergência dos caracteres e à extinção completa das formas intermediárias e menos **aperfeiçoadas**" (p. 146).

[...]

"A **seleção natural** atua apenas pela conservação das modificações vantajosas; cada nova forma, sobrevindo numa localidade suficientemente povoada, tende, por consequência, a tomar o lugar da forma primitiva menos **aperfeiçoada**, ou outras formas menos favorecidas com as quais entra em concorrência, e termina por exterminá-las. Assim, a extinção e a **seleção natural** vão constantemente de acordo. Por conseguinte, se admitimos que cada espécie descende de alguma força desconhecida, esta, assim como todas as variedades de transição, foram exterminadas pelo fato único da formação e do **aperfeiçoamento** de uma nova forma" (p. 185).

[...]

"Por consequência, as formas mais comuns tendem, na luta pela existência, a vencer e a suplantar as formas menos comuns, porque estas últimas modificam-se e **aperfeiçoam-se** mais lentamente" (p. 189).

[...]

"A **seleção natural** atuando somente pela vida e pela morte, pela persistência do mais apto e pela eliminação dos indivíduos menos **aperfeiçoados**, experimentei algumas vezes grandes dificuldades para me explicar a origem ou a formação de partes pouco importantes; as dificuldades são tão grandes, neste caso, como quando se trata dos órgãos mais perfeitos e mais complexos, porém são de uma natureza diferente" (p. 214).

[...]

"Constituindo o enrolamento o modo mais simples de subir por um suporte e formando a base da nossa série, pode naturalmente perguntar-se como puderam adquirir as plantas esta aptidão nascente, que mais tarde a **seleção natural** **aperfeiçoou** e aumentou" (p. 262).

[...]

"Não há improbabilidade alguma em acreditar que, nos numerosos insetos, que imitam diversos objetos, uma semelhança accidental com um objeto qualquer foi, em cada caso, o ponto de partida da ação da **seleção natural**, cujos efeitos deviam

**aperfeiçoar-se** mais tarde pela conservação acidental das variações ligeiras que tendiam a aumentar a semelhança" (p. 265).

[...]

"Quando um grande número de habitantes de qualquer região se modifica e **aperfeiçoa**, resulta do princípio da concorrência e das relações essenciais que têm mutuamente entre si os organismos na luta pela existência, que toda a forma que não se modifica e não se **aperfeiçoa** em certo grau deve ser exposta à destruição. E dá-se isto porque todas as espécies da mesma região acabam sempre, se se considera um lapso de tempo suficiente longo, por se modificar, porque de outra forma desapareceriam" (p. 383).

[...]

"Mas se supusermos a destruição da origem-mãe, o torcaz - e temos toda a razão para acreditar que no estado de natureza as formas pais são geralmente substituídas e extermínadas pelos seus descendentes **aperfeiçoados** - seria pouco provável que um pombo-pavão, idêntico à raça existente, pudesse derivar da outra espécie de pombo ou mesmo de alguma outra raça bem fixa do pombo doméstico" (p. 384).

[...]

"Temos, até ao presente, falado apenas incidentalmente do desaparecimento das espécies e dos grupos de espécies. Pela teoria da **seleção natural**, a extinção das formas antigas e a produção das formas novas **aperfeiçoadas** são dois fatos intimamente conexos" (p. 385).

[...]

"A concorrência é geralmente mais rigorosa, como com exemplos o demonstramos já, entre as formas que se semelham em todos os pontos de vista. Por conseguinte, os descendentes modificados e **aperfeiçoados** de uma espécie causam geralmente o extermínio da origem-mãe; e se muitas novas formas, provindo de uma mesma espécie, conseguem desenvolver-se, são as formas mais próximas desta espécie, isto é, as espécies do mesmo gênero, que se encontram mais expostas à destruição" (p. 389).

[...]

"As espécies antigas, vencidas pelas novas formas vitoriosas, às quais cedem o lugar, são geralmente aliadas em grupos, consequência da herança comum de alguma causa de inferioridade; à medida pois que os grupos novos e **aperfeiçoados** se espalham na Terra, os antigos desaparecem, e por toda a parte há correspondência na sucessão das formas, tanto na sua primeira aparição como no desaparecimento final" (p. 393).

[...]

"Vimos, no quarto capítulo, que, em todos os seres organizados que atingiram a idade adulta, o grau de diferenciação e de especialização dos diversos órgãos nos permite determinar o grau de **aperfeiçoamento** e superioridade relativa. Vimos também que, a especialização dos órgãos constituindo uma vantagem para cada ser, deve a **seleção natural** tender a especializar a organização de cada indivíduo, e a torná-la, em tal ponto de vista, mais perfeita e mais elevada" (p. 402).

[...]

"Parece-me, por outro lado, que todas as leis essenciais estabelecidas pela paleontologia proclamam claramente que as espécies são o produto da geração ordinária, e que as formas antigas foram substituídas por formas novas e **aperfeiçoadas**, e elas mesmo o resultado da variação e da persistência do mais apto" (p. 412).

[...]

"Demonstrei também que as variedades intermediárias, que têm provavelmente ocupado a princípio zonas intermediárias, devem ter sido suplantadas por formas aliadas existindo de uma parte e de outra; porque estas últimas, sendo as mais numerosas, tendem, por esta razão mesmo, a modificar-se e a **aperfeiçoar-se** mais

rapidamente que as espécies intermediárias menos abundantes; de modo que estas devem ter sido, há muito, extermínadas e substituídas" (p. 527).

[...]

"As variedades novas e **aperfeiçoadas** devem substituir e exterminar, inevitavelmente, as variedades mais antigas, intermediárias e menos perfeitas, e as espécies tendem a tornar-se assim mais distintas e melhor definidas. As espécies dominantes, que fazem parte dos grupos principais de cada classe, tendem a dar origem a formas novas e dominantes, e cada grupo principal tende sempre também a crescer cada vez mais, e ao mesmo tempo, a apresentar caracteres sempre mais divergentes" (p. 534).

[...]

"A extinção das espécies e de grupos completos de espécies, que tem gozado um papel tão considerável na história do mundo orgânico, é a consequência inevitável da **seleção natural**; porque as formas antigas devem ser suplantadas pelas formas novas e **aperfeiçoadas**" (p. 539).

[...]

"Consideram-se as formas novas como sendo, em conjunto, geralmente mais elevadas na escala da organização do que as formas antigas; devem-no ser, além disso, porque são as formas mais recentes e mais **aperfeiçoadas** que, na luta pela existência, têm devido sobrepujar as formas mais antigas e menos perfeitas; os seus órgãos devem ter-se também especializado muito para desempenhar as suas diversas funções" (p. 540).

[...]

"Como a produção e a extinção das espécies são a consequência das causas sempre existentes e atuando lentamente, e não por atos miraculosos de criação; como a mais importante das causas das alterações orgânicas é quase independente de toda a modificação, mesmo súbita, nas condições físicas, porque esta causa não é mais que as relações mútuas de organismo para organismo, o **aperfeiçoamento** de um arrastando o **aperfeiçoamento** ou o extermínio de outros, resulta que a soma das modificações orgânicas apreciáveis nos fósseis de formações consecutivas pode provavelmente servir de medida relativa, mas não absoluta, do lapso de tempo decorrido entre o depósito de cada uma delas. Estas leis, tomadas no seu sentido mais lato, são: a lei do crescimento e reprodução; a lei da hereditariedade que implica quase a lei de reprodução; a lei de variabilidade, resultante da ação direta e indireta das condições de existência, do uso e não uso; a lei da multiplicação das espécies em razão bastante elevada para trazer a luta pela existência, que tem como consequência a **seleção natural**, que determina a divergência de caracteres, a extinção de formas menos **aperfeiçoadas**. O resultado direto desta guerra da natureza que se traduz pela fome e pela morte, é, pois, o fato mais admirável que podemos conceber, a saber: a produção de animais superiores. Não há uma verdadeira grandeza nesta forma de considerar a vida, com os seus poderes diversos atribuídos primitivamente pelo Criador a um pequeno número de formas, ou mesmo a uma só? Ora, enquanto que o nosso planeta, obedecendo à lei fixa da gravitação, continua a girar na sua órbita, uma quantidade infinita de belas e admiráveis formas, saídas de um começo tão simples, não têm cessado de se desenvolver e desenvolvem-se ainda!" (p. 553, 554).

É isso!



## Seleção Natural: a falsa "ceguinha"

Embora digam por aí que a Seleção Natural, pedra angular da Teoria da Evolução, seja cega e desprovida de qualquer direção, pelas proezas que lhes são atribuídas, tudo leva a crer que não se trata propriamente de cegueira, mas apenas miopia. E se ela não usa óculos, é para não expressar o oposto daquilo que dizem seus ardorosos defensores. Se não

fora isso, diria ela: "Ceguinha é a mãe."

Da forma como é divulgada na literatura darwinista, ela pode ser comparada a engenheiros, médicos, psicólogos, sociólogos e até teólogos. Seu poder de atuação não ficou restrito ao "natural"; em vez disso, porém, ela enfiou-se em tudo quanto é buraco, servindo como panacéia para todos os males do mundo. Um exemplo recente divulgado pelos jornais, dar-nos uma pequena dimensão da força ideológica desse "mecanismo virtual" chamado Seleção Natural.

Segundo um estudo publicado na revista científica BioMed Central Journal, os ataques de 11 de Setembro nos Estados Unidos estariam vinculados a abortos naturais de meninos. Seriam uma "confirmação" da teoria do "luto comunitário", no qual se propõe que "sociedades podem reagir adversamente a eventos nacionais perturbadores, mesmo que não tenham conexão direta com pessoas envolvidas nesses eventos."

Bom, o problema não diz respeito propriamente à tal "teoria do luto comunitário", mas no modo como isso fora utilizado para dar margem à Teoria da Evolução, mais exatamente à nossa "ceguinha", a Seleção natural, que, como sempre rouba os louros desse tipo de especulação. Diz a notícia: "Acredita-se que isso seria um reflexo de algum mecanismo de seleção natural conservado para melhorar o índice de sucesso reprodutivo da mãe."<sup>251</sup>

É... Se em terra de cego, quem tem um olho é rei; em terra de Darwin que não tem nenhum, é o que fica com a coroa.

É isso!



## Darwin por ele mesmo: Seleção Natural

Em carta a Charles Lyell, de 30 de março de 1859, Darwin escreveu: "Também lamento o termo "Seleção Natural", mas espero conservá-lo como {uma} Explicação mais ou menos assim: - "Através da Seleção natural ou preservação das raças favorecidas." / A razão de eu gostar desse termo é que ele é constantemente utilizado em todos os trabalhos sobre a Criação..."<sup>252</sup>

A expressão "Seleção Natural" já era de uso comum na época de Darwin, daí ter ele escrito: "A razão de eu gostar desse termo é que ele é constantemente utilizado..." O que o torna "particular" para Darwin é o novo sentido que ele lhe atribui: "preservação das raças favorecidas", que remete ao lema "sobrevivência do mais apto."

A natureza para Darwin era um como um enorme Coliseu romano, onde somente os mais fortes ou aqueles favorecidos pelo imperador (no caso de Darwin a "Seleção Natural) sobreviveriam: "**Na sociedade e na natureza, mendigos e brutos tinham de lutar e apenas os melhores sobreviviam. O rosto da natureza não estava mais sorrindo; ela olhava severamente para uma arena de gladiadores, semeada**

**pelos cadáveres dos perdedores.**”<sup>253</sup> Com “favorecidas” ele quer dizer também “aperfeiçoadas.” Isso tudo está bem explicitado em suas obras, como em seu “A Origem das Espécies:”<sup>254</sup>

1. “Quando, após os elevamentos, as ilhas se transformaram de novo num continente, uma luta muito viva deve ter recomeçado; as variedades mais favorecidas ou mais aperfeiçoadas puderam então estender-se; as formas menos aperfeiçoadas foram extermínadas, e o continente restaurado mudou de aspecto com respeito ao número relativo dos habitantes.”

[...]

2. “A seleção natural atua unicamente por meio da conservação das variações úteis a certos respeitos, variações que persistem em razão desta mesma utilidade. Devido à progressão geométrica da multiplicação de todos os seres organizados, cada região contém já tantos habitantes quantos pode nutrir; resulta daí que, à medida que as formas favorecidas aumentam em número, as formas menos favorecidas diminuem e tornam-se raras.”

[...]

3. “A seleção natural atua apenas pela conservação das modificações vantajosas; cada nova forma, sobrevindo numa localidade suficientemente povoada, tende, por consequência, a tomar o lugar da forma primitiva menos aperfeiçoadas, ou outras formas menos favorecidas com as quais entra em concorrência, e termina por exterminá-las. Assim, a extinção e a seleção natural vão constantemente de acordo. Por conseguinte, se admitirmos que cada espécie descende de algum a força desconhecida, esta, assim como todas as variedades de transição, foram extermínadas pelo fato único da formação e do aperfeiçoamento de uma nova forma.”

[...]

4. “A teoria da seleção natural é baseada na opinião que cada variedade nova, e, em última análise, cada espécie nova, se forma e se mantém por meio de certas vantagens adquiridas sobre as que consigo entram em concorrência; e, enfim, sobre a extinção das formas menos favorecidas, que é a consequência inevitável. O mesmo se dá com as nossas produções domésticas, porque, quando uma variedade nova e um Pouco superior foi obtida, substitui a princípio as variedades inferiores da vizinhança; mais aperfeiçoadas, espalha-se cada vez mais, como os nossos bois de chifres curtos, e toma o lugar de outras raças em outros países.”

E na sua outra obra “A Seleção Sexual e a Seleção Sexual”<sup>255</sup>:

5. “Por mais obscuro que seja o progresso da civilização, podemos pelo menos ver que uma nação que, durante um período prolongado, produziu o máximo número de homens de maior intelecto, enérgicos, corajosos, patrióticos, generosos, em geral deveria prevalecer sobre as nações menos favorecidas. A seleção natural deriva da luta pela existência e esta de uma rápida taxa de aumento.”

É isso!



## A Seleção Natural em seu devido contexto

“Negócio é luta”, escreveu Leo Huberman, em “A história da Riqueza do Homem”, e acrescentou: “Pergunte aos homens de negócios. Ora, todos sabem que na luta os mais fortes vencem os mais fracos. Também nos negócios ocorreu isso. Duas companhias concorrem num certo ramo. Uma dá um golpe na

*outra, reduzindo seus preços. Esta reage, reduzindo-os ainda mais. E assim por diante. Golpes - na forma de redução de preços - são trocados. Dentro em pouco, os preços estão abaixo do custo de produção. Quem ganhará a luta? É evidente também que quanto maior a escala de produção, tanto menores os custos. Isso significa que as companhias maiores e mais fortes têm vantagem inicial. Mas é a capacidade de resistir que conta. E a capacidade de resistir, nessa luta, é medida pelas reservas de capital, que determinam o tempo de resistência. A firma com maior volume de capital é a mais forte. Os preços reduzidos a deixam assustada, mas deixam seu adversário tonto, e, dentro em pouco, completamente derrotado.”*<sup>256</sup>

É fato inconteste que Charles Darwin, ao elaborar seu conceito de Seleção Natural, cujo pano de fundo era a "luta pela sobrevivência", tomou de empréstimo e adaptou as idéias do economista Thomas Malthus à sua teoria sobre evolução. É também notório que este conceito, tanto em Darwin quanto em Wallace, deu-se num contexto histórico de expansão econômica das grandes nações européias, com mais destaque para a Inglaterra. O lema “a sobrevivência do mais apto” (ou “sobrevivência do mais forte”), portanto, neste contexto histórico específico, foi tremendamente oportuno para os gananciosos objetivos dos poderosos capitalistas europeus e americanos. A competição no âmbito do comércio tornava-se assim mero reflexo da luta sangrenta que se observava na Natureza.

Em a “Era do Capital”<sup>257</sup>, Eric J. Hobsbawm nos oferece uma pequena visão de como funcionava a lógica e a ideologia desses capitalistas: “Poucos dos milionários da primeira geração fizeram sua carreiras em um único ramo de atividade. Huntington começou vendendo material pesado para mineiros da corrida do ouro em Sacramento. Talvez seus fregueses incluíssem o magnata da carne Philip Armour (1832-1901), que tentou a sorte nas minas antes de entrar no negócio de armazéns em Milwaukee, que permitiu-lhe fazer fortuna no decorrer da Guerra Civil. Jim Fisk trabalhou em circo, garçom de hotel, mascate e vendedor ambulante antes de descobrir as possibilidades de contratos de guerra e, depois, a bolsa de valores. Jay Gould foi, por seu turno, cartógrafo e mercador de peles, antes de descobrir o que se podia fazer com estradas de ferro. Andrew Carnegie (1835-1919) não concentrou suas energias no ferro até completar 40 anos. Começou como telegrafista, continuou como executivo de estradas de ferro – sua renda já feita através de investimentos cujo valor crescia rapidamente –, entrou em petróleo (que iria ser o campo escolhido por John D. Rockefeller, que começou a vida como atendente e livreiro em O hio), enquanto gradualmente seguiu em direção à indústria que iria dominar. Todos estes homens eram especuladores e estavam prontos para seguir em direção do dinheiro grosso, onde quer que ele se encontrasse. Nenhum deles tinha ou poderia ter escrúpulos de forma excessiva, numa era e numa economia onde fraude, suborno, calúnia e, se necessário, revólveres eram aspectos normais da competição. Todos eram homens duros e todos olhariam as questões concernentes à honestidade de suas atividades como sendo consideravelmente menos relevantes para seus negócios do que sua esperteza. Não era por acaso que o “darwinismo social” explicava, de forma dogmática, que aqueles que subiam ao topo de tudo eram os melhores, porque eram os mais capazes de sobreviver na selva humana, teoria que se transformou na teologia nacional do final do século XIX nos Estados Unidos.”

Em seu famoso artigo “Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original”, o também naturalista Alfred Wallace, considerado o descobridor da Seleção Natural, juntamente com Darwin, sintetiza esta visão competitiva entre os seres vivos da seguinte forma: “A vida dos animais selvagens é uma luta pela existência. O empenho completo de todas as suas faculdades e energias é exigido para preservar sua própria existência e sustentar sua prole infantil. A possibilidade de conseguir alimento durante as estações menos favoráveis e escapar aos ataques de seus inimigos mais perigosos são as condições primárias que determinam a existência tanto dos indivíduos quanto da espécie inteira. Estas condições também determinarão a população de uma espécie e, por uma consideração cuidadosa de todas as circunstâncias,

*podemos ser capazes de compreender (e, em algum grau, de explicar) o que à primeira vista parece tão inexplicável: a excessiva abundância de algumas espécies, enquanto outras, proximamente parentadas, não muito raras.”*

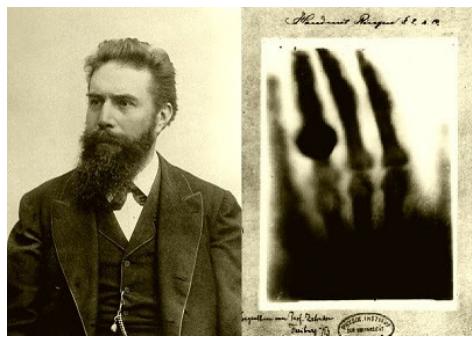
[...]

*“O número anual de mortos deve ser imenso e, como a existência individual de cada animal conta apenas consigo mesma, os que morrem devem ser os mais fracos (os mais jovens, os velhos e os doentes), enquanto que os que prolongam suas existências podem apenas ser os mais perfeitos em saúde e vigor (os mais capazes de obter alimento regularmente e de evitar seus numerosos inimigos). Eis aqui, como observamos de início, “uma luta pela existência”, na qual os mais fracos e menos perfeitamente organizados devem sempre sucumbir.”*

Portanto, a Seleção Natural, e isto o próprio Darwin escreveu numa carta a Lyell, depende da “luta pela existência malthusiana.” Conclui-se assim que, contextualmente, o darwinismo social não pode ser dissociado do principal conceito que norteia os ideais de Darwin e Wallace, ou seja: a Seleção Natural. No fundo o que verdadeiramente prevalece é a esperteza ou astúcia dos mais poderosos. A história não nos deixa mentir quanto isso.

É isso!

## O Raio X e a Seleção Natural



Domingo de sol. Francisco pega seu filho e o leva ao parque mais próximo. Enquanto descansa à refrescante sombra de uma frondosa árvore, o garoto diverte-se ao longe numa gangorra velha e carcomida pelo tempo. De repente, ouve-se o um sonoro grito: - Ai!!! O menino cai e fratura a perna esquerda. Imediatamente é conduzido ao pronto-socorro. - Precisamos tirar um raio-X, para avaliarmos o grau de lesão na perna da criança, diz o médico. O pai, um tanto apreensivo, indaga-lhe: - Então, doutor, não seria mais aconselhável consultar antes os darwinistas?

Há mais de 100 anos, em 8 de novembro de 1885, o professor de física Wilhelm Conrad Röntgen, revelou ao mundo uma descoberta que iria revolucionar a medicina. Embora tenha se passado mais de um século, a “radiação X”, como foi inicialmente chamada, continua sendo de utilidade indiscutível para o diagnóstico das mais variadas enfermidades.

### FOLHA ONLINE

[www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)

Terça-feira, 09 de novembro de 2010

[Notícias](#) [Especial](#) [Serviço](#) [Galeria](#) [Erramos](#) [Colunas](#) [Guia da Folha](#) [Fale conosco](#) [Assinante](#) [Grupo Folha](#)

[Em cima da hora](#) [Ambiente](#) [Bichos](#) [Brasil](#) [Ciência](#) [Comida](#) [Cotidiano](#) [Dinheiro](#) [Educação](#) [Equilíbrio e Saúde](#)

### ciéncia

**CHARLES DARWIN**

**Inimigo número 1 dos criacionistas nascia há 200 anos**

No dia 12 de fevereiro de 1809, nascia em Shrewsbury, no Condado de Shropshire (Inglaterra), o homem que iria revolucionar o estudo da ciência: Charles Robert Darwin. O trabalho dele, com a teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural lançou as bases da biologia moderna.

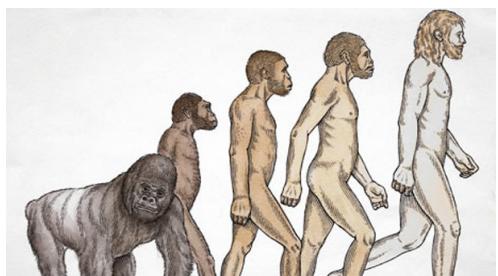
Sexual” floresceram inúmeras teorias racistas, como a supremacia do homem branco, sadio e, principalmente, europeu.

Um pouco antes, em 1859, o naturalista inglês Charles Darwin publicava seu livro “A Origem das Espécies”, que também fora responsável por grandes revoluções; porém, nenhuma das quais culminaram em qualquer benefício para a humanidade. Muito pelo contrário, das idéias de Darwin, especialmente do seu outro livro “A Origem do Homem e a Seleção

Por que, afinal, Darwin, que não legou ao mundo nenhuma descoberta que se transformasse em qualquer benefício para o homem e para os seres vivos é aclamado todos os dias pela mídia como o protótipo de cientista, enquanto os verdadeiros construtores de um mundo melhor, como Wilhelm Conrad Röntgen, apenas são lembrados vez ou outra ao “pé da página”?

O comprometimento de grande parte dos jornalistas pelos ideais propostos por Darwin chega a ser tão escandaloso (vide o jornal Folha de São Paulo) que às vezes tem-se a impressão de que não são jornalistas, mas verdadeiros políticos.

É isso!



## Seleção Natural como "peça de museu"

*“O que você acha que vai acontecer com o homo sapiens em termos de evolução?”, indagou um darwinista num desses fóruns populares da Internet. E acrescentou: “Vi numa revista, que provavelmente vamos ser mais gordos...”*

Isso me levou a um artigo publicado pelo jornal americano “Times”, em 1999 (Vol. 2, nº 33 - Folha de S. Paulo), intitulado “Como o homem evoluiu.” Lá pelas tantas, ao discorrerem sobre a influência da tecnologia na vida humana, os articulistas escreveram: “*Todo o nosso conhecimento sobre evolução mostra que é necessária a existência de populações pequenas e isoladas para que haja uma mutação real, o que seria inconcebível... Uma nova espécie humana está fora de cogitação. Além disso, a tecnologia eliminou essencialmente o mecanismo de seleção natural. Na pré-história, apenas os indivíduos e as espécies mais fortes sobreviviam. Hoje, os fracos e os fortes têm acesso à medicina, alimentação e abrigo num nível de qualidade e abundância nunca visto. Atualmente, os camponeses pobres do mundo em desenvolvimento vivem melhor do que vivia o imperador da China há mil anos... Por outro lado, no futuro, a manipulação do genoma humano permitirá que mudemos as características básicas de nossa espécie ao nosso bel-prazer. O caminho evolutivo por seleção natural poderá ser substituído pelo aprimoramento pela intervenção humana...*”

Pode-se concluir, portanto, que a Seleção Natural, no âmbito humano, fora relegada às traças. As mudanças ocorridas mediante seus graduais caprichos permanecerão para toda eternidade na esfera de um passado longínquo que não pode ser pesado, medido e mensurado, mas apenas conjecturado, especulado, presumido e inferido. De resto, voltemos a Nastradamus, aos oráculos de Delfos e aos velhos e novos museus.

É isso!



## A ideologia darwinista e a mídia tupiniquim

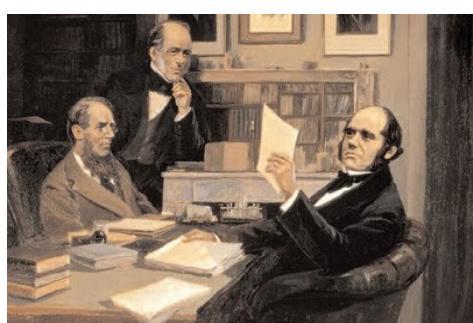
Em termos de benefícios para a humanidade, o que seria mais importante: saber que “os mais aptos sobrevivem” ou conhecer mecanismos que impeçam a proliferação de doenças e que as eliminem? O que seria mais relevante pensando no bem-estar do homem de um modo geral: a Teoria da Evolução ou a descoberta da vacina? Quem, sob este aspecto, mereceria mais mérito e prestígio: Charles Darwin, Isaac Newton, Alexander

Fleming, Albert Sabin ou Wilhelm Conrad Röntgen? Por que então a ênfase dada à Seleção Natural pela mídia é infinitamente mais comum do que, por exemplo, a descoberta do RX e a Lei da Gravitação Universal? O que justificaria dar-se a Darwin muito mais honra do que a Wilhelm Röntgen? Mesmo excluindo as descobertas médicas, por que a mídia, especialmente a mídia tupiniquim, coloca Isaac Newton em segundo plano, dando ao naturalista inglês Charles Darwin um glamour digno apenas das grandes celebridades?

Ora, a resposta é tão óbvia que o termo óbvio seria assim completamente desnecessário!

Charles Darwin, antes de qualquer coisa propôs, não uma nova ciência, mas uma "nova" ideologia. Ele fincou a base daquilo que se conhece por naturalismo filosófico, como uma reação aos ideais criacionistas que imperavam no seu tempo. E isso ele deixa bem claro no seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”<sup>258</sup>, quando discorre acerca dos motivos que o levou a escrever seu outro livro “A Origem das Espécies”: *"Seja-me permitido dizer, como justificativa, que tinha em mente dois assuntos distintos: o primeiro, o de que as espécies não haviam sido criadas separadamente; e o segundo, o de que a seleção natural tinha sido o agente principal das mudanças, embora largamente coadjuvado pelos efeitos hereditários dos hábitos e claramente pela ação direta das condições ambientais. Contudo, não tenho sido capaz de neutralizar a influência da minha primitiva opinião, então quase universal, de que cada espécie fora criada intencionalmente e isto levou ao tácito assentimento de que todo particular da estrutura, com exceção dos rudimentos, tivesse uma determinada utilidade, embora desconhecida. Todo aquele que assim pensasse, naturalmente poderia estender em muito a ação da seleção natural, tanto no passado como no presente. Alguns daqueles que admitem o princípio da evolução, mas rejeitam a seleção natural, ao tecerem críticas ao meu livro parecem esquecer que eu tinha pelo menos dois objetivos em mente. Com efeito, se me equivoquei ao atribuir à seleção natural uma excessiva importância, a qual hoje estou bem longe de admitir, ou se lhe exagerei o poder que em si mesmo é provável, pelo menos espero ter prestado um bom serviço, ajudando a pôr por terra o dogma das criações separadas."*

É isso!



## Darwinismo: entre fatos e boatos

É sabido que o epistemólogo Karl Popper chegou a contestar a Teoria da Evolução como experimentalmente “refutável.” Essa conclusão está fundamentada no fato de tal teoria ser constituída por um vasto conjunto de enunciados, e de tal modo que se torna praticamente impossível organizar uma confrontação verdadeiramente definitiva com os diversos “dados” em questão. Por exemplo: dados decorrentes da classificação, da paleontologia, da anatomia comparada, da genética, da embriologia, da biogeografia etc.

A seguir, analisemos de maneira sucinta alguns pilares darwinistas. Vejamos, pois, o que se pode extrair de cada um deles. Esta análise se dará sob a base do neodarwinismo, que é o gradualismo rígido e estrito, e norteia-se por alguns pontos abordados por um darwinista em um desses banais debates da Internet.

### PALEONTOLOGIA:

Stephen Jay Gould em nenhum momento chegou a negar a evolução. Quando faço menção de dele não é para contestar a evolução, mas para apontar as fragilidades

epistemológicas de alguns dos dogmas do neodarwinismo, como é o caso do gradualismo. A Teoria do Equilíbrio Pontuado, criada por Gould, serve como demonstração da fragilidade do gradualismo diante da realidade fóssil. Discorrendo, por exemplo, acerca do cambriano, diz Gould em seu "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida" <sup>259</sup>: "Essa visão ortodoxa "congelou", sem o benefício de nenhum dado direto da paleontologia para testá-la, já que a escassez de fósseis anteriores à grande "explosão" cambriana, há 600 milhões de anos, constitui talvez o fato mais marcante e a frustração da minha profissão."

[...]

"O registro fóssil causara a Darwin mais desgosto do que alegria. Nada o perturbava mais do que a explosão cambriana, o aparecimento coincidente de quase todos os projetos orgânicos complexos, não perto do começo da história da Terra, mas a mais de cinco sextos do caminho."

[...]

"Há 600 milhões de anos, no começo do que os geólogos chamam de Período Cambriano, surgiu grande parte do maior filo de invertebrados, num espaço curto de alguns milhões de anos. O que ocorreu durante os prévios quatro bilhões de anos da história do planeta? O que havia no começo do mundo cambriano que pudesse ter inspirado tamanha atividade evolutiva?

Essas perguntas têm preocupado os paleontologistas desde que triunfou a opinião evolucionista, há mais de um século. Isso porque, embora rasgos evolutivos rápidos e ondas maciças de extinção não sejam contrários à teoria darwiniana, um preconceito profundamente arraigado no pensamento ocidental predispõe-nos a buscar a continuidade e a mudança gradativas: *natura non facit saltum* (a natureza não dá saltos), como diziam os antigos naturalistas.

A explosão cambriana preocupou Darwin de tal maneira que ele escreveu na última edição de seu *The Origin of Species*: "O caso, no momento, tem de ficar inexplicado; e pode perfeitamente ser trazido como argumento válido contra as ideias aqui expostas." A situação, na verdade, era ainda muito pior na época de Darwin. Naquela época, não tinha sido descoberto um fóssil sequer da era pré-cambriana; era a explosão cambriana de invertebrados complexos que fornecia as provas mais antigas de vida na Terra. Se tantas formas de vida surgiram ao mesmo tempo, e com tamanha complexidade inicial, não seria possível argumentar que Deus escolhera a base do cambriano para Seu momento (ou seus seis dias) de Criação?

A dificuldade de Darwin foi parcialmente contornada. Agora já temos registros de vida pré-cambriana estendendo-se a mais de três bilhões de anos atrás. Fósseis de bactérias e algas verde-azuladas foram encontrados em diversas partes, em rochas com idades entre dois e três bilhões de anos.

Mesmo assim, essas excitantes descobertas em paleontologia pré-cambriana não afastam o problema da explosão cambriana, já que incluem apenas bactérias e algas verde-azuladas (veja o ensaio 13), e algumas plantas superiores, como as algas verdes. A evolução dos metazoários complexos (animais multicelulares) parece tão súbita quanto antes. (Uma única fauna pré-cambriana foi encontrada em Ediacara, na Austrália. Nela se incluem alguns parentes do coral atual, águas-vivas, artrópodes e duas formas misteriosas, sem semelhança alguma com nada que viva atualmente.)

Mesmo assim, as rochas de Ediacara estão bem abaixo da base cambriana e qualificam-se como pré-cambrianas por uma margem mínima.) O fato é que o problema aumenta na medida em que estudos exaustivos de um número cada vez maior de rochas pré-cambrianas destrói o velho e popular argumento de que os metazoários estão ali realmente, apenas não os encontramos ainda."

[...]

"A chamada explosão marca somente o primeiro aparecimento no registro fóssil de criaturas que viveram e se desenvolveram durante boa parte do pré-cambriano. Então o que teria impedido a fossilização de faunas tão ricas? Nesse ponto temos uma

*variedade de propostas que vão desde o mais absurdo argumento ad hoc ao eminentemente plausível.”*

### **GENÉTICA:**

No debate inicialmente citado, um darwinista muito otimista com Darwin citou como prova favorável à Teoria da Evolução, e isso no que se refere à genética, desde “marcadores genéticos”, passando por “genes desativados”, indo a “genes de mitocôndrias e cloroplastos”, continuando por “observação da especiação em tempo real através”, chegando aos transgênicos, e terminando em “mecanismos genéticos que levam a mutação e especiação” e “observação de especiação em moscas, bactérias, ratos, peixes etc.”

É um fenômeno comum entre darwinistas fazer menção de vários mecanismos supostamente favoráveis à Teoria da Evolução, porém, sequer eles principiam uma confrontação entre todos esses dados, relacionando-os entre si. Mas isso Popper explica!

Em relação ao que foi citado pelo dito darwinista, todos os casos APENAS poderão ser tomados como exemplos MACROevolutivos se extrapolados a partir de eventos MICROevolutivos. Note-se “observação de especiação em moscas, bactérias, ratos, peixes etc.” Se tomarmos exatamente esses casos constataremos apenas a ocorrência de mudanças intra-espécies, e não inter-espécies, isto é, mudanças inusitadas as quais não podem ser observadas empiricamente e que supostamente teriam acontecido num passado longínquo, coisas de alguns milhões de anos. Sem essas extrações, no entanto, o gradualismo ortodoxo simplesmente não subsistiria, e, na verdade, subsiste apenas como conteúdo filosófico ou, como diria Popper: “metafísicos.” Mas eu fico com “enunciados históricos”, para ser mais ameno.

### **BIOQUÍMICA:**

A Bioquímica é a grande pedra no sapato dos darwinistas. Embora muitos deles tenham se contorcido epistemologicamente a fim de tentar explicar as máquinas moleculares pelo viés do rígido gradualismo a la Darwin, os resultados ainda permanecem no âmbito da especulação e da retórica. Michael Behe, mediante o conceito de Complexidade Irreducível levou à bancarrota o gradualismo como explicação para a origem da vida a partir de eventos cegos e aleatórios, tais como Seleção natural, acaso e mutações e outros "coadjuvantes"etc.

### **CITOLOGIA E HISTOLOGIA:**

Como os darwinistas podem provar que tecidos diferentes em espécies diferentes têm a mesma origem evolutiva? Sim, pois é isso o que realmente importa. Obviamente não será por meio dos estudos das células, já que sequer conseguem explicar por meio do gradualismo alguns dos componentes celulares, quanto mais a própria célula.

### **ECOLOGIA:**

A degradação ao meio ambiente, por exemplo, além de extinguir várias espécies, torna-o irrecuperável em vários aspectos. Mananciais, florestas, rios, mares e um grande número de espécies vivas estão perdendo sua potencialidade em consequência da ação humana, principalmente. Apelar para a Seleção Natural e outros mecanismos evolutivos em nada vai dirimir esta situação. É fácil inferir que processos cegos guiaram ao evolução no passado. O problema é hoje. Quanto à asserção de espécies altamente adaptadas ao meio ambiente, isso é pura tautologia, afinal, existe porventura algum ser vivo que não esteja adaptado ao meio ambiente onde vive? Em caso afirmativo: quais?

É isso!



## O darwinismo como unanimidade acadêmica

“Toda unanimidade é burra”, dizia o polêmico autor de “Bonitinha, mas ordinária”, Nelson Rodrigues. Obviamente que tal frase deve permanecer restrita ao tipo de unanimidade que impede a reflexão e cujo fundamento é o indiferentismo político, social e intelectual. Em outras palavras, é algo que se aceita simplesmente por uma necessidade ideológica, ou seja, porque convém às aspirações e anseios de seu tutor.

No âmbito específico das teorias científicas, é emblemático o exemplo da antiga Teoria da Flogística. Embora o “flogístico” fosse um elemento misterioso e quimérico, durante cem anos foi

considerado unanimidade acadêmica à prova de qualquer questionamento. Em todo o tempo em que foi prestigiada pelos mais respeitados acadêmicos, a flogística rejeitava veementemente qualquer teoria alternativa aos seus maravilhosos dogmas. Diante de uma unanimidade intelectual tão nobre, os fatos tinham pois que se curvar à “verdade”, ainda que à base do psicoterror acadêmico. Foi assim que homens considerados importantes para a ciência, ficaram por décadas incapazes de compreenderem as implicações de seus próprios trabalhos, permanecendo presos sob a “cadeia de força” da nomenclatura científica da época. Mas tudo isso faz parte da “estrutura das revoluções científicas.” Thomas Kuhn explica.

A versão moderna da Flogística chama-se “Teoria da Evolução”, um paradigma amplamente aceito pela elite acadêmica. É claro, com as boas e necessárias exceções. Sobre isso, comenta o biólogo molecular Michael Denton (“Evolution”): “*Não é difícil deparar-se com inversões do senso comum no pensamento evolucionista moderno, as quais lembram surpreendentemente a ginástica mental dos químicos flogísticos... O darwinista, em vez de questionar a estrutura ortodoxa como o bom senso parece impor, buscando justificar a sua posição por meio de propostas ad hoc... que para os cépticos são rationalizações auto-evidentes para neutralizar o que é, em face disso, evidência negativa.*”

Ser darwinista no âmbito acadêmico hoje em dia, é sinônimo de grandeza intelectual. Para seus defensores, não há, hoje, nenhuma alternativa puramente científica que postule um alicerce puramente materialista para a Biologia. Embora a evidência cumulativa da ciência para seus dogmas seja um jibóico paradoxo, o darwinismo permanece ostentando, tal qual a antiga flogística, uma unanimidade à prova de qualquer suspeita. Já faz tempo que substituiu a característica própria de teorias realmente científicas, para assumir dissimuladamente sua posição de doutrina, mantra e dogma. Não há buraco epistemológico que ele não se tenha feito passar. Se antes “nada fazia sentido na Biologia exceto à luz da evolução” (Dobzhansky), hoje este poder de atuação ampliou-se, e de tal maneira que nada faz sentido também na Psicologia, na Filosofia, na Sociologia e até mesmo na Teologia sem o dedo de Darwin (Dawkins, Dennett, Sam Harris, Francis Collins etc.). Michael Behe (“A Caixa Preta de Darwin”) discorre um pouco sobre isso: “*A ideia de Darwin tem sido usada para explicar o bico do tentilhão, os cascos de cavalos, a coloração das mariposas e dos insetos operários, e a distribuição da vida em todo o globo c ao longo das eras. A teoria foi ampliada por alguns cientistas para interpretar até mesmo o comportamento humano: por que pessoas cm desespero cometem suicídio, por que adolescentes têm filhos fora do casamento, por que alguns grupos se saem melhor em testes de inteligência do que outros, por que missionários religiosos renunciam ao casamento e a filhos. Nada há ne-nhum órgão ou ideia, nenhum sentido ou pensamento, que não tenha sido objeto de elucubrações evolutivas.*”

A situação atual neste âmbito específico chegou a tal ponto que o estudante de Biologia, se não professar sua crença na “Evolução”, é literalmente jogado para escanteio, ao mesmo tempo em que, sob inúmeros rótulos, é lançado no ostracismo acadêmico. Quando escrevo “Evolução” não me refiro à aceitação comum de que os seres vivos mudam ao longo do tempo, mas à ideologia naturalista que se acha no livre direito de se proclamar verdade apenas por postular conceitos materialistas. Acreditar por exemplo, que uma Inteligência pôde ter originado a vida, causa constrangimento e receio, pois não é isso que pensa a maioria dos professores e doutores nos grandes centros universitários. Embora não exista em qualquer que seja estatuto das sociedades científicas uma regra que impeça de se levar adiante a hipótese de que a vida fora planejada, ainda assim ela é descartada quer seja verdadeira ou não. O importante é se sentir “racional”, ainda que isto me custe o sagrado direito de questionar e duvidar.

Neste aspecto é perfeitamente possível aplicar a frase do grande Nelson Rodrigues. Este tipo de unanimidade é realmente burra, uma vez que: não ajuda a ciência em absolutamente nada, não diz quais questões estão além da competência da ciência, não fornece diretrizes para separar a ciência da pseudociência e nem oferece uma definição cabal sobre o que seja de fato ciência. Resumindo: é assim e pronto!

É isso!

## Wikipédia como arma darwinista



O slogan “Wikipédia, a enciclopédia livre”, é uma mentira que chega a exalar mau cheiro. No âmbito específico da discussão envolvendo o darwinismo, aí, como se diria no popular, a cousa vira esculhambação. A censura aos que contestam o dogma estabelecido é rasteira e traiçoeira. Não há espaço para a democracia neste veículo que deveria ser uma fonte de informação ao público leigo em geral. Uma lástima, sem dúvida!

Veja-se, por exemplo, o item “Design Inteligente”<sup>260</sup>.

A deturpação chega ao nível do escandaloso. O objetivo são dois, basicamente:

- 1 - Tentar suprimir o mérito científico e filosófico da Teoria do Desenho Inteligente.
- 2 - Doutrinar a público interessado no assunto, dando ao darwinismo uma roupagem que não lhe é própria.

Em relação ao referido verbete “Design Inteligente”, já de cara a mentira se faz valer. Por exemplo:

1 - “Ele é uma forma moderna do tradicional argumento teleológico para a existência de Deus, modificado para evitar especificações sobre a natureza ou identidade do designer.” O Tedeísmo é agnóstico quanto à identidade do Planejador: “A inferência de que houve um plano pode ser feita com bastante segurança, mesmo que o planejador seja figura muito remota.”<sup>261</sup>

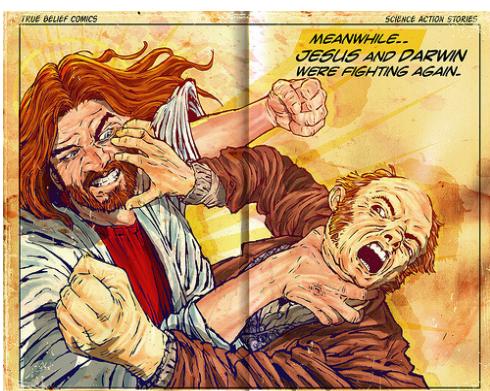
2 - “A idéia foi desenvolvida por um grupo de criacionistas americanos que reformularam o argumento em face à controvérsia da criação vs. evolução para contornar uma decisão judicial americana proibindo o ensino de criacionismo como ciência.” Esta tentativa de ligar o Design Inteligente ao Criacionismo tem sido uma das armas mais frequentes por parte da galera de Darwin. Todavia, é nula diante daquilo que postulam ambos os conceitos: “Muitas pessoas pensam que questionar a evolução darwiniana significa defender o criacionismo. Da forma habitualmente entendida, o criacionismo implica a crença em que a Terra foi formada há apenas dez mil anos, uma interpretação da Bíblia ainda muito popular. Desejo deixar claro que não tenho motivos para duvidar que o universo tem os bilhões de anos de idade que os físicos alegam. Acho

*a ideia de ascendência comum (que todos os organismos tiveram um mesmo ancestral) muito convincente e não tenho nenhuma razão particular para pô-la em dúvida."*

3 - "Defensores do design inteligente alegam que o design inteligente seja uma teoria científica, e buscam fundamentalmente redefinir a ciência para que a mesma aceite explicações sobrenaturais." Na verdade o Tedeísmo em nenhum momento deseja que a ciência inclua o "sobrenatural": "O dilema é que, enquanto um lado do elefante é etiquetado como planejamento inteligente, o outro poderia ser rotulado como Deus."

Enfim, uma infinidade de mentiras poderia ser facilmente citadas apenas no verbete destacado. Infelizmente não estou com tempo suficiente para continuar no momento. Mas depois volto ao assunto. Até lá, aconselho a algum interessado que confronte as mentiras de Wikipédia com aquilo que dizem os defensores do Design Inteligente, como Michael Behe e seu livro "A Caixa Preta de Darwin", publicado pela Editora Zahar.

É isso!



## Darwinismo: um desvio na direção da seita

Li tempos atrás o interessante livro "O Darwinismo ou o Fim de um Mito", do biólogo Rémy Chauvin, da Universidade de Sorbonne. "Nesta polêmica obra Chauvin dirige um ataque contra um mito. O seu ensaio tem por mérito a abertura de um debate que já há muito deveria ter-se iniciado."

Mito e debate? Como assim?

Bem. Para os "zeladores de Darwin" não há mitos, e os debates devem existir apenas internamente. O que "vem de fora", isto é, as críticas aos dogmas estabelecidos "só podem ser causa de fundamentalistas religiosos" e, portanto, não podem ser levadas muito a sério. Desta forma, fechando-se para o debate, negando dogmaticamente suas jibóicas crises e logrando para si o status da "teoria do tudo", o darwinismo, nas próprias palavras de Chauvin, realiza "Um desvio na direção da seita": "Evoquei atrás o espanto que tomou conta de mim quando testemunhei, pela primeira vez na minha vida, o desvio darwinista para a violência nas conversas, e mesmo para a injúria. Teremos de admitir que esta tendência vai generalizar-se, pelo menos em certos meios? Penso que sim, e poderá constatá-lo quem ler Dawkins ou Dennett (já Monod manifestava esta tendência); aliás, foi por isso que lhes conferi um tão grande destaque, para que os leitores se não habituem a considerar o darwinismo como uma teoria igual às outras. Ele é muito mais do que isso..."

Falava Dennett das «perigosas ideias de Darwin», que comparava com um ácido que corrói subtilmente todas as velhas fórmulas e todas as velhas crenças. Com efeito, foi nisso que o darwinismo se transformou (Darwin não ignorava que isso aconteceria) e Dennett alegra-se com esse facto, porque o seu ideal é o materialismo integral.

[...]

E, com efeito, eis a situação que «profetas» indiscretos como Monod, Dawkins e Dennett não consideraram seriamente: uma grande parte dos nossos concidadãos (e a quase totalidade daqueles que não têm cultura científica, isto é, a maioria, em consequência do fracasso do nosso sistema de ensino) tem medo, e por vezes horror à ciência; sobretudo por causa da bomba atómica e da poluição, mas o seu medo vai muito para além destes temores, afinal justificados: porque os perigos do átomo e da poluição resultam da ciência e do produtivismo industrial, que dela decorre directamente. Qualquer campanha anticientífica tem um eco imediato, que me assusta.

*Na verdade, as pessoas não gostam de nós; alguns cientistas disseram realmente demasiadas tolices, que não procediam da ciência, mas apenas das suas preferências filosóficas pessoais. Se de facto a ciência dá ao mundo uma imagem insuportável, se priva a vida do seu sentido (e é claramente essa a conclusão do livro de Monod, sem esquecer o eco que dele fazem Dawkins e Dennett), suprimamos a ciência! É muito fácil, basta reduzir os financiamentos aos laboratórios.*

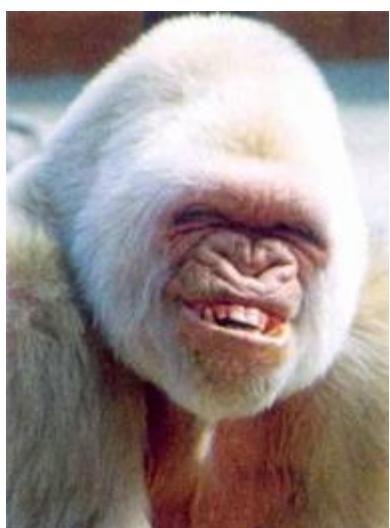
*Será isso impossível e inoperante? Realmente? Suponhamos que o governo, acossado por preocupações financeiras, decide reduzir o orçamento da investigação (que é o que está já a fazer). Pensa o leitor que a população se preocuparia com isso? Acha que uma manifestação de investigadores que exigissem financiamento provocaria grande emoção? Mas então, para sossegar as pessoas, deveremos regressar ao bom velho criacionismo?*

*Naturalmente que isso seria completamente absurdo, tanto mais que o criacionismo não explica coisa alguma, o mesmo acontecendo com o darwinismo, como veremos adiante. Pretender que o Deus criador auxiliou pessoalmente o Ichtyostega a sair do oceano no devoniano não nos ajuda a compreender o que se passou; ora, é isso que a ciência deseja antes de mais: compreender o mecanismo interno e fisiológico que suscita esse fenômeno.*

*Na realidade, os criacionistas actuais procedem com base numa teologia absolutamente ingênua, à qual a religião há muito renunciou. Na teologia moderna, a matéria depende do Deus criador, mas Deus não depende da matéria. O próprio acto criador está rodeado de um mistério profundo e, se Deus viesse explicar-no-lo, seria trabalho perdido, porque não o compreenderíamos! Deus esteve na origem dos mecanismos sublimis que nós procuramos desvendar; e o pouco que deles compreendemos faz-nos mergulhar na admiração... Mas a sua origem continua rodeada de bruma, e eu quase diria, parafraseando Pascal, que «o mistério eterno destes mecanismos infinitos assusta-me».*

*O que é preciso fazer é estudar, procurar compreender. E abandonar o orgulho. Ainda sabemos muito poucas coisas; não sabemos o suficiente para vaticinarmos e pretendermos, como os darwinistas, que já compreendemos tudo, ou que possuímos a teoria definitiva, que é a mesma coisa.”<sup>262</sup>*

É isso!



## Os beatos de Darwin...

Eu simplesmente me divirto com os êxtases darwinisíacos da galerinha de Darwin. Isso na Internet é um verdadeiro espetáculo. Especificamente em relação à pessoa de Charles Darwin, a bajulação é de tal monta que fica difícil não associar tal comportamento com aqueles vivenciados por um beato diante de seu santo. Darwin, muito mais do que um cientista (no sentido estrito da palavra), tornou-se para muitas pessoas numa espécie de "libertador" ou num "Napoleão da ciência", o qual revelou ao mundo o verdadeiro caminho, a verdade e a vida.

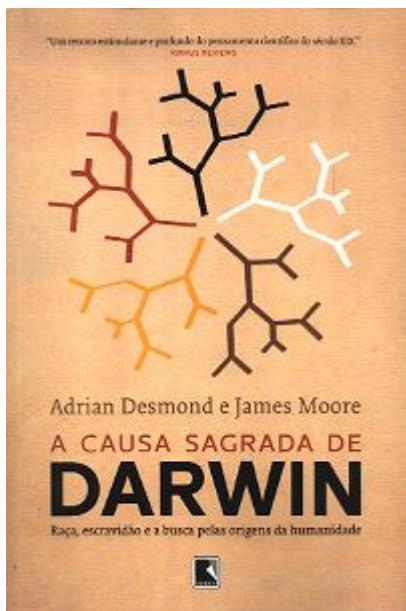
O texto a seguir, por exemplo, sintetiza um pouco todo esse alvoroço em torno do naturalista inglês. Divirtam-se!

*Por que todo ser humano deveria ser fã de Charles Darwin?*<sup>263</sup>

*1-Porque Darwin foi o cara que teve as duas ideias mais importantes, revolucionárias e abrangentes da humanidade: Seleção Natural e Seleção Sexual.*

- 2- Porque ele mostrou como o acaso e a necessidade podem interagir para gerar complexidade a partir da simplicidade, sem a necessidade de uma inteligência superior.
- 3- Porque ele mostrou que vale mais a pena procurar inteligência nos insetos do que no cosmos.
- 4- Porque ele teve coragem de dizer que as plantas fazem sexo e que as fêmeas têm senso estético em plena Inglaterra vitoriana, coisa que muitos relutam em aceitar ainda hoje.
- 5- Porque ele inaugurou todo um imenso programa de pesquisas integradoras entre diferentes disciplinas tanto da Biologia quanto fora dela.
- 6- Porque ele previu que com o Darwinismo, a Psicologia iria ter um novo fundamento "num futuro distante" e que a Filosofia iria precisar conhecer bem os primatas para falar sobre o ser humano.
- 7- Porque com ele podemos até explicar porque a religião existe sem precisar postular a existência de nenhuma mágica.
- 8- Porque ele tirou de vez o ser humano de seu pedestalzinho imaginário no centro de tudo.
- 9- Porque ele foi contra a escravidão e a favor da origem única e da unidade dos grupos étnicos humanos.
- 10- Porque Darwin foi um exemplo de humildade em pessoa e que trouxe a verdadeira humildade para o ser humano.

É isso!



## O darwinismo e sua propaganda enganosa

Se não fora as entusiasmadas aspirações ideológicas que se depositam em torno de Charles Darwin, seria um tanto complicado entender porque os feitos de Isaac Newton e Albert Einstein, por exemplo, se comparados aos do naturalista inglês, são assim tão insignificantes no que se refere à divulgação na mídia de um modo em geral. Abra-se qualquer seção de ciência de qualquer jornal, e lá estará Darwin com suas alvíssimas barbas a subtrair os méritos dos verdadeiros e dignos nomes da ciência.

Há alguns instantes, como costumeiramente faço, estava a pesquisar alguns livros numa conhecida livraria online de São Paulo, e por pura curiosidade, preendi minha atenção em algumas sinopses de obras sobre o naturalista inglês, com o intuito de observar como se dá na propaganda livresca o encômio servil ao autor de "A Origem das Espécies." O resultado pode ser visto a seguir. Os textos em destaque (letras vermelhas) são uma referência direta à exagerada bajulação que se faz ao "homem que teve a idéia mais espetacular do mundo", conforme o seu bajulador-mor, o filósofo Daniel Dennett.

### 1. Do livro "A Goeleda de Darwin", de Sandro de Souza:

*"Charles Darwin, reconhecido mundialmente por ter influenciado o meio científico com suas pesquisas sobre a evolução das espécies, é o tema deste livro. O biólogo Sandro de Souza escreve para o público leigo e expõe como funciona a ciência natural. Sandro comprova por que os resultados e as explicações obtidos por meio do método de Darwin figuram entre os conhecimentos mais confiáveis de que podemos dispor."*

## **2. Do livro "A Causa Sagrada de Darwin", de Adrian Desmond e James Moore:**

"Adrian Desmond e James Moore dão uma explicação sobre a maneira pela qual Darwin chegou à sua teoria da evolução, que atribui todas as formas de vida a um ancestral comum. **Segundo os autores, as ideias abolicionistas defendidas por Darwin o guiaram na formulação de suas principais descobertas científicas.** Darwin deu a todos os seres uma origem comum, libertando-os dos maiores apologistas da escravidão, que acreditavam que negros e brancos tinham se originado como espécies separadas. Um estudo sobre o cientista do século XIX. A obra foi publicada para celebrar o bicentenário do nascimento de Darwin e o aniversário de 150 anos de A origem das espécies."

## **3. Do livro "Charles Darwin - A Revolução da Evolução", Rebecca Stefoff e Laura Teixeira Motta:**

"A origem das espécies", publicado em 1858, transformou o modo de ver o mundo e fez de Charles Darwin um dos cientistas mais importantes de todos os tempos. Em 'A revolução da evolução', a autora narra toda a controvérsia causada pelas teorias de Darwin, e mostra por que elas continuam a ser debatidas até os dias de hoje, mesmo tendo sido comprovadas quase que por completo depois de sua morte. **Para entender como Darwin chegou à idéia de seleção natural, Stefoff descreve sua formação como cientista e reconstrói sua viagem de cinco anos ao redor do globo, à bordo do Beagle.** (Foi durante essa viagem que Darwin fez seu famoso estudo nas Ilhas Galápagos e traçou as primeiras linhas do que viria a ser uma das mais estrondosas descobertas científicas do século XIX). Mais que isso, ela examina, com base em notas e diários, a personalidade do cientista e todo o processo de reflexão que culminou em sua grande descoberta."

## **4. Do livro "A Ilha de Darwin", de Steve Jones e Janaina Castilho:**

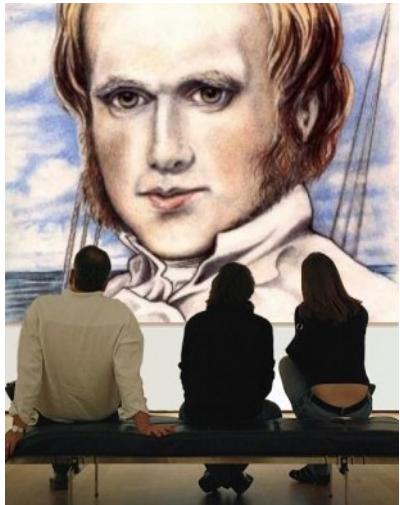
"Um ensaio sobre as obras menos conhecidas, mas importantes quanto 'A origem das espécies', de Charles Darwin. O cientista passou a maior parte do tempo de pesquisa na Inglaterra, sua terra natal, onde escreveu cerca de 20 livros sobre assuntos diversos como as emoções humanas e minhocas. Além de informações sobre o trabalho feito fora das Ilhas Galápagos, **Jones discorre a respeito da vida familiar e da personalidade genial e cativante de Darwin.**"

## **5. Do livro "O Jardim de Darwin", de Michael Boulter:**

"Os jardins e a estufa de Down House forneceram a matéria-prima para que Darwin continuasse suas observações e experiências e escrevesse seus principais trabalhos, inclusive - 'A origem das espécies'. Michael Boulter mostra que **as pesquisas que Darwin fez no jardim de Down House pavimentaram o caminho para a moderna genética e o estudo das cadeias alimentares e da biodiversidade.**"

É isso!

## Quando tudo acaba em Darwin



Ainda está para surgir uma teoria com tamanha abrangência “explicativa” quanto a Teoria da Evolução!

No Prefácio do livro de Charles Darwin, “A expressão das emoções no homem e nos animais”, o cientista Konrad Lorenz, em rastejante encômio ao naturalista, não me deixa mentir quanto a isto. Escreveu ele: “*Arrisco-me a afirmar que qualquer forma de estrutura ou comportamento, mesmo as mais provocantemente inacreditáveis, pode ser entendida, pelo menos em princípio, como o resultado da pressão seletiva exercida por sua função de sobrevivência específica. Estamos sempre prontos a perguntar "Para quê?", o que para nós não implica professar uma teleologia mística. Quando perguntamos: "Para que o gato tem unhas curvas e retráteis?", e respondemos: "Para pegar ratos com elas!", estamos simplesmente afirmando, de maneira resumida, que pegar ratos era a função primordial cuja enorme importância para a sobrevivência criou gatos com essa particular formação das unhas, e que ela o fez pelo mesmo processo de seleção por meio do qual um criador humano produz linhagens de galinhas capazes de ter uma enorme produção de ovos, ou pequineses com minúsculos focinhos.*” E mais adiante: “*Em outras palavras, um homem como Darwin sabe muito mais do que pensa saber, e não surpreende que as consequências de seu conhecimento cheguem tão longe em diferentes direções. Diferentes áreas da pesquisa biológica foram inspiradas por ele, e cada uma delas o considera, com razão, seu originador e pioneiro. O que surpreende é a extensão com que pesquisas adicionais, baseadas em hipóteses de Darwin e estendendo-as em todas as direções imagináveis, têm invariavelmente confirmado seu acerto em todos os pontos essenciais.*”

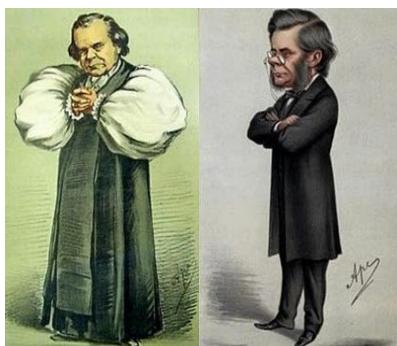
<sup>264</sup>

Ansiedade, depressão, suicídio, egoísmo, paixão, homossexualidade, guerra, altruísmo, celibato, religiosidade, etc. nada há que não tenha sido devidamente explorado pelos devotos de Darwin. A especulação darwinista é de tal monta que não duvido que já exista por aí uma teoria própria para explicar a dor-de-cotovelo. A Teoria da Evolução tornou-se assim numa verdadeira panacéia epistêmica, que explica tudo sem explicar nada.

Divulgou-se tempos atrás que algo similar a um córtex cerebral existe em um tipo específico de verme. É óbvio que numa pesquisa desse viés o darwinismo não poderia ficar de fora. Segundo um de seus pesquisadores, Detlev Arendt: “*Pode-se dizer que a topografia é tão similar que o humano e o verme devem vir de um ancestral comum.*” <sup>265</sup> Do mesmo modo que no Brasil tudo costuma acabar em pizza, em muitos ramos da ciência já se tornou comum tudo acabar em Darwin.

São tantas as áreas de atuação dos pesquisadores darwinistas (classificação, paleontologia, anatomia comparada, embriologia, homologia, genética, biogeografia, antropologia, psicologia, sociologia etc.) que é praticamente impossível organizar uma confrontação verdadeiramente definitiva sobre os diversos “dados” em questão. Daí não ser a Teoria experimentalmente “refutável”, segundo os critérios de Karl Popper.

É isso!



## "O darwincentrismo"

Tempos atrás, o site da Universidade de Brasília (UnB) publicou uma matéria intitulada “Professores ensinam teoria da evolução misturada à religião”<sup>266</sup>, na qual se divulgou uma pesquisa com professores do ensino médio na Bahia, realizada por Ana Paula Carneiro, mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que “se surpreendeu com a quantidade de erros conceituais apresentados”, dentre os quais se incluíam os conceitos religiosos: “Ou seja, os professores acabavam por misturar Charles Darwin com a Bíblia.”

Esta pesquisa me remeteu a uma outra de 2008<sup>267</sup>, só que feita lá na terra de Darwin, a Inglaterra, na qual se constatou que 30% dos docentes ingleses eram favoráveis ao criacionismo: “Mais de um quarto dos professores de ciências das escolas públicas da Grã-Bretanha acredita que o criacionismo deveria ser ensinado com a Teoria da Evolução nas escolas, de acordo com uma pesquisa realizada com profissionais do ensino fundamental e médio do país. Foram ouvidos 923 docentes e outros 65% discordaram da inclusão das explicações religiosas para a origem do Universo no currículo escolar.”

Por que, afinal, Darwin não consegue emplacar como unanimidade entre os professores de Biologia e Ciência?

Certamente deve haver muitas e boas explicações sobre isto, contudo, uma delas, e esta talvez seja determinante, diz respeito ao conteúdo filosófico em que está imbuído a teoria evolucionista. Culpar a força da tradição religiosa não me parece uma objeção realmente válida.

O geocentrismo durante muito tempo foi considerado pela igreja como uma “verdade” inquestionável. Todavia, a partir das descobertas realizadas por Nicolaus Copernicus, de que o Sol (e não a Terra) é que se encontra no centro do Universo, a religião aos poucos foi assimilando as evidências da Ciência e, hoje, penso que nem mesmo as seitas mais radicais colocam em dúvida a teoria heliocêntrica. Os fatos prevaleceram sobre o dogma.

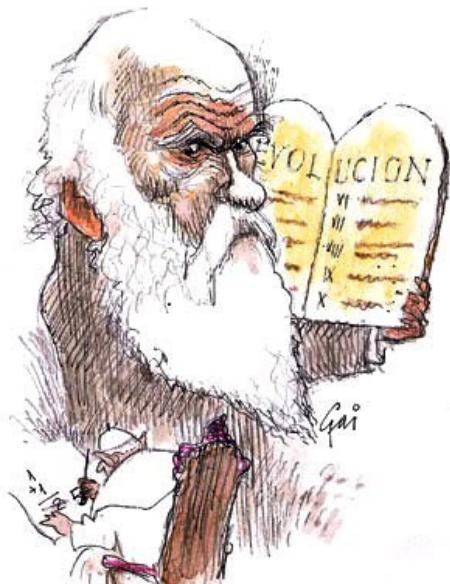
No caso específico do darwinismo, por mais que se diga que a evolução é um fato e que Darwin foi o maior e mais brilhante cientista de toda a história da humanidade, ainda assim ele não conseguiu incorporar sua “verdade” entre a totalidade dos educadores. Por quê?

Parece que aqui, há por assim dizer, uma inversão de valores. Semelhantemente à igreja da Idade Média, que firmou seus dogmas no geocentrismo, os defensores da Teoria da Evolução, hoje, fizeram do “darwincentrismo” seu próprio dogma, blindando-se contra qualquer objeção que lhe contraria.

Bom. Se isto não explica em nada a questão, ao menos nos leva a ponderar sobre os opostos e os extremos.

É isso!

## Catequização à la Darwin



Divulgou-se recentemente que alunos da Universidade Estadual da Paraíba estiveram incumbidos de convencer estudantes do ensino médio e de graduação de que as idéias de Darwin são pura ciência.

Um dos envolvidos neste empreendimento de catequização darwinista, afirmou: "Nós *enxergamos todas essas defasagens no nosso estado [Paraíba] e resolvemos fazer alguma coisa a respeito. Resolvemos envolver graduandos, alunos de escolas, professores do ensino médio e, por meio de um processo coletivo, falar sobre evolução e Darwin.*"<sup>268</sup>

Dos 800 alunos do ensino médio avaliados, apenas 30% deles apresentaram compreensões mais científicas de evolução, disseram. Do que se conclui que os demais 70% sequer principiaram no processo de iniciação rumo ao esplendoroso mundo de Darwin, onde tudo, tudo pode acontecer.

E, como sempre, a religião continua sendo o grande pretexto pelo o não emplacamento total de Darwin na mentalidade coletiva dos alunos: "cerca de dois a cinco alunos em cada turma (35-40 alunos) são seguidores de doutrinas religiosas, que interpretam literalmente o texto bíblico e afirmam ser "criacionistas", duvidando das teorias evolutivas por serem, como dizem "apenas teorias."

Eles querem que seja assim, mas não é. Não obstante tenha sido considerada uma heresia ruinosa para a doutrina da igreja, a teoria heliocêntrica foi com o passar do tempo totalmente assimilada pelos religiosos como um fato consumado. Por quê? Simples, porque se trata de um fenômeno perfeitamente observável. No dia em que o "Darwin" superar sua vã pretensão de lídima ciência, e fazer ciência de verdade, é certo que não será menos unanimidade do que "Galileu."

É isso!

## O darwinismo medieval



É amplamente conhecida a opressora atuação da Igreja em todos os âmbitos da sociedade durante a longa Idade Média. Em relação, por exemplo, aos intelectuais, sabe-se que eles não deveriam jamais ultrapassar os estreitos limites estabelecidos pelos líderes religiosos, o que poderia culminar numa perigosa acusação de "heresia." Tudo o que a Igreja decretava como verdade, seja na esfera da fé, seja no âmbito da razão, deveria ser aceito incondicionalmente como sendo a "pura expressão da verdade." Desta forma, se a Igreja afirmava

que o Sol girava em torno da Terra, ainda que houvesse provas contrárias, prevalecia sempre a arbitrária posição desta instituição. Todos conhecem o caso do cientista italiano Galileu Galilei que, por apoiar a teoria de Copérnico de que o Sol (e não a terra) constituía-se o centro do nosso sistema planetário, foi preso pela Inquisição, tendo de atenuar suas convicções, visto que não corroboravam com o entendimento oficial da igreja.

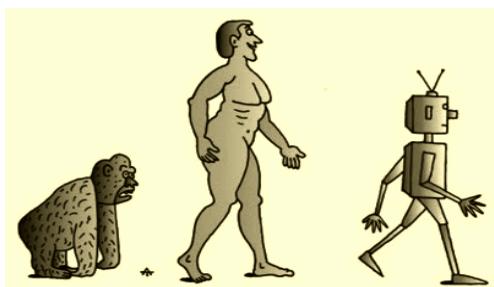
Bom. A Inquisição se foi, e com ela seguiu-se a reboque toda a opressão exercida aos que ousam pensar diferente dos dogmas da igreja. Em 1978, o papa João Paulo II declarou: "A Inquisição é um capítulo doloroso do qual os católicos devem se arrepender." E, não obstante a perseguição aos intelectuais ainda persistir entre muitos grupos religiosos ao redor do mundo, nos países democráticos ela já se tornou sombra de um passado que não quer se repetir. Religião e ciência, hoje, excetuando os grupos religiosos fundamentalistas, convivem pacificamente, com raríssimos confrontos no âmbito ético-moral.

Sendo assim, por que determinadas vertentes consideradas "científicas" ainda hoje sentem tanto temor de que uma "conspiração religiosa" venha aterrar as novas descobertas da ciência, como é o caso de boa parcela dos defensores da Teoria da Evolução, de Charles Darwin?

Pessoalmente desconheço casos semelhantes ao que ocorre no seio do darwinismo. O medo de que a Teoria da Evolução seja banida das pautas escolares transformou-se, para muitos dos devotos de Darwin, numa patológica mania de perseguição, como se a vulnerabilidade científica de seus dogmas afetassem toda a ciência, incluindo a descoberta de cura para a AIDS. Tratam a ciência como se fosse um fraco rival da religião, daí todo esse desespero que até parece fugir de uma boa explicação freudiana.

Semelhantemente à Igreja medieval, esses devotos de Darwin não aceitam quaisquer contestações, as quais, na prática, transformaram-se em "perigosas heresias." Para eles há uma só verdade, a qual deve ser preservada a todo custo. A situação é tal, hoje, que qualquer cientista que apresente uma alternativa genuína a seus dogmas considerados "científicos" logo é silenciado, sob o risco de ser mandado ao ostracismo acadêmico, sendo em consequencia disso rotulado dos mais variados adjetivos com as mais diversificadas conotações religiosas. É o medievalismo às avessas, patologicamente às avessas...

É isso!



### "Panacéia desvairada"

Está você jururu, acabrunhado, macambúzio, melancólico, sorumbático, casmurro ou tristonho e não sabe a razão, causa ou circunstância que o levou a este estado de desconsolo existencial?

Simples! Enfia aí o "Complexo de Édipo" e verá o que acontece. Agora, se isso não esclarecer o enigma, mete então nele a "Seleção Natural" ou os genes, e assim, quem sabe, com o fracasso de Freud não triunfe Darwin sobre essa sua obscura melancolia!

Sim, pois nada há que Freud e Darwin não expliquem! São como um "Abre-te, Sésamo de aplicação geral": religiosidade, depressão, tristeza, angústia, homossexualidade, suicídio, machismo, beleza... não há buraco comportamental em que ambos não se façam passar por dentro.

Osvaldo Penna, em seu belíssimo livro "Polemos"<sup>269</sup>, imagina um fictício diálogo que sintetiza muito bem o pensamento redutivista, circular e totalitário do freudismo:

- Esse rapaz é neurótico porque sofre de um complexo de Édipo não superado...
- Como pode você provar que ele sofre de tal complexo?

— Ora, você não percebe que ele é neurótico? Toda pessoa que sofre de um complexo de Édipo não superado é neurótica. A prova de que o complexo de Édipo é nuclear na constituição da psique é que toda pessoa neurótica sofre de um complexo de Édipo...

Eu também imaginei o meu, mas neste caso para ilustrar o caráter circular vivenciado por certa tendência do darwinismo:

— Aquela moça se mostra sedutora e atraente porque com isso deseja chamar a atenção daqueles rapazes...

— Como você pode provar que esta moça é atraente e sedutora?

— Ora, você não percebe que ela é atraente e sedutora? Todo macho se sente atraído pela beleza e encanto da fêmea. A prova de que uma fêmea seja atraente e sedutora é que o macho a escolhe em virtude de sua beleza e encanto.

Mas não é só de tautologia que vive o ULTRAdarwinismo. Há muito que ele perambula pelas beiradas da bizarrice, do excêntrico e do escalafofético. Ao meter o bedelho no "psicologismo psicofísico", na "psicogenética psicografada" e no "psicodinamismo psicossomático", esta vertente darwinista faz escancarar o seu lado "panacéico", "tabajarístico" e "muleteiro." Michael Behe resume isso muito bem: "A ideia de Darwin tem sido usada para explicar o bico do tentilhão, os cascos de cavalos, a coloração das mariposas e dos insetos operários, e a distribuição da vida em todo o globo e ao longo das eras. A teoria foi ampliada por alguns cientistas para interpretar até mesmo o comportamento humano: por que pessoas em desespero cometem suicídio, por que adolescentes têm filhos fora do casamento, por que alguns grupos se saem melhor em testes de inteligência do que outros, por que missionários religiosos renunciam ao casamento e a filhos. Nada há nenhum órgão ou idéia, nenhum sentido ou pensamento, que não tenha sido objeto de elucubrações evolutivas." <sup>270</sup>

A par disto, selecionei algumas notícias com as quais é possível se ter uma noção de como a turminha "evo psy" especula e lança mão de "artimanhas científicas" a fim de levar à cabo os intentos da ideologia naturalista. Por exemplo, segundo esses "cientistas panglossianos":

**1 - Religião é produto' da evolução do cérebro humano:** "- Um dia encontraremos as provas para demonstrar que nossa inata propensão ao pensamento religioso deriva do fato de que nossos antepassados tiravam disso uma vantagem evolutiva - declarou o pesquisador. - Pensamentos religiosos parecem ser uma propriedade emergente de nossa capacidade cognitiva padrão. As informações são da Ansa." <sup>271</sup>

**2 - Homens são mais generosos com mulheres de vermelho:** "Mas vestir vermelho pode representar uma vantagem", concluiu. " <sup>272</sup>

**3 - Homem se tornou agricultor para beber cerveja:** "Essa visão habitual confunde causas e consequências. Para que os caçadores e agricultores abandonassem sua forma de vida e alimentação tradicional teve de acontecer alguma vantagem inicial", explica, e ressalta que no início "o cultivo de plantas não trouxe consigo nenhuma vantagem sobressalente para a sobrevivência." <sup>273</sup>

**4 – Agressão pode estar 'escrita no rosto':** "Os resultados sugerem que o formato do rosto pode ter sido moldado pela evolução como uma marca da propensão à agressão." <sup>274</sup>

**5 – Genes explicariam traição feminina:** "Mas Spector afirmou que faz sentido, em termos de evolução, que o ser humano busque uma boa mistura de genes e que as mulheres procurem uma opção melhor se ela surgir." <sup>275</sup>

**6 – Fofoca 'boa' ajudou a criar cooperação entre humanos:** "A equipe do Instituto Max Plank de Biologia Evolutiva, na Alemanha, conduziu experimentos práticos com 132 estudantes." <sup>276</sup>

**7 – Estudo relaciona curvas femininas à inteligência dos filhos:** Os cientistas acreditam que é essa é mais uma razão pela qual os homens se sentiriam mais atraídos pelas mulheres "com curvas." "Os homens reagem a isso porque é importante para a reprodução (da espécie)", afirmou Lassek ao jornal.<sup>277</sup>

**8 – Homossexualidade masculina pode ter explicação evolutiva:** "A homossexualidade humana pode ser explicada pela teoria da evolução de Charles Darwin, que no século XIX assinalou que os fatores genéticos dão uma vantagem reprodutiva a um sexo em detrimento do outro. É o que diz um estudo divulgado nesta quarta-feira, 18, pela revista Public Library of Science (PLoS)."<sup>278</sup>

**9 - Africano é menos inteligente, diz Nobel:** "Não há razão firme para crer que as capacidades intelectuais de pessoas geograficamente separadas evoluam de maneira idêntica. Nosso desejo de considerar poderes iguais de raciocínio como uma herança universal da humanidade não vai se prestar a isso."<sup>279</sup>

**10 – Ansiedade pode ter raiz genética:** "O psicólogo Christian Montag, co-autor do estudo, disse que para os seres humanos, a cautela pode ter tido uma função importante. "Era vantajoso ser ansioso em um ambiente perigoso", disse Montag."<sup>280</sup>

**11 – Homens gostam mais de sexo casual do que mulheres:** "Em termos evolutivos, as mulheres sentem mais o peso do cuidado parental e há uma visão geral de que era uma vantagem para as mulheres escolher com cuidado e se manter fiéis aos seus parceiros para que eles não tenham motivo para pensar que estão cuidando do filho de outro homem", disse Campbell.<sup>281</sup>

**12 – Pessoas com pernas longas são mais atraentes:** "Os cientistas afirmam que "razões evolutivas" podem estar por trás da preferência por pernas longas."<sup>282</sup>

**13 – Humanos escolhem seus parceiros como na época dos neandertais:** "Os indivíduos no passado escolhiam da mesma maneira: as mulheres negociavam sua atração por um homem de maior capacidade e os homens buscavam qualquer mulher atraente que os aceitasse para ter o maior número de crias possível e obter uma vantagem evolutiva", conclui a pesquisa.<sup>283</sup>

**14 - Olhar nos olhos torna pessoa mais atraente:** "Segundo ele, os resultados fazem sentido do ponto de vista da evolução. "Atrair um parceiro é um esforço muito grande, então você tende a concentrar esse esforço de uma maneira mais eficiente", disse."<sup>284</sup>

**15 - Menopausa permite que avós ajudem a criar netos:** "Eles avaliam que os resultados reforçam a teoria da evolução que defende o surgimento da menopausa para que as jovens mães tenham ajuda extra na educação dos filhos."<sup>285</sup>

**16 - Mulheres têm preferência natural pelo rosa:** "A evolução pode ter levado as mulheres a preferirem cores avermelhadas - frutas avermelhadas, saudáveis, rostos avermelhados. A cultura pode explorar e delimitar esta preferência natural das mulheres", disse Hurlbert.<sup>286</sup>

**17 - Cientistas descobrem gene que deu raciocínio aos humanos:** "Eu arriscaria dizer, entretanto, que não surgiram indícios concretos até agora de que qualquer gene cujas mudanças possam contribuir para a evolução do cérebro."<sup>287</sup>

**18 - Genes explicariam traição feminina:** "Mas Spector afirmou que faz sentido, em termos de evolução, que o ser humano busque uma boa mistura de genes e que as mulheres procurem uma opção melhor se ela surgir." <sup>288</sup>

**19 - Cientista italiano diz que humanidade será bissexual:** "Durante uma conferência neste fim de semana na região da Toscana, Umberto Veronesi, que é médico e ex-ministro da Saúde, afirmou que a espécie humana deve caminhar para o bisexualismo "como resultado da evolução natural das espécies." <sup>289</sup>

**20 - Cozinha muda biologia da espécie humana:** "A humanidade pode ter bem mais que um pé na cozinha. Para um pesquisador dos EUA, o uso do fogo para preparar alimentos foi um fator central na evolução do gênero humano e deixou marcas tão profundas na biologia dos nossos ancestrais que hoje o homem moderno não pode sobreviver sem cozinhar." <sup>290</sup>

**21 - Segredo do orgasmo pode estar nos genes:** "O cientista afirma acreditar que a obtenção do orgasmo pode ser explicada por meio da evolução." <sup>291</sup>

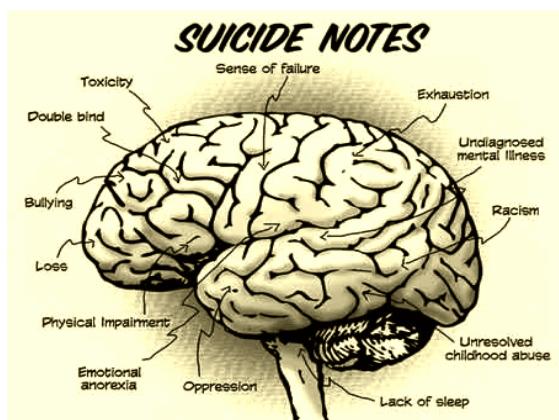
**22 - Relacionamento firme 'reduz desejo sexual' da mulher:** "Segundo os pesquisadores, as diferenças seriam explicadas pela evolução humana." <sup>292</sup>

**23 - Evolução explica por que mulheres vivem mais que homens:** "O padrão é fruto da seleção sexual e dos papéis que machos e fêmeas desempenham na reprodução", disse Kruger. "Fêmeas investem mais nos filhotes que os machos, e têm um potencial menor para produzir filhotes, e por isso os machos geralmente competem entre si para atrair e manter parceiras." <sup>293</sup>

**24 - Homens detectam traição melhor do que mulheres:** "Para Paul Andrews, esse comportamento tem uma explicação evolutiva, já que, ao contrário das mulheres, os homens nunca podem ter 100% de certeza sobre a paternidade de seus filhos. "Quando a mulher é infiel, o homem pode perder a oportunidade de reproduzir, e acabar investindo seus recursos para criar uma prole de outro homem", diz o pesquisador." <sup>294</sup>

**25 - Acadêmico inglês diz que os ricos têm QI mais alto:** "Certamente há uma correlação entre o QI e a classe social. Pessoas de classes mais altas têm vantagens educacionais, sociais e econômicas e as transmitem aos seus filhos", disse ele." <sup>295</sup>

É isso!



Estórias darwinistas: "o outro lado do suicídio"

Estando a folhar o livro "A Beleza da Fera" <sup>296</sup>, de Natalie Angier, deparei-me com um título que sintetiza muito bem a capacidade imaginativa da galera de Darwin, especialmente a turminha "Evo Psy", que usa e abusa dos pressupostos evolutivos a fim de explicar os mais variados tipos de comportamentos humanos. Neste caso específico a fantasia recai sobre um

assunto deveras complexo, o qual tem suscitado os mais controversos debates: o suicídio.

**Inicia a autora:** “*Numa análise direta, o suicídio afronta as leis da natureza e fere o poderoso instinto que comanda todos os seres a lutarem por suas vidas até que não mais possam lutar.*” E continua: “*No entanto, através de uma contabilidade evolutiva racional, o suicídio não pode ser explicado inteiramente como uma aberração violenta ou uma patologia humana que fique além dos fluxos e apelos da seleção natural e da adaptação.*” E não pára por aí: “*A taxa, dizem alguns geneticistas evolutivos é muito grande para ser explicada através de fórmulas corriqueiras como doença social ou ocorrências casuais de doenças psiquiátricas.*” E, agora, vejamos onde exatamente ela quer chegar: “*Em vez disso, a persistência do suicídio em altas taxas na maior parte das culturas mundiais revela um componente evolutivo subjacente, uma possível racionalização darwinista para um ato que muito freqüentemente parece irracional.*” Ou seja: na ausência de uma explicação convincente do ponto de vista científico, enfia-se aí um dos mais variados componentes evolutivos e pronto! Depois me criticam por encontrar material para humor no darwinismo!

Mas, vejam só a explicação de Natalie Angier acerca da questão: “*Apesar de tudo, pode haver explicações plausíveis na história da evolução para, ao menos, alguns atos autodestrutivos.*

*Um sem-número de teóricos propõe que o impulso de se matar pode ser uma expressão de um instinto na direção do auto-sacrifício, para o bem dos parentes que sobrevivem, ou porque esses parentes serão salvos de suas próprias mortes, ou porque se beneficiarão generosamente dos recursos que lhes caberão agora.*

*Os parentes sobreviventes vão, por sua vez, passar adiante os genes da vítima sacrificial. Para usar um exemplo curto e simplista, um hominídeo na selva pode ter aumentado sua sobrevivência genética sacrificando-se a um leopardo que de outra forma teria abatido seis de seus irmãos ou irmãs. No entanto, como vivemos em grupos sociais complexos, tal impulso para o martírio pode, em algumas ocasiões, apresentar-se em formas complexas e distorcidas, sobrecregendo miseravelmente as psiques, mesmo daqueles que não têm famílias para beneficiar-se de suas mortes ou para assegurar a sobrevivência de seu legado genético.*

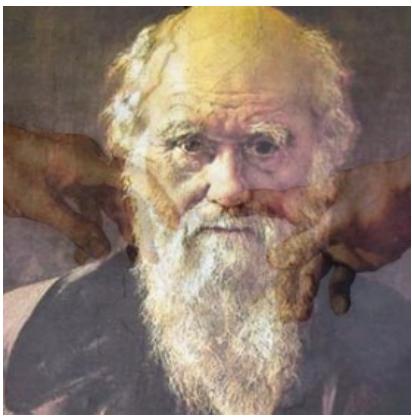
[...]

*“Em outro cenário, o suicídio é visto não como hereditário, mas como a mais trágica decorrência de outra característica que pode derivar-se da seleção natural: a tendência à depressão. Alguns teóricos darwinistas dizem que temperamentos extremamente melancólicos são comuns demais para resultarem apenas de patologia. Eles acham que surtos de depressão podem ser úteis, forçando as pessoas a um tipo de hibernação emocional e dando-lhes tempo para refletir sobre seus erros. Mas tal estratégia, se mantida ou repetida por muito tempo, se torna não adaptativa, ou mesmo fatal, transformando-se na assustadora doença chamada depressão profunda.”*

Portanto, da próxima vez que você tiver alguma dificuldade para entender certos fenômenos relacionados ao comportamento social humano (quem sabe um pouco de melancolia num daqueles dias chuvosos de inverno), não hesite em enfiar neles a Seleção Natural. Sim, afinal, ela é o remédio para todos os males, com exceção, é claro, daqueles relacionados às fantasias dessa galerinha ouriçada de Darwin!

Bom, mas “para não dizer que não falei de flores”, vai aqui as palavras de Stephen Jay Gould, um darwinista não-dogmático e um crítico contumaz da sociobiologia darwinista: “*Qual é a evidência direta do controle genético sobre comportamento sociais humano específicos? No momento, a resposta é nenhuma. (Não seria impossível, em tese, obter-se tal prova através de experiências padronizadas e controladas de culturas, só que não criamos gente em tubos de Drosophila, nem estabelecemos linhagens puras ou controlamos o meio ambiente para uma educação invariável).*”

É isso!



## "A ideologia do DNA" ou "A mão invisível de Darwin"

Até que ponto o comportamento humano é determinado por variáveis biológicas?

Bem, de acordo com a ideologia determinista, até mesmo o simples ato de gostar de chocolate, em última análise, seria consequência dos genes.

Em seu livro “A Falácia Genética: a ideologia do DNA na imprensa”<sup>298</sup>, Cláudio Tognoli resume esta visão ideológica, que de algum modo mantém um entrelaçamento com certa tendência darwinista, a chamada Psicologia Evolucionista ou Sociobiologia. Diz ele:

*“Resumindo: todas as estruturas sociais, seja qual for o grupo zoológico estudado, obedecem a um determinismo genético. Por essa teoria, a origem de todos os comportamentos surge da tendência de cada um de nós querer reproduzir os seus próprios genes. Seríamos títeres, sem importância, comandados pela vontade dos genes – algo muito parecido com aquela “vontade” do Schopenhauer de O mundo como vontade e representação, que tanto ajudou filosoficamente Sigmund Freud na teorização de sua teoria das pulsões. Nossa visão: o ser humano de Wilson obedecia à vontade dos genes, algo de dentro para fora. Agora, pelo que vemos na mídia, o movimento se inverte: a biotecnologia é vendida como uma ciência capaz de tudo modificar de fora para dentro. E nesse ponto que a visão do geneticista Lewontin se torna mais importante: o gene não pode ser substituído como uma peça de computador, como requer o nosso espírito de época. Ele é, antes de tudo, social e psicológico. Refere Lewontin, o enfant-gatê da febre biologista que “a ciência, como outras atividades produtivas, como o Estado, a família, o esporte, é uma instituição social completamente integrada e influenciada pelas estruturas de todas as outras instituições sociais... Seus resultados são profundamente influenciados por predisposições que derivam da sociedade em que vivemos. Os cientistas não começam a vida como cientistas, mas como seres sociais imersos na família, no Estado, na estrutura produtiva, e eles vêm a natureza pelas lentes que foram moldadas pela sua experiência social, guiada e dirigida por forças no mundo que têm o controle do tempo e do dinheiro.”*

E, exatamente tratando do assunto, o mesmo Cláudio publica no seu referido livro uma rápida entrevista com Richard Lewontin (biólogo, PhD e professor do Centro de Pesquisas Alexander Agassiz da Universidade de Harvard), um dos mais ferrenhos críticos desta maléfica ideologia:

**O senhor acha que os cientistas em geral têm satanizado o gene?**

**Lewontin**

*Claro que o gene é “satanizado” pelos cientistas como também pela imprensa devido à crença no determinismo biológico. Se, assim, os nossos genes nos determinam por completo, então, obviamente, eles devem tornar “pessoas boas” boas e “pessoas ruins” ruins.*

*Isto também serve como uma justificativa para a punição capital já que, se os crimes, como dizem, estão nos genes, então nada pode ser feito a não ser eliminar os assassinos. Esta é a mesma ideologia que levou os nazistas a colocarem pessoas em câmaras de gás, já que eram consideradas “degeneradas” porque sua biologia as fazia degeneradas e, portanto, imutáveis. Agora, com certeza, as pessoas estão sugerindo consertar os genes, mas tudo isso é um grande nonsense.*

## **O senhor acha que a genética e biotecnologia podem ser Consideradas questões geopolítica?**

**Lewontin**

*Não, não é claro para mim ainda que a força dos genes seja parte da geopolítica. Eu não sei se algum governo ou grupo político efetivamente estejam argüindo isso porque outras nações dispõem de genes errados e por isso deva ser atacada por isso, ou mantida numa posição de enfraquecimento. Também não sobre quaisquer argumentos que façam do determinismo genético algo similar a um erro ideológico. O comunismo foi tido como um inimigo por que os comunistas ameaçavam privilegiar o Estado e as bases da economia e restringir a liberdade da propriedade privada, a qual a ideologia capitalista creia seja a base de toda a liberdade. Os genes não são vistos como inimigos subversivos, mas como a fonte de “doenças” individuais que fazem pessoas doentes mental e fisicamente. Mas essas mesmas pessoas argumentam que a estrutura da sociedade também é determinada pelos genes, então o capitalismo está nos genes então isso prova que o capitalismo é bom e necessário, então os genes são ao mesmo tempo bons e maus!*

## **O senhor teme uma nova febre de eugenia?**

**Lewontin**

*Eu não temo uma nova onda eugênica no senso original, que é o de se ter políticas de Estado para manter certas pessoas longe de se procriar ou recompensar a geração de pessoas “melhores.” Isso agora já caiu em descrédito, não porque as pessoas sejam menos biologicamente deterministas, mas porque elas pensam que a forma de se lidar com os criados pelos genes é encorajar indivíduos a se submeterem a testes e tomar decisões particulares de procriação que serão boas para as suas famílias fazendo do uso de inseminação artificial, fertilização in vitro e aborto, mas sempre mais voluntariamente do que numa matéria de política de Estado. Eles também esperam que as manipulações de DNA possam inserir genes “melhores” nas pessoas que as querem (e que possam pagar por elas).*

## **Por que há tantos press releases distribuídos mundo afora, sobretudo para as revistas especializadas, falando das “maravilhas” das novas descobertas genéticas?**

**Lewontin**

*Não há boa intenção nesses press releases e nessas promessas. Eles têm apenas a função de subir os preços das ações de mercado de forma a que os proprietários das ações possam fazer dinheiro quando um grande anúncio de descoberta é feito, ou mesmo têm a intenção de empurrar as carreiras de cientistas acadêmicos que estão buscando prêmios, menções honrosas, dinheiro para pesquisas, etc. Com certeza, em muitos casos, as mesmas pessoas são cientistas de pesquisa acadêmica e donos das ações das companhias que fazem essas promessas.*

## **O senhor acha que a linguagem da biotecnologia está se aproximando da linguagem da cibernetica, em que gene vira chip de computador?**

**Lewontin**

*A ideologia do determinismo biológico usa muitas metáforas retiradas do modelo de máquina de Descartes e agora dos modelos computacionais. Essas metáforas permitem então “jogos de linguagem” porque elas são levadas a sério e assim as consequências lógicas de se levar metáforas a sério são levadas à última instância. Todos os cientistas empregam metáforas, mas as metáforas podem ser os maiores inimigos de se compreender adequadamente o mundo material. As pessoas confundem as metáforas com os objetos reais. Norbert Wiener e Arturo Rosenblith escreveram que “o preço da metáfora é a eterna vigilância.”*

Mas, onde exatamente entra a "mão invisível de Darwin" nesta história?

Entra, por exemplo, em pesquisas do tipo: “Genes explicariam traição feminina”, “Homossexualidade masculina pode ter explicação evolutiva”, “Segredo do orgasmo pode estar nos genes”, todas tendo como pano de fundo a chamada Psicologia Evolucionista, que é a velha Sociobiologia sob novo rótulo.

É isso!



## Moral darwinista: nova ciência ou velha ideologia?

O título acima faz parte de um maravilhoso ensaio (“Darwinismo, ciência e ideologia”<sup>299</sup>) do biólogo e professor da USP, Nélio Bizzo. O texto é uma severa e bem-humorada crítica ao determinismo genético da Psicologia Evolucionista (a nova camuflagem da antiga Sociobiologia), defendida entre outros por Robert Wright, que tenta acoplar os genes em tudo quanto é buraco comportamental. Encontrei este excelente trabalho do Bizzo na Biblioteca da Faculdade de Educação da USP, e, por sua relevância, transcrevo aqui alguns trechos, os quais certamente serão de grande valia a quem nutre de interesse pela questão envolvendo o darwinismo e suas vertentes. Vejamos...

*“Darwin é, ainda hoje, um dos maiores alvos de paixões intelectuais, mas não é todo dia que nasce uma nova ciência. Esse acontecimento excitante costuma merecer uma capa de revista e o lançamento de algum livro polêmico. De fato, a edição de 15 de agosto de 1994 da revista Time trazia o título: “infidelidade: pode estar em nossos genes”, anuncianto uma nova “psicologia evolucionista.” Tratava-se do lançamento nos Estados Unidos do livro “O animal moral”, de Robert Wright, recentemente traduzido para o português pela Editora Campus, o que confirma o dito popular que diz que notícia ruim chega rápido.*

*O livro tem uma arquitetura muito interessante. Ele procura responder a intrigante pergunta de porque somos o que somos do ponto de vista de uma visão particular do evolucionismo darwinista. A estratégia é inovadora. Alguns episódios da vida do grande ídolo de Robert Wright, Charles Darwin, são relatados e analisados, apresentando algo próximo de uma versão “darwinista” do darwinismo. Quais as vantagens adaptativas que Charles Darwin teve ao desposar-se com Emma? Qual teria sido o impulso evolutivo que o teria levado a apresentar a público suas teorias quando percebeu que um competidor se aproximava das mesmas conclusões, comprometendo sua paternidade intelectual?*

*O passo seguinte será procurar demonstrar que esses casos não se devem a nenhuma particularidade histórica, mas seriam apenas manifestação de uma tendência biológica universal, a que todos estamos sujeitos. Dentro dessa ótica, o comportamento social humano seria apenas e tão somente o resultado da expressão de genes incrustados em nosso material genético, que a seleção natural teria cuidado de apurar com o decorrer das gerações. Seria possível agora entender a disputa entre Aquiles e Agamenon, na Ilíada, por uma bela escrava, e porque os filhos nascidos dessas conquistas eram tolerados pelas esposas legítimas, sendo homens livres e utilizando o nome do pai biológico. A “psicologia evolucionista” poderia até mesmo transformar em paradigma biológico, verdadeiro objetivo perseguido pela natureza, a mulher grega da época heróica de Homero, a reproduutora que cuida da casa, dos filhos e das escravas, que o marido transforma em concubinas a seu bel-prazer. Da mesma forma, a prostituição, protegida pelo Estado em Atenas, poderia também ser um imperativo biológico. Os*

jônios, quem diria, poderiam agora ter seu comportamento sexual e sua organização social explicados pela “nova ciência” e, ainda por cima, verem-se transformados em exemplos modelares da evolução biológica do comportamento moral.

É bem verdade que esta não seria a primeira tentativa. Basta lembrar que há pouco mais de vinte anos manchetes anunciam uma nova ciência e um livro revolucionário: “Sociobiologia: A nova síntese.” Seu autor, Edward Wilson, de Harvard, pretendia explicar os comportamentos sociais humanos, e a própria organização social, sob a ótica do darwinismo. Os supostos genes que determinariam a riqueza dos indivíduos, posição social, sucesso empresarial e até mesmo a cultura (!), profetizados na época pela sociobiologia, provaram ser apenas mais um exercício de ficção científica ou de proselitismo ideológico.

Robert Wright retoma a questão, agora com cuidados adicionais. Em primeiro lugar, ele possui credenciais científicas poderosas, como Edward Wilson continua tendo, pré-requisito essencial para os candidatos a êmulos de Darwin. O que nos diz de novo a “psicologia evolucionista”? Numa discutível aproximação freudiana, ela estaria centrada na “psicologia sexual, que inclui tudo, desde o amor-próprio instável de um adolescente aos juízos estéticos que homens e mulheres fazem uns dos outros, os juízos morais que fazem uns dos outros, e mesmo os juízos dos que pertencem ao seu próprio sexo.” Existiria uma diferença básica entre a moralidade do homem e a da mulher, uma vez que “grande parte dessa psicologia sexual humana decorre da escassez de ovos (sic) se comparados aos espermatozoides.” A capacidade de produção de células reprodutivas é muito diferente em homens e mulheres e, segundo Wright, isso não seria um detalhe menor para explicar o comportamento sexual e moral humano. O homem estaria ciente de que dispõe de um arsenal gamético ilimitado, o que lhe permitiria “atirar a esmo” em combates com o sexo oposto, enquanto a mulher teria consciência da limitação numérica de sua munição reprodutiva, o que a obrigaria a optar pela estratégia do “tiro certeiro” para assegurar sua reprodução.

Até aqui estamos ainda estacionados na retórica sociobiológica da década de 1970. As inovações tomarão — sinal dos tempos — a forma de estruturas biológicas virtuais: os comportamentos seriam produzidos por “Órgãos mentais”, localizados no cérebro, embora sejam tão invisíveis quanto a memória ROM dos computadores. Esses “órgãos virtuais” seriam, como qualquer outro órgão, determinados pelos genes. Esses genes, e não os comportamentos que determinam, é que teriam sido selecionados ao longo das gerações. Desta forma, as concepções morais humanas poderiam ser tão “biológicas” quanto o ato de respirar ou de fazer a digestão. Os órgãos específicos que se encarregariam dessas tarefas seriam esses “órgãos virtuais” supostamente localizados no cérebro, que teriam introjetado comportamentos na mente humana. E quais seriam esses comportamentos, essa “moralidade natural biológica”?

Os homens estariam programados para classificar as mulheres em uma de duas categorias: santa ou prostituta. Algumas mulheres (as santas) teriam como estratégia reprodutiva escolher um homem com posses e poder suficiente para assegurar uma vida tranquila para si e para seus “ovos.” Elas seduziriam o escolhido, e só permitiriam relações sexuais após o casamento, quando o compromisso estivesse solidamente estabelecido. Esta teria sido a estratégia de Emma Weedgwood, a primeira “santa” do evangelho darwinista. Wright enfatiza que “se a dicotomia santa prostituta estiver firmemente enraizada na mente masculina, o sexo prematuro com uma mulher pode sufocar o amor nascente.” O cientista-conselheiro matrimonial arrisca um palpite para as solteironas na mesma página: “se você quer ouvir votos de eterna devoção até o dia de seu casamento — e quer ter certeza de que haverá esse dia — não durma com o seu homem até a lua-de-mel.” Afinal, prossegue Wright ainda na página 114, passando do cientificismo rasteiro para a pura baixaria, “um homem não vai comprar uma vaca se pode (sic) tirar leite de graça.”

*Charles Darwin teria pago caro pela sua santinha, um preço que hoje em dia nenhum homem paga mais. Ele e Emma mantiveram um casamento estritamente monogâmico, verdadeira linha de montagem uterina (foram dez filhos). Sem dúvida, foi um tiro certo. A abundância desse tipo de leite nas grandes cidades poderia explicar o declínio do número de casamentos e de filhos nas sociedades modernas. Mas a reprodução, a perpetuação da espécie, dependeria dessa instituição secular de forma que, para Wright, só haveria uma solução: a dura repressão aos transgressores. Mas ele não se refere ao casal.*

*“Uma vez que tenhamos examinado as desvantagens do casamento monogâmico de vida inteira (ele se refere à monotonia, etc.), especificamente numa sociedade de economia estratificada — em outras palavras, uma vez que tenhamos examinado a natureza humana — é difícil imaginar outra coisa senão a dura repressão como meio de conservar a união.” Mas, prossegue ele, não são necessários exageros. Afinal, “a infidelidade masculina talvez não constitua ameaça ao casamento enquanto não leva (sic) à deserção (refere-se ao divórcio); as mulheres aceitam viver com o companheiro que as traiu com maior facilidade do que os homens. E uma forma de assegurar que a infidelidade masculina não conduza à deserção é restringi-la às ... prostitutas.” Esse “padrão moral de dois pesos e duas medidas pode não ser justo, mas tem uma espécie de fundamento lógico”, uma vez que um marido traído poderia tratar mal seus filhos, duvidando que fossem realmente seus; mas a mulher traída teria sempre certeza que seus filhos provieram do estoque ilimitado de espermatozoides do animal moral que dorme com ela e, ademais, não teria dúvida que o ovócito fecundado em seu ventre é realmente seu. Será isso uma nova ciência? Não, definitivamente não é todo dia que nasce uma nova ciência.*

*O que temos aqui chama-se ideologia. O ideólogo interpreta o mundo à sua volta projetando nele os valores de sua cultura e, tão satisfeita está com eles, acredita que seja pura coincidência encontrá-los fora da esfera de relações por ele construída. Com entusiasmo, e por vezes inconscientemente, julga ter alcançado resultado tão legítimo, verdadeiro e abrangente que refaz o caminho de volta e percebe que pode explicar as relações sociais com a lógica que projetou na natureza. Os valores de sua cultura voltam revigorados, uma vez que seriam agora expressão do mundo natural, de Deus ou da seleção natural.”*

É isso!



## Coisas que Darwin não explica: o altruísmo

Como conciliar o sentimento de altruísmo com a psicologia darwinista?

Ora, não foi o ímpeto gratuito de compaixão e espírito de sacrifício, mas o traço hereditário simplesmente vital, ou seja, o desejo normal de viver e reproduzir-se de qualquer homem comum, o que se integrou no vasto oceano genético da humanidade?

Bem, segundo os “místicos” darwinistas, como o sociobiólogo E. O. Wilson, “ao beneficiar seus parentes, os atos altruístas preservam os genes altruístas, ainda que o altruísta não seja aquele que vai perpetuá-los. Por exemplo, entre a maioria dos organismos que se reproduzem sexualmente, um indivíduo partilha (em média) metade dos genes de seus irmãos e um oitavo dos genes de seus primos-irmãos. Assim, diante da opção de salvar-se sozinho ou sacrificar-se para salvar mais de dois irmãos ou mais de oito primos-irmãos, o cálculo

darwiniano favorece o sacrifício altruísta; isso porque, ao executá-lo, um altruísta estará na verdade aumentando sua própria representação genética em futuras gerações.”

Porém, o mesmo Gould o contesta: “A explicação de meu colega é plausível, é certo, mas dificilmente conclusiva, já que também existe uma explicação eminentemente simples e não-genética: não existem genes altruístas... Da mesma forma, sem dúvida nenhuma, existe altruísmo recíproco nas sociedades humanas, mas sua existência não é prova de base genética. Como já dizia Benjamin Franklin: “Precisamos todos permanecer juntos, ou com certeza pereceremos todos separados.”<sup>300</sup>

E também indaga: “Mas o que dizer de atos altruístas em benefício de não-parentes?”

Em novo trabalho realizado por um tal Tim Phillips<sup>301</sup>, outro “místico” darwinista, temos uma outra versão: “Durante muitos anos, a explicação clássica para o comportamento altruísta esteve baseada nos conceitos de reciprocidade e reputação”, afirma o pesquisador Tim Phillips. “Mas acho que é necessário buscar uma outra explicação.” E, como de praxe, a velha muleta adaptacionista entre em cena para brilhar no espetáculo da imaginação: “Phillips diz acreditar que “a expansão do cérebro humano teria aumentado significativamente o custo de educar crianças”. “Então, teria passado a ser importante para os nossos ancestrais escolher parceiros com disposição e capacidade para serem pais bons e comprometidos”, avalia.”

Conclusão: no darwinismo é assim: um mito substitui o outro!

É isso!



## Coisas que Darwin não explica: a inteligência

Qual a explicação darwinista para a inteligência, relacionada a um cérebro de extraordinária complexidade e cujo súbito aparecimento não parece ser capaz de se integrar no aludido mecanismo evolutivo?

Até pouco tempo os darwinistas acreditavam que as semelhanças entre o homem e o animal, em especial os chimpanzés, “eram tamanhas que traços como a habilidade para linguagem e matemática também estivessem presentes nos animais, e que tudo o que nos separava deles era uma questão de graduação.” Mas, como os próprios darwinistas divulgaram recentemente, as limitações da linguagem animal em relação ao homem são enormes e indiscutíveis.

Já no que concerne ao adaptacionismo, qual teria sido a utilidade adaptativa das manifestações da inteligência?

A inteligência humana teria sido resultado de uma seleção da aptidão em fabricar ferramentas, conforme propôs Darwin? Ou teria sido resultado da aptidão em organizar a caça ao grande animal, como imaginou Ernest Mayr? Ou ainda resultado da aptidão em manipular as relações sociais, graças à linguagem, como sugeriram pesquisadores americanos?

Segundo Darwin, as expressões mais refinadas da emoção humana tinham uma origem animal. Ele escreveu um livro inteiro defendendo esta tese. Alfred Russel Wallace, ao contrário, acreditava na criação especial da inteligência humana, a única imposição do poder divino sobre um mundo orgânico inteiramente construído pela seleção natural. A história nos mostra que, toda vez que se puseram a explicar a inteligência à luz da teoria evolutiva, sempre se apelou para o racismo e preconceitos. Um exemplo citado por Gould,

refere-se a Paul Broca. Diz Gould: “*Broca e sua escola queriam mostrar que o tamanho do cérebro, através do seu elo com a inteligência, poderia resolver o que eles consideravam a questão primária para a "ciência do homem" – explicar por que alguns indivíduos e grupos são melhor sucedidos do que outros. Para isso, dividiram as pessoas de acordo com convicções apriorísticas acerca do seu valor – homem versus mulheres, brancos versus negros, "homens de gênio" versus pessoas comuns – e tentaram demonstrar diferenças no tamanho do cérebro. Os cérebros de homens eminentes (literalmente homens) formaram um elo essencial da sua tese – e Cuvier era o creme de la creme. Como conclusão, escreveu Broca: Em geral, o cérebro é maior nos homens que nas mulheres, nos homens eminentes do que nos de talento mediocre, nas raças superiores do que nas inferiores. Como em outras coisas, existe uma relação notável entre o desenvolvimento da inteligência e o volume do cérebro. Broca morreu em 1880, mas seus discípulos continuaram a catalogar cérebros eminentes (de fato, acrescentaram o do próprio Broca à lista, embora seu cérebro pesasse uns meros 1.484 gramas).*”<sup>302</sup>

É isso!



## Teoria da Ovulação

Uma das grandes virtudes dos ultradarwinistas diz respeito à fantástica capacidade de criar estórias.

Bem. Se ficasse por aí, maravilha: mito é cultura! Todavia, tal virtude torna-se num grave vício quando tentam transformar esses mitos em verdades. Verdades inquestionáveis, diga-se de passagem!

Estando a folhear um desses livros que tentam “didaticamente” ensinar evolução, deparei-me com o título “A Beleza da Fera”, de Natalie Angier, onde se estampava o capítulo: “Uma nova teoria sobre menstruação.”

A autora, tratando desse “drama” feminino traz à tona a teoria de Margie Profet, uma bióloga evolutiva da Universidade de Washington, a qual afirma que “a menstruação surgiu para o bem da própria mulher, como um mecanismo para proteger o útero e as trompas de Falópio contra os micróbios nocivos trazidos pelos espermatozoides.”

Segundo a bióloga, diz a autora, “o útero é extremamente vulnerável às bactérias e aos vírus que podem estar pegando carona com o esperma, e a menstruação é uma maneira agressiva de evitar infecções que podem provocar esterilidade, doenças e até mesmo a morte.”<sup>303</sup>

A idéia da bióloga seria a de “responder à questão de por que o corpo das mulheres, antes da menopausa, se dá ao trabalho de desperdiçar quantidades consideráveis de sangue e tecido a cada mês, perdendo ferro e outros nutrientes valiosos, durante o processo.”

Bom. Não sei em que deu esta teoria. Não sei se ela “pegou.” Na verdade, nem mesmo sei qual seria a explicação “oficial” do darwinismo sobre este “delicado” assunto. Em termos darwinistas e do ponto de vista da seleção natural, qual seria a finalidade da menstruação? Ou melhor: quais as vantagens da mulher menstruar periodicamente? E mais: a partir de que instante no suposto processo evolutivo a fêmea começou a menstruar?

Ah, não custa lembrar que, contra esta teoria há o grave fato de que em sendo ela verdadeira, teria necessariamente inúmeras implicações médicas. Por exemplo, se o sangramento colabora na prevenção de infecções, deveria as mulheres evitar o uso de contraceptivos que eliminem a menstruação?

Moral da estória:

Tem muitos darwinistas por aí em perene TPM epistêmica! ((rs))

É isso!



## Darwin e "o pé no saco"

A teoria de Darwin é um verdadeiro espetáculo!

Altruísmo, suicídio, homossexualismo, celibato, angústia, tristeza, depressão, paixão, prazer... nada há que não tenha sido "devidamente explicado" por esta elegantíssima teoria, que sintetiza em si a universalidade da razão e do saber. O darwinismo consegue inclusive superar as façanhas do freudismo e do marxismo. Darwin não apenas sobrepuja Freud e Marx como, também, suplanta Plaey e até mesmo Buda.

A Seleção Natural é como um "abre-te Sésamo" de aplicação geral. Até mesmo aquele terrível "pé no saco", ou melhor, nas "partes baixas", pode ser elucidado por Darwin. Bom, pelo menos é o que diz esta matéria da revista Galileu: "*A dor intensa, tanto para homens como mulheres, não existe por acaso. É fruto da seleção natural. Homens que sentem mais dor nos testículos têm mais chance de deixar descendentes, já que protegem mais a área, responsável justamente pela reprodução. E, nas mulheres, ocorre o mesmo, já que a dor faz com que elas protejam os seios contra lesões, o que é essencial para amamentar os filhos!*"<sup>304</sup>

É isso!



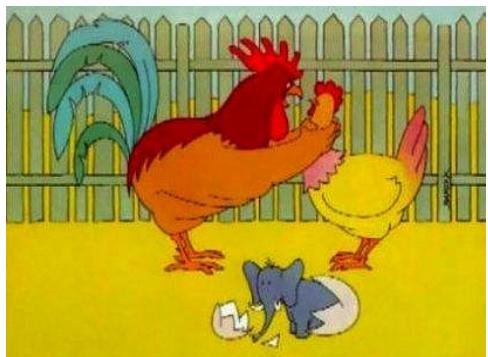
## Altruísmo: uma pedra no sapato da galera de Darwin

Segundo Rémy Chauvin ("O Darwinismo ou o Fim de um Mito"), "o altruísmo é o inverso da 'luta pela vida'." Diante disso pergunta-se:

1. Afinal, como explicar o comportamento altruístico do ponto de vista da Seleção Natural e de outros mecanismos evolutivos coadjuvantes?
2. Um animal será altruísta quando se limita a ferir ligeiramente um rival, embora possa matá-lo, tendo em vista que este mesmo rival possa ser posteriormente capaz de, por sua vez, o matar?
3. Qual o interesse, do ponto de vista da Seleção Natural, de um pássaro hóspede alimentar e criar a ninhada de outro, como ocorre com o cuco? Qual o benefício desse pássaro altruísta em favorecer os interesses reprodutores do detestável parasita social?
4. Segundo explicação do darwinismo tradicional, ao beneficiar seus parentes, os atos altruístas preservem os genes altruístas, mesmo que o altruísta não seja aquele que vai perpetuá-los, de modo que, ao executá-lo, um altruísta estará na verdade aumentando sua própria representação genética em futuras gerações. Ou seja, a seleção favorecerá a preservação desses genes altruístas. Porém, o que dizer de atos altruístas em benefício de não-parentes?

5. Como o comportamento altruístico, que implica sacrifício da sobrevivência e reprodução pessoal, seria transmitido pelos parentes próximos que não revelaram tal tendência comportamental, mas podem, pelo contrário, ser terrivelmente egoístas e gozadores frios? 6. Levando em conta que o mecanismo de Seleção Natural tende a favorecer o indivíduo mais forte, mais esperto, mais inteligente e mais egoísta no sentido de preservação da própria vida e descendência, como explicar que a natureza crie heróis altruísticos mais prontos a se sacrificar pelos mais fracos? Como pode ser vantajoso, do ponto de vista da seleção natural, ajudar o rival, perdoar o inimigo, colocar o último em primeiro lugar e sacrificar a própria libido em benefício de um propósito religioso que ultrapassa o indivíduo? (PENNA, "Polemos", 2006).

É isso!



### Mais uma da turminha "evo psy"

"Estudo liga infidelidade masculina a QI mais baixo", noticiou o site da BBC<sup>305</sup>, enfatizando um estudo que associa a escassez de inteligência à infidelidade masculina: "*Homens que traem as esposas e namoradas tendem a ter QI mais baixo e ser menos inteligentes, segundo um estudo publicado na revista especializada Social Psychology Quarterly.*"

Só pelo título já foi possível vislumbrar o "dedo de Darwin" por trás. E não deu outra: "Kanazawa foi mais longe e disse que outra conclusão do estudo é que o comportamento "fiel" do homem mais inteligente seria um sinal da evolução da espécie. Sua teoria é baseada no conceito de que, ao longo da história evolucionária, os homens sempre foram "relativamente polígamos", e que isso está mudando. Para Kanazawa, assumir uma relação de exclusividade sexual teria se tornado então uma "novidade evolucionária" e pessoas mais inteligentes estariam mais inclinadas a adotar novas práticas em termos evolucionários – ou seja, a se tornar "mais evoluídas."

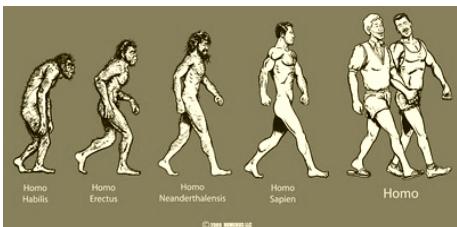
Para o autor, isso se deve ao fato de pessoas mais inteligentes serem mais "abertas" a novas idéias e questionarem mais os dogmas.

Mas segundo Kanazawa, a exclusividade sexual não significa maior QI entre as mulheres, já que elas sempre foram relativamente monogâmicas e isso não representaria uma evolução."

O estudo é tão absurdo que ele, por si mesmo, se auto aniquila. Se já é complicado "medir a inteligência", imagine-se só medi-la à luz de eventos que supostamente aconteceram a milhões de anos ("Sua teoria é baseada no conceito de que, ao longo da história evolucionária, os homens sempre foram "relativamente polígamos", e que isso está mudando"). Ademais, essa besteira de Q.I. também já há muito perdeu sua razão de ser (uma pessoa que sabe tocar violino não é nem um pouco mais inteligente do que um roceiro laçador de bois). É por essas e outras que o darwinismo cada vez mais se autodestrói. Sim, afinal, uma teoria que mete o bedelho em tudo quanto é buraco não pode ser levada muito a serio.

Pobre Salomão, que dizem ter tido mil mulheres! ((rs))

É isso!



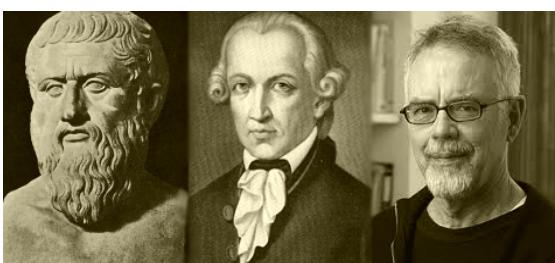
## Do "homo Habilis" ao "homo Sexualis"

Dentre as muitas bizarrices da teoria evolucionista, uma delas refere-se à estranha tentativa de se tentar "usar" Darwin a fim de explicar os mais variados tipos de comportamentos humanos.

Especificamente em relação à homossexualidade, por exemplo, embora tal comportamento em termos evolutivos não apresente nenhuma "vantagem" (os homossexuais não geram filhos), já deram um jeito de "encontrar" nele um fundamento adaptativo e genético. Atribuindo-lhe um caráter adaptativo. E. O. Wilson justifica-o afirmando que a sociedade humana ancestral estava organizada em unidades familiares inimigas. Algumas dessas unidades eram formadas exclusivamente por heterossexuais; outras unidades continham membros homossexuais que agiam como "ajudantes" na caça e na criação e cuidados das crianças. Ou seja, os homossexuais embora não tivessem filhos ajudavam a criar seus parentes geneticamente próximos. Desta forma, tal comportamento favorecia seus genes já que quanto maior a quantidade de parentes que ajudassem a criar, maior a probabilidade de transmitirem genes parecidos aos seus. Desta forma, as unidades que incluíam homossexuais acabaram prevalecendo sobre as que eram heterossexuais, o que explicaria a sobrevivência dos supostos "genes da homossexualidade."

Todavia, segundo Stephen Jay Gould trata-se de uma estratégia perigosa, uma vez que não existe comprovadamente nenhum gene da homossexualidade. Assim, estando a especulação genética errada, o tiro pode sair pela culatra: *"Se se defende um argumento dizendo que as pessoas foram diretamente programadas para ele, como se pode continuar a defendê-lo caso a especulação esteja errada? O comportamento passaria a ser "não-natural" e digno de condenação. O melhor é ficar resolutamente com a posição filosófica da liberdade humana: o que adultos livres fazem entre si, em particular, é problema deles. Não precisa ser justificado — nem deve ser condenado — pela especulação genética."*<sup>306</sup>

É isso!



## "Platão, Kant e... Trivers"... ?

Falando do Jornal Folha de São Paulo, especialmente sua Seção de Ciência<sup>307</sup>, divulgou-se nela tempos atrás, uma matéria referente ao biólogo e um dos fundadores da Sociobiologia darwinista Robert Trivers.

Como já seria de esperar, o jornal fez exaltados elogios a este darwinista, que a própria matéria em referência diz tratar-se de "um dos grandes pensadores da história do Ocidente - provavelmente o único deles que é defensor da maconha."

Bom. Gosto pessoal à parte, sabe-se que Trivers faz parte daquele "seleto" grupo de darwinistas (também chamado "Evo Psy") que usa e abusa dos pressupostos da Teoria da Evolução a fim de tentar explicar uma gama variada dos comportamentos humanos. Segundo o autor: *"A empolgação com o cientista se deve ao fato de que Trivers, quase sozinho, revolucionou a psicologia, ao propor, nos anos 1970, elos entre o comportamento humano e a teoria da evolução."*

Dentre as inúmeras teorias propostas por Trivers, uma delas diz que o homem evoluiu para crer em mentiras, e de tal maneira que essas mesmas mentiras o fazem sentir melhor, servindo ainda para justificar seu comportamento mentiroso.

Talvez isso explique em partes porque certas mentiras que norteiam à Sociobiologia darwinista façam muitas pessoas se sentirem melhores e mais iluminadas do que outras. A Teoria da Evolução parece explicar-se a si própria...

É isso!

#### Document Sheds Light on Investigation at Harvard



By Tom Bartlett

*Ever since word got out that a prominent Harvard University researcher was on leave after an investigation into academic wrongdoing, a key question has remained unanswered: What, exactly, did he do?*

*The researcher himself, Marc D. Hauser, isn't talking. The usually quotable Mr. Hauser, a psychology professor and director of Harvard's Cognitive Evolution Laboratory, is the author of *Moral Minds: How Nature Designed Our Universal Sense of Right and Wrong* (Ecco, 2006) and is at work on a*

Gaye Gerard, Getty Images  
The evolutionary psychologist Marc D. Hauser was told by Harvard to explain issues that had been raised about a few of his articles to the journals that published them.

## Marc Hauser é afastado de Harvard por má conduta

Embora ainda não se saiba detalhes do afastamento de Marc Hauser (um famoso psicólogo evolucionista) da universidade de Harvard, o fato é que sua saída deveu-se,

segundo notícias publicadas recentemente em vários jornais, à "má conduta científica." Por "má conduta" entenda-se erros intencionais nos resultados de suas pesquisas. Hauser ficou famoso por especular no âmbito da Psicologia Evolucionista a respeito de supostos comportamentos morais inatos em humanos e primatas. Dentre suas obras, a mais conhecida é "Mentes Morais" ("Moral Minds"), a qual fora recebida pelos darwinistas com ostentosa galhardia. Em 2007, por exemplo, o colunista da Folha de São Paulo <sup>308</sup>, Hélio Schwartsman, escreveu a respeito: "*Um dos livros mais instigantes que li este ano é "Moral Minds" (mentes morais), de Marc Hauser, no qual este biólogo evolucionário de Harvard apresenta um modelo bastante convincente de como desenvolvemos um senso universal do certo e do errado...*

*Para além da riqueza de dados e novas perspectivas, "Moral Minds" oferece farta munição para destruirmos algumas "idées reçues" (idéias recebidas) renitentes. Uma falsa crença com a qual sempre me vejo às voltas quando incorro em textos ateus é a de que a religião é a fonte do comportamento moral das pessoas. Besteira. Como Hauser mostra de forma muito competente, a moralidade é tributária de um instinto que se consolidou no homem muitos milênios antes do primeiro padre celebrar a primeira missa. O que a religião fez, além da tentativa de usurpar para si a ética, foi despi-la de seus parâmetros variáveis e congelá-la no tempo, proclamando-a una e eterna. A menos que imaginemos um Deus racista, que faça questão de condenar todos os fortes, de Papua-Nova Guiné, (canibais) e todos os faraós ptolomaicos (incestuosos), entre muitos outros povos e grupos que violam comandos bíblicos, temos de concluir que a moral é assunto complicado demais para ficar apenas nas mãos de religiosos.*"

Não é de hoje que modestamente venho apontando a fragilidade das premissas da chamada Psicologia Evolucionista, também conhecida como "Evo Psy." Uma das características mais comuns das pesquisas realizadas por pessoas envolvidas com esta vertente da teoria evolutiva refere-se à incapacidade de serem empiricamente testadas. Quase sempre baseiam-se em suposições e inferências relacionadas a eventos que supostamente ocorreram a muito tempo atrás. O caso de Hauser, embora não se conheça detalhes, parece apontar para essa insuficiência da "Evo Psy" em lograr êxitos a partir de fatos suscetíveis de experimentações.

É isso!



## Ainda sobre o afastamento de Marc Hauser

Conforme citado anteriormente, o psicólogo americano Marc Hauser, um conhecido expoente da chamada Psicologia Evolucionista, que nada mais é do que o espoço vivificante da velha e Sociobiologia darwinista, foi afastado da Universidade Harvard por “má conduta científica”, sendo acusado de fraudes em pesquisas sobre a “moral inata.”

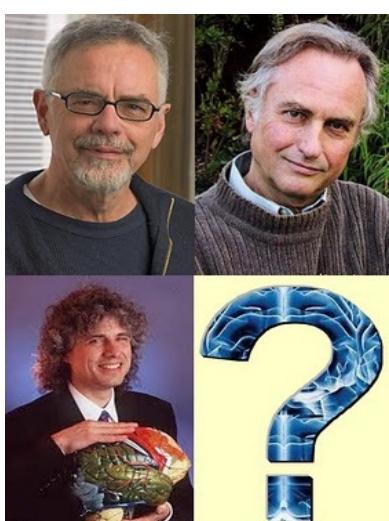
No auge de sua fama, em 2002, Hauser deu uma entrevista à Folha de São Paulo <sup>309</sup>, na qual falou de seus trabalhos sobre a linguagem humana e dos animais. Lá pelas tantas o jornalista lhe perguntou:

“Como foi a recepção à idéia de que todos os animais são equipados com um "kit" cognitivo básico”? Ao que ele respondeu: *“Eu acho que a reação foi relativamente favorável. A idéia básica de que há especializações distintas no cérebro é uma visão predominante na ciência cognitiva, então, o que eu sugeria para animais não era repugnante para as pessoas em ciência cognitiva. Desde que eu publiquei o livro, um dos estudantes que trabalhavam comigo [Brian Hare] mostrou, agora em chimpanzés, evidências muito mais fortes para uma capacidade que eu disse que faltava em animais, que é a de atribuir crenças e desejos a outros indivíduos, a chamada teoria da mente.”*

Sobre a questão de sua má conduta em Harvard, segundo um artigo publicado em *The Chronicle* <sup>310</sup>, os resultados dos experimentos em questão foram transcritos por Hauser e um assistente de seu laboratório. Hauser solicitou a um segundo assistente para rever os dados. Ao revisar as transcrições do primeiro assistente, este outro notou que os macacos não demonstravam apresentar nenhuma alteração nos padrões a que foram submetidos. O resultado, portanto, apontava para um total fracasso na pesquisa. Todavia, na transcrição feita por Hauser o saldo final dos experimentos com os macacos apresentou absoluto sucesso. Mais tarde os dois assistentes decidiram revisar os dados sem a permissão de Hauser e os transcreveram de forma independente, encontrando grandes falhas na pesquisa feita pelo professor de Harvard. A partir daí o castelo do famoso psicólogo evolucionista começou a desmoronar, culminando no seu afastamento dessa prestigiosa universidade.

Pessoalmente, sempre fui um crítico das especulações darwinistas da chamada Psicologia Evolucionista, também conhecida por “Evo Psy.” O motivo básico é que geralmente tais pesquisas já partem de uma idéia pré-concebida e de um desejo que as causas se sucedam de um determinado modo. No fim eles sempre acabam dando um jeitinho de “provar” que Darwin tinha razão e por vai...

É isso!



## Psicologia evolucionista: e agora?

Em 2009 as revistas *Science* (americana) e *Nature* (britânica) listaram os avanços científicos mais significativos daquele ano. Em terceiro lugar da lista apreciam as pesquisas de Marc Hauser, sobre “o valor biológico da justiça.” Hauser, segundo foi divulgado, demonstrou que um macaco prefere passar fome a ter de aceitar uma situação de injustiça, o que sugeriria que o sentimento de justiça é algo que conduzimos em nossa carga genética.

Como já foi amplamente noticiado pela mídia tempos atrás, o biólogo de Harvard foi afastado desta prestigiosa universidade por suspeita de fraudes em suas pesquisas. Em 2006 Hauser propôs através de seu livro “Moral Minds” (“Mentes Morais”) que o cérebro possui um mecanismo geneticamente determinado na obtenção das regras morais. Numa entrevista publicada neste mesmo ano pela a revista Crescer<sup>311</sup>, quando perguntado sobre “a gramática moral”, que supostamente orienta nossos julgamentos de certo e errado, respondeu: “*De forma resumida, a idéia é de que existe um conjunto de princípios ou regras inconscientes e inacessíveis que orienta nossos julgamentos intuitivos de certo e errado. Os princípios consistem em cálculos em relação às causas, intenções e consequências da ação referente a questões de bem-estar e justiça.*”

A fragilidade da chamada psicologia evolucionista há muito foi discutida por outros darwinistas, como Stephen Jay Gould e Richard Lewontin. Dentre os principais problemas com esta vertente da teoria evolutiva, pode-se citar:

1. Suas hipóteses dependem de conclusões extrapoladas a partir de eventos que supostamente aconteceram em um tempo muito remoto.
2. Suas explicações não podem ser verificadas experimentalmente e, portanto, fica no “acredite se quiser.”
3. Suas extrações partem da premissa de que os comportamentos essenciais da espécie humana estão traçados dentro dos seus genes, sendo por eles transmitidos à sua posteridade.
4. Suas premissas dizem que, se existem maneiras universais de agir, é porque foram selecionadas no decorrer da evolução.
5. Suas pesquisas são todas conduzidas para provar a Teoria da Evolução como um fato consumado, daí obras como “Mentes Morais” e “O Gene Egoísta.”

É isso!



## A falsa beleza darwiniana

*“Até aqui me tenho referido somente às espécies em que os machos apresentam cores mais vivas do que as fêmeas e atribuí a sua beleza ao fato de que durante muitas gerações as fêmeas devem ter escolhido os machos mais atraentes e com eles ter-se acasalado. Ainda que raros, existem contudo casos contrários em que as fêmeas são mais vistosas do que os machos; e aqui, como creio eu, os machos têm escolhido as fêmeas mais belas e desta maneira aumentam lentamente a sua beleza. Desconhecemos o motivo por que em várias classes de animais os machos de algumas espécies escolheram as fêmeas mais belas ao invés de aceitarem com prazer qualquer fêmea, conforme parece regra geral no reino animal; mas se as fêmeas fossem muito mais numerosas do que os machos — contrariamente a quanto geralmente acontece com os Lepidópteros — então os machos provavelmente escolheriam as fêmeas mais belas.”*<sup>312</sup>

Poucas coisas são tão subjetivas quanto a definição do que seja o belo. O “feio” é sempre aquele que não me agrada e que não se enquadra nos meus padrões de beleza. O fato de uma mulher ser considerada bela não faz dessa mulher realmente bela. Ela pode ser “bela” para mim, o que não significa que será assim para o vizinho do lado. Não há, pois, um padrão de beleza que se possa tomar como universal. E se já é complicado definir beleza a partir das lucubrações humanas o que se dirá tentar entendê-la sob a lógica dos bichos!

Assim, dada a relatividade dos conceitos de beleza, e tomando como referência a explicação de Darwin acima citada, pergunta-se: Por que os encantos das fêmeas e a força do macho são as características mais seletivas? Como a fêmea sabe que aquele macho é realmente o mais belo e o mais vigoroso entre todos os demais? Ele é mais belo apenas porque a fêmea o escolheu para acasalar e gerar filhotinhos? Qual, afinal, o critério que se estabelece para concluir que o escolhido seja de fato o mais belo e o mais vigoroso?

Ou no caso específico do homem, como indagaria Penna (“Polemos”): como explicar o “strip-tease” feito pelo *Homo sapiens* no decorrer da evolução, levando em conta a relatividade dos conceitos de beleza? Por que não poderíamos, em outras circunstâncias do processo evolutivo, cativar-nos diante da beleza de uma mulher peluda em vez de pelada, da mesma forma como admiramos, digamos, a beleza da peliça de uma gata angorá, uma raposa argentée, uma égua de corrida ou uma fêmea de tigre?

Hum?

É isso!



## A ideologia dos genes

Escrevendo acerca dos defensores do determinismo genético, ou seja, dos que postulam que determinados comportamentos humanos sejam meros resultados da ação dos genes, Marcel Blanc sintetiza, em “Os Herdeiros de Darwin”, um pouco da fragilidade desta falácia: “*Eles não têm, na maioria das vezes, nenhuma prova direta de que este ou aquele comportamento examinado é determinado geneticamente. Apenas, postulam-no por uma necessidade da teoria.* Por exemplo, se a guerra intertribal permite a um grupo propagar seus genes de modo mais eficaz (após o extermínio do grupo rival), então deve haver genes da guerra da conquista. Mas com este tipo de raciocínio pode-se ir longe. Wilson, por exemplo, supõe que há nos seres humanos genes para a homossexualidade, a crença em Deus, a disposição para se deixar doutrinar ou para se conformar com a opinião da maioria. Pode-se da mesma forma supor que existem genes que predispõem a trabalhar, a fazer política, comércio, filosofia, poesia..., uma vez que os seres humanos fazem tudo isso há muito tempo e que sempre podemos imaginar que todas essas atividades beneficiam a sobrevivência do grupo social (e a propagação dos genes pre-senlrs nesse grupo).

*Na verdade, nenhum estudo demonstrou que existe um determinismo genético de algum traço, mesmo que seja da personalidade humana. Os únicos estudos que poderiam ter um valor de demonstração aos olhos dos geneticistas são os que tratam dos gêmeos univitelinos separados. Estes tem exatamente o mesmo patrimônio genético e, se forem separados suficientemente cedo (como consequência de problemas familiares), pode-se tentar ver se seu desempenho intelectual, se seus traços de personalidade (introversão, humor, etc.) são influenciados prioritariamente por sua família adotiva ou por seu patrimônio genético. Em geral, os estudos sobre gêmeos univitelinos separados têm demonstrado que há uma grande semelhança em seu desempenho e em seus traços de personalidade sugerindo a preponderância da hereditariedade sobre o meio de adoção. O que leva muitos cientistas a dizerem que o determinismo genético da inteligência e dos traços de personalidade é, portanto, muito forte. Porém, o psicólogo americano L. Kamim demonstrou claramente que, na maior parte desses estudos, os gêmeos univitelinos não eram realmente separados (por exemplo, eram hospedados por famílias da vizinhança, logo, viam-se com frequência, etc.). Além disso, como assinalou o*

*geneticista R. Lewontin, nenhum desses estudos é suficientemente rigoroso: não há realmente diversidade nos meios de adoção dos gêmeos univitelinos separados, de maneira que a semelhança de comportamento pode ser atribuída a uma semelhança de seus respectivos ambientes.”*<sup>313</sup>

Outro que também teceu duras críticas ao determinismo genético, foi Ulisses Capozolli, diretor (na época) da revista *Scientific American Brasil*, numa entrevista concedida a Claudio Tognolli, em seu livro “A falácia Genética”<sup>313</sup>:

*TOGNOLLI: Como o senhor tem lido as notícias que relatam, por exemplo, a descoberta de “genes do homicídio”:*

*CAPOZOLLI: Eu acho que há duas questões aí. A primeira é um esforço, uma tentativa, de localizar as coisas como se você as pontuasse geograficamente, na verdade uma visão reducionista da ciência, você vai num determinado lugar, abre uma arca e as coisas estão todas ali, e você tira, e não expõe aos olhos digamos devassadores da ciência. Não se leva em conta o balanço das coisas, do mundo. O gene é como qualquer coisa do mundo, tem uma história, ele é produto de uma história, ele é moldado numa interação com o ambiente, por exemplo. E nada disso é novo. Esse tipo de coisa não é considerado, isto é, dizer que algo é genético é fazer uma simplificação, você coloca dentro dessas questões e você retira disso todo um processo histórico, como se não tivesse espaço, história, ambiente, memória, não tem nada, é um negócio que está ali. Isso é um pouco parecido com a visão cartesiana do universo, um sistema de mecanismos de relógio, e quando Isaac Newton chega e diz há uma força agindo à distância, eles o chamam de bruxo, porque a coisa não batia com a visão cartesiana. O outro lado dessa questão é uma reação da ciência moderna contra a visão teológica, você tinha uma visão do mundo, na Idade Média, e quando a revolução científica se manifesta no século XVII houve uma nova disposição. Foi muito interessante isso, no sentido de varrer toda a falsa ciência. Então, por exemplo, toda a vez que aparecia um cometa as igrejas tocavam os sinos e os poderosos e os pobres, todos com peso de consciência, iam lá, especialmente os ricos, e faziam as doações e a Igreja aceitava, se bem que o mundo fosse acabar. Então vejamos, quando Newton anuncia o princípio de gravitação, há um ordenamento no cosmos e ao mesmo tempo são varridos todos esses demônios do obscurantismo. Mas toda essa racionalização do mundo faz uma figura muito genérica, muito ampla, e você escamoteia uma série de questões. O problema do vitalismo, por exemplo: você tem duas árvores, uma viva e a outra morta. O que uma árvore viva tem que a morta não tem mais? Tem uma energia vital, e a isso o velho Aristóteles responderia sem dificuldades. Se você fizer a mesma pergunta para alguém hoje, a pessoa vai te responder o seguinte: que o fungo matou, que o pesticida matou, que a praga matou, mas escamoteia a resposta, vai te dizer do que ela morreu, mas não era essa a tua pergunta. Então eu acho que com o gene aconteceu a mesma coisa, a ideia do vitalismo foi varrendo e chegamos na estrutura genética. Então temos agora essa visão puramente mecanicista e reducionista da vida. Existe um certo receio hoje de se olhar para outras possibilidades, e na cabeça dessas pessoas o outro extremo é a ideia de Deus, o do que o Papa ou o Pastor falam. Temos hoje um confinamento num par de pólos opostos. Você não tem uma visão intermediária no meio disso que evoque o profundo mistério do mundo. Então eu acho que essa é uma dificuldade da imprensa mas é também uma dificuldade da academia, especialmente de uma academia com uma tradição e uma herança positivista como a nossa.”*

Igualmente Stephen Jay Gould, que sempre se mostrou um severo crítico da “ideologia do DNA.” Por exemplo, em seu livro “Darwin e os Grandes Enigmas da Vida”<sup>314</sup>, escreveu: “Os partidários do determinismo biológico asseveraram que a ciência pode deslindar todo um emaranhado de superstições e sentimentalismos e instruir-nos sobre nossa verdadeira natureza. Suas afirmações, porém, têm tido um efeito diferente: são usadas pelos líderes de sociedades de classes estratificadas para afirmar que uma ordem

*social vigente deve prevalecer porque é uma lei da natureza. Naturalmente que nenhuma opinião deve ser rejeitada porque não gostamos de suas implicações. A verdade, como a entendemos, deve ser o critério primeiro. No entanto, as asserções dos deterministas sempre acabaram mostrando-se especulações preconceituosas e não fatos comprovados — a antropologia criminal de Lombroso é o melhor exemplo que conheço.”*

[...]

*“Uma vez mais o determinismo biológico faz alarde, cria uma onda de debates e conversas inconsequentes e desaparece por falta de provas. Por que somos tão fascinados por hipóteses que envolvem disposição inata? Por que o desejo de impingir a responsabilidade por nossa violência e sexism em nossos genes? A marca registrada da humanidade não é só nossa capacidade mental, é também nossa flexibilidade mental. Fizemos o mundo e podemos mudá-lo.”*

[...]

*“Quais seriam, então, as razões não-científicas que favoreceram o ressurgimento do determinismo biológico? Variam, suspeito eu, de metas vulgares como o pagamento de polpudos royalties a best sellers a tentativas perniciosas de reintroduzir o racismo como ciência respeitável. Seu denominador comum deve estar em nosso mal-estar atual. É muito satisatório descarregar a responsabilidade pela guerra e violência em nossos ancestrais, presumivelmente carnívoros. É muito conveniente culpar os pobres e famintos por sua condição — antes que nos vejamos forçados a culpar nosso sistema econômico ou nosso governo pelo fracasso abjeto em garantir uma vida decente para todos. E que argumento conveniente para aqueles que controlam o governo e que, por sinal, fornecem o dinheiro de que precisa a ciência para sua própria existência!”*

E, por fim, Nélio Bizzo<sup>315</sup>, que destila "venenosamente" sua ironia sobre os sociobiólogos darwinistas: "Dentro dessa ótica, o comportamento social humano seria apenas e tão somente o resultado da expressão de genes incrustados em nosso material genético, que a seleção natural teria cuidado de apurar com o decorrer das gerações. Seria possível agora entender a disputa entre Aquiles e Agamenon, na Ilíada, por uma bela escrava, e porque os filhos nascidos dessas conquistas eram tolerados pelas esposas legítimas, sendo homens livres e utilizando o nome do pai biológico.

A "psicologia evolucionista" poderia até mesmo transformar em paradigma biológico, verdadeiro objetivo perseguido pela natureza, a mulher grega da época heróica de Homero, a reproduutora que cuida da casa, dos filhos e das escravas, que o marido transforma em concubinas a seu bel-prazer. Da mesma forma, a prostituição, protegida pelo Estado em Atenas, poderia também ser um imperativo biológico. Os jônios, quem diria, poderiam agora ter seu comportamento sexual e sua organização social explicados pela "nova ciência" e, ainda por cima, verem-se transformados em exemplos modelares da evolução biológica do comportamento moral.

É bem verdade que esta não seria a primeira tentativa. Basta lembrar que há pouco mais de vinte anos manchetes anunciam uma nova ciência e um livro revolucionário: "Sociobiologia: A nova síntese." Seu autor, Edward Wilson, de Harvard, pretendia explicar os comportamentos sociais humanos, e a própria organização social, sob a ótica do darwinismo.

Os supostos genes que determinariam a riqueza dos indivíduos, posição social, sucesso empresarial e até mesmo a cultura (!), profetizados na época pela sociobiologia, provaram ser apenas mais um exercício de ficção científica ou de proselitismo ideológico"

É isso!



## Depressão e adaptação

Dentre os muitos significados atribuídos pelo “Aurélio” à palavra “adaptação”, um deles diz tratar-se de “ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente.” Os darwinistas costumam afirmar que a Seleção Natural atua para adaptar cada vez mais e melhor os organismos às necessidades do ambiente onde vivem.

E para exemplificar o funcionamento do adaptacionismo a la Darwin, faço menção de um artigo intitulado “O lado bom da depressão”<sup>316</sup>, publicado tempos atrás pela revista Galileu, no qual Darwin mais uma vez se faz presente: “Segundo Darwin – ele próprio um notório deprimido, como explicitou em várias cartas ao longo da vida –, as espécies passam por um inexorável processo de adaptação em que características mais favoráveis a sua existência acabam sendo passadas de geração a geração. Trata-se de um afinadíssimo mecanismo de seleção e especialização que garante a permanência de traços que nos deixam mais aptos a encarar os obstáculos. Adeptos da psicologia evolucionista acreditam que a seleção natural não envolve apenas o corpo. As características da mente humana também seriam o resultado de uma longa jornada de depuração em nome da sobrevivência e reprodução. Se a teoria de Darwin é amplamente aceita até hoje no meio científico, argumentam Thomson e Andrews, então a depressão não pode ficar de fora. Em outras palavras, a depressão seria uma adaptação humana que chegou até nós com tamanha incidência não por acidente, mas porque precisamos dela como indivíduos.”

Como contra-argumento à explicação adaptativa acima, faço menção de uma postagem interessante que encontrei num fórum popular da Internet, numa comunidade dedicada à Teoria da Evolução, por alguém chamado Leandro: “Não se observa essa correlação: depressão => indivíduos mais aptos e fortes. Pelo contrário. Como já foi dito, doença mental é algo que atrapalha a vida normal. Se depressão deixasse os indivíduos mais aptos e fortes não seria doença. E é doença. É uma das maiores causas de incapacidade para o trabalho. O risco de suicídio entre depressivos é muito maior do que na população geral. O grau de desagregação familiar e de insatisfação com a vida é imenso. Além disso, depressão somente é considerada curável em 1/3 dos casos. Em 1/3 existem recaídas. No outro 1/3 praticamente é uma crise atrás da outra. Somente consigo imaginar a depressão como algo útil para artistas. Parece que o sofrimento traz alguma inspiração para pintores, músicos, escritores e outros. Pelo menos até eles se matarem. Para o restante da população certamente depressão não é agradável nem traz qualquer vantagem evolutiva.”

É isso!



## A vantagem evolutiva do “pé-de-cana”

A capacidade intelectual, quem diria, está diretamente relacionada ao ato de beber!

Bom, pelo menos é o que andou dizendo o psicólogo evolucionista Satoshi Kanazawa. Segundo ele, os mais capazes intelectualmente são também excelentes bebedores.

Estudos realizados pelo National Child Development Study (Reino Unido) e pelo National Longitudinal Study of Adolescent Health (Estados Unidos) apoiaram esta tese evolutivamente bizarra: “Os pesquisadores mediram os hábitos alcoólicos de cada uma conforme elas iam envelhecendo. E eis que as crianças avaliadas como mais inteligentes em ambos os estudos, quando cresceram, bebiam com mais frequência e em maiores quantidades do que as menos inteligentes. No caso dos ingleses, os “muito espertos” se tornaram adultos que consumiam quase oito décimos a mais de álcool do que os colegas “muito burros.” E isso mesmo levando em consideração variáveis que poderiam afetar os níveis de bebedeira, como estado civil, formação acadêmica, renda, classe social etc. Ainda assim, o resultado foi o mesmo: crianças inteligentes bebiam mais quando adultos.”<sup>318</sup>

E o mais importante desta “belíssima descoberta”, é que essa relação entre o álcool e a inteligência, acredite, também é um traço evolutivo, ligando-se ao romance, conforme a revista Psychology Today.<sup>319</sup>

A Teoria da Evolução é, como costumo dizer, um verdadeiro espetáculo. Nada há debaixo da terra que não possa passar pelo rígido crivo de Darwin: dor-de-cotovelo, verruga no nariz, orelha de abano, pés-de-galinha, celulite, enfim, “Darwin” só não explica como um australopiteco se transformou num australiano. De resto, pobre Freud! ((rs))

É isso!



## Enfeitando o pavão, ou melhor, as vespas

O site “Ciência Hoje”<sup>320</sup> divulgou recentemente uma pesquisa sobre a agressividade das vespas-caboclas. O estudo realizado pelas biólogas Elizabeth Tibbetts e Amanda Izzo, ambas da Universidade de Michigan (Estados Unidos), e que foi publicado no fim de setembro na revista Current Biology, constatou que a valentia apresentada por este belo inseto fica somente na aparência.

E como sempre acontece nas pesquisas realizadas por darwinistas, no fim eles sempre acabam dando um jeitinho de enfiar a evolução goela abaixo: “Mas qual a vantagem de ter sinais de agressividade se a rival vai encarar essa falsa fêmea de qualquer modo?”

E aqui a esclarecedora resposta: “Para as autoras, ao longo da evolução, a punição social pode ter se desenvolvido para manter a honestidade da sinalização.” Este “honestidade da sinalização”, é impagável. O darwinismo é realmente um verdadeiro “espetáculo!”

É isso!



## O transexual e a Seleção Sexual

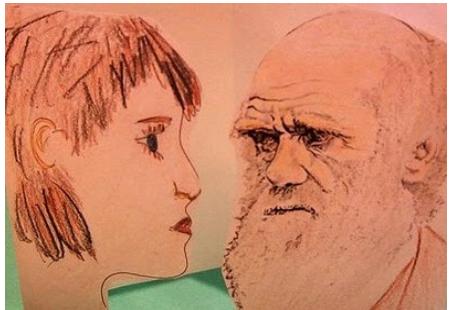
Em recente visita ao Brasil, a bióloga transexual Joan Roughgarden (ex Jonathan), professora da Universidade Stanford e especialista em estudos acerca da homossexualidade entre os animais, criticou a segunda maior muleta epistêmica

do darwinismo, a Seleção Sexual, afirmando que Darwin estava “profundamente equivocado” quando estabeleceu padrões rígidos na diferenciação entre os sexos. Joan também teceu críticas às universidades britânicas, que não admitem a possibilidade de erros nesta “outra teoria” darwinista: “Charles Darwin é um herói nacional. Por isso, admitir que existe uma falha no seu raciocínio tem um significado enorme. É como se estivessem desmoralizando a nação.”<sup>321</sup>

Além da homossexualidade, outro tema de interesse da bióloga diz respeito à relação da religião com a biologia. Em um livro lançado em 2006, por exemplo, ela defendia a perfeita compatibilidade entre a teoria da evolução e a fé cristã.

As críticas da bióloga à Seleção Sexual de Darwin não é lá nenhuma novidade, afinal, já é notória a incapacidade desta hipótese evolutiva em explicar aquilo a que se propõe. Por exemplo, qual o critério utilizado para se supor que o macho seleciona a fêmea pelos seus aspectos mais atraentes, e que a fêmea escolhe o macho pela sua força física e mental? Ora, por que os encantos da fêmea e a robustez do macho são as características mais seletivas? Não passaria tudo isso pelo puro viés da subjetividade?

É isso!



## O machismo sob a ótica da Seleção Sexual

Dizer que Darwin era machista não é diferente do que afirmar que todos (ou quase todos) os ingleses daquela época também o fossem. Ora, se em pleno século XXI, no esplendor do feminismo, o machismo ainda é uma característica marcante das sociedades, o que se dirá então da realidade vivenciada há 200 anos atrás!

Todavia, o que diferenciava a atitude de Darwin daquela de seus contemporâneos, era o tipo de argumento utilizado para justificar a suposta “superioridade masculina.” Segundo ele, tudo se explicava pela Seleção Sexual, ou seja, teoricamente pelo viés da ciência. Em seu livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, escreveu: “A distinção principal nos poderes mentais dos dois性os reside no fato de que o homem chega antes que a mulher em toda ação que empreenda, requeira ela um pensamento profundo ou então razão, imaginação, ou simplesmente o uso das mãos e dos sentidos. Se houvesse dois grupos de homens e mulheres que mais sobressaíssem na poesia, na pintura, na escultura, na música (trate-se da composição ou da execução), na história, nas ciências e filosofia, não poderia haver termos de comparação. Baseados na lei do desvio da média, tão bem ilustrada por Galton em seu livro *Heredity Genius*, podemos também concluir que, se em muitas disciplinas os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio do homem é superior àquele destas últimas.”<sup>322</sup>

Sobre o assunto, escreve Londa Schienbinger em “O Feminismo mudou a Ciência?”: “Muitas inovações feministas ocorreram no interior de teorias de seleção sexual, que é vista, depois da seleção natural, como um motor básico da evolução biológica, e que Sarah Hrdy apelidou de “jóia da coroa” da sociobiologia. Darwin fez remontar as diferenças sexuais secundárias ao drama cósmico da seleção sexual. Certas características – Darwin mencionou plumagem brilhante, chifres pesados, coragem, pugnacidade, perseverança, força e tamanho do corpo, suplementos ornamentais - são selecionadas e perpetuadas porque conferem ao indivíduo de um sexo, “geralmente o macho”, uma vantagem em sua luta por acesso à fêmea e lhe permitem deixar um número maior de filhos “para herdar sua superioridade.” Darwin e outros há muito

assumiram que a seleção sexual não age tão fortemente sobre as fêmeas como sobre os machos; consequentemente, eles enfatizaram a competição macho-macho por fêmeas e a escolha de parceiro pela fêmea como os mecanismos de seleção. Os machos são os cortejadores; as fêmeas, "embora comparativamente passivas, geralmente exercem alguma escolha" ao aceitar um dos machos vitoriosos (Darwin eximiu os humanos desta última prática porque, como era claro aos seus contemporâneos vitorianos, os machos humanos propunham casamento). A noção de que os machos são competitivos e as fêmeas são tímidas foi tão persuasiva que por mais de vinte anos um grupo de ornitólogos procurou por "machos alfa" numa população de gaios em cativeiro, chegando ao ponto de estabelecer estações de forragem limitadas para inflamar a competição. Como veio a se revelar, contudo, os pássaros que lutam com garras e bicos em combate mortal nesse grupo são fêmeas." <sup>322</sup>

É isso!



## Evolução e depressão

Do ponto de vista evolutivo, que vantagens poderiam advir das doenças da mente, tais como a depressão, a melancolia, a tristeza, a neurose, a esquizofrenia, entre tantas outras?

Natalie Angier, em "A Beleza da Fera" <sup>324</sup>, citando nomes muito populares, tais como: Lord Byron, Percy Bysshe Shelley, Herman Melville, Robert Schumann, Virginia Woolf, Samuel Taylor Coleridge, Ernest Hemingway, Robert Lowell, Theodore Roethke, acredita que a criatividade seria a resposta mais plausível evolutivamente falando. Escreve ela: "Seja qual for o campo de atividade, os indivíduos mais notavelmente criativos sofrem de neurose bipolar e depressão em taxas de dez a trinta vezes maior do que a que é encontrada na população em geral. E ainda que a criatividade seja um elemento essencial em muitas profissões, o elo entre criatividade e instabilidade mental é mais pronunciado nas artes do que em outros campos. Em uma pesquisa com 1.004 indivíduos da estatura de Aldous Huxley, Alexander Graham Bell, Albert Einstein e Henri Matisse, os psiquiatras descobriram que os distúrbios mentais eram comparativamente mais comuns entre os artistas. Por exemplo, a taxa de alcoolismo foi de 60 por cento entre atores e 41 por cento entre romancistas, e de apenas 3 por cento entre pessoas das ciências físicas, e de 10 por cento entre oficiais militares. No caso da psicose maníaco-depressiva, 17 por cento dos atores e 13 por cento dos poetas sofriam da doença enquanto a incidência foi de menos de 1 por cento entre os cientistas, mais ou menos igual à taxa na população em geral."

No caso específico da psicose maníaco-depressiva, ela aponta as seguintes vantagens: "De uma perspectiva da evolução, o distúrbio maníaco deve ser considerado mais como uma característica do que como uma doença, uma variação genética sobre um tema de temperamento, que em tempos pré-históricos conferiu fortes vantagens àqueles que o her davam. Pode-se apenas especular sobre a natureza de tais vantagens, mas genes cerebrais de maníacos-depressivos mostraram padrões distintos no metabolismo do córtex pré-frontal, a parte mais avançada do cérebro e sede do intelecto humano, indicando que as mudanças nas bases do pensamento ocorreram paralelamente às mudanças nos estados emocionais e físicos."

A Teoria da Evolução, semelhantemente à psicologia freudiana, tem sempre resposta para tudo. Nada há debaixo do céu que Darwin e Freud não possam explicar. Essa é uma das razões porque o darwinismo e o freudismo, para alguns especialistas, não

podem ser considerados “ciência” no sentido estrito da palavra. Como bem escreve Michael Behe, em seu “A Caixa Preta de Darwin”: “*A ideia de Darwin tem sido usada para explicar o bico do tentilhão, os cascos de cavalos, a coloração das mariposas e dos insetos operários, e a distribuição da vida em todo o globo ao longo das eras. A teoria foi ampliada por alguns cientistas para interpretar até mesmo o comportamento humano: por que pessoas em desespero cometem suicídio, por que adolescentes têm filhos fora do casamento, por que alguns grupos se saem melhor em testes de inteligência do que outros, por que missionários religiosos renunciam ao casamento e a filhos. Nada há nenhum órgão ou ideia, nenhum sentido ou pensamento, que não tenha sido objeto de elucubrações evolutivas.*” A Teoria da Evolução seria assim a “teoria do tudo”, fato esse que contrasta frontalmente com o conceito de teoria verdadeiramente científica, que busca, não a verdade, mas a realidade das coisas.

É isso!



## Quando os "genes determinam"...

A imprensa “especializada” em ciência, com as poucas e boas exceções, parecem viver de ninharias. Um caso típico diz respeito às falácia genéticas, ou como diria Tognolli: “a ideologia do DNA.” Se os genes realmente determinassem tudo o que se noticiam por aí, há muito os seres humanos já teriam se tornados em meros títeres ou marionetes desses “seres egoístas e manipuladores”, como diria Richard Dawkins.

Mediante uma ligeira pesquisa que fiz em alguns sites de notícias, já é possível ter uma noção de como a especulação genética funciona e de como suas falácia podem até chegar às raias do ridículo. São genes para todos os gostos e ocasiões. Se não, vejamos...

**1. Genes determinam sexualidade precoce, indica estudo:** “*Pais ausentes podem esperar, sempre, uma saraivada de tiros. Eles já foram acusados pela emancipação sexual dos filhos, mas agora pesquisadores sugerem que os genes, e não necessariamente a ausência paterna, podem ser o fator principal da manifestação da sexualidade precoce.*”<sup>325</sup>

**2. Genes determinam o que você compra:** “*As preferências dos consumidores geralmente são influenciadas pela herança genética, revelou um novo estudo. Segundo a pesquisa, a genética pode ser responsável pelo que compramos e por quando o fazemos.*”<sup>326</sup>

**3. Genes determinam identidade sexual, diz estudo:** “*A identidade sexual de uma pessoa é determinada pelos genes, o que descarta a teoria de que a homossexualidade ou a mudança de sexo sejam uma opção, afirmaram pesquisadores norte-americanos na segunda-feira.*”<sup>327</sup>

**4. Dois genes determinam cegueira entre idosos:** “*Três em cada quatro casos de uma doença que é considerada a causa principal de cegueira entre os idosos se devem à ação de dois genes, segundo as últimas pesquisas publicadas pela revista Nature Genetics.*”<sup>328</sup>

**5. Genes determinam infidelidade feminina, diz estudo:** "Fatores genéticos influenciam a infidelidade feminina e o número de parceiros sexuais das mulheres, disseram hoje cientistas britânicos. Eles estudaram as respostas de 1,6 mil pares de gêmeas idênticas e não-idênticas numa pesquisa confidencial, para observar o impacto dos genes no comportamento." <sup>329</sup>

**6. Gene determina ousadia nos investimentos, diz estudo:** "Quando você passa na frente da casa lotérica sente uma força maior que te compelle a jogar? Ou, pelo contrário, não importa o que faça, compre uma casa ou vá viajar, tudo deve ter o seu seguro apropriado? Em um caso ou no outro, essas duas forças misteriosas podem ter forte influência dos seus genes. Pesquisadores da Universidade Hebraica de Jerusalém, Universidade de Ciência e Tecnologia de Hong Kong e da Universidade Nacional de Cingapura afirmam que nossas decisões financeiras obedecem a um gene chamado MAOA (monoamine oxidase A)." <sup>330</sup>

**7. Genes determinam pessoas 'ímunes' a ginástica, diz estudo:** "Um estudo da Universidade de Louisiana, nos Estados Unidos, chegou à conclusão de que os genes podem determinar a capacidade de uma pessoa de melhorar o seu preparo físico ao fazer ginástica." <sup>331</sup>

**8. Gene determina a preferência sexual, não a moral:** "Pesquisadores do Instituto de Biologia Molecular da Academia Austríaca de Ciências de Viena publicaram esta semana um estudo na revista Cell que afirma: Um gene é responsável pela preferência sexual, não a moral." <sup>332</sup>

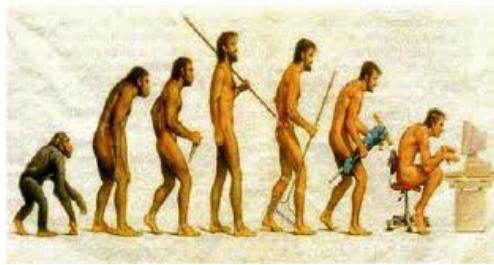
**9. Gene determina se cheiro de suor de homem é agradável:** "Quando o assunto é o cheiro de um homem, a fragrância -ou fedor- está no nariz de quem cheira, afirmam cientistas dos EUA. Eles sugerem que um único gene pode determinar a percepção que cada indivíduo tem de odores corporais." <sup>333</sup>

**10. Gene determina propensão ao contágio pelo HIV:** "Pessoas que carregam maior quantidade de um gene, chamado CCL3L1, estão menos propensas a ser infectadas pelo vírus HIV ou a desenvolver aids. A conclusão é de um estudo feito pelo Instituto Nacional de Alergia e Doenças Contagiosas (INADC), ligado ao Departamento de Saúde dos Estados Unidos." <sup>334</sup>

**11. Gene determina quais os fumadores que vão ser afectados:** "Investigadores norte-americanos identificaram cinco polimorfismos de nucleotídeos simples que apenas estão presentes no gene ADAM33 dos fumadores. Estas pessoas correm um maior risco de desenvolver DPOC." <sup>335</sup>

**12. Estudo diz que genes determinam quem será chefe:** "Um estudo de gêmeos idênticos conduzido por pesquisadores da Inglaterra e dos Estados Unidos sugere que o ambiente familiar tem pouca influência sobre quem será empresário porque quase metade da propensão de uma pessoa para se tornar dona de um negócio próprio é vinculada aos genes." <sup>336</sup>

É isso!



## Alternativas ao mito gradualista

*“Se o gradualismo é mais um produto do pensamento ocidental do que um fato da natureza, não seria então razoável considerar filosofias alternativas de mudança para ampliar o nosso universo de preconceitos constrangedores?”, questiona Stephen Jay Gould, em seu livro “O Polegar do Panda.”*<sup>337</sup>

Não obstante esta contundente crítica de Gould ao gradualismo rígido e estrito do neodarwinista, é bom deixar claro que este paleontólogo em nenhum momento negou a existência da evolução! O que ele negou e sempre criticou foi o mito gradualista da teoria sintética darwinista, que afirma ter havido uma exclusividade na transformação lenta e gradual das espécies, através do mecanismo de seleção natural agindo sobre os genes.

Mas, o que, afinal, levou Gould a se tornar um dos principais oponentes do gradualismo neodarwinista, tecendo duras críticas ao que ele denominou de “mais um produto do pensamento ocidental”?

A resposta é simples, e pode ser resumida no fato de que o neodarwinismo simplesmente não consegue explicar as lacunas que aparecem no registro fóssil. Sim, porque se a vida evoluiu de maneira estritamente gradual, ou seja, lentamente em um longo espaço de tempo, então seria de se esperar que se encontrasse no registro fóssil a lenta transformação das espécies, as quais certamente seriam de algum modo semelhantes com as espécies das quais descendem, e, igualmente, com as espécies que originaram, o que inequivocamente forneceria um registro gradual das criaturas transicionais. Todavia, eis o escandaloso FATO: não há registros de criaturas transicionais.

Sobre isto, comenta Anderson Barbosa Felizardo, em sua dissertação denominada “Críticas Atuais ao Neodarwinismo: A Ampliação da Janela Explicativa da Teoria Evolutiva Contemporânea”<sup>338</sup>: “*Essa questão levanta a polêmica de que a maior parte das evidências fósseis encontradas até agora negam a transformação gradual de um organismo em outro - o gradualismo evolutivo defendido pela teoria sintética e que é um dos pilares dessa teoria - pois não existem dados paleontológicos que permitam observar a evolução gradual das espécies. O que a nova interpretação dos fósseis nos mostra, pelo contrário, é a transformação súbita de umas espécies em outras.*” Cientes deste grave dilema darwinista, Gould e Eldredge propuseram uma alternativa, a que deram o nome de “Equilíbrio Pontuado”: “*A tese de Gould e Eldredge é a de que as espécies estão em equilíbrio ao longo de sua existência, porém este equilíbrio aparece pontuado por períodos rápidos de especiação (êxtase), quer dizer, formação rápida de novas espécies em pequenas povoações marginais, forçadas pela necessidade de sobrevivência, a se transformar. É nestes períodos que se acumulam a maior parte das mudanças evolutivas. É o que Gould chama de evolução aos saltos, exatamente o oposto do que defende a teoria sintética com sua perspectiva gradualista.*

*A aparição súbita de novas estruturas fósseis reflete o fato de que sua formação acontece através de períodos de explosão evolutiva, depois dos quais as espécies sofrerão poucas transformações durante milhões de anos. É o que sustenta o equilíbrio pontuado: após uma existência de vários milhões de anos em equilíbrio uma espécie deixa de existir repentinamente, sem transição aparente, e cede seu lugar para uma nova espécie com características nitidamente diferentes. Em outras palavras, períodos de equilíbrio evolutivo são entrecortados por períodos de especiações rápidas.*

Contudo, o grande problema da tese Gould e Eldredge, é que não consegue uma explicação factual para os mecanismos de complexidade irredutíveis encontrados nas “máquinas biológicas.” Para isso surgiu a alternativa mais convincente e plausível, denominada Teoria de Design Inteligente (Tedeísmo), proposta inicialmente por Michael Behe e William A. Dembski: “*No passado pensava-se que a base da vida era extraordinariamente simples. Essa ideia foi demolida. Verificou-se que a visão, os*

*movimentos e outras funções biológicas não são menos sofisticados do que câmeras de televisão e automóveis. Embora a ciência tenha feito enormes progressos na compreensão de como funciona a química da vida, a sofisticação e a complexidade dos sistemas biológicos no nível molecular paralisaram suas tentativas de explicar as origens dos mesmos.*

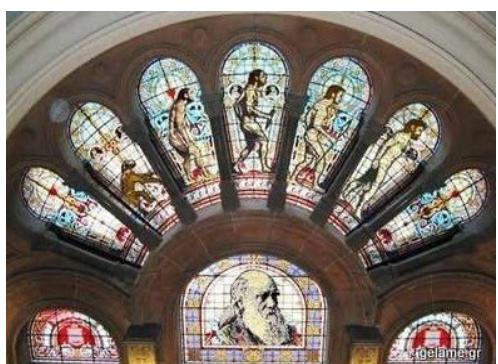
*Não houve virtualmente tentativa alguma da ciência de explicar a origem de sistemas biomoleculares específicos, complexos, e muito menos qualquer progresso nesse sentido. Muitos cientistas afirmaram corajosamente que já têm tais explicações, ou que as terão mais cedo ou mais tarde, mas nenhum apoio para essas alegações pode ser encontrado na literatura científica. Mais importante ainda, há razões irresistíveis — baseadas na própria estrutura dos sistemas — para se pensar que uma explicação darwiniana dos mecanismos da vida será para sempre enganosa.”*<sup>339</sup>

### **Finalizando:**

Mesmo diante de tais cenários, o que ainda intriga é o fato de que os neodarwinistas ainda se mantêm em sua dura cerviz presos aos dogmas do rígido gradualismo. Por quê?

Bom. É sabido que, quando Darwin elaborou sua teoria, ele o fez antes por reais interesses de natureza filosófica. O gradualismo tornou-se, nesta concepção, como uma espécie de “martelo” que esmiuçaria os dogmas religiosos, mais precisamente o Criacionismo fixista bíblico. Lamentavelmente, às avessas, o mesmo gradualismo tornou-se num dogma intocável, e que, ao longo dos anos, refinou-se ganhando o status de ciência, e ciência “pura”, diga-se de passagem! ((rs))

É isso!



## O darwinismo como doutrina esotérica

Qualquer pessoa com o mínimo de bom senso (obviamente alguém que já não se tenha embalado no misterioso canto da sereia de Darwin) que se propõe a analisar com alguma discrição o comportamento fanatizado de certa vertente darwinista, não terá a menor dificuldade em concluir que está lidando não com gente da ciência, mas com adeptos de uma verdadeira doutrina esotérica. Apenas os iniciados em “evolução”, isto é, aqueles a quem foi dado o raro privilégio de penetrar nos insondáveis mistérios da natureza, são capazes de conhecer e praticar a verdade em sua total plenitude.

Dentre os muitos princípios que norteiam essa doutrina essencialmente cabalística, um deles refere-se à crença na origem da vida como resultado de mecanismos cegos e aleatórios a partir de uma sopa temperada por meras casualidades.

Segundo os líderes místicos dessa seita, no início tudo se resumia num serzinho unicelular e invisível, o qual, aproveitando-se de “acúmulos de erros” (a que denominam de mutações) cresceu e desenvolveu-se até se transformar num elefante, num pé de bananeira e em Charles Darwin.

Semelhantemente aos antigos sacerdotes da deusa Cibele, os “oráculos evolucionistas” encerram-se em seus templos sagrados, onde são tomados por experiências darwinísticas extremas. Os profanos não adentram seus invioláveis umbrais.

Os ultradarwinistas, como são tecnicamente chamados, são tão cientistas quanto os antigos alquimistas, porém com a vantagem de serem mais milagreiros que estes. E, tal como na Alquimia, o ultradarwinismo também tem sua pedra filosofal, a que dão o carinhoso nome de Seleção Natural, uma força poderosa e mágica, que trabalha na calada do tempo a favor do mais forte e contra o menos apto.

Outra característica dessa seita esotericamente radical, diz respeito à forte intolerância exercida contra qualquer forma de pensamento que se destoa de suas tradições formalizadas. Quem, por negligência ou por puro desconhecimento, ousa contestar os dogmas estabelecidos, é logo mandado aos Torquemadas da ciência, sendo também obrigado a usar o “sanbenito” da religiosidade forçada.

Não há verdade fora de seus templos. Serão aviltados e humilhados todos quantos se opuserem a suas inquestionáveis verdades. O braço forte dessa inquisição sem fogueiras está devidamente oficializado e bem aparelhado ideologicamente e, portanto, pode perpetuar o terror acadêmico sem a preocupação de ir parar em algum Tribunal de Direito à Dignidade Humana.

Não se sabe até quando este dogma se manterá como paradigma da verdade; não se sabe quantos ainda terão suas carreiras menosprezadas, seus méritos denegridos, seus anos de estudos reduzidos a estereótipos e seus conhecimentos estigmatizados por ideais quiméricos.

Mas a história revela que castelos desmoronam, que reis são guilhotinados, que impérios são destruídos, que exércitos são aniquilados e que a força bruta pode ser vencida com flores e pensamentos.

É isso!

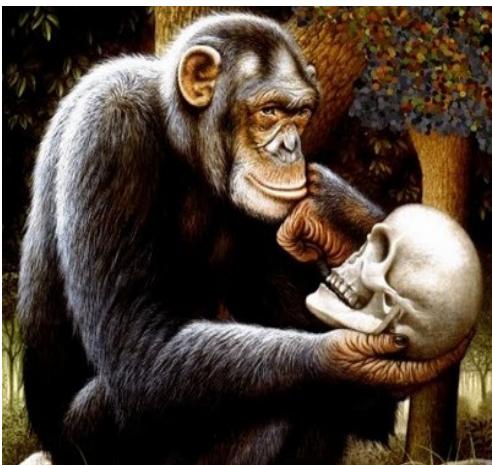


## "A fada protetora das mariposas de Manchester"

Um dos exemplos mais desgastantes usados pelos darwinistas para justificar suas crenças no poder da Seleção Natural, refere-se ao caso das famosas mariposas de Manchester (melanismo industrial). Contudo, porém, todavia e no entanto...

...indaga José Osvaldo Penna, em seu "Polemos":  
*'Darwin falara em milhões de anos para explicar a ação de mutações aleatórias que, pouco a pouco, no correr das gerações, favorecem as formas mais bem amoldadas... Mas o problema é que a modificação do melanismo industrial apontado aconteceu em menos de cinqüenta anos? Como explicar então que, entre milhões de possíveis mutações genéticas, surgidas sob efeito do acaso e suscetíveis de haver afetado a cor da mariposa, tenha lotericamente triunfado precisamente aquela que determinou o aparecimento das asas pretas? Coincidência demasiadamente feliz? Coincidência verdadeiramente milagrosa? A fada protetora das mariposas tocou a sua varinha de condão e... eis que, coincidindo exatamente com a Revolução Industrial em Manchester e em Liverpool, no vale do Ruhr, na Bélgica, em Pittsburgh e em Detroit, as asas das mariposas se enegreceram. Por que não houve mutações vermelha, azul, amarela, alaranjada, verde, cor-de-rosa? Por que não mutações nas pernas, nas antenas, nos olhos? Por que não mutações no comportamento? Onde estão os milhões de anos do gradualismo dogmaticamente proposto por Darwin? Não parece um pouco forte nos obrigarem a aceitar de mão beijada a explicação?'*<sup>340</sup>

É isso!



## Hipnose darwinista

Aceitar-se o darwinismo como um fenômeno essencialmente científico só é possível por meio da auto-sugestão ou através da hipnose. Os motivos nos quais me baseio para chegar a esta conclusão são simples:

1. Suas hipóteses foram e continuam sendo inverificáveis por definição.
2. Tais hipóteses não têm o menor valor de previsão, o que torna a teoria totalmente fragilizada do ponto de vista da ciência.

Pode-se estudar *in vitro* a simples resistência

das bactérias aos antibióticos, por exemplo. Contudo, a extração deste fenômeno em si jamais poderá nos conduzir para a evolução durante dezenas de milhões de anos. Com muito esforço pode-se, no máximo, vê-la como uma conjectura mais ou menos verossímil, porém, sem a menor possibilidade de ser provada ou testada pelo método científico.

De resto, voltamos à hipnose, à magia, ao êxtase contemplativo, ao entusiasmo religioso, à inspiração mística, aos delírios egolucionistas e aos devaneios darwinisíacos.

É isso!



## "O fim da Evolução Humana"

Num desses fóruns de uma famosa rede social, mais precisamente numa comunidade dedicada ao naturalista Charles Darwin, com mais de 18 mil membros, alguém provavelmente empolgado com as grandes

perspectivas oferecidas pela ostentosa Teoria da Evolução, indagou: Qual seria a próxima etapa da evolução humana?

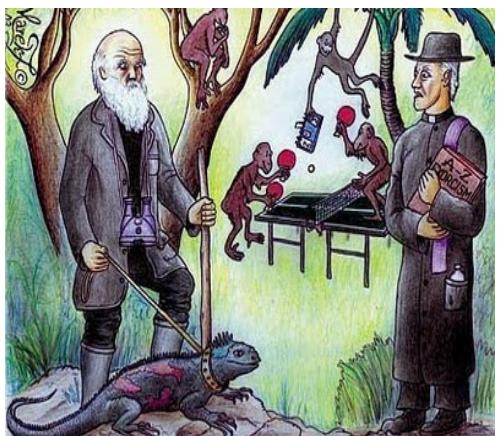
Algumas respostas surgiram de imediato:

1. "Eu vejo que a espécie humana tende a viver milhões de anos sem sofrer mutações, já que não existe a necessidade de se adaptar ao ambiente e podemos ficar na mesma forma por milhões de anos como Crocodilos e tubarões."

2. "Dizem que fisicamente pouco mudará, somente nosso cérebro ficará maior e consequentemente "mais potente."

Isso me fez lembrar uma pesquisa divulgada em 2008, a qual fora realizada pelo geneticista Steve Jones, e que se tornou pública numa conferência chamada "O Fim da Evolução Humana." Segundo este darwinista, "*devido aos avanços da tecnologia e da medicina, já não são apenas os mais fortes que passarão seus genes para a geração seguinte. Ele sugeriu que o tipo de homens que encontramos no mundo hoje é o único que haverá - porque os seres humanos não ficarão mais fortes ou inteligentes ou saudáveis.*" Na matéria publicada pela BBC<sup>341</sup>, o mesmo cientista afirmou "*que os humanos reduziram de forma inesperada nossas taxas de mutação devido às mudanças de nossos padrões reprodutivos.*" E mais adiante: "*Outro fator (a ser levado em conta) é a diminuição da seleção natural.*" E finaliza: "*Acredito que vão ocorrer mudanças, mas nossas mudanças não serão físicas, serão mentais.*"

É isso!



## Darwinistas no país das maravilhas

Até que ponto o darwinismo, pelo menos em algumas de suas teses e autores, não deveria ser estudado apenas como literatura de ficção? Exagero?

Talvez até seja, no entanto, a capacidade imaginativa de alguns autores darwinistas em construir histórias maravilhosas para corroborar o "fato" da evolução é, no mínimo, digna de uma boa tese de pós-graduação. Em alguns momentos tenho a impressão de está lendo o próprio Lewis Carroll e seu fabuloso "Alice no país das Maravilhas", tamanha é o

poder de especulação dos defensores de Charles Darwin. É o caso, por exemplo, do cenário a seguir, construído como se fosse o fiel resultado "de uma câmara na mão e uma idéia na cabeça." O trecho fora extraído de "A perspectiva evolutiva: uma introdução", in: "Charles Darwin em um futuro tão distante", por Mário Pinna, e publicado pelo Instituto Sangari, em comemoração ao bicentenário de Charles Darwin, em 2009:

*"O ancestral dos vertebrados, conforme visto acima, era um pequeno animal filtrador e transparente, semelhante ao anfioxo atual. Este animal alimentava-se por meio de uma "cesta" filtradora de água em sua parte anterior. Na verdade, sua parte anterior inteira era praticamente uma "cesta" filtradora. As partículas alimentares eram retidas numa parte especializada da "cesta", depois reunidas, direcionadas ao tubo digestivo e engolidas. A água que devia ser filtrada era continuamente bombeada para o interior da cesta por contrações musculares ou movimentos ciliares. Este animal, por ser muito pequeno, não necessitava de órgãos respiratórios especiais. As trocas gasosas ocorriam por simples difusão do meio exterior para os tecidos. Muitos animais pequenos são assim. Até mesmo alguns vertebrados, como certos tipos de salamandra (família Plethodontidae) que nem sequer têm pulmões. À medida que este animal cresceu, sua massa de tecido corporal tornou-se mais espessa, e a simples difusão de gases tornou-se gradua-lmente menos eficiente. A "cesta" filtradora do animal era uma parte por onde passavam vastas quantidades de água, como parte do processo de filtragem ali-mentar. É natural que uma grande parte das trocas gasosas já ocorressem naquele local, simplesmente como consequência física do fluxo de água ali concentrado. A "cesta" filtradora gradualmente desenvolveu expansões que tornavam a superfície para troca gasosa maior e, portanto, mais eficiente. O próximo passo foi a concentração de circulação sanguínea naquelas expansões, com a passagem de vasos cujo objetivo principal era permitir que o sangue, naquele ponto favorável, liberasse gás carbônico e absorvesse oxigênio, que depois circularia pelo resto do corpo. Assim se formaram as brânquias dos vertebrados. Assim se formou tam-bém a associação duradoura, difícil (às vezes trágica) entre alimentação e respira-ção neste grupo de que somos representantes."*

342

É isso!

## Darwin: um exercício de interpretação



*"Seja-me permitido dizer, como justificativa, que tinha em mente dois assuntos distintos: o primeiro, o de que as espécies não haviam sido criadas separadamente; e o segundo, o de que a seleção natural tinha sido o agente principal das mudanças, embora largamente coadjuvado pelos efeitos hereditários dos hábitos e claramente pela ação direta das condições ambientais. Contudo, não tenho sido capaz de neutralizar a influência da minha primitiva opinião, então quase universal, de que cada espécie fora criada*

*intencionalmente e isto levou ao tácito assentimento de que todo particular da estrutura, com exceção dos rudimentos, tivesse uma determinada utilidade, embora desconhecida. Todo aquele que assim pensasse, naturalmente poderia estender em muito a ação da seleção natural, tanto no passado como no presente. Alguns daqueles que admitem o princípio da evolução, mas rejeitam a seleção natural, ao tecerem críticas ao meu livro parecem esquecer que eu tinha pelo menos dois objetivos em mente. Com efeito, se me equivoquei ao atribuir à seleção natural uma excessiva importância, a qual hoje estou bem longe de admitir, ou se lhe exagerei o poder que em si mesmo é provável, pelo menos espero ter prestado um bom serviço, ajudando a pôr por terra o dogma das criações separadas."* Enxerto extraído do livro de Charles Darwin, intitulado "A Origem do Homem e a Seleção Sexual", tradução portuguesa publicada pela Hemus Editora em 1974, página 76.

### Vamos à interpretação:

*"Seja-me permitido dizer, como justificativa, que tinha em mente dois assuntos distintos."* Note-se que Darwin admite abertamente que, ao escrever seu livro "A Origem das Espécies" (ele está se referindo a essa sua obra), TINHA EM MENTE DOIS ASSUNTOS DISTINTOS, a saber:

- 1 - *"o primeiro, o de que as espécies não haviam sido criadas separadamente";*
- 2 - e o segundo, o de que a seleção natural tinha sido o agente principal das mudanças...

Agora vejam só a confissão do homem que "teve a idéia mais brilhante do mundo":  
3 - *"Alguns daqueles que admitem o princípio da evolução, mas rejeitam a seleção natural, ao tecerem críticas ao meu livro parecem esquecer que eu tinha pelo menos dois objetivos em mente."*

E conclui discorrendo acerca dos motivos que o teria levado a escrever o "A Origem das Espécies":

4 - *"Com efeito, se me equivoquei ao atribuir à seleção natural uma excessiva importância, a qual hoje estou bem longe de admitir, ou se lhe exagerei o poder que em si mesmo é provável, pelo menos espero ter prestado um bom serviço, ajudando a pôr por terra o dogma das criações separadas."*

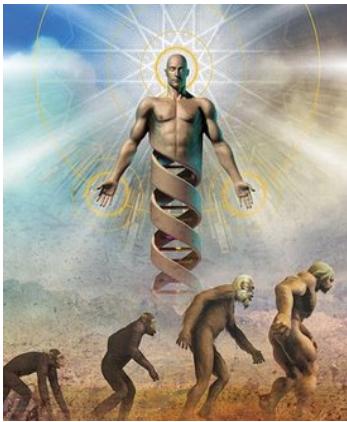
É claro! Se para um bom entendedor meio palavra basta, para um bom darwinista um texto inteiro não diz nada. ((rs))

Ou seja, nesse texto Darwin deixa mais que explícito que os motivos que o conduziu a escrever seu livro mais famoso não foi propriamente (como os "seus meninos" imaginam) científico, mas... ideológico. É isso mesmo: ideológico! Disto resulta: Criacionismo Religioso vs Naturalismo Filosófico.

Resumindo: Darwin TINHA EM MENTE o objetivo de "pôr por terra o dogma das criações separadas."

Interessante! ((rs))

É isso!



## Criacionismo: uma invenção darwinista?

Não, isso não é uma provocação aos criacionistas!

Trata-se de uma tese defendida pelo cientista Emilio Cervantes (titular do Conselho Superior de Pesquisas Científicas, do Instituto de Recursos Naturais e Agrobiologia de Salamanca, Espanha).

*“Se afirmo que o criacionismo é uma invenção darwinista muitos dirão que estou louco ou que tal afirmativa é resultado de minha perturbação mental”,* inicia assim seu artigo “El Criacionismo, invento darwinista. “Para começar”, segue: “não estou dizendo com isso que a fé ou a religião sejam invenções darwinistas. Nada disso. Muito pelo contrário, associar o ter fé (no sentido de ser crente ou professar alguma religião) com ser criacionista é um erro gravíssimo, um absurdo...”<sup>343</sup>

Mais à frente aponta as razões que justifiquem a defesa de sua tese: “A hipótese parte da idéia de que os sistemas sociais, econômicos ou culturais dominantes, sempre usou a linguagem a seu favor, como ferramenta de dominação.” Ele faz menção, por exemplo, do fato de que o teor do verbete “Criacionista”, tanto na Wikipédia quanto na RAE (Real Academia Espanhola) foi uma invenção dos devotos de Darwin, e que tais definições não se ajustam a qualquer que seja a realidade. Na RAE, por exemplo: “Doultrina que, em contrapartida à teoria da evolução, defende que cada uma das espécies foi resultado de um ato particular da criação.”

Mais adiante, indaga e conclui o cientista espanhol: “Quem mais se beneficia com a utilização do termo Criacionismo? A resposta surge de imediato: O darwinismo. Ao inventar um inimigo numeroso, bem disciplinado e sem argumentos científicos, os verdadeiros inimigos, cientistas bem preparados, desaparecem. Seus únicos e reais adversários carecem de critérios científicos. Mediante o desenvolvimento de um hipotético pensamento fundamentado em modelos “criacionistas” e, portanto, acientíficos, o darwinismo navega livremente pelo mar da ciência, o qual tem estado permanentemente à sua disposição. Na baiúca de seu transatlântico viaja sob seqüestro a Biologia.”

E finaliza Cervantes afirmado, para surpresa de criacionistas e darwinistas, que foi o próprio Darwin quem primeiro fez uso da palavra “Criacionista.” Por exemplo, em carta a seus amigos Huxley e Lyell:

CHARLES DARWIN TO T.H. HUXLEY.

Ilkley, November 25th [1859].

My dear Huxley,

Your letter has been forwarded to me from Down. Like a good Catholic who has received extreme unction, I can now sing “nunc dimittis.” I should have been more than contented with one quarter of what you have said.

Exactly fifteen months ago, when I put pen to paper for this volume, I had awful misgivings; and thought perhaps I had deluded myself, like so many have done, and I then fixed in my mind three judges, on whose decision I determined mentally to abide. The judges were Lyell, Hooker, and yourself.

It was this which made me so excessively anxious for your verdict. I am now contented, and can sing my nunc dimittis. What a joke it would be if I pat you on the back when you attack some immovable creationist!

CHARLES DARWIN TO C. LYELL.

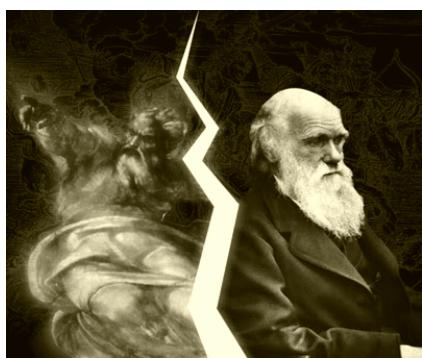
15 Marine Parade, Eastbourne,  
October 8th [1860].

My dear Lyell,

I send the [English] translation of Bronn (A MS. translation of Bronn's chapter of objections at the end of his German translation of the 'Origin of Species.'), the first part of the chapter with generalities and praise is not translated. There are some good hits. He makes an apparently, and in part truly, telling case against me, says that I cannot explain why one rat has a longer tail and another longer ears, etc. But he seems to muddle in assuming that these parts did not all vary together, or one part so insensibly before the other, as to be in fact contemporaneous. I might ask the creationist whether he thinks these differences in the two rats of any use, or as standing in some relation from laws of growth; and if he admits this, selection might come into play. He who thinks that God created animals unlike for mere sport or variety, as man fashions his clothes, will not admit any force in my argumentum ad hominem.

**Resumindo:** para este cientista espanhol, a disputa entre evolucionismo e criacionismo diz respeito a uma construção artificial, elaborada e mantida pelos darwinistas desde os tempos de Darwin. Se o criacionismo, portanto, significa fazer uso de argumentos religiosos para rebater as teses científicas, isso não o fará ter progresso algum, é claro, a não ser que os cientistas admitam como errôneo tal discurso. Finalmente, se o “criacionismo” significa contribuir com dados que revelam a existência de mecanismos complexos na natureza, os quais o darwinismo não pode explicar, neste caso não é mais criacionismo, sim pura ciência, porém não se pode esperar que isso seja incorporado a hipóteses darwinistas. Disso decorre o fato de etiquetarem o Design Inteligente de “criacionismo.”

É isso!



## Transformismo vs Fixismo

Até que ponto os ideais transformistas de Darwin são apenas e tão somente reflexos daquilo que ele observou na natureza? Até que ponto a problemática fixista não foi preponderante na elaboração de sua doutrina naturalista?

Embora já tenha abordado esta questão em “Seleção intencional de Darwin”, lendo outra passagem do seu “A Origem das Espécies” não pude resistir a retornar o assunto. Primeiro leiamos este texto de José Osvaldo de Meira Penna, do seu livro “Polemos: Uma análise crítica do Darwinismo”, publicado pela Editora UnB, da Universidade de Brasília. Logo em seguida, a “fala” de Darwin em duas distintas traduções para o português:

“Em *A descendência do homem*, publicado em 1871, Darwin esperava que “alguma luz seria lançada sobre a origem do homem e da sua história.” Nessa obra, que coroa seu trabalho, Darwin refere-se à evolução como um “grande princípio.” Usa o termo constantemente. Trata-se de uma nova concepção do mundo ou cosmovisão fundamental, destinada a substituir a cosmologia bíblica. Entre a Origem e a Descendência, Darwin deve, provavelmente, ter admitido a existência de um “grande partido” evolucionista que rejeitava as crenças religiosas criacionistas e fixistas, culpadas de ataques tão acerbos e, na aparência, tão “obscurantistas” contra as suas teorias. O evolucionismo preparava-se para se transformar numa espécie de ideologia metafísica, e podemos acreditar que tenha ela sido submetida, pela controvérsia, ao mesmo tipo de processo mental reativo que levou Freud, no fim da vida, a postular seus “instintos de morte” e a dedicar-se, em crescente destempero, a um ata-que frontal à

*religião, à figura do Deus-Pai Jawêh, que ele desejava liquidar, e à hipocrisia moralista da sociedade burguesa da época vitoriana. É evidente que a nós todos interessa saber qual é nossa origem. Somos como crianças que, ao primeiro despertar da curiosidade intelectual, deseja descobrir onde vem, da barriga da mãe ou transportado por uma cegonha, como ouviu dizer. Seremos descendentes de Adão ou de uma espécie mais avançada de macaco? Será Adão (que, em hebraico, quer dizer simplesmente Homem) o nome do primeiro macaco, o paradigma ou arquétipo dos primatas, "modificado" e dotado de inteligência superior? E, de qualquer forma, como se processou a evolução desde o aparecimento primordial da vida no planeta? Naquele livro de valor decisivo, escreveu Darwin (I, cap. II):*

*'Alguns daqueles que admitem o princípio de evolução, mas rejeitam a seleção natural, parecem olvidar, ao criticar meu livro, que eu tenha em vista esses dois objetos. Se portanto errei ao atribuir uma grande eficácia à Seleção Natural, o que estou longe de admitir; ou ao exagerar seu poder, o que em si é provável, espero, pelo menos, haver prestado um bom serviço ao contribuir para derrubar o dogma das criações separadas'* (p. 90, 91).

Agora Darwin:

#### **1. "A Origem das Espécies", tradução de André Campos Mesquita:**

*"A seleção natural atua somente mediante a conservação e acumulação de pequenas modificações herdadas, proveitosa todas ao ser conservado; e como a geologia moderna quase desterrou opiniões tais como a escavação de um grande vale por uma só fenda diluviana, de igual modo a seleção natural desterrará a crença da criação contínua de novos seres orgânicos ou de qualquer modificação grande e súbita em sua estrutura."*

#### **2. "A Origem das Espécies", tradução de Joaquim da Mesquita Paul:**

*"A seleção natural opera apenas pela conservação e acumulação de pequenas modificações hereditárias de que cada uma é proveitosa ao indivíduo conservado; ora, da mesma forma que a geologia moderna, quando se trata de explicar a escavação de um profundo vale, renuncia a invocar a hipótese de uma só grande vaga diluviana, da mesma forma a seleção natural tende a fazer desaparecer a crença na criação contínua de novos seres organizados, ou nas grandes e inopinadas modificações da sua estrutura."*

Pois é...

É isso!



## A EVOlatria do EGOlucionismo

É bem contraditória a postura de alguns darwinistas!

Ironizam a possibilidade do sobrenatural num evento natural, mas constantemente tomam o mesmo caminho daqueles que criticam, fazendo de seus postulados pequenos deuses, onde o tempo, a natureza e o acaso são

tomados como verdadeiros objetos de culto, originando ao que se pode denominar de egolatria, uma espécie de religião mágica e exclusivista, o egolucionismo.

Isso pode ser facilmente comprovado quando se pergunta, por exemplo: "Quais as falhas da Teoria da Evolução?"

A conclusão até o presente momento é só uma: todos os homens erraram, todos as religiões falharam, todas os sistemas fracassaram; porém, Darwin e a Teoria da Evolução estão rigidamente isentos da mais simples falha, do mais insignificante erro, do mais básico fracasso. Nem os grandes líderes religiosos ousaram tanto!

É isso!



## Sobre os "darwinistas de Deus"

O chamado Evolucionismo Teísta diz respeito a uma vertente darwinista que busca conciliar a Teoria da Evolução com a crença numa divindade. Segundo seus defensores, em algum instante no misterioso processo que culminou na origem da vida, lá esteve Deus dando o seu “pontapé inicial.”

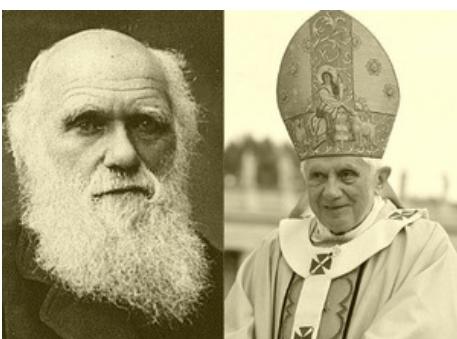
Francis Colins, um dos que defendem esta posição, explica: “*Para povoar este universo antes estéril com criaturas vivas, Deus escolheu o mecanismo distinto da evolução para criar micróbios, plantas e animais de todos os tipos. O mais extraordinário é que ele escolheu, propositadamente, o mesmo mecanismo para originar criaturas especiais que teriam inteligência, conhecimento de certo e errado, livre-arbítrio e desejo de afinidade com Ele. Deus também sabia que esses seres, ao fim, optariam por desobedecer à Lei Moral.*”

E prossegue: “*Esse ponto de vista é totalmente compatível com tudo o que a ciência nos ensinou sobre o mundo natural. É também totalmente compatível com as grandes religiões monoteístas do mundo. A perspectiva da evolução teísta não pode, é claro, provar que Deus existe, assim como nenhum argumento lógico pode fazê-lo completamente. A crença em Deus sempre exigirá um salto de fé. Contudo, essa síntese proporcionou, a legiões de cientistas que acreditam em Deus, uma perspectiva satisfatória, consistente e enriquecedora, que permite uma coexistência pacífica das visões de mundo científica e espiritual em nós. Essa perspectiva permite ao cientista que acredita em Deus realizar-se intelectualmente e sentir-se espiritualmente vivo, tanto ao idolatrar o Criador quanto ao utilizar os instrumentos da ciência para descobrir alguns dos admiráveis mistérios de Sua criação.*”<sup>345</sup>

A frase de Collins “essa perspectiva permite ao cientista que acredita em Deus realizar-se intelectualmente”, de outra maneira seria como dizer: “é a única maneira de juntar Deus e Darwin.”

No meu “suspeito” modo entender, o Evolucionismo Teísta nasceu como resultado de uma forte pressão acadêmica a intelectuais religiosos ligados à ciência, os quais, para não se sentir como que “lutando contra o progresso científico” deram as mãos a Darwin, e com isso se mostraram a favor da razão, ao contrário da “retrógrada mitologia religiosa”, muito bem tipificada no Criacionismo literalista. Deve-se destacar que o evolucionismo exerceu e exerce um poder de influência extensivo e intensivo no meio acadêmico, e de tal maneira que “apenas uma pessoa ignorante e contrária à verdadeira ciência” é que rejeita a algo tão factual como a “evolução” (entenda-se “evolução” como a própria Teoria da Evolução). Quem já passou por uma universidade e estudou matérias relacionadas ao assunto, talvez tenha experimentado um pouco disso. Se sobreviveu a Darwin, deve ser um criacionista-literalista-fundamentalista-fanático. Do contrário, vira evolucionista teísta”, e pronto: “torna-se intelectual, espiritual e cientificamente satisfeito.”

É isso!



## Darwin: de bem com os católicos?

Em 1996, o Papa João Paulo II afirmou diante da Academia Pontifícia das Ciências, que “a teoria da evolução é mais do que uma hipótese.” E, no ano em que se comemorou os 150 anos do “A Origem das Espécies”

foi realizado na Universidade Gregoriana de Roma um Congresso em que se discutiu o tema "Evolução biológica, fatos e teorias", que teve o patrocínio do Conselho Pontifício para a Cultura. Os criacionistas e os tedeístas ficaram a ver navio.

Embora a Teoria da Evolução seja considerada uma heresia para muitos católicos, o fato é que:

1. O livro "A Origem das Espécies" nunca figurou no *Índex* (realção dos livros proibidos aos católicos).
2. Darwin foi sepultado com honra na Abadia de Westminster.
3. Os católicos estão mais abertos a não encarar os relatos bíblicos como literais.
4. A Teoria da Evolução foi aprovada como ciência pelo Papa João Paulo II.
5. Em seu livro "Schoepfung und Evolution" o Papa Bento XVI parece defender o que ficou conhecido como "evolução teísta", uma maneira que os religiosos encontraram para acoplar uma divindade no universo darwinista.

É isso!



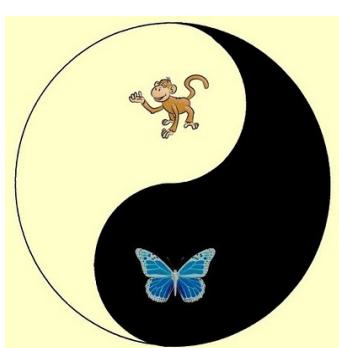
## Medo da Teoria da Evolução?

Tempos atrás o site *Daily Tech*<sup>346</sup> divulgou um pesquisa realizada com 140 estudantes, os quais se dispuseram a participar de uma determinada atividade e responder um questionário com alguns temas específicos. O resultado, diz a matéria, mostrou que as pessoas que não acreditavam na teoria da evolução, agiam dessa forma por temer o incerto.

Até que ponto a descrença popular na Teoria da Evolução é realmente consequência do simples medo do incerto? Indo um pouco mais além: será mesmo que a questão religiosa é realmente decisiva para determinar a opção de uma pessoa por não partilhar os ideais de Darwin?

Não restam dúvidas de que o fator religioso tem lá sua relevância em todo esse processo, todavia, penso que, da mesma maneira pela qual a igreja assimilou a teoria heliocêntrica como um fato consumado, o mesmo já teria se dado com a Teoria da Evolução, caso Darwin fosse assim, digamos, tão exato quanto Galileu.

É isso!



## O darwinismo e o "seu outro"

Tempos atrás li na Internet uma enquete em que se fazia a seguinte pergunta: "Na sua opinião, quem foi o maior cientista de toda a história da humanidade?" Entre outros nomes estava obviamente o de Charles Darwin; e, entre outras respostas favoráveis ao naturalista, estava esta: "se não fosse por ele, talvez até hoje o mundo estivesse submetido a religiosidades insanas como as daquela época."

Esta resposta, um tanto sincera, reflete um pouco a história da Teoria da Evolução de Darwin, que desde seus primórdios encontrou no Criacionismo o "seu outro" que lhe

pudesse respaldar como “lídima ciência.” A luta travada entre a “verdadeira ciência” (o Darwinismo) e a “pseudociência” (o Criacionismo) tornou-se ao longo do anos no mais excelente pretexto para se elevar o “status científico” da Teoria da Evolução, que se apraz em fazer do Criacionismo seu eterno “yang.”

Esse dualismo entre ambas as vertentes pode ser sintetizado nos seguintes pontos:

#### SOBRE A ORIGEM DO UNIVERSO

**Criacionismo:** o Universo e o Sistema solar foram criados de um momento para o outro;  
**Darwinismo:** o Universo e o sistema solar surgiram gradativamente mediante processos naturais.

#### SOBRE A ORIGEM DA VIDA

**Criacionismo:** a vida foi criada de maneira instantânea por mãos e obra da Divindade;  
**Darwinismo:** a vida originou-se ao acaso por meio de processos naturais.

#### SOBRE A ORIGEM DAS ESPÉCIES

**Criacionismo:** todas as espécies (humana, animal e vegetal) existente atualmente mantiveram-se fixas desde que foram criadas por Deus, havendo apenas pequenas variações genéticas desde que foram originalmente criadas;

**Darwinismo:** todas as espécies atualmente vivas originaram-se de espécies pré-existentes, que se transformaram gradualmente ao longo dos tempos mediante a Seleção Natural.

#### SOBRE A ORIGEM DO HOMEM

**Criacionismo:** o homem e os símios descendem de antepassados distintos desde a origem;

**Darwinismo:** homem e os símios descendem de um antepassado comum, daí a Ancestralidade Comum Universal.

#### SOBRE A IDADE DA TERRA E DOS SERES VIVOS

**Criacionismo:** a Terra e os seres vivos podem ter uma origem relativamente recente;

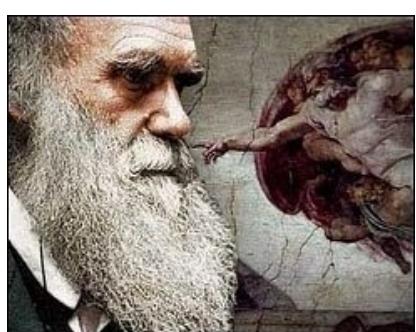
**Darwinismo:** a Terra e os seres vivos são resultados de um processo longo, que remontam a bilhões e milhões de anos.

#### SOBRE AS CARACTERÍSTICAS GEOLÓGICAS DA TERRA

**Criacionismo:** as características geológicas da Terra parecem ter sido determinadas por processos rápidos e catastróficos que afetaram a Terra a uma escala global e regional , o que denominam de catastrofismo;

**Darwinismo:** as características geológicas da Terra são o resultado de processos lentos e graduais, o que chamam de uniformismo.

É isso!



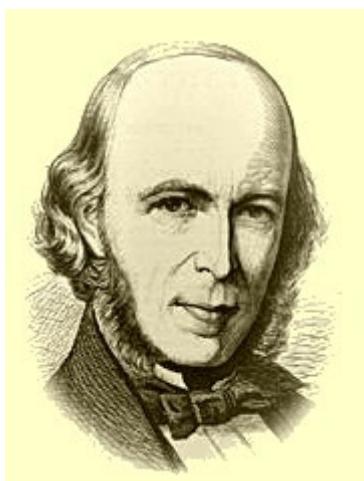
#### A reação da igreja às idéias de Darwin

Segundo Wilma George, em “As idéias de Darwin”, publicado pela Editora Culturix: “*O milagre da criação – a interpretação literal da Bíblia – também impediu que a Igreja Católica se acomodasse às opiniões de Origem. A Igreja Católica, na verdade, respondeu lentamente à hipótese evolucionista e não discordou publicamente de Darwin, até o aparecimento de A descendência do homem. Católicos, como Mivart, haviam expressado antipatia pessoal. Mas, na última parte do*

século, foram assinados decretos oficiais desencorajando qualquer discussão sobre a evolução. Darwin, no entanto, não apareceu no Índex: seus livros não foram proibidos à leitura, como os de seu avô, Erasmus Darwin. Mas a proclamação da infalibilidade do Papa, em 1870 — e as posteriores encíclicas anunciando a infalibilidade da Bíblia —, desencorajaram a discussão aberta da teoria darwiniana. Não haveria acordo com a nova ciência. Só em 1951 — quando o papa Pio XII relaxou a interpretação dogmática da Bíblia — é que a discussão aberta sobre a evolução tornou-se oficialmente tolerada. Em 1951, foi feita uma referência específica à evolução na encíclica, mas os católicos “não devem fiar-se”, advertia, “que a evolução seja um fato comprovado.”

O fator “tempo” foi preponderante nas grandes discussões envolvendo a problemática criação/evolução. Acerca disto, pondera a autora: A idéia biológica da mudança e a exigência evolucionista da mudança geológica eram inimigas da igreja. Ambas as teorias — a de Darwin e a de Lyell — exigiam uma imensa escala de tempo para que as mudanças ocorressem e, no entanto, a Bíblia ensinava que tudo fora criado em sete dias. Mesmo que os dias fossem interpretados literalmente, a Bíblia no dava muito tempo para a evolução, uma vez que, em 1665, o bispo Ussher havia proclamado que o Começo ocorreria precisamente às 9 horas da manhã, no dia 23 de outubro do ano 4004 a. C. Estava bem longe da estimativa “conservadora” de Lyell de pelo menos 240 milhões de anos desde o começo da Terra e até mesmo longe da “ultraconservadora” e provavelmente preconceituosa estimativa de Lord Kelvum, de 20 milhões de anos. A teoria Darwin. Wallace pedia muito mais — uns 500 milhões de anos. Isto no era aceitável de forma alguma pelos que aderiam a uma interpretação literal da Bíblia. Mas havia alguns que, acreditando em milagres e apregoando a revelação, estavam, no entanto, desejosos de pensar na idéia de uma Terra antiga. Whewell e Sedgwick se opunham à teoria darwiniana porque ela rejeitava um plano e o status especial do homem, mas estavam desejosos de abandonar o Dilúvio e aumentar a idade da Terra. Estavam até mesmo desejosos de permitir que — após a criação — um sistema auto-evolutivo tivesse sido responsável pelo menos por alguns dos animais da Terra.” Outro assunto que também permeou intensamente esses debates, diz respeito ao lugar do homem no Universo. Sobre isso, acrescenta Wilma George: Na última metade do século XIX, muitas seitas religiosas, na Inglaterra, faziam concessões à teoria evolucionista. Mas só homem era ainda um problema. Foi o lugar do homem no Universo que levantou o tumulto quando do aparecimento da Origem. Foi o lugar do homem no Universo que atraiu uma audiência tão grande no debate de 1860, entre Huxley e Wilberforce. Foi o lugar do homem no Universo que provocou todos os insultos, muito embora a Origem fizesse apenas duas insinuações de que a evolução pela seleção natural devia aplicar-se ao homem. Com a publicação de *O lugar do homem na natureza*, de Huxley, *A antiguidade do homem*, de Lyell, ambos em 1863, — e *A descendência do homem*, em 1871 — a natureza animal do homem quase no podia ser negada.”<sup>347</sup>

É isso!



## O "progresso" de Herbert Spencer

O conceito de evolução como “progresso” estava profundamente arraigado na sociedade inglesa quando Charles Darwin publicou seu livro “A Origem das Espécies.” O título inicial desta obra (“Sobre a Origem das Espécies por meio da Seleção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida”) já comportava em si este conceito de “progressão evolutiva” entre as “raças.” O homem, vindo de uma ínfima origem progrediu gradualmente ao longo dos tempos rumo ao

seu supremo ápice: o branco europeu. Em "Do progresso - sua lei e sua causa", o influente filósofo da era vitoriana Herbert Spencer trata desta questão e aponta o europeu como o mais perfeito exemplo de civilidade e inteligência entre os povos:

"Seja ou não o progresso do homogêneo para o heterogêneo bastante visível na história biológica do globo, ele aparece, com relevo suficiente, no desenvolvimento do ser mais moderno e mais heterogêneo, — o Homem. É inegável que, desde o período em que a terra foi povoada, aumentou a heterogeneidade do organismo humano entre os grupos civilizados da espécie; também a heterogeneidade desta última, considerada como um todo, aumentou por virtude da multiplicação das raças e da sua diferenciação entre si.

Como prova da primeira tese, podemos citar o fato de que no desenvolvimento relativo dos membros, os homens civilizados se afastam muito mais dos tipos placentários que as raças humanas inferiores. As pernas dos papuas, que têm freqüentemente os braços e o corpo bem desenvolvidos, são muito curtas, lembrando os quadrúmanos, que não oferecem grande contraste no tamanho das extremidades torácicas e das abdominais. Nos europeus, pelo contrário, é muito visível o maior comprimento e robustez das pernas, apresentando-se neles, portanto, uma maior heterogeneidade entre estas extremidades e as superiores. Outro exemplo da mesma verdade é a diferente relação que existe entre o desenvolvimento dos ossos do crânio e os da face, no selvagem e no homem civilizado.

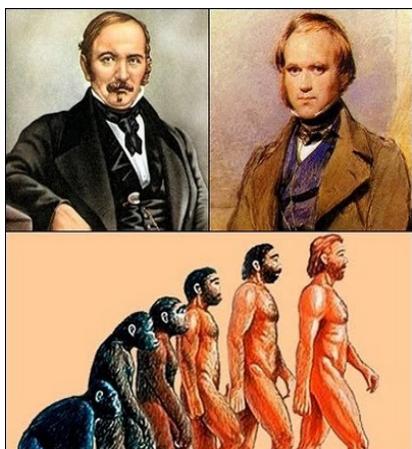
Nos vertebrados, em geral, o progresso manifesta-se pela heterogeneidade crescente da coluna vertebral e, sobretudo, pela heterogeneidade das vértebras em que assenta o crânio, distinguindo-se as formas mais elevadas pelo tamanho relativamente maior dos ossos que cobrem o cérebro comparados com os maxilares, etc. Pois bem, este caráter, mais acentuado no homem do que em nenhum outro indivíduo do grupo, acentua-se mais no europeu do que no selvagem. Por outro lado, a julgar pela maior extensão e variedade das funções que desempenha, podemos inferir que o homem civilizado possui também o sistema nervoso mais complexo ou heterogêneo do que o homem não civilizado, fato que corresponde à maior relação que o cérebro do primeiro tem com os gânglios subjacentes.

Se fosse necessário dilucidar mais este tema, bastaria fixarmo-nos nas crianças. A criança européia tem muitos pontos de semelhança com as raças inferiores, como se vê no achatamento das asas do nariz, na depressão deste, na divergência e abertura das narinas, na forma dos lábios, na distância entre os olhos e na pequenez das pernas. Pois bem, como o processo evolutivo que transformou estes traços nos do adulto europeu, é a continuação do precedente desenvolvimento do embrião, — asserção admitida por todos os fisiólogos, — daqui resulta que o processo paralelo, em virtude do qual os traços semelhantes das raças bárbaras se converteram nos das civilizadas, foi também a continuação da mudança do homogêneo para o heterogêneo." <sup>348</sup>

Lembrando que partiu de Spencer o lema "sobrevivência do mais apto." Darwin remete a esse fato em seu já citado livro "A Origem das Espécies e a Seleção Natural": "Dei a este princípio, em virtude do qual uma variação, por insignificante que seja, se conserva e se perpetua, se for útil, o nome de seleção natural, para indicar as relações desta seleção com a que o homem pode operar. Mas a expressão que M. Herbert Spencer emprega: «a persistência do mais apto», é mais exata e algumas vezes mais cômoda. Vimos que, devido à seleção, o homem pode certamente obter grandes resultados e adaptar os seres organizados às suas necessidades, acumulando as ligeiras mas úteis variações que lhe são fornecidas pela natureza. Mas a seleção natural, como veremos mais adiante, é um poder sempre pronto a atuar; poder tão superior aos fracos esforços do homem como as obras da natureza são superiores às da arte." <sup>349</sup>

Lembrando ainda que, para Herbert Spencer, mediante uma contínua marcha do homogêneo para o heterogêneo, os seres tornam-se cada vez mais diferenciados e complexos, de maneira que sua existência, relacionada com os meios de conservação, progride em permanente luta, em que triunfam os "mais aptos." O europeu ao fazer sucumbir uma determinada tribo africana que se rebelou contra sua autoridade, apenas exerceu o "legítimo" direito de prevalecer sobre "os mais fracos." O darwinismo social desta forma ofereceu forte munição aos imperialistas que se sentiam assim justificados em sua ganância pelo vil metal em terra alheia.

É isso!



## O Espiritismo de Allan Kardec no seu contexto histórico

O que poderia haver em comum entre os livros "A Origem das Espécies" de Darwin e "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec?

Os pontos, a seguir, em vez de meras coincidências, parecem estreitar, em aspectos específicos, um e outro. Por exemplo:

1. Ambos foram publicados num mesmo contexto histórico. "O Livro dos Espíritos" em 1857, e "A Origem das Espécies" ("Sobre a Origem das Espécies por Meio da Selecção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida") em 1859. Ou seja, apenas dois anos de diferença de um para o outro;
2. Ambos estão inseridos no mesmo período em que floresceram os ideais do Positivismo, de Augusto Comte, que, em 1848, publicou o seu "Discurso sobre o espírito positivo"; e do evolucionismo de Herbert Spencer, o criador da expressão "sobrevivência do mais apto" e autor, entre outros, do livro "A Estética Social", de 1850;
3. Ambos fazem parte do mesmo instante em que floresciam ideais do pureza racial, como aqueles defendidos pelo primo de Darwin, Francis Galton, o criador da Eugenia e autor da obra "Hereditary Genius", de 1869.

A consequencia de todos esses fatos amalgamados entre si resultou num ponto essencial nas ideologias de ambos os personagens: o progresso. Darwin trabalhando com o natural e o social, e Kardec com o sobrenatural e o social.

Outro aspecto comum tanto em Darwin como em Kardec, diz respeito à crença na existência de estágios evolucionários no processo de desenvolvimento da humanidade. Enquanto Darwin enfatizava a questão sob a égide do naturalismo, Kardec a explorava à luz do espiritismo, e ambos centrados no mesmo ideal de superioridade do homem branco e "civilizado."

Especificamente em relação a Allan Kardec, os trechos a seguir, extraídos do seu "Livro dos Espíritos"<sup>350</sup>, exemplifica um pouco a questão do "progresso" sob uma lógica do espiritual.

### TRECHO 1:

*Será possível que um homem de raça civilizada reencarne, por exemplo, numa raça de selvagens?*

*"É; mas depende do gênero da expiação. Um senhor, que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos, poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. Ser-lhe-á*

*“isso uma expiação, que Deus lhe imponha, se ele abusou do seu poder. Também um bom Espírito pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Em tal caso, desempenha uma missão”* (p. 179).

#### TRECHO 2:

*“A diversidade das raças corrobora, igualmente, esta opinião, O clima e os costumes produzem, é certo, modificações no caráter físico; sabe-se, porém, até onde pode ir a influência dessas causas. Entretanto, o exame fisiológico demonstra haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários. Ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os cria; apenas produz variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, preciso era que houvesse raças distintas. Como, porém, se explicará a existência delas, atribuindo-se-lhes uma origem comum e, sobretudo, tão pouco afastada? Como se há de admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado ao ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Tão pouco admissível é semelhante metamorfose, quanto a hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos”* (p. 72,73).

#### TRECHO 3:

*“6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?*

*Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Correspondará essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?*

*Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida...*

*À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?”* (p. 149).

É isso!

## Darwin e seu materialismo filosófico



Quem já leu "A Origem das Espécies" deve ter notado que ali Darwin passou comodamente ao longe das implicações de sua teoria com o homem. Contudo, em "A Origem do Homem" e "A Expressão

das Emoções em Homens e Animais" neste ele penetra na questão e, aí, suas opiniões deixam pouca margem de dúvida." A ideologia materialista entrou de vez no "cardápio indigesto" de Darwin.

Muitas pessoas, talvez por não terem tido a oportunidade de conhecer esse "outro Darwin" sem louros e auréolas, ou mesmo por puro dogmatismo, imaginam que o naturalista inglês elaborou seus conceitos sem conceitos pré-estabelecidos, o que é uma tremenda inverdade. Stephen Jay Gould, por exemplo, escreve abertamente sobre isto, em seu "Darwin e o Grandes Enigmas da Vida." Darwin aplicou o seu materialismo filosófico cabalmente, sem reservas, cousa que Wallace jamais ousou fazê-lo. Vejamos o Gould:

*"Dois extraordinários livros de anotações de Darwin podem conter a resposta para texto e comentários mais extensos (veja H. E. Gruber e P. H. Barrett, *Darwin on Man*). Os chamados M e N notebooks foram escritos em 1838 e 1839, enquanto Darwin reunia as notas que formariam a base para seus ensaios de 1842 e 1844. Neles se acham os pensamentos de Darwin sobre filosofia, estética, psicologia e antropologia. Ao relê-los, em 1856, Darwin classificou-os como "cheios de metafísicas sobre a moral." Muitas de suas declarações mostram que esposava mas temia expor princípios de algo que sabia ser muito mais herético que a própria evolução: o materialismo filosófico — o postulado de que a matéria é tudo na existência e de que todos os fenômenos mentais e espirituais são subprodutos dela. Nenhuma noção poderia ser mais inquietante para as arraigadas convicções do pensamento ocidental do que a declaração de que a mente — por mais complexa e poderosa que seja — é um simples produto do cérebro."*

As notas provam que Darwin se interessava por filosofia e que estava ciente de suas implicações. Sabia que a principal característica a distinguir sua teoria de todas as outras doutrinas evolucionistas era seu inflexível materialismo filosófico. Outros evolucionistas falavam em força vital, dirigismo histórico, luta orgânica, e na irreduzibilidade essencial da mente — uma armadura de conceitos que a cristandade tradicional podia aceitar como meio-termo, já que permitia a um Deus cristão trabalhar pela evolução, e não pela criação. Darwin falava apenas em variação ao acaso e seleção natural. Nas notas, Darwin aplicou resolutamente seu materialismo à teoria da evolução de todos os fenômenos da vida, inclusive ao que ele próprio chamou de "a própria cidadela" — a mente humana. [...] Num de seus livros sobre transmutação, ele escreveu: "Amor pelo efeito deificador da organização, ó materialistas! ... Por que o pensamento, sendo uma secreção do cérebro, é mais maravilhoso que a gravidade, uma propriedade da matéria? Por nossa arrogância, por nossa auto-admiração."

Essa crença era tão herética que Darwin chegou a contorná-la em *The Origin of Species* (A Origem das Espécies, 1859), onde aventurou-se apenas ao crítico comentário de que "a origem do homem e sua história será esclarecida." Só trouxe suas crenças à luz quando não pode escondê-las mais, em *Descent of Man* (A Descendência do Homem, 1871) e em *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (A Expressão das Emoções em Homens e Animais, 1872). Alfred Russel Wallace, o co-descobridor da seleção natural, nunca foi capaz de aplicá-la à mente humana, por ele considerada como a única contribuição divina à história da vida."

É claro! Isso não implica em dizer que Darwin elaborou suas premissas sobre evolução apenas mediante conceitos filosóficos, no entanto, fica mais que evidente a intenção dele em incluir no bojo da "ciência" sua visão pessoal da vida e de tudo que a ela se relaciona. Pode-se, portanto, desconhecer tal fato, porém, ignorá-lo não pode ser menos indícios de ignorância.

É isso!



## Darwin, a Bíblia e o ateu

Vez ou outra nos deparamos inevitavelmente com a velha e famigerada “ironia do destino.” É que a realidade está sempre aquém do nosso próprio mundo, e nem sempre se mostra favorável ao nosso ego. É quando descobrimos que “Narciso acha feio o que não é espelho.”

Não vejo lógica em se ligar o darwinismo diretamente ao ateísmo ou entendê-lo como uma doutrina anticristã, que contraria os princípios fundamentais das religiões monoteístas. Sim, não tenho a menor dúvida de que ele ofereça munição ideológica ao naturalismo filosófico, todavia não se pode afirmar categoricamente que seja incompatível com qualquer que seja a teologia. O chamado Evolucionismo Teísta tipifica muito bem este vínculo amigável entre a teologia e a Teoria da Evolução. É fato, porém, que determinada vertente darwinista transformou o darwinismo na mais potente arma contra a religião. Só depois de Darwin, disse o ideólogo Dawkins, foi possível ser um ateu intelectualmente satisfeito.

Sabe-se que o velho Darwin não foi biólogo, não trabalhou em laboratório nem lecionou em universidades. Antes, porém, estudou teologia, com a qual pretendia tornar-se um pastor anglicano. Em uma de suas crises existenciais (dizem que após a morte prematura de um de seus filhos), no entanto, tornou-se agnóstico, embora jamais tenha negado a existência de Deus. Obviamente Darwin não podia acreditar no tipo de divindade descrita no Antigo Testamento bíblico, uma vez que muitas de narrativas atribuídas a ela chocavam-se frontalmente com sua filosofia transformista. Também é verdade que abominava a idéia de um inferno onde seriam lançados ímpios e profanos. Em sua Autobiografia, por exemplo, especificamente nos trechos omitidos por sua esposa, Darwin deixa claro porque sente ojeriza pela doutrina cristã: “De fato, torna-se difícil compreender que alguém queira que o cristianismo seja verdade... a Bíblia parece mostrar que as pessoas que não crêem – e entre elas se incluem meu pai, meu irmão e quase todos meus melhores amigos – receberiam uma punição eterna.”

A religiosidade sempre foi uma questão que trouxe grandes tormentos na vida do velho Darwin. Ao mesmo tempo em que tentava negar a sua própria tradição religiosa, sentia-se bombardeado pelos valores judaico-cristãos que compunha a cultura inglesa naquele momento. Em seu livro “científico”, “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais”<sup>352</sup> (que tenho em mãos) ele dá uma pequena mostra de como a influência Bíblica lhe seguia tão bem de perto. Por exemplo:

*“Muitos autores, antigos e atuais, perceberam os movimentos até aqui citados. Já foi demonstrado que os aborígines, em diversas partes do mundo, frequentemente demonstram vergonha olhando para baixo ou para o lado, ou mexendo os olhos sem parar. Esdras (9,6) exclama: “Oh, meu Deus! Estou envergonhado, e corro ao levantar a cabeça para vós, meu Deus.” Em Isaías (1,6) encontramos as seguintes palavras: “Não esconde meu rosto por vergonha.”*

[...]

*“As raças semíticas coram com facilidade, como seria de esperar, pela sua semelhança com os arianos. Assim, dos judeus está dito no Livro de Jeremias (6, 15): “Não, não estavam nem um pouco envergonhados, nem podiam corar.”*

[...]

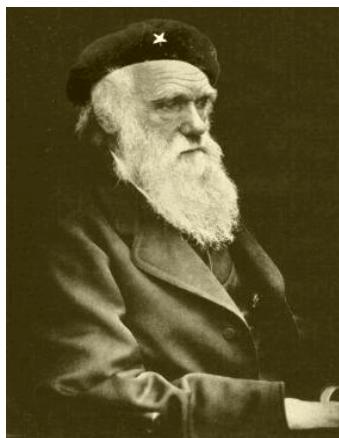
*“Há uma belíssima e muito conhecida descrição de um medo indefinido em Jó: “Em pensamentos provocados pelos fantasmas da noite, quando o sono profundo envolvia os homens, fui tomado pelo medo e tremi até que todos os meus ossos balançassesem. Então, um espírito passou diante de meu rosto; os pelos de minha pele levantaram-se. Ele ficou imóvel, mas eu não podia discernir sua forma: uma imagem*

*estava diante de meus olhos, havia silêncio, e ouvi uma voz dizendo: Pode um homem mortal ser mais justo que Deus? Pode um homem ser mais puro que seu Criador? - Jó, 4, 13-17.”*

Não restam dúvidas de que isso seja lá um golpe certeiro às aspirações ideológicas dos novos ateus militantes, os quais, além de buscar em Darwin munição ideológica para seus devaneios, são ainda incapazes de ver alguma utilidade na Bíblia e em outros livros considerados sagrados. Mas, fazer o quê?

Talvez seja o caso de amaldiçoar o velho Darwin ou, se preferir, tocar o tango argentino e dançar a valsa vienense! ((rs))

É isso!



## Charles Darwin e a "Grande Revolução Ateísta"

Embora não faça sentido associar diretamente o darwinismo ao ateísmo (muito antes de Darwin já existiam ateus), é notório o esforço de certa vertente darwinista em transformar este naturalista inglês em seu mais legítimo representante. Querem provas?

Pois bem. Cogita-se por aí a criação dum tal "Dia do Orgulho Ateu", algo semelhante ao "Dia do Orgulho Gay" ou talvez ao "Dia do Orgulho Darwinista" etc. Nada demais, afinal, toda pessoa é livre para fazer sobressair seus brios e botar para fora suas carências afetivas e seus sentimentos amordaçados pela "censura social." Ademais, todo mundo tem seu dia, ainda que este seja o dia de sua morte. Os meus, por exemplo, são os fins de semanas e os feriados, principalmente os feriados prolongados. Portanto, não questiono esse direito por reconhecimento, tanto de ateus quanto de crentes ou mesmo dos corintianos sofredores. Viva a democracia!

Agora, o que de certa forma me causa estranheza, diz respeito à data escolhida para "consagrarr" o "Dia do Orgulho Ateu." Qual? Exatamente o dia 12 de fevereiro, que, por coincidência, remete ao dia de nascimento de Charles Darwin. Pelo menos é isso que anda divulgando uma tal de Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos<sup>353</sup>: "Já existe uma comunidade no Orkut dedicada ao dia do orgulho ateu, onde se votou por estabelecer o dia do ateu em 12 de fevereiro, aniversário de nascimento de Charles Darwin, o eminentíssimo biólogo que deu uma das mais significativas contribuições isoladas ao conhecimento humano, que ao mesmo tempo o impeliu do cristianismo ao agnosticismo."

Mas, por que cargas d'água Charles Darwin se nem ateu ele era? Por que não, por exemplo, o famoso autor de "O Anticristo" (inimigo declarado do cristianismo), o grande filósofo alemão Nietzsche? Ou por que não Karl Marx, outro grande inimigo da fé? Ou seria porventura "A Origem das Espécies" um livro ateísta, metaforizado por "plumas naturais" e repleto de mistérios, assim como em "O Livro Negro de São Cipriano"?

Não, o problema não está em Darwin, mas nesta nova vertente ateísta a qual já deu mostras suficientes que veio para competir com a religião, ou mais que isso: para substituí-la. Querem mais provas?

Pois bem. Não satisfeitos apenas por saírem pelas ruas em animados desfiles (talvez com grandes cartazes de Charles Darwin), esses ateus "chiques e perfumados" (como diria Enézio de Almeida), almejam a plena transformação da história. Pretendem formular um calendário exclusivamente ateu, uma espécie de "Calendário Ateísta Universal", para contrapor ao *Anno Domini* e a *Hégira*. Seria, portanto, o fim da Era Crista e o início da tão

profetizada "Darwin Era", cujo marco, coincidentemente dar-se-ia exatamente no ano de publicação do "A Origem das Espécies" de Darwin: "Por que então não deveríamos criar o nosso próprio calendário? Essa é a idéia do Universal *Atheist Calendar*, que propõe como zero o início real do universo como o conhecemos, há cerca de 13 bilhões de anos. Existem outras propostas como a Darwin Era, que se baseia no ano de publicação da primeira edição da Origem das Espécies, em 1859."

Mas, por que exatamente "Darwin Era"? (Seria porventura a afirmação de que Darwin já era, e que um novo paradigma faz-se necessário na ciência?) Por que não "Epicuro Era", já que este pensador grego no seu tempo rebelou-se contra a vontade dos deuses?

Não há, pois, a menor dúvida do caráter "religioso" deste novo movimento ateísta, o qual estranhamente deseja entronizar o "pai da evolução." Querem outras provas?

Pois bem. Muito mais do que a criação de um novo calendário e a decretação de uma nova era baseada na vida e obra de Darwin, esses "arautos da razão" almejam, também, "mandar Cristo embora" (ao menos desta vez, porém, não incluíram o nome do naturalista inglês): "Chega de Feliz Natal e de luzes penduradas em árvores: "Seja qual for o calendário, ele pode comportar as mais diferentes celebrações seculares. Uma das possibilidades é o Newtal, a comemoração do nascimento de Newton, no dia 25 de dezembro. Podemos continuar usando a árvore, mas pendurando maçãs para nos lembrarem da lenda sobre a formulação da lei da gravitação universal."

Querem mais?

Pois bem. Aguardem, e não tardará a surgir uma nova moeda universal cuja esfinge será a cara de Darwin. E mais diante: uma só religião (o "Darwinismo Universal"), uma só nação (o "País de Darwin"), uma só língua (o "darwinês") e, obviamente, um só "deus"... Quem? ((rs))

É isso!

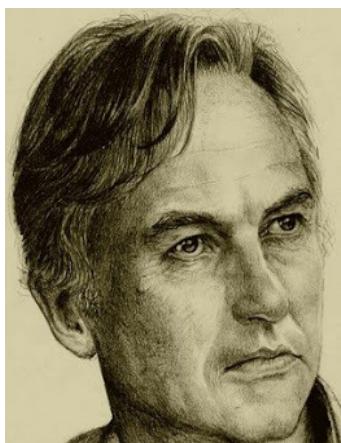


## Richard Dawkins: uma estória e nada além...

Em sua tese de doutorado, intitulada "Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore", Gustavo Leal Toledo aborda a questão dos memes de Dawkins, realçando que "não basta construir uma história interessante, pois uma história assim é apenas uma estória." Para ele, ao elaborar sua tese sobre os memes, Dawkins "apenas constrói um ótimo exemplo de uma *just so story*." Vejamos o que diz o autor: "*Dawkins gosta de discutir a religião como um memplexo simplesmente porque ele gosta de criticar a religião. Mas duas coisas devem ficar claras: em primeiro lugar, tratar a religião como um meme não é uma crítica por si só, pois a ciência, e tudo mais que Dawkins escreve, também seriam memes. Em segundo lugar, e mais importante, há aqui uma clara retórica enganosa, pois Dawkins não nos dá uma análise consistente o suficiente para aceitar sua proposta, ele apenas constrói um ótimo exemplo de uma just so story.* O problema com este modo de argumentação é que as *just so story* são enganosamente interessantes, mesmo sem nenhuma evidência que as provem. Poderíamos dizer que elas são memes muito eficazes! É exatamente por causa destas "narrativas sagazes sem fundamento empírico" que, como vimos no segundo capítulo, Gould critica o panglossianismo dos chamados "adaptacionistas." É esta saída do adaptacionismo de dentro da biologia para outras áreas que ele considera ainda mais perigoso, e está certo. Não podemos aceitar explicações meméticas só porque elas nos parecem interessantes, sagazes, criativas ou simples. É uma "simplicidade enganosa", como disse Gould. Uma boa narrativa memética necessita ter, como pano de fundo, uma

*análise empírica mais detalhada, bem como análises psicológicas explicando o motivo de certos memes terem mais sucesso do que outros. Não basta construir uma história interessante, pois uma história assim é apenas uma estória.*"<sup>354</sup>

É isso!



## Dawkins: Torquemada às avessas

Em 1231 o papa Gregório IX, sob a alegação de combater os hereges, instituiu o temido Tribunal da Inquisição. A partir dali, todos os esforços empreendidos pela Igreja mediante o Santo Ofício tinha por objetivo o aniquilamento da heresia e a eliminação do herege. A par disto, portanto, pode-se concluir que o estabelecimento da Inquisição como uma instituição jurídica e religiosa, foi a mais drástica de todas as medidas impostas pela Igreja contra os chamados hereges. O “herege”, segundo o “Manual dos Inquisidores”, escrito pelo dominicano Nicolau Eymirich, em 1376, “é quem se apega intransigentemente ao erro, pertinácia essa cuja expressão é a recusa de abjurar.”

O “erro”, segundo os inquisidores, podia ser sintetizado num único ponto: discordância ou contestação das verdades estabelecidas pela Igreja dominante. Dessa maneira: os excomungados, os que se opunham às regras eclesiás, os que contestavam a autoridade dos bispos e padres, os que cometiam “erros” na interpretação dos livros considerados canônicos, os que iniciavam uma nova seita ou os que aderiam a uma já existente, os que não aceitavam as doutrinas e sacramentos e os que duvidavam da fé cristã eram igualmente considerados hereges, estando, portanto, sujeitos às duras penas estabelecidas pelo Santo Ofício, dentre as quais a morte numa fogueira. O mais temido entre todos os inquisidores foi Torquemada, que transformou a Espanha numa verdadeira agência de terror.

Mas, onde entra Richard Dawkins em toda esta história?

Pois bem. É sabido que a inquisição medieval foi na sua essência marcada pela intolerância. A Igreja via nos seus dogmas um único referencial de fé para o mundo. Discordar daquilo que ela estabelecia como verdade significava uma afronta que deveria ser radicalmente combatida. Assim, por exemplo, a indulgência, o mais absurdo dos dogmas, deveria ser aceito como correto e dentro dos padrões da verdade. Não havia, pois, outras verdades além daquelas que a igreja estabelecia como tal. Tudo o que ela decretava como correto e verdadeiro, seja no âmbito da fé ou da razão, deveria ser aceito sem questionamentos. Desta forma, se a Igreja afirmava que o Sol girava em torno da Terra, ainda que existissem provas contrárias, prevalecia a arbitrária “verdade” da igreja.

Todos conhecem o caso do cientista italiano Galileu Galilei que, por apoiar a teoria de Copérnico, de que o Sol (e não a terra) constitui-se o centro do nosso sistema planetário, foi preso pela Inquisição, tendo de negar suas convicções, uma vez que isto ia de encontro ao que ensinava a soberana Igreja, a “legítima” representante de Deus na Terra. Igualmente, por declarar a Bíblia como única regra de fé, John Wyclif e seus principais seguidores foram todos destruídos. O mesmo aconteceu com João Huss que, havendo comparecido ao Concílio de Constança para se justificar sob o ponto de vista doutrinário, foi considerado herético e executado, não obstante possuir um salvo-conduto dado pelo imperador germânico.

Neste ponto, ou seja, no âmbito da intolerância, é que Richard Dawkins faz às vezes de um Torquemada às avessas. Na sua busca por respeitabilidade científica para sua crença no “Darwinismo Universal”, ele chega ao ponto de colocar a Seleção Natural do lado de uma divindade. Em um de seus livros escreveu: “Se eu estou correto, isso significa que

mesmo que não exista qualquer prova factual para a teoria de Darwin, é certamente justificável aceitá-la acima de todas as outras teorias.” Em outra ocasião declarou: “Penso que é possível argumentar que a fé é um dos maiores males do mundo, comparável ao vírus da varíola, porém mais difícil de erradicar. A fé, sendo uma crença não baseada em provas, é o principal vício da religião.” E mais: “Não estou atacando nenhuma versão específica de Deus. Estou atacando todos os deuses, toda e qualquer coisa que seja sobrenatural, que já foi e que ainda será inventada.” Nem mesmo àqueles que tentam harmonizar a Teoria da Evolução à fé são poupadados de sua sanha avassaladora. Numa entrevista à revista Veja, quando perguntado se um cientista não podia ser religioso, respondeu: “Pode, e muitos cientistas são. Mas eu não consigo entender suas razões. Talvez seja um tipo de cérebro repartido: eles mantêm suas crenças religiosas em um nicho, e a ciência em outro. Tenho dificuldade em simpatizar com isso.”

Muitos dos que se colocam ao seu lado nesta inquisição às avessas justificam esta militância fanatizada de Dawkins como uma defesa necessária à causa da ciência, acirrando assim ainda mais a velha peleja religião/ciência.

Na Idade Média os inquisidores viam no “herege” uma ser desprovido de razão, um tolo ou um demente que não merecia compaixão. Richard Dawkins, por sua vez, com uma intolerância inquisitorial, qualificou todos aqueles que negam a evolução como pessoas ignorantes, estúpidas ou insanas. Por tudo isso merece com todas as pompas darwinianas o título destacado de “Torquemada às avessas.”

É isso!



## Crer ou não crer: eis a questão!

Quem se prestar a ler as obras de Darwin sem aquele sentimento de submissão, tão típico dos aduladores, haverá de notar que em vários momentos ele trata sua teoria muito mais como um conceito filosófico do

que propriamente uma tese científica. Em muitas de suas correspondências, é comum o uso, por exemplo, do termo “doutrina” para se referir à Seleção Natural. “Doutrina”, segundo o Aurélio, é o “conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, científico, etc.”

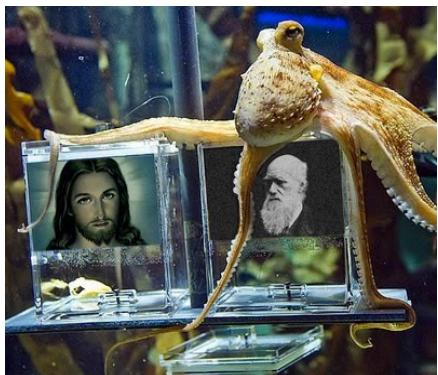
Em seu livro “A Origem das Espécies” (tradução portuguesa do professor Joaquim da Mesquita Paul) há um trecho no qual o naturalista, ao confrontar suas idéias com o conceito de criação por obra divina, faz uso da expressão “crê no princípio da seleção natural”, o que ironicamente traduz a própria essência do darwinismo, que em seus primórdios recebeu entusiasmados aplausos acadêmicos por ser “potencialmente” um poderoso argumento contra a existência de Deus: “*Quem acredita nos atos numerosos e separados da criação, pode dizer que, nos casos desta natureza, aprovou ao Criador substituir um indivíduo pertencendo a um tipo por um outro pertencendo a um outro tipo, o que me parece ser o enunciado do mesmo fato numa forma aperfeiçoada. Quem, pelo contrário, crê na luta pela existência ou no princípio da seleção natural, reconhece que cada ser organizado tenta constantemente multiplicar-se em número; sabe-se, além disso, que se um ser varia por pouco que seja nos hábitos e na conformação, e obtém assim uma vantagem sobre qualquer outro habitante da mesma localidade, se apodera do lugar deste último, por mais diferente que seja do que ele ocupava primeiramente.*”<sup>355</sup>

Bertrand Russell, em seu livro “Porque não sou Cristão”, faz menção do autor de “A Origem das Espécies” como aquele que “destruiu” o argumento teológico na existência

divina, o que remete à mesma questão, ou seja: ao darwinismo como arma de combate ao “obscurantismo religioso.” Escreveu ele: “*Ocorreram, em anos recentes, rumores de que eu me opunha menos à ortodoxia religiosa do que antigamente. Tais rumores são inteiramente destituídos de fundamento. Considero todas as grandes religiões do mundo – budismo, cristianismo, islamismo e comunismo – não só falsas, como prejudiciais. É evidente, como questão de lógica, que, já que elas diferem entre si, apenas uma delas pode ser verdadeira. Com pouquíssimas exceções, a religião que um homem aceita é aquela da comunidade em que vive, o que torna óbvio que a influência do meio foi o que o levou a aceitar a referida religião. É verdade que os escolásticos inventaram o que declaravam ser argumentos lógicos provando a existência de Deus, e que tais argumentos, ou outros de teor semelhante, foram aceitos por muitos filósofos eminentes, mas a lógica a que esses argumentos tradicionais apelavam é um tipo de lógica aristotélica antiquada, hoje rejeitada, praticamente, por todos os lógicos, exceto os que são católicos. Entre esses argumentos, existe um que não é puramente lógico. Refiro-me ao argumento da prova teológica da existência de Deus. Tal argumento, porém, foi destruído por Darwin – e, de qualquer modo, só poderia tornar-se logicamente respeitável se se abandonasse a crença na onipotência de Deus.*”<sup>356</sup>

Esse tipo de entendimento, embora tenha se tornado “politicamente incorreto” para algumas vertentes darwinistas, parece refletir a “crença latente” de grande parcela dos defensores do naturalista inglês. Darwin tornou-se, pois, no ícone máximo contra as “trevas religiosas.” Não é à toa que os mais ferrenhos ateus modernos, dentre os quais Richard Dawkins e Daniel Dennett, vejam nele a “pessoa mais importante de toda história da humanidade.” Entende-se...

É isso!



## Darwin e a causa neo-ateísta

Qual, dos grandes vultos históricos, teria melhor credencial ideológica para representar a causa neo-ateísta?

Talvez Karl Marx, que se referiu à religião como o “ópio do povo”; ou, quiçá, Stalin, Mão Tse Tung e Fidel Castro, que perseguiram os religiosos e mandaram fechar as igrejas. Indo mais longe, pode-se aventar o nome de Epicuro, o qual, embora não fosse propriamente ateu, desdenhou dos deuses, afirmando não haver motivos para temê-los, quer na vida, quer após a morte. Temos ainda o

escritor português José Saramago, que via a Bíblia como um “manual de maus costumes” e que desaconselhava sua leitura entre os jovens; também podemos fazer menção de Friedrich Wilhelm Nietzsche, o qual proclamou “a morte de Deus” e atacou frontalmente a fé cristã. Outros nomes poderiam ainda ser lembrados, tais como: Charlie Chaplin, que professou seu ateísmo, segundo ele, pelo “simples senso comum”; Sigmund Freud, que via a religião como uma neurose obsessiva; o músico inglês John Lennon, que dizia acreditar apenas em si próprio; Isaac Asimov, que via a Bíblia como a maior arma a favor do ateísmo. E, por fim, pode-se pensar no ícone atual do novo ateísmo, o ideólogo Richard Dawkins, que afirmou ser a fé um dos maiores males do mundo, comparável apenas ao vírus da varíola, porém mais difícil de ser erradicado.

Razões não faltam para se eleger um desses nomes como o “melhor representante” do não-Deus ou do anti-religião; porém, é o nome de Charles Darwin que se desponta no horizonte alvorocado dos novos ateus: Darwin é o nome mais lembrado e o que, de modo estranho, mais se liga à causa neo-ateísta, atualmente. Prova disso é a data que se escolheu para assinalar aquilo que denominaram de “O Dia do Orgulho Ateu”, ou seja, o dia 12 de

fevereiro, o mesmo do nascimento do naturalista inglês e autor do “A Origem das Espécies.”

Não é à toa que a Teoria da Evolução, para esses novos ateus, transformou-se num evento essencialmente ateísta e o que mais contrasta com a ideia de um Deus criador. Sem dúvida um enorme obstáculo aos darwinistas de tendências religiosas. Ademais, a luta inglória dos devotos de Darwin em elevar à Teoria da Evolução ao status de lídima ciência, só perde com isso, afinal, faz com que os conceitos evolucionistas sejam cada vez mais vistos pelos crentes como combativos às suas crenças e, consequentemente, como um estorvo para a fé em Deus. Desta forma, a harmonia que se deveria esperar entre ciência e religião, é substituída cada vez mais pelo acirramento ideológico de ambos os grupos, culminando em escancaradas manifestações de intolerâncias de cada uma das partes.

É isso!



## A paixão cega por uma causa cega

Num trecho que corrobora o título de seu livro “O Relojoeiro Cego”, Richard Dawkins aponta a Seleção Natural como o único e exclusivo processo pelo qual a vida originou-se e se desenvolveu. Escreve ele: “*O argumento de Paley é defendido com uma sinceridade apaixonada e informado pelo melhor saber biológico do seu tempo, mas está errado, gloriosa e absolutamente errado. A analogia entre um telescópio e um olho, entre um relógio e um organismo vivo é falsa. Pese embora a todas as aparências em contrário, o único relojoeiro da natureza são as forças cegas da física, se bem que desdobradas de forma muito especial. Um verdadeiro relojoeiro tem antevisão: concebe as suas engrenagens e molas e planeia as suas inter-relações com um objetivo futuro, com os olhos da sua imaginação. A seleção natural, o processo cego, inconsciente e automático que Darwin descobriu e que hoje sabemos ser a explicação para a existência e para a forma aparentemente intencional de toda a vida, não imagina qualquer objetivo. Não tem imaginação nem olhos da imaginação. Não planeia para o futuro. Não tem visão, nem antevisão, nem tem qualquer sentido da vista. Se se quiser atribuir-lhe qualquer papel de relojoeiro na a natureza, será o relojoeiro cego.*”<sup>357</sup>

Exatamente acerca deste trecho do livro de Dawkins, comenta Michael Behe, em seu livro “A Caixa Preta de Darwin”<sup>358</sup>, publicado e traduzido no Brasil pela Editora Zahar:

“Paley expressa tão bem o argumento do planejamento que desperta o respeito até de evolucionistas ferrenhos. Richard Dawkins tirou o título de seu livro, *O relojoeiro cego*, da analogia do relógio traçada por Paley, mas alega que a evolução, e não um agente inteligente, representa o papel do relojoeiro: Paley apresenta seu convincente ponto de vista com belas e reverentes descrições da maquinaria dissecada da vida, começando com o olho huma-no... O argumento de Paley é exposto com apaixonante sinceridade e baseado na melhor erudição biológica de sua época, mas é errado, gloriosa e totalmente errado... Se podemos dizer [que a seleção natural] representa o papel do relojoeiro na natureza, é o do relojoeiro cego... Uma coisa que não farei é depreciar a maravilha dos “relógios” vivos que tanto inspiraram Paley. Muito ao contrário, tentarei passar minha certeza de que, nesse particular, Paley poderia ter ido ainda mais longe.

Os sentimentos de Dawkins em relação a Paley são os de um conquistador em relação a um inimigo valoroso, mas derrotado. Magnânimo na vitória, o cientista de Oxford pode se dar ao luxo de render homenagem ao clérigo que compartilhava de seu próprio encanto com a complexidade da natureza. Certamente Dawkins tem razão em considerar Paley derrotado: poucos filósofos ou cientistas a ele se referem, mesmo de passagem. Os que o fazem, como Dawkins, agem assim apenas para ignorar, e não para

discutir seu argumento. Paley foi enterrado juntamente com a astronomia centralizada na Terra e a teoria do flogístico — outro derrotado na luta da ciência para explicar o mundo.

Mas exatamente em que ponto, poderíamos perguntar, Paley foi refuta-do? Quem rebateu seu argumento? De que maneira foi produzido o relógio, sem um planejador inteligente? É surpreendente, mas verdadeiro, que o principal argumento do desacreditado Paley nunca foi refutado de fato. Nem Darwin nem Dawkins, nem a ciência nem a filosofia explicaram como um sistema irredutivelmente complexo como um relógio poderia ser produzido sem um planejador. Em vez disso, o argumento de Paley foi desviado do alvo por ataques a seus exemplos mal escolhidos e por discussões teológicas despropositadas. Paley, é claro, merece censura por não ter ordenado seu ponto de vista com maior precisão. Mas muitos de seus detratores também são censuráveis por se recusarem a discutir seu argumento principal, bancando os bobos para chegar a uma conclusão que lhes fosse mais aceitável.”

E conclui Behe:

*“Pobre Paley. Seus adversários modernos sentem-se justificados em supor pontos de partida imensamente complexos (como um relógio ou uma retina), se pensam que podem explicar um melhoramento simples (tal como a tampa do relógio ou a curvatura do olho). Nenhum outro argumento é apresentado, nenhuma explicação é dada da complexidade real, da complexidade irredutível. E afirmam que a refutação dos exageros de Paley é uma refutação de seu principal argumento, mesmo aqueles que sabem que não é bem assim.”*

É isso!



## Stephen Jay Gould e a Sociobiologia

O grande escritor e darwinista Stephen Jay Gould foi um crítico contumaz das especulações genéticas exploradas pelos antigos sociobiologistas, os quais, ridiculamente tentavam (e ainda tentam através da chamada Psicologia Evolucionista) atribuir aos genes à responsabilidade por comportamentos humanos específicos, como o suicídio, a opção sexual, o altruísmo etc. Sobre isso, discorreu Gould, em seu belíssimo livro “A Falsa Medida do Homem”: “A maior parte dos biólogos concorda comigo quando nego a existência de uma base genética para a maior parte das diferenças de comportamento entre os grupos humanos e para a mudança na complexidade das sociedades humanas no curso da história recente de nossa espécie. Mas o que dizer das supostas constâncias de personalidade e comportamento, das características mentais compartilhadas pelos seres humanos de todas as culturas? O que dizer, em suma, de uma “natureza humana” geral?”

Alguns biólogos estão dispostos a atribuir aos processos darwinianos um papel fundamental não apenas no aparecimento, num passado remoto, mas também na manutenção de um conjunto de comportamentos adaptativos específicos que constituem uma “natureza humana” biologicamente condicionada. Creio que os argumentos dessa velha tradição — que encontrou sua mais recente expressão na “sociobiologia humana” — é incorreta, não porque a biologia não tenha nada a dizer, nem porque o comportamento humano só refuta uma cultura desencarnada, mas porque a biologia humana sugere que a genética desempenha um papel distinto e menos determinante na análise da natureza humana.”<sup>359</sup>

É isso!



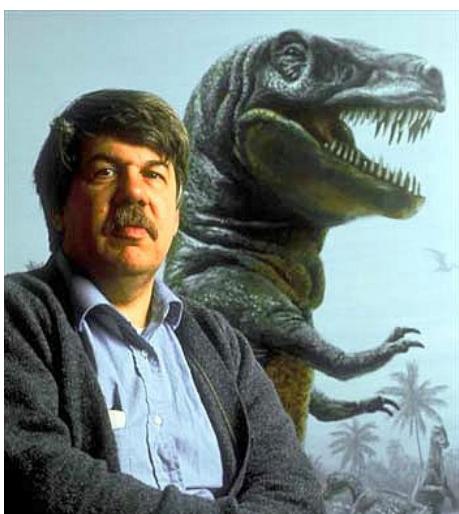
## O polegar do panda e a contradição do Gould

No seu livro “O Polegar do Panda”, há um capítulo denominado “Grupos protetores dos genes egoístas”, no qual Gould critica duramente Richard Dawkins e seus conceitos de genes egoístas. Diz ele: “Os corpos não podem ser atomizados em partes, cada uma delas construída por um gene individual. Centenas de genes contribuem para a construção de muitas partes do corpo, e sua ação é canalizada através de uma série caleidoscópica de influências ambientais...” Nesta crítica a Dawkins, parece clara a posição contrária de Gould em relação ao ponto de vista atomista de que “o todo (total) pode ser compreendido ao se separar em unidades “básicas.”<sup>360</sup>

ser atomizados em partes, cada uma delas construída por um gene individual. Centenas de genes contribuem para a construção de muitas partes do corpo, e sua ação é canalizada através de uma série caleidoscópica de influências ambientais...” Nesta crítica a Dawkins, parece clara a posição contrária de Gould em relação ao ponto de vista atomista de que “o todo (total) pode ser compreendido ao se separar em unidades “básicas.”<sup>360</sup>

No entanto, Gould contradiz-se quando afirma que os polegares do panda evoluem pelo fato de funcionarem muito bem como polegares, e não pelo fato de que funcionam muito bem porque estão contidos no panda como um todo, do qual se inclui o próprio meio ambiente onde o animal está inserido. Assim, no que tange à estética do panda, por exemplo, diz ele que o criador do panda não poderia estar pensando (como fazem os artistas) na obra completa. Ora, não foi ele quem disse que “os corpos não podem ser atomizados em partes?”

É isso!



## Para entender o Gould...

Um pouco das idéias deste grande e sincero darwinista. Tomando por base seu livro “O Polegar do Panda”<sup>361</sup>, pode-se aventar, sem nenhuma suspeita, que, para ele:

**1. A essência do darwinismo ainda é a Seleção Natural:** “Se temos de aceitar muitos casos de transição descontínua na macroevolução, será que o darwinismo é derrubado para sobreviver apenas como uma teoria de mudança adaptativa menor dentro das espécies? A essência do darwinismo reside numa única frase: a seleção natural é a força criativa principal da mudança evolutiva” (p. 171).

**2. Os fósseis transicionais são extremamente raros e se tornou num “segredo de negócio”:** “A extrema raridade de formas transicionais no registro fóssil persiste como o negócio secreto da paleontologia. As árvores genealógicas que adornam nossos livros-texto têm dados somente nas extremidades e nódulos de seus galhos; o resto é inferência, por mais que razoável, não é a evidência dos fósseis...” (p. 163).

**3. O gradualismo tradicionalmente aceito pelos darwinistas ortodoxos não dá conta das mudanças ocorridas entre os seres vivos:** “Eu não quero de nenhuma maneira impugnar a validade potencial do gradualismo. Eu somente quero destacar que isso nunca foi ‘visto’ nas rochas” (p. 163). / “Se nossas preferências a priori pelo gradualismo começarem a desvanecer por essa época, poderemos finalmente ser capazes de dar as boas-vindas à pluralidade de resultados que a complexidade da natureza apresenta” (p. 173).

**4. Tornou-se público o que antes era o negócio secreto da paleontologia, ou seja o gradualismo:** "A história de muitas espécies fósseis inclui duas características particularmente incoerentes com o gradualismo:

1. *Estase*. Muitas espécies não exibem qualquer mudança direcional durante sua estada na Terra; aparecem no registro fóssil com um aspecto muito semelhante ao que tinham quando se extinguiram; a mudança morfológica é geralmente limitada e sem direção.

2. *Aparecimento súbito*. Em qualquer área restrita, uma espécie não surge gradualmente pela transformação contínua dos seus ante passados, mas sim de uma vez só e "completamente formada" (p. 163).

**5. O Equilíbrio Pontuado é uma alternativa ao gradualismo darwinista, elaborado como consequência da lacuna fóssil encontrada na Teoria da Evolução:** "De fato, se não invocarmos uma mudança descontínua por pequena alteração nas taxas de desenvolvimento, não vejo como seriam possíveis muitas das principais transições evolutivas." (p. 173)

É isso!



## A crítica de Gould ao genecentrismo de Dawkins

O falecido Stephen Jay Gould, respeitado darwinista e um dos idealizadores da teoria denominada Equilíbrio Pontuado ou Pontualismo, também foi um crítico de Richard Dawkins, especialmente no que concerne as especulações deste no âmbito dos genes. Sobre isso, escreveu em "O Polegar do Panda": "Por ironia, a

*teoria de Dawkins chegou justamente numa altura em que cada vez mais evolucionistas estão rejeitando a suposição panselecionista de que todos os pedaços do corpo são modelados no cadinho da seleção natural. Pode ser que muitos genes, se não todos, trabalhem igualmente bem (ou, no mínimo, suficientemente bem) em todas as suas variantes, e que a seleção não escolha entre eles. Se a maioria dos genes não se apresenta à revista, então eles não podem constituir a unidade da seleção.*

*Penso, em resumo, que o fascínio gerado pela teoria de Dawkins é fruto de alguns maus hábitos do pensamento científico ocidental – das atitudes (perdoem-me o jargão) que denominamos atomismo, reducionismo e determinismo: a ideia de que os todos podem ser compreendidos por decomposição em unidades "básicas"; de que as propriedades das unidades microscópicas podem gerar e explicar o comportamento de resultados macroscópicos; de que todos os acontecimentos e objetos têm causas previsíveis, definidas e deter-minadas. Essas ideias têm sido eficazes no estudo de objetos simples, constituídos por poucos componentes e sem a influência de uma história anterior. Tenho absoluta certeza de que meu fogão se acenderá quando eu o ligar (e acendeu). As leis dos gases, construídas a partir das moléculas, levam-nos até as propriedades previsíveis de volumes maiores. Mas os organismos são muito mais do que amalgamas de genes. Têm uma história que não podemos desprezar; suas partes interagem de maneiras complexas. Os organismos são construídos por genes atuando em concerto, são influenciados pelos ambientes e traduzidos em partes que a seleção vê e partes que ela não vê. As moléculas que determinam as propriedades da água constituem uma po-bre analogia dos genes e dos corpos. Posso não ser o senhor do meu destino, mas minha intuição da totalidade provavelmente reflete uma verdade biológica."*

362

É isso!



## Michael Ruse e o "canto da sereia de Darwin"

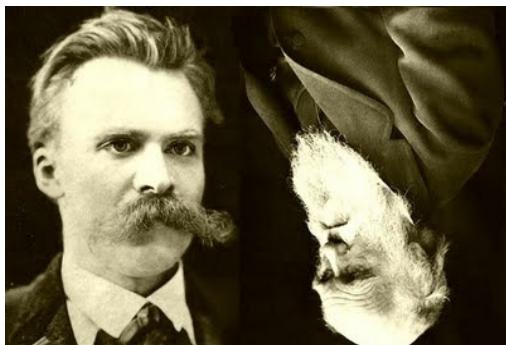
Numa entrevista realizada pelo site espanhol “Desde ele Exilio”<sup>363</sup>, perguntou-se a Michael Ruse sobre como teria evoluído a teoria evolucionista. E sua resposta: “*Obviamente o advento de Darwin em 1859 foi importante, porque estabeleceu a evolução como um fato. O trabalho de Mendel, redescoberto em 1900 foi crucial, assim como a fusão da genética mendeliana e a seleção natural na década de 1930 na criação do neodarwinismo. Desde então tem havido importantes mudanças, especialmente com a chegada da biologia molecular e o ápice do desenvolvimento da biologia evolutiva (evo devo).*”

Vejam só que interessante!

Os darwinistas falam da genética mendeliana, uma teoria experimentalmente estabelecida, como se fosse uma consequência óbvia das idéias de Darwin. Ora, é fato que nenhum dos mecanismos evolutivos teve a menor importância nas experiências realizadas por Mendel. A genética de Darwin baseava-se numa tal Pangênese, que hoje lhe renderia um belo “Darwin awards”, pela sua esquisitice.

Os louros que deveriam ir para a “cabeça” do monge Gregor Mendel, foram darwinianamente colocados na “fronte” de Charles Darwin. No darwinismo não são apenas os “mais aptos” que sobrevivem, mas também os “mais espertos.”

É isso!



## Nietzsche, o Anti-Darwin

Essa crítica de Friedrich Wilhelm Nietzsche ao darwinismo, além de divertida, faz transparecer um pouco o modo como o naturalista inglês Charles Darwin concebia a evolução ao seu tempo, ou seja, uma “evolução” do tipo progressista (no sentido de “aperfeiçoamento ao longo dos tempos”), bem típica de filósofos como Herbert Spencer. O texto fora extraído de “A Vontade de Potência”, de Nietzsche, é claro.

### **Contra o darwinismo.**

*A utilidade de um órgão não explica a origem; bem ao contrário!*

*Enquanto é formada uma quantidade ela não conserva o indivíduo e nem lhe é útil, pelo menos na luta contra as circunstâncias exteriores e os inimigos. Que quer dizer útil, afinal de contas? E mister perguntar: “útil com relação a quê?”*

*O que, por exemplo, é útil à duração do indivíduo poderá ser desfavorável à sua força e esplendor; o que conserva o indivíduo poderá simultaneamente retê-lo e imobilizá-lo na evolução. Por outra parte, um vício de conformação, uma degenerescência podem ser de maior utilidade, no sentido em que atuem como estimulantes dos outros órgãos. Da mesma sorte, um estado de necessidade pode ser uma condição de existência, no sentido que rebaixa o indivíduo a uma proporção em que se firma e não se desperdiça. — O indivíduo é o campo de batalha de suas diferentes partes (para a alimentação, espaço, etc.): sua evolução está ligada à vitória, à predominância*

*de determinadas partes, ao perecimento, à transformação em órgãos de outras determinadas partes.*

*A influência das “circunstâncias exteriores” foi absurdamente exagerada por Darwin: o que há de essencial no processo vital é precisamente a imensa potência formadora, que cria formas de dentro para fora, que utiliza e explora as “circunstâncias exteriores.” As novas formas criadas de dentro para fora, não são formadas em vista de uma finalidade; mas, na luta das partes, uma forma nova não permanecerá por muito tempo sem relação com uma utilidade parcial, e com o decorrer do tempo, conforme o uso que dela faça, plasmará a si própria uma forma mais perfeita.*

### **Anti-Darwin**

*Que valor definitivo pode ter a domesticação dos homens? Ou terá a domesticação sempre um valor definitivo? Existem razões para negarmos esta última proposição.*

*É verdade que a escola de Darwin fez grandes esforços para nos persuadir do contrário: ela quer que a influência da domesticação possa tornar-se profunda e até fundamental. Provisoriamente ficamos no passado: até hoje apenas foi demonstrada uma influência toda superficial da domesticação — ou ainda, a degenerescência. E tudo quanto consegue escapar-se da mão humana e de seu adestramento volve quase imediatamente ao seu estado natural. O tipo permanece constante: não se pode “dénaturer la nature.”*

*Confia-se na luta pela existência, na morte dos seres fracos e na sobrevivência dos mais robustos e melhor dotados; consequentemente imagina-se um aumento contínuo da perfeição dos seres. Em compensação temos comprovado que na luta pela vida, o acaso serve tanto aos fracos quanto aos fortes e que muitas vezes a astúcia supre o vigor com vantagem, que a fecundidade da espécie se encontra numa relação singular com as “chances” da destruição.*

*(...) tempo lentas e infinitas: querem crer que todo proveito transmite por hereditariedade e se manifesta nas gerações seguintes, com urna intensidade sempre maior (embora realmente a hereditariedade seja tão caprichosa...); encontram em certos seres a assimilação feliz às condições vitais determinadas e declararam que foi obtida por influência do ambiente.*

*Mas em nenhuma parte encontram exemplos de seleção inconsciente (de nenhuma espécie). Os mais dispares indivíduos unem-se, os mais extremos misturam-se à massa. Tudo concorre a manter seu tipo; os seres que possuem caracteres exteriores, que os protegem contra certos perigos, não os perdem quando submetidos às circunstâncias em que vivem sem perigo... Se transportados a lugares onde a roupagem cessa de escondê-los, absolutamente não se transformam para se reaproximarem do ambiente.*

*Exageraram a seleção dos seres mais belos a ponto que sobrepassaria em muito o instinto de beleza de nossa própria raça! Realmente o mais belo ajusta-se perfeitamente às criaturas deserdadas, o maior ao menor. Quase sempre vemos o macho e a fêmea aproveitarem-se de cada momento do acaso sem se apresentarem indecisos na escolha. — Há modificação pelo clima e pela nutrição, mas na realidade é diferente.*

*Não há formas intermediárias.*

*Pretendem que haja o desenvolvimento na evolução dos seres; mas falta qualquer fundamento a essa teoria. Cada tipo possui seus limites: além destes não há evolução. Até lá existe regularidade absoluta.*

*Minhas principais opiniões. — Primeira proposição: o homem como espécie não está em progresso. Realizam-se tipos superiores, porém não se conservam.*

*O nível da espécie não se eleva.*

*Segunda proposição: o homem, enquanto espécie, não realiza um progresso em comparação com qualquer outro animal. O mundo animal e vegetal, em seu conjunto, não se desenvolve do inferior ao superior... Tudo se faz ao mesmo tempo, a torto e a direito, superpondo-se, contrapondo-se... As formas mais complexas e mais ricas — a*

expressão “tipo superior” nada expressa a mais — perecem mais facilmente: só as inferiores mantêm seu caráter imperecível em aparência. As primeiras são realizadas com bastante raridade e mantêm-se dificilmente: as últimas têm a seu favor uma fecundidade prometedora. Na humanidade também os tipos superiores, os casos felizes da evolução, com alternativas de boa e má sorte, perecem mais facilmente. São expostos a toda espécie de decadência; são extremos, e isso basta para torná-los quase decadentes... A curta duração da beleza, do gênio de César, é *sui generis*: tais qualidades não se transmitem por hereditariedade.

O tipo é hereditário; nada tem de extremo, não é um “lanço da sorte”... Não há nisso qualquer fatalidade particular, qualquer malquerer da natureza, mas simplesmente a idéia do “tipo superior”; o tipo superior representa uma complexidade infinitamente maior, — uma soma maior de elementos coordenados: eis por que a desagregação é infinitamente mais provável. O “gênio” é a máquina mais sublime que existe, — e por isso mesmo a mais frágil.

Terceira proposição: a domesticação (a “cultura”) do homem não atinge as camadas mais profundas... Em toda a parte onde penetra profundamente torna-se também degenerescênciia (o tipo de cristão). O homem “selvagem” (ou, para melhor expressar-me sob o ângulo moral, o homem mau) é um retorno à natureza — e, num certo sentido, um restabelecimento, uma cura da “cultura”...

O que mais me surpreende, quando passo em revista os grandes destinos da humanidade, é ter sempre diante dos olhos o contrário do que hoje vêm ou do que desejam ver Darwin e sua escola: a seleção em favor dos seres mais fortes e bem-nascidos, o progresso da espécie. Mas é precisamente o contrário o que entra pelos olhos: a supressão dos casos felizes, a inutilidade dos tipos melhor nascidos, a dominação inevitável dos tipos médios e até dos que estão abaixo da mediania. A menos que me demonstrem a razão que determina ser o homem exceção entre as criaturas, inclino-me a crer que a escola de Darwin errou em tudo. Essa vontade de potência, em que reconheço o fundo e o caráter de toda mutação, explica-nos por que a seleção não se faz precisamente em favor das exceções e dos acasos felizes: os mais fortes e os mais felizes são fracos, quando têm contra si os instintos organizados do rebanho, a pusilanimidade dos fracos e o grande número. Minha perspectiva total do mundo dos valores demonstra que, nos mais altos valores agora colocados acima da humanidade, não são os acasos felizes, os tipos de seleção que têm superado, mas os tipos de decadência. — Talvez nada haja de mais interessante neste mundo que este espetáculo indesejado...

Qualquer singularidade que haja em afirmá-lo, é mister sempre pôr em valor os fortes contra os fracos, os bem-nascidos contra os mal-nascidos, os saudáveis contra os degenerados e os doentes por hereditariedade. Se se quer reduzir a realidade numa fórmula moral, essa moral expressar-se-ia assim: a média vale mais que a exceção, as formações da decadência mais que a média; a vontade do nada prevalece sobre a vontade de viver — e a finalidade geral é, desde já, qualquer que seja a maneira em que se queira expressar, cristã, budista ou schopenhaueriana: “Antes não ser, que ser.”

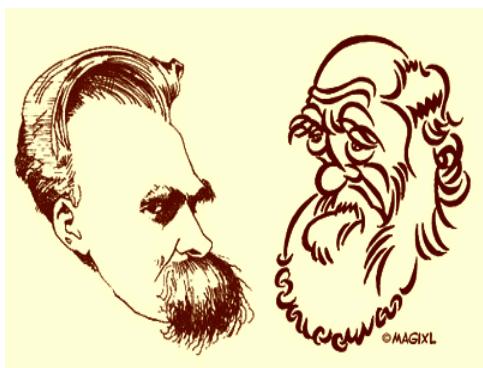
Revolto-me contra essa maneira de formular a realidade para fazer dela uma moral: eis por que detesto o cristianismo com um ódio mortal, porque criou palavras e atitudes sublimes para outorgar a uma realidade detestável o manto do direito, da virtude, da divindade.

Vejo toda filosofia, vejo toda ciência de joelhos diante da realidade de uma luta pela vida que é o contrário dessa que ensina a escola de Darwin, quero dizer que percebo em toda a parte, na primeira fila, sobrando os que comprometem a vida, o valor da vida. O erro da escola de Darwin tornou-se para mim um problema: como se pode ser tão cego para enganar-se justamente neste caso?... Pretender que as espécies representam um progresso, é a afirmação mais desarrazoada do mundo: provisoriamente representam um nível. Se os organismos superiores se desenvolveram dos organismos inferiores, nenhum exemplo ao menos o demonstra... Vejo que os inferiores têm a preponderância

pelo número, pela astúcia, pelo ardil. Não vejo como uma mutação fortuita pode ser vantajosa, sobretudo numa espécie de tempo tão longa: pois então se precisaria explicar por que uma transformação fortuita adquiriu uma tal força.

Encontro em outra parte a “crueldade da natureza” da qual tanto se fala: a natureza é cruel para os favoritos da fortuna: ela alimenta e protege e ama os humildes. Em resumo, o aumento de potência de uma espécie está garantido menos talvez pela preponderância de seus favoritos, de seus fortes, que pela preponderância dos tipos médios e inferiores... Estes últimos possuem uma grande fecundidade e a duração; com os primeiros, aumenta o perigo, a destruição rápida, a diminuição do número.”

É isso!



## Nietzsche contra Darwin

“Nietzsche contra Darwin”<sup>364</sup> é o título de um livro de autoria de Wilson Antônio Fresaste Junior, em se que aborda os argumentos do filósofo alemão contra o conceitos darwinistas de “luta pela existência” e “seleção natural.”

Sobre a primeira questão, diz-nos Fresai: “Nietzsche, em um fragmento póstumo da primavera de 1888, intitulado “Anti-Darwin”, afirma que,

quando observa o caminho da humanidade, vê o contrário do que Darwin vê ou quer ver: o que o filósofo alemão constata não é o progresso da espécie humana, mas a prosperidade da mediocridade. Mas não é apenas a história dos homens, conforme vista pelo naturalista inglês, que o filósofo expõe nesse fragmento, pois algo mais abrangente está na mira da crítica nietzschiana. A concepção darwiniana de natureza também é contestada em seu fundamento: a luta pela existência, que segundo Darwin promove a evolução das espécies, não pode ser uma lei da vida. Contra essa luta, o fragmento se insurge:

“Vejo todos os filósofos, vejo a ciência de joelhos ante a realidade de uma luta pela vida ao contrário, tal como ensina a escola de Darwin — ou seja aqueles que comprometem a vida, o valor da vida, [...] O erro da escola de Darwin é, para mim, um verdadeiro problema: como pode ser tão cego que não percebe isso?” (Fragmento póstumo XIII 14 [da primavera de 1888].

E, a respeito da “seleção natural”: “A seleção natural, na visão de Nietzsche sobre o darwinismo, é, ao lado da luta pela existência, uma noção central, pois é um dos alvos preferidos de suas críticas.”

[...]

“Nietzsche não aceita, nesta argumentação, o gradualismo darwiniano; não aceita que, devido à luta pela sobrevivência ser acirrada, uma pequena variação provoque um desequilíbrio considerável em favor de seu portador. O aparecimento de um órgão não é explicado por sua utilidade. Mas os aspectos mais importantes dessa crítica são outros: a finalidade e a conservação. Darwin, para o filósofo alemão, introduz uma teologia ao indicar a utilidade futura de uma forma na luta pela existência. Por isso, aponta o erro na conclusão darwiniana: se as novas características existissem para alcançar um objetivo, como acredita que Darwin pensa, seriam mantidas aquelas que sempre fossem úteis. Esse aspecto finalista está ligado à conservação, pois a luta pela existência é luta por conservação. Assim, temos mais uma vez a crítica nietzschiana ao darwinismo como conservação:

“O que é, afinal, ‘útil’? Deve-se perguntar ‘útil ao que? Por exemplo, o que é útil à conservação do indivíduo poderia ser desfavorável a sua força e esplendor; o que

assegura a manutenção do indivíduo poderia, ao mesmo tempo, imobilizá-lo e congelá-lo em seu desenvolvimento. Além disso, um defeito, uma degenerescência pode ser de uma utilidade extrema, porquanto ela funcione como estímulo de outros órgãos” (Fragmento póstumo XII 7 [do final de 1886/primavera de 1887]).

Outra questão interessante abordada no referido livro diz respeito às idéias de Nietzsche e Darwin referentes a questões raciais e suas influências no regime nazista. Embora a noção do “super-homem” ou do “homem superior” de Nietzsche nos remeta de algum modo aos ideais de “superioridade” do “arianismo” de Hitler, são dos conceitos darwinianos de “luta pela sobrevivência” que o ditador alemão mais bebeu. Na verdade, Nietzsche não foi, como muitos supõem, um anti-semita. Isso está destacado inclusive na referida obra que serviu de título a este tópico. Sobre esta questão Fresaste faz menção do seguinte texto de Nietzsche:

“É certo que os judeus [serem a raça mais forte e mais rija que vive na Europa], se quisessem — ou, se fossem obrigados a tal, como os anti-semitas parecem querer —, poderiam desde já ter a preponderância, mais ainda, falando de modo completamente literal, o domínio da Europa; é também certo que não trabalham nem fazem projetos nesse sentido. Ao contrário, o que pretendem e querem, no momento, até com certa insistência, é ser absorvidos e integrados à Europa, pela Europa; desejam se fixar seja onde for e ser admitidos, respeitados e dar um fim à vida nômade, ao “judeu errante” (JGB/BM § 251).

E, finalizando Fresaste: “O erro da escola de Darwin, segundo Nietzsche, é considerar a vida como conservação, estar cego ao caráter de superação. Erro não só dos darwinistas, mas de toda ciência e filosofia da época; daí as críticas ao darwinismo estarem contidas nas críticas nietzschianas à modernidade. Esse problema, contudo, no contexto da filosofia da maturidade nietzschiana, é mais do que um erro: é reflexo da própria condição fisiológica daquele que possui essa visão de mundo. Se a saúde é a luta por superação, por mais potência, a doença reflete luta por conservação, pelo mesmo. A superação, as difíceis condições, devem ser mesmo propositadamente procuradas.”

É isso!



## A "luta" de Nietzsche e Darwin

O que diferencia o conceito de "luta" do filósofo alemão Nietzsche daquele defendido pelo naturalista inglês Charles Darwin? Há algum aspecto em que a filosofia darwinista possa ser associada à filosofia nietzschiana?

Bem. Segundo o estudioso das obras de Nietzsche, Wilson Antonio Frezzatti Junior<sup>365</sup>, é equivocada a ligação do darwinismo à filosofia nietzschiana. Em "Equívocos a respeito de Nietzsche: o darwinismo, a eugenia e a democracia pós-moderna", ele rechaça com veemência esta pretensa associação entre ambos os filósofos: "O darwinismo foi associado também indevidamente, a nosso ver, à filosofia nietzschiana. Acreditamos que a análise dessa questão nos trará elementos que indicarão a relação entre sua filosofia e a democracia e a eugenia. Em outras palavras, a comparação das noções nietzschianas e darwinianas de luta mostrará com mais clareza as características do conflito nietzschiano. Dessa forma, indicaremos que a filosofia de Nietzsche não pode ser confundida nem com o darwinismo, nem com a eugenia e nem com a concepção pós-moderna de democracia." [...] "A identificação do pensamento nietzschiano com a teoria da evolução de Darwin, para nós, é um equívoco. A noção de luta assume grande importância, pois, além de ter

*sido usada para aproximar os pensamentos de Nietzsche e Darwin, esse conceito tem servido para colocar a filosofia nietzschiana como fundamento da democracia pós-moderna ou da ideologia nazista. Mostraremos que, ao contrário da luta pela existência de Darwin, a luta nietzschiana ocorre por uma tendência a superação e não para conservação.*"

No que diz respeito propriamente ao conceito de "luta pela existência", Frezzatti cita o fragmento póstumo de Nietzsche, intitulado "Anti-Darwin", com o qual o filósofo alemão constata não o progresso da espécie humana, mas a prosperidade da mediocridade: "Vejo todos os filósofos, vejo a ciência de joelhos ante a realidade de uma luta pela vida ao contrário, tal como ensina a escola de Darwin – ou seja aqueles que comprometem a vida, o valor da vida, [...] O erro da escola de Darwin é, para mim, um verdadeiro problema: como pode ser tão cego que não percebe isso?" (Nietzsche, fragmento póstumo 14 [123] da primavera de 1888).

Daí indaga o autor: afinal, por que Nietzsche, em dezenas de aforismos ou fragmentos póstumos, preocupa-se em apontar os "erros" de Darwin e sua escola? A qual problema o filósofo refere-se como "verdadeiro problema"? E responde: "*A luta é uma noção central tanto no pensamento de Darwin como no de Nietzsche. Se, na teoria darwinista, a seleção natural é o mecanismo da evolução, a luta é o motor da seleção. O subtítulo do famoso A origem das espécies é A preservação das raças favorecidas na luta pela vida: a seleção natural, produtora de novas espécies, é resultado da luta pela sobrevivência. Na filosofia de Nietzsche, a luta sempre teve um papel destacado, aparecendo de modo diferente conforme o período considerado. Neste artigo, nos ateremos às concepções que aparecem na produção da maturidade do filósofo, pois é nesse período que se concentra a maioria de seus textos "Anti-Darwin."*

Ainda segundo Frezzatti: "*o filósofo alemão, portanto, não nega a luta, mas recusa que ela ocorra para a conservação da vida, pois "o ser vivo quer de preferência dar livre curso a sua força – ele o 'quer' e o 'necessita' (as duas expressões têm para mim o mesmo peso!): a conservação é apenas uma consequência. O que os seres vivos buscam é mais potência, o que faz com que a luta seja pelo "mais", pelo "melhor", pelo "mais rápido" e pela "maior freqüência". Ainda que, tanto para Nietzsche quanto para Darwin, a vida esteja baseada na luta, isso ocorre de modos diferentes. Para Darwin, a luta pela existência segue-se inevitavelmente da alta taxa de crescimento dos seres vivos, o que causa a situação de penúria identificada por Nietzsche como exceção. O naturalista inglês aplica a teoria de Thomas Robert Malthus ao reino animal e vegetal: são produzidos muito mais indivíduos do que é possível sobreviver, o que certamente produz a luta pela vida, seja de um indivíduo contra outro da mesma espécie ou de espécie diferente, ou ainda contra as condições físicas da vida. Porém, adverte Nietzsche: "Não se deve confundir a natureza com Malthus". O impulso vital, para o filósofo alemão, não busca persistência na vida, mas aspira à extensão de sua potência, pela qual chega a sacrificar a própria conservação – a luta pela conservação, ao contrário, é uma exceção, uma restrição provisória da vontade de viver." E, mais adiante, continuando sobre o conceito de luta em Nietzsche, conclui o pesquisador nietzschiano: "A noção nietzschiana de luta não fica restrita ao mundo orgânico: ela passa a ser o que constitui a própria realidade ou a efetividade. Tudo que ocorre no mundo, ocorre por um processo de enfrentamento entre forças que tentam se intensificar. O indivíduo e o sujeito não são unidades, mas passam a ser entendidos como ficção psicológica e gramatical. O que chamamos de indivíduo é a resultante de uma luta interna entre as menores partes do organismo - células, tecidos e órgãos."*

É isso!



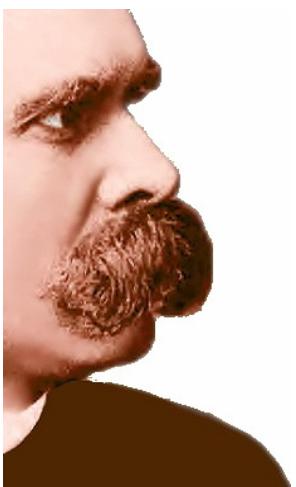
## Nietzsche e sua navalha verbal contra Darwin

A crítica de Nietzsche às idéias de Darwin não ficaram restritas apenas a uma de suas obras; em vez disso, em tantas outras não poupou sua navalha verbal contra o naturalista inglês, como se pode observar, também, em "Além do bem e do mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro":

*"Certas verdades são percebidas pelos mediocres primeiramente, porque são mais conformes à sua inteligência e não têm atrativo ou sedução senão para os espíritos mediocres. Se é levado a constatar este fato, por si mesmo pouco confortador, precisamente depois que as mentes de alguns ingleses respeitabilíssimos, mas de inteligência mediocre – designarei Darwin, John Stuart Mill e Herbert Spencer – na média do gosto europeu parecem exercer uma influência preponderante."*

*De fato, quem poderia duvidar da utilidade do aparecimento, a intervalos, de tais espíritos? Seria um erro sustentar que precisamente os espíritos superiores, que tentam sendeiros inacessíveis aos outros, possuam suficiente habilidade para constatar muitos fatos pequenos e vulgares, para tirar deles certas conclusões – pelo contrário. esses são exceções e se encontram numa posição pouco feliz frente à "regra." E além disso, devem fazer outras coisas distintas do apenas conhecer, devem ser, significar, representar novos valores! O abismo que separa o saber do poder é talvez mais profundo e também mais sinistro do que se possa crer aquilo que se ouve do poder, num estilo grandioso, quem tem o espírito que cria, poderá, talvez deva ser um ignorante – posto que as descobertas científicas à Darwin exigem uma certa restrição de vistas, uma certa aridez do espírito, certo pedantismo, muito conforme à índole inglesa."*

É isso!



## Darwin na mira de Nietzsche

Em seu “Crepúsculo dos Ídolos”, escreve Nietzsche: **“Anti-Darwin.** No que concerne à célebre luta pela vida, ela me parece a princípio mais afirmada do que provada. Ela acontece, mas enquanto exceção; o aspecto conjunto da vida não é a indigência e a penúria famélicas, mas muito mais a riqueza, a exuberância, mesmo o desperdício absurdo - onde há luta, luta-se por potência... Não se deve confundir Malthus com a natureza. No entanto, suposto que haja esta luta e, de fato, ela se dá -, ela transcorre infelizmente de modo inverso ao que a escola de Darwin deseja; de modo inverso ao que talvez se pudesse desejar: isto é, em detrimento dos fortes, dos privilegiados, das felizes exceções. As espécies não crescem em meio à perfeição: os fracos sempre se tornam novamente senhores sobre os fortes. Isto acontece porque eles estão em grande número e porque eles também são mais inteligentes... Darwin esqueceu o espírito (isto é inglês!), os fracos possuem mais espírito... É preciso ter necessidade de espírito para obter um espírito - nós o perdemos quando não temos mais necessidade dele. Quem possui a força se desprende do espírito ("Deixemo-lo ir!" pensa-se hoje na Alemanha - "O império há, contudo, de permanecer conosco" ...). Eu entendo por Espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autocontrole e tudo que é mimicry (a este último pertence uma grande parte da assim chamada virtude).”

Do texto de Nietzsche, dois pontos merecem destaque, a saber:

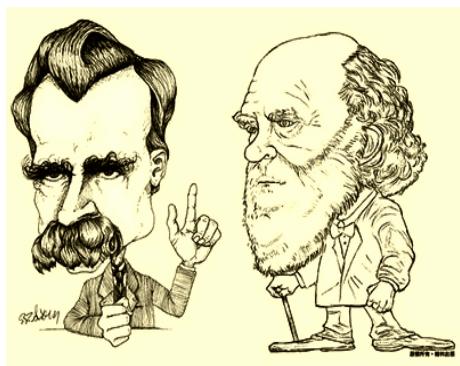
1. "No que concerne à célebre luta pela vida, ela me parece a princípio mais afirmada do que provada";

2. "Ela acontece, mas enquanto exceção..."

Nestes enxertos, parece claro que Nietzsche não está propriamente negando que haja uma "luta pela vida", mas que ela existe apenas como uma exceção, e mesmo nos casos extremos de vida e morte, ainda assim seria uma "luta por potência", e não como defendiam os evolucionistas, ou seja, uma luta para triunfo e progresso dos "mais fortes." Nas próprias palavras de Nietzsche: "suposto que haja esta luta e, de fato, ela se dá, ela transcorre infelizmente de modo inverso ao que a escola de Darwin deseja." Não são, portanto, os "mais fortes" os que triunfam: "os fracos sempre se tornam novamente senhores sobre os fortes. Isto acontece porque eles estão em grande número e porque eles também são mais inteligentes..."

Desta forma, fica evidente que, ao contestar o espírito de luta darwinista, Nietzsche contesta com isso a força propulsora que mantém esta luta firmada, ou seja, a Seleção Natural, pelo menos nos moldes como fora inicialmente concebida por seus teóricos, na qual o "mais forte" seria o grande triunfador. E, não obstante tenha sido Herbert Spencer quem cunhou o lema "sobrevivência do mais apto", ao transferir a "luta" de Malthus para a esfera da Natureza, Darwin deu a esta mesma "luta" um significado próprio, que a sintetizou na mesma expressão "Seleção Natural."

É isso!



## Nietzsche e Darwin: a "luta" continua

Em seu livro "Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos"<sup>366</sup>, Scarlett Marton aborda largamente a questão envolvendo os conceitos de "luta" do filósofo Friedrich Nietzsche e do naturalista Charles Darwin. Ao que é sabido, Nietzsche fora um crítico ferrenho dos ideais de "luta pela existência", como conceberam os baluartes da corrente evolucionista. Em seu "A Vontade de Potência", por exemplo, essa crítica

aparece de forma até contundente. Mas, vejamos um pouco o que Marton tem a dizer sobre a polêmica:

"Estendendo a teoria de Malthus ao reino animal, Darwin sustentou que os meios de subsistência aumentavam em proporção menor que os animais, o que levava a desencadear-se entre estes o combate. Entendeu assim a luta pela existência como luta pela subsistência, vinculando-a à necessidade de auto-conservação. Num aforismo intitulado Anti-Darwin, Nietzsche escreve: "no tocante ao célebre 'combate pela vida, ele me parece às vezes mais afirmado que provado. Ocorre, mas como exceção; o aspecto global da vida não é a situação de indigência, a situação de fome, mas antes a riqueza, a exuberância, e até mesmo o absurdo esbanjamento — onde se combate, combate-se por potência..."

[...]

"Este não é o único ponto que distingue a idéia darwiniana e a concepção nietzschiana de luta. O filósofo entende que a vontade de potência, exercendo-se em cada ser vivo microscópico que constitui o organismo, leva a deflagrar-se o combate entre todos eles. Atuando num elemento, encontra empecilhos nos que o cercam, mas tenta submeter os que a ela se opõem e colocá-los a seu serviço. Necessita de obstáculos que a estimulem, precisa de resistências para que se manifeste, requer oponentes para exercer-

se. Cada elemento quer prevalecer na relação com os demais e desafia todos eles; a precedência, todavia, não se confunde com supremacia, nem o combate com extermínio. Para que ocorra a luta, é preciso que existam antagonistas; e, como ela é inevitável e sem trégua ou termo, não pode implicar a destruição dos beligerantes. Surge aqui mais um elemento da concepção nietzschiana de vontade de potência: seu caráter agnóstico. Graças a ele, a luta, que se desencadeia entre os múltiplos elementos em que atua a vontade de potência, diferencia-se radicalmente da struggle for life.”

[...]

“No conceito de vontade de potência, as duas noções serão sub-sumidas. Se nele reaparece a idéia darwiniana de concorrência vital, ela vai na direção oposta à do próprio Darwin: não se justifica pela necessidade de autoconservação mas aponta para a superabundância da vida. Aliás, é à Abundanztheorie de Rolph que o filósofo recorre para criticar o darwinismo. Tanto é que contrapõe ao combate pela vida, ditado pela autoconservação, e à situação de penúria, criada pela inferioridade da multiplicação dos meios de subsistência em relação à dos animais. A riqueza, a exuberância e até mesmo o absurdo esbanjamento” (Cl, *Incursões de um extemporâneo*, § 14). E conclui que “a luta pela existência é apenas uma exceção, uma provisória restrição da vontade de viver: a grande e pequena luta voltam-se, em toda parte, para a preponderância, o crescimento e a expansão, a potência, conforme a vontade de potência, que é justamente vontade de vida.”

[...]

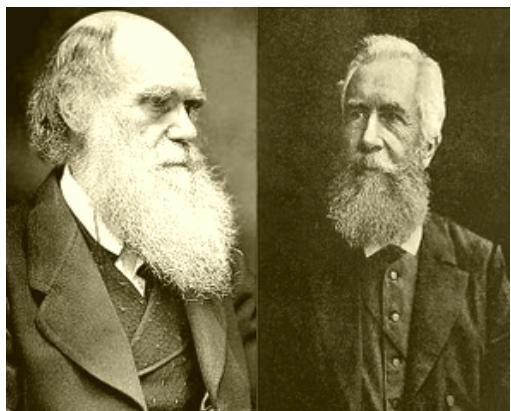
“Se o distanciamento em relação à doutrina de Darwin já se faz sentir no segundo período da obra, certamente acentua-se no terceiro. Nietzsche abandona tanto a idéia de que a lei de seleção natural poderia aplicar-se aos problemas das ciências do espírito quanto a de que as naturezas degenerantes contribuiriam para o progresso espiritual da comunidade. Retomando de forma mais elaborada e veemente a crítica ao darwinismo, passa a operar em outro registro. Se, no conceito de vontade de potência, mantém a idéia darwiniana de concorrência vital, em vez de justificá-la pela necessidade de autoconservação, aponta para a superabundância da vida. Se conserva também a idéia de luta, entende que se desencadeia entre os múltiplos elementos em que atua a vontade de potência e não apenas entre os seres vivos e, o mais importante, em vez de implicar o aniquilamento dos adversários, reveste-se de caráter agnóstico. “Vejo todos os filósofos”, declara, “vejo a ciência de joelhos diante da realidade de uma luta pela existência às avessas, tal como ensina a escola de Darwin, ou seja, vejo por toda parte imporem-se os que sobrevivem, os que comprometem a vida, o valor da vida. — O erro da escola de Darwin tomou-se para mim um problema: como se pode estar cego a ponto de não ver isso.”

[...]

“Ao criticar a idéia de adaptação, no terceiro período da obra, o filósofo poderia estar visando indiferentemente Darwin, Spencer e até Lamarck, embora em momento algum o ataque. Aliás, na vontade de potência enquanto vontade orgânica, a noção de “potência mediadora, que do interior cria formas”, presente em alguns textos, traz ressonâncias da idéia lamarckiana de energia interna dos seres vivos tentando vencer o meio depois de explorá-lo. Mas seria possível congregar Lamarck, Darwin e Spencer em torno da idéia de adaptação — seja porque as variações biológicas resultantes do exercício de uma necessidade interna ocorreriam sempre no sentido de uma adaptação melhor (Lamarck), seja porque a formação contínua de novas espécies se caracterizaria por novos meios de adaptação (Darwin), seja porque a adaptação às condições do meio representaria o bem almejado pelo ser humano (Spencer). “Põe-se em primeiro plano a ‘adaptação’, isto é, uma atividade de segunda ordem, uma mera reatividade”, afirma Nietzsche, “e chegou-se a definir a vida mesma como uma cada vez mais adequada adaptação interna a circunstâncias externas (Herbert Spencer). Com isso, porém, à essência da vida é equivocada: sua vontade de ‘potência’, com isso é ignorada a

*supremacia que tem, por princípio, as forças espontâneas, agressivas, invasoras, criadoras de novas interpretações, de novas direções e de formas, a cujo efeito, somente, se segue a ‘adaptação’; com isso é negado no organismo mesmo o papel dominador dos supremos funcionários, nos quais a vontade de vida aparece como ativa e conformadora.’*

É isso!



## Ao discípulo, com carinho...

Para quem não sabe, o alemão Ernst Haeckel, que fora contemporâneo de Adolf Hitler, foi um dos mais sorrateiros fraudadores pro Teoria da Evolução. Até recentemente o seu famoso desenho de desenvolvimento embrionário dos vertebrados (“A Ontogenia recapitula a Filogenia”) permanecia estampado em nossos livros didáticos como expressão da mais pura verdade. Agora já se sabe que ele manipulou falsamente tais desenhos a fim de favorecer os pressupostos darwinistas da evolução rigidamente gradual. Pois é...

Foi para este “grande cientista” que o honradíssimo Charles Darwin escreveu esta cordial missiva, em 29 de abril de 1879:<sup>367</sup>

*Meu caro Haeckel:*

*Acabo de ler a tradução inglesa da sua "Liberdade na ciência" etc. Deixe que lhe diga quanto a admiro. É um ensaio deveras interessante, com cujas idéias estou absolutamente de acordo. A conduta de Virchow é vergonhosa, e espero que se arrependa um dia. Que maravilhoso é o prefácio de Huxley!*

*Mando-lhes as maiores saudações*

*Seu muito sinceramente*

*Charles Darwin*

## Os falsos embriões de Haeckel

Note-se que na cartinha a Haeckel, Darwin faz uma observação sobre um tal Virchow, desejando que este se arrependa de algo que houvera cometido. Rudolf Virchow, para quem também não sabe, é considerado, hoje, o pai da patologia moderna. Ele foi um crítico ferrenho das idéias de Haeckel a respeito da descendência humana. No mesmo livro acima citado, Haeckel faz menção de Virchow como um opositor de suas idéias. Escreve: “*No solene discurso que Virchow pronunciou, há quatro anos, no Congresso de Antropologia de Viena, afirmava que o “homem tanto podia descender do macaco, como do elefante, como do carneiro”. Se enunciou esta proposição seriamente, confirma-se o fato conhecido, desde há muito tempo, de que Virchow – embora discípulo de Johannes Müller – nada sabe de anatomia comparada, de zoologia sistemática, nem das mais ínfimas descobertas paleontológicas e ontogênicas. Mas se esta frase está destinada a levantar o ridículo sobre a “teoria símia”, tão detestada, considerando-a como uma lamentável burla; não podemos deixar de deplorá-la, vinda de um naturalista de grande mérito, que recorre a um tal método para fazer ouvir o peso da sua autoridade na mais séria das discussões: a que se refere à “questão suprema.”*

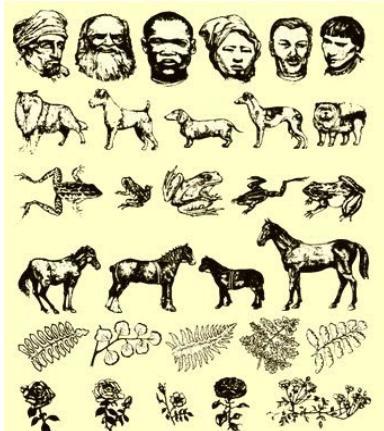
*Com profundo pesar, vejo-me de novo obrigado a demonstrar a absoluta falta de fundamento das afirmações de Virchow e a completa ausência de bases experimentais na sua inconsiderada oposição à teoria da evolução. Com a criação, há quarenta anos, da patologia celular, o célebre patólogo adquiriu uma autoridade que aumentou a sua*

infatigável atividade nos meios políticos e sociais. Para muita gente, Virchow é uma espécie de papa científico, o que lhe permite falar sem o recurso a qualquer informação biológica e, por conseguinte, derrubar a "teoria símia". Ainda hoje em dia são especialmente os sacerdotes de todas as igrejas e os órgãos clericais das mais diversas tendências — defensores acérrimos da superstição e inimigos declarados do livre-pensamento — que invocam a autoridade de Virchow. Foi o que aconteceu, há vinte anos, quando expus, no Congresso de naturalistas alemães, em Munich (1877), as relações da teoria da descendência subordinada ao conjunto global da ciência. Virchow combateu imediatamente esta teoria da maneira mais viva, e, para satisfação dos padres e da reação, afirmou que o transformismo é uma hipótese não demonstrada, que a origem simiesca do homem é impossível e que a atividade psíquica não é uma simples função do cérebro. Decorreu, desde então, um ano, e até hoje, o eminentíssimo patologista deu livre curso ao antagonismo derrotista, visando a teoria moderna da evolução, combatendo vigorosamente a descendência do homem vindo de uma série de antepassados vertebrados.

É ainda mais penoso ter que se julgar estes fatos deploráveis, porque, há menos de meio século, o jovem Virchow tinha convicções bem diferentes, diametralmente opostas às suas atuais ideias. Durante a sua permanência em Vürzburg (1849-1856), o célebre patologista executou o seu principal trabalho original, que devia modificar a medicina científica no sentido celular. Aí, em colaboração com os grandes histólogos Kölleker e Leydig, estabeleceu as bases da sua patologia celular. Aí também, numa notável série de memórias, demonstrou essa unidade do organismo humano, uma das teses mais importantes do monismo moderno. Quando, em 1856, Virchow se deslocou para Berlim, afastou-se progressivamente das teorias monistas, passando-se definitivamente para o campo do dualismo místico. (Veja-se a minha memória "Freie Wissenschaft und freie Lehre", resposta ao discurso de Virchow, sobre a liberdade da ciência no Estado moderno, Stuttgart, 1878)."

É isso!

## Das mentiras que Haeckel contou...



Discorrendo sobre Darwin e de seus êxitos como naturalista, o biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), um decidido partidário das idéias do autor de "A Origem das Espécies", faz menção de três méritos que sintetizariam a obra do naturalista inglês. Escreve ele em seu livro "A Origem do Homem", uma tradução portuguesa publicada pela Global Editora, de 1989, que encontrei numa biblioteca de uma escola pública aqui de São Paulo: "De todos os naturalistas do século XIX, ele obteve, incontestavelmente, o maior êxito, e exerceu a mais profunda ação; é de direito designar os últimos quarenta anos com o título de "era de Darwin". Se investigarmos as causas deste êxito sem precedentes, é preciso, como frequentemente repeti, recordar que Darwin teve mérito triplo:

1.º) de reformar completamente a teoria da descendência, o lamarquismo, e dar-lhe por base as numerosas noções novas, adquiridas pela biologia;

2.º) de fundar a teoria moderna da seleção, o darwinismo propriamente dito;

3.º) de estabelecer a antropogenia, essa conclusão tão sole-ne da doutrina da descendência, que supera, em importância, todos os outros problemas da evolução."<sup>368</sup>

Quando Haeckel escreveu este seu livro, decorriam quarenta anos de publicação do "A Origem das Espécies." Vale ressaltar que Haeckel foi o grande divulgador do

darwinismo em terras alemãs. Seus livros alcançaram um êxito extraordinário em todo o mundo naquele período. Um dos grandes objetivos de Haeckel em relação às idéias de Darwin, foi aplicá-las na esfera social. Lembrando ainda que Haeckel vivenciou toda a trajetória do nazismo alemão. Stephen Jay Gould, em "Polegar do Panda", o qualifica de "o principal defensor de Darwin na Alemanha" e "o mais especulativo e imaginativo entre to-dos os primeiros evolucionistas" (p. 213). Para quem não sabe, Haeckel foi o criador da chamada "lei biogenética", cujo lema era: "a ontogenia recapitula a filogenia", na qual à simples observação dos embriões deveria revelar um cortejo de antepassados adultos na ordem correta. Já é sabido que os desenhos dos embriões vertebrados de Haeckel foram falsificados por ele, o que se revelou numa das maiores fraudes da Biologia.

Mas, voltando aos "méritos" de Darwin, segundo atribuição de Haeckel, apenas o último parece soar com alguma coerência. Em relação ao item 1, uma rápida lida nos livros de Darwin já seria suficiente para concluir que em alguns aspectos Darwin foi até mais lamarckista do que o próprio Lamarck. Quanto ao item 2, é fato que Darwin não estabeleceu absolutamente nada que já não tinha sido discutido antes da publicação de sua mais famosa obra. O "grande" mérito de Darwin foi, na verdade, ter levado a questão ao debate acadêmico e popular, mediante sua influente posição social e econômica naquela Inglaterra vitoriana. Se não fora isso, mui provavelmente, talvez, comemorar-se-ia, hoje, os 150 (ou mais) anos do wallaceanismo. O item 3 condiz perfeitamente com sua obra "A Origem do Homem e a Seleção Sexual": o homem ascendendo de sua ínfima origem, alcança a suprema civilização.

É isso!



## O "darwinismo espiritual" de Allan Kardec

Assim como outros contemporâneos de Charles Darwin, tais como Spencer, Galton e Haeckel, o religioso Allan Kardec também se enveredou pelo mesmo caminho da evolução como progresso. Todavia, ao contrário de Darwin, que atribuía à evolução apenas um mecanismo materialista como a Seleção Natural, para Kardec o principal agente evolucionário eram os espíritos, o que é corroborado neste livro "Darwin e Kardec: um diálogo possível": "*A evolução orgânica é fruto da evolução espiritual, contínua no tempo, resultado de uma constante passagem dos seres por dois mundo: o mundo terreno e o espiritual.*"<sup>369</sup>

Segundo Hebe Laghi de Souza, no livro anteriormente citado: "Nosso primeiro corpo físico nada mais era que uma gota de material gelatinoso mas que possuía uma propriedade fantástica: a de se auto-reproduzir e povoar os mares, onde surgiram inúmeras outras gotas gelatinosas. Foi assim que iniciamos a exploração deste planeta, cuja atmosfera nem ainda era propícia à vida de um ser humano.

*Passou o tempo e sofremos inúmeras transformações, desde os organismos mais rudimentares até os mais complexos, como peixes e répteis; aprendemos a voar nas asas de uma ave, chegamos aos mamíferos e, depois deles, aos símios e então aos hominídeos... Finalmente, alcançamos o Homem que hoje somos.*"

Parece consensual que todos aqueles que à época de Darwin, incluindo o próprio naturalista, os quais defendiam o conceito de evolução como progresso, acreditavam igualmente num "aperfeiçoamento social" entre os povos. No caso da doutrina de Kardec, o fator "espírito" seria assim essencial para que um povo superasse seu estágio selvagem e

primitivo. Lembrando que Kardec nasceu de uma família burguesa na França, ou seja, era um "europeu civilizado."

Em seu famoso "Livro dos Espíritos" Allan Kardec aborda a questão, é claro, "à luz dos espíritos." Em "Sucessão e aperfeiçoamento das raças", por exemplo, indaga e responde:

*Há, neste momento, raças humanas que evidentemente decrescem. Virá momento em que terão desaparecido da Terra?*

*"Assim acontecerá, de fato. É que outras lhes terão tomado o lugar, como outras um dia tomarão o da vossa."*

*Os homens atuais formam uma criação nova, ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?*

*"São os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de crescimento e de desaparição. Substituí-la-ão outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos."*

*Do ponto de vista físico, são de criação especial os corpos da raça atual, ou procedem dos corpos primitivos, mediante reprodução?*

*"A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas, como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos."*

*Qual, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?*

*"Desenvolvimento da força bruta, à custa da força intelectual. Agora, dá-se o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força do corpo. Todavia, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da Natureza, o que não conseguem os animais."*

*Será contrário à lei da Natureza o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência? Seria mais conforme a essa lei deixar que as coisas seguissem seu curso normal?*

*"Tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir Seus fins. Sendo a perfeição a meta para que tende a Natureza, favorecer essa perfeição é corresponder às vistas de Deus."*

*Mas, geralmente, os esforços que o homem emprega para conseguir a melhoria das raças nascem de um sentimento pessoal e não objetivam senão o acréscimo de seus gozos. Isto não lhe diminui o mérito?*

*"Que importa seja nulo o seu merecimento, desde que o progresso se realize? Cabe-lhe tornar meritório, pela intenção, o seu trabalho. Demais, mediante esse trabalho, ele exercita e desenvolve a inteligência e sob este aspecto é que maior proveito tira" (p. 332-334).*

[...]

*O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada minuto?*

*"Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação. Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houverem tornado bons." É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez*

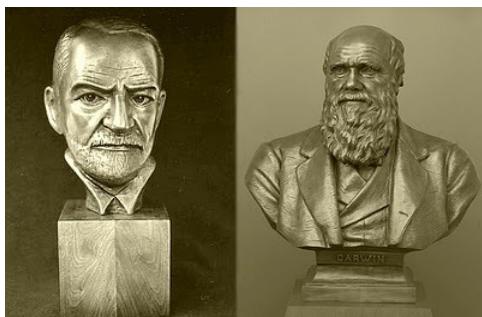
*mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras" (p. 127).*

[...]

*6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?*

*"À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?" (p. 148, 149).*

É isso!



## Darwin no divã de Freud

O que poderia haver de comum entre o freudismo e o darwinismo e a Seleção Natural e o complexo de Édipo?

Bem. Da mesma forma que Sigmund Freud reduziu tudo no complexo de Édipo, Charles Darwin sintetizou na Seleção Natural a origem e o fim de todas as cousas. Tanto o complexo de Édipo quanto a Seleção Natural são conceitos redutivistas, circulares e totalitários. Ademais, ambas as idéias sofrem do mesmo dilema da irrefutabilidade, isto é, não podem ser submetidas a testes ou corroboradas pela prova empírica. A especulação é assim preponderantemente a mola-mestra tanto do darwinismo quanto do freudismo. Outra característica comum entre ambos os conceitos refere-se à influência ideológica que exerceram e ainda exercem sobre a sociedade de um modo em geral. Tem-se ainda em comum a postura ditatorial exercida para com aqueles que se esforçam por oferecer novas alternativas aos dogmas estabelecidos. Acrescente-se ainda a tudo isso, as constantes menções que Freud sempre fez em relação às idéias de Darwin, a quem denominou de "grande Darwin." Por exemplo:

Em: **"Sobre a psicopatologia da vida cotidiana":**

*"- O grande Darwin estabeleceu uma "regra de ouro" para o trabalhador científico, baseada em seu discernimento do papel desempenhado pelo desprazer como motivo para o esquecimento" (p. 98).*

Em: **"Totem e tabu e outros trabalhos":**

*"Todos sabemos que, há pouco mais de meio século, as pesquisas de Charles Darwin e seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção por parte do homem. O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal, relacionando-se mais estreitamente com algumas espécies, e mais distanciadamente com outras. As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na sua estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais. Foi este o segundo, o golpe biológico no narcisismo do homem" (p. 87)*

[...]

*“Essa tentativa baseia-se numa hipótese de Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos. Deduziu ele dos hábitos dos símios superiores, que também o homem vivia originalmente em grupos ou hordas relativamente pequenos, dentro dos quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia a promiscuidade sexual. ‘Podemos na verdade concluir, do que sabemos do ciúme de todos os quadrúpedes masculinos, armados, como muitos se acham, de armas especiais para bater-se com os rivais, que as relações sexuais promíscuas em um estado natural são extremamente improváveis (...) Dessa maneira, se olharmos bastante para trás na corrente do tempo (...) a julgar pelos hábitos sociais do homem, tal como ele hoje existe (...) a visão mais provável é que o homem primevo vivia originalmente em pequenas comunidades, cada um com tantas esposas quantas podia sustentar e obter, as quais zelosamente guardava contra todos os outros homens. Ou pode ter vivido sozinho com diversas esposas, como o gorila, pois todos os antigos “concordam que apenas um macho adulto é visto num grupo; quando o macho novo cresce, há uma disputa pelo domínio, e o mais forte, matando ou expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade.” (Dr. Savage, no Boston Journal of Nat. Hist., vol. V, 1845-7, p. 423.) Os machos mais novos, sendo assim expulsos e forçados a vaguear por outros lugares, quando por fim conseguiam encontrar uma companheira, preventivamente também uma endogamia muito estreita dentro dos limites da mesma família.’ (Darwin, 1871, 2, 362 e seg.)*

Atkinson parece ter sido o primeiro a perceber que a consequência prática das condições reinantes na horda primeva de Darwin deve ter sido a exogamia para os jovens do sexo masculino. Cada um deles poderia, depois de ter sido expulso, estabelecer uma horda semelhante, na qual a mesma proibição sobre as relações sexuais imperaria, por causa do ciúme do líder. Com o decorrer do tempo, isto produziria o que se tornaria uma lei consciente: ‘Nenhuma relação sexual entre os que partilham de um lar comum’. Após o estabelecimento do totemismo, a regra assumiria outra forma e diria: ‘Nenhuma relação sexual dentro do totem’ (p. 91).

[...]

*“A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva - com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta freqüência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai. Se, agora, reunirmos a interpretação psicanalítica do totem com o fato da refeição totêmica e com as teorias darwinianas do estado primitivo da sociedade humana, surge a possibilidade de uma compreensão mais profunda - um vislumbre de uma hipótese que pode parecer fantástica, mas que oferece a vantagem de estabelecer uma correlação insuspeita entre grupos de fenômenos que até aqui estiveram desligados.*

*Naturalmente, não há lugar para os primórdios do totemismo na horda primeva de Darwin. Tudo o que aí encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem. Esse estado primitivo da sociedade nunca foi objeto de observação. O tipo mais primitivo de organização que realmente encontramos - que ainda se acha em vigor, até os dias de hoje, em certas tribos - consiste em grupos de machos; esses grupos são compostos de membros com direitos iguais e estão sujeitos às restrições do sistema totêmico, inclusive a herança através da mãe. Poderia essa forma de organização ter-se desenvolvido a partir da outra? E, se assim foi, ao longo de que linhas?” (p. 101).*

Em: **“História de uma neurose infantil”:**

*“Em outras palavras, precisamos de mais informações sobre a origem da reprodução sexual e dos instintos sexuais em geral. Trata-se de problema capaz de atemorizar um leigo, e que os próprios especialistas ainda não foram capazes de*

resolver. Assim, forneceremos apenas o mais breve resumo do que parece pertinente à nossa linha de pensamento, entre as minhas assertivas e concepções discordantes. Uma dessas concepções despoja o problema da reprodução de sua fascinação misteriosa, representando-o como manifestação parcial do crescimento. (Cf. a multiplicação por fissão, brotação e gemiparidade). A origem da reprodução por células germinais sexualmente diferenciadas pode ser representada segundo sóbrias linhas darwinianas, imaginando-se que a vantagem da anfimixia, a que se chegou em determinada ocasião pela conjugação fortuita de dois protistas, foi retida e posteriormente explorada para desenvolvimento ulterior. Segundo essa concepção, o ‘sexo’ não seria nada de muito antigo e os instintos extraordinariamente violentos, cujo objetivo é ocasionar a união sexual, estariam repetindo algo que outrora ocorreu por acaso e desde então se estabeleceria, por ser vantajoso” (p. 37).

[...]

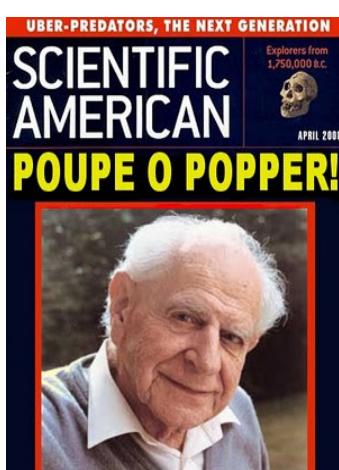
“Em 1912 concordei com uma conjectura de Darwin, segundo a qual a forma primitiva da sociedade humana era uma horda governada despoticamente por um macho poderoso. Tentei demonstrar que os destinos dessa horda deixaram traços indestrutíveis na história da descendência humana e, especialmente, que o desenvolvimento do totemismo, que abrange em si os primórdios da religião, da moralidade e da organização social, está ligado ao assassinato do chefe pela violência e à transformação da horda paterna em uma comunidade de irmãos. Para dizer a verdade, isso constitui apenas uma hipótese, como tantas outras com que os arqueólogos se esforçam por iluminar as trevas dos tempos pré-históricos, uma ‘estória mais ou menos’, como foi divertidamente chamada por um crítico inglês sem maldade; porém essa hipótese para mim tem mérito se se mostrar capaz de trazer coerência e compreensão a um número cada vez maior de novas regiões” (p. 76).

Em: “O ego e o ID”:

“Se novamente voltamos os olhos para as diversas resistências à psicanálise antes enumeradas, evidencia-se que apenas uma sua minoria pertence ao tipo que habitualmente surge contra a maior parte de inovações científicas de qualquer importância considerável. A maioria delas se deve ao fato de que poderosos sentimentos humanos são feridos pelo tema geral da teoria. A teoria darwiniana de descendência defrontou-se com a mesma sorte, de vez que pôs

abaixo a barreira arrogantemente erguida entre os homens e os animais. Chamei a atenção para essa analogia em um trabalho anterior, no qual demonstrava como a visão psicanalítica da relação do ego consciente com um inconsciente irresistível constituía um golpe severo para o amor-próprio humano. Descrevi-o como sendo o golpe psicológico ao narcisismo dos homens, e o comparei com o golpe biológico desfechado pela teoria da descendência e o golpe cosmológico, mais antigo, a ele dirigido pela descoberta de Copérnico” (p. 132).

É isso!



## Poupe o Popper!

O filósofo da ciência Karl Raimund Popper, muito conhecido pela sua defesa da falseabilidade como um critério da demarcação entre a ciência e a não-ciência, tratando especificamente do darwinismo, o denominou de “programa metafísico de pesquisa: “É metafísico por não ser suscetível de prova”, escreve em sua “Autobiografia Intelectual” (p. 180). Popper chega a igualar as consequências do darwinismo na

mentalidade do século XIX ao que o freudismo e o marxismo originaram no século XX, ou seja, teorias que pretendem explicar tudo mas que nada explicam.

Nessa sua mesma “Autobiografia Intelectual” ele aborda o assunto largamente. Em “O darwinismo como programa metafísico de pesquisa” pondera:

*“Com efeito, admitamos que em Marte haja uma vida que consista em exatamente três espécies de bactérias com equipamento genético semelhante ao de três espécies terrestres. Estaria refutado o darwinismo? De modo algum. Diremos que essas três espécies, dentre as muitas formas de mutação, eram as únicas suficientemente bem ajustadas para sobreviver. E asseveraríamos o mesmo, se houvesse apenas uma espécie (ou nenhuma). Desse modo, ocorre que o darwinismo realmente não prevê a evolução da variedade. E, portanto, não pode explicá-la. Quando muito, pode prever a evolução da variedade “sob condições favoráveis. Entretanto, dificilmente se poderá descrever, em termos gerais, o que sejam condições favoráveis – só se poderá dizer que, estando elas presentes, surgirão formas várias. Entendo, todavia, que focalizei a teoria por seu melhor aspecto – quase pelo aspecto em que ela é mais suscetível de prova. Poder-se-ia dizer que ela “quase prevê” uma grande variedade de formas de vida. Em outros campos seu poder preditivo ou explicativo é ainda mais desapontador.”*

Concentremo-nos na “adaptação.” À primeira vista, a seleção natural parece explicá-la e, em certo sentido isso realmente ocorre; mas não de maneira que se possa considerar científica. Dizer que uma espécie hoje viva está adaptada a seu meio é, em verdade, quase tautológico. Com efeito, empregamos os termos “adaptação” e “seleção” de modo tal que se torna cabível afirmar que, se a espécie não se houvesse adaptado, ela teria sido eliminada por seleção natural. De outra parte, se uma espécie foi eliminada, isso deverá ter ocorrido pelo fato de ela se adaptar mal às condições. A adaptação (ou aptidão) é definida pelos modernos evolucionistas como um valor de sobrevivência, e pode ser medida em ter de êxito efetivo quanto à sobrevivência: dificilmente haveria possibilidade de submeter a prova uma teoria tão frágil quanto essa” (p. 181).<sup>370</sup>

As dificuldades do darwinismo em relação aos critérios estabelecidos por Popper são várias. Por exemplo, ao determinar a seleção natural Darwin fez uso da definição “a preservação das variedades favoráveis e a destruição das desfavoráveis.” No entanto, quem de fato são os “favoráveis” e os “desfavoráveis?” Alguém poderia simploriamente afirmar que os “favoráveis” são os que sobrevivem, e os “desfavoráveis” são os que não deixam sobreviver! Ou seja, em última análise, a seleção natural não significa a sobrevivência do “mais apto”, e sim a sobrevivência daquele que sobrevive. Ou seja, um raciocínio circular que não nos leva a lugar algum.

Outra questão diz respeito às explicações sobre a “seleção sexual.” Segundo Darwin o macho seleciona a fêmea em consequência de seus aspectos mais atraentes, e a fêmea, por sua vez, seleciona o macho por causa de sua força física e mental. A par disto, pode-se perguntar por que, afinal, os encantos das fêmeas e a força do macho são as características mais seletivas? Que critério pode ser realmente satisfatório para se definir, por exemplo, qual seja a fêmea mais bela? Não seria a beleza um conceito meramente subjetivo? E, como fêmea sabe verdadeiramente que um determinado macho é o mais saudável e o mais forte entre todos os demais? Não seria isso também um conceito subjetivo?

Outra fragilidade da teoria darwiniana consiste em querer explicar os sistemas complexos através de causas não-inteligentes. Mecanismos tais como o flagelo, os cílios, a coagulação do sangue, o sistema imunológico, entre outros, por sua irredutibilidade, jamais poderiam ter seguido por uma rota gradualista.

Pode-se ainda questionar a extrema incapacidade do darwinismo em fazer qualquer tipo de previsão acerca de como evoluirão as espécies. Também se questiona o fator “tempo”, afinal como é possível submeter à prova os processos de alterações das espécies ao longo dos milhões de anos que se passaram? E outra dificuldade no âmbito da falseabilidade relaciona-se com a quantificação da diversidade: quantas espécies é possível encontrar em determinadas épocas e ambientes?

E, por fim, e aqui talvez o mais dramático, refere-se ao poder explicativo da teoria darwinista ante os fenômenos biológicos em geral. Ou seja, ela é de tal forma formada por um conjunto de enunciados tão vasto e tão abrangente que é praticamente impossível fazer uma confrontação verdadeiramente definitiva com os diversos “dados” em questão (dados decorrentes da classificação, da paleontologia, da anatomia comparada, da genética, da embriologia, da biogeografia etc.).

### A famigerada “cartinha”

Em 1980, sob intensa pressão e sob o risco de ser isolado pela academia, Popper escreveu uma carta na qual – timidamente – atenuou suas críticas ao darwinismo. No entanto, fora apenas uma correção tímida e mal explicada. Afinal, como Popper poderia ter mudado de idéia se nada de novo fora apresentado pelos darwinistas até então?

Sobre isto, é pertinente esta afirmação de Pierre Thuillier, em “De Arquimedes a Einstein”:

*Mais tarde, Popper atenuou sua posição. Mas o tipo de desconfiança que formulara não deixou, com isso, de ter um sentido preciso: não é raro que o fornecimento de “provas” experimentais se revele extremamente delicado. O próprio Darwin sabia do que estava tratando: ele não afirmava que sua teoria estivesse “comprovada”, contentando-se em dizer que ela tornava inteligível grande número de ‘fatos’ (o que é muito diferente...).<sup>371</sup>*

E mais esta, de José Meira Penna, em seu “Polemos: uma análise crítica do darwinismo”<sup>372</sup>: “A euforia darwinista, que reinou até a Primeira Guerra Mundial, passou a declinar a partir de julgamentos mais críticos e é nesse ponto que entra em cena Popper. Num capítulo de seu livro “Inquérito inacabado”, sir Karl Popper (+ 1994) põe em dúvida o darwinismo na base do condicionamento científico daquilo que é testável, daquilo que pode ser provado empiricamente, daquilo que é suscetível de comprovação pela observação e pela experiência.

Segundo esse critério, o darwinismo não é uma teoria científica. Popper qualifica-o de “programa de pesquisa metafísica.” Confessando que, durante muito tempo, sentia relutância em admitir sua legitimidade científica, escreve sir Karl em sua Autobiografia: “Cheguei à conclusão que o darwinismo não é uma teoria científica testável, mas um programa metafísico de pesquisa — uma estrutura possível para teorias científicas suscetíveis de serem submetidas a teste.” Em suma: não é a teoria da evolução em si, a qual possui um tamanho poder de explicação e oferece tantas soluções para problemas de paleontologia, embriologia, anatomia, zoologia, geologia, botânica, etc., que dificilmente pode hoje ser contraditada. É o mecanismo darwiniano da “seleção natural” que se torna passível de julgamento porque arredio a toda prova empírica.

[...]

“Acentua Popper, corretamente, que o determinismo é muito pobre como explicação quando verificamos a enorme riqueza do repertório possível de reações de um organismo perante os problemas e desafios que enfrenta. “Creio que o darwinismo” — escreve Popper — “deve amplamente ceder lugar à idéia de que, em quase todos os estágios da vida, existe um repertório inteiro de reações concebíveis perante uma determinada situação. Popper compara o efeito do darwinismo nas mentes do século XIX ao que o marxismo e o freudismo causaram no século XX, “o efeito de uma conversão ou revelação intelectual, abrindo os olhos a uma nova verdade, escondida dos ainda não iniciados.”

[...]

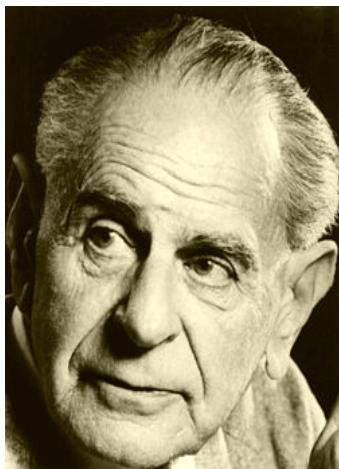
“As teorias científicas são científicas na medida exata em que suas consequências podem ser falsificadas pela observação ou pela experimentação. Um cientista digno do nome é aquele que está pronto a abandonar sua mais querida teoria quando fica vulnerável à falsificação ou à refutação. Os mitos e as teorias pseudocientíficas não são susceptíveis de refutação desse tipo.

*Certo: em sua autobiografia, Darwin sustentou haver sempre se empenhado em manter sua mente livre, de maneira a abandonar qualquer hipótese, por mais afeiçoado que dela fosse (e não podia resistir em formar uma hipótese sobre qualquer assunto), tão pronto os fatos demonstrarem a ela estarem opostos. Darwin era um homem honesto. Era um cientista sob muitos aspectos admirável em sua humildade, em sua capacidade de aceitar a concorrência de outras idéias e em sua modéstia no reconhecimento do mérito de rivais, como no caso de Wallace. Não obstante, temos que reconhecer que sempre se recusou a aceitar qualquer hipótese que contrariasse a teoria da seleção natural — a própria pedra angular de todo o edifício da evolução por ele magnificamente construído. A visão errônea da ciência, afirma Popper, atraiçoa-se no ímpeto de estar sempre certo, sempre com razão e com prova indiscutível.”*

[...]

*“Disso concluímos que o darwinismo encontra dificuldade precisamente nesse terreno de sua “intestabilidade” e “irrefutabilidade.”*

É isso!



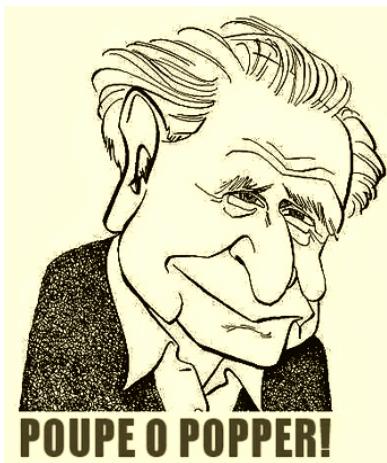
## "Universo aberto"

Se há algo porque tenho alguma aversão, este algo são o determinismo religioso e o determinismo genético. O primeiro por colocar o ser humano numa posição de títere (marionete, fantoche, bonifrate) de alguma divindade manipuladora, que o controla conforme seus caprichos e vontades; o outro, por dar legitimidade à ordem social vigente. No caso específico do determinismo genético, a xenofobia e a guerra, por exemplo, seriam consequências inevitáveis de um instinto tribal de posse de um território e de um instinto bélico, cujo objetivo seria a propagação dos genes. Segundo esta vertente darwinista defendida pela chamada Sociobiologia, existem genes para os mais variados tipos de comportamentos: genes do altruísmo, genes da religiosidade, genes da violência, genes do egoísmo etc.

O determinismo (seja qual for sua esfera) sintetiza de certo modo aquele quase latente desejo humano em se ver livre de responsabilidades sociais num mundo que se mostra em perene conturbação. É comum no determinismo religioso culpar-se os demônios por certos males que acometem a sociedade. No determinismo genético, o papel dos tais “demônios” recai sobre os genes, que se tornam os responsáveis por uma ampla variedade de comportamentos humanos específicos. Assim, se no determinismo religioso há os demônios da doença, do alcoolismo, da prostituição, da dissolução dos bons costumes, do fracasso financeiro etc.; no determinismo genético, por sua vez, atuam os genes do amor, da vaidade, do caráter, da espiritualidade, da compaixão, entre tantos outros.

Em seu livro “O Universo Aberto: argumentos a favor do indeterminismo”, Karl Popper tenta mostrar que nem mesmo a validade da física clássica nos imporia qualquer doutrina determinista acerca do mundo. Ele resume muito bem sua postura contra o determinismo com as seguintes palavras: “*Nenhuma boa razão foi até agora apresentada contra a abertura do nosso universo ou contra o fato de coisas radicalmente novas estarem constantemente a emergir dele; e nenhuma boa razão foi até agora dada que tivesse lançado dúvidas acerca da liberdade e criatividade humanas, uma criatividade que é restringida e inspirada também pela estrutura interna do mundo.*”<sup>373</sup>

É isso!



## Poupando o Popper mais uma vez

Seis razões pelas quais o darwinismo não pode ser considerado ciência segundo os critérios de Karl Popper:

1. Não é capaz de fazer previsões e, portanto, não se expõe à refutação, ou seja, ao teste empírico ou à experimentação. Sendo assim, segundo Popper, o darwinismo é apenas um “programa metafísico de pesquisa.”
2. Estruturalmente o darwinismo é pura tautologia, pois afirma que os mais aptos ou mais adaptados a um ambiente tendem a sobreviver e se reproduzir em maior número, transmitindo assim aos seus descendentes suas características. A tautologia, portanto, consiste no fato de “aqueles que têm sobrevivido com maior freqüência tendem a sobreviver.” É a mesma cousa, por exemplo, que afirmar que “as cadeiras são cadeiras” ou que “os aviões grandes são aviões grandes.” Ademais, não tem poder explicativo e, consequentemente, também não possui poder de antecipação. Resumindo: se determinada geração sobrevivente não sobreviver para além dela é porque não se adaptou às novas condições ambientais.
3. Por se tratar de um programa metafísico de pesquisa, o darwinismo, portanto, não pode ser refutado. No máximo, pode ser discutido e avaliado criticamente.
4. Popper não despreza o darwinismo, muito pelo contrário, considera-o uma inestimável doutrina metafísica.
5. Para Popper toda remissão a Darwin dá-se fundamentalmente em bases estritamente lógico-filosóficas, e não científicas, no sentido de ser empiricamente testado.
6. Resumindo, o darwinismo, na OBRA de POPPER (não na “cartinha”), seria assim uma teoria metafísica irrefutável e, daí, segundo o próprio Popper: um “programa metafísico de pesquisa.”

E poupe o Popper!

É isso!



## Mendel e os “sanguessugas de Darwin”

“Perigosos iconoclastas” era o rótulo que os imediatos herdeiros de Darwin aplicavam ao modelo mendeliano logo em seus primórdios. Sobre isso discorre Albert Jacquard, em “Elogio da Diferença”: “No começo deste século, portanto, era total o divórcio entre o evolucionismo, tal como fora desenvolvido pelos

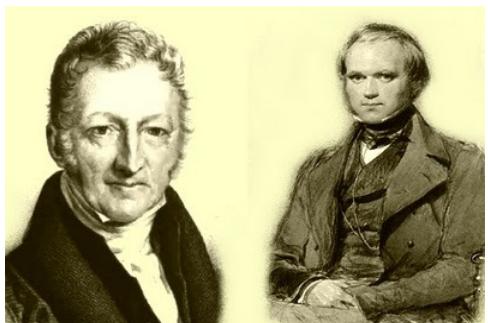
sucessores de Darwin, e a genética, tal como os biólogos estavam começando a defini-la, depois de terem finalmente descoberto os trabalhos de Mendel. A evidência da transformação progressiva das populações e das espécies, de sua adaptação, parecia em oposição com a estabilidade dos genes que constituem os “átomos”, indivisíveis, quase inalteráveis, do patrimônio hereditário. Os que aceitavam o modelo mendeliano eram considerados antidarwinianos e, portanto, perigosos iconoclastas.”<sup>374</sup>

“Mas é assim que se faz ciência”, diriam os sanguessugas de Darwin. Ou seja, quando é conveniente eles sugam (chupam, sorvem, extorquem, subtraem) as experiências

alheias e ainda as tornam subsidiárias aos seus próprios dogmas. No fim, bem... “estão fazendo ciência.”

Haja!

É isso!



## Thomas Malthus: a grande inspiração de Darwin

Qualquer semelhança não é mera coincidência!

Por: **Thomas Robert Malthus**

*"A fome parece ser o último, o mais pavoroso recurso da natureza. O poder de crescimento da população é tão superior ao poder do solo para produzir a subsistência para o homem que a morte prematura, de uma maneira ou de outra, ataca a espécie humana. Os vícios da humanidade são ativos e hábeis agentes do despovoamento. Eles são os antecessores do grande exército da destruição e freqüentemente eles próprios executam o pavoroso trabalho. Entretanto, quando eles fracassam nessa guerra de extermínio, períodos de enfermidade, epidemias, peste e praga entram em ação com uma terrível disposição e eliminam milhares e dezenas de milhares de homens. Quando o sucesso fosse ainda incompleto: a fome gigantesca e inevitável espreita na retaguarda e com um possante sopro varre a população e o alimento do mundo."*

*Então isso não deve ser reconhecido por um estudioso atento da história da humanidade, que em qualquer época e em qualquer Estado em que o homem viveu ou vive hoje: o crescimento da população é limitado necessariamente pelos meios de subsistência.*

*A população cresce invariavelmente, quando os meios de subsistência aumentam. E o superior poder de crescimento da população é dominado e a população real se mantém equiparada aos meios de subsistência pela miséria e pelo vício."* <sup>375</sup>

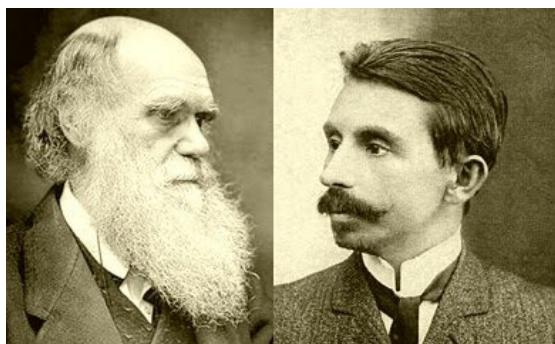
Por: **Charles Robert Darwin**

*"Conforme observou Malthus, existe motivo de se suspeitar que atualmente o poder reprodutivo é menor nas raças sem cultura do que naquelas civilizadas. Nada sabemos de positivo sobre este ponto, visto que não se fez nenhum recenseamento dos selvagens; mas, com a ajuda do testemunho de missionários e de outros que têm residido durante muito tempo no meio destes povos, parece que via de regra as suas famílias são exígues e só raramente numerosas. Isto talvez possa ser parcialmente explicado com o fato de que as mulheres aleitam os bebês durante muito tempo; mas é muito provável que os selvagens, que muitas vezes sofrem privações e não têm tantos alimentos nutritivos quanto os povos civilizados, sejam atualmente menos prolíficos."* <sup>376</sup>

*"A luta pela existência resulta inevitavelmente da rapidez com que todos os seres organizados tendem a multiplicar-se. Todo o indivíduo que, durante o termo natural da vida, produz muitos ovos ou muitas sementes, deve ser destruído em qualquer período da sua existência, ou durante uma estação qualquer, porque, de outro modo, dando-se o princípio do aumento geométrico, o número dos seus descendentes tornar-se-ia tão considerável, que nenhum país os poderia alimentar. Também, como nascem mais indivíduos que os que podem viver, deve existir, em cada caso, luta pela existência, quer com outro indivíduo da mesma espécie, quer com indivíduos de espécies diferentes, quer com as condições físicas da vida. É a doutrina de Malthus aplicada com a mais*

*considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência. Posto que algumas espécies se multiplicam hoje mais ou menos rapidamente, não pode ser o mesmo para todas, porque a terra não as poderia comportar.*"<sup>377</sup>

É isso!



## O darwinismo social em Euclides da Cunha

A influência das idéias de Charles Darwin não ficaram restritas ao âmbito das ciências biológicas. Especialmente na primeira metade do século XX, a noção uma "raça superior" foi simplesmente avassaladora nas diversas sociedades ao redor do mundo. Tal conceito

tornou-se numa arma aniquiladora nas mãos de Hitler, Mao Tse Tung, Stalin, o governo americano etc. O Brasil também não ficou indiferente a Charles Darwin. A idéia de que a sociedade poderia ser "melhorada" evitando-se "cruzamentos indesejáveis" fez parte dos ideais de boa parcela dos acadêmicos tupiniquins, como Monteiro Lobato, por exemplo. Outro que foi impactado por esta peçonha, foi o autor de "Os Sertões", o grande Euclides da Cunha, conforme se pode observar nesse trecho do seu referido livro:

*"Abramos um parêntese..."*

*A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimentam esforços seculares — é, quase sempre, um desequilibrado. Foville comparoso, de um modo geral, aos histéricos. Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado. Não se comprehende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a história é um momento, possam dous ou três povos convergir de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço — mulato, mameluco ou cafuz — menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses. E quando avulta — não são raros os casos — capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores.*

*É que nessa concorrência admirável dos povos, evolvendo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes. A tendência à regressão às raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras. O mulato despreza então, irresistivelmente, o negro e procura com uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida; o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se, ferozmente, sobre as cabildas aterradas...*

*Esta tendência é expressiva. Reata, de algum modo, a série contínua da evolução, que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; e se toda a sutileza dos missionários tem sido impotente para afeiçoar o espírito do selvagem às mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu — porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança, — como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas?"<sup>378</sup>*

É isso!



## Newton, Pasteur e Darwin

O que distinguiria Isaac Newton e Louis Pasteur do naturalista Charles Darwin?

É comum (e na Internet isso virou uma verdadeira festa) a galera de Darwin comparar às realizações de Newton, por exemplo, àquela desenvolvida por Darwin.

O quanto existiria de coerência nesta comparação?

Bem, se levarmos em conta apenas aquilo que serve para estabelecer uma verdade por verificação ou demonstração, neste caso a comparação, como, diria Otto Lara Resende, é simplesmente escalafobética!

A razão é simples. Vejamos....

### NEWTON:

A ciência pode perfeitamente estudar o movimento de cometas que atualmente aparecem nos céus e submeter a teste as leis da mecânica newtoniana que descrevem o movimento desses mesmos cometas. As três leis de Newton também podem ser submetidas a testes, sem grande dificuldade:

Lex I:

*"Corpus omne perseverare in statu suo quiescendi vel movendi uniformiter in directum, nisi quatenus a viribus impressis cogitur statum illum mutare"* (Qualquer corpo permanece no estado de repouso ou de movimento retílineo uniforme se a resultante das forças que atuam sobre esse corpo for nula).

Lex II:

*"Mutationem motis proportionalem esse vi motrici impressae, et fieri secundum lineam rectam qua vis illa imprimitur"* ("A aceleração adquirida por um corpo é

diretamente proporcional à intensidade da resultante das forças que agem sobre o corpo, tem direção e sentido dessa força resultante e é inversamente proporcional à sua massa").

### Lex III:

*"Actioni contrariam semper et aequalem esse reactionem: sine corporum duorum actiones in se mutuo semper esse aequales et in partes contrarias dirigi"* (Para toda ação existe uma reação igual e de sentido oposto, ou, as ações mútuas de dois corpos entre si são sempre iguais e dirigidas em direções opostas).

Todas essas leis, portanto, são factuais e podem tranquilamente ser postas à prova, não dependendo, portanto, de meras inferências especulativas.

### PASTEUR:

A grande experiência de Louis Pasteur, a biogênese, (*Omne vivum ex vivo ou Omne vivum ex ovo*), pode com a mais absoluta certeza ser observada, testada e aprovada. Dentre os muitos benefícios advindos das descobertas desse grande cientista temos: a vacinação, práticas sanitárias e a conhecida pasteurização do leite. Ou seja: pode perfeitamente ser posta a prova e aproveitada para o bem geral da sociedade. Não esquecendo que as descobertas de Pasteur derrubaram o mito da geração espontânea.

### DARWIN:

E agora, Darwin?

O mérito de Darwin (para ser um tanto imparcial, já que se sabe que talvez tenha plagiado as idéias de Wallace), consiste na seguinte premissa:

*"A preservação das diferenças individuais favoráveis e as variações, e a destruição daquelas que são prejudiciais, eu chamei de seleção natural, ou a sobrevivência do mais apto"* ("A Origem das Espécies", cap. 4 Seleção natural, 6<sup>a</sup>. Ed.). Em outras palavras: os "mais aptos" são os que sobrevivem, ao passo que os "menos aptos" são os que não deixam sobreviver. Numa última análise, a seleção natural não significa a sobrevivência do "mais apto", e sim a sobrevivência daquele que sobrevive. Sobre isso, diz Popper: *"Dizer que uma espécie hoje viva está adaptada a seu meio é, em verdade, quase tautológico. Com efeito, empregamos os termos "adaptação" e "seleção" de modo tal que se torna cabível afirmar que, se a espécie não se houvesse adaptado, ela teria sido eliminada por seleção natural. De outra parte, se uma espécie foi eliminada, isso deverá ter ocorrido pelo fato de ela se adaptar mal às condições. A adaptação (ou aptidão) é definida pelos modernos evolucionistas como um valor de sobrevivência, e pode ser medida em ter de êxito efetivo quanto à sobrevivência: dificilmente haveria possibilidade de submeter a prova uma teoria tão frágil quanto essa."* <sup>379</sup>

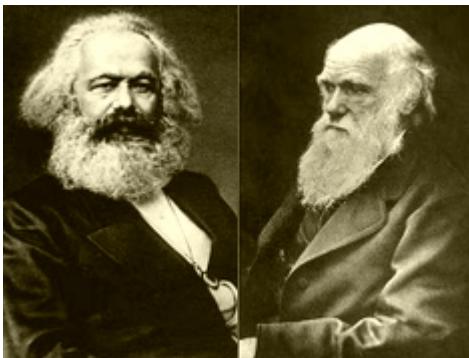
Mas, e quais as consequências práticas para a sociedade advindas das idéias de Darwin ou do seu conceito de Seleção Natural?

Na área médica, por exemplo, o darwinismo apenas diz que as bactérias resistentes a antibióticos sobrevivem a exposição aos antibióticos como consequência da seleção natural. Em outras palavras: as bactérias sobrevivem aos antibióticos aos quais elas não são sensíveis, de modo que as bactérias que não morreram eventualmente suplantarão as bactérias que morreram. Ou seja: volta à mesma tautologia evolutiva *ad infinitum*.

De tudo isso se conclui que é muita falta de bom senso colocar, não a pessoa de Darwin, mas suas "descobertas" no mesmo pâoreo daquelas realizadas por cientistas tais como Isaac Newton, Pasteur, Lavoisier etc.

É, mas como disse J. Bailey: *"A primeira e pior de todas as fraudes é enganar-se a si mesmo. Depois disto, todo o pecado é fácil."*

É isso!



## Karl Marx e Charles Darwin: além das barbas

O que haveria de comum entre Charles Darwin e Karl Marx, além das suas longas barbas?

É sabido que numa nota introdutória da segunda edição de "O Capital", Karl Marx escreveu como dedicatória a Charles Darwin: "*A Charles Darwin, de um autêntico amigo seu.*"

Já o fiel companheiro de Marx, Engels, manifestou igualmente sua admiração a Charles Darwin, desta maneira: "*A natureza não opera metafisicamente senão dialeticamente. O nome de Darwin deveria ser relembrado antes de mais nada neste aspecto.*" E mais: "*Da mesma forma como Darwin descobriu a lei da evolução na natureza orgânica, Marx descobriu a lei da evolução da humanidade.*"

Bem. Embora pareça paradoxal atribuir alguma relação entre as ideologias darwinistas e comunistas, de algum modo esta última soube aproveitar muito bem das idéias do naturalista inglês, para enfeitar ainda mais seu arcabouço teórico. Mas, como exatamente?

Em "As Idéias de Darwin", Wilma George justifica este aproveitamento da seguinte forma: "*O próprio Marx, pregando, por um lado, a revolução, defendia, de outro, uma forma de evolução: que os sistemas sociais mutáveis mudavam os sistemas político e econômico e que estes, em contrapar-tida, mudavam os sistemas sociais, e assim por diante. Isso se devia mais a dialética hegeliana do que ao darwinismo, mas Marx tinha em grande consideração a Origem: "o livro de Darwin é muito importante" — : escreveu ele - "e me convém que sustente a luta de classes na história do ponto de vista da ciência natural. Tem-se, é claro, que tolerar o tosco método inglês de discurso." Foi uma teoria materialista que incorporou a ideia da mudança num dado período de tempo, selecionada a partir de variações motivadas pelo meio ambiente. Mas isso estava muito longe de fornecer um argumento para o marxismo, como Engels foi o primeiro a perceber. O materialismo dialético foi mudan-ça e movimento durante um período de tempo, mas estava longe do gradualismo... O gradua-lismo e a variação individual seriam ignorados, a mudança, o materia-lismo e a hereditariedade dos caracteres adquiridos foram aceitos.*"<sup>380</sup>

Já em seu interessantíssimo livro "Polemos: Uma análise crítica do darwinismo", o ex-professor da Universidade de Brasília (Unb), José Osvaldo de Meira Penna, dedica um capítulo todinho sobre a questão. Destaco aqui alguns dos principais pontos :

*"É verdade que Marx teria desejado dedicar uma de suas obras a Darwin. No *Dos kapital* procurou construir os fundamentos metodológicos de sua visão materialista da história, acentuando que "Darwin despertou nosso interesse na história da tecnologia natural, isto é, na formação dos órgãos das plantas e dos animais, como instrumentos de produção para sustentar a vida." A partir desse ponto, Marx argumenta se o desenvolvimento dos órgãos produtivos do homem, dos que serviriam de base material à organização social, não mereceria atenção especial. Aparentemente, o que aconteceu é que apenas se entusiasmara com o potencial revolucionário da doutrina do biólogo inglês, sem levar em conta seu fundamento na realidade. O darwinismo parecia comprometer a religião e atingia em cheio o "ópio do povo", reforçando uma concepção paralela à dialética hegeliana que adotara e transformara numa "dialética materialista" - o que quer que queira isso dizer. Bastava esse paralelismo aparente para lhe merecer os mais calorosos aplausos. Não percebia que suas consequências não se encaminhavam, logicamente, para um objetivo condizente com a substituição do capitalismo pelo socialismo - o qual, por definição, procura justamente eliminar a concorrência e o*

"egoísmo" inerente à "luta" entre os produtores individuais, eliminando qualquer possibilidade de seleção natural.

Além disso, em Darwin encontrava Marx argumentos para sustentar suas convicções tenebrosas a respeito da luta de classe, a qual, necessariamente, terminaria numa revolução sangrenta com o triunfo da classe mais capaz ou seja, do proletariado. Após essa vitória final, cessaria como por encanto todo conflito social e a história encontraria seu final glorioso...

Em carta a Engels de 19 de dezembro de 1860, um ano depois da publicação de *A origem das espécies*, Marx informa a seu dileto amigo que, "durante meu tempo de provações, nas quatro últimas semanas, li toda espécie de coisas. Entre outras, o livro de Darwin sobre a seleção natural. Malgrado seu inglês pesado, esse livro contém o fundamento natural de nossa teoria." O que Marx deseja aí salientar, sem se estender sobre as consequências últimas de sua afirmação, é que o "fundamento natural" do darwinismo seria a justificação do princípio que consta logo no início do *Manifesto Comunista* de 1848: "A história de toda sociedade até hoje existente é a história da luta de classes." Dois pontos, nesse sentido, seriam essenciais na simpatia de Marx por Darwin: o de que o biólogo confirmava a sua tese geral do conflito polemos - como constituindo o princípio central da vida em sociedade; e o de que a teoria da evolução contribuía para derrubar o criacionismo cristão e toda espécie de fé religiosa. A visão é extremamente estreita. A comunidade filosófica entre ambos seria, unicamente, o materialismo ateu. A partir daí, tudo divergia entre as duas linhas de pensamento...

Essas parcias citações em que se encontram referências a Darwin na correspondência de Marx parecem confirmar que o grande economista, "profeta" e pensador da "ciência" socialista muito pouco entendeu, em última análise, das implicações filosóficas do darwinismo. O mesmo iria acontecer com a maior parte dos discípulos de Marx. Estes só perceberam no darwinismo seu conteúdo revolucionário, como doutrina dirigida contra os preconceitos religiosos da burguesia conservadora vitoriana. Em fins do século, um criminologista italiano, E. Ferri, ao elogiar a teoria marxista do determinismo econômico, acentuaria que "o socialismo científico é simplesmente a aplicação lógica dos postulados de Darwin e de Spencer ao campo da economia política e da sociologia." O mal-entendido é total, a ingenuidade da sancta simplicitas do mesmo modo.

Marx apontou mais ainda para a dúvida de Darwin em relação a Malthus. Mas Marx detestava Malthus. Negava-se teimosamente a reconhecer a correção da tese malthusiana de que existe e existirá sempre uma pressão inexorável da população, em determinado território, em relação ao espaço e aos recursos escassos. Marx não foi a ponto de associar a concepção de Malthus à de Darwin - o primeiro um pastor protestante e o segundo, filho de pastores - com o substrato religioso do pensamento de ambos. Mas podemos acentuar que tal dependência existe. O contraste filosófico entre Darwin e Marx se prende, assim, à postura existencial inconscientemente calvinista do primeiro, segundo a qual o mundo é um campo de prova ou de batalha em que a alma se tempera no sofrido exercício da virtude, ao passo que o segundo, sem o saber, mergulha as raízes de sua doutrina no apocaliptismo soteriológico e profético da tradição judeo-cristã. O mundo é efetivamente o cenário diabólico e perverso da luta e da injustiça. Mas ele, Marx, anuncia profeticamente o reino messiânico que vai transformar o mundo, com a supressão do conflito, da violência e da alienação...

A ruptura entre ambos é intransponível. A tese de Darwin levaria aos extremos do darwinismo social e seria elaborada filosoficamente por Nietzsche, com sua visão alucinante do super-homem como telos glorioso da evolução; a tese de Hegel e Marx terminaria no postulado totalitário de uma sociedade coletivizada, estagnada, esclerosada, empedernida, sem perspectivas de transformação. Hoje, com o liberalismo, triunfa Darwin, enquanto o cadáver de Marx, de fedor já insuportável, é finalmente

*enterrado no descalabro da ex-União Soviética e no novo desafio de um totalitarismo religioso imprevisto, o do Islã."* <sup>381</sup>

É isso!



## Engels e a transformação do macaco em homem

Interessante a maneira como as idéias de Charles Darwin foram assimiladas e incorporadas por ideologias ulteriores ao darwinismo. No caso da ideologia comunista, por exemplo, seus idealizadores fizeram uma mistura um tanto verossímil levando em conta as próprias idéias do naturalista inglês. Amalgamaram Darwin a Lamarck, como se pode notar neste texto de Friedrich Engels, intitulado "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem", escrito em 1876 e publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zelt.

Note-se a forma como o racismo aparece no velho jargão darwinista de evolução como progresso. Num dado momento Engels faz menção dos "selvagens" como seres mais próximos dos antigos macacos.

Isso explica em partes as atrocidades advindas dessa perniciosa ideologia que avassalou boa parte do mundo em anos não muito distantes. Vamos ao Engels...

### **"Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem"**

*"O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical - talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico - uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas.*

*É de supor que, como consequência direta de seu gênero de vida, devido ao qual as mãos, ao trepar, tinham que desempenhar funções distintas das dos pés, esses macacos foram-se acostumando a prescindir de suas mãos ao caminhar pelo chão e começaram a adotar cada vez mais uma posição ereta. Foi o passo decisivo para a transição do macaco ao homem.*

*Todos os macacos antropomorfos que existem hoje podem permanecer em posição ereta e caminhar apoiando-se unicamente sobre seus pés; mas o fazem só em casos de extrema necessidade e, além disso, com enorme lentidão. Caminham habitualmente em atitude semi-ereta, e sua marcha inclui o uso das mãos. A maioria desses macacos apóiam no solo os dedos e, encolhendo as pernas, fazem avançar o corpo por entre os seus largos braços, como um paralítico que caminha com muletas. Em geral, podemos ainda hoje observar entre os macacos todas as formas de transição entre a marcha a quatro patas e a marcha em posição ereta.*

*Mas para nenhum deles a posição ereta vai além de um recurso circunstancial. E posto que a posição ereta havia de ser para os nossos peludos antepassados primeiro uma norma, e logo uma necessidade, daí se depreende que naquele período as mãos*

*tinham que executar funções cada vez mais variadas. Mesmo entre os macacos existe já certa divisão de funções entre os pés e as mãos. Como assinalamos acima, enquanto trepavam as mãos eram utilizadas de maneira diferente que os pés. As mãos servem fundamentalmente para recolher e sustentar os alimentos, como o fazem já alguns mamíferos inferiores com suas patas dianteiras. Certos macacos recorrem às mãos para construir ninhos nas árvores; e alguns, como o chimpanzé, chegam a construir telhados entre os ramos, para defender-se das inclemências do tempo. A mão lhes serve para empunhar garrotes, com os quais se defendem de seus inimigos, ou para os bombardear com frutos e pedras. Quando se encontram prisioneiros realizam com as mãos várias operações que copiam dos homens. Mas aqui precisamente é que se percebe quanto é grande a distância que se para a mão primitiva dos macacos, inclusive os antropóides mais superiores, da mão do homem, aperfeiçoada pelo trabalho durante centenas de milhares de anos. O número e a disposição geral dos ossos e dos músculos são os mesmos no macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pela mão de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesca construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse.*

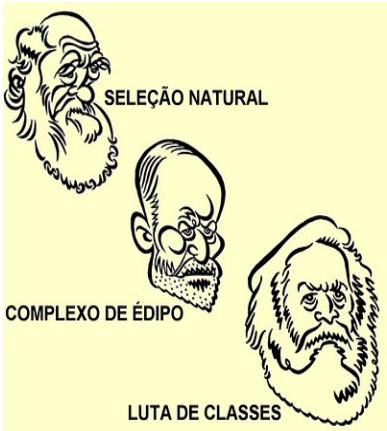
*Por isso, as funções, para as quais nossos antepassados foram adaptando pouco a pouco suas mãos durante os muitos milhares de anos em que se prolongam o período de transição do macaco ao homem, só puderam ser, a princípio, funções sumamente simples. Os selvagens mais primitivos, inclusive aqueles nos quais se pode presumir o retorno a um estado mais próximo da animalidade com uma degeneração física simultânea, são muito superiores àqueles seres do período de transição. Antes de a primeira lasca de sílex ter sido transformada em machado pela mão do homem, deve ter sido transcorrido um período; e tempo tão largo que, em comparação com ele, o período histórico por nós conhecido torna-se insignificante. Mas havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração.*

*Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini.*

*Mas a mão não era algo com existência própria e independente. Era unicamente um membro de um organismo integral e sumamente complexo. E o que beneficiava à mão beneficiava também a todo o corpo servido por ela; e o beneficiava em dois aspectos.*

*Primeiramente, em virtude da lei que Darwin chamou de correlação do crescimento. Segundo essa lei, certas formas das diferentes partes dos seres orgânicos sempre estão ligadas a determinadas formas de outras partes, que aparentemente não têm nenhuma relação com as primeiras. Assim, todos os animais que possuem glóbulos vermelhos sem núcleo e cujo occipital está articulado com a primeira vértebra por meio de dois côndilos, possuem, sem exceção, glândulas mamárias para a alimentação de suas crias. Assim também, a úngula fendida de alguns mamíferos está ligada de modo geral à presença de um estômago multilocular adaptado à ruminação. As modificações experimentadas por certas formas provocam mudanças na forma de outras partes do organismo, sem que estejamos em condições de explicar tal conexão."*

É isso!



## Darwin, Freud e Marx

O que poderia haver de comum entre Charles Darwin, Sigmund Freud e Karl Marx?

Muito mais do que a contemporaneidade, estes três ideólogos encabeçaram a lista dos materialistas que mais influenciaram a mentalidade do século XX! Cada um, no seu respectivo campo de atuação, granjeou discípulos, fez nascer ideologias e deixou “viúva” muita gente. E, o mais importante: criaram o que se pode denominar de pseudociências. Ou seja: o evolucionismo, o freudismo e o marxismo.

Em seu livro “Polemos: uma análise crítica do darwinismo”<sup>382</sup>, Oswaldo Penna sintetiza estas três ideologias com o seguinte comentário: “*Creio que o darwinismo* — escreve Popper — “deve amplamente ceder lugar à idéia de que, em quase todos os estágios da vida, existe um repertório inteiro de reações concebíveis perante uma determinada situação.” Popper compara o efeito do darwinismo nas mentes do século XIX ao que o marxismo e o freudismo causaram no século XX, “o efeito de uma conversão ou revelação intelectual, abrindo os olhos a uma nova verdade, escondida dos ainda não iniciados.” Uma teoria que pretende explicar tudo nada explica, pondera Popper. Os pacientes de Freud tornam-se conscientes de seu “complexo de Édipo”: os de Adler, de seu “protesto viril”; os de Jung, da incidência dos “arquétipos.” Os pesquisadores darwinistas descobrem por toda a parte indícios da seleção natural; os lamarckistas, indícios da hereditariedade dos caracteres adquiridos; os católicos convictos, da mão de Deus. “Uma visão errônea da ciência se revela na ânsia de estar com a razão”, rebate Popper.”

É isso!

## Referências bibliográficas:

1. Cláudio Tognoli: "A Falácia Genética: A ideologia do DNA na imprensa." Editora Escrituras. São Paulo, 2003;
2. <http://www.humordarwinista.com/>
3. Rémy Chauvin: "O Darwinismo ou Fim de um Mito." Instituto Piaget. Lisboa, 1997;
4. Helena Cronin: "A formiga e o pavão: altruísmo e seleção sexual de Darwin até hoje." Editora Papirus. Campinas, 1995, p. 23;
5. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Hemus Editora. São Paulo, 1972, p. 76;
6. Bertrand Russel: "A Perspectiva Científica." Tradução: José Severo de Camargo Pereira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1977, p. 38;
7. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 14 e 15;
8. Nélio Bizzo: "Revendo alguns temas darwinianos: mitos e verdades no relato de Huxley e Kettlewell": in: "Charles Darwin em um futuro não tão distante." Instituto Sangari. São Paulo, 2009, p. 61;
9. César Ades: "Em um futuro não tão distante: Darwin e a ciência do comportamento." in: "Charles Darwin em um futuro não tão distante." Instituto Sangari. São Paulo, 2009, p. 108;
10. "As Cartas de Charles Darwin: uma seleta, 1825-1859." Tradução: Vera Ribeiro. Editadas por Frederick Burkhardt. Editora Unesp. São Paulo, 1998, p. 18, 78, 111, 292 e 453;
11. Pierre Thuillier: "De Arquimedes a Einstein." Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.
12. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 11;
13. "As Cartas de Charles Darwin: uma seleta, 1825-1859." Tradução: Vera Ribeiro. Editadas por Frederick Burkhardt. Editora Unesp. São Paulo, 1998, p. 64 e 79;
14. Nélio Marco: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense. São Paulo, 1989, p. 56;
15. Charles Darwin. "A Origem das Espécies." Tradução de Joaquim da Mesquita Paul. Lello & Editores, 2003, p. 148, 149 e 151;
16. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 11 e 12;
17. Pierre Thuillier: "De Arquimedes a Einstein – a face oculta da invenção científica". Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.
18. José Osvaldo de Meira Penna: "Polemos: uma análise crítica do darwinismo". Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006, p. 13, 25, 27 e 28;
19. Tony Rothman: "Tudo é relativo." Editora Difel. Rio de Janeiro, 2005, p. 266;
20. Hal Hellman: "Grandes Debates da Ciência." Editora Unesp. São Paulo, 1999, p. 20;
21. Nélio Bizzo: "Darwinismo, ciência e ideologia." In: "Pesspectivas em Epistemologia e História das Ciências." Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997, p. 147, 148;
22. <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp769/pag0607.htm>
23. Thomas Henry Huxley : "Darwiniana: 'A Origem das Espécies' em Debate." Editora Madras. Tradução: Fulvio Lubisco. São Paulo, 2006, p. 108-109.
24. Charles Darwin: "A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza." Tradução: Joaquim da Mesquita Paul. Lello & Irmãos Editores. Porto, 2003.
25. Nélio Marco: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense. São Paulo, 1989, p. 19;
26. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida ." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 97;
27. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Geração Editorial. São Paulo, 1995;
28. Charles Darwin: "A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza." Tradução: Joaquim da Mesquita Paul. Lello & Irmãos Editores. Porto, 2003, p. 24;
29. Charles Darwin. "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 40, 44, 46-48
30. Charles Darwin. "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009, p. 314;
31. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 710-712;
32. Nélio Marco Vizenzo Bizzo: "O que é Darwinismo" – Editora Brasiliense – páginas: 67 a 712;
33. Marcel Blanc: "Os Herdeiros de Darwin." Editora Scritta. São paulo, 1994, p. 184-187;
34. José Osvaldo de Meira Penna: "Polemos: uma análise crítica do darwinismo. Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006, p. 235, 236;
35. Denis Buican: "Darwin e o Darwinismo." Jorge Zahar Ediror. Rio de Janeiro, 1987, p. 66-67;
36. Nélio Bizzo. "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 18, 19;
37. "As Cartas de Charles Darwin: uma seleta, 1825-1859." Tradução: Vera Ribeiro. Editadas por Frederick Burkhardt. Editora Unesp. São Paulo, 1998, p. 265, 266, 267, 270, 274, 275, 276, 278, 279, 283, 289, 292 e 293;
38. Nélio Bizzo. "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 67;
39. Nélio Bizzo: "Darwinismo, ciência e ideologia," in: "Pesspectivas em Epistemologia e História das Ciências." Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 138-140;
40. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 40, 94, 127, 150, 160, 163, 164, 165, 188, 648 e 710;
41. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 11, 76, 94, 141, 335, 553;
42. 43. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974;
43. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 85 e 657;

44. Ernst Haeckel: "A Origem do Homem." Global Editora. São Paulo, 1989, p. 44 e 45;
45. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 495;
46. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 310;
47. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Geração Editorial. São Paulo, 1995;
48. Nélio Marco - "O que é Darwinismo" – Editora Brasiliense. São Paulo, 1989. p 13;
49. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 59 e 60;
50. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 17, 78 e 79;
51. Robert Foley: "Os Humanos antes da Humanidade: Uma perspectiva Evolucionista." Editora Unesp. São Paulo, p. 146;
52. Stephen Jay Gould. "O Sorriso do Flamingo." Tradução: Luís Carlos Borges. Editora Martin Fontes. São Paulo, 1990. P. 249;
53. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 65 e 111;
54. Philips Verner Bradford, Harvey Blume, Ota Benga, *The Pygmy in the Zoo*, Canada, October 1993, p. 267, 266;
55. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 712;
56. <http://www.abril.com.br/noticias/diversao/odio-escravido-moveu-ideias-darwin-diz-livro-246892.shtml>;
57. Nélio Bizzo. "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989;
58. Elza Nadai e Joana Neves: "História do Brasil: da colônia à república." Editora Saraiva, 1990. São Paulo, p. 164;
59. Nélio Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 52;
60. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 201;
61. Darwin. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Geração Editorial. São Paulo, 1995", p. 282, 283 e 629;
62. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 62, 65 e 74;
63. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820\\_agressaorosto\\_mp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820_agressaorosto_mp.shtml)
64. <http://www.ibamendes.com/2009/12/tirania-do-qj.html>
65. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641997000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641997000100005&script=sci_arttext);
66. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 155;
67. <http://eprints.rclis.org/4367/>
68. Nélio Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989;
69. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 146;
70. Adolf Hitler. "Minha Luta" (Mein Kampf). Edição Digitalizada. Apresentação: Nélson Jahr Garcia;
71. Charles Darwin: "Viagem de naturalista ao redor do mundo." Abril Cultural. São Paulo;
72. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 711;
73. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 48, 49;
74. Charles Darwin: "A expressão das emoções no homem e nos animais." Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2009, p. 208;
75. Joel Rufino dos Santos: "O que é racismo. Abril Cultural - Editora Brasiliense. São Paulo, 1984, p. 15, 16;
76. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 170;
77. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 64-71;
78. LIFTON, Robert Jay. "La matanza bajo supervisión médica." In: BANKIER, David (org.). *El Holocausto*, p. 55-67; MÜLLER-HILL, Benno, Ciência Assassina, p. 45-46, 76-79; "Declaração de Rudolf Hess no Julgamento de Nuremberg." In: Holocausto: um tema em debate. Análise Shalom n. 3, 1979. p. 63. (Citados em "Holocausto: crime contra a humanidade." Maria Luiza Lucci Carneiro. Editora Ática. São Paulo, 2000, p. 53, 54);
79. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 115, 148, 648, 677 e 709;
80. Nélio Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 67-71;
81. Adolf Hitler: "Mein Kampf" ("Minha Luta"). Edição Digitalizada. Apresentação: Nélson Jahr Garcia, p. 16, 62, 63, 64, 116, 131, 132, 133, 165, 179, 180, 228, 231, 270;
82. Adolf Hitler: "Mein Kampf" ("Minha Luta"). Edição Digitalizada. Apresentação: Nélson Jahr Garcia, p. 16, 62, 63, 64, 116, 131, 132, 133, 165, 179, 180, 228, 231, 270;
83. Maria Luiza Lucci Carneiro: "Holocausto, Crime contra a humanidade." Editora Ática, 2000, p. (p. 17-19);
84. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 183;
85. Richard Leakey: "A Origem da Espécie Humana." Editora Rocco. Rio de Janeiro, p. 16,17;
86. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 711;
87. Charles Darwin: "Viagem de naturalista ao redor do mundo." Abril Cultural. São Paulo, p.59-67;
88. Charles Darwin: "A expressão das emoções no homem e nos animais." Tradução Leon de Souza Loho Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 20, 22, 23, 24, 115, 139, 151, 175, 181, 185, 187, 197, 223, 228, 236, 238, 244, 246, 250, 268, 272, 278, 281, 286, 287, 304, 305 e 307;

89. Charles Darwin. "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 28;
90. José Dantas: "História do Brasil." Editora Moderna. São Paulo, 1989, p. 135;
91. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Hemus Editora. São Paulo, 1972, p. 187;
92. Joel Rufino dos Santos: "O que é racismo." Editora Brasiliense. São Paulo, 1984, p. 54;
93. Henri V. Vallois: "As Raças Humanas." Difusão Européia do Livro. Tradução: Y. Leite. São Paulo, 1954. p. 7, 8, 13 e 129;
94. Nélia Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 46, 52 e 56;
95. "Darwinismo, ciência e ideologia." In: "Pesspectivas em Epistemologia e História das Ciências" - Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997, p. 147, 148;
96. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 160, 171, 187, 188, 216, 249 e 711 ;
97. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 67, 69;
98. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 14;
99. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São paulo, 1991, p. 78 e 81;
100. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 70, 203 e 216;
101. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 174;
102. <http://blogIn.ning.com/profiles/blogs/o-capitalismo-e-selvagem-ou>;
103. José Dantas: "História do Brasil." Editora Moderna, 1989. São Paulo, 134, 135;
104. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 170;
105. <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2010/10/15/guerra-religiosa-2/>;
106. Bertrand Russel: "A Perspectiva Científica." Tradução: José Severo de Camargo Pereira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1977, p. 147, 148;
107. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 165 e 166;
108. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Geração Editorial. São Paulo, 1995";
109. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão;
110. Osvaldo Bastos de Menezes: "Uma Ciência Atrás da Cortina de Ferro." Livraria Martins Editôra. São Paulo, 1956, p. 82-90;
111. José Osvaldo de Meira Penna. "Polemos: uma análise crítica do darwinismo. Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasilia, 2006, p. 335-337;
112. Maria Luiza Lucci Carneiro: "Holocausto, Crime contra a humanidade." Editora Ática, 2000, p. 20 e 26;
113. Nélia Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, p. 67 e 68;
114. Wilma George: "As Idéias de Darwin." Editora Culturix." São Paulo, 1985, p. 112;
115. Eni de Mesquita Sâmara: "Racismo & Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil." Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2001, p. 16-18;
116. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/756447-perda-de-gene-explica-evolucao-de-barbatana-de-peixe-para-membro.shtml>;
117. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 167;
118. Nélia Bizzo: "O que é Darwinismo." Editora Brasiliense, São Paulo, 1989;
119. Antonio de Carvalho: "O homem e a teoria de Darwin." Escola Medica Do Porto. Typ. da Empreza "Artes & Lettras. Porto, 1906. Divulgado em: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. Divulgado em: <http://www.rcaap.pt/index.jsp>;
120. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/741876-estudo-diz-que-ardi-de-44-milhoes-de-anos-nao-e-ancestral-do-homem.shtml>;
121. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15464.shtml>;
122. <http://www.informaworld.com/smpp/content~db=all~content=a777301979~frm=titlelink?words=sacisaurus>;
123. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/770166-dinossauro-brasileiro-descoberto-em-2006-sofre-rebaixamento.shtml>;
124. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 711;
125. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/810509-fosseis-brasileiros-leiloados-pela-sothebys-sairam-do-pais-ilegalmente-diz-governo.shtml>;
126. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u3202.shtml>;
127. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/772408-trafico-de-fosseis-leva-50-de-tesouro-do-araripe.shtml>;
128. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1304201001.htm>;
129. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15801.shtml>;
130. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u12174.shtml>;
131. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u8245.shtml>;
132. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/821263-dentes-de-macacos-antropoides-questionam-teze-sobre-nossos-ancestrais.shtml>
133. <http://www.elnuevoherald.com/2010/10/28/827865/hallan-evidencia-de-metodo-para.html>;
134. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 77;
135. <http://www.livescience.com/animals/baby-sauropod-dinosaur-footprints-trackway-101101.html>;
136. Jornal O Estado de São Paulo: 10/09/1995;
137. <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/lucy-e-suas-ferramentas>;

138. <http://www.elmundo.es/elmundo/2010/11/15/ciencia/1289835954.html>;
139. Stephen Jay Gould. "O Polegar do Panda." Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 106, 107;
140. Teoria da Evolução: de Darwin à Teoria Sintética, de Newton Freire-Maia. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 329-335;
141. A. Arambourg: "A Génese da Humanidade." Publicações Europa-América. Lisboa, 1950;
142. Jornal Folha de São Paulo em 02 de abril de 1995;
143. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/847833-brasileiro-e-chines-acham-repteis-alados.shtml>;
144. [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/\(ISSN\)1096-8644](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)1096-8644);
145. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/12/101228\\_fossil\\_dente\\_israel\\_homo\\_rw.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/12/101228_fossil_dente_israel_homo_rw.shtml);
146. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u12367.shtml>;
147. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u10430.shtml>;
148. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/837741-cientista-diz-que-dentes-de-reptil-pre-historico-explicam-evolucao-de-presas-das-cobras.shtml>;
149. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u308331.shtml>;
150. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15109.shtml>;
151. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u370937.shtml>;
152. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15051.shtml>;
153. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14545.shtml>;
154. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u8055.shtml>;
155. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u12083.shtml>;
156. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u1261.shtml>;
157. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/811352-neandertais-tambem-eram-capazes-de-inovar-diz-antropologo.shtml>;
158. <http://www.sciencedaily.com/releases/2010/10/101006094057.htm>;
159. <http://www.sciencedaily.com/releases/2010/11/101103081915.htm> / ;
160. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u10192.shtml>;
161. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/020119\\_neandertalmi.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/020119_neandertalmi.shtml);
162. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u370937.shtml>;
163. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/01/100109\\_neandertalespanhag.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/01/100109_neandertalespanhag.shtml);
164. <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL158818-5603,00-NEANDERTAIS+PODEM+TER+SIDO+RUVOS+SUGERE+DNA+OBTIDO+DE+FOSSEIS.html>;
165. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2005/06/050630\\_neandertalmc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2005/06/050630_neandertalmc.shtml);
166. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/12/031202\\_neandertalbg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/12/031202_neandertalbg.shtml);
167. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u337843.shtml>;
168. <http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI4547876-EI8147,00-Neandertais+tinham+braco+de+Popeye+diz+estudo.html>;
169. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/05/100506\\_neandertais\\_rc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/05/100506_neandertais_rc.shtml);
170. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u442912.shtml>;
171. [http://oglobo.globo.com/ciencia/audio/2008/597\\_1/](http://oglobo.globo.com/ciencia/audio/2008/597_1/);
172. <http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2009/08/05/humanos-podem-ter-assassinado-neandertal-ha-mais-de-50-mil-anos-757121018.asp>;
173. [http://www.cell.com/current-biology/abstract/S0960-9822\(10\)01282-0](http://www.cell.com/current-biology/abstract/S0960-9822(10)01282-0);
174. Charles Darwin: "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009;
175. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2010/04/100427\\_chimpanzes\\_morte\\_ir.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2010/04/100427_chimpanzes_morte_ir.shtml);
176. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/10/091015\\_chimpanzes\\_cooperacao\\_rw.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/10/091015_chimpanzes_cooperacao_rw.shtml);
177. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/04/090408\\_chimpsexog.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/04/090408_chimpsexog.shtml);
178. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/07/090730\\_chimpanze\\_musica\\_mv.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/07/090730_chimpanze_musica_mv.shtml);
179. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2008/03/080311\\_macacoscomunicamfrases\\_ba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2008/03/080311_macacoscomunicamfrases_ba.shtml);
180. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2008/09/080909\\_chimpanzesconsolo\\_ba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2008/09/080909_chimpanzesconsolo_ba.shtml);
181. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2007/12/071203\\_memoriamimpanzefn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2007/12/071203_memoriamimpanzefn.shtml);
182. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2007/03/070329\\_direitoshumanos\\_macacos\\_mv.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbcb/story/2007/03/070329_direitoshumanos_macacos_mv.shtml);
183. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/781337-orangotangos-sao-bons-atores-sugere-estudo-observacional.shtml>;
184. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u681440.shtml>;
185. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u489977.shtml>;
186. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u360006.shtml>;
187. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u301887.shtml>;
188. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u5829.shtml>;
189. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u726719.shtml>;
190. <http://pos-darwinista.blogspot.com.br/>;
191. <http://www.elmundo.es/elmundo/2010/10/28/ciencia/1288256374.html>;
192. <http://www.elmundo.es/elmundo/2011/01/26/ciencia/1296046716.html>;
193. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 146, 147;
194. <http://www.newscientist.com/article/mg20126921.600-why-darwin-was-wrong-about-the-tree-of-life.html>;
195. <http://www.guardian.co.uk/science/2009/jan/21/charles-darwin-evolution-species-tree-life>;
196. <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3465425-EI238,00.html>;
197. [http://www.madrimasd.org/blogs/biologia\\_pensamiento/2009/11/09/128345](http://www.madrimasd.org/blogs/biologia_pensamiento/2009/11/09/128345);
198. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 201 e 349;
199. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 55, 56, 63, 64, 550 e 551;

200. Thomas Henry Huxley. "Darwiniana: A Origem das Espécies em Debate." Tradução: Fulvio Lubisco. Madras Editora. São Paulo, 2006, p. 9 e 10;
201. Karl Popper. "Autobiografia Intelectual." Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Motta. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977, p. 180;
202. Karl Popper, em "A Miséria do Historicismo." Edusp. São Paulo, 1980, p. 83;
203. <http://www.guardian.co.uk/science/2009/jan/21/charles-darwin-evolution-species-tree-life>;
204. <http://pos-darwinista.blogspot.com/>;
205. Karl Popper: "A Miséria do Historicismo." Título original: "The poverty of historicism." Tradutores: Octany S. da Mota & Leonidas Hegenberg. EDUSP. São Paulo, 1980, p. 59-60;
206. <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=75729&tid=11226346&na=1&nst=1>;
207. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 535;
208. Thomas Henry Huxley: "Darwiniana: 'A Origem das Espécies' em debate." Madras Editora. Tradução: Fulvio Lubisco. São Paulo, 2006, p. 48 e 60;
209. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 161 e 202;
210. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/756447-perda-de-gene-explica-evolucao-de-barbatana-de-peixe-para-membro.shtml>;
211. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/755324-fossil-de-pelicano-apresenta-enigma-evolutivo.shtml>;
212. <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/753333-evolucao-ocorre-mais-rapido-na-periferia-de-recife-de-corais.shtml>;
213. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/741678-moluscos-sao-mais-antigos-do-que-se-pensava-diz-estudo.shtml>;
214. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u709707.shtml>;
215. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u702075.shtml>;
216. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u671209.shtml>;
217. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u650752.shtml>;
218. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u611820.shtml>;
219. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561449.shtml>;
220. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u615839.shtml>;
221. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u631983.shtml>;
222. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u386250.shtml>;
223. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u392214.shtml>;
224. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u370937.shtml>;
225. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u363374.shtml>;
226. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u360916.shtml>;
227. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u347230.shtml>;
228. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u323629.shtml>;
229. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u353677.shtml>;
230. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u322402.shtml>;
231. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Geração Editorial. São Paulo, 1995", p. 447;
232. <http://www.reuters.com/article/newsOne/idUSL2652676520070326>;
233. Charles Darwin. "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Atílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 142-145;
234. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores, p. 138;
235. Charles Darwin. "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009, p. 17;
236. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Atílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 160 e 171;
237. <http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/design+inteligente+ganha+espaco+no+brasil/n1237599350877.html>;
238. Richard Leakey: "A Origem da Espécie Humana." Editora Rocco. Rio de Janeiro, p. 120;
239. <http://www.elmundo.es/elmundo/2010/04/28/baleares/1272461030.html>;
240. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-questiona-sobrevidencia-do-mais-forte-de-darwin,599527,0.htm>;
241. [http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/misc/newsid\\_7926000/7926643.stm](http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/misc/newsid_7926000/7926643.stm);
242. "O Escopo da Antropologia Social", in: "Evolucionismo Cultural", tradução e organização: Celso Castro. Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2009, p. 107;
243. Richard Leakey: "A Origem da Espécie Humana." Tradução: Alexandre Tort. Rio De Janeiro, 1997, p. 79-82;
244. Douglas J. Futuyama: "Evolução, Ciência e Sociedade." Sociedade Brasileira de Genética, 2002;
245. Richard Leakey: "A Origem da Espécie Humana." Editora Rocco. Rio de Janeiro, p. 16;
246. <http://www.elmundo.es/elmundo/2011/01/27/ciencia/1296149459.html>;
247. Charles Darwin: "A expressão das emoções no homem e nos animais." Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2009;
248. Stephen Jay Gould. O Sorriso do Flamingo. Editora Martins Fontes. São paulo, 1990, p. 311-321;
249. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão – Editores;
250. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão Editores;
251. <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/740312-estudo-vincula-ataques-de-11-de-setembro-a-abortos-naturais-de-meninos-nos-eua.shtml>;
252. As Cartas de Charles Darwin: uma seleta, 1825-1859." Tradução: Vera Ribeiro. Editadas por Frederick Burkhardt. Editora Unesp. São Paulo, 1998, p. 289;

253. Adrian Desmond & James Moore: "A Vida de um Evolucionista Atormentado: Darwin." Geração Editorial. São Paulo, 1995;
254. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão Editores, p. 122, 123, 185 e 388;
255. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974;
256. Leo Huberman: "História da Riqueza do Homem." Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981;
257. Eric J. Hobsbawm: "Era do Capital." Editora Paz e Terra, p. 159;
258. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 76 e 77;
259. Stephen Jay Gould. "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 104, 114-115;
260. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Design\\_inteligente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Design_inteligente);
261. 2. Michael Behe. "A Caixa Preta de Darwin." Zahar Editor. São Paulo, 1997, p. 15, 198 e 234;
262. Rémy Chauvin: "O Darwinismo ou o Fim de um Mito." Instituto Piaget. Lisboa, 1997, p. 14 e 15;
263. <http://scienceblogs.com.br/marcoevolutivo/2009/03/por-que-todo-ser-humano-deveria-ser-fa-de-charles-darwin.php>;
264. Charles Darwin. "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009, p. 8 e 9;
265. <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/09/pistas-de-pensamento-humano-sao-encontradas-em-cerebro-de-verme.html>;
266. <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=3837>;
267. [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20081224/not\\_imp298459,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20081224/not_imp298459,0.php);
268. <http://cienciahoje.uol.com.br/alo-professor/intervalo/evolucao-com-calmam/view>;
269. José Osvaldo de Meira Penna. "Polemos: uma análise crítica do darwinismo." Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006;
270. Michael Behe: "A Caixa Preta de Darwin", Zahar Editor, 1997, p. 14;
271. [http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2008/10/22/religiao\\_produto\\_da\\_evolucao\\_do\\_cerebro\\_humano\\_diz\\_estudo-586072567.asp](http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2008/10/22/religiao_produto_da_evolucao_do_cerebro_humano_diz_estudo-586072567.asp);
272. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081028\\_vermelhoatracao\\_mp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081028_vermelhoatracao_mp.shtml);
273. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u443000.shtml>;
274. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820\\_agressaorosto\\_mp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820_agressaorosto_mp.shtml);
275. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/06/040607\\_geneml.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/06/040607_geneml.shtml);
276. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080730\\_fofoca\\_estudo\\_pu.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080730_fofoca_estudo_pu.shtml);
277. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071112\\_curvasinteligencia\\_is.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071112_curvasinteligencia_is.shtml);
278. [http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid191834,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid191834,0.htm);
279. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u337682.shtml>;
280. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080811\\_ansiedade\\_genes\\_mv.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080811_ansiedade_genes_mv.shtml);
281. [http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid196150,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid196150,0.htm);
282. [http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid110769,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid110769,0.htm);
283. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u325543.shtml>;
284. [http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid76905,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid76905,0.htm);
285. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/09/070919\\_menopausaevolucao\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/09/070919_menopausaevolucao_fp.shtml);
286. [http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid38326,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid38326,0.htm);
287. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040114\\_cerebroebc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040114_cerebroebc.shtml);
288. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/06/040607\\_geneml.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/06/040607_geneml.shtml);
289. [http://www.estadao.com.br/geral/not\\_ger37598,0.htm](http://www.estadao.com.br/geral/not_ger37598,0.htm);
290. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u10810.shtml>;
291. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2005/06/050608\\_orgasmomtc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2005/06/050608_orgasmomtc.shtml);
292. <http://www.estadao.com.br/arquivo/vidae/2006/not20060814p64246.htm>;
293. <http://www.estadao.com.br/arquivo/vidae/2006/not20060509p62873.htm>;
294. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081030\\_homeminfidelidade\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081030_homeminfidelidade_fp.shtml);
295. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080522\\_educacaoqclasse\\_np.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080522_educacaoqclasse_np.shtml);
296. Natalie Angier. "A Beleza da Fera: novas formas de ver a natureza da vida." Editora Rocco, 1998;
297. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 251;
298. Cláudio Tognolli: "A Falácia Genética: a ideologia do DNA na imprensa." Editora escrituras. São Paulo, 2003, p. 29, 265-267;
299. Nélio Bizzo: "Darwinismo, Ciência ou ideologia, in: "Perspectivas em Epistemologia e História das Ciências." Universidade Estadual de Feira de Santana. Universidade Federal da Bahia - Programa Centro de Estudos Avançados. Organizadores: André Luís Mattedi Dias, Charbel Niño El-Hani, José Carlos Barreto de Santana e Olival Freire Jr., p. 140-145;
300. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999;
301. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081015\\_altruismoatracao\\_mp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081015_altruismoatracao_mp.shtml);
302. Stephen Jay Gould: "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 132;
303. Natalie Angier. "A Beleza da Fera: novas formas de ver a natureza da vida." Editora Rocco, 1998;
304. <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI126315-17770,00-SE+LEVAREM+UM+CHUTE+NAS+PARTES+BAIXAS+AS+MULHERES+VAO+SENTIR+TANTA+DOR+QUAN.html>;
305. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100301\\_qifidelidade\\_ba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100301_qifidelidade_ba.shtml);
306. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 265 e 349;
307. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/780170-homem-precisa-se-enganar-diz-biologo.shtml>;
308. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartsman/ult510u351566.shtml>;

309. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u8008.shtml>;
310. <http://chronicle.com/article/Document-Sheds-Light-on/123988/>;
311. <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI3172-15546,00.html>;
312. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 376;
313. Marcel Blanc: "Os Herdeiros de Darwin." Editora Scritta. São paulo, 1994, p. 202 e 203; Cláudio Tognoli: A Falácia Genética: A ideologia do DNA na imprensa. Editora Escrituras. São Paulo, 2003, p. 218 e 219;
314. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Martins Fontes. São Paulo, 1999, p. 220, 225 e 236;
315. Nélio Bizzo: "Darwinismo, ciência e ideologia." In: "Pesspectivas em Epistemologia e História das Ciências." Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997;
316. <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI134993-17773,00-O+LADO+BOM+DA+DEPRESSAO+TRECHO.html>;
317. <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=75729>;
318. <http://super.abril.com.br/blogs/cienciamaluca/pessoas-inteligentes-bebem-mais/>;
319. <http://www.psychologytoday.com/blog/the-scientific-fundamentalist/201010/why-intelligent-people-drink-more-alcohol>;
320. <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2010/275/falsas-valentonas-se-dao-mal/view>;
321. <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/829013-biologa-transexual-contraria-teoria-de-darwin-sobre-selecao-sexual.shtml>;
322. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Tradução: Attílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora LTDA. São Paulo, 1974, p. 649;
323. Londa Schienbinger: "O Feminismo mudou a Ciência?" Tradução de Raul Fiker. EDUSC. Bauru, 2001;
324. Natalie Angier: "A Beleza da Fera: Novas formas de ver a natureza da vida." Tradução: Rui Cerqueira e Erika Hingst. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1998;
325. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u624692.shtml>;
326. <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/genes-determinam-o-que-voce-compra-20101125.html>;
327. <http://groups.yahoo.com/group/Genismo/message/2588>;
328. <http://www.pr.terra.com/tecnologia/interna/0,,OI906104-EI296,00.html>;
329. <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI428279-EI1827,00.html>;
330. <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI119378-17770,00-GENE+DETERMINA+OUSADIA+NOS+INVESTIMENTOS+DIZ+ESTUDO.html>;
331. <http://www.reporternews.com.br/noticia.php?cod=48130>;
332. [http://www.jornaldaimprensa.com.br/editoria\\_texto.php?id=2581&chave=Gene%20determina%20a%20prefer%EAncia%20sexual,%20n%EAo%20a%20moral;](http://www.jornaldaimprensa.com.br/editoria_texto.php?id=2581&chave=Gene%20determina%20a%20prefer%EAncia%20sexual,%20n%EAo%20a%20moral;)
333. <http://www.iparaiba.com.br/noticias,101134,8,gene+determina+se+cheiro+de+suor+de+homem+e+agradavel.html>;
334. <http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI450383-EI298,00-Gene+determina+propensao+ao+contagio+pelo+HIV.html>;
335. <http://www.tribunamedicapress.pt/internacional-1/16892-dpoc-gene-determina-quais-os-fumadores-que-vao-ser-afectados>;
336. <http://www.avenidao.com.br/index.php?ir=categoria&categoria=etcetal&id=1625>;
337. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989;
338. Anderson Barbosa Felizardo: "Críticas Atuais ao Neodarwinismo: A Ampliação da Janela Explicativa da Teoria Evolutiva Contemporânea." Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005;
339. 2. Michael Behe. "A Caixa Preta de Darwin." Zahar Editor. São Paulo, 1997;
340. José Osvaldo de Meira Penna: "Polemos: Uma análise crítica do darwinismo." Editora UnB. Brasília, 2006, p. 150 e 151;
341. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081008\\_evolucaoifmfn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081008_evolucaoifmfn.shtml);
342. Mario Pina: "A perspectiva evolutiva: uma introdução": in: "Charles Darwin em um futuro não tão distante." Instituto Sangari. São Paulo, 2009, p. 86;
343. [http://www.madrimasd.org/blogs/biologia\\_pensamiento/2009/04/20/116709](http://www.madrimasd.org/blogs/biologia_pensamiento/2009/04/20/116709);
344. José Osvaldo de Meira Penna: "Polemos: uma análise crítica do darwinismo." Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006, p. 90 e 91;
345. Francis S. Collins: "A Linguagem de Deus." Tradução: Giorgio Cappel. Editora Gente, 2007;
346. <http://www.dailytech.com/Study+Indicates+Evolution+Disbelief+is+Fueled+by+Fear+of+the+Uncertain/article19743.htm>;
347. Wilma George: "As idéias de Darwin." Editora Culturix – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982;
348. Herbert Spencer: "Do progresso - sua lei e sua causa." Tradução: Eduardo Salgueiro. Editorial Inquérito, Lisboa, 2002, p. 11;
349. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão Editores, p. 76;
350. Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos." Tradução de: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1995;
351. Stephen Jay Gould: "Darwin e os Grandes Enigmas da Vida." Editora martins Fontes. São paulo, p. 13, 14;
352. Charles Darwin: "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009, p. 249, 270 e 274;
353. [http://www.atea.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=81&Itemid=94](http://www.atea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=81&Itemid=94);
354. Gustavo Leal Toledo. "Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore." PUC-Rio. Rio de Janeiro, março de 2009, p. 149, 150;

355. Charles Darwin: "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural." Baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor, publicada por Lello & Irmão Editores, p. 197;
356. Bertrand Russell: "Porque não sou Cristão." Livraria Exposição do Livro, 1972, p. 7;
357. Richard Dawkins: "O Relojoeiro Cego": Tradução de Isabel Arez Capa. Edições 70. Lisboa;
358. Michael Behe: "A caixa Preta de Darwin." Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 217 e 218;
359. Stephen Jay Gould. "A Falsa Medida do Homem." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991, p. 348;
360. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 78;
361. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989;
362. Stephen Jay Gould: "O Polegar do Panda." Editora Martins Fontes. São Paulo, 1989, p. 79;
363. <http://www.desdeelexilio.com/2009/05/26/filosofia-evolucionista-entrevista-a-michael-ruse/>;
364. Wilson Aantonio Frezzatti Junior: "Equívocos a respeito de Nietzsche: o darwinismo, a eugenia e a democracia pós-moderna";
365. Wilson Aantonio Frezzatti Junior: "Equívocos a respeito de Nietzsche: o darwinismo, a eugenia e a democracia pós-moderna";
366. Scarlett Marton: "Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos." Editora Brasiliense. São Paulo, 1990, p. 42-46;
367. Ernst Haeckel: "A Origem do Homem." Global Editora, 1989, p. 72 e 73;
368. Ernst Haeckel: "A Origem do Homem." Global Editora. São Paulo, 1989, p. 12;
369. Hebe Laghi de Souza: "Darwin e Kardec: um diálogo possível." Editora Allan Kardec. Campinas, 2007, p. 47 e 51;
370. Karl Popper: "Autobiografia Intelectual." Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Motta. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977, p. 181;
371. Pierre Thuillier: "De Arquimedes a Einstein." Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994, p. 12;
372. José Osvaldo de Meira Penna. "Polemos: uma análise crítica do darwinismo. Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006;
373. Karl Popper: "Universo Aberto." Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1988, p. 129;
374. Albert Jacquard: "Elogio da Diferença." Martins Fontes. São Paulo, 1988, p. 85;
375. Thomas Robert Malthus: "Ensaio sobre a População." Traduções de Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. Editora Nova Cultural Ltda, 1996, p. 189;
376. Charles Darwin: "A Origem do Homem e a Seleção Sexual." Hemus Editora. São Paulo, 1972, p. 59;
377. Charles Darwin. "A Origem das Espécies." Tradução de Joaquim da Mesquita Paul. Lello & Editores, 2003, p. 78;
378. Euclides da Cunha: "Os Sertões." Edição digitalizada pelo Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional - Departamento Nacional do Livro, p. 46 e 47;
379. Karl Popper. "Autobiografia Intelectual." Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Motta. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977, p. 181;
380. Wilma George: "As Idéias de Darwin." Editora Culturix. São Paulo, 1985, p. 102;
381. José Osvaldo de Meira Penna: "Polemos: uma análise crítica do darwinismo. Editora UnB (da Universidade de Brasília). Brasília, 2006, p. 221-220.

## Referências iconográficas (imagens com numeração por ordem de sequência no livro)

- 1, 2 , 3, 6, 9, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26 , 27, 28 , 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 85 , 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215: - <http://www.humordarwinista.com/>
- 4 - <http://trueman.com.ua/darvin/>
- 5 - <http://www.telegraph.co.uk/>
- 7 - <http://history-persons.ru/>
- 8 - <http://mcpinto-pontosnosiis.blogspot.com.br/>
- 10 - <http://www.campaign.ox.ac.uk/>
- 11 - <http://designinteligente.blogspot.com.br/>
- 12, 18 - <http://funzoo.ru/>
- 21 - <http://www.davidrevoy.com/>
- 22 - <http://www.nlm.nih.gov/news/>
- 25 - Michael H. Day : "O Homem Fóssil." Editora Melhoramentos. São Paulo, 1964
- 29 - <http://boards.bengals.com/>
- 32 - Charles Darwin: "A expressão das emoções no homem e nos animais." Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2009;
- 33 - <http://brutoinformativohist.blogspot.com.br/>
- 53 - <http://multimundo.bloguepessoal.com/>
- 65 - <http://genesgreenbook.com/>
- 69 - <http://pt.wikipedia.org/>
- 73 - <http://vinhpaleo.wordpress.com/>

78 - <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/>;  
81 - <http://www.livescience.com/>  
82 - <http://cienciahoy.uol.com.br/>  
89 - <http://www.elpais.com/>  
94 - <http://luqmanhasan.wordpress.com/>  
95 - Charles Darwin: "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais." Companhia das Letras. São Paulo, 2009;  
97 - <http://boltbarbers.com/>  
99 - <http://en.todocoleccion.net/>  
101 - <http://www.flickr.com/>  
106 - <http://www.bub-unibo.it/>  
107 - <http://www.webmaster.pt/>  
110 - <http://www.princeton.edu/>  
111 - <http://timetoeatthedogs.com/>  
121 - <http://socializando2009.blogspot.com.br/>  
123 - <http://blog.naver.com/>  
130 - <http://www.elmundo.es/>  
135 - <http://bookdramang.com/>  
136 - <http://news.dongascience.com/>  
138 - <http://greenplaneta.ru/>  
157 - <http://www.worth1000.com/>  
160 - <http://nelgun.ru/>  
169 - <http://www.nbcnews.com/>  
175 - <http://institucional.us.es/>  
180 - <http://www.worth1000.com/>

## **ERRATA!**

Se encontrardes "por aí" uma vogal fora de lugar ou uma consoante dispersa por entre hiatos, ditongos e locuções nada verbais, não condenai este incipiente escritor, mas dai-lhe um desconto, pois sem delonga regressará aos braços da "inculta e bela".

**FIM**